

**DENNIS
LEHANE**

M Y S T I C R I V E R

**SOBRE
MENINOS
E LOBOS**

COMPANHIA DAS LETRAS



DENNIS
LEHANE

SOBRE
MENINOS
E LOBOS

Tradução
LUCIANO VIEIRA MACHADO

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2001 by Dennis Lehane

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
MYSTIC RIVER

Capa
KIKO FARKAS / MÁQUINA ESTÚDIO
ADRIANO GUARNIERI / MÁQUINA ESTÚDIO

Preparação
BETI KAPHAN

Revisão
GABRIELA MORANDINI
JULIANE KAORI

Atualização ortográfica
VERBA EDITORIAL

ISBN 978-85-8086-311-6

*Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas
e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Para minha mulher, Sheila

Ele não entendia as mulheres. Não como os barmen ou atores não entendem as mulheres, mas como os pobres não entendem de economia. Pode-se passar a vida toda parado na frente do edifício do Girard Bank, sem nunca ter a mínima ideia do que se passa lá dentro. Esta é a razão pela qual, no fundo, eles preferem assaltar uma 7-Eleven.

PETE DEXTER, *GOD'S POCKET*

Não existe rua com pedras mudas nem casa sem ecos.

GÓNGORA

I

Os meninos que escaparam
dos lobos (1975)

1. Os do Point e os dos Flats

Quando Sean Devine e Jimmy Marcus eram crianças, seus pais trabalhavam juntos na Fábrica de Doces Coleman e levavam o forte cheiro de chocolate quente junto com eles para casa. Um cheiro que se tornou uma característica permanente de suas roupas, das camas em que dormiam, dos encostos de vinil dos assentos de seus carros. A cozinha de Sean cheirava a creme de chocolate, o banheiro, a caramelo. Lá pelos onze anos de idade, Sean e Jimmy tinham desenvolvido tamanha aversão a doces que nunca comiam sobremesa e pelo resto de suas vidas não haveriam mais de colocar açúcar no café.

Aos sábados, o pai de Jimmy costumava ir à casa dos Devine para tomar uma cerveja com o pai de Sean. Jimmy também ia com ele e, enquanto uma cerveja virava seis — às quais vinham se acrescentar duas ou três doses de Dewar —, Jimmy e Sean ficavam brincando no quintal, às vezes com Dave Boyle, um menino com punhos frágeis de menina e vista fraca, que passava o tempo todo contando piadas aprendidas com os tios. Através da tela da janela da cozinha, eles podiam ouvir o chiado das latas de cerveja sendo abertas, súbitas gargalhadas e o ruído seco dos isqueiros Zippo, quando o senhor Devine e o senhor Marcus acendiam seus Lucky Strike.

Dos dois, quem tinha o melhor emprego era o pai de Sean, um contramestre. Ele era alto, loiro e tinha um riso aberto e fácil, que Sean vira não poucas vezes acalmar a raiva de sua mãe, como se de repente um interruptor fosse desligado dentro dela. O pai de Jimmy carregava os caminhões. Ele era baixo, tinha cabelos escuros, que lhe caíam profusamente sobre a testa, e alguma coisa em seus olhos parecia agitar-se o tempo todo. Deslocava-se de forma excessivamente rápida; você piscava os olhos e ele já estava do outro lado da sala. Dave Boyle não tinha pai, apenas um monte de tios. A única razão pela qual participava daqueles encontros de sábado era sua capacidade de grudar-se a Jimmy feito um esparadrapo; ele o via sair de casa com o pai e surgia de repente junto ao carro com um “E aí, Jimmy?” num tom triste e esperançoso.

Todos eles moravam em East Buckingham, a oeste do centro da cidade, um bairro com mercearias acanhadas, parquinhos e açougues onde pedaços de carne ainda róseos de sangue eram mostrados nos balcões. Os bares tinham nomes irlandeses e Dodge Darts estacionados na porta. As mulheres atavam os cabelos com lenços e usavam bolsas de imitação de couro nas quais carregavam seus cigarros. Até uns dois ou três anos antes, os meninos mais velhos eram arrebatados das ruas, como se por espaçonaves, e mandados para a guerra. Eles voltavam vazios e taciturnos cerca de um ano mais tarde, ou então simplesmente não voltavam. De dia, as mães procuravam cupons de desconto nos jornais. De noite, os pais iam para os bares. Todos se conheciam; ninguém, exceto aqueles meninos mais velhos, ia embora dali.

Jimmy e Dave eram dos Flats, perto do Penitentiary Channel, no lado sul da

Buckingham Avenue. Os Flats ficavam a apenas doze quarteirões da rua de Sean, mas os Devine moravam no lado norte da mesma avenida, em plena zona do Point. Ora, as pessoas do Point e as dos Flats não se misturavam muito.

Não que o Point reluzisse com ruas douradas e se fizesse notar por colheres de prata. Era simplesmente o Point, classe operária, gente que dava duro, Chevys, Fords e Dodges parados em frente a casas bem simples; aqui e ali, uma pequena em estilo vitoriano. Mas as pessoas do Point eram donas dos imóveis, enquanto as dos Flats moravam de aluguel. As famílias do Point iam à igreja, se reuniam, agitavam cartazes nas esquinas durante as campanhas eleitorais. Já os habitantes dos Flats, sabe-se lá como se viravam, vivendo às vezes como animais, dez num apartamento, espalhando lixo nas ruas do bairro — Lixolândia, era como Sean e seus amigos o chamavam, famílias vivendo de donativos do Estado, mandando os filhos para as escolas públicas, divorciando-se. Assim, enquanto Sean ia à escola paroquial Saint Mike, trajando calças pretas, gravata preta e camisa azul, Jimmy e Dave iam para a escola Lewis M. Dewey, na Blaxston Street. As crianças do Looey & Dooey podiam usar roupas normais, o que era *cool*, mas em geral elas usavam as mesmas durante quatro de cada cinco dias, o que não era *cool*. Elas tinham uma aura de sujeira ensebada — cabelos ensebados, pele ensebada, colarinhos e punhos ensebados. Muitos meninos tinham a pele coberta de acne, e logo abandonavam a escola. Algumas meninas terminavam o curso secundário usando roupas de gestante.

Assim, se não fosse por seus pais, eles nunca iriam ser amigos. Durante a semana nunca se encontravam, mas eles tinham aqueles sábados, e havia alguma coisa naqueles dias, quer fossem para o quintal, quer ficassem vagando pelos montes de cascalho da Harvest Street, ou pegassem o metrô e fossem ao centro da cidade — não para ver alguma coisa, mas para passar pelos túneis escuros e ouvir o estrépito e o chiado dos freios dos vagões, quando estes passavam nas curvas e as luzes piscavam —, que parecia tirar o fôlego de Sean. Quando se estava com Jimmy, qualquer coisa podia acontecer. Se Jimmy tinha consciência de que havia regras — no metrô, nas ruas, no cinema —, nunca dava mostras disso.

Certa vez, quando eles se encontravam na plataforma da South Station, brincando de hóquei de rua com uma bola cor de laranja, Jimmy não conseguiu pegar o arremesso feito por Sean, e ela caiu entre os trilhos. Antes que ocorresse a Sean que Jimmy sequer poderia pensar em fazer aquilo, este já tinha pulado da plataforma para os trilhos, para junto dos camundongos, dos ratos e do trilho condutor.

As pessoas que estavam na plataforma ficaram loucas. Elas gritaram para Jimmy. Uma mulher, o rosto cinza, ajoelhada no chão, berrava: “Suba de volta, volte para cá *agora*, diabo!”. Sean ouviu um ruído forte, que podia ser o de um trem entrando no túnel na altura da Washington Street, ou de caminhões passando pela rua de cima, e as pessoas que estavam na plataforma também ouviram. Elas agitavam os braços, olhavam em volta procurando os guardas do metrô. Um homem cobriu os olhos da filha com a mão.

Jimmy mantinha a cabeça baixa, perscrutando a escuridão sob a plataforma para achar a bola. Ele a achou, limpou uma sujeira qualquer com a manga da camisa, e ignorou as

pessoas ajoelhadas na faixa amarela estendendo as mãos em direção aos trilhos.

Dave cutucou Sean e disse bem alto: “Uau!”.

Jimmy foi andando entre os trilhos até as escadas na ponta da plataforma, onde o túnel abria sua bocarra negra, enquanto um ruído ainda mais forte sacudia a estação, e as pessoas agora literalmente *pulavam*, batendo os punhos nos quadris. Jimmy ia andando sem a menor pressa, como num passeio, e a certa altura olhou por sobre os ombros. Seu olhar cruzou com o de Sean, e ele abriu um largo sorriso.

Dave disse: “E ainda por cima ele dá risada. Está totalmente pirado, você não acha?”.

Quando Jimmy chegou ao primeiro degrau da escada de cimento, várias mãos se abaixaram e puxaram-no para cima. Sean viu as pernas do amigo penderem para a esquerda, enquanto a cabeça tombava à direita; ele parecia muito pequeno e leve — como se fosse recheado de palha — nas mãos de um homem forte, mas continuou apertando a bola contra o peito, mesmo quando as pessoas o agarraram pelo braço e suas canelas bateram com força na borda da plataforma. Sean sentia Dave tremer ao seu lado, inquieto, perdido. Sean olhou para o rosto das pessoas que puxavam Jimmy para cima e já não via preocupação ou medo, não via nada daquele desespero de um minuto antes. Ele via raiva, faces monstruosas, rostos crispados e enfurecidos, como se as pessoas fossem deitar Jimmy no chão, arrancar-lhe um pedaço e espancá-lo até a morte.

Eles puseram Jimmy na plataforma e continuaram segurando-o, dedos agarrados aos seus ombros, enquanto olhavam em volta procurando alguém que lhes dissesse o que deviam fazer. O trem irrompeu no túnel, e alguém gritou, mas então um outro deu uma gargalhada — um cacarejo agudo que fez Sean pensar em bruxas dançando em volta de um caldeirão — porque o trem passava pelo outro lado da estação, indo em direção norte, e Jimmy olhou para os rostos das pessoas que o seguravam como se dissesse: “*Estão vendo?*”.

Ao lado de Sean, Dave deu sua risada aguda e vomitou nas próprias mãos.

Sean desviou o olhar, perguntando-se o que ele tinha a ver com tudo aquilo.

* * *

Naquela noite o pai de Sean levou-o para a pequena oficina no porão. A oficina era um lugar estreito, com tornos de bancada pretos e latas de café cheias de pregos e parafusos, madeira empilhada embaixo do balcão cheio de marcas, que dividia a peça em duas, martelos pendendo de cintos de carpinteiro feitos pistolas em coldres, e uma serra de fita pendurada num gancho. O pai de Sean, que muitas vezes fazia trabalhos variados nas redondezas, ia lá para construir seus viveiros de aves e as prateleiras que colocava nas janelas, para as flores de sua mulher. Ali ele tinha projetado a varanda do fundo, uma coisa que ele e seus amigos construíram rapidamente num verão escaldante, quando Sean tinha cinco anos. Ele descia para lá quando queria paz e tranquilidade, ou quando estava com raiva — Sean o sabia —, com raiva de Sean, de sua mãe ou do trabalho. Os viveiros — em

estilos Tudor, colonial, vitoriano e em forma de chalés suíços — terminaram ficando empilhados num canto do porão; eram tantos que era preciso morar na Amazônia para encontrar pássaros suficientes para ocupar todos eles.

Sean sentou-se no velho banco vermelho e ficou mexendo no sólido torno preto, sentindo o óleo e serragem misturados ali dentro, e então seu pai disse: “Sean, quantas vezes vou ter que lhe dizer isso?”.

Sean tirou o dedo, limpou a graxa na palma da mão.

Seu pai recolheu alguns pregos espalhados no balcão e os colocou numa lata amarela. “Eu sei que você gosta de Jimmy Marcus, mas se vocês dois quiserem brincar juntos, vão ter que fazer isso perto de casa. Da nossa casa, não da dele.”

Sean balançou a cabeça. Não adiantava nada discutir com o pai quando ele falava com calma e devagar, como o fazia agora, cada palavra saindo de sua boca como se amarrada a uma pedra.

“Estamos entendidos?” O pai empurrou a lata amarela para sua direita e o fitou.

Sean fez que sim com a cabeça. Ele ficou olhando o pai esfregar as pontas dos dedos para limpar a serragem que ficara colada nas pontas.

“Por quanto tempo?”

Seu pai se pôs na ponta dos pés e tirou um pouquinho de pó de um gancho fixado no teto. Ele manteve a sujeira entre os dedos por um instante, depois a deixou cair na lata de lixo sob o balcão. “Ah, por um bom tempo eu diria. Sabe, Sean?”

“O quê, pai?”

“Nem pense em ir falar com sua mãe sobre ele. Depois da proeza de hoje, ela quer que você nunca mais o encontre.”

“Ele não é uma má pessoa. Ele é...”

“Não diga o que ele é. É simplesmente um selvagem, e sua mãe já se cansou disso em sua vida.”

Sean viu um certo brilho no rosto do pai quando ele disse “selvagem”, e sabia que naquele instante estava vendo o outro Billy Devine, aquele que Sean fora reconstituindo a partir de fiapos de conversas entreouvidas de tias e tios. O Velho Billy — era como o chamavam —, o “brigão”, disse certa vez tio Colm com um sorriso, o Billy Devine que desapareceu pouco antes de Sean nascer, sendo substituído por esse homem calmo e cuidadoso, com dedos grossos e ágeis, que construía viveiros demais.

“Lembre-se do que conversamos”, disse o pai, e deu um tapinha no ombro de Sean, dispensando-o.

Sean saiu da oficina e foi andando pelo porão frio, se perguntando se o que o fazia gostar da companhia de Jimmy era a mesma coisa que fazia seu pai ficar com o sr. Marcus, varando a noite de sábado para domingo, bebendo, gargalhando, e se era isso que sua mãe temia.

Alguns sábados depois, Jimmy e Dave Boyle chegaram à casa dos Devine, sem o pai de

Jimmy. Eles bateram na porta de trás, quando Sean estava acabando de tomar café, e este ouviu sua mãe abrir a porta e dizer: “Bom dia, Jimmy. Bom dia, Dave”, naquele tom polido que ela adotava para as pessoas que não eram muito bem-vindas.

Jimmy estava calmo naquele dia. Toda aquela louca energia parecia ter se enovelado dentro dele. Sean quase a sentia batendo contra as paredes do peito de Jimmy, enquanto este fazia força para dominá-la. Jimmy parecia menor, mais sombrio, como se estivesse pronto a explodir por qualquer coisinha. Sean tinha visto aquilo antes, Jimmy sempre fora meio aluado. Contudo aquele jeito sempre impressionava Sean, fazia com que se perguntasse se Jimmy tinha algum controle sobre aquelas mudanças de humor ou se elas surgiam como as dores de garganta, ou como os primos de sua mãe — simplesmente apareciam, quer se gostasse, quer não.

Dave Boyle ficava quase insuportável quando Jimmy estava daquele jeito. Dave Boyle parecia pensar que tinha a obrigação de fazer com que todo mundo se sentisse feliz, o que em geral simplesmente irritava as pessoas depois de algum tempo.

Enquanto os dois permaneciam de pé na calçada, tentando decidir o que fazer, Jimmy fechado em copas e Sean ainda acordando, os três preocupados com o dia que tinham diante de si mas que não podia ir além da rua de Sean, Dave disse: “Ei, por que é que os cachorros lambem os colhões?”.

Nem Sean nem Jimmy se deram ao trabalho de responder. Eles já tinham ouvido aquela piada umas mil vezes.

“Porque eles conseguem!”, disse Dave Boyle às gargalhadas, pondo a mão na barriga como se a coisa fosse engraçada de doer.

Jimmy andou em direção aos cavaletes que se encontravam no lugar em que os empregados da prefeitura tinham estado reparando vários trechos de calçada. Os operários tinham amarrado várias fitas de isolamento com a indicação de CUIDADO entre os quatro cavaletes da barreira protetora, mas Jimmy as rompeu ao passar por entre eles. Ele se agachou à beira do cimento ainda fresco, os tênis na calçada antiga, e usou um galhinho para desenhar linhas finas, que Sean achou parecidas com os dedos de um velho.

“Meu pai não trabalha mais com o seu”, disse Jimmy.

“Como assim?” Sean se agachou ao lado de Jimmy. Ele não estava com um pauzinho, mas gostaria de estar com um. Ele queria fazer o que Jimmy estava fazendo, ainda que não soubesse por quê, e ainda que seu pai lhe desse uma surra se ele o fizesse.

Jimmy deu de ombros. “Ele era mais vivo do que eles. Tinham medo dele porque ele sabia de muitas coisas.”

“Muitas coisas inteligentes!”, disse Dave Boyle. “Certo, Jimmy?”

Certo, Jimmy? Certo, Jimmy? Tinha dias que Dave parecia um papagaio.

Sean se perguntava o que tanto havia para saber em matéria de doces, e por que esse conhecimento era tão importante. “Que tipo de coisa?”

“Como tocar melhor o negócio.” Jimmy não parecia muito seguro do que dizia e então sacudiu os ombros. “Coisas, ora. Coisas superimportantes.”

“Ah.”

“Como tocar o negócio. Certo, Jimmy?”

Jimmy cavou um pouco mais o cimento. Dave Boyle encontrou um graveto, inclinou-se sobre o cimento mole e começou a desenhar um círculo. Jimmy fechou a cara e jogou seu galho fora. Dave parou de desenhar, olhou para Jimmy como quem perguntasse: “O que foi que eu fiz?”.

“Sabe o que ia ser legal?” A voz de Jimmy mostrava aquela ligeira elevação de tom que fazia Sean estremecer, provavelmente porque a ideia que Jimmy tinha de legal costumava ser diferente da de qualquer outra pessoa.

“O quê?”

“Dirigir um carro.”

“É”, disse Sean devagar.

“Sabe?” Jimmy levantou as mãos — o galho e o cimento já esquecidos. “Só aqui pelo quarteirão mesmo.”

“Só aqui pelo quarteirão”, disse Sean.

“Ia ser legal, não ia?”, disse Jimmy com um riso.

Sean sentiu um sorriso espalhar-se pelo próprio rosto. “Ia ser legal.”

“Ia ser melhor que qualquer outra coisa.” Jimmy deu um salto de uns trinta centímetros de altura. Ele fitou Sean, ergueu as sobrancelhas e pulou novamente.

“Ia ser legal.” Sean já estava sentindo o volante grande em suas mãos.

“Sim, sim, sim”, repetia Jimmy, socando os ombros de Sean.

“Sim, sim, sim”, fez Sean, socando os ombros de Jimmy, alguma coisa agitando-se dentro dele, disparando, tudo se tornando mais rápido e brilhante.

“Sim, sim, sim”, disse Dave, mas seu soco não acertou o ombro de Jimmy.

Por um instante, Sean chegara a esquecer que Dave estava ali. Aquilo era muito comum, quando se tratava de Dave. Sean não sabia por quê.

“Sério pra cacete, legal pra cacete.” Jimmy riu e pulou novamente.

E Sean sentiu que a coisa já estava começando. Eles estavam no banco da frente (Dave no banco de trás, se é que estava presente) e andando, dois meninos de onze anos rodando por Buckingham, tocando a buzina para os amigos, tirando racha com os caras mais velhos da Dunboy Avenue, os pneus cantando e deixando marcas no chão em meio a nuvens de fumaça. Já sentia o vento entrando pela janela do carro, soprando em seus cabelos.

Jimmy olhou para a rua. “Você conhece alguém aqui da rua que deixa as chaves dentro do carro?”

Sean conhecia. O sr. Griffin as deixava embaixo do banco, Dotte Fiore no porta-luvas, e o velho Makowski, o bêbado que ouvia discos de Sinatra alto demais, dia e noite sem parar, quase sempre as deixava na ignição.

Mas no momento em que acompanhava o olhar de Jimmy localizando os carros que ele sabia estar com as chaves, Sean sentiu uma forte dor atrás das órbitas, e, na ofuscante luz do sol refletida pelos capôs e bagageiros, ele podia sentir o peso da rua, de suas casas, de todo o bairro e daquilo que esperavam dele. Ele não era um menino que roubava

carros. Ele era um menino que algum dia iria para a faculdade, iria ser mais que um mero contramestre ou carregador de caminhão. Esse era o projeto, e Sean achava que projetos dão certo se você age com cautela e com prudência. Era como ficar vendo um filme, por mais confuso e chato que fosse, até o final. Porque às vezes, no final, tudo se explicava ou então o desfecho era tão legal que justificava o tempo gasto com a parte chata.

Ele quase disse isso a Jimmy, mas Jimmy já estava andando pela rua, olhando pelas janelas dos carros, com Dave correndo ao seu lado.

“Que tal esse?”, disse Jimmy pondo a mão no Bel Air do sr. Carlton, e sua voz soou alta no ar agitado por um vento seco.

“Ei, Jimmy”, disse Sean andando em direção a ele. “Talvez uma outra vez, certo?”

O rosto de Jimmy escureceu, parecendo afinar. “O que você quer dizer? Vamos fazer isso. Vai ser divertido. A gente acabou de dizer que vai ser legal pra cacete, não lembra?”

“Legal pra cacete”, disse Dave.

“A gente não consegue nem enxergar por cima do painel.”

“Listas telefônicas”, disse Jimmy sorrindo à luz do sol. “A gente pega em sua casa.”

“Listas telefônicas”, disse Dave. “Isso mesmo!”

Sean estendeu o braço. “Não. Vamos embora.”

O sorriso de Jimmy morreu. Ele olhou para os braços de Sean como se quisesse cortá-los na altura dos cotovelos. “Por que você não quer fazer uma coisa só para se divertir, hein?” Ele puxou a maçaneta do Bel Air, mas a porta estava trancada. Por um segundo as faces de Jimmy estremeceram, o lábio inferior tremeu, e então ele olhou para o rosto de Sean, com uma tal expressão de solidão que Sean ficou com pena.

Dave olhou para Jimmy, depois para Sean. Ele avançou o braço timidamente e deu um soco no ombro de Sean. “É, por que você não gosta de fazer coisas divertidas?”

Sean não podia acreditar que Dave batera nele. Dave.

Ele esmurrou o peito de Dave, e este caiu sentado.

Jimmy empurrou Sean. “Que diabo você está fazendo?”

“Ele bateu em mim”, disse Sean.

“Ele não bateu em você”, disse Jimmy.

Os olhos de Sean se arregalaram, sem acreditar, e Jimmy imitou-lhe o gesto.

“Ele bateu em mim.”

“*Ele bateu em mim*”, disse Jimmy com voz de menina, e empurrou Sean novamente. “Ele é meu amigo, porra.”

“Eu também sou”, disse Sean.

“Eu também sou”, disse Jimmy. “Eu também sou, eu também sou, eu também sou.”

Dave Boyle levantou-se e sorriu.

“Para com isso”, disse Sean.

“Para com isso, para com isso, para com isso.” Jimmy empurrou Sean novamente, os nós dos dedos pressionando por entre suas costelas. “Vamos lá. Acabe comigo. Você quer acabar comigo?”

“Você quer acabar com ele?”, disse Dave empurrando Sean.

Sean não tinha nenhuma ideia de como aquilo acontecera. Ele nem conseguia lembrar-se do que enfurecera Jimmy ou por que Dave fora estúpido o bastante para bater nele. Um segundo antes eles estavam de pé, ao lado do carro. Agora estavam no meio da rua e Jimmy o empurrava, o rosto contorcido e mirrado, os olhos pretos e miúdos, e Dave começava a se aproximar deles.

“Vamos. Acabe comigo.”

“Eu não...”

Um outro empurrão. “Venha, menininha.”

“Jimmy, será que a gente não pode...”

“Não, não pode. Você é uma bichinha, Sean? Hein?”

Jimmy ia empurrá-lo novamente, mas parou, e aquela solidão feroz (e cansada — de repente Sean percebeu isso também) dominou suas feições quando ele dirigiu o olhar para além de Sean, para alguma coisa que vinha subindo a rua.

Era um carro marrom escuro, quadrado e comprido, do tipo usado pelos detetives da polícia, um Plymouth ou outro parecido; o para-choque parou perto de suas pernas e os dois policiais olharam para eles através do para-brisa, os rostos ensombrecidos pelas árvores refletidas no vidro.

Sean sentiu uma brusca mudança na atmosfera daquela manhã, que se tornara mais sombria.

O motorista saiu do carro. Ele tinha jeito de policial — cabelo loiro cortado rente, rosto vermelho, camisa branca, gravata de náilon preto e dourado, o barrigão se derramando por sobre a fivela do cinturão, feito um monte de panquecas. O outro parecia doente. Era magro, tinha um aspecto cansado, e ficou sentado dentro do carro, passando uma das mãos na cabeça por entre o cabelo preto oleoso, observando os meninos pelo espelho lateral à medida que se aproximavam da porta do motorista.

O corpulento fez sinal para que os meninos se aproximassem, curvando o dedo em gancho, e apontando-o para o próprio peito, conservando-o naquela posição, até que eles se quedaram diante dele. “Deixem-me perguntar uma coisa a vocês, o.k.?” Ele se curvou sobre a barriga grande, e a cabeça enorme encheu todo o campo de visão de Sean. “Vocês acham certo, meninos, ficar brigando no meio da rua?”

Sean notou um distintivo dourado preso à fivela do cinturão, no quadril direito do corpulento.

“E então?” O policial pôs a mão em concha atrás da orelha.

“Não, senhor.”

“Não, senhor.”

“Não, senhor.”

“Um bando de delinquentes, hein? É isso que vocês são?” Ele fez um movimento brusco apontando o enorme polegar para o homem que estava no banco do passageiro. “Eu e meu parceiro já estamos cheios dos delinquentes de East Bucky, que amedrontam as pessoas decentes, afastando-as das ruas, sabem?”

Sean e Jimmy não disseram nada.

“Desculpe”, disse Dave Boyle, parecendo que ia chorar.

“Vocês são desta rua?”, perguntou o policial alto. Seus olhos escrutaram as casas do lado esquerdo da rua, como se ele conhecesse cada morador e pudesse apanhá-los na mentira.

“Sim”, disse Jimmy, e olhou, por sobre os ombros, em direção à casa de Sean.

“Sim, senhor”, disse Sean.

Dave não disse nada.

O policial baixou os olhos em sua direção. “Ahn? Você disse alguma coisa, garoto?”

“O quê?”, disse Dave olhando para Jimmy.

“Não olhe para ele. Olhe para mim.” O policial soprou ruidosamente pelas narinas.

“Você mora aqui, garoto?”

“Ahn? Não.”

“Não?” O policial se inclinou sobre Dave. “Onde você mora, filho?”

“Na Rester Street.” Ainda olhando para Jimmy.

“A ralé dos Flats no Point?” Os lábios vermelhos cor de cereja se mexeram, como se estivesse chupando um pirulito. “Isso não pode ser boa coisa, pode?”

“Senhor?”

“Sua mãe está em casa?”

“Sim, senhor.” Uma lágrima escorreu pelo rosto de Dave; Sean e Jimmy desviaram o olhar.

“Bem, vamos ter uma conversa com ela, vamos lhe contar o que seu filhinho anda aprontando.”

“Eu não... eu não...”, choramingou Dave.

“Entre.” O policial abriu a porta de trás e Sean sentiu um cheiro de maçãs, um odor pungente de outubro.

Dave olhou para Jimmy.

“Entre”, disse o policial. “Ou você quer que lhe ponha algemas?”

“Eu...”

“O quê?” Agora o policial parecia furioso. Ele bateu no alto da porta aberta. “Entra aí, porra!”

Dave sentou-se no banco de trás, aos prantos.

O policial apontou um dedo grosso para Jimmy e Sean. “Vão contar à mãe de vocês o que vocês estavam aprontando. E tratem de evitar que eu os apanhe brigando de novo em minhas ruas, seus merdas.”

Jimmy e Sean recuaram, e o policial entrou no carro e foi embora. Eles o viram chegar à esquina e dobrar à direita, e viram também a cabeça de Dave, escurecida pela distância e pelas sombras, voltada para trás, olhando para eles. E então a rua ficou vazia novamente, parecendo ter emudecido com o barulho da porta do carro. Jimmy e Sean ficaram no lugar onde o carro parara, olhando para os pés, para os dois lados da rua, para qualquer lugar, menos um para o outro.

Sean sentiu aquela sensação de mudança súbita novamente, dessa vez acompanhada de

um gosto de moeda suja na boca. Sentia como se sua barriga tivesse sido escavada com uma colher.

Então Jimmy falou:

“Foi você quem começou.”

“Foi ele quem começou.”

“Foi você. Agora ele está fodido. A mãe dele não bate bem da cabeça. Não dá nem para imaginar o que ela vai fazer vendo dois policiais acompanhando seu filho de volta para casa.”

“Não fui eu quem começou.”

Jimmy o empurrou, e dessa vez Sean revidou, e logo ambos estavam rolando no chão, esmurrando-se.

“Ei!”

Sean largou Jimmy e ambos se levantaram, esperando ver os dois policiais novamente, mas quem viram foi o sr. Devine, descendo a escadinha da entrada da casa, indo em direção a eles.

“Que diabo vocês estão fazendo?”

“Nada.”

“Nada.” O pai de Sean franziu o cenho ao chegar à calçada. “Saiam do meio da rua.” Eles foram encontrá-lo na calçada.

“Antes havia três de vocês!” O sr. Devine olhou para a rua. “Onde está Dave?”

“O quê?”

“Dave.” O pai de Sean olhou para Sean e para Jimmy. “Dave não estava com vocês?”

“A gente estava brigando na rua.”

“O quê?”

“A gente estava brigando na rua, e vieram os policiais.”

“Quando foi isso?”

“Há uns cinco minutos.”

“Certo. Então os policiais vieram.”

“E eles pegaram Dave.”

O pai de Sean olhou para os dois lados da rua novamente. “Eles o quê? Eles o pegaram?”

“Para levar para a casa dele. Eu menti. Eu disse que morava aqui. Dave disse que morava nos Flats, e eles...”

“O que vocês estão me dizendo? Sean, como eram esses policiais?”

“Ahn?”

“Eles estavam de uniforme?”

“Não. Não, eles...”

“Então como vocês sabem que eles eram policiais?”

“Eu não sei. Eles...”

“Eles o quê?”

“Eles tinham um distintivo”, disse Jimmy. “No cinturão.”

“Que tipo de distintivo?”

“Dourado.”

“Certo. Mas o que ele dizia?”

“Dizia?”

“As palavras. Tinha palavras que vocês pudessem ler?”

“Não. Não sei.”

“Billy?”

Todos olharam para a mãe de Sean, de pé na varanda da casa, semblante tenso, cheio de curiosidade.

“Querida, ligue para a delegacia de polícia. Pergunte se alguns policiais pegaram um menino nesta rua porque estava brigando.”

“Um menino?”

“Dave Boyle.”

“Oh, Jesus. Sua mãe.”

“Vamos esquecer isso por agora, o.k.? Vamos ver o que a polícia diz, certo?”

A mãe de Sean voltou para dentro de casa. Sean olhou para o pai. Parecia não saber onde enfiar as mãos. Ele as pôs nos bolsos, depois as tirou, esfregou-as nas calças. “Vou me ferrar”, disse ele baixinho, e olhou para o fim da rua como se Dave estivesse pairando na esquina, uma miragem dançante, bem diante de seu campo de visão.

“Era marrom”, disse Jimmy.

“O quê?”

“O carro. Era marrom-escuro. Parecido com um Plymouth, acho.”

“Mais alguma coisa?”

Sean tentou se lembrar, mas não conseguiu. A visão que tinha do carro era apenas a de alguma coisa que bloqueara sua visão, sem a penetrar. Essa coisa tinha tapado a visão do carro cor de laranja da sra. Ryan e da metade inferior de sua cerca, mas Sean não conseguia visualizar o carro em si.

“Tinha cheiro de maçã”, disse ele.

“O quê?”

“De maçã. O carro cheirava a maçã.”

“Ele cheirava a maçã”, falou o pai.

Uma hora depois, na cozinha de Sean, dois outros policiais faziam uma porção de perguntas a Sean e a Jimmy, e então um terceiro cara apareceu e fez alguns desenhos dos homens do carro marrom a partir das informações de Jimmy e de Sean. O policial loiro e grande parecia menor no bloco de desenho, o rosto até maior, mas fora isso era a cara dele. O segundo cara, o que ficara com os olhos presos no espelho retrovisor lateral, não se parecia com nada, na verdade, um borrão com cabelo preto, porque Sean e Jimmy não conseguiam se lembrar dele muito bem.

O pai de Jimmy apareceu e ficou de pé num canto da cozinha, parecendo perturbado

e aturdido, o olho úmido, voltando-se de vez em quando, como se a parede atrás dele estivesse se movendo. Ele não falava com o pai de Sean, e ninguém lhe dirigia a palavra. Tolhido em sua natural capacidade de fazer movimentos bruscos, parecia menor do que Sean, de certa forma menos real; era como se fosse possível que se Sean desviasse os olhos um instante, voltando a olhá-lo em seguida, ele tivesse se dissolvido no papel de parede.

Depois que eles repetiram as perguntas por três ou quatro vezes, todos se foram — os policiais, o cara que fez o desenho em seu bloco, Jimmy e o pai. A mãe de Sean foi para o quarto, fechou a porta, e Sean ouviu seu choro abafado alguns minutos depois.

Sean ficou sentado na varanda e seu pai lhe disse que não fizera nada errado, que ele e Jimmy tinham sido espertos de não entrar no carro. O pai lhe deu um tapinha no joelho e disse que as coisas iriam se resolver. Dave vai estar em casa ainda esta noite. Você vai ver.

Então o pai se calou. Bebericou sua cerveja e sentou-se com Sean, mas Sean percebeu que ele já se ensimesmara, quem sabe já se imaginasse no quarto de trás, com a esposa, ou lá embaixo no porão construindo seus viveiros de aves.

Sean ficou olhando as fileiras de carros na rua, seu brilho faiscante. Disse para si mesmo que aquilo — tudo aquilo — era parte de um plano que fazia sentido. Só que ele ainda não sabia qual era. Mas um dia iria saber. A adrenalina que circulava em seu corpo desde que pegaram Dave e que ele e Jimmy rolaram no chão finalmente irrompeu pelos seus poros, como se uma eclusa se rompesse.

Via o lugar onde ele, Jimmy e Dave Boyle tinham brigado perto do Bel Air, e esperou que o vazio provocado pela saída da adrenalina de seu corpo voltasse a se encher. Ficou esperando, olhando a rua, ouvindo-lhe os ruídos e esperando mais um pouco, até o momento em que o pai se levantou e eles voltaram para dentro de casa.

Jimmy foi andando atrás do velho de volta para os Flats. O velho avançava fazendo um caminho um tanto sinuoso, fumando seus cigarros até a última pontinha e falando consigo mesmo em voz baixa. Quando chegassem em casa, seu pai podia lhe dar uma surra, como também podia não dar, era difícil saber. Depois que ele perdeu o emprego, disse a Jimmy que nunca mais voltasse à casa dos Devine, e Jimmy teria de pagar por ter desobedecido. Mas talvez não naquele dia. Seu pai estava naquela embriaguez sonolenta que o levaria a sentar-se à mesa da cozinha quando chegassem em casa, e a ficar bebendo até adormecer com a cabeça apoiada nos braços.

Jimmy mantinha-se alguns passos atrás dele, só por precaução, porém, e jogava a bola no ar, aparando-a com a luva de beisebol que roubara da casa de Sean, enquanto os policiais estavam se despedindo dos Devine. Ninguém dirigira uma palavra a Jimmy e a seu pai, quando os dois tomaram o corredor em direção ao hall para irem embora. A porta do quarto de Sean estava aberta, e Jimmy viu a luva no chão, envolvendo a bola. Foi até ela, pegou-a, depois ele e o pai saíram pela porta da frente. Não tinha ideia de por que roubara a luva. Não fora pelo brilho de orgulhosa surpresa que vira nos olhos do velho, quando ele a pegou. Foda-se isso. Foda-se ele.

Aquilo tinha algo a ver com o fato de Sean ter batido em Dave Boyle, e de ter se acovardado na hora de roubar o carro, e com outras coisas que aconteceram durante aquele ano de amizade entre os dois; tinha a ver também com a sensação de que tudo o que Sean lhe dava — postais de beisebol, meia barra de chocolate, o que fosse — vinha sempre em forma de esmola.

Logo que Jimmy pegou a luva e saiu com ela, sentiu-se eufórico. Ele se sentia o máximo. Um pouco depois, quando estavam cruzando a Buckingham Avenue, sentiu aquela vergonha e embaraço que sempre o assaltavam quando roubava alguma coisa, e raiva de quem quer que o tivesse feito agir daquela forma. Um pouco depois, quando iam andando pela Crescent Street, entrando nos Flats, sentiu uma vaga sensação de orgulho ao olhar para o edifício miserável de dois andares e, em seguida, para a luva em sua mão.

Jimmy pegou a luva e se sentiu mal com aquilo. Sean iria sentir falta dela. Jimmy pegou a luva e se sentiu bem com aquilo. Sean iria sentir falta dela.

Jimmy ficou observando o pai andar aos tropeços à sua frente, o sacana do velho parecendo que ia desabar e se transformar numa poça de água suja a qualquer segundo, e ele odiou Sean.

Ele odiava Sean e fora um tolo em pensar que os dois poderiam ser amigos, e iria guardar aquela luva pelo resto da vida, ter muito cuidado com ela, nunca mostrá-la a ninguém, e nunca iria usar, nem uma vez, aquela coisa maldita. Preferia morrer.

Jimmy contemplou os Flats que se estendiam à sua frente, e, no momento em que ele e o velho andavam à sombra do elevado do trem, aproximando-se do ponto mais baixo da Crescent, onde os trens de carga passavam com um ruído surdo perto do velho drive-in caindo aos pedaços e ao lado do Penitentiary Channel, que ficava mais adiante, ele teve certeza — no mais fundo de seu peito — de que nunca mais veriam Dave Boyle. Onde Jimmy morava, na Rester Street, roubavam-se coisas o tempo todo. Roubaram a rodagigante de brinquedo de Jimmy, quando ele tinha quatro anos, e sua bicicleta, quando tinha oito. O velho perdera um carro. E sua mãe passara a pôr a roupa para secar dentro de casa, depois que muitas peças tinham desaparecido do varal do quintal. Quando lhe roubam uma coisa, a sensação que você tem é diferente de quando você não sabe onde a colocou. Você sente, no fundo do peito, que ela nunca mais vai voltar. Era isso que ele estava sentindo em relação a Dave. Talvez Sean, naquele mesmo instante, estivesse sentindo a mesma coisa em relação a sua luva de beisebol, de pé, no lugar vazio antes ocupado pela luva, e sabendo, independentemente de qualquer lógica, que ela nunca mais voltaria.

Aquilo era muito ruim, porque ele gostava de Dave, embora quase sempre não soubesse por quê. Era alguma coisa que havia com o garoto, talvez o fato de ter estado sempre por perto, embora boa parte do tempo não se notasse a sua presença.

2. Quatro dias

Os fatos mostraram que Jimmy estava errado naquele caso.

Dave Boyle voltou para seu bairro quatro dias depois de ter desaparecido. Ele voltou para casa no banco da frente de um carro da polícia. Os dois policiais que o trouxeram para casa deixaram-no tocar a buzina e pegar na coronha do revólver guardado no porta-luvas. Eles lhe deram um distintivo honorário, e quando o deixaram na casa de sua mãe, na Rester Street, repórteres dos jornais e da televisão estavam presentes para registrar o momento. Um dos policiais, o agente Eugene Kubiaki, tirou Dave da radiopatrulha, levantou-o no ar, fazendo-o balançar as pernas no alto, bem acima da calçada, antes de colocá-lo diante de sua mãe, que sorria, chorava e tremia.

Havia uma multidão na Rester Street naquele dia — pais, meninos, um carteiro, os dois gordinhos donos da lanchonete Pork Chop Brothers na esquina da Rester com a Sydney, e até a srta. Powell, professora de Jimmy e de Dave na quinta série do Looey & Dooey. Jimmy ficou junto da mãe. Sua mãe apertava a cabeça dele contra o próprio corpo, a mão úmida colada à testa do filho, verificando se ele não contraíra alguma doença de Dave, e Jimmy sentiu uma pontada de ciúme quando o agente Kubiaki ergueu Dave acima da calçada, os dois rindo como velhos amigos, enquanto a srta. Powell batia palmas.

Eu quase que vinha nesse carro também, Jimmy teve vontade de dizer a alguém. Ele queria dizer aquilo à srta. Powell, mais do que a qualquer outra pessoa. Ela era muito bonita e muito bem cuidada, e quando ria dava para ver que um de seus dentes de cima era um pouquinho torto, e aquilo a fazia ainda mais bonita para Jimmy. Ele queria dizer-lhe que quase ia ser levado por aquele carro, queria ver no rosto dela o olhar que lançava a Dave naquele momento. Queria dizer-lhe que pensava nela o tempo todo, e que em sua imaginação era mais velho, sabia dirigir carro e podia levá-la para lugares onde ela riria para ele muito e muito, e eles comeriam o lanche num piquenique, e tudo o que ele dissesse iria fazê-la sorrir, mostrar aquele dente e afagar o rosto dele.

A srta. Powell, porém, não estava se sentindo muito bem ali. Jimmy sabia. Depois de dizer algumas palavras a Dave, de afagar e de beijar seu rosto — ela o beijou *duas* vezes — outras pessoas se aproximaram, e a srta. Powell se afastou um pouco e ficou na calçada cheia de rachaduras, olhando os edifícios de dois andares inclinados, o papel alcatroado solto, mostrando a madeira que ficava por baixo, e ela lhe pareceu mais jovem e ao mesmo tempo mais dura — como se de repente tivesse alguma coisa de freira — no momento em que levou a mão ao cabelo como se fosse tocar o hábito, franzindo um pouco o narizinho arrebitado, pronta para proferir um julgamento.

Jimmy queria ir até ela, mas sua mãe ainda o segurava com força, ignorando suas contorções, e então a srta. Powell andou até a esquina da Rester com a Sydney, e Jimmy a

viu acenar desesperadamente para alguém. Um cara com jeito de hippie parou um conversível amarelo estilo hippie, com pétalas de flores vermelhas desbotadas pintadas nas portas descoradas pelo sol, e a srta. Powell entrou no carro, e eles se foram, enquanto Jimmy pensava: Não.

Jimmy finalmente conseguiu escapar da mãe. Ele ficou no meio da rua, olhando a multidão que cercava Dave, e desejou ter entrado naquele carro. Quem dera ele pudesse sentir um pouco da adoração de que Dave era alvo naquele momento, ver todos aqueles olhos voltados para ele, como se ele fosse algo especial.

Aquela movimentação toda na Rester Street virou uma grande festa, todos correndo de uma para outra câmara, na esperança de aparecer na televisão ou nos jornais do dia seguinte — sim, eu conheço Dave, ele é meu melhor amigo, crescemos juntos, sabe, graças a Deus ele está bem.

Alguém abriu um hidrante e a água jorrou na Rester Street, como um suspiro de alívio, e as crianças jogaram os sapatos na sarjeta, dobraram a barra das calças e dançaram no jato d'água. Quando o carro de entrega do sorvete chegou, deixaram que Dave pegasse quanto quisesse, por conta da casa, e até o sr. Pakinaw, um viúvo velho e malvado que atirava em esquilos com espingarda de ar comprimido (e em meninos também, às vezes, quando os pais não estava olhando) e vivia pedindo silêncio em altos brados, abriu as suas janelas e encostou as caixas de som na tela, e de repente Dean Martin estava cantando “Memories Are Made of This”, “Volare” e outras merdas como essas, que normalmente fariam Jimmy vomitar, mas que naquele dia vinham a calhar. Naquele dia a música pairava sobre a Rester Street, como tiras coloridas de papel crepom. Ela se misturava com a coluna d'água que jorrava, bem alto, do hidrante. Alguns rapazes que estavam jogando cartas nos fundos da lanchonete trouxeram para fora uma mesa dobrável, um outro trouxe caixas térmicas cheias de Schlitz e Narragansett, e o ar ficou engordurado com o cheiro de salsicha e de linguiça assada — cheiros de fumaça e de carne cozida que, combinados com o chiado das latas de cerveja sendo abertas, faziam Jimmy lembrar-se do estádio de Fenway Park, dos domingos de verão e daquela alegria febril que lhe apertava o peito quando os adultos finalmente relaxavam e se comportavam como crianças, todos rindo, todos parecendo mais jovens, mais alegres e mais felizes por estarem juntos.

Era por isso que Jimmy, mesmo quando estava se mordendo de raiva, depois de levar uma surra do velho ou depois de lhe terem roubado alguma coisa — era *por isso* que Jimmy gostava de morar ali. Era a forma como as pessoas de repente jogavam para o alto um ano de dores, de sofrimento, de ranger de dentes e de velhos rancores, como se nunca tivesse acontecido nada de ruim em suas vidas. Na festa de São Patrício, no Buckingham Day, às vezes no Quatro de Julho, ou quando os Sox estavam jogando bem em setembro, ou, como agora, quando alguma coisa perdida pela comunidade fora recuperada — especialmente em momentos como esses —, o bairro podia entrar numa espécie de delírio furioso.

Não era como no Point. No Point eles também organizavam festas entre vizinhos, naturalmente, mas em geral elas eram planejadas com bastante antecedência, as licenças

necessárias eram obtidas, e todos cuidavam para que se prestasse atenção aos carros, que se tivesse cuidado com o gramado — “Tenha cuidado, acabei de pintar essa cerca”.

Nos Flats metade das pessoas não tinha gramados e as cercas caíam aos pedaços, então por que diabos se incomodar? Quando você queria fazer festa, fazia, porque — porra — você tinha certeza de que merecia isso. Nada de patrões aqui hoje. Nada de pesquisadores dos serviços sociais, nada de prepostos dos agiotas. Quanto aos policiais — bem, havia policiais agora, festejando como todo mundo, o agente Kubiaki indo ele mesmo pegar uma salsicha apimentada na churrasqueira, enquanto seu colega embolsava uma cerveja para mais tarde. Todos os repórteres já tinham ido para casa e o sol estava começando a se pôr, dando à rua aquela luminosidade da hora do jantar, mas nenhuma das mulheres estava cozinhando, e nenhuma tinha ido embora.

Exceto Dave. Dave fora embora, Jimmy percebeu quando saiu do banho do hidrante, desdobrou as barras de suas calças e vestiu novamente a camiseta, enquanto esperava na fila do cachorro-quente. A festa de Dave estava a todo vapor, mas Dave fora para casa, sua mãe também e, quando Jimmy olhou para suas janelas no segundo andar, as persianas estavam corridas, sombrias.

Não sabia bem por que aquelas persianas fechadas fizeram-no lembrar-se da srta. Powell, quando ela subiu no carro conversível estilo hippie. A lembrança da rápida visão da panturrilha direita e do tornozelo da professora no momento em que ela entrava no carro fê-lo sentir-se sujo e triste. Para onde ela estava indo? Estaria ela, naquele exato momento, na rodovia, o vento a brincar-lhe nos cabelos como a música na Rester Street? A noite caía sobre eles, naquele carro hippie, enquanto eles se dirigiam... para onde? Jimmy queria e não queria saber. Ele a veria na escola no dia seguinte — a menos que eles tivessem resolvido dar um feriado escolar, para comemorar a volta de Dave — e ele teria vontade de lhe perguntar, mas não perguntaria.

Jimmy pegou seu cachorro-quente e sentou-se no meio-fio, de frente para o prédio de Dave, para comer. Quando acabou de comer metade do cachorro-quente, uma das persianas se abriu e ele viu Dave à janela, olhando para ele. Jimmy levantou o cachorro-quente à guisa de aceno, mas Dave não esboçou nenhuma reação. Ele simplesmente olhava. Olhava para Jimmy, e embora este não conseguisse ver seus olhos, adivinhava-lhes o vazio. Vazio e censura.

A mãe de Jimmy sentou-se ao lado dele no meio-fio, e Dave se afastou da janela. A mãe de Jimmy era uma mulher baixa e magra, com cabelos de um loiro descorado. Para uma pessoa tão franzina, ela se movia como se carregasse pilhas de tijolos nos ombros, e suspirava tanto que Jimmy não sabia ao certo se ela tinha consciência disso. Às vezes Jimmy dava uma olhada nas fotografias que ela tirara antes de ficar grávida dele, e lhe parecia menos magra e muito mais jovem, como uma adolescente (que de fato era, bem feitas as contas). Seu rosto era mais redondo nas fotografias, sem rugas no canto dos olhos nem na testa, e com aquele sorriso bonito e pleno que parecia um tantinho assustado, ou talvez curioso, Jimmy nunca sabia ao certo. Seu pai lhe dissera umas cem vezes que Jimmy quase a matara quando saíra dela, e que a mãe sangrara tanto que os médicos recearam

que o sangramento nunca mais parasse. Aquilo acabara com ela, dizia o pai. E, naturalmente, não iria ter mais filhos. Ninguém ia querer passar por tudo aquilo de novo.

Ela pôs a mão no joelho de Jimmy e disse: “Como você está, recruta Joe?”. Sua mãe sempre lhe dava novos apelidos, muitas vezes inventados na hora, e em metade dos casos Jimmy não entendia a que se referiam.

Ele deu de ombros. “Você sabe.”

“Você não falou nada com o Dave.”

“Você não me deixou sair do lugar, mãe.”

A mãe retirou a mão que estava apoiada no joelho de Jimmy e abraçou a si mesma para proteger-se do frio que aumentava à medida que anoitecia. “Eu quis dizer depois. Quando ele ainda estava aqui fora.”

“Amanhã a gente se vê na escola.”

Sua mãe enfiou a mão no bolso e pegou o maço de Kent, acendeu um e soprou a fumaça num jato. “Acho que ele não vai à escola amanhã.”

Jimmy acabou de comer o cachorro-quente. “Bom, mas logo vou vê-lo, certo?”

Sua mãe fez que sim com a cabeça e soprou mais fumaça. Ela apoiou o cotovelo na mão e ficou fumando e olhando para as janelas de Dave. “Como é que foi na escola hoje?”, disse ela, embora não parecesse muito interessada na resposta.

Jimmy sacudiu os ombros. “Tudo bem.”

“Encontrei a sua professora. Ela é bonita.”

Jimmy não disse nada.

“Muito bonita”, repetiu a mãe, envolta na nuvem de fumaça cinzenta que acabara de exalar.

Jimmy continuou calado. Na maioria das vezes ele não sabia o que dizer aos pais. Sua mãe estava tão acabada... Ela olhava para lugares que Jimmy não conseguia ver, fumava seus cigarros, e muitas vezes só o ouvia quando ele a chamava pela segunda ou terceira vez. Seu pai estava quase o tempo todo com raiva, e mesmo quando não estava e se mostrava um pouco engraçado, Jimmy sabia que a qualquer momento ele poderia tornar-se bêbado furioso e lhe dar uma bofetada por dizer alguma coisa que meia hora antes o teria feito rir. E ele sabia que, por mais que tentasse pensar o contrário, trazia o pai e a mãe dentro de si — os longos silêncios da mãe e os súbitos acessos de raiva do pai.

Quando Jimmy não se perguntava como seria ser o namorado da srta. Powell, às vezes se perguntava como seria ser seu filho.

Agora sua mãe estava olhando para ele, o cigarro levantado à altura do ouvido, os olhos pequenos e inquiridores.

“O que é?”, disse ele, dando um sorriso embaraçado.

“Você tem um grande sorriso, Cassius Clay”, respondeu ela sorrindo.

“É?”

“É, sim. Você vai arrasar corações.”

“Certo”, disse Jimmy, e os dois riram.

“Você podia conversar um pouco mais”, disse a mãe.

Você também, Jimmy pensou em dizer.

“Mas tudo bem. As mulheres gostam do tipo silencioso.”

Por sobre o ombro da mãe, Jimmy viu seu pai sair de casa cambaleando, as roupas amarrotadas e o rosto inchado de sono, de bebida, ou de ambas as coisas. Seu pai contemplava a multidão festiva à sua frente, como se não pudesse imaginar de onde saíra tanta gente.

Sua mãe seguiu o olhar de Jimmy e, quando olhou para trás e viu o marido, mostrou-se novamente abatida e o sorriso sumiu tão completamente de seu rosto que era difícil imaginar que fosse capaz de sorrir. “Ei, Jim.”

Ele gostava quando ela o chamava de “Jim”. Aquilo o fazia imaginar que eram cúmplices em alguma coisa.

“Sim?”

“Estou muito feliz mesmo por você não ter entrado naquele carro, garoto.” Ela beijou-lhe a testa e Jimmy viu o brilho em seus olhos. Em seguida ela se levantou e andou até as outras mães, voltando as costas para o marido.

Jimmy levantou os olhos e viu Dave na janela, olhando novamente para ele. De algum lugar atrás dele, vinha uma fraca luz amarela. Dessa vez Jimmy nem tentou acenar para ele. Agora que os repórteres e a polícia tinham ido embora, e a festa estava tão animada que provavelmente ninguém se lembrava mais do que se estava festejando, Jimmy imaginava Dave naquele apartamento, sozinho exceto por sua mãe louca, rodeado de paredes escurecidas e fracas lâmpadas amarelas, enquanto a festa corria solta lá embaixo na rua.

E ele se sentiu contente, mais uma vez, por não ter entrado naquele carro.

Ferrado. Foi o que o pai de Jimmy disse a sua mãe na noite anterior: “Ainda que o achem vivo, o menino está ferrado. Nunca mais será o mesmo”.

Dave levantou apenas uma mão. Levantou-a até a altura dos ombros e a manteve imóvel por muito tempo, e, quando Jimmy acenou de volta, sentiu-se invadir por uma tristeza que mergulhou fundo em seu ser, espalhando-se em pequenas ondas. Não sabia se a tristeza tinha algo a ver com o pai, com a mãe, com a srta. Powell, com aquele lugar, ou com o fato de Dave ficar à janela com a mão imóvel, mas qualquer que fosse a causa — uma dessas coisas ou todas juntas —, ela nunca mais iria embora, disso ele tinha certeza. Jimmy, sentado no meio-fio, estava com onze anos, mas já não se sentia com essa idade. Ele se sentia velho. Velho como seus pais, velho como aquela rua.

Ferrado, pensou Jimmy, e deixou a mão cair de volta no colo. Ele observou Dave fazer um sinal com a cabeça e fechar as persianas para se recolher àquele apartamento de paredes escuras, cujo silêncio era perturbado apenas pelo tique-taque do relógio, e Jimmy sentiu a tristeza enraizar-se nele, aninhar-se em suas entranhas como se tivesse encontrado um lar acolhedor, e nem quis tentar expulsá-la, porque alguma parte dele sentiu que de nada adiantaria.

Jimmy se levantou do meio-fio e ficou por um momento sem saber o que fazer. Sentia uma ânsia de quebrar alguma coisa ou de empreender alguma coisa inédita e louca. Mas aí

sua barriga roncou e ele percebeu que ainda estava com fome, então voltou para pegar outro cachorro-quente, torcendo para que tivesse sobrado algum.

Por alguns dias, Dave Boyle se tornou uma pequena celebridade, e não apenas no bairro, mas em todo o Estado. A manchete do *Record American* do dia seguinte dizia: MENINO PERDIDO/MENINO ENCONTRADO. A fotografia acima da dobra mostrava Dave sentado em frente ao seu prédio, os braços finos da mãe envolvendo seu peito, um punhado de meninos sorridentes dos Flats fazendo caretas para a câmara, todos parecendo muito felizes, exceto a mãe de Dave, que estava com cara de quem tinha perdido o ônibus num dia frio.

Os mesmos meninos que apareceram com ele nas primeiras páginas do jornais começaram a chamá-lo, na escola, de “garoto esquisito”. Dave olhava para seus rostos e via um rancor cujo motivo eles certamente conheciam tão pouco quanto ele próprio. A mãe de Dave disse que provavelmente aquilo vinha dos pais deles, e não se incomode com isso, Dave, logo eles vão se cansar disso, esquecer tudo e no próximo ano todos vão ser seus amigos.

Dave balançava a cabeça e se perguntava se havia alguma coisa com ele — alguma marca em seu rosto que não conseguia ver — que fazia com que todos quisessem machucá-lo. Como aqueles caras do carro. Por que eles o tinham pegado? Como sabiam que ele subiria no carro e que Jimmy e Sean não subiriam? Recapitulando o acontecido, era assim que Dave via as coisas. Aqueles homens (e ele sabia seus nomes, ou pelo menos os nomes que eles se davam, mas não conseguia obrigar-se a usá-los) *tinham percebido* que Sean e Jimmy não entrariam no carro sem oferecer resistência. Com certeza Sean teria corrido para casa gritando, e Jimmy só teria entrado no carro desmaiado. O Lobão chegou até a dizer isso, algumas horas depois, durante a viagem: “Viu aquele menino de camiseta branca? O jeito como ele me olhou sem um pinga de medo? Qualquer dia desses esse garoto vai acabar com alguém, e não vai perder um minuto de sono por causa disso”.

Seu parceiro, o Lobo Sebento, sorria. “Eu gosto de uma briguinha.”

O Lobão balançou a cabeça. “Ele arrancaria seu dedo com uma dentada se você tentasse enfiá-lo no carro. O sacana iria cortar seu dedo rente.”

Era mais fácil para Dave dar-lhes nomes estúpidos: Lobão e Lobo Sebento. Era melhor para Dave vê-los como criaturas, lobos disfarçados sob a pele humana, e o próprio Dave, como um personagem na história: o Menino Levado pelos Lobos. O Menino Que Escapou e abriu caminho pela mata úmida até um posto Esso. O Menino Que Permaneceu Calmo e Esperto, sempre procurando uma maneira de escapar.

Na escola, porém, ele era apenas o Menino Que Foi Roubado, e os colegas se punham a imaginar o que teria acontecido naqueles quatro dias. Certa manhã, no banheiro da escola, um aluno da sétima série, chamado Junior McCaffery, se pôs ao lado de Dave no mictório e disse: “Eles obrigaram você a chupar?”, e todos os seus colegas da sétima série começaram a rir e imitar o som de beijos.

Dave fechou a braguilha com dedos trêmulos, o rosto vermelho, e voltou-se para encarar Junior McCaffery. Ele tentou lançar um olhar mau, e Junior fechou a cara e deu-lhe uma bofetada.

O barulho ecoou no banheiro. Um menino da sétima começou a arfar como uma menina.

Junior disse: “Você tem alguma coisa a dizer, bichinha? Hein? Quer apanhar de novo, veado?”.

“Ele está chorando”, disse um deles.

“É verdade”, gritou McCaffery em falsete, e as lágrimas de Dave jorraram mais abundantes. Ele sentiu a dormência do rosto transformar-se numa ferroadada, mas não era a dor que o incomodava. A dor nunca o incomodara muito, e nunca o fazia chorar, nem mesmo quando teve o acidente com a bicicleta e, na queda, feriu o tornozelo no pedal e recebeu sete pontos. Eram os sentimentos daqueles meninos em relação a ele que o machucavam. Ódio, nojo, raiva, desprezo. Tudo dirigido contra ele. Ele não entendia por quê. Ele nunca incomodara ninguém em toda a sua vida. E ainda assim eles o odiavam. E o ódio o fazia sentir-se desamparado. Fazia-o sentir-se podre, culpado e mesquinho, e ele chorava porque não queria sentir-se assim.

Todos riam de suas lágrimas. Junior dançou um pouco à sua volta, fazendo caretas e imitando os soluços de Dave. Quando Dave finalmente conseguiu se controlar, reduzindo o choro a uns poucos soluços, Junior esbofeteou-o novamente, no mesmo lugar e com a mesma força.

“Olhe para mim”, disse Junior, enquanto Dave sentia as lágrimas voltando a jorrar. “Olhe para mim.”

Dave olhou para Junior, esperando ver compaixão ou humanidade ou mesmo piedade — ele aceitaria a piedade — em seu rosto, mas tudo o que ele viu foi raiva e um riso feroz de deboche.

“É isso mesmo”, disse Junior, “você chupou.”

Ele fingiu que ia dar mais uma bofetada, e Dave abaixou a cabeça e se encolheu, mas Junior já se afastava com os amigos, todos às gargalhadas, saindo do banheiro.

Dave se lembrou de uma coisa que ouvira do sr. Peters, um amigo de sua mãe que dormia em sua casa, de vez em quando: “Há duas coisas que você nunca deve aceitar de um homem: uma cusparada ou uma bofetada. As duas são piores que um murro, e se um homem fizer isso com você, você deve tentar matá-lo, se puder”.

Dave sentou-se no chão do banheiro e desejou ter aquilo dentro de si — a vontade de matar uma pessoa. Começaria, talvez, com Junior McCaffery, em seguida passaria ao Lobão e ao Lobo Sebento, se algum dia cruzasse com eles. Mas a verdade é que achava que não podia. Ele não sabia por que as pessoas eram más umas com as outras. Não conseguia entender. Não conseguia entender.

Depois do incidente do banheiro, a notícia correu de boca em boca e se espalhou pela escola, de modo que todos os alunos da terceira série em diante ficaram sabendo o que Junior McCaffery fizera com Dave e como este reagira. Chegaram a uma condenação

inapelável, e Dave descobriu que mesmo os poucos meninos que se diziam seus amigos depois que voltara à escola agora o tratavam como um leproso.

Nem todos murmuravam “bicha” quando ele passava pelo corredor, pressionando a língua por dentro das bochechas. Na verdade, a maior parte dos colegas de Dave simplesmente o ignorava. Mas, de certo modo, isso era pior. Ele se sentia isolado pelo silêncio.

Quando ele e Jimmy Marcus cruzavam um com o outro ao sair de casa, este muitas vezes andava ao seu lado em silêncio, a caminho da escola, porque seria covarde *não* fazê-lo, e também falava “Oi” quando passava por ele no corredor ou topava com ele na fila para entrar na sala de aula. Dave percebia uma estranha mistura de piedade e de embaraço na expressão de Jimmy quando seus olhares se cruzavam, como se Jimmy quisesse dizer alguma coisa mas não conseguisse expressá-la com palavras — Jimmy, mesmo em seus melhores dias, nunca era muito falante, a menos que de repente se visse tomado de alguma ideia desatinada de pular entre os trilhos do trem ou roubar um carro. Mas parecia a Dave que sua amizade (e Dave na verdade não tinha certeza de que tinham *realmente* sido amigos; ele se lembrava, com um pouco de vergonha, de todas as vezes que tivera de forçar a camaradagem com Jimmy) acabara quando ele subira naquele carro e Jimmy continuara no meio da rua.

Mas Jimmy não haveria de ficar por muito mais tempo com Dave na escola, de forma que mesmo essas caminhadas lado a lado deixariam de acontecer. Na escola, Jimmy sempre andava com Val Savage, um baixinho completamente louco, duas vezes reprovado, que podia se transformar num verdadeiro furacão de violência, que assustava todo mundo — tanto professores como alunos. Dele se dizia (nunca em sua presença) que seus pais não economizavam para as despesas com sua educação, mas para lhe pagar a fiança. Mesmo antes de Dave ter entrado no carro, Jimmy já costumava andar com Val. Às vezes ele deixava que Dave os seguisse, quando iam à cantina tomar um lanche ou quando achavam um novo telhado para escalar, mas, depois da história do carro, Dave foi excluído até mesmo disso. Quando Dave esqueceu um pouco a raiva que sentia de Jimmy por causa da exclusão, notou que a nuvem negra que às vezes parecia pairar sobre Jimmy se tornara uma coisa permanente, uma espécie de halo em negativo. Jimmy parecia simplesmente ter ficado mais velho, mais triste.

Mas ele terminou por roubar um carro. Foi quase um ano depois de sua primeira tentativa na rua de Sean, e por isso foi expulso do Looey & Dooey, passando a atravessar a cidade no ônibus escolar para chegar à Carver School; e assim ele descobriu como era a vida de um garoto branco de East Bucky numa escola predominantemente negra. Mas Val também sofreu o mesmo castigo e ia no mesmo ônibus que ele, e Dave ouviu dizer que logo os dois se tornaram o terror da Carver, dois garotos brancos desatinados, que não tinham medo de nada.

Era um carro conversível. Dave ouviu dizer que ele pertencia a um amigo de um dos professores, mas nunca soube qual deles. Jimmy e Val o roubaram do estacionamento da escola, enquanto os professores, suas esposas e amigos participavam de uma festa de fim de

ano na sala dos professores. Jimmy assumiu o volante, e ele e Val saíram em disparada para dar uma volta por Buckingham, buzinando e acenando para as meninas, e acelerando feito loucos, até que um carro da polícia os descobriu. Eles terminaram por jogar o carro contra uma caçamba de lixo, atrás da Zayres, em Rome Basin. Val torceu um tornozelo ao sair do carro e Jimmy, que tentava pular uma cerca fronteira a um terreno baldio, voltou para ajudá-lo — e Dave sempre imaginava aquilo como uma cena de filme de guerra —, o soldado valente voltando para resgatar o companheiro caído, as balas voando em volta deles (Dave duvidava que os policiais estivessem atirando, mas assim a cena ficava mais legal). Os policiais pegaram os dois ali mesmo, e ambos passaram a noite no Juizado de Menores. Permitiram que terminassem a sexta série, visto que faltavam apenas alguns dias para o encerramento do ano letivo, e então informaram suas famílias de que teriam de procurar outra escola.

Depois disso Dave raramente via Jimmy, uma ou duas vezes por ano, até que eles chegaram à adolescência. A mãe de Dave não o deixava mais sair de casa, exceto para ir à escola. Estava convencida de que aqueles homens ainda andavam por ali, à espreita, dirigindo o carro que cheirava a maçã, prontos para cair sobre Dave como mísseis com sensor de calor.

Dave sabia que eles não estavam. Afinal de contas eles eram lobos, e lobos saíam à noite, farejando em busca da presa mais próxima e mais fraca, para então abatê-la. Mas agora eles visitavam a sua mente com mais frequência, o Lobão e o Lobo Sebento, assim como visões do que tinham feito com ele. As visões raramente invadiam os sonhos de Dave, mas elas o visitavam no tremendo silêncio do apartamento de sua mãe, naqueles períodos de silêncio em que ele tentava ler revistas em quadrinhos, ver televisão ou contemplar a Rester Street da janela. Elas vinham, e Dave tentava impedir-lhes a entrada fechando os olhos, tentando esquecer que o nome do Lobão era Henry, e o do Lobo Sebento era George.

Henry e George, uma voz bradava na cabeça de Dave, ao mesmo tempo que as visões o assaltavam. Henry e George, Henry e George, Henry e George, seu merdinha.

E Dave dizia à voz em sua cabeça que ele não era um merdinha. Ele era o Menino Que Escapou dos Lobos. E, às vezes, para afastar as visões, ele repassava a fuga em sua mente, em cada mínimo detalhe — a fenda que descobrira perto da dobradiça na porta do porão, o barulho do carro deles quando saíram para beber, o parafuso sem cabeça que usara para aumentar a fenda, alargando-a cada vez mais até que a dobradiça enferrujada se soltou e, junto com ela, um pedaço de madeira em forma de faca. O Menino Esperto passou pela porta, saiu aos tropeços, entrou na floresta e seguiu o sol do final da tarde em direção a um posto Esso que ficava a um quilômetro e meio dali. Foi um choque avistar o luminoso azul e branco já aceso para a noite, embora o dia ainda estivesse claro. A visão do luminoso teve um grande impacto sobre Dave. Fê-lo cair de joelhos no limite entre a floresta e o velho asfalto cinzento. Foi nessa posição que Ron Pierrot, o dono do posto, o encontrou: de joelhos e olhando para o luminoso. Ron Pierrot era um homem magro cujas mãos davam a impressão de poder quebrar um cano de chumbo, e Dave sempre se

perguntava o que teria acontecido se o Menino Que Escapou dos Lobos fosse de fato um personagem de filme. Ele e Ron teriam se tornado amigos inseparáveis e Ron teria lhe ensinado todas as coisas que os pais ensinam aos filhos, e eles teriam selado seus cavalos, carregado seus rifles e sairiam por aí em aventuras intermináveis. E eles viveriam grandes momentos, Ron e o Menino. E lá na vastidão selvagem se tornariam heróis, vencendo todos os lobos.

No sonho de Sean, a rua se movia. Ele olhava para o vão da porta do carro que cheirava a maçã, e a rua segurava seus pés e o empurrava para a porta. Dave estava dentro do carro, na ponta do banco e colado à porta, a boca aberta num gemido silencioso, enquanto a rua carregava Sean em direção ao carro. A única coisa que conseguia ver em seu sonho era a porta aberta e o banco de trás. Não via o cara que parecia um policial. Não via o companheiro dele, que estava no banco ao lado do motorista. Não via Jimmy, não obstante Jimmy tivesse ficado o tempo todo ao seu lado na ocasião. Só via o banco, Dave, a porta aberta e o lixo no chão. Embalagens de fast-food, saquinhos amassados de batatas fritas, latas de cerveja e de soda, copinhos de plástico para café e uma camiseta verde-suja. Só depois de acordar ele se deu conta de que em seu sonho o chão da parte traseira do carro era igual ao do carro que vira na vida real, e que até então ele não tinha se lembrado disso. Mesmo quando os policiais foram à sua casa e lhe pediram que fizesse um esforço — de verdade — para lembrar-se de cada detalhe que esquecera de mencionar, não lhe veio à mente que a parte traseira do carro estava toda suja, simplesmente porque não se lembrava de tê-la visto. Mas em seu sonho a imagem voltou e foi isso — mais do que qualquer coisa — que o fez perceber, embora vagamente, que havia algo de errado com o “policial”, com o “colega” e com o carro deles. Sean nunca vira a parte de trás de um carro da polícia na vida real, não tão de perto, mas algo lhe dizia que ela não podia ser cheia de lixo. Talvez por baixo de todo aquele lixo houvesse restos de maçã, e por isso o carro tivesse aquele cheiro.

Um ano depois do sequestro de Dave, o pai de Sean foi ao seu quarto para lhe dizer duas coisas.

A primeira era que Sean tinha sido aceito na Latin School, e lá iria começar a cursar a sétima série em setembro. O pai lhe disse que ele e sua mãe estavam muito orgulhosos dele. A Latin era a escola ideal para quem queria se tornar alguém.

A segunda coisa que disse a Sean, quando já estava saindo do quarto, como se aquilo lhe tivesse ocorrido naquele exato momento, foi:

“Pegaram um deles, Sean”.

“O quê?”

“Um dos caras que levaram Dave. Ele foi pego. Ele morreu. Suicidou-se na cela.”

“É mesmo?”.

O pai olhou para ele. “Sim. Agora você pode parar de ter pesadelos.”

Mas Sean disse: “E o outro?”.

“O sujeito que foi pego disse à polícia que o outro morreu. Morreu num acidente de carro no ano passado, entendeu?” O pai olhou para ele de um jeito que Sean percebeu ser aquela a última vez que falariam sobre aquele assunto. “Portanto, vá lavar as mãos para o jantar, garotão.”

Seu pai saiu, e Sean sentou-se na cama e ficou olhando para o ressalto no colchão, na altura em que ele escondera sua luva nova de beisebol com uma bola dentro, grossas tiras vermelhas de borracha envolvendo o couro.

O outro também morrera. Num acidente de carro. Sean torcia para que ele estivesse dirigindo o carro que cheirava a maçã, que o tivesse precipitado de um penhasco, levando-o direto para o inferno, junto com ele próprio.

II

Sinatras de olhos tristes

(2000)

3. Lágrimas em seus cabelos

Brendan Harris amava loucamente Katie Marcus, amava-a com um amor de cinema, com uma orquestra ressoando em seu sangue e inundando seus ouvidos. Ele a amava quando acordava, quando ia dormir, amava-a o dia inteiro e a cada segundo. Brendan Harris amaria Katie Marcus mesmo gorda e feia. Ele a amaria mesmo com a pele estragada, sem seios e com buço. Ele a amaria mesmo desdentada. Ele a amaria mesmo careca.

Katie. O doce som de seu nome ressoando em seu cérebro era bastante para que Brendan sentisse como se seus membros tivessem recebido uma boa dose de estimulante, como se pudesse andar sobre as águas, fazer levantamento de peso usando uma carreta, e depois jogá-la do outro lado da rua.

Agora, Brendan Harris amava todo mundo, porque amava Katie e Katie o amava. Brendan amava os engarrafamentos, a poluição e o barulho das britadeiras. Ele amava o infeliz do seu pai, que não lhe tinha mandado nem um cartão de aniversário ou de Natal desde que abandonara sua mãe, quando ele tinha seis anos. Amava as manhãs de segunda-feira, as séries cômicas de televisão que não fariam um retardado rir, e adorava ficar na fila do Departamento de Trânsito. Ele amava até o seu emprego, embora não pretendesse voltar a trabalhar lá.

Brendan iria embora de casa na manhã seguinte, deixando sua mãe; iria sair por aquela porta estragada, descer os degraus rachados, chegar à rua principal, com seus carros estacionados por toda parte em fila dupla e seus moradores sentados em frente de suas casas; ele iria embora como se estivesse numa daquelas canções de Springsteen — não o Springsteen de Nebraska-Ghost-of-Tom-Joad, mas o de Born-to-Run-Two-Hearts-Are-Better-Than-One-Rosalita-(Won't-You-Come-Out-Tonight), o Bruce dos hinos. Isso mesmo, um hino; era o que ele próprio seria quando estivesse caminhando no meio da rua sem se preocupar com os para-choques atrás de suas pernas e o som das buzinas, quando estivesse avançando em linha reta naquela rua, até o coração de Buckingham, para ir buscar a sua Katie, quando os dois deixassem tudo aquilo para trás, pegando o avião que os levaria para Las Vegas, onde eles se uniriam, dedos entrelaçados, Elvis lendo a Bíblia, perguntando-lhe se tomava esta mulher, e Katie dizendo que aceitava este homem e então — então, deixa pra lá, eles estariam casados e teriam partido para nunca mais voltar, de jeito nenhum, só ele e Katie, o resto de suas vidas desvelando-se diante deles como uma linha da vida expurgada de todo o passado, expurgada do mundo.

Ele olhou à volta de seu quarto. As roupas arrumadas na mala. Cheques de viagem American Express. Fotos dele e de Katie. Um cd-player portátil, cds, artigos de toalete.

Ele contemplou o que estava deixando para trás. Um pôster de Bird e Parrish. Um pôster de Fisk batendo um *home run* em 1975. Um pôster de Sharon Stone num vestido branco colante (enrolado e enfiado embaixo de sua cama desde a primeira noite em que

levara sorrateiramente Katie para ali, mas de qualquer modo...). Metade de seus cds. Foda-se; não tinha ouvido mais de duas vezes a maioria deles. mc Hammer, pelo amor de Deus. Billy Ray Cyrus. My Gawd. Duas brutas caixas de som Sony para completar uma rede Jensen, duzentos watts no total, pagas no último verão quando ele fizera um trabalho num telhado, junto com a equipe de Bobby O'Donnell.

E foi então que ele chegou perto de Katie, o bastante para entabular uma conversa. Jesus. Apenas um ano antes. Às vezes lhe parecia uma década, mas no bom sentido, outras vezes lhe parecia um *minuto*. Katie Marcus. Ele já ouvira falar *dela*, naturalmente; todo mundo no bairro ouvira falar de Katie. Por aí podia-se ver quanto era bonita. Mas poucos a conheciam de verdade. Muitas vezes a beleza tem esse efeito sobre as pessoas; ela mete medo, faz com que você mantenha distância. Não é como no cinema, em que a câmara faz com que a beleza pareça alguma coisa convidativa. No mundo real, a beleza é como uma cerca que mantém os outros afastados, que os exclui.

Mas Katie, puxa, ela lhe havia parecido tão simples, tão *normal*, desde o primeiro dia em que chegara com Bobby O'Donnell. Ele a deixara no lugar onde Brendan estava trabalhando, partindo em seguida com alguns de seus rapazes para resolver um negócio urgente do outro lado da cidade, deixando-a de lado como se tivesse esquecido de sua presença. E ela ficou com ele enquanto ele aplicava um revestimento no teto, comportando-se de forma tão natural como se aquilo fosse uma conversa entre dois homens. Ela sabia *seu* nome e, a certa altura, lhe perguntou: “Me diga uma coisa, Brendan, como é que um cara tão gentil como você trabalha para Bobby O'Donnell?”. Brendan. O nome deslizara por seus lábios como se ela o pronunciasse todos os dias, e Brendan, lá em cima, os joelhos apoiados na borda do telhado, sentiu como se fosse desmaiar. Desmaiar. No duro. Era esse efeito que Katie tinha sobre ele.

E no dia seguinte, logo que ela ligasse, eles partiriam. Juntos. Para sempre.

Brendan deitou-se na cama e evocou o seu rosto, qual uma lua flutuando acima dele. Ele sabia que não conseguiria dormir. Estava agitado. Mas não se importava. Deixou-se ficar ali, Katie flutuando e sorrindo, os olhos dela brilhando na penumbra por trás de suas pálpebras.

* * *

Naquela noite, depois do trabalho, Jimmy Marcus tomou uma cerveja com seu cunhado, Kevin Savage, no Warren Tap, sentados próximo à janela e olhando um bando de meninos jogar hóquei na rua. Havia seis meninos que insistiam em jogar, apesar de a noite já ter caído, rostos indistintos na meia-luz. O Warren Tap era um lugar enfiado numa rua transversal lá no antigo bairro dos matadouros — ótimo para jogar durante o dia, devido ao pouco trânsito, mas péssimo para jogar à noite, porque havia uns dez anos que os postes de luz não funcionavam.

Kevin era o companheiro ideal, pois falava tão pouco quanto Jimmy, e os dois se

contentavam em engolir a cerveja em pequenos goles, escutando o ruído dos solados de borracha e dos bastões de hóquei raspando no calçamento, o súbito bater da bola de borracha dura na calota de um pneu.

Com trinta e seis anos de idade, Jimmy Marcus passou a amar a quietude de suas noites de sábado. Não queria saber de bares abarrotados, nem de confidências etílicas. Fazia treze anos que saíra da prisão. Ele tinha uma loja de conveniência, tinha uma mulher e três filhas em casa e acreditava ter trocado o menino agitado por um homem que apreciava um ritmo de vida mais tranquilo — uma cerveja sorvida com mais vagar, um passeio matinal, o som de uma partida de beisebol transmitida pelo rádio.

Ele olhou novamente para fora. Quatro meninos tinham desistido de jogar e foram para casa, mas dois continuavam na rua, imersos na escuridão, disputando a bola. Jimmy mal podia vê-los, mas dava para sentir a fúria de sua energia pela força das tacadas, pela dança frenética de seus passos.

Essa energia juvenil precisava mesmo ser canalizada para alguma coisa. Quando ele próprio era criança, pensou Jimmy — para falar a verdade, até quase os vinte e três anos —, essa energia determinava cada ação sua. E depois... Depois chega o momento em que a gente aprende a deixá-la de lado, ele achava. A gente a enfia em algum lugar.

Katie, sua filha mais velha, agora estava naquela fase. Dezenove anos, e tão bonita, todos os hormônios em alerta vermelho, desabrochando. Havia algum tempo, porém, ele descobrira na filha uma graça nova. Ele não sabia exatamente a que atribuí-la — algumas moças se tornavam mulheres graciosas, outras continuavam sendo moças por toda a vida —, mas eis que de repente Katie era toda graça, toda paz e serenidade...

Naquela tarde, ao sair da loja, ela beijara o rosto do pai dizendo “Até mais tarde, pai”, e cinco minutos depois Jimmy ainda ouvia a voz dela vibrando em seu peito. Era a voz da mãe dela, ele se deu conta de repente, ligeiramente mais baixa e mais confiante do que lembrava ser a voz da filha, e Jimmy deu por si perguntando-se quando a mudança tinha ocorrido e por que só agora tinha notado.

A voz da mãe dela. A mãe dela, morta havia quase catorze anos, e voltando para Jimmy através de sua filha. Dizendo: Agora ela é uma mulher, Jim. Ela já está adulta.

Uma mulher. Puxa! Como pôde acontecer?

* * *

Dave Boyle nem tinha planejado sair naquela noite.

É verdade que era uma noite de sábado, depois de uma longa semana de trabalho, mas ele chegara a uma idade em que o sábado não é muito diferente da terça-feira, e beber num bar não lhe parecia mais agradável que beber em casa. Em casa, pelo menos, era ele quem ficava com o controle remoto.

Por isso haveria de dizer mais tarde, depois de tudo consumado, que a mão do Destino tivera um papel na história. A mão do Destino já interferira na vida de Dave

Boyle antes — ou então a sorte, quase sempre má —, mas ele nunca a sentira como uma mão que *guiava*, antes como uma mão porca e irada. Como se alguém, passando pelo Destino sentado entre nuvens, lhe perguntasse: “Está entediado, Destino?”. E o Destino respondesse: “Sim, um pouco. Eu estava pensando que podia sacanear Dave Boyle, para me distrair”. E o que é que se pode fazer?

Portanto Dave sabia reconhecer o Destino quando o via.

Naquela noite de sábado o Destino, que talvez estivesse fazendo aniversário ou coisa assim, decidiu deixar o velho Dave relaxar um pouco, descarregar a tensão sem ter de aguentar as consequências, e soprou-lhe ao ouvido: “Vai lá, Dave, pode se soltar. Prometo que desta vez não vai haver nenhum revertério”. Era como se Lucy, segurando a bola de futebol para Charlie Brown, tivesse resolvido, uma vez na vida, dar uma de boazinha deixando que ele chutasse. Porque a coisa não foi planejada. Não foi. Dave, sozinho, tarde da noite, nos dias que se seguiram, ergueria as mãos como se estivesse falando a um júri, para dizer baixinho à cozinha vazia: “Vocês têm que entender. Não foi uma coisa planejada”.

Naquela noite, ele acabara de descer as escadas, depois do beijo de boa-noite em seu filho Michael, e estava indo em direção à geladeira para pegar uma cerveja, quando sua mulher, Celeste, lembrou-o de que era a Noite das Amigas.

“De novo?”, disse Dave abrindo a geladeira.

“Já se passaram quatro semanas”, disse Celeste naquele tom musical que dava nos nervos de Dave.

“É mesmo?” Dave encostou-se na lavadora de louça e abriu a cerveja. “Qual o programa desta noite?”

“*Lado a lado*”, disse Celeste, os olhos brilhando, as mãos juntas.

Uma vez por mês, Celeste e três colegas de trabalho do salão de beleza Ozma reuniam-se no apartamento de Dave e Celeste Boyle para ler cartas de tarô umas para as outras, tomar muito vinho e preparar algum prato nunca experimentado antes. Elas coroavam a noite assistindo a algum dramalhão, em geral a história de uma mulher ambiciosa mas solitária, que terminava por conhecer o grande amor com um velho caubói de pica grossa e colhões murchos, ou então sobre duas jovens que descobriam o verdadeiro sentido da feminilidade e o quanto sua amizade era profunda, e logo depois uma delas contraía uma séria doença no terceiro ato e morria, bela e impecavelmente penteada, numa cama do tamanho do Peru.

Dave tinha três opções na Noite das Amigas: ele podia ir para o quarto de Michael e vê-lo dormir, refugiar-se no quarto de trás, que ele partilhava com Celeste, e ficar pulando de canal em canal, ou simplesmente se mandar para um lugar onde não tivesse que escutar quatro mulheres fungando, porque Pica Grossa finalmente concluía que não queria se deixar prender por nenhum laço e decidia voltar para as montanhas em busca das alegrias de uma vida simples.

Dave normalmente escolhia a opção nº 3.

E naquela noite não foi diferente. Ele terminou sua cerveja, beijou Celeste, sentiu

uma pequena onda de calor se espalhar no vazio de seu ventre quando ela agarrou a sua bunda para lhe retribuir o beijo com ardor, e então andou até a porta, desceu as escadas, passou pelo apartamento de McAllister, saiu pela porta da frente e mergulhou na noite de sábado dos Flats. Ele pensou em ir andando até o Bucky ou o Tap, ficou indeciso por alguns minutos em frente do prédio, mas então resolveu pegar o carro. Talvez ir até o Point, dar uma espiada nas estudantes e nos yuppies que nos últimos tempos apareciam por ali em bandos; na verdade, eram tantos a se acotovelarem no Point que alguns terminavam por se esparramar pelos Flats.

Eles disputavam os prédios de tijolos de dois andares que, de repente, já não tinham o aspecto de prédios de dois andares mas de edifícios no estilo Queen Anne. Cercados de andaimes, eles eram esvaziados por operários que trabalhavam dia e noite, até o momento em que, três meses mais tarde, os grã-finos paravam seus Volvos na frente e carregavam para dentro suas caixas com produtos de grife. O jazz escapava docemente por suas janelas protegidas por telas, e eles compravam coisas como vinho do Porto na Eagle Liquors, passeavam com seus cãezinhos ridículos pelo quarteirão e mandavam aparar seus minúsculos gramados com grande capricho. Até aquela altura a mudança afetava apenas os prédios de tijolos, próximos à Galvin Street e à Twoomey Avenue, mas se o Point pudesse servir como base de comparação, logo se multiplicariam os automóveis Saab e sacolas de lojas finas até o canal, na parte baixa dos Flats.

Uma semana antes, McAllister, o senhorio de Dave, dissera-lhe (assim como quem não quer nada): “O valor dos imóveis está subindo. Eu diria mesmo que está disparando”.

“Então espere um pouco, não o venda já”, disse Dave olhando para o edifício onde ele morava havia dez anos no mesmo apartamento. “E mais adiante você...”

“Mais adiante?”, disse McAllister fitando-o. “Dave, esses impostos podem acabar comigo. Eu só disponho de minha pensão, por Deus. Se eu não o vender logo, a merda do fisco vai me tomar o imóvel dentro de dois, talvez três anos.”

“Para onde você vai?”, perguntou Dave, enquanto pensava “Para onde eu vou?”

McAllister sacudiu os ombros. “Não sei. Talvez para Weymouth. Tenho uns amigos em Leominster.”

Dissera aquilo como se já tivesse dado alguns telefonemas e visitado algumas casas.

Enquanto andava no seu Accord em direção ao Point, Dave tentava lembrar se conhecia alguém de sua idade, ou mais novo que ele, que ainda estivesse morando ali. Quando parou num sinal vermelho, viu dois yuppies com as mesmas camisetas cor de vinho, e com as mesmas bermudas cáqui, sentados na calçada diante do que outrora fora a pizzeria Primo. Agora o lugar se chamava Café Society, e os dois yuppies, assexuados e fortes, tomavam sorvete ou iogurte com colher, as pernas bronzeadas cruzadas na altura dos tornozelos e estendidas à frente na calçada, as lustrosas bicicletas esportivas encostadas na vitrine da loja sob a luz branca de néon.

Dave se perguntava onde iria morar se a invasão continuasse. Com o que ele e Celeste ganhavam, se os bares e pizzarias continuassem a se transformar em cafés, teriam muita sorte se pudessem preencher os requisitos para se candidatar a um apartamento de dois

quartos no conjunto habitacional Parker Hill. Seriam então colocados numa lista com uma espera de dezoito meses para poderem se instalar num lugar onde os poços das escadas cheiravam a urina, o cheiro de rato morto empestava as paredes mofadas, e onde os drogados e os artistas do canivete automático perambulavam pelos corredores, esperando o momento em que algum branco desse mole.

Depois que um delinquente de Parker Hill tentara pegar seu carro quando ele estava com Michael, Dave passou a andar com um vinte e dois debaixo do banco. Nunca atirara com ele, nem mesmo num estande de tiro, mas costumava empunhá-lo, fingindo fazer pontaria em alguma coisa. Ele imaginou com que cara aqueles yuppies clonados iriam ficar se lhes enfiasse um berro nas fuças, e sorriu.

O sinal abriu, ele continuou parado, as buzinas começaram a tocar atrás dele e os yuppies levantaram a vista e olharam para seu carro amassado, procurando entender o motivo daquele tumulto em seu novo bairro.

Dave atravessou o cruzamento, oprimido por aqueles olhares súbitos e sem razão de ser.

Naquela noite Katie Marcus saiu com suas melhores amigas, Diane Cestra e Eve Pigeon, para comemorar a última noite de Katie nos Flats, provavelmente a última noite em Buckingham. Comemorar como se as ciganas as tivessem coberto de ouro em pó, dizendo que todos os seus sonhos se realizariam. Como se tivessem sido sorteadas com um bilhete premiado e recebido o resultado negativo de um teste de gravidez num mesmo dia.

Elas colocaram seus maços de cigarros mentolados numa mesa no fundo do Spires Pub e tomaram umas boas doses de bebidas fortes e de Mich Light. Riam às gargalhadas a cada vez que um garotão sarado lhes lançava um Olhar Fatal. Elas tinham saboreado um jantar arrasador no East Coast Grill uma hora antes, depois voltaram de carro para Buckingham e acenderam um baseado no estacionamento antes de entrar no bar. Tudo — as velhas histórias que elas já tinham se contado uma centena de vezes, a da última surra que Diane levava do sacana do namorado, a marca de batom que de repente aparecera no rosto de Eve, os dois sujeitos rechonchudos saracoteando em volta da mesa de bilhar — lhes parecia engraçadíssimo.

Quando o lugar ficou apinhado a ponto de os clientes formarem quatro fileiras na frente do balcão, tendo de esperar uns vinte minutos para conseguir sua bebida, elas resolveram ir ao Curley's Folly, no Point. Enquanto fumavam outro baseado no carro, Katie sentiu a ferroadada da paranoia em sua cabeça.

“Tem um carro nos seguindo.”

Eve deu uma olhada nos faróis pelo retrovisor.

“Não tem.”

“Ele está atrás de nós desde que saímos do bar.”

“Ora, Katie, a gente saiu há uns trinta segundos.”

“Ah.”

“Ah”, repetiu Diane, em seguida riu entre soluços, devolvendo o baseado a Katie.

“Aqui é muito quieto”, disse Eve com uma voz subitamente séria.

Katie viu imediatamente aonde ela queria chegar. “Cale a boca.”

“Quieto demais”, concordou Diane, e caiu na gargalhada.

“Suas putas”, resmungou Katie tentando parecer irritada, mas desatando a rir. Ela se deixou cair no banco de trás, mas errou o cálculo e sua cabeça foi parar entre a porta do carro e o assento, e ela sentiu o estranho formigamento que a acometia toda vez que fumava maconha. A explosão de riso foi se acalmando, enquanto ela contemplava a fraca lâmpada do teto do carro. Logo ela se pôs a devanear, começando a pensar que era para isso que se vivia no final das contas, para rir feito uma louca com as melhores amigas, na véspera do casamento com o homem amado. (É verdade que em Las Vegas. É verdade que de ressaca.) Mas o importante era aquilo. Aquele é que era o sonho.

Depois de quatro bares, três tragos e uns dois números de telefone anotados em guardanapos, Katie e Diane estavam tão bêbadas que subiram no balcão do McGills e dançaram “Brown Eyed Girl”, ainda que a vitrola automática estivesse desligada. Eve cantava “Escorregando e deslizando”, Katie e Diane, imitando a letra da música, “deslizavam por toda a cascata contigo”, balançando os quadris e sacudindo os cabelos de modo a cobrirem o rosto. No McGills, os fregueses ficaram fascinados, mas vinte minutos depois, no Brown, as três amigas não conseguiram nem passar pela porta.

A essa altura, Diane e Katie seguravam uma Eve que continuava cantando (dessa vez, “I Will Survive”, de Gloria Gaynor), o que era metade do problema, e que balançava feito um metrônomo, o que era a outra metade.

Assim, elas foram expulsas do Brown antes mesmo de entrar, o que significava, para três moças de East Bucky, já trançando as pernas, que a única opção que restava era o Last Drop, um inferninho sufocante na pior zona dos Flats — um verdadeiro museu de horrores que se estendia por três blocos de casas, onde putas e rufiões drogados cumpriam seu ritual de acasalamento e onde qualquer carro sem alarme não durava mais que um minuto e meio.

Era lá que estavam quando Roman Fallow apareceu com sua última conquista — uma fulana que parecia um peixinho de aquário, pois ele gostava de mulheres baixinhas, loiras e de olhos grandes. A chegada de Roman era uma boa notícia para os garçons, porque ele costumava dar gorjetas de uns cinquenta por cento. E má notícia para Katie, porém, porque Roman era amigo de Bobby O'Donnell.

“Está de cara cheia, Katie?”, disse Roman.

Katie sorriu, porque Roman a assustava. Roman assustava quase todo mundo. Sujeito boa-pinta e esperto, conseguia ser divertidíssimo quando queria, mas havia um buraco em Roman, uma completa falta de qualquer coisa relacionada com um sentimento verdadeiro — algo que pendia de seus olhos como uma tabuleta, na qual se podia ler “Desocupado”.

“Estou um pouco alta”, ela admitiu.

Isso pareceu divertir Roman. Ele lhe deu um riso breve, revelando os dentes perfeitos, e tomou um gole de gim. “Um pouco alta, hein? Está certo, Katie. Deixe-me perguntar uma coisa”, disse ele delicadamente. “Você acha que Bobby vai gostar de ouvir que você estava fazendo um papelão no McGills esta noite? Você acha que ele vai gostar de ouvir isso?”

“Não.”

“Porque eu não gostei de saber disso, Katie. Está entendendo?”

“Sim.”

Roman pôs as mãos em concha na altura do ouvido. “O que você disse?”

“Sim.”

Roman deixou a mão na mesma posição e inclinou-se em direção a ela. “Desculpe. O que você disse?”

“Vou para casa agora mesmo”, disse Katie.

Roman sorriu. “Tem certeza? Não quero que você faça nada que não queira.”

“Não, não. Já chega.”

“Claro, claro. Posso pagar a sua conta?”

“Não, não. Obrigada, Roman, já está paga.”

Roman pôs o braço nos ombros da namorada. “Quer que eu chame um táxi?”

Katie quase caiu na besteira de dizer que viera de carro, mas acordou a tempo. “Não, não. A esta hora da noite? A gente pega um fácil aí na rua.”

“Está certo. Tudo bem então, Katie, a gente se vê.”

Eve e Diane a estavam esperando na porta, para onde tinham corrido quando avistaram Roman.

Lá fora, na calçada, Diane perguntou: “Jesus. Você acha que ele vai ligar para Bobby?”.

Katie fez que não com a cabeça, embora não parecesse muito segura. “Não. Roman não gosta de dar más notícias. Ele simplesmente toma as providências.” Ela pôs a mão no rosto por um instante, sentindo-se dominar pelo peso da solidão e pela sensação de que o álcool se transformava num líquido viscoso em seu sangue. Ela sempre se sentira só, desde que a mãe tinha morrido, e sua mãe morrera muito, muito tempo antes.

No estacionamento, Eve vomitou, e um pouco do vômito salpicou as rodas traseiras do Toyota azul de Katie. Quando ela terminou, Katie tirou um colutório da bolsa e deu o frasquinho a Eve. “Você vai poder dirigir numa boa?”, perguntou Eve.

Katie fez que sim. “Daqui até lá são uns catorze quarteirões no máximo, não são? Posso dirigir sem problema.”

Enquanto saíam do estacionamento, Katie disse: “Mais um motivo para ir embora. Mais uma razão para dar o fora desse bairro de merda”.

Diane deixou escapar um “é” não muito convicto.

Elas foram avançando devagar pelos Flats, Katie mantendo o ponteiro nos vinte e cinco, mantendo a direita com todo o cuidado. Elas seguiram a Dunboy por uns doze

quarteirões, depois dobraram na Crescent, as ruas mais escuras, mais silenciosas. Na parte baixa dos Flats, elas seguiram pela Sydney Street, em direção à casa de Eve. Durante o trajeto, Diane resolveu que iria dormir no sofá de Eve, em vez de ir à casa de seu namorado Matt e levar bronca por aparecer naquele estado. Assim, Diane e Eve desceram do carro num trecho mal iluminado da Sydney Street. Começara a chover, e as gotas fustigavam o para-brisa de Katie, mas Diane e Eve pareciam não ter notado.

As duas se inclinaram e olharam pela janela oposta à do motorista. O incidente desagradável do fim da noite refletia-se nos rostos cansados e nos ombros curvos, e Katie sentia a tristeza das amigas enquanto contemplava as gotas de chuva no para-brisa. Podia sentir pesar sobre elas o resto de suas vidas estreitas e infelizes. Suas melhores amigas desde o jardim de infância, e ela nunca mais as veria.

“Você vai ficar bem?” A voz de Diane tinha um tom agudo, esfuziante.

Katie voltou o rosto para elas e sorriu, mas com tanto esforço que sentia como se o queixo fosse se partir. “Sim, claro. Ligo para vocês de Las Vegas. E venham me visitar.”

“As passagens de avião são baratas”, disse Eve.

“Baratíssimas.”

“Baratíssimas”, concordou Diane, e a voz morreu quando ela olhou para a calçada esburacada.

“Certo”, disse Katie, a palavra parecendo explodir na sua boca. “Vou embora antes que alguém comece a chorar.”

Eve e Diane estenderam as mãos através da janela e Katie as apertou demoradamente, e então elas se afastaram do carro e acenaram. Katie acenou de volta, buzinou e partiu.

Elas ficaram na calçada olhando, imóveis, muito tempo depois que os faróis traseiros do carro de Katie se acenderam e ela fez a curva fechada no meio da Sydney Street. Elas sentiam que ainda havia outras coisas a dizer. Elas sentiam o cheiro de chuva e o cheiro metálico do Penitentiary Channel, cujas águas escuras rolavam silenciosamente do outro lado do parque.

Pelo resto de sua vida, Diane iria desejar ter permanecido naquele carro. Ela daria à luz um filho em menos de um ano e iria contar-lhe, enquanto ele ainda era jovem (antes que ficasse como seu pai, antes que se tornasse mesquinho, antes que dirigisse bêbado e atropelasse uma mulher esperando para atravessar a rua, no Point), que ela pensava ter sido destinada a ficar naquele carro, e que, ao decidir sair dele, num átimo, sentira que tinha alterado alguma coisa, desviando o curso normal dos acontecimentos. Iria carregar aquilo consigo, com uma sensação avassaladora de que tinha passado a vida como uma observadora passiva dos impulsos trágicos dos outros, impulsos que nunca se empenhara o bastante em conseguir refrear. Iria repetir essas mesmas coisas novamente ao visitá-lo na prisão, e ele iria sacudir os ombros, mexer-se na cadeira e dizer: “Lembrou de trazer os cigarros, mãe?”.

Eve iria casar-se com um eletricitista e mudar-se para um rancho em Braintree. Por vezes, tarde da noite, ela pousaria a mão no peito forte e brando do marido e se poria a falar longamente de Katie, daquela noite, e ele ficaria ouvindo e afagando seus cabelos e

suas costas, embora não dissesse praticamente nada, porque não havia o que dizer. Às vezes, Eve sentia necessidade apenas de falar o nome da amiga, de ouvi-lo, senti-lo demorar-se em sua língua. Eles teriam filhos. Eve iria assistir aos seus jogos de futebol, permanecendo nas laterais, e de vez em quando seus lábios iriam se abrir e articular o nome de Katie, em silêncio, para si mesma, nos campos molhados de abril.

Mas naquela noite elas eram apenas duas jovens de East Bucky, e Katie as viu desaparecer de seu retrovisor quando entrou na Sydney e tomou a direção de casa.

Naquela hora da noite tudo ali se encontrava deserto, pois quatro anos antes a maioria das casas sobranceiras ao Pen Channel Park tinham queimado num incêndio que as reduzira a carcaças escurecidas, agora fechadas com tábuas. Katie só queria chegar em casa, se enfiar na cama, levantar-se de manhã e já estar longe antes que Bobby ou seu pai pensassem em procurá-la. Ela queria livrar-se daquele lugar, como a gente se livra de roupas molhadas numa chuva repentina. Queria amassá-lo, fazer uma bola com ele, jogá-lo longe e nunca mais tornar a vê-lo.

E ela se lembrou de uma coisa que fazia anos não se lembrava. Lembrou-se de estar andando no zoológico com sua mãe, quando tinha cinco anos de idade. Lembrou-se daquilo não por algum motivo especial, mas porque o cheiro de maconha entranhado em suas narinas e o álcool em seu cérebro devem ter dado um encontrão na célula onde a lembrança estava guardada. Sua mãe a levava pela mão, enquanto andavam pela Columbia Road em direção ao zoológico, e Katie sentia os ossos da mão de sua mãe, na altura do punho, estremecendo levemente sob a pele. Ela olhou para o rosto magro da mãe e para os olhos fundos, o nariz tornado aquilino pela perda de peso, o queixo pontudo. E Katie, que tinha cinco anos, era curiosa e triste, disse: “Por que a senhora vive sempre cansada?”.

O rosto da mãe, anguloso e chupado, pareceu desmontar. Agachou-se ao lado de Katie, colocou as mãos no rosto da filha, fitando-a com olhos avermelhados. Katie pensou que ela estava louca, mas aí sua mãe sorriu, e o sorriso transformou-se imediatamente num ricto triste, o queixo se pôs a tremer, e ela disse: “Ah, minha filhinha”, e puxou Katie para si. Ela colou o queixo no ombro de Katie e disse: “Ah, minha filhinha”, novamente, e então Katie sentiu as lágrimas da mãe em seu cabelo.

Ela podia senti-las agora mesmo, o leve chuvisco de lágrimas em seus cabelos, como o leve chuvisco em seu para-brisa, e estava tentando lembrar-se da cor dos olhos da mãe, quando viu o corpo caído no meio da rua. Ele jazia como um saco bem na frente de seus pneus e ela guinou para a direita, sentindo alguma coisa bater sob o pneu traseiro esquerdo e pensando “Oh, Jesus, oh, Deus, não, diga-me que não o atrolei, por favor, Jesus Deus, não”.

O Toyota bateu contra a calçada à direita, o pé de Katie deslizou no pedal da embreagem, o carro sacolejou, o motor engasgou, depois silenciou.

Alguém a chamou. “Ei, você está bem?”

Katie o viu aproximar-se e começou a relaxar porque ele parecia familiar e amistoso, até o momento em que notou a arma em sua mão.

Às três da manhã, Brendan Harris finalmente caiu no sono.

Ele adormeceu sorrindo, Katie pairando acima dele, dizendo-lhe que o amava, sussurrando seu nome, e seu doce hálito era como um beijo em sua orelha.

4. Agora quase não saio de casa

Dave Boyle terminou ficando no McGills naquela noite, sentado ao lado de Stanley, o Grandalhão, no ângulo do balcão, vendo os Sox jogarem fora de casa. Pedro Martinez fazia um jogão, de forma que os Sox estavam dando um banho nos Angels; lançava a bola com tal força que ela tomava forma de um comprimido de Advil. No terceiro *inning*, os batedores dos Angels estavam desarvorados; no sexto, pareciam loucos para voltar para casa e fazer planos para a noite. Quando Garret Anderson rebateu, sem muita força, uma bola alta, e ainda assim marcou um tento, tirando de Pedro a possibilidade de ganhar o jogo sem que a equipe adversária fizesse ao menos um ponto, acabou-se o pouco de excitação que havia nas arquibancadas, motivada por um escore de oito a zero, e Dave se surpreendeu prestando mais atenção às luzes e aos torcedores do Estádio Anaheim que ao próprio jogo.

Ele observava principalmente os rostos nas arquibancadas — a decepção e o cansaço resignado que se liam em suas fisionomias davam a impressão de que os torcedores sofriam mais com a derrota do que os próprios jogadores na cabine. E talvez assim fosse. Dave imaginou que para alguns deles aquele era o único jogo a que assistiriam naquele ano. Tinham trazido os filhos, a mulher, tinham saído de suas casas, internando-se na noite californiana, carregados de caixas de isopor para o piquenique no estacionamento. Tinham comprado cinco ingressos baratos que, embora não garantissem uma boa visão do jogo, pelo menos lhes poupavam dinheiro para cobrir a cabeça das crianças com bonés de vinte e cinco dólares, comer sanduíches de seis dólares e cachorros-quentes de quatro dólares e cinquenta, tomar Pepsi aguada e picolés grudentos que se derretiam e lhes sujavam os pelos dos punhos. Tinham vindo para se sentir animados, exaltados — Dave o sabia —, para se sentir transportados para fora de sua existência pelo raro espetáculo da vitória. Razão pela qual as arenas e os estádios de beisebol sempre lembravam catedrais feericamente iluminadas, preces murmuradas e o batimento de quarenta mil corações unidos pela mesma esperança coletiva.

Ganhem por mim, rapazes. Ganhem por meus filhos. Ganhem por meu casamento, para que eu possa levar no carro o seu triunfo, inebriar-me dele com minha família quando estivermos voltando a nossas vidas sem glória.

Ganhem por mim. Ganhem. Ganhem. Ganhem.

Mas quando a equipe perdia, essa esperança coletiva se esfacelava, e com ela toda a ilusão de união partilhada com os outros fiéis. Seu time o traiu, o que servia apenas para lembrá-lo de que você sempre perdia quando tentava alguma coisa. Que seus sonhos sempre davam em nada. Então você ficava ali sentado, entre os restos de embalagens de celofane, os restos de pipoca e copos de papel encharcados, a contemplar uma vez mais o naufrágio de sua existência, tendo pela frente a perspectiva de uma longa marcha sinistra,

por um estacionamento sinistro, entre hordas de estranhos bêbados e furiosos, em companhia de três crianças emburradas e de uma esposa silenciosa, fazendo as contas de suas derrotas. E tudo isso para finalmente chegar em casa, o próprio lugar de onde aquela catedral prometera tirá-los.

Dave Boyle, ex-estrela interbase das gloriosas equipes de beisebol da Escola Técnica Dom Bosco entre 1978 e 1982, sabia que poucas criaturas no mundo são mais rabugentas que os torcedores. Ele sabia o que era precisar deles, odiá-los, cair de joelhos diante deles implorando por mais um urro de aprovação, sabia o que era baixar a cabeça quando se tinha ferido o coração da torcida, que então rugia de cólera.

“Você viu aquelas meninas?”, disse de repente Stanley, o Grandalhão. Dave levantou os olhos e viu duas moças de pé no balcão do bar, dançando, enquanto uma terceira cantava, desafinado, “Brown Eyed Girl” — as duas do balcão rebolando a bunda e balançando os quadris. A da direita era carnuda, com olhos cinza-brilhantes que pareciam dizer “fodam-me”, e Dave imaginou que ela atingira o estágio efêmero da flor da idade, que ela ainda seria uma bela foda por mais uns seis meses. Mas dali a dois anos — podia-se perceber observando-lhe o nariz — ela estaria gorda e flácida, usando roupas caseiras, e ninguém poderia imaginar que havia tão pouco tempo ela fora capaz de inspirar tanto desejo.

A outra, em compensação...

Dave a conhecia desde que ela ainda era criança — Katie Marcus, filha de Jimmy e da falecida Marita, agora enteada da prima de sua mulher, Annabeth, mas já parecendo totalmente adulta, cada centímetro de seu corpo firme e fresco desafiando as leis da gravidade. Observando-a dançar, empinar-se, girar e sorrir, os cabelos loiros caindo-lhe sobre as faces como um véu e depois voando para trás quando ela sacudia a cabeça e mostrava a pele leitosa do colo gracioso, Dave sentia um desejo louco, ardente feito uma chama, que brotava dentro dele e que não surgia do nada. O desejo emanava de Katie. Ele circulava entre o corpo dela e o seu, alimentado pela súbita expressão de sua figura suada mostrando que o tinha reconhecido, quando seus olhos se cruzaram, quando ela sorriu e lhe fez um pequeno aceno com a mão, e este se insinuou por entre os ossos de seu peito, indo-lhe direto ao coração.

Ele lançou um olhar aos outros fregueses, os olhos esgazeados enquanto olhavam as moças dançarem como se fossem dádivas enviadas por Deus. Dave percebia em suas faces o mesmo anelo que vira nos torcedores dos Angels durante os primeiros *innings*, um desejo triste, mesclado à aceitação do fato de que iriam para casa sem ter seus desejos satisfeitos. Que só lhes restaria bater uma punheta no banheiro, altas horas da noite, enquanto suas mulheres e filhos roncavam em seus quartos.

Vendo Katie saracotear no balcão qual uma miragem, Dave lembrou-se de repente de Maura Keaveny, nua embaixo dele, a fronte coberta de gotas de suor, o olhar vago nublado pelo álcool e pelo desejo. Desejo por ele. Dave Boyle. Estrela do beisebol. Orgulho dos Flats durante três breves anos. Àquela época, ninguém se referia a ele como o pobre menino sequestrado quando tinha dez anos. Não, agora ele era o herói do bairro.

Maura em sua cama. O Destino do seu lado.

Dave Boyle. Que ignorava, então, quanto os futuros podem ser curtos. Quão depressa podem desaparecer, deixar você sem nada a não ser um presente interminável sem surpresas, sem razões para ter esperança, reduzido a uma sucessão de dias que se emendam uns nos outros, tão parecidos no final das contas que o ano se acaba enquanto o calendário da cozinha continua em março.

Nunca mais vou sonhar, você tinha decidido. Não vou mais me expor ao sofrimento. Mas então seu time desempatou, ou então você viu um filme, um anúncio publicitário mostrando Aruba banhada na luz alaranjada do crepúsculo, ou então uma moça que tem mais que uma semelhança vaga com outra com quem você teve um caso no colégio — uma mulher a quem você amou e perdeu — dançando lá no alto, à sua frente, com olhos brilhantes, e você dissera: “Foda-se, vamos sonhar só mais uma vez”.

Um dia, quando Rosemary Savage Samarco estava para morrer (pela quinta vez, de um total de dez), confiou a sua filha, Celeste Boyle: “Juro por Deus, o único prazer que tive em minha vida foi o de encher o saco de seu pai”.

Celeste lhe deu um sorriso vago e tentou se esquivar, mas os dedos artríticos de sua mãe, feito tenazes, apertavam-lhe o punho como se fossem partir-lhe os ossos.

“Ouça o que eu estou dizendo, Celeste. Estou morrendo. Não poderia estar falando mais sério. É o que se tem na vida — quando se tem *sorte* — e em geral não é grande coisa. Amanhã não estarei mais neste mundo, e quero que minha filha entenda: Você tem direito a uma coisa. Está entendendo? Só a uma coisa no mundo que lhe dá prazer. No meu caso, era encher o saco do filho da puta do seu pai, sempre que podia.” (Seus olhos brilhavam e a saliva afluía-lhe nos lábios.) “E sabe de uma coisa? Ele terminou por gostar disso.”

Celeste enxugou a testa da mãe com uma toalha, sorriu-lhe e disse “Mamãe” numa voz suave e amorosa. Limpou a saliva dos lábios da mãe e acariciou-lhe a mão, pensando o tempo todo: “Tenho que sair daqui. Desta casa, deste bairro, deste lugar louco onde o cérebro das pessoas se deteriora pelo fato de serem pobres, enfurecidas e desamparadas há tanto tempo que já não podem fazer nada para mudar o que quer que seja”. Sua mãe sobrevivera, porém. Ela sobreviveu à colite, a crises de diabetes, insuficiência renal, dois enfartos do miocárdio, tumores malignos num seio e no cólon. Certo dia seu pâncreas parou de funcionar — assim, sem mais nem menos — e então de repente voltou a funcionar, uma semana depois, a ponto de os médicos terem perguntado a Celeste, por várias vezes, se podiam estudar o corpo de sua mãe quando ela morresse.

Nas primeiras vezes, Celeste perguntava: “Que parte do corpo?”.

“Tudo.”

Rosemary Savage Samarco tinha um irmão nos Flats a quem ela odiava, duas irmãs que moravam na Flórida, com quem não falava, e tanto encheu o saco do marido que ele terminou por descer prematuramente ao túmulo para escapar dela. Celeste era sua única filha, depois de oito abortos. Quando era pequena, Celeste costumava imaginar todos

aqueles quase-irmãos e quase-irmãs pairando no limbo, e pensava: “Vocês escaparam de boa”.

Adolescente, estava certa de que um dia alguém viria e a levaria para bem longe de tudo aquilo. Não era feia. Não era amarga, tinha boa índole, sabia rir. No fim das contas, achava que terminaria por acontecer. O problema é que, embora tivessem surgido alguns pretendentes, nenhum lhe parecia ser o pretendente. A maioria era de Buckingham, quase todos uns coitados do Point e dos Flats, alguns de Rome Basin, e um rapaz de um bairro chique que ela conhecera na escola de cabeleireiros de Blaine, mas esse era gay, embora não tivesse ainda se dado conta disso.

O seguro-saúde de sua mãe era uma porcaria, e logo Celeste se viu trabalhando só para pagar uma parte das despesas monstruosas, por conta do tratamento de doenças monstruosas, mas não monstruosas o bastante para acabar de uma vez por todas com os sofrimentos de sua mãe. Não que sua mãe não amasse seus sofrimentos. Cada confronto com a doença era um novo trunfo para brandir no grande jogo que Dave chamava de A Vida de Rosemary é Mais Desgraçada Que a Sua. Se estavam assistindo ao noticiário da televisão e aparecia uma mãe desesperada, chorando na calçada por ter perdido a casa e dois filhos num incêndio, Rosemary estalava a língua na boca desdentada e dizia: “Você sempre pode ter outros filhos. Quero ver você viver com uma colite e um pulmão avariado ao mesmo tempo”.

Dave dava um sorriso crispado e ia pegar outra cerveja.

Rosemary, ouvindo o barulho da porta da geladeira na cozinha, dizia a Celeste: “Você é apenas a amante dele, querida. O nome da mulher dele é Budweiser”.

E Celeste respondia: “Mãe, para com isso”.

“O quê?”, perguntava a mãe.

Foi com Dave que Celeste decidiu (resignou-se?) finalmente se casar. Ele era boa-pinta, engraçado, e nada parecia perturbá-lo. À época em que se casaram, ele tinha um bom emprego na Raytheon, sendo responsável pelo setor de correspondência, e mesmo quando perdeu esse emprego em razão de um corte de pessoal, ele terminou arranjando outro no departamento de manutenção de um hotel no centro da cidade (ganhando metade do salário anterior), e nunca se queixava disso. Na verdade Dave nunca reclamava de nada e quase nunca falava de sua infância antes do curso secundário, o que só começou a lhe causar estranheza um ano depois da morte da mãe.

Foi um ataque apoplético que finalmente fez o serviço; Celeste chegou do supermercado e encontrou a mãe morta na banheira, a cabeça tombada de lado, lábios repuxados para o lado direito do rosto, como se ela tivesse mordido alguma coisa extremamente azeda.

Nos meses que se seguiram ao funeral, Celeste consolava-se com a ideia de que pelo menos as coisas seriam mais fáceis sem as constantes censuras e tiradas cruéis de sua mãe. Mas a coisa não foi bem assim. O salário de Dave era mais ou menos igual ao de Celeste, o que dava um dólar por hora a mais do que o McDonald’s paga. Os honorários médicos, que foram se acumulando enquanto Rosemary vivia, não foram lançados à conta da filha,

mas as despesas com o funeral, sim. Celeste contemplava a derrocada financeira de suas vidas — as contas que pagavam ano após ano, o dinheiro que não entrava, o volume das despesas, a nova pilha de gastos com a educação de Michael, o crédito que já não tinham — e sentia-se como se tivessem de passar o resto da vida apertando o cinto. Nem ela nem Dave tinham diplomas nem esperança de os obter, e toda vez que você assistia ao noticiário, aparecia alguém alardeando que a taxa de desemprego estava excepcionalmente baixa e que a população se sentia segura em relação ao emprego; não obstante, ninguém esclarecia que isso dizia respeito principalmente ao trabalho qualificado e a pessoas dispostas a aceitar empregos temporários, sem nenhuma assistência médica ou odontológica e sem nenhuma possibilidade de fazer carreira.

Às vezes, Celeste ia sentar-se no vaso sanitário, ao lado da banheira onde encontrara sua mãe morta. Ela ficava no escuro, perguntando-se — tentando não chorar — como chegara àquela situação, e era exatamente isso que ela estava fazendo às três horas da manhã de domingo quando Dave surgiu na porta do banheiro, coberto de sangue.

Ele ficou perturbado ao encontrá-la ali e saltou para trás quando ela se levantou.

“Querido, o que aconteceu?”, perguntou ela correndo em sua direção.

Ele saltou para trás novamente e seu pé bateu na soleira da porta. “Fui esfaqueado”.

“O quê?”

“Fui esfaqueado.”

“Dave, meu Deus. O que *aconteceu*?”

Ele levantou a camisa e Celeste viu um comprido corte no tórax, vertendo sangue.

“Meu Deus, você tem que ir ao hospital.”

“Não, não”, disse ele. “Olhe aqui, o corte não é tão profundo. Só que está sangrando como o diabo.”

Era verdade. Ela olhou novamente e viu que o ferimento não tinha mais de dois ou três milímetros de profundidade. Mas era extenso. E sangrava, embora não tanto que pudesse explicar o sangue em sua camisa e em seu pescoço.

“Quem fez isso?”

“Um negro maluco, cheio de crack”, disse ele enquanto tirava a camisa e a jogava na pia. “Querida, eu fodi com a raça dele.”

“Você o quê? Como?”

Ele olhou para ela, olhos inquietos. “O cara tentou me assaltar, certo? Então parti para cima dele. Aí ele me esfaqueou.”

“Você peitou um cara que estava com uma *faca*, Dave?”

Ele abriu a torneira, enfiou a cabeça na pia, bebeu um pouco de água. “Não sei por quê. Eu pirei. Quer dizer, eu pirei de verdade, entende? Eu acabei com o cara.”

“Você...?”

“Eu acabei com ele, Celeste. Eu fiquei emputecido quando senti a faca entrando em minha carne, entende? Eu o derrubei, subi em cima dele e depois... depois eu *explodi*.”

“Quer dizer então que foi legítima defesa?”

Ele fez um gesto com a mão para significar “algo do tipo”. “Para falar a verdade, não

sei se o juiz veria as coisas desse modo.”

“Não acredito numa coisa dessas”, disse ela segurando-lhe os pulsos. “Querido, diga-me exatamente o que aconteceu.”

E por um quarto de segundo, olhando para o rosto dele, ela sentiu náusea. Sentiu alguma coisa oblíqua escondendo-se em seus olhos, uma alegria perversa e satisfeita de si.

Era a luz, concluiu ela, o reflexo da lâmpada fluorescente sobre sua cabeça, porque quando ele encostou o queixo em seu peito, acariciando-lhe as mãos, a náusea desapareceu e o rosto dele voltou ao normal — assustado, mas normal.

“Vou andando em direção ao carro”, disse ele, e Celeste sentou-se novamente no vaso sanitário, enquanto Dave se ajoelhava à sua frente. “Aí o cara vem em minha direção, pede-me fogo. Digo que não fumo. O cara diz que ele também não.”

“Ele também não.”

Dave fez que sim. “Então, meu coração disparou. Porque não havia *ninguém* por perto, exceto eu e ele. E foi aí que eu vi a faca e ele disse: ‘A carteira ou a vida, seu puto. Só vou embora com uma ou outra’.”

“Foi isso que ele disse?”

Dave inclinou-se para trás, pendeu a cabeça. “Por quê?”

“Nada.” Por alguma razão, parecia a Celeste que aquilo soava muito elaborado, como no cinema. Mas atualmente todo mundo vê filmes, ainda mais com a tv a cabo, portanto, talvez o assaltante tenha aprendido aquela fala com algum assaltante de filme, e passou a noite ensaiando-a no espelho até achar que estava falando como Wesley ou Denzel.

“Então... então”, disse Dave. “Aí eu: ‘Calma, meu. Me deixe pegar o carro e ir para casa’, o que foi uma *besteira*, porque aí ele quis as chaves do carro também. E simplesmente não sei, querida, em vez de sentir medo, eu pirei. Talvez por causa do uísque, não sei, aí tentei passar por ele e foi então que ele me esfaqueou.”

“Pensei que você tinha dito que partiu para cima dele.”

“Celeste, você me deixa contar a porra da história, por favor?”

Ela tocou em seu rosto. “Desculpe-me, amor.”

Ele beijou-lhe a palma da mão. “Então, ele me empurrou contra o carro e me atacou, e eu tirei o corpo fora para me livrar do soco, e foi então que o sujeito me cortou, senti a faca entrando em minha pele, e aí eu o acertei. Dei-lhe um murro na cabeça, de lado, e ele não esperava por isso. Ele veio com um ‘Filho da puta’ e eu o acertei novamente, dessa vez na garganta. Aí ele caiu. A faca voou para longe e eu pulei em cima dele e, e, e...”

Dave olhou para dentro da banheira, a boca ainda aberta, lábios franzidos.

“O quê?”, disse Celeste, ainda tentando ver o assaltante atacando Dave com o punho fechado para esmurrá-lo e a outra mão segurando a faca. “O que você fez?”

Dave virou-se para ela, olhou para os seus joelhos. “Eu fiquei puto com ele, querida. Acho que o matei. Bati a cabeça dele no calçamento, esmurrei a cara dele, achatei o nariz, vá saber mais o quê... Eu estava tão louco e com tanto cagaço que a única coisa que me vinha à cabeça era você e Michael, que eu corria o risco de não voltar para casa, que podia morrer numa merda dum estacionamento só porque um vagabundo dum viciado em

crack era preguiçoso demais para ganhar a vida trabalhando.” Ele olhou nos olhos dela e repetiu: “Acho que matei, amor”.

Dave estava com um ar juvenil. Olhos arregalados, rosto pálido e suado, cabelo colado à cabeça pela transpiração e pelo terror e — aquilo era sangue? — sim, sangue.

aids, ela pensou por um momento. E se o cara tivesse aids?

Ela pensou: Não. Cuide do mais imediato. Pense no agora.

Dave precisava dela. Em geral não era assim. E foi então que ela entendeu por que a incomodava o fato de ele nunca se queixar. Quando você se queixa para alguém, você de certa forma está pedindo ajuda, pedindo que a pessoa resolva o que o está incomodando. Mas Dave nunca precisara dela antes, por isso ele nunca reclamara, nem depois de ter perdido empregos, nem quando Rosemary ainda estava viva. Mas agora, ajoelhado à sua frente, dizendo desesperadamente que com certeza matara um homem, estava lhe pedindo que dissesse que ele tinha razão.

E ele realmente tinha. Não tinha? Você tenta assaltar um cidadão honesto, então foda-se se o tiro sai pela culatra. Tanto pior se você morreu, pensava Celeste. Quer dizer, sinto muito, mas ora. Você faz, você paga.

Ela beijou a testa do marido. “Querido”, sussurrou ela. “Tome um banho. Eu cuido das suas roupas.”

“Mesmo?”

“Mesmo.”

“O que você vai fazer com elas?”

Ela não tinha a menor ideia. Queimá-las. Sim, mas onde? Não no apartamento. Sobrava o pátio do edifício. Mas logo lhe ocorreu que alguém a veria queimando roupas no pátio às três da manhã. Ou em qualquer outra hora.

“Vou lavá-las.” Ela disse no momento em que lhe veio a ideia. “Vou lavá-las bem, colocá-las num saco de lixo e depois enterrar.”

“Enterrar?”

“Ou então eu levo o saco para o depósito de lixo. Ou, não, espere”, disse ela enquanto seus pensamentos iam mais rápido que as palavras. “Vamos esconder o saco de lixo até terça de manhã. Dia do lixo, certo?”

“Certo...” Ele abriu o chuveiro, olhando para ela, esperando, enquanto o ferimento escurecia, fazendo-a preocupar-se com a aids novamente, ou talvez hepatite, com as muitas maneiras como o sangue de outra pessoa pode matar ou envenenar.

“Eu sei a hora que eles passam. Sete e meia em ponto, toda semana, exceto na primeira semana de junho, pois as crianças saem de férias, deixam um lixo extra para trás, e então eles passam mais tarde, mas...”

“Celeste, amor. No que você está pensando exatamente?”

“Ah, então quando eu ouvir o barulho do caminhão, desço as escadas como se tivesse esquecido um saco, jogo-o no compactador, certo?” Ela sorriu, embora sem a menor vontade.

Ele pôs uma mão sob a ducha, mantendo todo o resto do corpo voltado para ela.

“Certo, ouça...”

“O quê?”

“Você tem certeza de que é melhor assim?”

“Tenho.”

Hepatite a, b e c, pensou ela. Ebola. Vírus de regiões tropicais.

Os olhos dele se escancararam de novo. “Acho que matei uma pessoa, querida. Meu Deus.”

Ela desejou ir até ele e tocá-lo. Desejou sair daquele aposento. Desejou acariciá-lo no pescoço e dizer para ele que tudo acabaria bem. Desejou sumir dali até poder pensar sobre tudo aquilo.

Ela ficou onde estava. “Vou lavar as roupas.”

“Está bem”, disse ele. “Certo.”

Sob a pia ela encontrou algumas luvas de plástico que costumava usar para limpar o vaso sanitário, calçou-as e as examinou cuidadosamente para ver se tinham algum furo. Quando se convenceu de que não tinham nenhum, pegou a camisa da pia e as calças do chão. As calças também estavam escuras de sangue, e deixaram uma mancha no ladrilho branco.

“Como foi que o sangue sujou suas calças?”

“O quê?”

“O sangue.”

Ele olhou para as calças que pendiam das mãos da mulher, depois para o chão. “Eu estava ajoelhado em cima dele.” Deu de ombros. “Não sei. Acho que espirrou, como na camisa.”

“Ah.”

Seus olhos se encontraram. “É isso.”

“É isso”, disse ela.

“É isso.”

“Então vou lavar estas roupas na pia da cozinha.”

“Certo.”

“Certo”, disse ela, e saiu do banheiro, deixando-o lá, uma mão agitando-se sob a água, esperando que esquentasse.

Na cozinha, ela jogou as roupas na pia, abriu a torneira e ficou olhando o sangue, minúsculos pedacinhos de carne e, oh, Cristo, fragmentos de cérebro, não tinha dúvida, descerem pelo ralo. Não acreditava que o corpo humano pudesse sangrar tanto. Diziam que ele podia conter de cinco a seis litros de sangue, mas para Celeste devia ser muito mais. Certa vez, ainda com dez anos de idade, ela estava correndo num parque com as amigas e tropeçou. Tentando amortecer a queda, apoiou a mão num caco de garrafa que estava na grama. O corte atingiu todas as grandes artérias e veias da mão, e elas só puderam se reconstituir ao longo da década seguinte, porque ela ainda era muito jovem. E mesmo assim, ela só recuperou a sensibilidade na ponta dos dedos quando chegou aos vinte anos. E o que mais a impressionou na época foi o sangue. Quando ela levantou a

mão da grama, o cotovelo formigando como se tivesse sofrido uma pancada bem na ponta, o sangue jorrava para o alto e suas amigas gritaram. Em casa ela encheu a pia de sangue enquanto sua mãe chamava a ambulância. Na ambulância, envolveram o corte com uma atadura grossa como sua coxa, e as camadas de tecido ficaram vermelhas em dois minutos. No hospital, estendida numa padiola branca, ficara observando o líquido vermelho escorrer por entre as dobras do lençol. Quando a padiola se encheu, o sangue gotejou no chão, formando poças, e sua mãe começou a gritar tanto que um dos residentes do pronto-socorro decidiu passar Celeste para o começo da fila. Todo aquele sangue de uma mão.

E agora todo aquele sangue de uma cabeça. E isso porque Dave socara o rosto de outro ser humano e batera sua cabeça no calçamento. Histérico, não havia dúvida. De medo. Ela pôs as mãos enluvadas sob a água da torneira e examinou as luvas mais uma vez, para ver se tinham algum furo. Não havia nenhum. Jogou detergente líquido em toda a camisa e a esfregou, repetindo o processo até que a água já não se tingia mais de rosa. Ela fez a mesma coisa com as calças, e, àquela altura, Dave já saíra do banho e estava sentado à mesa da cozinha, com uma toalha em volta da cintura, olhando para ela enquanto tomava uma cerveja e fumava um dos compridos cigarros brancos que a mãe dela tinha deixado no guarda-louça.

“É foda”, disse ele baixinho.

Ela fez que sim com a cabeça.

“Sabe como é?”, sussurrou ele. “Você sai de casa esperando uma coisa, numa noite de sábado, o tempo está bom, e então...” Ele se levantou e foi para perto dela, encostou-se no fogão e ficou olhando-a torcer a perna esquerda de sua calça. “Por que você não pôs as roupas na máquina de lavar?”

Celeste olhou para ele e notou que o corte em seu tórax já estava todo branco e franzido depois do banho. Ela sentiu uma estranha e irreprimível vontade de rir. Esforçando-se para conter o riso, ela disse: “Para não deixar vestígios, querido”.

“Vestígios?”

“Bem, não tenho bem certeza, mas acho que é mais provável que o sangue e... outras coisas fiquem colados dentro da máquina do que num cano de pia.”

Ele deu um pequeno assobio. “Vestígios.”

“Vestígios”, disse ela, dessa vez com um sorriso, sentindo-se uma perigosa conspiradora, parte de alguma coisa grande e importante.

“Puxa, querida”, disse ele. “Você é genial.”

Ela terminou de torcer a calça, fechou a torneira e fez uma pequena medida.

Eram quatro da manhã, e ela estava mais desperta que estivera por muitos anos. Ela estava desperta como uma criança de oito anos na manhã de Natal. Seu sangue era cafeína.

A vida toda a gente espera por uma ocasião como essa. A gente diz para si mesma que não, mas é assim. Viver um drama. Não o das contas por pagar e o das pequenas brigas de casal. Não. O drama que estava vivendo naquele momento era bem real, mas ultrapassava a vida real. Era hiper-real. Seu marido podia ter matado um bandido. E se esse bandido

estivesse morto mesmo, a polícia iria tentar descobrir quem o matou. E se as pistas a levassem até ali, até Dave, eles iriam precisar de provas.

Ela já os imaginava sentados à mesa da cozinha, cadernos de anotações abertos, cheirando a café e aos bares da noite anterior, fazendo perguntas a ela e a Dave. Eles seriam polidos, o que os faria mais assustadores. E ela e Dave também seriam polidos, não se deixando intimidar.

Porque tudo se resumia a uma questão de provas. E ela simplesmente lavara todos os vestígios na pia da cozinha, mandando-os para a escuridão dos esgotos. Naquela manhã, ela iria remover e lavar o sifão da pia, pô-lo de molho no detergente e depois recolocá-lo no lugar. Iria colocar a camisa e as calças num saco plástico e escondê-lo até terça-feira de manhã, e então jogá-lo na traseira do caminhão de lixo, onde ele seria amassado, triturado, compactado e misturado com ovos podres, restos de frango e de pão mofado. Ela iria fazer isso e sairia dessa missão engrandecida e melhor do que era naquele momento.

“A gente se sente muito só, depois”, disse Dave.

“Depois de quê?”

“Depois de ter feito mal a alguém.”

“Mas você não tinha escolha.”

Ele aquiesceu. Sua pele estava cinzenta na meia-luz da cozinha. Mas ele parecia ainda mais jovem do que havia pouco, como se tivesse acabado de sair das entranhas de sua mãe, ofegante. “Eu sei. É verdade. Mas assim mesmo a gente se sente só. A gente se sente...”

Ela afagou seu rosto, e seu pomo de adão se avolumou quando ele engoliu em seco.

“...um estranho”, disse ele.

5. Cortinas cor de laranja

Às seis horas da manhã de domingo, quatro horas antes da primeira comunhão de sua filha Nadine, Jimmy Marcus recebeu um telefonema de Pete Gilibowski, que estava na loja, dizendo-lhe que já não estava dando conta de atender os fregueses.

“Como assim?”, disse Jimmy sentando-se na cama e olhando para o relógio. “Putá que pariu, Pete, se você e Katie não estão dando conta de atender às seis, como vão fazer às oito, quando chega a primeira leva de gente que sai da missa?”

“Aí é que está o problema, Jim. Katie não está aqui.”

“Como não está?” Jimmy afastou os lençóis e levantou-se da cama.

“Ela não está aqui. Devia ter chegado às cinco e meia, certo? O cara das rosquinhas está buzinando aqui nos fundos, e não tenho mais café por causa...”

“Hum, hum”, resmungou Jimmy e tomou o corredor em direção ao quarto de Katie, sentindo a corrente de ar nos pés descalços, pois o clima das manhãs de maio tinha o mesmo rigor das tardes de março.

“...de um bando de peões de obra que chegou aqui às cinco e quarenta, e, depois de ter rodado pelos bares a noite toda e enxugado algumas garrafas no parque, acabou com todo o nosso estoque de café colombiano e arábico. E a loja está na maior bagunça. Quanto você paga aos rapazes que trabalham no sábado à noite, Jim?”

“Hum, hum”, repetiu Jimmy, abrindo a porta do quarto de Katie, depois de bater de leve. A cama estava vazia e, pior, arrumada, o que significava que ela não dormira em casa naquela noite.

“Porque eu acho que ou você dá um aumento a eles ou então manda todos à merda”, disse Pete. “Vou precisar de uma hora de trabalho para preparar tudo antes de poder... Bom dia, senhora Carmody, o café já está saindo, espere só um segundo.”

“Estou indo aí”, disse Jimmy.

“Sem contar que as pilhas de jornais do domingo ainda estão do jeito que chegaram, com todos os suplementos por cima e com toda essa bagunça...”

“Já disse que estou indo aí.”

“Ah. Vem mesmo? Obrigado.”

“Pete, ligue para Sal, veja se ele pode chegar às oito e meia em vez de dez.”

“Mesmo?”

Jimmy ouviu buzinas furiosas do outro lado da linha. “E, pelo amor de Deus, Pete, abra a porta para o menino de Yser. Ele não vai ficar lá fora o dia inteiro com as rosquinhas.”

Jimmy desligou e voltou ao seu quarto. Annabeth estava sentada na cama, descoberta, bocejando.

“Era da loja?”, disse ela enquanto dava mais um longo bocejo.

Ele fez que sim com a cabeça. “Katie não apareceu.”

“Logo hoje”, disse Annabeth, “no dia da primeira comunhão de Nadine, ela não vai trabalhar. E se ela não aparecer na igreja?”

“Tenho certeza de que ela vai.”

“Não sei, Jimmy. Se ela tomou um porre ontem à noite e não foi à loja, nunca se sabe...”

Jimmy deu de ombros. Era impossível chegar a um acordo com Annabeth quando se tratava de Katie. Annabeth só tinha duas atitudes para com sua enteada: ou se mostrava exasperada e fria, ou radiante por ser sua melhor amiga. Não havia meio-termo, e Jimmy sabia — com um certo sentimento de culpa — que muito dessa confusão se devia ao fato de Annabeth ter entrado em cena quando Katie tinha sete anos, e apenas começava a se familiarizar com o pai, mal tendo se recuperado da morte da mãe. Katie se mostrara franca e honestamente grata por uma presença feminina no apartamento solitário que partilhava com o pai. Mas ela ficara abalada com a morte da mãe — se não de forma irreparável, pelo menos profunda, Jimmy o sabia — e toda vez que essa perda lhe apertava o coração, Katie punha a culpa em sua madrastra, que, cuidando dela no dia a dia, não podia rivalizar com o fantasma idealizado de Marita.

“Pelo amor de Deus”, disse Annabeth quando viu Jimmy vestindo um suéter sobre a camiseta com que tinha dormido e procurando as calças. “Você não vai para lá, vai?”

“Só por uma hora.” Jimmy achou as calças dobradas no pé da cama. “Duas, no máximo. De qualquer forma Sal devia render Katie às dez. Pete está tentando ligar para ele para pedir que vá mais cedo.”

“Sal tem setenta e tantos anos.”

“Por isso mesmo. Você acha que ele ainda está dormindo a essa hora? Com certeza a bexiga o acordou às quatro da manhã e ele deve ter ficado vendo televisão desde aquela hora.”

“Merda.” Annabeth afastou de vez os lençóis e se levantou da cama. “Que coisa, essa Katie. Será que ela vai querer estragar este dia também?”

Jimmy sentiu uma onda de calor lhe subir até a garganta. “Por que *também*? Que outro dia ela estragou nos últimos tempos?”

Enquanto entrava no banheiro, Annabeth levantou as mãos bem alto, descartando a pergunta. “Você ao menos sabe onde ela pode estar?”

“Na casa de Diane ou de Eve”, respondeu Jimmy, ainda irritado com aquele gesto de desprezo que ela acabava de fazer. Annabeth — o amor de sua vida, sem sombra de dúvida — não tinha a menor ideia do quanto conseguia ser fria algumas vezes, não tinha ideia (e isso era típico de toda a família Savage) do efeito corrosivo que seu humor e suas atitudes podiam ter sobre as outras pessoas. “Talvez na casa de um namorado.”

“É? Com quem ela tem andado ultimamente?”, disse Annabeth abrindo o chuveiro e voltando para junto da pia, enquanto esperava a água esquentar.

“Eu achava que você estava mais por dentro do que eu.”

Annabeth fez que não com a cabeça, enquanto remexia no armário procurando a pasta

de dentes. “Ela deixou de se encontrar com o ‘pequeno César’ em novembro. Para mim isso já foi ótimo.”

Jimmy sorriu, enquanto calçava os sapatos. Annabeth sempre chamava Bobby O'Donnell de “pequeno César”, quando não o chamava de coisa muito pior, e não apenas porque ele era baixo e gordinho como Edward G. Robinson. Foram sete meses de grande tensão, desde que Katie começou a sair com ele no último verão, a ponto de os irmãos Savage prometerem dar-lhe uma lição, se fosse preciso, sem que Jimmy conseguisse saber se eles estavam indignados com a ideia de um calhorda como aquele sair com sua querida prima, ou se Bobby O'Donnell começava a constituir uma ameaça para os negócios deles.

A própria Katie rompeu com ele, e a não ser por uma avalanche de telefonemas às três da manhã e uma tentativa abortada de vingança perto do Natal, quando Bobby e Roman Fallow apareceram na frente do prédio, a separação se deu sem maiores problemas.

Jimmy se divertia com a aversão de Annabeth a Bobby O'Donnell, porque às vezes se perguntava se ela o detestava por se parecer com Edward G. e por ter dormido com sua enteada ou por ser um criminoso amador, ao contrário dos irmãos dela, que eram autênticos profissionais, e de seu marido, antes da morte de Marita.

Marita morrera havia catorze anos, quando Jimmy estava cumprindo uma pena de dois anos na penitenciária de Deer Island, em Winthrop. Certo sábado, no horário da visita, enquanto Katie, então com cinco anos, se agitava em seu colo, Marita contou a Jimmy que uma mancha que tinha no braço começara a escurecer, e ela ia consultar um médico. Só por garantia, disse ela. Quatro sábados mais tarde ela estava sendo submetida à quimioterapia. Seis meses depois de lhe ter contado sobre a mancha, ela estava morta, após Jimmy ter sido obrigado a assistir à decadência física de sua mulher, numa sucessão de sábados, do outro lado daquela mesa de madeira escura, marcada por manchas de cigarro, de suor, de esperma, e por mais de um século de lorotas e de lamentos de presidiários. Em seu último mês de vida estava doente demais para ir visitá-lo, fraca demais para escrever, e Jimmy teve de se contentar com telefonemas em que ela se mostrava exausta ou dopada por medicamentos, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Em geral as duas coisas.

“Sabe com que tenho sonhado ultimamente?”, ela lhe perguntou um dia, com voz pastosa. “O tempo todo, agora?”

“Não, querida. Com quê?”

“Com cortinas cor de laranja. Cortinas grandes e grossas...” Ela estalou os lábios e Jimmy a ouviu beber água. “...balançando ao vento, penduradas em compridos varais, Jimmy. Somente a balançar. Balançando, balançando, balançando. Centenas delas nesse campo imenso. Sempre balançando...”

Ele esperou que ela dissesse mais alguma coisa, mas aquilo era tudo, e como não queria que Marita cochilasse no meio da conversa, como acontecera muitas vezes antes, ele disse: “Como está a Katie?”

“Ahn?”

“Como vai a Katie, querida?”

“Sua mãe está cuidando bem de nós. Ela anda triste.”

“Quem? Minha mãe ou Katie?”

“As duas. Sabe, Jimmy, preciso desligar. Estou enjoada, cansada.”

“Está bem, amor.”

“Eu te amo.”

“Eu também te amo.”

“Jimmy, nunca tivemos cortinas cor de laranja, não é?”

“Nunca.”

“Estranho”, disse ela, depois desligou.

Foi a última coisa que Jimmy ouviu dela: Estranho.

Sim, era estranho. Uma mancha que a acompanhava desde que você ficava no berço, divertindo-se com um móvel de papelão, de repente escurece, e vinte e quatro semanas mais tarde, quase dois anos depois de você ter dormido com seu marido pela última vez, pernas enlaçadas, você se viu jogada num caixão e enterrada, enquanto seu marido assistia à cena a uns cinquenta metros de distância, pés e mãos agrilhoados, ladeado de guardas armados.

Jimmy saiu da prisão dois meses depois do enterro e se encontrou na cozinha de sua casa com as mesmas roupas com que saíra, sorrindo para a filha que praticamente não conhecia. Ele podia se lembrar de seus primeiros quatro anos, mas ela com certeza não. A menina se lembrava apenas dos dois últimos anos, talvez uma ou outra imagem do homem que outrora morara naquela casa, antes que pudesse vê-lo apenas aos sábados, do outro lado da velha mesa, num edifício úmido e fedorento, construído sobre um antigo cemitério indígena, povoado de fantasmas e batido pelo vento, cujas paredes gotejavam e cujo teto era baixo demais. Nunca em sua vida Jimmy se sentira tão inútil como naquele dia, olhando para a filha na cozinha. Nunca se sentira tão sozinho ou assustado como quando se agachou ao lado de Katie e tomou suas mãozinhas, tendo a impressão de ver a si mesmo e à filha de fora, como se flutuasse na cozinha. E esse outro, que flutuava, pensava: Puxa, sinto por esses dois. Estranhos numa cozinha miserável, medindo-se um ao outro, tentando não se odiar porque ela morreu e os deixou presos um ao outro, sem saber que diabos vão fazer em seguida.

Essa filha — essa *criatura*, vivendo, respirando e, sob muitos aspectos, já formada — agora dependia dele, quer eles gostassem, quer não.

“Ela está sorrindo para nós lá do céu”, disse Jimmy a Katie. “Ela está orgulhosa de nós. Muito orgulhosa.”

“Você não vai ter que voltar para aquele lugar novamente?”

“Não. Nunca mais.”

“Você vai para outro lugar?”

Naquele momento, Jimmy sentiu que preferiria cumprir mais seis anos num buraco como Deer Island, ou num lugar ainda pior, a ter de encarar vinte e quatro horas naquela cozinha, com uma filha que lhe era estranha, um futuro horrivelmente incerto e a impressão de uma tampa que se fechava sobre o que ainda restava de sua juventude.

“De jeito nenhum”, disse ele. “Vou ficar sempre com você.”

“Estou com fome.”

E então se surpreendeu com aquela revelação súbita. Meu Deus, vou ter de alimentar essa menina sempre que tiver fome. Pelo resto de nossas vidas. Meu Deus.

“Bom, está certo”, disse ele sentindo o sorriso afrouxar em seu rosto. “Nós vamos comer.”

Jimmy chegou ao Cottagge Market, sua lojinha, às seis e meia, e ficou na caixa registradora e na máquina da loto, enquanto Pete abastecia as prateleiras do balcão com as rosquinhas de Yser Gaswami, na Kilmer Street, e com diversos bolos, doces folhados e salgadinhos da pâtisserie de Tony Buca. Quando o movimento caía um pouco, Jimmy colocava o café — preparado nas cafeteiras do fundo da loja — nas grandes garrafas térmicas que ficavam no balcão, e cortava os barbantes dos pacotes com os jornais *Globe*, *Herald* e *The New York Times*. Ele colocava os respectivos suplementos e quadrinhos em cada jornal, depois os arrumava diante das prateleiras, onde ficavam os bombons, sob a caixa registradora.

“Sal disse quando ia chegar?”

“O mais cedo que ele pode chegar é às nove e meia”, respondeu Pete. “O carro dele pifou, e já devia estar no ferro-velho. Da casa dele até aqui são dois trens e um ônibus, e ele disse que nem ao menos estava vestido.”

“Merda.”

Ali pelas sete e quinze eles tiveram de enfrentar uma leva de fregueses que acabavam de largar o turno da noite — policiais, em sua maioria, algumas enfermeiras do Santa Regina, e várias moças empregadas nos clubes clandestinos do outro lado da Buckingham Avenue, nos Flats, e mais adiante, em Rome Basin. Todos estavam cansados mas alegres, excitados, dando a impressão de se sentirem muito aliviados, como se estivessem acabando de sair de um campo de batalha juntos, sujos, ensanguentados, mas aprumados e inteiros.

Durante um pequeno intervalo de cinco minutos, antes que a multidão da primeira missa invadissem a loja, Jimmy ligou para Drew Pigeon e lhe perguntou se tinha visto Katie.

“Acho que ela está aqui, sim”, disse Drew.

“É mesmo?” Ao ouvir a ponta de esperança em sua voz, Jimmy percebeu estar muito mais preocupado do que queria admitir.

“Acho que sim”, repetiu Drew. “Deixe-me ver.”

“Eu agradeço, Drew.”

Ele ouviu os passos pesados de Drew ressoando no soalho do corredor enquanto ele recebia o dinheiro da velha sra. Harmon, tentando conter as lágrimas que lhe provocava o forte perfume de senhora. Ele ouviu Drew voltando para o telefone e sentiu um pequeno alvoroço no peito, enquanto dava os quinze dólares de troco à sra. Harmon, despedindo-se dela.

“Jimmy?”

“Oi, Drew.”

“Sinto muito. Quem dormiu aqui foi Diane Cestra. Ela está dormindo no chão do quarto de Eve, mas Katie não está com elas.”

A palpitação cessou de repente, como se seu coração tivesse sido imobilizado.

“Certo. Sem problema.”

“Eve disse que Katie as deixou aqui em casa aí pela uma da manhã. Ela não disse para onde ia.”

“Está bem, meu velho”, procurando dar à sua voz um tom alegre. “Vou ver se a encontro.”

“Ela tem algum namorado?”

“Essas garotas de dezenove anos, Drew... Você acha que dá para saber o que está rolando com elas?”

“É a pura verdade”, disse Drew com um bocejo. “Sabe, Jimmy? A própria Eve, com todos os telefonemas que recebe de rapazes, aposto como precisa fazer uma lista para não se confundir.”

Jimmy forçou uma risadinha. “Bom, muito obrigado de novo, Drew.”

“Disponha, Jimmy. Até mais.”

Jimmy desligou e olhou para o teclado da registradora, como se ele pudesse lhe dizer alguma coisa. Não era a primeira vez que Katie dormia fora de casa. Aliás, isso já acontecera muitíssimas vezes. Também não era a primeira vez que ela matava o trabalho, mas em ambos os casos ela costumava ligar. Contudo, se ela tivesse encontrado um homem com pinta de galã de cinema e cheio de charme... Jimmy não estava tão longe de seus dezenove anos para ter esquecido como era aquilo. E embora nunca desse a entender a Katie que desculpava seu comportamento, ele não podia ser hipócrita a ponto de condená-lo em seu íntimo.

O sininho pendurado com uma fita no alto da porta tocou e Jimmy levantou os olhos para ver o primeiro grupo de beatas de cabeleiras azuis invadir a loja, falando pelos cotovelos sobre o sermão do padre e a sujeira das ruas.

Pete ergueu a cabeça de sob o balcão, depois enxugou as mãos com a toalha que usara para limpar sua mesa de trabalho. Ele jogou uma caixa cheia de luvas cirúrgicas no balcão, aproximou-se, vindo por trás, da segunda caixa registradora, inclinou-se para Jimmy e disse: “Bem-vindo ao inferno”, e o segundo grupo de beatos irrompeu imediatamente depois do primeiro.

Já fazia quase dois anos que Jimmy não trabalhava na loja domingo de manhã, e ele se esquecera da zorra que ela podia se tornar. Pete tinha razão. Os fanáticos de cabelos azuis, que tinham lotado a missa das sete horas em Santa Cecília, enquanto as pessoas normais dormiam, liberavam seu frenesi bíblico de consumo na loja de Jimmy, arrasavam as bandejas de bolos e de rosquinhas, secavam as garrafas de café, acabavam com os produtos de laticínio e reduziam as pilhas de jornais à metade. Eles davam encontrões nas prateleiras, pisoteavam alegremente os pacotes de *chips* ou saquinhos plásticos de amendoim que caíam aos seus pés. Pediam tudo em altos brados: comida, cartões de loto,

bilhetes de loteria, cigarros Pall Mall e Chesterfield, sem dar a menor bola para o lugar que ocupavam na fila. Então, enquanto um mar de cabeças azuis, brancas e carecas se agitava atrás deles, ficavam remanchando no balcão, pedindo notícias da família de Jimmy e de Pete e tentando inteirar o pagamento com a última moeda pescada do fundo do bolso, levando um tempão para retirar as compras do balcão e se afastar, para dar lugar à multidão que bufava impaciente.

Jimmy nunca tinha visto nada parecido desde a última vez que assistira a um casamento irlandês com bebidas à vontade, e quando ele finalmente consultou o relógio, às oito e quarenta e cinco, no momento em que o último deles saía para a rua, sentiu o suor encharcando a camiseta sob o suéter, colando-a à pele. Ele olhou para a bomba que explodira no meio de sua loja e depois para Pete, e sentiu um súbito acesso de amizade e de solidariedade — alguma coisa que lhe lembrou o grupo dos policiais, das enfermeiras e das putas das sete e quinze —, como se o simples fato de ter sobrevivido à sanha dos anciãos às oito horas da manhã fosse capaz de levar suas relações a um nível de maior intimidade.

Pete lhe deu um sorriso cansado. “Agora o movimento diminui por uma meia hora. Posso ir lá atrás fumar um?”

Jimmy desandou a rir. Agora ele se sentia bem e estranhamente orgulhoso de seu pequeno negócio, que ele conseguira tornar uma verdadeira instituição do bairro. “Ora, Pete, pode fumar um maço inteiro, se quiser.”

Quando a sineta tocou mais uma vez, ele já restabelecera a ordem na loja, já reabastecera a prateleira de laticínios e quase todas as prateleiras de rosquinhas. Quando levantou os olhos, viu Brendan Harris e seu irmãozinho, Ray, o Mudo, passarem pelo balcão e se dirigirem às prateleiras menores onde ficavam os pães, os detergentes, os biscoitos e os chás. Jimmy começou, então, a cobrir as pâtisseries e as rosquinhas com celofane, lamentando ter dado a Pete a impressão de que podia se permitir um mês de folga e torcendo para que ele voltasse o mais depressa possível.

De repente ele notou que Brendan observava furtivamente as caixas registradoras por cima das gôndolas, como se planejasse um assalto ou tentasse encontrar alguém. Por um instante fugaz, ele se perguntou se devia despedir Pete por vender droga no local de trabalho. Mas ele se lembrou imediatamente de que Pete o olhara nos olhos, jurando que nunca haveria de fazer nada que pusesse a loja em risco. E Jimmy percebeu que ele dissera a verdade, porque, a menos que você fosse o Campeão da Mentira, era praticamente impossível mentir a Jimmy Marcus quando ele o observava depois de ter feito uma pergunta direta; ele percebia o mais ínfimo tique nervoso ou movimento de pupila reveladores. Ele adquirira essa habilidade na convivência com um pai incapaz de manter suas promessas de bêbado — depois de certo tempo, reconhecia-se a mesma expressão cada vez que ela reaparecia. Jimmy se lembrou então do momento em que Pete, olhando-o bem nos olhos, jurou nunca traficar droga naquele lugar, e Jimmy sentiu que era verdade.

Então, o que será que Brendan estava procurando? Seria ele estúpido a ponto de

considerar a possibilidade de um furto? Jimmy conhecera o pai de Brendan, Ray Harris, por isso sabia que havia uma boa dose de estupidez nos genes da família, mas ninguém ia ser imbecil a ponto de roubar a loja que ficava na fronteira de East Bucky Flats com o Point, trazendo a reboque o irmão mudo de treze anos. Além disso, se havia alguém com algum miolo na família, Jimmy a contragosto tinha de admitir que era Brendan. Ele era tímido apesar de seu belo rosto, mas Jimmy havia muito aprendera a distinguir um homem que se cala porque não conhece o significado de muitas palavras, de um homem apenas introvertido, que observa, escuta e registra tudo. Não havia dúvida de que Brendan se enquadrava na segunda categoria; dava para notar que ele compreendia as pessoas bem demais, e que isso o tornava nervoso.

Ele se voltou para Jimmy, seus olhos se cruzaram, e o rapaz deu um sorriso nervoso e amistoso, esforçando-se demais para isso, como se aquilo pudesse compensar o fato de ele ter outras coisas em mente.

“Precisa de ajuda, Brendan?”

“Hum, não, senhor Marcus, só vim pegar... um pouco do chá irlandês que minha mãe gosta.”

“O Barry?”

“Isso mesmo.”

“No próximo corredor.”

“Obrigado.”

Jimmy estava novamente atrás das caixas registradoras quando Pete voltou, trazendo um forte cheiro de cigarro fumado às pressas.

“A que horas Sal deve chegar?”, perguntou Jimmy.

“Agora, acho que pode chegar a qualquer momento.” Com um suspiro, ele se encostou nas prateleiras de cigarro. “Ele é muito devagar, Jimmy.”

“Sal?” Jimmy observou Brendan e Ray, o Mudo, se comunicarem em linguagem de surdos, de pé no meio entre as gôndolas, Brendan com um pacote de Barry debaixo do braço. “Ele está beirando os oitenta.”

“Eu sei *por que* ele é lento”, disse Pete. “Estou só dizendo. Se estivéssemos só ele e eu às oito horas, em vez de você e eu, Jim? Cara, a essa altura ainda estaríamos no maior sufoco.”

“É por isso que eu o coloco nos turnos mais calmos. De qualquer forma, você não ia ficar sozinho com o Sal esta manhã. Quem estaria com você era a Katie.”

Brendan e Ray tinham se aproximado do balcão, e Jimmy viu um brilho no olhar de Brendan quando este o ouviu pronunciar o nome de sua filha.

Pete afastou-se das prateleiras de cigarros. “É só isso, Brendan?”

“Eu... eu... eu...”, gaguejou Brendan, depois olhou para o irmão. “Hum, acho que sim. Deixe-me perguntar a Ray.”

Suas mãos começaram a se agitar novamente, e os dois eram tão rápidos que Jimmy teria dificuldade em acompanhar a conversa, mesmo que os dois estivessem falando. A agilidade e vivacidade das mãos de Ray contrastavam com a absoluta impassibilidade de

sua fisionomia. Ele sempre fora um menino estranho, na opinião de Jimmy, mais parecido com a mãe do que com o pai, ostentando um vazio no rosto, como um desafio. Certa vez ele dissera isso a Annabeth e ela o acusou de ser insensível com os deficientes, mas Jimmy não pensava assim — havia algo de mau no rosto vazio de Ray, em sua boca silenciosa, alguma coisa que dava vontade de destruir a marteladas.

Eles terminaram de agitar as mãos e Brendan se inclinou para a prateleira de doces e pegou uma barra de chocolate, fazendo Jimmy lembrar-se novamente de seu pai, do cheiro que ele exalava quando trabalhava na fábrica de doces.

“E um *Globe* também”, disse Brendan, pegando o jornal.

“Pois não, garoto”, disse Pete, fazendo a soma na caixa registradora.

“Bem, ah, eu pensava que Katie trabalhava aos domingos.” Brendan deu a Pete uma nota de dez.

Pete ergueu as sobrancelhas enquanto girava a chave da registradora e a gaveta se abria, batendo em sua barriga. “Você tem uma quedinha pela filha do patrão, Brendan?”

Brendan não olhou para Jimmy. “Não, não, não.” Ele deixou escapar um risinho, que logo morreu em seus lábios. “Só perguntei, porque costumo vê-la por aqui no domingo.”

“A irmã dela vai fazer a primeira comunhão hoje”, disse Jimmy.

“Ah, Nadine?” Brendan olhou para Jimmy, olhos abertos demais, sorriso largo demais.

“Nadine”, disse Jimmy, perguntando-se como o nome ocorrera tão depressa a Brendan. “Sim.”

“Bem, dê-lhe os parabéns por mim e por Ray.”

“Sim, Brendan.”

Brendan baixou o olhar para o balcão e balançou a cabeça várias vezes enquanto Pete colocava numa sacola o chá e o chocolate. “Então, bem, foi bom ver vocês. Vamos, Ray.”

Ray não estava olhando para o irmão enquanto este falava, mas ele se pôs a caminho, e Jimmy se lembrou mais uma vez de uma coisa que as pessoas esqueciam em relação a Ray: ele não era surdo, apenas mudo, e Jimmy sabia que poucas pessoas na redondeza ou em outros lugares tinham encontrado casos como o dele.

“Ei, Jimmy”, disse Pete quando os irmãos partiram. “Posso lhe perguntar uma coisa?”

“Manda.”

“Por que você odeia tanto o menino?”

Jimmy deu de ombros. “Não sei se é ódio, Pete. É só... Ora, aquele porra daquele mudo não lhe dá um frio na espinha?”

“Oh, *o mudo*?”, disse Pete. “Sim. Ele é muito do esquisito, sempre observando como se estivesse vendo alguma coisa no rosto da gente que quisesse arrancar. Mas eu não estava falando dele. Eu estava falando de Brendan. Quer dizer, eu acho o rapaz muito legal. Tímido, mas um bom sujeito, sabe? Você viu como ele usa os sinais de surdos mesmo sem precisar usar? É como se quisesse evitar que o irmão se sinta sozinho. É bonito. Mas, puxa, Jimmy, você olha para ele como se estivesse querendo lhe arrancar o nariz e obrigá-lo a comê-lo.

“Não.”

“É, sim.”

“É mesmo?”

“Claro.”

Jimmy olhou pela vitrine empoeirada, além do terminal da Loto, a Buckingham Avenue estendendo-se cinzenta e úmida sob o céu matinal. Ele sentia o sorriso tímido de Brendan Harris em seu sangue, dando-lhe comichões.

“Jimmy, eu estava só brincando com você. Não tinha nenhuma intenção...”

“Aí vem o Sal”, disse Jimmy, mantendo os olhos na vitrine, a cabeça voltada para a porta enquanto olhava o velho aproximar-se devagar pela avenida, em direção à loja. “E já não era sem tempo, porra.”

6. Porque está quebrado

O domingo de Sean Devine — seu primeiro dia de trabalho, depois de uma semana de suspensão — começou quando foi arrancado de um sonho pelo toque do despertador, e logo teve certeza, tal como uma criança saindo do útero, de que não poderia voltar nunca. Não conseguia se lembrar bem dos detalhes — apenas uns poucos, desconexos — e de qualquer modo ficara com a impressão de que não tinha havido propriamente uma sequência de fatos concatenados. Mas aquelas imagens se fixaram como dardos em seu cérebro, deixando-o inseguro durante toda a manhã.

Sua mulher, Lauren, aparecera no sonho, e ele ainda sentia o cheiro da pele dela. Os cabelos despenteados tinham a cor da areia molhada, mais escuros e mais compridos que na vida real, e ela usava um maiô branco ainda úmido. Estava bastante bronzeada, e havia um pouco de areia nos tornozelos e nos pés nus. Ela cheirava a maresia e a sol; sentara no colo de Sean e lhe beijara o nariz, fazendo cócegas em seu pescoço com os dedos longos. Eles estavam no deque de uma casa de praia, e Sean ouvia a arrebentação, mas não conseguia ver o mar. No lugar que seria ocupado pelo mar havia uma tela branca de tv, do tamanho de um estádio de futebol. Quando Sean olhou para o meio da tela, viu apenas seu próprio reflexo, e não o de Lauren, como se ele estivesse abraçando o vazio.

Mas ele sentia carne sob suas mãos, carne tépida.

Ele se lembrava em seguida de estar no telhado da casa, e a carne de Lauren fora substituída pelo metal liso de um cata-vento. Agarrou-se ao cata-vento e, lá embaixo, ao pé da parede, um buraco com um veleiro encahado no fundo abria a boca para ele. Em seguida, viu-se nu sobre uma cama, acompanhado de uma mulher que nunca vira antes, sentindo seu calor e imaginando, segundo os princípios de alguma lógica onírica, que Lauren estava em outro aposento da casa, observando-os pelo vídeo; de repente, uma gaivota veio se chocar contra a vidraça, e os cacos de vidro se espalharam pela cama como cubos de gelo, e Sean, novamente vestido, inclinou-se para o pássaro.

A gaivota arquejou. A gaivota disse: “Meu pescoço está doendo”, e Sean acordou antes de poder dizer: “É porque está quebrado”.

Ele acordou com a impressão de que o sonho circulava dentro dele como óleo no motor de um carro, espalhando sujeira no canto de suas pálpebras e na sua língua. Ele manteve os olhos fechados enquanto o despertador tocava, esperando que se tratasse apenas de um novo sonho e que continuasse dormindo, que a campainha soasse apenas em sua cabeça.

Finalmente ele ergueu as pálpebras, o espírito ainda dominado pela impressão que lhe causara o corpo firme da desconhecida e o cheiro do mar na pele de Lauren, e então compreendeu que não se tratava de um sonho, nem de um filme, nem de uma canção tristíssima.

Tratava-se daqueles lençóis, daquele quarto, daquela cama. Lá estava a lata de cerveja vazia no parapeito da janela, o sol em seus olhos, e o barulho do despertador no criado-mudo. Lá estava a torneira, gotejando, ele sempre se esquecia de consertar. Sua vida, tudo aquilo.

Ele desligou o alarme do despertador, mas não saiu da cama imediatamente. Não queria levantar a cabeça, pois ainda não queria saber se estava de ressaca. Se estivesse de ressaca, o primeiro dia de volta ao trabalho pareceria duas vezes mais longo, e o primeiro dia depois de uma suspensão, com todas as porcarias que teria de engolir e todas as piadinhas que teria de ouvir, seria longuíssimo.

Ele se deixou ficar na cama, ouvindo o barulho da rua, o barulho dos vizinhos drogados que deixavam a tv ligada dia e noite, a todo o volume, o barulho do ventilador de teto, do micro-ondas, dos detectores de fumaça, o zumbido da geladeira. Por toda parte o barulho dos computadores, dos telefones celulares, das agendas eletrônicas, da cozinha e da sala, o rumor constante da rua lá embaixo, da delegacia de polícia mais adiante, de todos os edifícios de Faneuil Heights e dos East Bucky Flats.

Tudo fazia barulho naqueles dias. Tudo era veloz e fluido e feito para mover-se. Todos estavam de saída naquele mundo, movendo-se com ele, crescendo.

Quando diabos aquilo começara a acontecer?

Era só o que ele queria saber. Quando é que a coisa tinha se acelerado, deixando-o para trás?

Fechou os olhos.

Quando Lauren fora embora.

Foi aí que a coisa começou.

Brendan Harris olhava para o telefone, desejando que ele tocasse. Ele olhava o relógio de pulso. Duas horas de atraso. Não era bem uma surpresa, pois não se podia dizer que Katie dava alguma bola para o tempo, mas — porra — naquele dia! Brendan queria apenas partir. E onde estaria ela, se não estava no trabalho? O combinado é que ela telefonasse quando estivesse trabalhando no Cottage Market, que assistisse à primeira comunhão de sua meia-irmã e que depois fosse encontrar-se com ele. Mas ela não fora trabalhar. E não telefonara.

De sua parte, ele não podia ligar para ela. Esse era um dos maiores problemas de sua relação, desde a primeira noite em que saíram juntos. Katie normalmente estava em um de três lugares: em casa de Bobby O'Donnell, nos primeiros tempos de seu relacionamento com Brendan; no apartamento onde crescera na Buckingham Avenue, com seu pai, sua madrasta e suas duas meias-irmãs, ou no apartamento de cima, onde um porrilhão de tios loucos morava, dois dos quais, Nick e Val, eram loucos furiosos, absolutamente descontrolados. E também havia seu pai, Jimmy Marcus, que odiava profundamente Brendan, sem nenhum motivo que ele ou Katie pudessem entender. Além disso, Katie deixara uma coisa bem clara — ano após ano Jimmy repetia uma ordem

cabal: fique longe da família Harris; se algum dia você trazer um deles para nossa casa, eu a renego.

Segundo Katie, seu pai era um sujeito racional, mas certa noite ela confessou, derramando lágrimas no peito de Brendan: “Ele fica possesso quando se trata de você. Possesso. Certa noite ele estava bêbado, sabe? Quer dizer, de cara cheia, e começou a falar de minha mãe, do quanto ela gostava de mim e tudo o mais, e então ele disse: ‘Esses merdas desses Harris, Katie, eles são uma escória’”.

Escória. Brendan sentiu aquilo como uma cusparada em seu rosto.

“Fique longe deles. É só o que lhe peço nesta vida, Katie. Por favor.”

“E como agora você está comigo?”, disse Brendan.

Ela levantou os braços e deu um sorriso triste. “Você não sabe?”

Para falar a verdade, Brendan não tinha a menor ideia. Katie era Tudo. Uma deusa. Brendan era apenas, bem... Brendan.

“Não, não sei.”

“Você é amável.”

“Sou?”

Ela fez que sim. “Eu vejo como você trata Ray, sua mãe e as pessoas na rua. Você é tão gentil, Brendan.”

“Um monte de gente é gentil.”

Ela balançou a cabeça. “Um monte de gente é polida. Não é a mesma coisa.”

E Brendan, pensando sobre aquilo, teve de admitir que em toda a sua vida nunca encontrara ninguém que não gostasse dele — não que lhe atribuíssem o primeiro prêmio em questão de popularidade: simplesmente as pessoas pensavam “Esse Harris é um bom sujeito”. Ele nunca tivera inimigos, nunca brigara na escola, e não se lembrava de quando alguém lhe dirigira uma palavra grosseira. Talvez porque ele fosse gentil. E talvez, como disse Katie, aquilo fosse raro. Ou talvez porque ele não fosse o tipo de sujeito que enfurecia as pessoas.

Bem, exceto o pai de Katie. Aquilo era um mistério. E o que ele sentia era *ódio*. Não dava para fingir que era outra coisa.

Apenas meia hora antes Brendan o captara na loja do sr. Marcus — aquele ódio recolhido que emanava do homem como uma infecção viral. Brendan se encolhera diante dele. Gaguejara por causa dele. Ele não conseguiu encarar Ray durante todo o caminho de casa, pela maneira como aquele ódio o fizera sentir-se — sujo, os cabelos cheios de piolhos, dentes cobertos de sujeira. E o fato de que aquilo não fazia o menor sentido — Brendan nunca fizera nada ao sr. Marcus, diabos, mal conhecia o homem — não tornava as coisas mais fáceis. Brendan olhou para Jimmy Marcus e viu um homem que não pararia para mijar em cima dele, se estivesse queimando vivo.

Brendan não podia ligar para Katie num daqueles números, pois alguém do outro lado da linha que tivesse um identificador de chamadas poderia se perguntar por que diabos o odiado Brendan Harris estava telefonando para sua Katie. Um milhão de vezes ele esteve prestes a telefonar, mas bastava imaginar que poderia ouvir do outro lado da

linha a voz do sr. Marcus, de Bobby O'Donnell ou de um daqueles loucos irmãos Savage, para colocar o fone no gancho, com a mão suada.

Brendan não saberia dizer o que mais temia. O sr. Marcus era um sujeito normal, dono de uma lojinha que Brendan frequentara durante metade de sua vida, mas havia alguma coisa no cara, ele não sabia o quê, alguma coisa que o fazia baixar a voz quando ele estava por perto e evitar olhá-lo nos olhos. Bobby O'Donnell era um desses caras que ninguém sabia ao certo como ganhava a vida; em todo caso, era melhor mudar de calçada para não cruzar com ele; quanto aos irmãos Savage, eles estavam a uma distância astronômica da maioria das pessoas, em termos de um comportamento normal, aceitável. Os irmãos Savage, os mais loucos, os mais desatinados, mais incorrigíveis, lunáticos filhos da puta que existiram nos Flats, tinham o olhar fixo e o sangue tão quente que se poderia encher um livro grosso como a Bíblia com a lista das coisas que os faziam explodir. O pai deles, também um cabeça-dura de marca maior, e a mãe, de uma magreza ascética, os puseram no mundo, um após outro, a intervalos de onze meses, como numa produção em série. Os irmãos tinham crescido, grudados feito sardinhas, num quarto do tamanho de uma caixa de fósforos, ao lado do elevador do metrô, que outrora dominava os Flats e que fora demolido quando Brendan ainda era pequeno. O piso de seu apartamento pendia estranhamente para o leste, e os trens desfilavam por suas janelas durante vinte e uma das vinte e quatro horas do dia que Deus dava, fazendo estremecer o edificíozinho miserável com tanta força que muitas vezes os pequenos caíam da cama e acordavam de manhã empilhados uns sobre os outros, saudando o dia irritados feitos ratos da zona portuária, e trocando socos para se livrarem da pilha humana e começar o dia.

Quando eles eram crianças, não tinham identidade própria para o resto do mundo. Eram simplesmente os Savage, uma ninhada, uma cambada, uma mistura confusa de membros, sovacos, joelhos, cabelos desgrenhados, que parecia mover-se numa nuvem de poeira, como o diabo-da-tasmânia. Se você os via vindo em sua direção, desviava do caminho, torcendo para que eles encontrassem outra pessoa para sacanear antes de cruzar com você, ou que simplesmente passassem em marcha acelerada, perdidos na obsessão sombria de seu próprio desatino.

Para falar a verdade, até começar a namorar Katie às escondidas, ele não sabia bem ao certo quantos eles eram, e olhe que ele crescera nos Flats. Mas Katie lhe fizera um relatório completo: Nick, o mais velho, estava fora do bairro, cumprindo pena de dez anos em Walpole; em seguida vinha Val, que era o mais simpático, segundo Katie; depois vinham Chuck, Kevin, Al (que em geral era confundido com Val), Gerard (que acabara de voltar de Walpole) e finalmente Scott, o caçula e preferido da mãe, quando ainda em vida. Ele era o único que tinha um diploma e o único que não vivia com os irmãos nos apartamentos do primeiro e do terceiro andar que estes ocuparam, depois de terem expulsado, por meio de ameaças, os antigos moradores.

“Eu sei que eles têm essa fama”, dissera Katie a Brendan, “mas na verdade eles são legais. Bem, exceto Scott. Não é muito fácil entender-se com ele.”

Scott. O único “normal” da família.

Brendan olhou o relógio de pulso novamente, em seguida o despertador junto de sua cama, depois o telefone.

Olhou para a sua cama onde, ainda outra noite, ele adormecera olhando a nuca de Katie, contando-lhe os finos cabelos loiros, o braço enlaçando-lhe a cintura e a palma da mão pousada em seu tépido ventre, o cheiro de seu cabelo, de seu perfume, e também um leve cheiro de suor entrando-lhe pelas narinas.

Ele olhou para o telefone novamente.

Toque, desgraçado. Toque.

Dois meninos acharam o carro dela. Eles ligaram para a Central de Polícia, e o que falou no telefone parecia ofegante, como se tomado por algo que o ultrapassava, enquanto falava:

“Tem um carro com sangue nele e, ah, a porta está aberta e...”

O operador da Central o interrompeu. “Onde está o carro?”

“Nos Flats”, disse o menino. “No Pen Park. Eu e meu amigo achamos ele.”

“Em que rua?”

“Na Sydney Street”, soletrou o menino ao telefone. “Tem sangue dentro do carro e a porta está aberta.”

“Qual o seu nome, filho?”

“Ele quer saber o nome dela”, disse o menino ao seu amigo. “Me chamou de ‘filho’.”

“Filho, qual o *seu* nome?”

“Vamos dar o fora daqui, cara”, disse o menino. “Boa sorte.”

O menino desligou e o operador observou em seu computador que a chamada partira de um orelhão na esquina da Kilmer com a Nauset, em East Bucky Flats, a uns quinhentos metros da entrada do Penitentiary Park. Ele passou a informação para a Central de Operações, que mandou uma viatura para a Sydney Street.

Um dos policiais ligou pedindo que mandassem reforços, que avisassem a Polícia Técnica e talvez também a Homicídios. Era só uma sugestão.

“Vocês acharam um corpo, Trinta e três? Câmbio.”

“Negativo, Central.”

“Trinta e três, por que chamar a Homicídios se não há um corpo? Câmbio.”

“Porque vendo o carro dá para saber que mais cedo ou mais tarde vamos achar um.”

Sean começou seu primeiro dia de volta ao trabalho estacionando na Crescent Street e, em seguida, contornando os cavaletes colocados no cruzamento com a Sydney. Os cavaletes traziam o símbolo do Departamento de Polícia de Boston, porque eles foram os primeiros a chegar à cena do crime, mas Sean tinha a impressão, pelo que ouvira nos rádios a caminho dali, que o caso iria ficar a cargo da Divisão de Homicídios da Polícia do Estado, à qual ele pertencia.

O carro, pelo que entendera, fora encontrado na Sydney Street, estando, pois, sob a jurisdição do município; mas o rastro de sangue levava ao Penitentiary Park, e este estava sob a jurisdição do estado. Sean avançou pela Crescent margeando o parque, e a primeira coisa que avistou foi a van da Polícia Técnica estacionada a uma centena de metros da entrada.

Quando ele se aproximou, viu seu sargento, Whitey Powers, a alguns metros de um carro com a porta do lado do motorista aberta. Souza e Connolly, que tinham sido promovidos para a Homicídios havia apenas uma semana, vasculhavam o mato próximo à entrada do parque, copinhos de café na mão, e duas radiopatrulhas estavam estacionadas junto da van da Polícia Técnica, no acostamento de cascalho. Os técnicos da cena do crime examinavam o carro abandonado, lançando olhares raivosos em direção a Souza e a Connolly, certos de que estes estavam pisoteando possíveis vestígios do crime e que iriam jogar na grama as tampas de seus copinhos de plástico.

“Ei, seu pilantra”, disse Whitey Powers erguendo as sobrancelhas, surpreso. “Você já foi avisado?”

“Sim”, disse Sean. “Mas ainda estou sem parceiro, sargento. Adolph está de licença.”

Whitey Powers balançou a cabeça. “Você leva um tapa na mão e logo esse alemão inútil tira uma licença médica, como por acaso.” Ele passou o braço no ombro de Sean. “Você fica comigo, garoto, enquanto estiver sob observação.”

Quer dizer então que a coisa seria assim: Whitey ia ficar de olho em Sean até que os chefões do departamento decidissem se ele estava ou não à altura da função.

“O fim de semana parecia tranquilo”, disse Whitey, enquanto fazia Sean girar em direção ao carro com a porta aberta. “Na noite passada, toda a região estava mais quieta que um gato morto. Esfaquearam um em Parker Hill, outro em Bromley Heath, e uma estudante levou uma garrafada em Allston. Mas nada fatal, e tudo na jurisdição do município. Quanto à vítima de Parker Hill... entrou no pronto-socorro do hospital andando, com uma faca de açougueiro enfiada na altura da clavícula, perguntando à enfermeira da recepção ‘Onde é que tem uma máquina de Coca-Cola aqui nesta merda?’”

“E ela lhe disse?”, perguntou Sean.

Whitey sorriu. Ele ria um bocado, talvez porque era, e sempre fora, um dos rapazes mais brilhantes da Delegacia de Homicídios do Estado. Ele não devia estar de serviço quando o avisaram, porque estava com um abrigo, uma camiseta de hóquei, certamente do filho, na qual pendurara o distintivo com um fio de náilon, um boné de beisebol com a aba virada para trás e sandálias de dedo de um azul brilhante.

“Gostei da camiseta”, disse Sean, e Whitey deu outro riso descansado. Na mesma hora, um passarinho descreveu um círculo acima deles, soltando um guincho agudo que provocou arrepios na espinha de Sean.

“Sabe o que eu estava fazendo uma hora atrás, compadre? Eu estava em meu *sofá*.”

“Vendo desenho animado?”

“Luta livre.” Whitey apontou para a grama e para o parque adiante. “Acho que vamos encontrá-la em algum lugar ali adiante. Mas mal começamos a procurar, Friel mandou

classificar o caso como de Pessoas Desaparecidas, até encontrarmos o corpo.”

O pássaro voou por sobre eles novamente, um pouco mais baixo, e dessa vez o guincho agudo penetrou fundo no cérebro de Sean.

“Quer dizer que o caso é nosso?”, perguntou Sean.

Whitey fez que sim com a cabeça. “A menos que a vítima tenha saído do parque para se fazer matar.”

Sean olhou para cima. O pássaro tinha cabeça grande e pernas curtas recolhidas sob um peito branco, com listras cinza no meio. Sean não sabia que pássaro era aquele, mas ele tinha pouco contato com a natureza. “Que pássaro é esse?”

“Um martim-pescador”, disse Whitey.

“Conversa.”

Whitey levantou a mão. “Juro por Deus, cara.”

“Você deve ter visto um bocado de *Vida Animal* quando era criança, não?”

O pássaro soltou o forte guincho novamente, e Sean teve vontade de lhe dar um tiro.

“Quer dar uma olhada no carro?”, perguntou Whitey.

“Você disse ‘ela’”, disse Sean quando se esquivavam sob a fita amarela em volta da cena do crime, indo em direção ao carro.

“A polícia técnica encontrou os documentos do carro no porta-luvas. A proprietária do carro é uma tal de Katherine Marcus.”

“Merda”, disse Sean.

“Você conhece?”

“Deve ser a filha de um cara que conheço.”

“Vocês são amigos?”

Sean balançou a cabeça. “A gente se diz bom-dia quando se cruza no bairro, só isso.”

“É mesmo? Nada além disso?” Whitey fez a pergunta como se quisesse arranjar um pretexto para se livrar do caso, naquele mesmo instante, ali mesmo.

“Nada mesmo”, disse Sean.

Eles chegaram ao carro, e Whitey apontou para a porta aberta no momento em que uma mulher da Polícia Técnica se afastava dele, espreguiçando-se e arqueando as costas, mãos entrelaçadas levantadas em direção ao céu. “Por favor, não toquem em nada, rapazes. Quem é o responsável, aqui?”

“Em princípio, sou eu”, disse Whitey. “O parque fica sob jurisdição do estado.”

“Mas o carro está na área do município.”

Whitey apontou para o mato. “Aquele sangue caiu em território estadual.”

“Não sei”, disse a técnica com um suspiro.

“O assistente do promotor está a caminho”, disse Whitey. “Ele pode decidir isso. Até lá, é um caso para a Polícia Estadual.”

Sean deu uma olhada no mato que se estendia até o parque e viu que, se o corpo fosse encontrado, ele estaria lá. “O que pode nos dizer sobre o carro?”

A técnica bocejou. “A porta estava aberta quando o encontramos. As chaves estavam na ignição, e os faróis acesos. Como se planejado, a bateria pifou uns dez segundos depois

de nossa chegada.”

Sean notou uma mancha de sangue acima do alto-falante embutido na porta do motorista. Um pouco do sangue pingara, e algumas gotas, escuras e secas, manchavam o alto-falante. Ele ficou de quatro, girou o corpo, viu outra mancha preta no volante. Uma terceira mancha, mais comprida e mais larga que as outras duas, espalhava-se em volta de um buraco feito por uma bala no encosto do banco do motorista, na altura do ombro. Sean girou novamente de forma a olhar, através da porta, o mato à esquerda do carro, em seguida esticou o pescoço para examinar a parte de fora da porta, onde notou um amassado recente.

Ele olhou para Whitey e este balançou a cabeça. “Com certeza o agressor ficou fora do carro. A garota Marcus — se era ela que estava ao volante — bateu nele com a porta. O sacana atirou, acertou a moça, bem... não sei, no ombro, talvez na altura do bíceps? A moça corre, tentando escapar.” Ele apontou alguns tufo de grama pisoteados havia pouco tempo. “Eles pisoteiam a grama, correndo em direção ao parque. O ferimento dela não devia ser tão grave, porque achamos apenas umas poucas manchas de sangue na área.”

“Temos policiais no parque?”, perguntou Sean.

“Até o momento, dois.”

A moça da Polícia Técnica riu. “Espero que sejam mais inteligentes que aqueles dois.”

Sean e Whitey seguiram o seu olhar, viram que Connolly tinha acabado de derramar, por acidente, o café na grama e estava maldizendo o copinho de plástico.

“Ei”, disse Whitey. “Deixe barato, eles são novatos.”

“Preciso continuar a recolher impressões digitais, rapazes.”

Sean recuou para ela passar. “Você encontrou documentos de identidade no carro?”

“Sim. Uma carteira embaixo do banco, a carta de motorista em nome de Katherine Marcus. Havia uma mochila atrás do banco do passageiro. Billy está examinando o conteúdo.”

Sean olhou por cima do capô do carro e viu o sujeito que ela apontara com um movimento de cabeça. Ele estava de joelhos na frente do carro, examinando uma mochila azul-marinho.

Whitey disse: “Que idade que constava na carta de motorista da moça?”.

“Dezenove, sargento.”

“Dezenove”, disse Whitey a Sean. “E você conhece o pai? Puta que pariu, cara, o sujeito vai sofrer feito um condenado, e o coitado certamente não sabe de nada.”

Sean virou a cabeça, viu o pássaro solitário voltando para o canal, guinchando, e um forte raio de sol atravessou as nuvens. Sean sentiu o guincho entrar pelo canal do ouvido e penetrar-lhe o cérebro, e foi aguilhoado pela lembrança da louca solidão que vira nos olhos de Jimmy Marcus, então com onze anos, quando estavam prestes a roubar o carro. Ele sentia novamente, com toda a intensidade, aquela solidão ao mesmo tempo derrotada, raivosa e suplicante, aferrada ao coração de Jimmy Marcus como uma doença no cerne de uma árvore moribunda, como se os vinte e cinco anos que o separavam daquele dia não tivessem durado mais que um comercial de televisão. Procurando esquecê-la, ele pensou

em Lauren, aquela Lauren de longos cabelos castanhos e pele com cheiro de mar que lhe aparecera no sonho daquela manhã. E no momento em que a evocava, lamentou não poder voltar ao sonho, fechar a porta atrás de si e desaparecer para sempre.

7. No sangue

Nadine Marcus, a filha mais nova de Jimmy e de Annabeth, recebeu o Sacramento da Santa Comunhão pela primeira vez na manhã de domingo na Santa Cecília, em East Bucky Flats. Mãos postas da base da palma à ponta dos dedos, véu branco e vestido branco que a faziam parecer uma noivinha ou um anjo branco, ela avançou pela nave junto com outras quarenta crianças, deslizando com graça, enquanto os outros andavam aos trancos.

Ou, ao menos, era assim que parecia a Jimmy, e embora ele fosse o primeiro a admitir que era um pai coruja, ao mesmo tempo estava certo de ter razão. Hoje em dia as crianças falavam ou gritavam quando queriam, diziam palavrões na frente dos pais, queriam isto e mais aquilo, não tinham o menor respeito pelos adultos e traziam sempre os olhos ligeiramente estonteados e febris de viciados que passavam o tempo todo na frente da televisão, do computador, ou de ambos. Para Jimmy, eles eram como bolas de fliperama — ora lentas, em seguida chocando-se com força em tudo o que estivesse por perto, fazendo soar as sinetas e pulando de um lado para outro. Se pediam alguma coisa, quase sempre ganhavam. Se não, pediam mais alto. Se a resposta ainda fosse um não hesitante, eles gritavam. E seus pais — todos uns frouxos, na opinião de Jimmy — em geral cediam.

Jimmy e Annabeth adoravam as filhas. Eles trabalhavam duro para fazê-las felizes, diverti-las, e para que se sentissem amadas. Mas havia um limite entre essa atitude e aguentar desaforo delas, e Jimmy cuidara para que elas tivessem isso bem claro.

Essa noção de limites parecia faltar àqueles pirralhos que estavam passando, em fila, pelo banco de Jimmy — dois meninos, empurrando-se, rindo alto, ignorando as reprimendas das freiras, fazendo cena para a multidão e arrancando alguns risos dos adultos. Meu Deus. Na época de Jimmy, os pais saíam do meio da multidão, levantariam os dois pelos cabelos, lhes dariam uns bons tapas na bunda, cochichando ameaças nos ouvidos, antes de pô-los de novo no chão.

Jimmy, que odiara o pai, também não acreditava nos métodos antigos, claro, mas, caramba... tinha de haver uma solução intermediária que a maioria das pessoas parecia ignorar. Uma espécie de território neutro em que a criança sabia que os pais a amavam mas também que tinham a última palavra, que para isso existiam regras, que o *não* era *não* mesmo, e que o fato de você ser legal não significava que tudo era permitido.

Claro, porém, que era possível transmitir todos esses valores, educar as crianças direito, e ainda sofrer com o comportamento delas. Como era o caso de Katie naquele dia. Não apenas ela faltara ao trabalho como, pelo visto, iria faltar à primeira comunhão da irmã. O que será que ela tinha na cabeça? Nada, provavelmente, e aí é que estava o problema.

Voltando-se para ver Nadine avançar pela nave, Jimmy foi tomado de tal orgulho que a raiva que sentia de Katie diminuiu um pouco (e também a preocupação, pequena mas

persistente, que o atormentava), certo que estava de que ela não tardaria a chegar. A primeira comunhão era um acontecimento na vida de uma criança católica — uma ocasião para vestir belas roupas, ser paparicada, cumprimentada e levada em seguida ao Chuck E. Cheese —, e Jimmy acreditava na necessidade de celebrar os acontecimentos desse tipo na vida de suas filhas, de torná-los felizes e memoráveis. Razão pela qual a ausência de Katie o aborrecia tanto. Tudo bem, Katie tinha dezenove anos, de modo que o universo de suas duas irmãzinhas não se podia comparar com o dela, repleto de rapazes, de roupas e de incursões a bares em que não se controlava a idade dos fregueses. Jimmy entendia isso, e em geral lhe dava ampla liberdade, mas uma defecção como aquela — ainda mais depois de tudo o que fizera para marcar os acontecimentos da vida de Katie quando ela era mais jovem — era simplesmente inadmissível.

Ele sentiu a raiva voltar, pois sabia que, logo que a encontrasse, teriam mais uma de seus “discussões”, como Annabeth as chamava, o que vinha acontecendo com bastante frequência nos últimos dois anos.

Mas que importa. Foda-se.

Porque lá vinha Nadine, quase ao lado do banco onde Jimmy estava.

Annabeth fizera Nadine prometer que não olharia para o pai ao passar por ele, para não estragar a seriedade do sacramento com uma coisa infantil e frívola, mas mesmo assim Nadine ousara um olhar — um olhar rápido, apenas suficiente para que Jimmy soubesse que ela estava se expondo à fúria da mãe para mostrar seu amor ao pai. Mas ela não procurou se fazer notar pelo avô, Theo, nem pelos seis tios que estavam no banco atrás de Jimmy, e Jimmy respeitou aquele gesto: ela se aproximava da linha, mas não a ultrapassava. O olho esquerdo dela tinha se desviado para o canto, como Jimmy pôde perceber através do véu, e ele lhe fez um pequeno aceno com três dedos na altura da fivela do cinto, e articulou com os lábios um enorme e silencioso “Olá!”.

O sorriso largo de Nadine revelou dentes mais brancos que o véu, as roupas e os sapatos, e Jimmy sentiu-lhe o impacto no coração, nos olhos e nas pernas, que ameaçaram fraquejar. As mulheres de sua vida — Annabeth, Katie, Nadine e sua irmã Sara — tinham esse poder sobre ele: um só de seus sorrisos, ou de seus olhares, fazia não apenas as pernas, mas todo ele fraquejar.

Nadine abaixou os olhos e contraiu o rostinho para disfarçar o sorriso, mas ainda assim Annabeth o percebeu. Ela deu uma cutucada entre as costelas e o quadril esquerdo de Jimmy. Ele se voltou para ela, sentindo-se corar, e disse: “O quê?”.

Annabeth lançou-lhe um olhar dando a entender que ele iria ver uma coisa quando chegassem em casa. Então ela olhou bem para a frente, os lábios cerrados, mas um pouco contraídos nos cantos. Jimmy sabia que bastava dizer “Algum problema?”, naquele seu tom de menino inocente, que Annabeth iria desandar a rir sem querer, porque há algo nas igrejas que dá vontade de rir, e aquele era um dos grandes dons de Jimmy: ele fazia as mulheres rirem, em qualquer circunstância.

Depois disso, porém, ele ficou sem olhar para Annabeth por algum tempo, simplesmente seguindo a missa e os ritos sacramentais, cada criança tomando pela

primeira vez a hóstia nas mãos em concha. Ele enrolara o folheto com o programa, e este foi ficando úmido de suor enquanto Jimmy o batia contra a coxa e observava Nadine pegar a hóstia da palma da mão e colocá-la sobre a língua, depois se benzer, de cabeça baixa, e então Annabeth leu o que lhe ia na alma e disse: “Nosso bebê. Meu Deus, Jimmy, nosso *bebê*”.

Jimmy enlaçou-a, puxou-a com força para si, desejando que fosse possível fixar momentos como aquele, como se fossem instantâneos fotográficos, e deixar-se ficar neles, fora do tempo, até se sentir pronto para os deixar, independentemente do número de horas ou de dias que durassem. Ele virou a cabeça e beijou o rosto de Annabeth, e ela aproximou o corpo um pouco mais, ambos de olhos fixos em sua filha, seu doce anjo caído do céu.

O cara com a espada de samurai estava na orla do parque, de costas para o Pen Channel, um pé bem levantado do chão enquanto girava lentamente com o outro, a espada segura num ângulo estranho por trás do alto da cabeça. Sean, Whitey, Souza e Connolly aproximaram-se lentamente, trocando olhares do tipo “Que merda é essa?”. O sujeito continuou seu giro lento, sem notar os quatro homens que se aproximavam, mais ou menos em linha pela grama. Ele levantou a espada acima da cabeça e começou a baixá-la para a altura do peito. Agora eles estavam a apenas uns metros do sujeito. Este fizera um giro de cento e oitenta graus, estava agora de costas para eles, e Sean viu Connolly colocar a mão na altura do quadril direito, desafivelar o coldre, e pousá-la na coronha de sua Glock.

Antes que a cena desandasse e que alguém fosse baleado, ou que o sujeito tacasse a espada neles, Sean pigarreou e disse: “Com licença, senhor. Com sua licença”.

A cabeça do sujeito se inclinou ligeiramente, como se tivesse ouvido Sean, mas continuou sua rotação compenetrada, girando pouco a pouco na direção deles.

“Senhor, é preciso que coloque sua arma no chão.”

O pé do sujeito caiu de volta no chão, e ele se virou para encará-los, os olhos arregalando-se e depois piscando para cada um deles — um, dois, três, quatro automáticas — e ele segurou a espada, apontando para eles ou tentando entregá-la, Sean não saberia dizer.

Connolly disse: “Você é surdo, porra? No chão”.

Sean disse “Psiiu”, e parou. Agora estava a apenas três metros do homem, pensando nas gotas de sangue que tinham encontrado na pista de jogging, uns sessenta metros para trás, os quatro perfeitamente conscientes do que elas significavam, para finalmente descobrirem aquele Bruce Lee brandindo uma espada do tamanho de um aviãozinho. Só que Bruce Lee era asiático e aquele cara era definitivamente branco, jovem, talvez vinte e cinco anos, com cabelos negros encaracolados e rosto barbeado, camiseta branca por dentro de uma calça de abrigo cinza.

Agora ele estava paralisado, e Sean tinha certeza de que o que mantinha aquela espada

apontada para eles era o medo, a mente tentando entender e incapaz de comandar o corpo.

“Senhor”, disse Sean, com voz forte o bastante para fazer com que o rapaz olhasse diretamente para ele. “O senhor me faz um favor? Coloque a espada no chão. É só abrir a mão e deixá-la cair.”

“Quem diabos são vocês?”

“Somos da polícia.” Whitey Powers mostrou o distintivo. “Está vendo? Então, pode confiar em mim. Solte a espada.”

“Ah, sim”, disse o rapaz, e abriu a mão, e a espada caiu na grama com um ruído surdo.

Percebendo que Connolly começava a se mover à sua esquerda, sem dúvida pronto para atacar o desconhecido, Sean o deteve com um gesto e, com o olhar colado no interlocutor, perguntou:

“Como você se chama?”

“Hein? Ahn... Kent.”

“Tudo bem, Kent? Sou o agente Devine. Escute aqui, eu só quero que você se afaste dessa arma.”

“Que arma?”

“A espada, Kent. Dê dois passos para trás. Qual o seu sobrenome, Kent?”

“Brewer”, disse ele, e recuou, as mãos bem separadas e palmas voltadas para cima, como se tivesse certeza de que eles iam sacar as suas Glocks imediatamente e disparar.

Sean sorriu e fez um leve movimento de cabeça para Whitey. “Ei, Kent, o que você estava fazendo aqui? Me pareceu uma espécie de balé.” Ele deu de ombros. “É verdade que com uma espada, mas...”

Kent observou Whitey inclinar-se para a espada e levantá-la com cuidado pelo cabo, usando um lenço.

“Kendo.”

“Que é isso, Kent?”

“Kendo”, disse Kent. “É uma arte marcial. Eu tenho aulas às terças e às quintas e venho treinar aqui. Eu estava treinando, só isso.”

Connolly suspirou.

Souza olhou para Connolly. “Ele está nos enganando, não é?”

Whitey mostrou a lâmina a Sean. Estava azeitada, brilhante e tão limpa que parecia ter saído da prensa.

“Olhe.” Whitey passou a lâmina pela palma da mão. “Eu tenho *colheres* mais afiadas que isso.”

“Ela nunca foi afiada”, disse Kent.

Sean ouviu o pássaro em seu cérebro novamente, guinchando. “Ah, Kent, há quanto tempo você está aqui?”

Kent olhou para o estacionamento, uma centena de metros atrás deles. “Uns quinze minutos? No máximo. Que está havendo?” Sua voz agora estava ficando mais confiante, com um leve tom de indignação. “Que eu saiba, senhor policial, não é proibido praticar

Kendo num parque público, é?”

“Ainda estamos estudando o assunto”, disse Whitey. “E me chame de ‘sargento’, Kent.”

“O que você esteve fazendo da noite passada até agora de manhã?”, perguntou Sean.

Kent pareceu nervoso novamente, dando tratos à bola, prendendo a respiração. Ele fechou os olhos por um instante, depois soltou o ar. “Sim, sim. Eu estava... eu estava numa festa ontem à noite com uns amigos. Fui para casa com minha namorada. Fomos dormir aí pelas três. Tomei café com ela hoje de manhã e depois vim para cá.”

Sean apertou a ponta do nariz e balançou a cabeça. “Vamos apreender a espada, Kent, e gostaríamos que você passasse no quartel e respondesse a algumas perguntas.”

“No quartel?”

“No distrito policial”, disse Sean. “Só que a gente dá um nome diferente para ele.”

“Por quê?”

“Kent, você pode simplesmente concordar em vir?”

“Ah, claro.”

Sean olhou para Whitey e este fez uma careta. Eles sabiam que Kent estava assustado demais para mentir. Sabiam também que o pessoal do laboratório nada encontraria na espada, mas tinham de seguir todas as pistas e redigir em seguida pilhas de relatórios que fariam a papelada parecer carros alegóricos.

“Eu estou para receber minha faixa preta”, disse Kent.

Eles se voltaram e olharam para ele. “Hum?”

“No sábado”, disse Kent, o rosto brilhando sob as gotas de suor. “Levei três anos para isso, mas, ah, foi por isso que vim aqui de manhã. Para manter a forma.”

“Hum, hum”, fez Sean.

“Ei, Kent”, disse Whitey, e Kent sorriu para ele. “Não é por nada não, mas quem está ligando para essa merda?”

Quando Nadine e as outras crianças começaram a sair pelo fundo da igreja, Jimmy estava se sentindo muito menos furioso e muito mais preocupado com Katie. Porque por mais que gostasse de chegar tarde e de sair com rapazes que ele não conhecia, ela não era de abandonar suas meias-irmãs. Elas a adoravam, e Katie por sua vez fazia-lhes todas as vontades — ia com elas ao cinema, levava-as para patinar, para tomar sorvete. Alguns dias antes ela despertara o entusiasmo das irmãs pelo desfile do domingo seguinte, falando como se o Buckingham Day fosse uma verdadeira festa nacional, como o Natal ou o São Patrício. Chegou em casa cedo na noite de quarta-feira e carregou as duas para o quarto de cima para mostrar as roupas que iriam usar, fazendo daquilo um pequeno desfile: ela sentada na cama e as meninas andando para lá e para cá apresentando seus modelos, fazendo-lhe perguntas sobre seus cabelos, seus olhos, sua maneira de andar. Naturalmente, o quarto das duas pequenas virou a maior bagunça, com todas aquelas roupas espalhadas, mas Jimmy não se aborrecia com aquilo — Katie estava ajudando as

meninas a marcar mais um acontecimento importante, usando truques que Jimmy lhe ensinara para fazer com que mesmo as coisas mais insignificantes parecessem importantes e singulares.

Sendo assim, por que ela faltaria à primeira comunhão de Nadine?

Talvez ela tivesse tomado um porre homérico. Ou talvez ela realmente tivesse encontrado o príncipe encantado com olhar e maneiras de galã de cinema. Podia ser também que simplesmente tivesse esquecido.

Jimmy levantou-se do banco da igreja e foi andando pela nave com Annabeth e Sara. Annabeth ia afagando sua mão e observando seus maxilares crispados e o olhar distante.

“Tenho certeza de que ela está bem. De ressaca, com certeza, mas bem.”

Jimmy sorriu, balançou a cabeça e retribuiu o afago. Com aquele seu jeito de ler os pensamentos, os afagos na hora certa, sua carinhosa praticidade, ela era, pura e simplesmente, a base do universo de Jimmy. Sem ela, Jimmy não tinha a menor dúvida de que terminaria por voltar à Deer Island ou, bem pior, seria jogado numa penitenciária de segurança máxima, como Norfolk ou Cedar Junction, onde levaria uma vida dura, e seus dentes apodreceriam.

Quando ele a encontrou um ano depois de sair da prisão, dois anos ainda de liberdade condicional pela frente, seu relacionamento com Katie estava começando a se consolidar. Ela parecia ter se acostumado a tê-lo por perto o tempo todo — um pouco desconfiada ainda, mas cada dia um pouquinho mais solta — e Jimmy já se acostumara a estar permanentemente cansado — cansado de trabalhar dez horas por dia e andar por toda a cidade, para levá-la à casa de sua mãe, à escola, ao centro de convivência. Ele sentia cansaço e sentia medo; à época, aquelas eram as duas constantes de sua vida, e depois de algum tempo chegou à conclusão de que sempre seria assim. Ele acordava com medo — medo de que Katie rolasse na cama à noite, ficasse numa posição ruim e morresse sufocada; medo de que a economia do país piorasse e ele ficasse sem emprego, medo de que Katie caísse do trepa-trepa na escolinha na hora do recreio; medo de que ela quisesse alguma coisa que não lhe pudesse dar; medo de que sua vida continuasse naquele carrossel constante de medo, de amor e de exaustão, para sempre.

De resto, foi com o mesmo cansaço que ele compareceu à igreja no dia em que um dos irmãos de Annabeth, Val Savage, se casou com Terese Hickey — uma união de dois noivos igualmente feios, mal-humorados e baixinhos. Jimmy os imaginou tendo uma ninhada, em vez de filhos, uma massa indistinta de narizes chatos, fadados a sair barbarizando pela Buckingham Avenue nos próximos anos e a explodir por qualquer coisinha. Val Savage fizera parte da quadrilha de Jimmy, à época em que esta ainda existia, e era muito grato a Jimmy por ter cumprido dois anos de cadeia e mais três de liberdade condicional, em nome de todo o bando, quando todos sabiam que ele podia ter dedado todo mundo, salvando a própria pele. Val, corpo de anão e cérebro de ervilha, com certeza teria idolatrado Jimmy, não tivesse este se casado com uma porto-riquenha, que além do mais era desconhecida no bairro.

Depois que Marita morreu, a vizinhança ficava comentando: “Viu no que dá? É isso

que acontece quando se vai contra a ordem das coisas. Mas essa Katie vai ser um pedaço de mulher, quase toda mestiça é”.

Quando Jimmy saiu de Deer Island, choveram propostas. Jimmy era um profissional, um dos melhores nascidos no bairro, que aliás possuía um verdadeiro panteão de bandidos. E mesmo quando Jimmy dizia não, obrigado, que agora ele iria andar na linha, por causa da menina, sabe, as pessoas balançavam a cabeça e sorriam, certas de que ele voltaria atrás logo que a barra começasse a pesar e ele tivesse de escolher entre pagar a prestação do carro e comprar o presente de Natal de Katie.

Mas não foi o que aconteceu. Jimmy Marcus, gênio do assalto, um sujeito que chefiava sua própria quadrilha antes de ter idade para tomar bebida alcoólica, o homem que estava por trás do assalto à Keldar Technics e de um monte de outros casos espetaculares, mantinha-se tão firme em seu propósito que as pessoas começaram a achar que ele as estava enganando. Puxa, chegou-se a dizer que Jimmy estava pensando em comprar a loja de Al DeMarco (o que permitiria ao velho aposentar-se) com uma boa parte do dinheiro supostamente roubado na operação Keldar. Jimmy Marcus dono de loja, usando um avental? Certo, a gente acredita, as pessoas diziam.

Na festa de Val e Terese no K of C da Dunboy Street, Jimmy convidou Annabeth para dançar, e logo todo mundo percebeu: seus corpos enlaçados para melhor acompanhar a música, a forma como inclinavam a cabeça quando se olhavam nos olhos, orgulhosos como pavões, a maneira como ele lhe acariciava o dorso e como Annabeth recebia essas carícias. Eles se conhecem desde que eram crianças, alguém comentou, embora ele seja alguns anos mais velho. Talvez sempre tivesse havido alguma coisa entre eles, esperando que a porto-riquenha arrumasse as malas, ou que Deus as arrumasse para ela.

Eles dançaram ao som de uma canção de Rickie Lee Jones, uma canção com um par de versos que sempre emocionavam Jimmy, ele não sabia bem por quê — “Well, good-bye boys/ Oh my buddy boys/ Oh my sad-eyed Sinatras”. Descontraído e solto pela primeira vez em muitos anos, ele sussurrou os versos para Annabeth, enquanto seus corpos balançavam, depois cantou o refrão acompanhando a vozinha chorosa de Rickie “So long, lone-ly ave-nue”, sorriso nos lábios, contemplando os olhos verde-esmeralda de Annabeth, que também lhe sorria, com uma doçura e um recato que lhe tocaram o coração, e era como se aquela fosse a centésima dança, e não a primeira.

Eles foram os últimos a sair — deixando-se ficar na vasta varanda da entrada, tomando cervejas light, fumando cigarros e acenando para os outros convidados que se encaminhavam para seus carros. Ficaram até a noite esfriar, e Jimmy pôs-lhe o casaco nos ombros e lhe falou sobre a prisão e sobre Katie, sobre os sonhos de Marita com cortinas cor de laranja, e ela lhe falou como tinha sido crescer na família Savage, sendo a única mulher numa casa cheia de irmãos maníacos, sobre aquele inverno em que partira para dançar em Nova York antes de perceber que não tinha talento suficiente, sobre seu curso de enfermagem.

Quando a gerência do K of C os mandou embora, eles saíram andando até a casa dos

noivos, bem a tempo de assistir à primeira briga do casal, depois de casados. Depois de pegar meia dúzia de cervejas da geladeira de Val, os dois mergulharam na escuridão do Hurley's Drive-in, sentaram-se à beira do canal e ficaram ouvindo o marulhar noturno. O drive-in fechara havia quatro anos, e um cortejo de escavadeiras amarelas, caminhões basculantes do Departamento de Praças e Jardins e do Departamento de Obras chegava ao local todos os dias, transformando toda a faixa de terra ao longo do canal num monte de lixo e de entulho. Dizia-se que ali seria um parque, mas àquela altura era apenas um drive-in destruído, a tela branca ainda avultando por trás das montanhas de lixo e de placas de asfalto acinzentado.

“Dizem que está no seu sangue”, disse Annabeth.

“O quê?”

“O roubo, o crime.” Ela deu de ombros. “Você sabe.”

Jimmy lhe deu um sorriso por trás da garrafa de cerveja, tomou um gole.

“É verdade?”, perguntou ela.

“Talvez.” Foi a sua vez de sacudir os ombros. “Um monte de coisas está no meu sangue. Isso não significa que elas vão se manifestar.”

“Eu não estou julgando você. Pode acreditar.” A face de Annabeth estava impenetrável, e também a voz, e Jimmy se perguntava o que ela queria ouvir dele. Que ainda estava no crime? Que o deixara de vez? Que a faria rica? Que nunca mais iria cometer um crime?

À distância, Annabeth tinha uma fisionomia calma e quase indistinta. De perto, porém, viam-se tantas coisas incompreensíveis, a impressão de uma mente trabalhando freneticamente, todo o tempo, sem descanso.

“O que quero dizer é que... a dança está em seu sangue, não é?”, disse Jimmy.

“Não sei, eu imagino.”

“Mas quando lhe disseram que você não podia mais dançar, você parou, não foi? Foi duro, mas você segurou a barra.”

“Certo...”

“Certo”, disse ele, pegando um cigarro do maço que estava entre eles, no banco de pedra. “Então, bem, eu era bom no que fazia. Mas fui em cana, minha mulher morreu e isso quase acabou com a vida de minha filha.” Ele acendeu o cigarro e soltou uma longa baforada, enquanto tentava encontrar uma forma de dizer o que lhe passara pela mente uma centena de vezes. “Eu não vou mais correr o risco de ferrar a vida de minha filha, Annabeth. Entende? Se eu pegar mais dois anos de cadeia, o que vai ser dela? Minha mãe não tem mais saúde. E se ela morrer enquanto eu estiver preso? Vão botar a minha filha sob a tutela do Estado e mandá-la para uma espécie de Deer Island para crianças. Eu não aguentaria uma coisa dessas. Então, é isso. No sangue, fora do sangue, seja lá que merda for, vou continuar na linha.”

Jimmy sustentou o olhar de Annabeth, enquanto ela scrutava seu rosto. Ele tinha certeza de que ela procurava algum furo em sua explicação, algum sinal de mentira, e esperava ter conseguido ser convincente em sua fala. Havia muito tempo ele a vinha

elaborando, preparando-se para um momento como aquele. E o fato é que quase tudo o que dissera era verdade. Ele só deixara de fora uma coisa que jurara a si mesmo nunca contar a ninguém, fosse lá quem fosse. Então olhou nos olhos de Annabeth e esperou que ela tomasse uma decisão, procurando esquecer as imagens daquela noite às margens do Mystic River — o cara de joelhos, a saliva a lhe escorrer pelo queixo, o guincho de sua súplica —, imagens que insistiam em penetrar no seu cérebro feito britadeiras.

Annabeth pegou um cigarro. Ele o acendeu para ela. “Eu era apaixonada por você, sabia?”, disse ela.

Jimmy manteve a cabeça ereta, o olhar calmo, ainda que o alívio que sentia fosse como uma descarga — conseguira vender sua meia verdade. Se ele e Annabeth se dessem bem, ele nunca mais teria de vendê-la novamente.

“Sério? Você gostava de mim?”

Ela fez que sim com a cabeça. “Quando você ia lá em casa ver Val... meu Deus, quantos anos eu tinha? Catorze, quinze? Jimmy, nem queira saber. Meu corpo todo tremia só de ouvir sua voz na cozinha.”

“Puxa.” Ele tocou em seu braço. “Ele não está tremendo agora.”

“Claro que está, Jimmy. Claro que está.”

E Jimmy ouviu as águas do Mystic rolarem ao longe, dissolvendo-se nas profundezas do Pen, apartando-se dele, retornando ao passado e perdendo-se nele, pois aquele era o seu lugar.

Quando Sean voltou à pista de jogging, a mulher da Polícia Técnica estava lá. Whitey Powers ligou para todas as unidades que estavam no local e ordenou que detivessem todos os vagabundos das redondezas e depois se agachou ao lado de Sean e da policial.

“As manchas de sangue vão nesta direção”, disse a mulher da Polícia Técnica, apontando para dentro do parque. A pista de jogging passava por uma pequena ponte de madeira e depois mergulhava numa parte bastante arborizada, de onde emergia para contornar a velha tela do drive-in, em seu extremo. “Lá adiante tem mais.” Ela apontou com uma caneta, e Sean e Whitey olharam por sobre os próprios ombros, viram pequenos salpicos de sangue na grama do outro lado da pista de jogging, junto da pequena ponte de madeira. Os salpicos tinham sido preservados da chuva da noite anterior pelas folhas de um grande olmo. “Acho que ela correu para aquela ravina.”

O rádio de Whitey chiou e ele o aproximou da boca. “Powers.”

“Sargento, precisamos de você aqui próximo ao jardim.”

“Estou indo.”

Sean viu Whitey trotar para a pista de jogging e entrar no jardim comunitário na curva seguinte, a batinha da camisa de hóquei do filho voando em volta da cintura.

Sean, que ainda estava agachado, levantou-se e olhou atentamente o parque, tomando consciência do quanto era extenso, da abundância de suas matas, de suas colinas, de suas águas. Em seguida concentrou a atenção na pequena ponte de madeira que passava sobre a ravina, onde corria um pequeno córrego cuja água era muito mais escura e poluída que a do canal. Coberta de uma permanente camada de gordura, ela fervilhava de mosquitos no

verão. Sean notou uma mancha vermelha nas pequenas macieiras que havia na borda da ravina, e caminhou em direção a elas. Logo sentiu a presença, ao seu lado, da mulher da Polícia Técnica, que também percebera a mancha.

“Como é seu nome?”, perguntou Sean.

“Karen”, disse ela. “Karen Hughes.”

Sean apertou sua mão, ambos com os olhos fixos na mancha vermelha enquanto cruzavam a pista de jogging, e só ouviram Whitey Powers aproximar-se quando já estava quase em cima deles, ofegante.

“Encontramos um sapato”, disse Whitey.

“Onde?”

Whitey apontou para a pista de jogging, ali atrás, além do ponto em que ela se curvava para contornar o jardim comunitário. “No jardim. Um sapato de mulher. Tamanho trinta e seis.”

“Não toque nele”, disse Karen Hughes.

“Não me diga”, disse Whitey, e ela lhe lançou um olhar gélido. Karen Hughes tinha um daqueles olhares glaciais capazes de gelar qualquer um. “Desculpe-me, eu queria dizer — não me diga, *senhora*.”

Sean continuou a andar em direção às árvores, e viu que a mancha vermelha já não era uma mancha, era um tecido triangular, pendurado num galho fino, na altura de um ombro. Os três o observaram por um instante, depois Karen Hughes tomou distância e tirou várias fotografias do tecido, de quatro ângulos diferentes e em seguida começou a procurar alguma coisa em sua bolsa.

O tecido era de náilon, Sean tinha quase certeza, provavelmente de um casaco, e brilhava com sangue.

Karen usou pinças para tirá-lo do galho, observou-o por um minuto, em seguida o colocou num saco plástico.

Sean se debruçou sobre a ravina, esticou o pescoço, olhou para o fundo. Depois olhou para o outro lado, e viu o que parecia ser a marca de um salto no chão mole.

Ele cutucou Whitey e apontou para a marca até Whitey conseguir ver. Então Karen Hughes deu uma olhada e imediatamente tirou algumas fotografias com sua Nikon. Depois se levantou, cruzou a ponte, desceu o barranco e tirou mais algumas fotos.

Whitey se agachou e deu uma olhada sob a ponte. “Ela deve ter ficado escondida aqui por um tempo. O assassino apareceu, ela correu para o outro lado e recomeçou a correr.”

Sean disse: “Mas por que se internar no parque? Quer dizer, aqui ela estava de costas para a água, sargento. Por que não correu de volta para a entrada?”.

“Devia estar desorientada. Estava escuro, e ela estava baleada.”

Whitey deu de ombros e chamou a Central de Operações pelo rádio.

“Aqui é o sargento Powers. Parece que estamos nos encaminhando para um caso de homicídio, Central. Vamos precisar de todos os policiais disponíveis para uma busca no Pen Park. Veja se pode conseguir alguns mergulhadores.”

“Mergulhadores?”

“Positivo. Vamos precisar do tenente Friel e de algum representante da promotoria na cena do crime, o mais rápido possível.”

“O tenente está a caminho. O representante da promotoria foi avisado. Entendido? Câmbio.”

“Positivo. Desligo.”

Sean continuava a olhar a marca do salto, e observou ranhuras à esquerda, provavelmente feitas pelos dedos da vítima quando tentava escalar o barranco. “Você tem uma ideia de que merda aconteceu por aqui na noite passada, sargento?”

“Não tenho a mínima, nem ousa arriscar”, respondeu Whitey.

Do alto da escadaria da igreja, Jimmy distinguia apenas o Penitentiary Channel. Este formava uma faixa roxo-escura para além do elevado da via expressa, e o parque vizinho era a única área verde daquele lado do canal. No meio do parque, Jimmy avistou uma faixa branca — o topo da tela do drive-in — apontando acima do elevado. A tela continuava no mesmo lugar, muito tempo depois que o Estado arrematara o drive-in num leilão por uma ninharia e o entregara ao Departamento de Parques e Jardins. O departamento passou a década seguinte embelezando o lugar, arrancando os postes dos alto-falantes, aplainando o terreno e plantando árvores, fazendo ciclovias e pistas de jogging ao longo do curso d’água, construindo um cercado para um jardim comunitário, e até mesmo uma casa de barco e uma rampa para canoístas, que, aliás, não podiam ir muito longe, pois em ambas as direções eram barrados pelas eclusas. Mas a tela continuava lá, e agora se erguia no fundo de uma espécie de beco sem saída, delimitado por árvores já adultas, trazidas expressamente para isso do norte da Califórnia. No verão, um grupo de teatro local representava Shakespeare diante dessa superfície branca, cobrindo-a de cenários medievais pintados, e os atores saltitavam em cena com espadas de lata dizendo o tempo todo “Atentai!”, “Céus!” e outras bobagens do tipo. Jimmy fora ali com Annabeth e as meninas dois verões antes, e Annabeth, Nadine e Sara estavam todas cabeceando antes de terminar o primeiro ato. Mas Katie ficara acordada, inclinada para a frente, cotovelos apoiados nos joelhos, queixo nas costas das mãos, e Jimmy teve de fazer o mesmo.

Naquela noite eles levaram *A Megera Domada*, e Jimmy não entendeu quase nada — era sobre um sujeito que batia na noiva até ela se tornar uma serva aceitável — e se perguntou onde estava a arte naquilo tudo, concluindo por fim que certamente a tradução tinha estragado o texto. Katie, em compensação, não perdia uma fala. Ela ria inúmeras vezes, outras vezes ficava silenciosa e embevecida, e depois disse a Jimmy que fora uma coisa “mágica”.

Jimmy não tinha a mínima ideia de que diabos ela queria dizer, e Katie não conseguiu explicar. Ela disse apenas que se sentiu “transportada”, e nos seis meses seguintes ficou falando em se mudar para a Itália depois de se formar.

Jimmy, contemplando o limite de East Bucky Flats dos degraus da igreja, pensou: “Itália. Bem, vamos ver”.

“Pai, pai!” Nadine afastou-se de um grupo de amigos e correu em direção a Jimmy e, quando ele chegou ao último degrau, lançou-se a toda a velocidade contra as pernas do pai, ainda gritando: “Pai, pai”.

Jimmy tomou-a nos braços, sentindo o forte cheiro de goma do vestido, e beijou-lhe o rosto. “Minha menina.”

Fazendo o mesmo movimento que a mãe costumava fazer para afastar os cabelos dos olhos, Nadine afastou o véu do rosto com as costas de dois dedos. “Esse vestido dá coceira.”

“Estou sentindo coceira”, disse Jimmy. “E olha que eu não estou vestido nele.”

“Você ia ficar engraçado de vestido, papai.”

“Não se ele fosse do tamanho certo.”

Nadine levantou os olhos ao céu e depois roçou a dura coroa do véu embaixo do queixo do pai. “Isso faz cócegas?”

Olhando por sobre a cabeça de Nadine, Jimmy viu Annabeth e Sara, sentiu o amor que lhes dedicava encher-lhe o peito e ao mesmo tempo o aniquilar.

Fosse ele atingido por uma saraivada de balas naquele exato momento, não se importaria. Ele estava feliz. Sentia a máxima felicidade a que se pode aspirar.

Bem, quase. Ele examinou a multidão procurando Katie, esperando que ela aparecesse na última hora. Em vez disso, viu uma radiopatrulha aparecer na esquina da Buckingham Avenue, fazer uma ampla curva e aproximar-se da pista da esquerda da Roseclair, o pneu traseiro ultrapassando a faixa do meio, enquanto o uivo da sirene cortava o ar matinal. O motorista enfiou o pé no acelerador, e o potente motor rugiu quando o carro disparou em direção ao Pen Channel. Um carro preto, sem identificação, seguiu-o alguns segundos depois — mesmo a sirene estando muda, não havia dúvida quanto a sua função — e o motorista fez uma curva de cento e oitenta graus a sessenta quilômetros por hora, para entrar na Roseclair, o motor aos roncoss.

No momento em que Jimmy colocava Nadine no chão, sentiu, no mais fundo de seu coração, uma súbita e brutal certeza de que, infelizmente, as coisas voltavam a ser o que sempre tinham sido. Quando os dois carros da polícia passaram sob a ponte e dobraram à direita rumo à entrada do Pen Park, ele sentiu de repente a presença de Katie em todas as fibras de seu ser, em cada uma de suas células, no menor de seus capilares, com a mesma clareza com que ouvia os roncoss do motor e o cantar dos pneus no asfalto.

Katie, ele quase falou em voz alta. Oh, meu Deus, Katie.

8. Old MacDonald

Ao acordar, no domingo de manhã, Celeste pensava nas tubulações de água e esgoto, em toda a rede de dutos que se estende sob as casas e os restaurantes, as salas de cinema e os centros comerciais e faz parte da estrutura dos edifícios de quarenta andares, descendo, andar após andar, todos enormes, para uma rede ainda mais vasta de esgotos e de tubulações de água, ligando as pessoas de forma mais efetiva que a língua, com o único objetivo de dar vazão a todas as coisas consumidas pelos seres humanos e eliminadas de seus corpos, de suas vidas, de suas gavetas de legumes.

Para onde ia tudo aquilo?

Certamente ela já se fizera aquela pergunta, mas de forma vaga, da mesma maneira que a gente se pergunta como um avião consegue ficar no ar sem bater as asas, mas agora ela queria realmente saber. Sentada em sua cama vazia, ansiosa e curiosa, ela ouvia os ruídos feitos por Dave e por Michael, que treinavam beisebol no pátio do edifício, dois andares abaixo. Para onde? Ela se perguntava.

Aquilo tinha de ir para algum lugar. Todas as descargas, todo sabonete líquido, xampu, detergente e papel higiênico, vômito de bar, manchas de sangue, de café e de suor, sujeira da barra das calças e do colarinho das camisas, verduras e legumes raspados dos pratos para o triturador de lixo, pontas de cigarro, urina e pelos grossos das pernas, do rosto, das virilhas e dos queixos — tudo isso se misturava a centenas de milhares de coisas semelhantes todas as noites, imaginava ela, circulava em corredores úmidos e frios infestados de vermes, para desembocar em imensas catacumbas onde se misturava com água em movimento que corria para... para onde?

Agora eles já não jogavam essas águas no mar? Ou jogavam? Não, eles não podiam fazer isso. Ela se lembrava de ter ouvido falar de um processo de purificação e de compactação de detritos de esgotos, mas não sabia ao certo se vira aquilo num filme, e às vezes os filmes são cheios de mentiras. Então, se não no mar, onde? E se no mar, por quê? Tem de haver uma forma melhor, não é? Voltou-lhe então a imagem de todas aquelas tubulações, e ela continuou matutando naquilo.

Celeste ouviu o ruído oco do bastão batendo na bola. Ela ouviu Dave exclamar “Uau!”, ouviu um grito de Michael e o latido de um cachorro, um som tão claro quanto o barulho do bastão batendo na bola.

Celeste deitou-se de costas, e só então percebeu que estava nua e que dormira até depois das dez. Nenhuma das duas coisas costumava acontecer, se é que acontecera alguma vez, desde que Michael tinha começado a andar, e um certo sentimento de culpa surgiu em seu peito e foi morrer no vazio do estômago, quando se lembrou de ter beijado a carne em volta do ferimento recente de Dave na cozinha, às quatro da manhã, de joelhos, sentindo o gosto da adrenalina e do medo nos poros do marido, e todo o medo de

aids ou de hepatite vencido por aquela súbita necessidade de desfrutá-lo, de apertar o próprio corpo contra o dele, o mais estreitamente possível. Ela deixara cair o seu roupão de banho, a língua ainda deslizando pela sua pele, ajoelhou-se ali, vestida com uma camiseta curta e calcinha preta, sentindo o frio da noite que se insinuava por sob a porta de entrada e lhe gelava os tornozelos e as rótulas. O medo tornara a carne de Dave meio amarga e meio doce, e ela roçou a língua desde a região ferida até a garganta, e pôs a mão em concha entre suas coxas, sentindo-o endurecer-se, enquanto a respiração se acelerava. Ela queria que aquilo durasse o máximo possível, o gosto dele, o poder que de repente ela sentia no próprio corpo e então se levantou para sentar-se sobre ele. Enfiou a língua em sua boca, apertando-lhe os cabelos com os dedos e imaginou que estava sugando, diretamente dele para ela, a dor daquele encontro no estacionamento. Segurou sua cabeça, apertando o corpo contra o dele, e então ele lhe arrancou a camiseta, pôs a boca em um dos seios, enquanto ela movia ritmadamente o corpo contra o dele, ouvindo-o gemer. Ela queria que Dave entendesse que eles eram aquilo, carne contra carne, entrelaçar de corpos, cheiro, desejo e amor, sim, amor, porque ela o amava mais profundamente do que nunca, agora que sabia que por pouco não o perdera.

Ele mordeu-lhe o seio, causando dor, sugou-o com força, e ela permitiu que o beijo se aprofundasse ainda mais ao pressionar seu peito contra a boca de Dave, comprazendo-se na dor. Não se importaria se ele lhe tirasse sangue, porque ele a estava sugando, precisando dela, os dedos deslizando em suas costas, transfundindo o medo para ela, para dentro dela. Do seu lado, ela absorveria o mal dele, depois o cuspiria, como se faz com o veneno, e então os dois se sentiriam mais fortes do que nunca. Ela tinha certeza.

Quando ela começou a namorar Dave, sua vida sexual era marcada pelos excessos; ela voltava ao apartamento que dividia com a mãe, Rosemary, coberta de hematomas, de marcas de dentes e de arranhões nas costas, literalmente sem forças, num estado de exaustão que imaginava ser o de um viciado no intervalo entre duas picadas. Depois que Michael nasceu — bem, na verdade, desde que Rosemary fora morar com eles, depois do câncer, do primeiro câncer — Celeste e Dave entraram naquela rotina de casal satirizada pelas séries de televisão, pois se sentiam cansados demais ou sem privacidade para ir muito além de uns poucos minutos de preliminares sumárias, um pouco de sexo oral, antes de partir para o mais importante, que, com o passar do tempo, ia ficando cada vez menos importante, parecendo-se mais com um entretenimento entre a previsão do tempo e o programa humorístico.

Mas a noite anterior — a noite anterior fora, definitivamente, uma verdadeira explosão de paixão partilhada, que a deixara extenuada e sem forças até aquele momento, estendida na cama.

Foi quando ela ouviu novamente a voz de Dave lá fora dizendo a Michael que se concentrasse, que se concentrasse, diabos, que ela se lembrou do que a estava incomodando antes — antes dos dutos de água, antes da lembrança do sexo selvagem na cozinha, talvez antes mesmo de ir para a cama de manhã: Dave mentira para ela.

Ela percebeu ainda no banheiro, logo que ele chegou em casa, mas decidiu ignorar.

Depois, deitada no linóleo, quando ergueu as costas e a bunda do chão da cozinha para que ele pudesse penetrá-la, novamente foi tomada da mesma certeza. Olhou os seus olhos, ligeiramente esgazeados, quando ele a penetrou, levantando as panturrilhas dela à altura dos próprios quadris, e ela recebeu suas primeiras investidas com uma certeza cada vez maior de que a história não fazia o menor sentido.

Para começar, quem é que ia dizer: “A carteira ou a vida, seu puto. Só vou embora com uma ou outra”. Era ridículo. Aquilo parecia conversa de filme, como pensara no banheiro. E mesmo que o assaltante tivesse ensaiado a fala antes, na hora ele não ia dizer aquilo. De jeito nenhum. Celeste fora assaltada uma vez, perto da Câmara, quando tinha uns vinte anos. O assaltante, um mestiço de punhos finos e chatos, olhos castanhos lacrimejantes, avançou para ela na solidão do anoitecer frio, encostou-lhe um canivete automático na barriga, deixou que ela visse o seu olhar frio e sussurrou: “O que você vai me dar?”.

Não havia nada à volta deles, exceto árvores desfolhadas de dezembro, e a pessoa mais próxima de onde estavam era um homem de negócios voltando para casa a passos rápidos, do outro lado de uma grade de ferro batido, a uns vinte metros de distância. O assaltante empurrou com mais força o canivete contra sua calça jeans, sem chegar a ferir, mas fazendo pressão, e ela sentiu o seu hálito cheirando a podridão e a chocolate. Ela lhe deu a carteira, tentando evitar seus olhos castanhos inquietos e a sensação irracional de que ele tinha outras armas escondidas, e ele a colocou no bolso do casaco e disse: “Você tem sorte de eu estar com pressa”, e saiu andando em direção à Park Street, sem nenhuma pressa, sem medo algum.

Ela tinha ouvido histórias parecidas de um monte de mulheres. Os homens, em geral, pelo menos nesta cidade, raramente são assaltados, a menos que queiram, mas as mulheres são assaltadas o tempo todo. Sempre havia uma ameaça de estupro, expressa ou velada, e em todas as histórias que ouvira nunca aparecera um assaltante com uma frase elaborada. Eles não têm tempo. Têm de ser rápidos. Chegar e se mandar antes que alguém grite.

E havia também o detalhe do murro dado pelo assaltante, enquanto segurava uma faca na outra mão. Se você supõe que a mão que segurava a faca era a destra, quem iria dar um soco com a outra?

Sim, acreditava que Dave se vira numa situação terrível, em que fora obrigado a matar ou morrer. Sim, tinha certeza de que ele não era do tipo capaz de procurar se meter naquele tipo de encrenca. Mas... mas, ainda assim, a história dele tinha furos, saltos. Era como tentar explicar uma marca de batom na camisa — por mais que você não tenha traído, sua explicação, independentemente de quão ridícula seja, tem de fazer sentido.

Ela imaginou os dois detetives em sua cozinha, fazendo-lhes perguntas, e tinha certeza de que Dave iria vacilar. Sua história iria desmoronar sob olhares impessoais e perguntas insistentes. Seria como quando ela lhe perguntava sobre sua infância. Ela ouvia as histórias, claro; os Flats não passavam de uma aldeia engastada numa cidade grande, e as pessoas abriam o bico. Certa vez ela perguntara a Dave se tinha acontecido algo terrível em sua infância, algo que ele não queria partilhar com ninguém, dando a entender que ele

podia contar a ela, sua mulher, à época grávida de um filho dele.

Ele olhou para ela parecendo confuso. “Você se refere àquilo?”

“Aquilo o quê?”

“Eu estava brincando com aquele menino, Sean Devine. Você o conhece. Você cortou o cabelo dele uma ou duas vezes, lembra-se?”

Celeste se lembrava. Ele trabalhava em algum departamento da polícia, mas não da municipal. Ele era alto, cabelos ondulados e uma voz calorosa que corria feito mel. Ele tinha a mesma confiança natural de Jimmy — a confiança que o homem tem quando é muito bonito ou raramente tem dúvida.

Ela não conseguia imaginar Dave em companhia deles, mesmo quando ainda eram meninos.

“Sei”, disse ela.

“Bem, o carro apareceu, eu entrei, e algum tempo depois eu fugi.”

“Fugiu.”

Ele aquiesceu. “Não há muito o que dizer, querida.”

“Mas, Dave...”

Ele lhe pôs os dedos nos lábios. “Vamos parar por aqui, está bem?”

Ele estava sorrindo, mas Celeste percebia — o que seria aquilo? — uma espécie de histeria em seus olhos.

“Quer dizer, eu me lembro de partidas de futebol e de jogos de esconde-esconde”, continuou ele. “Lembro-me de ir ao Looey & Dooey e de tentar me manter acordado na aula. Lembro-me também de algumas festas de aniversário, bobagens do tipo. Mas foi uma época muito chata. Agora, na escola secundária...”

Ela deixou-o falar, como quando ele mentiu sobre o motivo por que perdeu o emprego no American Messenger Service (ele dizia que se tratava de um corte de pessoal para redução de custos, mas outros caras do bairro conseguiram ser contratados pela mesma empresa nas semanas seguintes) ou quando ele lhe disse que sua mãe morrera de um ataque cardíaco, sendo que todos sabiam que ele, então cursando o último ano do curso secundário, a encontrara morta, sentada junto do fogão a gás, a cozinha fechada, toalhas vedando as aberturas sob as portas, a sala cheia de gás. Ela concluiu que Dave precisava daquelas mentiras, precisava reescrever sua história, transformando-a em algo com que pudesse conviver e colocar em algum canto da mente. E se elas lhe permitiam viver melhor, ser um marido amoroso, se bem que às vezes um pouco distante, e um pai atencioso, por que ela haveria de reclamar?

Mas aquela mentira, pensou Celeste enquanto vestia uma calça jeans e uma camisa de Dave, podia acabar com ele. Acabar com *eles*, agora que ela se tornara sua cúmplice, lavando suas roupas, para obstruir a justiça. Se ele não lhe abrisse o jogo, ela não poderia ajudá-lo. E quando a polícia chegasse (e ela viria, aquilo não era televisão; o detetive mais inepto e mais tonto era mais esperto que eles dois, quando se tratava de um crime), eles iriam quebrar a história de Dave como um ovo na borda de uma frigideira.

A mão direita de Dave o estava matando de dor. Os nós dos dedos tinham inchado a ponto de dobrar de tamanho, e os ossos mais próximos do punho pareciam estar prestes a aflorar, atravessando a pele. Nessas condições ele poderia se contentar em mandar bolas fáceis para Michael, mas isso ele não queria. Se facilitasse as coisas para o filho, ele nunca seria capaz de pegar uma bola duas vezes mais rápida, e de acertá-la com um bastão dez vezes mais pesado.

Seu filho era pequeno para os seus sete anos, e crédulo demais para este mundo. Dava para perceber isso em sua fisionomia aberta, no brilho de esperança de seus olhos azuis. Dave amava aquilo em seu filho, mas também odiava. Ele não sabia se teria coragem de acabar com aquilo, mas sabia que era preciso fazê-lo, ou então o mundo se encarregaria disso. Aquele jeito frágil e manso em seu filho era uma maldição da família Boyle, a mesma coisa que fazia com que Dave, com trinta e cinco anos, muitas vezes fosse confundido com um estudante do segundo grau, e que lhe pedissem os documentos nos bares fora do bairro, toda vez que pedia alguma bebida alcoólica. Seus cabelos eram tão espessos como quando tinha a idade de Michael, não havia uma ruga em seu rosto e mesmo os olhos respiravam inocência.

Ele observou Michael tomar posição da forma como lhe ensinara, ajeitar o boné e levantar o bastão na altura do ombro. Ele balançou um pouco as pernas, flexionando-as, um hábito que Dave estava tentando corrigir, mas que continuava voltando como um tique, e Dave lançou a bola rápido, contando explorar a fraqueza do adversário, sem esperar que seu braço estivesse completamente estendido e contorcendo o rosto com a dor que sofria na mão.

Mas Michael se imobilizou no próprio instante em que Dave preparava o lance, e quando a bola seguiu uma trajetória irregular e mergulhou, Michael rebateu como se estivesse empunhando um taco de golfe de cabeça grande. Dave viu no riso de Michael um brilho de esperança mesclado a uma ponta de assombro com sua própria façanha, e Dave quase deixou a bola passar, mas em vez disso rebateu para o chão e sentiu alguma coisa se esfacelar em seu peito quando o sorriso morreu no rosto de seu filho.

“Ei, ei”, disse Dave, resolvendo deixar que o filho apreciasse o valor de uma bela jogada. “Foi um belo lance, rapaz.”

Michael ainda estava de cenho franzido. “E como você conseguiu rebater?”

Dave pegou a bola da grama. “Sei lá. Será que é porque sou muito mais alto do que os meninos da equipe mirim?”

Michael ensaiou um riso inseguro. “Será?”

“Deixe-me perguntar uma coisa. Você conhece algum menino da segunda série com um metro e oitenta de altura?”

“Não.”

“E eu ainda tive de pular para alcançar a bola.”

“É mesmo.”

“Pois é. Tive que rebolar, com todo o meu tamanho.”

Agora Michael ria. Era o riso de Celeste, em ondas. “É...”

“Mas você estava flexionando as pernas.”

“Eu sei, eu sei.”

“Quando você assume uma posição, velho, tem que parar de se mexer.”

“Mas Nomar...”

“Eu sei tudo sobre Nomar. E sobre Derek Jeter também. Tudo bem, são seus heróis. Mas quando você for jogador profissional e puser a mão em dez milhões, vai poder saçaricar. Até lá...?”

Michael deu de ombros, chutou a grama.

“Mike, até lá?”

Michael deu um suspiro. “Até lá, tenho que me concentrar no básico.”

Dave sorriu, jogou a bola para cima e depois a pegou, sem ao menos olhar a posição em que ela caía. “Mas de qualquer modo foi uma bela jogada.”

“Sério?”

“Meu, a bola estava indo na direção do Point. Se eu não rebatesse, ela ia parar no *centro* da cidade.”

“Quem estava indo para o *centro* da cidade?”

Os dois se voltaram e viram Celeste na sacada da parte de trás do prédio, cabelos amarrados atrás, descalça, usando uma camisa de Dave por cima da calça jeans desbotada.

“Oi, mãe.”

“Oi, amor. Você vai ao centro da cidade com seu pai?”

Michael olhou para Dave. De repente aquilo virou uma brincadeira particular deles, e ele riu. “Não, mãe.”

“Dave?”

“A bola que ele acertou, bem. A bola ia parar no centro da cidade.”

“Ah. A *bola*.”

“Foi um bolão, mãe. Papai só conseguiu rebater porque é muito alto.”

Dave sentiu que Celeste o observava, mesmo quando ela olhava para Michael. Observando, esperando e querendo lhe perguntar alguma coisa. Ele se lembrou de sua voz rouca em seu ouvido na noite anterior, quando ela se levantou do chão, agarrou-lhe a nuca e murmurou em seu ouvido: “Agora eu sou você. Você é eu”.

Dave não entendeu bulhufas do que ela quis dizer com aquilo, mas gostou de ouvir aquela voz rouca que o levou ao orgasmo.

Agora, porém, ele sentia que se tratava de mais uma tentativa de Celeste de entrar em sua cabeça e vasculhar lá dentro, e aquilo o exasperou. Porque quando as pessoas entravam em sua cabeça, não gostavam nada do que viam e se mandavam.

“O que é que há, querida?”

“Oh, nada.” Ela abraçou o próprio corpo, embora já não estivesse tão frio. “Ei, Mike, você tomou café?”

“Ainda não.”

Celeste franziu o cenho e olhou para Dave, como se fosse o maior dos crimes treinar

com Michael sem que este tivesse absorvido as energias de seu cereal de cor avermelhada.

“Sua tigela está cheia e o leite está na mesa.”

“Que bom. Estou morrendo de fome.” Michael largou o bastão e saiu correndo em direção às escadas, e Dave sentiu aqueles gestos como uma espécie de traição. E eu tapei a boca dele para não me dizer que estava com fome? Merda.

Michael passou correndo pela mãe e chegou às escadas em disparada, como se temesse que elas desaparecessem caso não subisse depressa.

“Pulando o café da manhã, Dave?”

“Dormindo até o meio-dia, Celeste?”

“São dez e meia”, disse Celeste, e Dave sentiu se esfumar toda a camaradagem que voltara ao relacionamento deles com as loucuras que tinham feito na cozinha na noite anterior.

Ele forçou um sorriso. Se desse um sorriso convincente, talvez pudesse enganá-la.

“Você queria alguma coisa, bem?”

Celeste desceu para perto dele, os pés morenos claros destacando-se no verde da grama. “O que aconteceu com a faca?”

“O quê?”

“A faca”, sussurrou ela, voltando a cabeça e olhando, por sobre o ombro, a janela do quarto de McAllister. “A faca do assaltante. Onde está ela, Dave?”

Dave jogou a bola para cima e a aparou atrás das costas. “Desapareceu.”

“Como assim?” Ela franziu os lábios, olhou para a grama. “Merda, Dave, explique-se.”

“Por que você está tão nervosa?”

“Onde é que ela está?”

“Ela sumiu.”

“Você tem certeza?”

Dave tinha certeza. Ele sorriu e olhou-a nos olhos. “Toda a certeza.”

“Mas seu sangue está nela. Seu dna, Dave. Ela *nunca* mais vai aparecer?”

Dave não sabia o que responder a essa pergunta, por isso simplesmente olhou para a esposa esperando que ela mudasse de assunto.

“Você deu uma olhada no jornal hoje de manhã?”

“Claro”, disse ele.

“Você viu alguma coisa?”

“Sobre o quê?”

Celeste murmurou entre dentes: “Sobre *o quê?*”.

“Ah... ah. Sim.” Dave balançou a cabeça. “Não, não tinha nada. Nem uma linha sobre isso. Lembre-se de que já era bem tarde, querida.”

“Certo, era tarde. Mas você sabe que o caderno local é o último a ser fechado, porque todo mundo fica esperando as notícias policiais.”

“Agora você trabalha na imprensa, é?”

“Isso não é brincadeira, Dave.”

“Não, querida, não é. Só estou dizendo que não havia nada no jornal da manhã. Só isso. Não sei por quê. Vamos assistir ao noticiário do meio-dia, ver o que eles vão dar.”

Celeste olhou novamente para a grama, balançando a cabeça várias vezes e pensando com os seus botões. “Será que vai sair alguma coisa, Dave?”

Dave recuou, afastando-se um pouco da mulher.

“Quer dizer... sobre um negro encontrado à beira da morte no estacionamento do... onde foi mesmo?”

“Foi no, ah, Last Drop.”

“No... ah... Last Drop?”

“Foi, Celeste.”

“Bom, bom, Dave”, disse ela. “Certo.”

E ela foi embora. Ela lhe deu as costas e subiu as escadas da varanda, entrou no prédio e Dave ouviu os passos macios de seus pés descalços subindo a escada.

Era isso que as pessoas faziam. Elas iam embora. Talvez nem sempre fisicamente. Mas emocionalmente, mentalmente? Elas nunca se faziam presentes quando precisava delas. Fora o mesmo com a mãe dele. Naquela manhã, depois que a polícia o trouxe para casa, sua mãe lhe preparou o café de costas para ele, cantarolando “Old MacDonald”, olhando-o de vez em quando por sobre o ombro e lançando-lhe um sorriso nervoso, como se ele fosse um pensionista meio suspeito.

Ela pôs o prato com ovos malpassados, bacon esturricado e torradas amolecidas e perguntou se ele queria suco de laranja.

“Mãe”, disse ele. “Quem eram aqueles caras? Por que eles...?”

“Davey”, disse ela. “Você quer suco de laranja? Não ouvi o que você disse.”

“Quero. Mãe, você sabe por que eles me pegaram...”

“Lá vem você de novo”, disse ela colocando o suco à sua frente. “Tome seu café que eu vou...” Ela apontou para a cozinha, sem a menor ideia do que ia fazer lá. “Eu vou... lavar suas roupas, certo? E depois, Davey, vamos ver um filme. O que você acha?”

Dave fitou a mãe em busca de algum sinal que o estimulasse a abrir a boca para lhe contar, para lhe falar do carro, da casa no mato e da loção de barba que o grandão usava. Mas no rosto da mãe ele viu apenas uma alegria forçada, mecânica, o olhar que às vezes ela exibía quando se preparava para sair nas noites de sexta-feira, ansiosa, tentando encontrar a roupa certa para vestir.

Dave baixou a cabeça e comeu seus ovos. Ouviu sua mãe sair da cozinha cantarolando “Old MacDonald” ao longo de todo o corredor.

Naquele momento, parado no pátio do prédio, os nós dos dedos doendo, ele parecia ouvi-la. O velho MacDonald tinha uma fazenda. E na fazenda tudo ia bem. Plantava-se, colhia-se, capinava-se e tudo era uma maravilha. Todo mundo se entendia, mesmo as galinhas e as vacas, e ninguém precisava discutir nada, porque nunca acontecia nada, e ninguém tinha segredos, porque segredos são para pessoas más, pessoas que não comiam seus ovos, pessoas que entravam em carros que cheiravam a maçã com homens estranhos e desapareciam por quatro dias, voltavam para casa e descobriam que todos os seus

conhecidos também tinham desaparecido, tendo sido substituídos por clones sorridentes dispostos a tudo menos a ouvi-las. Tudo, menos isso.

9. Homens-rã no canal

A primeira coisa que Jimmy viu quando se aproximou da entrada da Roseclair Street para o Pen Park foi uma van K-9 estacionada na Sydney Street, as portas de trás abertas, dois policiais lutando com seis pastores alemães, sofrendo-os com compridas trelas de couro. Vindo da igreja, ele entrou na Roseclair, esforçando-se para não correr, e aproximou-se de uma pequena multidão de curiosos, que se aglomerava perto da ponte da via expressa da Sydney. Os curiosos se concentravam na parte baixa do aclive, no lugar onde a rua começava a subir até a ponte, para em seguida atravessar o Pen Channel, passando a se chamar Valenz Boulevard do outro lado, no ponto em que saía de Buckingham e entrava em Shawmut.

Do ponto onde estavam os curiosos, era possível subir no muro de contenção de concreto de quatro metros e meio de altura que marcava o limite da Sydney Street e olhar lá embaixo a última rua que cortava os East Bucky Flats de norte a sul, o gradil enferrujado pressionado contra os joelhos. Apenas uns poucos metros a leste do mirante, o gradil dava lugar ao vão de uma escadaria de calcário roxo. Em sua juventude, Jimmy e seus companheiros às vezes levavam suas namoradas ali e sentavam-se no escuro, fazendo circular garrafas de Miller, e se deixavam ficar olhando a dança silenciosa das imagens na tela branca do drive-in Hurley. Ocasionalmente Boyle os acompanhava, não porque algum deles simpatisasse com Dave, mas porque ele tinha visto tudo quanto é filme, e às vezes, quando estavam chapados, pediam que ele recitasse os diálogos enquanto olhavam a tela silenciosa; de sua parte, Dave se empolgava de tal modo que chegava a mudar a inflexão de voz de acordo com cada um dos personagens. Mas de repente Dave se revelou um craque do beisebol, entrou no Dom Bosco, tornando-se um grande astro do esporte, e o grupo já não podia tê-lo sempre à mão para divertir-se à sua custa.

Jimmy não tinha nenhuma ideia de por que de repente todas aquelas lembranças afluíam, ou por que se sentia paralisado junto ao gradil, olhos fixos na Sydney, exceto que aquilo tinha algo a ver com aqueles cães, com a forma como se empinavam nervosamente no asfalto, depois de terem descido da van, raspando as patas no asfalto. Um dos policiais que os seguravam levou o walkie-talkie à altura da boca quando apareceu um helicóptero no céu, para os lados do centro da cidade. O helicóptero rumou em direção a eles como uma abelha gorda que ficava cada vez mais gorda toda vez que Jimmy piscava os olhos.

Um policial com cara de menino barrava o acesso ao vão da escadaria roxa, e mais adiante, na Roseclair, duas radiopatrulhas e outros rapazes de uniforme azul montavam guarda na estrada de acesso ao parque.

Os cães não latiam. Jimmy voltou a cabeça para trás quando percebeu o que o estava incomodando desde que os vira. Ainda que as vinte e quatro patas se agitassem nervosamente no asfalto, tratava-se de um movimento concentrado, tenso, como o de

soldados que marcassem passo, sem sair do lugar. Eles pareciam terrivelmente eficientes com seus focinhos negros e os flancos magros, e pareceu a Jimmy que seus olhos eram brasas vivas.

O resto da Sydney parecia a antecâmara de um motim. A rua estava cheia de policiais que avançavam metodicamente através do matagal, à entrada do parque. Lá do alto, Jimmy tinha uma vista parcial do próprio parque, avistava os uniformes azuis e casacos cor de terra avançando pela vegetação, examinando o canal, chamando-se uns aos outros.

Na Sydney, eles se aglomeravam em volta de alguma coisa que se encontrava do outro lado da van, e vários investigadores à paisana, encostados em carros sem o distintivo da polícia, tomavam café, mas nenhum deles fazia brincadeiras, como acontece quando contam histórias sobre suas últimas patrulhas. Jimmy podia sentir uma tensão extrema, quase palpável — que vinha dos cães, dos policiais silenciosos encostados em seus carros, do helicóptero que já não se parecia com uma abelha e roncava sobrevoando a Sydney a baixa altura, desaparecendo em seguida no Pen Park, para além das árvores importadas e da tela do drive-in.

“Ei, Jimmy”, disse Ed Deveau abrindo um pacote de M&M com os dentes e cutucando Jimmy com o cotovelo.

“Que é que há, Ed?”

Deveau deu de ombros. “É o segundo helicóptero que vai para lá. O primeiro ficou dando voltas em cima de minha casa há uma meia hora e eu disse para patroa: ‘Querida, será que instalaram uma base aérea aqui e ninguém me avisou?’.” Ele pôs um pouco de M&M na boca e sacudiu os ombros novamente. “Aí eu desci para ver que diabo é isso.”

“O que lhe contaram?”

Deveau fez um gesto largo com a mão. “Nada. Esses caras estão mais fechados que a carteira de minha mãe. Mas eles estão levando a coisa a sério, Jimmy. Quer dizer, eles bloquearam a Sydney por todos os lados — policiais e cavaletes na Crescent, Harborview, Sudan, Romsey, e até na Dunboy, pelo que ouvi dizer. As pessoas que moram na rua não podem sair, e estão putas da vida. Dizem que tem barcos andando para cima e para baixo no Pen, e Boo Bear Durkin ligou para me contar que viu de sua janela homens-rã entrando no canal.” Deveau apontou. “Olhe só a zorra que está ali.”

Jimmy acompanhou o indicador de Deveau e viu mais adiante, na própria Sydney, três policiais tirando um bêbado de um dos edifícios queimados pelo incêndio. O bêbado parecia não estar gostando nada daquilo. Ele resistiu, até que um dos policiais o obrigou a deitar-se de cara no chão, ao pé da escada enegrecida pelo fogo. Mas aquela palavra dita por Ed inquietava Jimmy: *homens-rã*. Eles não mandavam homens-rã mergulhar na água para procurar alguma coisa boa, alguma coisa viva.

“Eles não estão brincando”, disse Deveau soltando um assobio, depois examinou os trajes de Jimmy. “Por que você está todo paramentado?”

“É a primeira comunhão de Nadine.” Jimmy viu o policial levantar o bêbado, dizer alguma coisa em seu ouvido e depois o arrastar até uma viatura cor de oliva cuja sirene apontava para o lado contrário ao da porta do motorista.

“Ora, parabéns”, disse Deveau.

Jimmy sorriu, em sinal de agradecimento.

“E que diabos você está fazendo aqui, então?”

Deveau olhou novamente para a Roseclair e para a igreja de Santa Cecília, e de repente Jimmy se sentiu ridículo. Que diabos *ele estava* fazendo ali, de gravata de seda e com um terno de seiscentos dólares, esfregando seus belos sapatos na grama que crescia sob o gradil?

Katie, ele se lembrou.

Mas aquilo também lhe pareceu ridículo. Katie faltara à primeira comunhão de sua meia-irmã para curtir uma ressaca ou para ficar na cama, ouvindo as confidências do último namorado. Ora, afinal de contas, por que ela *iria* à igreja, a menos que a arrastassem para lá? Até o batismo da própria Katie, Jimmy passara uma boa década sem pôr os pés numa igreja. E mesmo depois disso, só voltou a frequentar a igreja quando passou a viver com Annabeth. Sendo assim, por que esse drama todo só porque, à saída da igreja, ele vira as radiopatrulhas entrando a toda a velocidade na Roseclair e sentiu... o que seria aquilo? A premonição de uma desgraça? Como estava preocupado com Katie — e também com raiva —, ele estava com ela na cabeça quando viu os policiais passarem a toda a velocidade em direção ao Pen.

Mas e agora? Agora ele se sentia um tonto. Tonto e totalmente deslocado com aquela roupa de gala, e um verdadeiro idiota por ter dito a Annabeth que o esperasse com as meninas no Chuck E. Cheese, ele a encontraria lá, e ela o encararia com uma mistura de exasperação, incompreensão e raiva contida.

“Acho que sou curioso, como todo mundo”, disse ele a Ed Deveau, dando-lhe um tapinha no ombro. “Estou indo, Ed”, disse ele. Mais adiante, na Sydney, um policial jogou um molho de chaves para outro, e este entrou na van.

“Certo, Jimmy. Te cuida.”

“Você também”, disse Jimmy devagar, ainda olhando a rua e vendo a van recuar, parar apenas um instante para a mudança de marcha, entrando depois à direita. Novamente, ele sentiu aquela certeza insidiosa.

A gente sente essas coisas no fundo da alma, em nenhum outro lugar. Às vezes, a gente sente a verdade confusamente, para além de qualquer lógica, e em geral se tem razão, sobretudo quando se trata de uma verdade que não se quer admitir e que não se tem certeza de poder enfrentar. Aí a gente tenta ignorar, procura um psiquiatra ou passa longas horas nos bares, embrutecendo-se na frente da televisão — só para tentar escapar dessas verdades duras demais, feias demais, que a alma intuiu bem antes de a razão se dar conta.

E de repente Jimmy teve a impressão de que essa certeza enfiava-lhe pregos nos sapatos, mantendo-o preso ao chão, ainda que ele quisesse, mais que qualquer coisa, correr, correr o mais rápido possível, fazer qualquer coisa que não fosse ficar ali olhando a van manobrar naquela rua. Os pregos atingiram-lhe o coração — um bom punhado deles, grossos, gélidos, como se disparados por um canhão — e ele quis fechar os olhos, mas

também os olhos estavam pregados, bem abertos, e ele foi obrigado a olhar o carro até então escondido por trás da van que agora se afastava, o carro em torno do qual todos se aglomeravam, colhendo impressões digitais, fotografando, observando o seu interior, passando, para os que estavam na calçada, objetos dentro de sacolas.

O carro de Katie.

Não o mesmo modelo. Não um carro parecido. Mas o carro dela. Com o amassado no para-choque da frente, do lado direito, e o vidro do farol esquerdo quebrado.

“Meu Deus, Jimmy! Jimmy! Jimmy! Olhe para mim. Você está bem?”

Jimmy levantou os olhos para Ed Deveau, sem saber como fora parar ali, de joelhos, as mãos apoiadas no chão, rodeado de todos aqueles rostos irlandeses.

“Jimmy?”, Deveau lhe estendeu a mão. “Você está bem?”

Jimmy olhou para a mão e não tinha a menor ideia de como responder. Homens-rã, pensou ele. No canal.

Whitey encontrou Sean no mato, uns cem metros além da ravina. Eles tinham perdido a trilha de sangue e qualquer vestígio de pegadas nas áreas mais abertas do parque, pois a chuva apagara tudo o que a natureza deixara descoberto.

“Os cães farejaram alguma coisa perto da tela do antigo drive-in. Quer dar uma olhada?”

Sean fez que sim, mas então seu walkie-talkie chamou.

“Aqui o agente Devine.”

“Tem um sujeito aqui na frente...”

“Na frente de onde?”

“Do lado da Sydney Street.”

“Prossiga.”

“O cara diz que é o pai da moça desaparecida.”

“Que diabo ele está fazendo na cena do crime?” Sean sentiu o sangue subir-lhe ao rosto.

“Ele conseguiu passar pelo bloqueio. Que digo a ele?”

“Bem, ponha-o para fora. Já temos um psicólogo na cena do crime?”

“Está vindo.”

Sean fechou os olhos. Todos estavam a caminho, como se estivessem presos no mesmo engarrafamento.

“Então acalme o pai até a chegada do psicólogo. Você sabe qual é o procedimento.”

“Sim, mas ele está querendo falar com você.”

“Comigo?”

“Ele disse que conhece você. Falou que lhe disseram que você está aqui.”

“Não, não, não. Escute...”

“Ele está com outros caras.”

“Caras?”

“Um bando de sujeitos com cara de pirados. Alguns são meio anões e todos têm a mesma cara.”

Os irmãos Savage. Merda.

“Estou indo”, disse Sean.

A qualquer momento, Val Savage podia ser preso. Chuck também, talvez. O sangue dos Savage, que raramente esfriava, agora fervia. Os irmãos insultavam os policiais, e estes pareciam estar prestes a baixar o cacete em todo mundo.

Jimmy estava ao lado de Kevin Savage, um dos mais normais, a alguns metros da fita de isolamento da cena do crime, onde Val e Chuck, de dedo em riste, gritavam: “É a nossa sobrinha que está aí, seus babacas”.

Jimmy sentia uma histeria controlada, uma necessidade mal reprimida de explodir que o deixava entorpecido e um pouco confuso. Certo, lá estava o carro dela, logo ali na frente. Era verdade também que ninguém a tinha visto desde a noite passada. E que o que vira no encosto do motorista era sangue *mesmo*. Verdade também que aquilo não era um bom sinal. Mas havia um verdadeiro batalhão de policiais procurando por ali, e até agora não aparecera um saco desses que se usam para colocar corpos. No momento, a situação era aquela.

Jimmy viu um policial mais velho acender um cigarro e quis arrancá-lo de sua boca, enfiar-lhe a brasa nas fuças, dizendo: volte para lá, porra, e procure a minha filha.

Para acalmar-se, contou devagar de dez até um, um truque que aprendera na Deer Island, visualizando os números — formas cinzentas que flutuavam na escuridão da mente. Se gritasse, eles seriam expulsos dali. Qualquer manifestação de pesar, de ansiedade ou daquele medo que lhe envenenava o sangue daria no mesmo. E então os Savage explodiriam, e iriam passar o dia na prisão, e não naquela rua onde sua filha fora vista pela última vez.

“Val”, ele chamou.

Val Savage recuou a mão que erguera por sobre as fitas de isolamento, tirando o dedo da cara impassível do policial, e olhou para Jimmy.

Jimmy balançou a cabeça. “Calma.”

Val disparou na direção de Jimmy. “Esses putos estão barrando a gente, Jim. Não querem deixar a gente entrar.”

“Eles estão fazendo o trabalho deles”, disse Jimmy.

“O *trabalho* deles, Jim? Esses tiras não têm ideia do que é tramar.”

“Vocês querem me ajudar?”, disse Jimmy no momento em que Chuck — com o dobro do tamanho do irmão, mas metade de sua periculosidade, o que ainda assim o fazia muito mais perigoso que a maioria da população — se juntou a eles.

“Claro”, disse Chuck. “Diga o que a gente deve fazer.”

“Val?”, disse Jimmy.

“O *que* é?”, disse Val com um olhar demente, exalando fúria, feito um odor.

“Você quer me ajudar?”

“Sim, quero, quero, quero ajudar, Jimmy. Mas porra... você sabe que...”

“Eu sei”, disse Jimmy, ouvindo uma exaltação na própria voz e tentando controlar-se.

“Eu sei, Val. É minha filha que está aí. Você está ouvindo o que eu estou dizendo?”

Kevin pôs a mão no ombro de Jimmy e Val recuou um passo, e por um instante ficou olhando para o chão.

“Desculpe, Jimmy, certo? Eu estou pirando. É isso, merda!”

Jimmy esforçou-se para manter o cérebro raciocinando e falou num tom mais calmo.

“Val, você e Kevin seguem a rua, vão até a casa de Drew Pigeon e contam o que está acontecendo.”

“Drew Pigeon? Por quê?”

“Vou lhe dizer por quê, Val. Vai lá e fala com a filha dele, Eve, e também com Diane Cestra, se ela ainda estiver lá. Pergunte quando elas viram Katie pela última vez. A que horas, exatamente, Val. Pergunte se elas estavam bebendo, se Katie ia se encontrar com alguém e com quem estava namorando. Você pode fazer isso, Val?”, perguntou Jimmy, olhando para Kevin. Este, com sorte, talvez pudesse controlar a raiva do irmão.

Kevin fez que sim. “Certo, Jim.”

“Val?”

Val olhou, por cima do ombro, o mato da entrada do parque, depois olhou novamente para Jimmy, balançando a cabeça minúscula. “Certo, certo.”

“Essas moças são amigas. Vocês não precisam jogar pesado com elas, mas façam com que elas respondam, entendeu?”

“O.k.”, disse Kevin, dando a entender que iria cuidar para manter a situação sob controle. Ele bateu no ombro do irmão. “Vamos lá, Val. Ao trabalho.”

Jimmy ficou olhando os dois subirem a rua Sydney, sentindo a presença de Chuck ao seu lado, nervoso, pronto para matar alguém.

“Como você está?”

“Estou segurando a barra. Me preocupo é com você.”

“Não precisa. Agora estou calmo. Não tem outro jeito, não é?”

Chuck não respondeu e Jimmy lançou um olhar à Sydney, para além do carro da filha, e viu Sean Devine saindo do parque e varando o mato, olhos fixos em Jimmy durante todo o caminho. Sean era um sujeito alto e andava rápido, mas nem por isso Jimmy deixou de ver aquela coisa em seu rosto que ele sempre odiara, o olhar de um sujeito para quem a vida sempre fora fácil, que Sean exibia feito um distintivo ainda maior do que o do cinto e que irritava as pessoas, ainda que ele não tivesse consciência disso.

“Jimmy”, disse Sean apertando-lhe a mão. “Oi, velho.”

“Oi, Sean. Disseram que você estava aqui.”

“Desde de manhã bem cedo.” Sean olhou para trás, por cima do ombro, depois olhou novamente para Jimmy. “Ainda não posso lhe dizer nada, Jimmy.”

“Ela está aí dentro?”, disse Jimmy ouvindo o tremor da própria voz.

“Não sei, Jim. Não a encontramos. É o que posso lhe dizer.”

“Então deixe a gente entrar”, disse Chuck. “A gente pode ajudar a procurar. A gente vê isso todo dia nos jornais: gente comum procurando crianças desaparecidas.”

Sean continuou olhando para Jimmy, ignorando totalmente Chuck. “Não é bem assim, Jimmy. Não podemos ter gente que não é da polícia aí, até termos examinado cada centímetro do local.”

“E qual é o local?”, perguntou Jimmy.

“Por enquanto, todo o parque. Escute...” Sean bateu no ombro de Jimmy. “Eu vim até aqui para dizer a vocês que não há nada que possam fazer, por enquanto. Sinto muito. Sinto mesmo, mas é assim. Quando eu souber de alguma coisa, a *primeira* coisa que eu souber, eu falo para você imediatamente, Jimmy. Não estou mentindo.”

Jimmy balançou a cabeça e tocou no ombro de Sean. “Posso falar com você um segundinho?”

“Claro.”

Eles deixaram Chuck Savage na calçada e avançaram alguns metros na rua. Sean endireitou o corpo, preparando-se para ouvir o que Jimmy ia lhe dizer, a atitude absolutamente formal, os olhos frios de policial fixos em Jimmy.

“É o carro de minha filha”, disse Jimmy.

“Eu sei. Eu...”

Jimmy levantou a mão. “Sean. Aquele é o carro de minha filha. Tem sangue nele. Ela não apareceu no trabalho hoje de manhã, faltou à primeira comunhão da irmã. Desde a noite passada, ninguém mais a viu, está ouvindo? A gente está falando de minha filha, Sean. Você não tem filhos e não espero que você entenda como me sinto. Mas vamos, cara. Minha filha.”

Os olhos de Sean continuaram frios, olhos de policial, absolutamente impassíveis.

“O que você quer que eu diga, Jimmy? Se você me fizer a lista das pessoas com quem ela esteve ontem à noite, eu mando policiais falarem com elas. Se ela tiver inimigos, vamos atrás deles. Se você quiser...”

“Eles trouxeram *cachorros*, Sean. Cachorros, para minha filha. Cachorros e homens-rã.”

“É, trouxeram. E a gente tem metade de nosso pessoal aqui, Jimmy. A polícia estadual e a de Boston. E dois helicópteros, dois barcos, e nós vamos encontrá-la. Mas você não pode fazer nada, cara. Pelo menos por enquanto, entendeu?”

Jimmy voltou a cabeça e olhou para Chuck ali na calçada, olhos vasculhando o mato à entrada do parque, o corpo inclinado para a frente como se estivesse pronto a sair da própria pele.

“Por que vocês trouxeram homens-rã para procurar minha filha, Sean?”

“Estamos vasculhando todas as áreas, Jimmy. Quando temos água no local, esse é o procedimento normal, Jimmy.”

“Ela está na água?”

“A gente só sabe que ela está *desaparecida*, Jimmy. Só isso.”

Jimmy girou o corpo por um instante; sua mente se perturbava, se obscurecia,

recusava-se a funcionar direito. Queria entrar no parque. Queria ir até a pista de jogging e ver Katie caminhando em sua direção. Não conseguia pensar. Precisava entrar.

“Você quer um bando de jornalistas na sua cola?”, perguntou Jimmy. “Você vai querer me pôr na cadeia, e cada um dos irmãos Savage, só por entrar aí para procurar minha filha?”

Jimmy percebeu, quando acabou de falar, que aquela era uma ameaça ridícula, patética, e ele odiou Sean por ter percebido também.

Sean balançou a cabeça. “Não é isso que quero, acredite. Mas se tiver que fazer isso, Jimmy, eu faço, cara.” Sean abriu um caderno de anotações. “Escute, me diga com quem ela esteve na noite passada, o que ela estava fazendo, e eu...”

Jimmy já estava se afastando, quando o walkie-talkie de Sean tocou. Ele olhou para trás quando Sean o levou à boca e disse: “Prossiga”.

“Achamos uma coisa.”

“Repita.”

Quando Jimmy se aproximou de Sean, percebeu uma emoção mal contida na voz do sujeito que estava no outro lado do walkie-talkie.

“Eu disse que achamos alguma coisa. O sargento Powers disse que é para você vir aqui. Hum... imediatamente. Agora mesmo.”

“Onde vocês estão?”

“Na tela do drive-in. E a coisa está feia.”

10. Vestígios

Celeste assistia ao noticiário do meio-dia no pequeno aparelho de televisão em cima do balcão da cozinha. Enquanto isso, passava roupa, pensando que poderiam tomá-la por uma perfeita dona de casa dos anos 50, fazendo o duro trabalho de rotina e cuidando da prole, enquanto o marido saía para trabalhar de manhã, com a comida na marmita, e voltava à noite certo de que ela o receberia com um drinque e um bom jantar. Mas não era bem assim. Apesar de todos os seus defeitos, Dave dava duro quando chegava em casa. Ele tirava o pó dos móveis, passava o aspirador, lavava os pratos, enquanto Celeste gostava de lavar as roupas, separá-las, dobrá-las e passá-las a ferro, sentindo o cheiro do tecido limpo e sem dobras.

Ela usava o ferro de passar de sua mãe, um aparelho do começo dos anos 60. Era pesado feito um tijolo, chiava o tempo todo e de repente, sem o menor aviso, soltava jatos de vapor, mas era duas vezes melhor que qualquer dos ferros que Celeste, enganada por promoções e propaganda de uma tecnologia da era espacial, experimentara ao longo dos anos. Com o ferro da mãe, ela fazia vincos com os quais se podia cortar pão, e desmanchava dobras renitentes só com uma leve passada, ao passo que com os outros, de estrutura de plástico, precisaria passar uma meia dúzia de vezes.

Às vezes Celeste se irritava ao pensar em todos aqueles aparelhos que pareciam feitos para quebrar — vídeos, carros, computadores, telefones sem fio —, enquanto na época de seus pais eram feitos para durar. Ela e Dave ainda usavam o ferro e o liquidificador de sua mãe, e tinham sempre junto da cama o velho e negro telefone de discar. Mesmo assim, ao longo de sua vida de casados, eles tinham jogado fora aparelhos que tinham estragado muito antes do esperado — televisores com problemas no tubo de imagem, um aspirador de pó que soltava uma fumaça azul, uma cafeteira elétrica que produzia um líquido ligeiramente mais quente que a água do banho. Esses aparelhos, assim como muitos outros, terminaram sendo jogados na lata de lixo porque o conserto era quase tão caro quanto a compra de um novo. Quase. Sendo assim, era certo que você acabaria por gastar um dinheirinho extra para comprar um de última geração, o que, ela não tinha dúvida, era exatamente o que os fabricantes queriam. Às vezes Celeste se pegava lutando contra a ideia de que não apenas as coisas de sua vida, mas também a sua própria vida estava programada para não resistir a nenhuma pressão ou impacto, de forma que suas poucas partes recicláveis pudessem ser aproveitadas por uma outra pessoa, enquanto que o resto dela iria desaparecer.

Então lá estava ela passando roupa e pensando sobre sua própria condição de objeto descartável quando, depois de uns dez minutos de noticiário, a apresentadora olhou gravemente para a câmara e anunciou que a polícia estava procurando um bandido que fizera um assalto em frente a um dos bares da cidade. Celeste foi até a televisão para

aumentar o volume, e a apresentadora disse: “Essa notícia, e mais a previsão do tempo, no próximo bloco”. E logo Celeste estava vendo uma mulher com as unhas pintadas esfregando uma panela que parecia ter sido mergulhada em chocolate quente, enquanto uma voz apregoava as qualidades de um novíssimo e efficientíssimo detergente, e Celeste teve vontade de chorar. De certa forma, as notícias eram como aqueles aparelhos descartáveis — feitos para atrair e enganar, esperando a hora que você desse as costas para zombar de sua tolice em acreditar, mais uma vez, que iriam cumprir suas promessas.

Ela ajustou o volume, resistiu ao impulso de arrancar o botão ordinário daquela merda de televisor, e voltou para a tábua de passar. Dave saíra com Michael, havia uma meia hora, para comprar joelheiras e uma máscara de apanhador, dizendo que ouviria as notícias pelo rádio, e Celeste nem se deu ao trabalho de olhar para o marido para ver se ele estava mentindo. Michael, apesar de franzino e pequeno, se revelara um excelente apanhador — um prodígio, dissera Evans, seu treinador, capaz de lançar “verdadeiras balas de canhão”, uma criança de sua idade... Celeste pensou nos meninos que vira crescer jogando naquela posição — meninos grandes, em geral com nariz amassado e sem os dentes da frente — e falou de seus receios a Dave.

“Com essas máscaras que fazem agora, querida? Elas são mais fortes que cercados para tubarões. Se um caminhão bate nelas, é ele que quebra.”

Ela pediu um dia para pensar sobre aquilo e voltou a Dave com uma proposta. Michael podia jogar como apanhador ou em qualquer outra posição no beisebol, desde que tivesse o melhor equipamento e, aí é que estava o problema, nunca se tornasse um jogador de futebol profissional.

Dave, que nunca jogara futebol, concordou depois de apenas dez minutos de contra-argumentação *pro forma*.

Então agora eles estavam comprando o equipamento para que Michael pudesse ser um espelho do seu velho, e Celeste estava olhando a televisão, o ferro imobilizado apenas alguns centímetros acima de uma camisa de algodão, esperando terminar um comercial de comida de cachorro.

“Na noite passada em Allston”, dizia a apresentadora, e o coração de Celeste fraquejou, “...uma estudante do Boston College foi agredida por dois homens numa área bastante frequentada pelos jovens. Temos notícias de que a vítima, Carey Whitaker, foi agredida com uma garrafa de cerveja e encontra-se internada, em estado grave, no...”

Com a boca seca como se tivesse comido areia, Celeste agora tinha quase certeza de que não veria nenhuma notícia sobre a agressão ou a morte de um homem à saída do Last Drop. E quando começaram a dar a previsão do tempo, a que se seguiria um programa esportivo, não restou a menor dúvida.

Àquela altura eles já teriam descoberto o corpo. Se ele tivesse sido morto (“Querida, acho que matei um homem”), os jornalistas já o saberiam por suas fontes nas delegacias, ou simplesmente ouvindo a frequência dos rádios da polícia.

Talvez Dave tenha superestimado a fúria de sua violência contra o assaltante. Talvez o assaltante — ou fosse lá quem fosse — tenha simplesmente se arrastado para algum

lugar para lambe as próprias feridas, depois de Dave ter ido embora. Talvez não se tratasse de fragmentos de miolos o que ela vira descer pelo ralo da pia na noite anterior. Mas... e todo aquele sangue? Como uma pessoa podia perder tanto sangue da cabeça e continuar *viva*, quanto mais sair andando?

Quando ela passou o último par de meias e arrumou tudo no closet de Michael e no quarto do casal, voltou, ficou parada no meio da cozinha, sem saber ao certo o que fazer em seguida. Agora a televisão estava transmitindo uma partida de golfe, e o barulho da bola mais o ruído abafado dos aplausos foram diminuindo o nervosismo que a incomodara a manhã inteira. Era alguma coisa mais que seus problemas com Dave e os furos de sua história, mas ao mesmo tempo tinha a ver com aquilo, com a noite passada, com a entrada de Dave banheiro adentro, ensanguentado, todo aquele sangue sujando os ladrilhos, brotando do ferimento, ficando cor-de-rosa quando escorria pelo ralo da pia.

O ralo da pia. Era isso. Era isso que ela tinha esquecido. Na noite anterior, ela dissera a Dave que iria limpar a parte interna do sifão sob a pia, eliminar todos os vestígios. Ela pôs mãos à obra imediatamente, ajoelhou-se no chão da cozinha, abriu o armário que ficava debaixo da pia, procurou entre o material de limpeza e os panos de chão até encontrar o alicate lá no fundo. Ela estendeu a mão, tentando controlar a fobia que sentia de mexer naquele armário, um medo irracional, que ela sempre tinha, de encontrar um rato entre os panos de limpeza, farejando o ar e sentindo o cheiro de sua carne, levantando o focinho dos panos, bigodes vibrando...

Ela pegou o alicate dentro do armário, usou-o para vasculhar entre os panos e as latas de detergente, só para ter certeza de que não havia nenhum rato, consciente de que era um medo tolo, mas com decisão. Afinal de contas não era à toa que aquilo se chamava fobia. Ela tinha horror a colocar a mão em lugares baixos e escuros; Rosemary tinha horror a elevadores; seu pai tinha medo de altura; Dave suava frio toda vez que descia ao porão.

Ela pôs um balde sob o cano da pia para recolher a água. Em seguida deitou-se de costas, levantou um pouco o corpo, torceu um pouco o sifão com o alicate, depois o desatarraxou devagar com a mão, até ele sair e a água junto com ele, derramando-se no balde de plástico. Por um instante ela receou que o balde transbordasse, mas logo o fluxo diminuiu e se transformou num filete, e ela viu um molho escuro de cabelos e pequenos grãos de milho cair no recipiente. A porca de fixação, encostada à parede do fundo, lhe deu mais trabalho. Ela não se mexia, e Celeste se viu obrigada a apoiar o pé na base do armário e puxar o alicate com tal força que temeu que o alicate ou seu punho se partisse em dois. Então a porca girou um pouquinho, não mais que alguns milímetros, com um forte ruído. Celeste mudou o alicate de posição, puxou novamente, e a porca girou um pouco mais que da primeira vez, embora ainda oferecesse resistência.

Alguns minutos depois ela estava com todo o sifão no chão da cozinha. Seus cabelos e sua blusa estavam empapados de suor, mas ela experimentava uma sensação de dever cumprido que beirava o puro triunfo, como se tivesse lutado contra algo recalcitrante e inegavelmente masculino, músculo contra músculo, e tivesse vencido. Entre os panos de

limpeza ela encontrou uma camisa que ficara pequena para Michael; torceu a camisa com as mãos de modo a fazê-la entrar no cano da pia. Passou o pano várias vezes pelo cano, até ter certeza de que estava absolutamente limpo, exceto pela ferrugem antiga, e em seguida colocou a camisa num saquinho de supermercado. Desceu até o pátio levando uma garrafa de água sanitária e o sifão, limpou a sua parte externa e interna, deixando que o líquido saísse pelo outro lado, caindo na terra estorricada do vaso de uma planta que morrera no verão passado e ficara ali no pátio, durante todo o inverno, esperando que alguém se lembrasse de jogá-la fora.

Quando ela terminou, recolocou as peças em seus lugares, achando muito mais fácil montar do que desmontar. Ela pegou o saco de lixo em que colocara as roupas de Dave na noite anterior e nele pôs o saco plástico com a camisa velha de Michael. Em seguida coou o conteúdo do balde sobre o vaso sanitário, limpou o coador com papel toalha e jogou o papel no saco de lixo com o resto.

Bom, ali estavam todos os vestígios.

Ou pelo menos todos os vestígios nos quais ela podia dar um jeito. Se Dave tivesse mentido para ela — sobre a faca, sobre a não existência de impressões digitais e de testemunhas de seu — crime? legítima defesa? —, então nada poderia fazer para ajudá-lo. Mas ela aceitara o desafio ali, em sua própria casa. Ela recolhera todas as provas que a tinham preocupado desde a chegada de Dave na noite anterior, e as eliminara. Ela as vencera, de certa forma. Novamente, ela se sentiu excitada, poderosa, mais viva e eficiente que nunca, e teve a certeza agradável de continuar jovem e forte, de que ela nada tinha em comum com uma torradeira descartável ou um aspirador quebrado. Ela sobrevivera à morte dos pais, a anos de dificuldades financeiras, ao terror que a dominara quando o filho contraiu pneumonia com seis meses de idade, e não se tornara mais fraca, como pensara, apenas mais cansada, mas tudo aquilo iria mudar agora que sabia do que era capaz. Ela era, sem a menor dúvida, alguém que não recuava diante das dificuldades, muito ao contrário. Ela dizia: “Está bem, vamos lá. Podem vir. Ataquem o quanto puderem. Vou resistir. Sempre. Não vou me encolher e morrer. Cuidado”.

Ela pegou o saco de lixo na cozinha, amassou-o de tal forma que ele ficou parecendo o pescoço enrugado de um velho, depois o amarrou com um barbante, dando um nó apertado. Por fim, ela ficou parada se perguntando por que havia pensado no pescoço de um velho. De onde viera aquilo? E ela notou que a imagem da televisão sumira. Um minuto antes, Tiger Woods andava pelo gramado. Agora, a tela estava toda escura.

Então apareceu uma linha branca na tela, e Celeste viu que o tubo de imagem daquele televisor também queimara, e ela o jogaria na área interna do prédio. Agora mesmo. Quanto às consequências, danem-se!

Mas a linha branca sumiu da tela, dando lugar ao estúdio do noticiário e a apresentadora, parecendo abalada e ansiosa, falou: “Interrompemos nossa programação para um informe do nosso plantão de notícias. Valerie Corapi está na entrada do Penitentiary Park, em East Buckingham, onde a polícia está procurando uma mulher dada como desaparecida. Valerie?”.

Celeste viu as imagens do estúdio darem lugar a cenas filmadas de um helicóptero — uma vista tremida da Sydney Street, do Penitentiary Park e de dezenas de policiais, no que parecia ser uma mobilização de um exército, na área circundante. Ela viu dezenas de pequenos vultos, escuros feito formigas por causa da distância, andando pelo parque, e barcos da polícia no canal. Ela viu uma fileira de pequenas silhuetas, negras como formigas, avançar em meio à vegetação que circundava a velha tela do drive-in.

O helicóptero foi fustigado pelo vento e a câmara mudou de posição. Por um momento Celeste ficou vendo a área do outro lado do canal, o Shawmut Boulevard e a zona industrial que ficava ao lado.

“Estamos agora em East Buckingham, onde os policiais, que chegaram esta manhã, continuam vasculhando o parque à procura da mulher desaparecida. Segundo algumas fontes não confirmadas, há indícios, no carro da mulher, de que houve um crime. Ali adiante, Virginia, não sei se vocês estão conseguindo ver...”

A câmara se desviou da zona industrial no Shawmut, fazendo um giro estonteante de cento e oitenta graus e focalizando um carro azul escuro com uma porta aberta, na Sydney Street, parecendo estranhamente abandonado, enquanto o guincho dava marcha a ré para o rebocar.

“Sim”, disse a repórter. “O que estamos vendo agora é o que me informaram ser o carro da mulher desaparecida. A polícia o encontrou esta manhã e imediatamente iniciou a busca. Agora, Virginia, ninguém informou o nome da mulher desaparecida nem o porquê dessa presença maciça — como certamente se pode ver — da polícia. Contudo, fontes ligadas à News Four confirmam que as buscas parecem se concentrar agora na área da tela do antigo drive-in, onde, como se sabe, se realizam espetáculos de teatro no verão. Mas o que estamos mostrando agora não é uma encenação, é a realidade. Virginia?”

Celeste estava tentando costurar as informações que acabara de ouvir. Ela não estava certa de ter sido informada de nada, exceto que a polícia ocupara o seu bairro feito um exército invasor.

A apresentadora do noticiário também parecia confusa, como se estivesse recebendo instruções em off numa linguagem incompreensível. Ela disse: “Nós os manteremos informados sobre... os desdobramentos deste caso. Voltamos agora a nossa programação normal”.

Celeste mudou várias vezes de canal, mas nenhum outro parecia estar fazendo a cobertura do caso, então ela sintonizou de novo na partida de golfe e manteve o volume alto.

Alguém estava desaparecido nos Flats. O carro de uma mulher fora abandonado na Sydney. Mas a polícia não desencadeava esse tipo de operação gigante — pois não havia dúvida de que assim era, e Celeste notara a presença de carros da polícia estadual e da polícia municipal — a menos que houvesse provas de que não se tratava de mero desaparecimento. Devia haver alguma coisa naquele carro indicando ter havido violência. O que dissera a jornalista?

Indícios de que houve um crime. Foi exatamente isso que ela disse.

Ou seja, sangue, concluiu Celeste. Só podia ser sangue. Um indício. Ela lançou um olhar ao saco que carregava na mão, e pensou:

Dave.

11. Chuva vermelha

Jimmy ficou do lado de fora da faixa amarela, de frente para a fileira de policiais raivosos, enquanto Sean se afastava pelo mato, internando-se no parque, sem olhar para trás nem uma vez.

“Senhor Marcus”, disse o policial Jefferts. “O senhor quer café ou alguma outra coisa?” O policial fitou a testa de Jimmy, e este sentiu um certo desprezo e piedade naquele olhar frouxo e na forma como o policial usava o lado do polegar para coçar a barriga. Sean apresentara o policial, dizendo tratar-se do agente Jefferts, um homem direito, e dizendo a Jefferts que Jimmy era o pai da moça que, bem... era dona do carro abandonado. Ajude-o em tudo o que ele precisar, e ponha-o em contato com Talbot, quando ela chegar, e Jimmy imaginou que Talbot era uma psicóloga com um distintivo ou alguma assistente social descabelada, com um monte de dívidas com o crédito educativo e um carro velho cheirando a hambúrguer.

Ele ignorou o oferecimento de Jefferts e atravessou a rua, aproximando-se de Chuck Savage.

“O que está acontecendo, Jim?”

Jimmy balançou a cabeça, certo de que iria vomitar se tentasse dizer o que estava sentindo.

“Você tem um celular?”

“Claro.” Chuck enfiou a mão no bolso do blusão e passou o aparelho. Jimmy discou o número de Informações, ouviu uma gravação pedir que informasse a cidade e o estado, e ele hesitou um segundo antes de responder, imaginando a própria voz viajando por quilômetros e quilômetros de fios de cobre antes de se perder numa espécie de vórtice no interior de um computador gigantesco, com lâmpadas vermelhas à guisa de olhos.

“Que número o senhor deseja?”

“O da Chuck E. Cheese.” Jimmy sentiu um súbito acesso de pavor ao dizer esse nome ridículo em plena rua, próximo do carro vazio de sua filha. Ele queria pôr o telefone inteiro na boca, quebrá-lo com os dentes, ouvi-lo partir-se.

Quando lhe deram o número, ele o discou e ficou esperando que avisassem Annabeth. A pessoa que o atendeu não o pôs na espera, contentando-se em deixar o fone num balcão, e Jimmy ouviu as inflexões metálicas do nome de sua mulher: “Senhora Annabeth Marcus, por favor, entrar em contato com a recepção. Senhora Annabeth Marcus”. Jimmy ouvia o repique de sinos e oitenta ou noventa crianças correndo feito loucas, puxando-se os cabelos e berrando, enquanto vozes adultas desesperadas tentavam erguer-se acima da algazarra. Chamaram de novo a sua mulher. Jimmy imaginou Annabeth ouvindo o chamado, confusa e exausta, enquanto todo o pelotão da primeira comunhão da Santa Cecília disputava pedaços de pizza à sua volta.

Então ele ouviu a voz dela, abafada e curiosa. “Chamaram pelo meu nome?”

Por um momento, Jimmy pensou em desligar. O que diria a ela? Para que ligar para ela sem nada de concreto, apenas os temores de sua imaginação perturbada? Não seria melhor deixar Annabeth e as crianças na paz da ignorância por mais um pouco de tempo?

Mas ele sabia que a coisa já fora longe demais naquele dia e que Annabeth ficaria possessa se ele não a avisasse do que estava acontecendo, enquanto ele arrancava os cabelos na Sydney Street, junto ao carro de Katie. Ela iria se lembrar de sua satisfação junto com as meninas como algo imerecido e, pior que isso, como uma falsa promessa. E ela iria odiar Jimmy por isso.

Ele ouviu novamente sua voz abafada: “Este aqui?”, e então o ruído do fone sendo tirado do balcão. “Alô?”

“Querida”, conseguiu dizer Jimmy, antes de pigarrear.

“Jimmy?”, disse ela com a voz um pouco trêmula. “Onde você está?”

“Estou... Escute... Estou na Sydney Street.”

“Qual é o problema?”

“Eles acharam o carro dela, Annabeth.”

“Que carro?”

“O de Katie.”

“Eles? A polícia? *Eles*?”

“Sim. Ela está... desaparecida. Em algum lugar do Pen Park.”

“Oh, meu Deus. Não é possível. Não, não, Jimmy.”

Jimmy se sentiu assaltar novamente por eles: o medo, a certeza atroz, o horror dos pensamentos que ele tentava encerrar atrás de uma porta em seu cérebro.

“Ainda não sabemos de nada. Mas o carro dela ficou aqui a noite toda e os policiais...”

“Meu *Deus*, Jimmy.”

“...a estão procurando no parque. Um monte deles. Então...”

“Onde você está?”

“Estou na Sydney. Escute...”

“Nessa merda de rua? Por que você não está dentro do parque?”

“Eles não querem me deixar entrar.”

“Eles? Quem diabo são eles? A filha é deles?”

“Não, escute, eu...”

“Você *vai* entrar lá. Por Deus. Ela pode estar ferida. Ela pode estar caída em algum lugar, com frio e ferida.”

“Eu sei, mas eles...”

“Estou indo aí.”

“O.k.”

“Vá para lá, Jimmy. Meu Deus, o que é que deu em você, Jimmy?”

Ela desligou.

Jimmy devolveu o celular a Chuck, certo de que Annabeth tinha razão. Ela estava tão certa que Jimmy tinha vontade de morrer só de pensar que iria lamentar sua passividade,

naqueles quarenta e cinco minutos, pelo resto de sua vida. Ele não seria capaz de lembrar aquilo sem se encolher, sem procurar fugir daquela lembrança. Quando ele se transformara naquela coisa — nesse homem que dizia sim, sim, senhor, o senhor tem razão, senhor, para os filhos da puta dos policiais, quando sua filha primogênita estava desaparecida? Quando aquilo aconteceu? No momento em que ele se postou atrás de um balcão e cedeu os seus colhões em troca de sentir-se... o quê?, um cidadão honesto?

Ele se voltou para Chuck. “Você ainda tem o aparelhinho para arrombar portas no porta-malas, embaixo do estepe?”

Chuck olhou desconfiado como se tivesse sido pego fazendo algo errado. “A gente tem que ganhar a vida, Jim.”

“Onde está o seu carro?”

“Ali mais adiante, na esquina da Dawes.”

Jimmy começou a andar e Chuck o acompanhou a passos largos. “Vamos entrar aí?”

Jimmy fez que sim e apressou o passo.

Quando Sean chegou ao ponto da pista de jogging em que ela acompanhava a cerca em volta dos jardins comunitários, acenou com a cabeça aos policiais que procuravam pistas na terra, entre as flores, percebeu uma tensa expectativa em seus rostos e entendeu que àquela altura eles já sabiam. Agora reinava em todo o parque uma atmosfera que ele já sentira em outras cenas de crime ao longo dos anos, dominada pelo fatalismo, pela aceitação da desgraça do outro.

Quando entraram no parque, eles já sabiam que ela estava morta, mas ainda assim alguma coisa dentro deles, Sean o sabia, esperava um desfecho diferente. Era sempre assim: a gente chegava à cena do crime sabendo a verdade, e então ficava o tempo todo torcendo para estar errado. No ano anterior Sean trabalhara num caso em que um casal comunicara o desaparecimento de seu bebê. A imprensa compareceu em massa, porque o casal era branco e respeitável, mas Sean e cada um dos policiais sabiam que a história do casal era mentira, sabiam que o bebê estava morto, o que não os impedira de consolar os dois sacanas, de lhes dizer que com certeza o bebê estava bem, de investigar falsas pistas referentes a imigrantes que teriam aparecido nas imediações naquela manhã, para finalmente descobrirem o corpinho, ao anoitecer, dentro do saco do aspirador e enfiado numa fenda sob as escadas do porão. Naquele dia Sean viu um policial mais jovem chorar encostado na radiopatrulha, trêmulo, mas os demais policiais ficaram furiosos, embora nem um pouco surpresos, como se tivessem passado a noite sonhando o mesmo sonho ruim.

Era aquilo que se levava consigo por toda parte — para os bares e para os vestiários das delegacias e dos quartéis —, a consciência exasperante de que as pessoas eram repulsivas, de que as pessoas eram estúpidas e más, muitas vezes tinham instintos assassinos, abriam a boca somente para mentir, e quando se encontravam desaparecidas sem nenhum motivo plausível, normalmente eram achadas mortas ou num estado ainda

mais terrível.

E normalmente a dor mais insuportável não era a das vítimas — afinal de contas elas estavam mortas, livres de toda a dor. O pior era pensar nas pessoas que as amavam e que sobreviviam a elas. Em geral se transformavam em mortos-vivos, a mente abalada, o coração partido, vagando pelo resto de suas vidas sem mais nada dentro de si além de sangue e órgãos, impermeáveis à dor, tendo aprendido apenas que às vezes as piores coisas de fato acontecem.

Como acontecera com Jimmy Marcus. Sean não sabia como iria encará-lo e lhe dizer sim, ela está morta. Sua filha está morta, Jimmy. Alguém acabou com ela. Jimmy, que já perdera uma esposa. Merda. Sabe de uma coisa, Jimmy? Deus disse que você ainda tinha uma dívida a pagar. E Ele veio cobrar. Espero que isso o ajude a ver as coisas nas devidas proporções.

Sean cruzou a pequena ponte de madeira sobre a ravina e seguiu o caminho que levava ao grupo de árvores que, como um público pagão, se dispunham em círculo, próximo à tela do drive-in. Todos se concentravam ao pé da escada que levava a uma porta ao lado da tela. Sean viu Karen Hughes fotografando sem parar com sua câmara, Whitey Powers encostado à ombreira da porta, olhando para dentro, tomando notas, o legista assistente de joelhos ao lado de Karen Hughes, um pelotão de policiais uniformizados e da polícia de Boston mexendo-se por trás dos três, Connolly e Souza examinando alguma coisa nos degraus, e os chefões — Frank Krauser, da polícia de Boston, e Martin Friel, da polícia estadual, o comandante ao qual Sean estava subordinado — a uma certa distância, no palco que se estendia à frente da tela, conversando, cabeças baixas e bem próximas.

Se o legista afirmasse que ela morrera no parque, o caso ficaria na jurisdição do estado, sob a responsabilidade de Sean e de Whitey. Caberia a Sean contar a Jimmy. Familiarizar-se com a vítima a ponto de ficar obcecado com sua vida. Caberia a Sean encerrar o caso, dando pelo menos a impressão de que fora resolvido.

O Departamento de Polícia de Boston, porém, poderia reivindicar o caso. Friel podia passar o caso para a polícia de Boston, uma vez que o parque era totalmente circundado por terras do município e porque o primeiro atentado contra a vida da vítima ocorreu em sua jurisdição. Aquilo iria chamar a atenção, Sean tinha certeza. Homicídio em um parque da cidade, a vítima encontrada num lugar em vias de se tornar um dos símbolos da cultura popular local. Nenhum motivo evidente para o crime. Nenhum sinal do assassino, tampouco, a menos que ele tivesse se matado junto a Katie Marcus, o que era muito pouco provável, ou então Sean teria ouvido falar daquilo. Um prato cheio para a imprensa, pensando bem, e o público não tivera um caso igual nos últimos dois anos. Merda, a imprensa iria encher o Pen com suas baboseiras.

Sean não tinha a menor vontade de assumir aquele caso, o que, a julgar pela experiência anterior, significava que era quase certo que ele acabaria em suas mãos. Ele foi andando em direção à tela, os olhos fixos em Krauser e Friel, tentando descobrir qual fora a decisão pelos menores movimentos de suas cabeças. Caso fosse mesmo o corpo de Katie que estivesse lá dentro — na verdade Sean tinha quase certeza disso —, os Flats iriam

explodir. E nem seria por Jimmy, que de todo modo estaria em estado catatônico. Mas e os irmãos Savage? Na Divisão de Crimes Graves, cada um deles tinha fichas do tamanho de catálogos telefônicos. E olhe que elas se referiam apenas a casos investigados pela Polícia Estadual. Sean sabia também que seus colegas da polícia de Boston costumavam dizer que uma noite de sábado sem ter pelo menos um dos Savage detido era como um eclipse solar; os outros policiais vinham conferir, porque era preciso ver para crer.

No palco, sob a tela, Krauser balançou a cabeça uma vez e Friel se voltou. Ele olhou em volta, seu olhar cruzou com o de Sean, e Sean teve certeza de que o caso estava com ele e Whitey. Sean viu salpicos de sangue em algumas folhas próximas à parte inferior da tela, e mais alguns nos degraus que levavam à porta.

Connolly e Souza levantaram os olhos das manchas de sangue nos degraus, acenaram com a cabeça para Sean, e voltaram a examinar as juntas dos espelhos com os degraus. Quando Karen Hughes se levantou, Sean a viu apertar um botão da máquina fotográfica, que emitiu um pequeno ruído enquanto rebobinava o filme. Ela pegou um outro filme na bolsa, abriu a máquina, e Sean notou que os cabelos loiro-acinzentados dela estavam escuros de suor nas têmporas e na franja. Ela lhe lançou um olhar inexpressivo, deixou cair na bolsa o filme usado e recarregou a máquina.

Whitey estava de joelhos ao lado do legista, e Sean o ouviu perguntar baixinho “O quê?” num tom brusco.

“Foi o que eu disse.”

“Você tem certeza?”

“Não cem por cento, mas quase.”

“Merda.” Whitey olhou por sobre os ombros quando viu Sean aproximar-se e balançou a cabeça, apontando o polegar para o legista.

O campo de visão de Sean foi se alargando à medida que subia as escadas atrás deles, e os ombros dos outros dois ficaram lá embaixo quando ele olhou para o vestíbulo, para o corpo encolhido que ali se encontrava, num espaço que não chegava a um metro de largura; o cadáver jazia de costas para a parede da esquerda, os pés encostados à parede da direita, de forma que a primeira impressão de Sean foi a de um feto visto num aparelho de ultrassonografia. O pé esquerdo dela estava descalço e sujo. O que restara da meia estava em volta do tornozelo, enrugado e rasgado. No pé direito havia um sapato preto simples, sujo de lama seca. Mesmo depois de ter perdido o outro sapato no jardim, ela continuou com aquele. O assassino deve ter ficado em sua cola o tempo todo. Não obstante, ela fora até ali para se esconder. Portanto, por um momento ela deve ter tomado certa distância dele, o que quer dizer que algo o retardou.

“Souza”, chamou ele.

“Sim?”

“Vá com alguns homens examinar o rastro que vem até aqui. Procurem no mato e em toda a área por roupas rasgadas, fragmentos de pele, coisas desse tipo.”

“Um de nós já está fazendo os moldes das pegadas.”

“Sim, mas não basta. Você se encarrega disso.”

“Sim.”

Sean olhou novamente para a vítima. Ela estava com uma calça escura e uma blusa azul-marinho de gola larga. O casaco, vermelho, estava rasgado — traje domingueiro, bonito demais para o uso no dia a dia de uma moça dos Flats. Ela fora a um lugar especial, a um lugar chique, talvez a um encontro amoroso.

E sabe-se lá como ela terminara naquele corredor estreito, de paredes mofadas. Certamente aquelas paredes foram a última coisa que seus olhos viram e que seu olfato sentiu.

Era como se ela tivesse se escondido ali para escapar de uma chuva vermelha que lhe molhou o rosto e os cabelos, cobrindo suas roupas de manchas ainda úmidas. Os joelhos estavam apertados contra o peito, o cotovelo direito apoiado no joelho direito; observando o punho fechado junto ao ouvido, Sean teve a impressão de estar vendo uma criança, e não uma mulher, encolhida e tentando escapar a um barulho assustador. Pare com isso, pare com isso, o corpo parecia dizer. Pare com isso, por favor.

Quando Whitey se afastou, Sean se agachou a um passo do vestíbulo. Apesar de todo aquele sangue no corpo e empoçado sob ele, apesar de todo o bolor que havia à sua volta, Sean conseguia sentir o perfume dela, apenas um suave eflúvio, levemente adocicado, levemente sensual, uma fragrância muito discreta que o lembrou de encontros à época do colégio e de carros com as luzes apagadas, o tatear febril através do tecido e o contato eletrizante com a carne. Sob a chuva vermelha, Sean via manchas escuras no pulso, no braço e nos tornozelos, sabendo que aqueles eram os lugares onde ela fora espancada com algum objeto.

“Ele a surrou?”, perguntou Sean.

“É o que parece. Você viu todo esse sangue em sua cabeça? O sujeito lhe quebrou o crânio. Não sei com que, mas sou capaz de apostar que o golpe foi tão forte que o objeto se quebrou.”

Do outro lado, empilhados além do corpo e enchendo o estreito corredor atrás da tela, havia estrados e o que parecia ser um amontoado de acessórios de teatro — veleiros de madeira e torres de catedrais, o arco do que parecia ser uma gôndola veneziana. Em meio àquilo, a vítima não podia se mexer. Chegando ali, ela ficou presa. Se seu perseguidor a encontrasse, ela estaria perdida. E ele a encontrou.

O assassino abriu a porta, e ela se encolheu, tentando proteger o corpo apenas com os próprios membros. Sean esticou o pescoço e olhou em volta do punho fechado, contemplou o seu rosto. Também ele estava manchado de vermelho, os olhos tão fechados quanto o punho, como se ela tivesse tentado desesperadamente escapar daquele pesadelo, as pálpebras a princípio fechadas pelo medo, agora pela rigidez da morte.

“É ela?”, perguntou Whitey.

“Ahn?”

“Katherine Marcus”, disse Whitey. “É ela mesmo?”

“Sim”, disse Sean. Ela tinha uma pequena cicatriz curva sob o queixo, do lado direito, cada vez mais apagada pela ação do tempo, mas que se podia ver perfeitamente, quando

Katie aparecia nas redondezas, porque o resto de seu corpo era absolutamente impecável, sendo seus traços uma combinação da beleza morena e angulosa da mãe e do charme um tanto juvenil do pai, de quem herdara os cabelos e os olhos claros.

“Você tem cem por cento de certeza?”, perguntou o legista.

“Noventa e nove”, disse Sean. “O pai vai ter que fazer o reconhecimento no necrotério. Mas é ela, sim.”

“Você viu aqui atrás da cabeça dela?” Whitey inclinou-se e levantou os cabelos com uma caneta.

Sean olhou, viu que estava faltando um pedacinho do crânio, e que a nuca estava escura de sangue.

“Quer dizer que ela levou um tiro?” Ele olhou para o legista.

O outro confirmou. “Está me parecendo um ferimento a bala.”

Sean recuou para deixar de sentir o cheiro de perfume, de sangue, do mofo do cimento e de madeira úmida. Por um instante, ele desejou afastar o punho fechado de Katie Marcus de seu ouvido, como se isso fizesse evaporar os hematomas que estavam à vista e também os que com certeza havia sob as roupas, livrando-a da chuva vermelha em seu cabelo e em seu corpo — e então ela iria levantar de seu túmulo, os olhos pesados de sono, só um pouco tonta.

À sua direita, ele ouviu os gritos simultâneos de várias pessoas, o barulho de uma corrida precipitada, acompanhado pelos latidos e rosnados furiosos dos cães da van. Quando ele olhou, viu Jimmy Marcus e Chuck Savage irromperem através das árvores no extremo do bosque, no ponto em que a terra se tornava verde, bem cuidada e descia num declive suave em direção à tela, o lugar onde as multidões estendiam toalhas sobre a grama e sentavam sobre elas para assistir aos espetáculos teatrais.

Finalmente oito policiais uniformizados e dois à paisana cercaram Chuck e Jimmy; logo Chuck foi derrubado, mas Jimmy foi rápido e conseguiu passar por eles, fazendo uma série de negaças que deixaram seus perseguidores agarrando o ar, e, se ele não tivesse caído quando descia a ladeira a toda, teria chegado até a tela sem ninguém para o impedir, exceto Krauser e Friel.

Mas o fato é que seu pé deslizou na grama úmida e seu olhar cruzou com o de Sean, um segundo antes de se estatelar no chão, enfiando o queixo na grama. Um policial jovem, cabeça quadrada e corpo tipo geladeira, caiu sobre Jimmy como se ele fosse um trenó, e os dois deslizaram mais alguns metros ladeira abaixo. O policial puxou o braço direito de Jimmy para trás e levou a mão às algemas.

Sean foi para a beira do palco e gritou: “Ei! Ei! É o pai dela. Não o deixe entrar, só isso”.

O jovem policial olhou para cima, irritado e enlameado.

“Ponha-os para fora, só isso. Os dois.”

Ele voltou para junto da tela e então Jimmy gritou o seu nome, a voz rouca, como se os gritos de dentro da mente já tivessem escangalhado suas cordas vocais: “Sean!”.

Sean parou e viu que Friel estava olhando para ele.

“Olhe para mim, Sean!”

Sean se voltou, viu Jimmy lutando contra o peso do policial para se levantar, o queixo com uma negra mancha de terra, a grama apontando dela como fios de barba.

“Vocês a encontraram? É ela?”, gritou Jimmy. “É?”

Sean ficou paralisado, sustentando o olhar de Jimmy, até o momento que os olhos esbugalhados deste terminaram por ver o que ele próprio tinha visto. Então Jimmy compreendeu que tudo estava terminado, que seus piores temores tinham se realizado.

Jimmy se pôs a berrar, fios de baba escorrendo de sua boca. Veio um outro policial ajudar o que estava em cima de Jimmy, e Sean lhes deu as costas. O grito de Jimmy agora não passava de um som grave, gutural, sem nada de violento ou de estridente — o gemido de um animal no primeiro estágio do enfrentamento com a dor. Sean ouvira aquele grito de muitos parentes de vítimas, ao longo dos anos. Eles sempre assumiam um tom de lamento, como para invocar Deus ou a razão, suplicando que não os abandonassem, que lhes dissessem que tudo não passava de um pesadelo. Mas os gritos de Jimmy não exprimiam nada disso; eles eram puro amor e furor, em quantidades iguais, espantando os pássaros das árvores e ecoando no Pen Channel.

Sean voltou para perto do corpo de Katie Marcus. Connolly, o mais novo membro da equipe, veio para junto dele, e os dois ficaram olhando o cadáver por um momento, sem dizer nada, enquanto o grito de Jimmy Marcus ia ficando cada vez mais rouco e mais raivoso, como se, a cada novo hausto, ele aspirasse fragmentos de vidro em vez de ar.

Por longo tempo, Sean contemplou Katie, cujo punho fechado apoiava-se contra a têmpora sob a chuva vermelha, depois lançou um olhar aos acessórios que a tinham impedido de chegar ao outro lado do corredor.

Em algum lugar à sua direita, Jimmy continuava a gritar enquanto alguém o arrastava ladeira acima. Um helicóptero cortou o ar acima do bosque, fez um movimento brusco, o motor roncando quando manobrou na altura do barranco e começou a voltar, e Sean imaginou que ele pertencia a alguma emissora de televisão. Ele fazia menos ruído que os helicópteros da polícia.

Connolly comentou com o canto da boca: “Você já tinha visto uma coisa como essa?”.

Sean deu de ombros. Aquilo não faria muita diferença. Chega um momento em que a gente para de fazer comparações.

“Quer dizer, isto é...”, gaguejou Connolly, tentando encontrar as palavras. “Uma espécie de...” Ele desviou o olhar do corpo, fixando-o nas árvores, olhos arregalados numa expressão de absoluta impotência, e parecia prestes a tentar falar novamente.

Então sua boca se fechou, e depois de algum tempo ele desistiu de achar um nome para aquilo.

12. Tuas cores

Sean encostou-se no cenário sob a tela do drive-in com seu chefe, o tenente Martin Friel, e eles ficaram olhando Whitey Powers orientando os movimentos da van do legista; esta recuava no declive que levava ao local onde se encontrou o corpo de Katie Marcus. Whitey ia andando para trás, aos trancos, as mãos levantadas, ora inclinando-se para a direita, ora para a esquerda, suas ordens rasgando o ar como assobios súbitos que lhe saíssem de entre os dentes, feito ganidos de filhotes de cachorro. Seus olhos saltavam das fitas de isolamento da cena do crime, à sua direita e à sua esquerda, para os pneus da van e para os olhos apreensivos do motorista refletidos no retrovisor, como se ele estivesse fazendo um teste para trabalhar numa companhia de transportes, cuidando para que os pneus não se desviassem um milímetro do lugar onde queria que passassem.

“Mais um pouco. Continue reto. Mais, mais. Aí.” Quando a van chegou exatamente ao lugar que ele queria, ele avançou pela lateral do carro e bateu na porta traseira. “Perfeito.”

Whitey abriu as portas traseiras de forma que não se pudesse ver o espaço por trás da tela, e Sean disse para si mesmo que nunca lhe ocorreria formar um par de asas protetoras em volta do vestíbulo onde Katie Marcus morrera, depois lembrou-se de que Whitey tinha muito mais experiência de trabalho em cenas de crime do que ele próprio; Whitey já era velho de guerra à época em que ele, Sean, ainda andava a bolinar garotas no curso secundário, esforçando-se para não coçar as espinhas.

Os dois assistentes do legista estavam saindo do veículo quando Whitey os interpelou. “Não vai ser assim, não, rapazes. Vocês vão ter que sair por trás.”

Eles fecharam as respectivas portas, depois desapareceram no fundo do veículo para pegar o cadáver, e Sean pôde sentir que havia uma finalidade no seu desaparecimento, e foi tomado pela certeza de que agora o problema era todo seu. Os outros policiais, equipes técnicas e repórteres que sobrevoavam a cena do crime em seus helicópteros, assim como os que se encontravam do outro lado, junto aos bloqueios que circundavam o parque, iriam se ocupar de outra coisa, e ele e Whitey teriam de enfrentar sozinhos a bomba que era a morte de Katie Marcus, fazendo relatórios, preparando os depoimentos, trabalhando naquele crime enquanto a maioria das pessoas ali presentes já estaria cuidando de outros casos — acidentes de trânsito, furto, suicídios em salas com ar viciado e cheiro de cinzeiros abarrotados.

Martin Friel apoiou as mãos no palco, alçou-se até ele, e lá ficou sentado, as pernas penduradas acima do chão. Ele interrompera sua partida de golfe no George Wright, e ainda havia um cheiro de protetor solar sob a camiseta azul e a calça cáqui. Pela forma como batia os calcanhares na parte inferior do palco, Sean percebeu uma certa indignação moral nele.

“Você já trabalhou antes com o sargento Powers, certo?”

“Sim”, disse Sean.

“Teve algum problema?”

“Não.” Sean viu Whitey chamar um policial uniformizado à parte, apontar para um grupo de árvores atrás da tela do drive-in. “Trabalhei com ele no caso do homicídio de Elizabeth Pitek, no ano passado.”

“A mulher com mandado liminar?”, disse Friel. “Aquela cujo marido falou coisas demais sobre uma papelada?”

“Ele disse: ‘A papelada domina a vida dela, mas isso não quer dizer que vá dominar a minha’.”

“Ele pegou vinte anos, não foi?”

“Vinte bons anos.” E novamente Sean desejou que tivessem dado a ela uma proteção legal maior. Agora o filho deles estava sob a guarda da justiça, sem saber o que tinha acontecido, sem saber quem era responsável por ele agora.

O policial se afastou de Whitey, reuniu outros policiais e andaram em direção às árvores.

“Ouvi dizer que ele bebe”, disse Friel, levantando uma das pernas para o tablado, e apoiando o joelho no queixo.

“Nunca o vi beber uma gota de álcool em serviço”, disse Sean, perguntando-se quem estava sendo posto à prova, se ele ou Whitey. Ele viu Whitey abaixar-se e examinar uma touceira de grama junto ao pneu traseiro da van, dobrar as mangas do abrigo como se estivesse usando um terno da Brooks Brothers.

“Pelo que me disseram, seu parceiro está de licença médica, porque deslocou não sei o que na coluna, e se recupera andando de jet-ski e praticando paraquedismo ascensional na Flórida.” Friel sacudiu os ombros. “Powers queria ficar com você, quando você voltasse. Agora você está de volta. Vamos ter mais problemas como da última vez?”

Sean já estava esperando engolir muitos sapos, principalmente de Friel, por isso deu à voz um tom contrito: “Não, senhor. Foi um erro de avaliação momentâneo”.

“Muitos”, disse Friel.

“Sim, senhor.”

“Sua vida pessoal é a maior zorra, esse é o seu problema. Não deixe que ela atrapalhe seu trabalho.” Os olhos de Friel, como alimentados por uma corrente elétrica, agora exibiam aquele brilho já conhecido, sinal de que ele não toleraria uma discussão.

Sean engoliu em seco e aquiesceu novamente.

Friel lhe deu um sorriso frio e ficou olhando um helicóptero da imprensa passar por cima da tela, voando mais baixo que o permitido. Friel fitou o rosto de Sean como se estivesse disposto a ajustar contas com alguém antes do pôr do sol.

“Você conhece a família, não é?”, disse Friel, acompanhando o helicóptero com o olhar. “Você cresceu neste bairro.”

“Eu cresci no Point.”

“Que é aqui.”

“Aqui são os Flats. Há uma pequena diferença, senhor.”

Com um gesto, Friel afastou a objeção. “Você cresceu aqui. Você foi um dos primeiros a chegar à cena do crime e conhece essas pessoas.” Ele abriu as mãos. “Estou errado?”

“Em relação a quê?”

“Em relação a sua capacidade de cuidar do caso.” Ele presenteou Sean com seu sorriso de treinador de futebol. “Você é um dos meus rapazes mais brilhantes, certo? Pagou a sua pena. Está pronto para entrar em campo novamente?”

“Sim, senhor”, disse Sean. “Pode ter certeza. Farei o que puder para manter o emprego, senhor.”

Os dois olharam para a van quando alguma coisa caiu pesadamente dentro dela, fazendo o chassi descer bruscamente em direção às rodas. Quando o chassi voltou à posição inicial, Friel disse: “Você notou que eles sempre os deixam cair?”.

Era sempre assim. Katie Marcus agora estava fechada dentro de um saco plástico preto e quente, jogada naquela van, os cabelos grudados no plástico, os órgãos amolecendo.

“Sabe o que me desagrada mais do que crianças negras de dez anos de idade sendo atingidas por balas perdidas das guerras de quadrilhas?”

Sean sabia a resposta, mas não disse nada.

“Moças brancas de dezenove anos assassinadas em meus parques. Nesse caso as pessoas não dizem: ‘Ah, as consequências da crise econômica’. Elas não experimentam um mero sentimento do trágico. Não, elas ficam furiosas e querem que se mostre o culpado no noticiário matinal, devidamente algemado.” Friel cutucou Sean. “Entendido?”

“Sim, senhor.”

“É isso que elas querem, porque elas somos nós, e é isso o que queremos.” Friel segurou o ombro de Sean para que este o fitasse.

“Sim, senhor”, disse Sean, porque os olhos de Friel tinham aquele brilho estranho de quem acredita no que está dizendo, da mesma forma que algumas pessoas acreditam em Deus, no *nasdaq* ou na internet enquanto aldeia global. Ele conhecera um Segundo Nascimento, a certa altura da vida, mas Sean não sabia quando nem por quê; ele só sabia que Martin Friel tinha descoberto, graças a seu trabalho, alguma coisa que ele próprio não saberia precisar o que era, alguma coisa que o reconfortava, talvez até uma certeza que lhe servia de âncora. Para dizer a verdade, às vezes Sean pensava que seu chefe não passava de um idiota que cuspiu bobagens sobre a vida e a morte, sobre as formas de consertar o mundo, curando cânceres e fazendo todos os corações baterem em uníssono, desde que cada um contribuísse com sua pequena parcela.

Em outras ocasiões, porém, Friel lhe lembrava seu pai, a construir viveiros de pássaros no porão, onde nunca um passarinho voou, e Sean gostava da *ideia* que fazia dele.

Martin Friel se tornou tenente da brigada criminal dois presidentes antes, e nem por isso, pelo que Sean sabia, ninguém nunca o chamara de “Marty”, “mano” ou “velho”. Na rua podia ser confundido com um contador, um corretor de alguma empresa de seguros,

alguma coisa do tipo. Ele tinha uma fala macia que combinava com o rosto calmo, e sua cabeleira ficara reduzida a uma nesga em forma de ferradura. Ele era baixo, principalmente para um sujeito que abrisse seu próprio caminho nas fileiras da Polícia Estadual, e era muito fácil perdê-lo de vista numa multidão, porque seu andar nada tinha de peculiar. Ele amava a mulher e os dois filhos, costumava esquecer o tiquete do teleférico no bolso de seu anoraque no inverno, participava intensamente das atividades de sua igreja e era conservador em relação às questões sociais e à política tributária.

Mas o que aquele rosto e aquela voz suave não deixavam entrever era a mente — uma combinação maciça de pragmatismo e de moralismo. Se você cometesse um crime capital na jurisdição de Martin Friel — era *dele* mesmo e tanto pior para quem não entendesse —, ele tomava aquilo como uma coisa muitíssimo pessoal.

“Quero você afiado e quero você nervoso”, ele disse a Sean em seu primeiro dia na Divisão de Homicídios. “Não o quero abertamente indignado, porque a indignação é emoção, e a emoção nunca deve ser expressa abertamente. Mas eu o quero o tempo todo irritado — irritado porque as cadeiras aqui são muito duras, enquanto nossos amigos do colégio andam por aí dirigindo Audis. Quero você irritado pelo fato de os criminosos serem imbecis o bastante para achar que podem fazer suas besteiras em *nossa* jurisdição. Irritado o bastante, Devine, para ficar muito atento aos detalhes de seus casos, de forma que os adjuntos do procurador não se vejam de mãos abanando no tribunal por causa de mandados nebulosos e de falta de justificativa putativa. Irritado o bastante para resolver todos os casos e trancafiar esses merdas na merda da cadeia pelo resto de suas vidas de merda.”

Nos quartéis, aquela arenga era chamada de “O discurso de Friel”, e todo mundo que entrava na unidade o ouvia, já no primeiro dia, exatamente com as mesmas palavras. Como muitas das coisas que Friel dizia, não se sabia se ele acreditava mesmo naquilo ou se tudo não passava de um blá-blá-blá para motivar os soldados. Mas as pessoas levavam a sério. Ou então eram descartadas.

Sean estava na Divisão de Homicídios da Polícia Estadual havia dois anos, durante os quais conseguira o melhor índice de resolução dos casos entre o pessoal do esquadrão de Whitey Powers, e Friel ainda o olhava como se não confiasse muito na sua capacidade. Ele o olhava daquela forma naquele instante, perscrutando alguma coisa nele, tentando descobrir se ele estava à altura do caso: uma moça morta em *seu* parque.

Whitey Powers foi andando na direção deles, folheando seu caderno de anotações, enquanto acenava para Friel com a cabeça. “Tenente.”

“Sargento Powers”, disse Friel. “O que temos até o momento?”

“Segundo as primeiras investigações, a morte se deu entre duas e quinze e duas e trinta da manhã. Nenhum sinal de violência sexual. A provável causa da morte foi o ferimento à bala na parte posterior do crânio, mas não está descartada a possibilidade de um trauma decorrente de uma pancada. O atirador certamente era destro. Encontramos a bala alojada num estrado à esquerda da vítima. Parece ser de um Smith 38, mas só vamos ter certeza depois do exame balístico. Os mergulhadores estão procurando armas no

canal. Talvez o assassino tenha jogado nele a arma ou pelo menos o instrumento com que a golpeou, que parece ter sido um bastão ou um porrete.”

“Um porrete”, disse Friel.

“Dois agentes da polícia de Boston que interrogaram os moradores da Sydney Street conversaram com uma mulher que afirma ter ouvido um carro bater em alguma coisa e depois morrer aí pela uma e quarenta da manhã, mais ou menos uma hora antes do óbito.”

“Quais os elementos concretos de que dispomos?”, perguntou Friel.

“Bem, nesse ponto a chuva sacaneou com a gente. Conseguimos alguns moldes de pegadas que devem ser do assassino, e de duas que com certeza pertencem à vítima. Colhemos vinte e cinco impressões digitais diferentes na porta que fica atrás da tela. Podem ser da vítima, do assassino ou simplesmente de vinte e cinco pessoas que nada têm a ver com a história e que vieram beber à noite ou fazer uma pausa durante uma corrida. Achamos sangue perto da porta e do lado de dentro — ainda nesse caso, ele pode ser do assassino ou não. Boa parte do sangue era da vítima. Colhemos várias impressões digitais da vítima na porta do carro. É tudo o que temos até o momento.”

Friel aquiesceu. “Alguma coisa especial que eu possa informar ao procurador quando ele me ligar daqui a uns dez ou vinte minutos?”

Powers sacudiu os ombros. “Diga-lhe que a chuva acabou com a cena do crime e que estamos fazendo o melhor possível.”

Friel bocejou e cobriu a boca com o punho. “Mais alguma coisa que eu precise saber?”

Whitey voltou a cabeça para olhar a pista que levava até a porta atrás da tela, o último chão que os pés de Katie Marcus haviam pisado.

“A falta de pegadas me intriga.”

“Você falou da chuva...”

Whitey aquiesceu. “Mas *ela* deixou duas. Sou capaz de apostar que as pegadas são dela, porque parecem recentes e porque em alguns lugares ela enfiou os saltos na terra e em outros se apoiou na ponta dos pés. Encontramos três ou quatro desse tipo, e tenho quase certeza de que são de Katie Marcus. E as do agressor? Nada.”

“Sempre por causa da chuva”, disse Sean.

“Que explica por que encontramos só três dela, isso eu lhe garanto. Mas nem uma do sujeito, tanto quando podemos ver?” Whitey olhou para Sean, depois para Friel e sacudiu os ombros. “Enfim, pouco importa. Essa coisa me intriga, só isso.”

Friel desceu do palco e bateu as mãos para limpá-las da areia. “Muito bem, rapazes: vocês têm três homens da força-tarefa à sua disposição. A Polícia Técnica está dando prioridade a todas as análises referentes ao caso. Vocês podem requisitar quantos soldados quiserem para o trabalho de campo. Agora, sargento, diga-me como pretende utilizar todos esses homens que colocamos a sua disposição.”

“Acho que temos que falar com o pai da vítima agora e lhe perguntar o que sabe sobre os seus movimentos na noite passada, com quem ela estava, quem poderia ter algum

motivo para odiá-la. Em seguida interrogamos essas pessoas, e novamente a mulher que ouviu um carro morrer na Sydney. Vamos interrogar também todos os bêbados detidos no parque e nas imediações, e pedir à Polícia Técnica que nos dê elementos concretos, identificação de impressões digitais, fibras ou cabelos que nos permitirão avançar na investigação. Talvez a garota Marcus tenha fragmentos de pele do assassino sob as unhas. Talvez as impressões digitais dele estejam naquela porta. Talvez o sujeito fosse o namorado dela, e eles tiveram uma briga.” Whitey repetiu mais uma vez o seu clássico sacudir de ombros e chutou um detrito qualquer no chão. “Acho que é isso.”

Friel olhou para Sean.

“Vamos pegar o cara.”

Friel parecia estar esperando coisa melhor, mas limitou-se a balançar a cabeça e dar um tapinha no cotovelo de Sean, afastando-se em seguida do palco, dirigindo-se às fileiras circulares de bancos onde o tenente Krauser, da Polícia Municipal, de pé, falava com seu chefe, o capitão Gillis. Os dois lançaram a Sean e Whitey olhares do tipo “não enche o saco”.

“Vamos pegar o cara?”, repetiu Whitey. “Quatro anos de estudos, e o melhor que você tem a me dizer é isso?”

O olhar de Sean cruzou com o de Friel. Por um momento, Sean fez um sinal com a cabeça que, esperava ele, expressava competência e confiança. “Está no manual”, disse ele a Whitey. “Logo depois de ‘Vamos pôr o sacana no xadrez’ e antes de ‘Louvado seja Deus’. Você leu isso?”

Whitey balançou a cabeça. “Eu devia estar doente nesse dia.”

Eles se voltaram quando o auxiliar do legista fechou as portas traseiras da van e aproximou-se do lado do motorista.

“Você tem alguma ideia do que pode ter acontecido?”, perguntou Sean.

“Há dez anos”, disse Whitey, “eu tenderia a pensar tratar-se de um ritual de iniciação de alguma quadrilha, mas agora... merda. Com a criminalidade em baixa, as coisas vão ficando cada vez menos previsíveis. E você?”

“Um namorado ciumento, mas isso só por uma questão de estatística.”

“Que a golpeou com um *bastão*? Eu diria que o sujeito tinha sérios problemas para controlar a própria violência.”

“Eles sempre têm.”

O auxiliar do legista abriu a porta do motorista e olhou para Whitey e Sean. “Ouvi dizer que alguém vai à nossa frente na saída do parque.”

“Somos nós”, disse Whitey. “Mas depois que sairmos você passa na nossa frente. Mas, atenção: estamos levando conosco o parente mais próximo, por isso não deixe o cadáver no corredor quando chegar ao necrotério, entendeu?”

O homem fez que sim e entrou na van.

Sean e Whitey entraram numa radiopatrulha, e Whitey a estacionou na frente da van. Eles desceram o declive entre as fitas amarelas de isolamento, e Sean viu o sol em declínio por entre o arvoredor, tingindo o Pen de um dourado cor de ferrugem e dando um brilho

avermelhado às copas das árvores. Sean se pegou refletindo que, se fosse morrer, aquilo seria uma das coisas que mais lamentaria perder, as cores, a forma como podiam surgir do nada de repente e nos surpreender, ainda que nos trouxessem uma vaga sensação de tristeza, também, como se nosso lugar não fosse aqui.

Jimmy não pregou o olho na primeira noite que passou na penitenciária de Deer Island. Ficou acordado das nove da noite às seis da manhã, temendo ser atacado por seu companheiro de cela.

O cara era um motoqueiro de New Hampshire chamado Woodrell Daniels. Certa noite ele cruzou a fronteira de Massachusetts traficando drogas, parou num bar para tomar uns bons goles de uísque e terminou cegando um sujeito com o taco de bilhar. Woodrell Daniels era um brutamontes coberto de tatuagens e de marcas de faca. Ele olhou para Jimmy e deu um risinho, uma espécie de cacarejo abafado que penetrou o coração de Jimmy feito uma lança.

“Até logo”, disse ele quando as luzes se apagaram. “Até loguinho”, repetiu ele, e soltou mais um cacarejo abafado.

Então Jimmy passou a noite inteira acordado, atento aos menores ruídos na cama acima dele, sabendo que, em caso de necessidade, teria de visar a traqueia e se perguntando se conseguiria ultrapassar a barreira dos grossos braços de Woodrell e acertar-lhe um soco. Acerte na garganta, disse para si mesmo. Acerte a garganta, acerte a garganta, acerte a garganta, ah, meu Deus, aí vem ele...

Mas Woodrell apenas se agitava em seu sono, fazendo ranger as molas, o peso do corpo abaixando o colchão acima de Jimmy e abaulando-o de tal forma a parecer a barriga de um elefante.

Naquela noite Jimmy ouviu os ruídos da prisão como os de uma criatura viva. Uma máquina a respirar. Ouviu ratos brigando, roendo e guinchando num desespero agudo e louco. Ouviu sussurros e gemidos, o ruído de molas de camas subindo e descendo, subindo e descendo. Água gotejava, homens falavam em seus sonhos, as botas de um carcereiro ecoavam num corredor longínquo. Às quatro, ele ouviu um grito — não mais que um — que viveu muito mais tempo no eco e na memória que na realidade, e Jimmy, naquele momento, considerou a possibilidade de subir por trás de Woodrell Daniels e asfixiá-lo com o travesseiro. Mas suas mãos suavam frio — e quem podia dizer se Woodrell Daniels estava mesmo dormindo ou apenas fingindo? Além do mais, talvez Jimmy não tivesse força bastante para manter o travesseiro no lugar quando as mãos maciças do outro buscassem a sua cabeça, arranhassem seu rosto, arrancassem nacos de carne de seus pulsos, moessem a cartilagem de suas orelhas com punhos de aço.

A última hora foi a pior. Uma luz cinza penetrava pelas grossas janelas altas e enchia o lugar de um frio metálico. Jimmy ouviu homens acordando e se pondo a andar em suas celas. Ouviu tosses ásperas e secas, sentiu que a máquina começava a se acelerar, fria e ávida para devorar, pois ela sabia que pereceria sem violência e sem o gosto da carne

humana.

Woodrell pulou da cama no chão, de forma tão brusca que Jimmy não pôde reagir. Fechou bem os olhos, a respiração se acelerou e ele esperou que Woodrell se aproximasse dele o bastante para poder acertar-lhe a garganta.

Mas Woodrell Daniels nem ao menos olhou para ele. Ele pegou um livro da prateleira acima da pia, abriu-o, ajoelhou-se e começou a rezar.

Ele rezava e lia passagens das epístolas de São Paulo, rezava um pouco mais, soltando de vez em quando aquele risinho, mas sem interromper o fluxo das palavras, e então Jimmy entendeu que aquele riso era uma espécie de manifestação incontrolável, como os suspiros que sua mãe dava quando ele era pequeno. Provavelmente Woodrell já não se apercebia daqueles sons.

Quando Woodrell se voltou e perguntou a Jimmy se ele pensava em aceitar Cristo como seu salvador, Jimmy sentiu que a mais longa noite de sua vida terminara. Ele viu na expressão de Woodrell a luz de uma alma danada tentando alcançar a própria salvação, e era um brilho tão notável que Jimmy se perguntou por que não o percebera até então.

Jimmy não podia acreditar naquela sua sorte, uma sorte incrível: ele terminara na cova do leão, só que o leão era um cristão, e Jimmy aceitaria Jesus, Bob Hope, Doris Day, e mais quem quer que Woodrell adorasse em sua mente febril, desde que aquele gigante maluco ficasse quietinho em sua cama à noite e sentasse ao seu lado durante as refeições.

“Eu estava perdido”, disse Woodrell Daniels a Jimmy. “Mas agora, graças a Deus, encontrei o meu caminho.”

Jimmy quase falou: que ótimo que você se encontrou, Woodrell.

Desde aquele dia, Jimmy sempre comparava as provas de paciência que tinha de enfrentar com aquela primeira noite em Deer Island. Ele dizia a si mesmo que podia resistir o quanto fosse preciso — um dia ou dois — para conseguir o que queria, porque nada se comparava àquela longa primeira noite nas entranhas roncantes da máquina carcerária, ouvindo guincho de ratos, ranger de molas e gritos natimortos.

Até aquele dia.

Parados na Roseclair Street, à entrada do Pen Park, Jimmy e Annabeth esperavam. Eles se encontravam atrás da primeira barreira de isolamento erguida pelas autoridades, mas na frente da segunda. Serviram-lhes xícaras de café e lhes deram cadeiras dobráveis para sentar, e os policiais se mostravam muito gentis com eles. Mas mesmo assim tinham de esperar, e quando pediam informações os policiais assumiam uma expressão um tanto dura e um tanto triste, e pediam desculpas, mas falavam que sabiam tanto quanto as pessoas que estavam fora do parque.

Kevin Savage levou Nadine e Sara para casa, mas Annabeth ficou. Lá estava ela com Jimmy, com o vestido cor de lavanda que usara na primeira comunhão da filha (que parecia ter acontecido havia várias semanas), silenciosa e crispada no desespero de sua esperança. Esperança que, com base no que Jimmy vira nos olhos de Sean, era um engano. Esperança de que, num passe de mágica, o carro abandonado de Katie, o fato de estar desaparecida e a presença dos policiais no Pen Park se revelassem uma mera coincidência.

Esperança de que aquilo que sabia ser verdade, de certa forma, de certa forma... fosse uma mentira.

Jimmy lhe disse: “Quer que lhe traga mais um café?”.

Ela lhe dirigiu um pobre sorriso doloroso. “Não, eu estou bem.”

“Tem certeza?”

“Tenho.”

Se a gente não viu o corpo, pensava Jimmy, é porque ela não está morta. Era assim que ele tentava racionalizar sua esperança nas poucas horas que se passaram desde que ele e Chuck Savage foram arrastados da elevação diante do drive-in. Pode ser uma moça parecida com ela. Pode ser que ela esteja em coma. Ou quem sabe ela estivesse presa em algum lugar atrás da tela e os policiais não conseguiram tirá-la. Ela devia estar sofrendo, talvez sofrendo muito, mas viva. Essa era a esperança — fina como o fio de cabelo de um bebê — que ainda restava, na falta da confirmação final.

E mesmo sabendo que aquilo era um engano, uma parte de Jimmy não o podia dispensar.

“Olhe, ninguém *disse* nada a você”, tinha dito Annabeth no começo de sua vigília no parque. “Certo?”

“Ninguém disse nada”, Jimmy apertou sua mão, consciente de que o simples fato de terem sido admitidos naquela primeira barreira já era a confirmação de que precisavam.

Não obstante, aquela esperança tênue se recusava a morrer sem ter visto um corpo que permitisse a confirmação: “Sim, é ela. É Katie. É minha filha”.

Jimmy observava os policiais de pé, ao lado do arco metálico da entrada do parque. O arco era a única coisa que restava da penitenciária que havia naquele lugar antes de este ser transformado num parque, antes de ser transformado num drive-in, antes do nascimento de todas aquelas pessoas reunidas ali naquele dia. O arco é que precedera a cidade, e não o contrário. Os carcereiros estabeleceram-se no Point, e as famílias dos presidiários nos Flats. A cidade propriamente dita começou a se formar à época em que os carcereiros, tornando-se mais velhos, começaram a concorrer a cargos eletivos.

O walkie-talkie do soldado que se encontrava mais próximo ao arco tocou, e ele o ergueu à altura da boca.

A mão de Annabeth apertou a de Jimmy com tanta força que ele sentiu a pressão nos ossos.

“Aqui, Powers. Estamos indo para aí.”

“Positivo.”

“O senhor e a senhora Marcus estão aí?”

O policial olhou para Jimmy e baixou o olhar. “Positivo.”

“O.k. Desligo.”

Annabeth disse: “Oh, Jesus, Jimmy. Oh, Jesus”.

Jimmy ouviu o cantar de pneus e viu vários carros e vans pararem do lado de fora da barreira da Roseclair. As vans tinham antenas parabólicas no teto e Jimmy viu grupos de repórteres e câmaras se precipitarem na rua, empurrando-se, erguendo suas câmaras,

desenrolando fios de microfone.

“Tirem eles daqui!”, gritou o policial que estava junto do arco. “Agora! Fora com eles!”

Os policiais da primeira barreira convergiram para os repórteres, e começaram os protestos.

O policial ao lado do arco falou no walkie-talkie: “Aqui é Dugay. Sargento Powers?”. “Powers.”

“Estamos com problemas. A imprensa está bloqueando a rua.”

“Liberem a passagem.”

“Estamos tentando, sargento.”

Na pista de acesso ao parque, a uns cem metros do arco, Jimmy viu um carro da polícia parar bruscamente depois da curva. Ele viu um cara atrás do volante, um walkie-talkie na altura da boca, e viu Sean Devine sentado ao seu lado. Quando um outro carro encostou atrás da radiopatrulha, Jimmy sentiu a boca secar.

“Tire-os daí, Dugay. Mesmo que tenha que dar uns tiros nesses merdas. Tire esses vermes daí.”

“Positivo.”

Ladeado por três policiais, Dugay passou correndo por Jimmy e Annabeth, gritando: “Vocês estão em área proibida. Voltem aos seus carros imediatamente. Vocês não têm permissão para ficar nesta área. Voltem aos seus veículos imediatamente”.

Annabeth disse “oh, merda”, e Jimmy sentiu o sopro do helicóptero antes mesmo de notar a sua presença. Jimmy olhou para cima quando este ficou sobrevoando a radiopatrulha que avançava lentamente pela pista. Ele viu o motorista bocejar em seu walkie-talkie, depois ouviu as sirenes, numa cacofonia ensurdecadora, e de repente distinguiu o azul-marinho e o cinza-prateado de muitas outras radiopatrulhas que vinham de todos os cantos da Roseclair, e os repórteres começaram a recuar para seus carros, enquanto o helicóptero fazia uma guinada brusca, voltando a sobrevoar o parque.

“Jimmy”, disse Annabeth no tom de voz mais triste que ele já ouvira. “Jimmy, por favor. Por favor.”

“Por favor o quê, querida?”, Jimmy abraçou-a. “O quê?”

“Oh, por favor, Jimmy. Não, não.”

Era o barulho — as sirenes, o cantar dos pneus, os gritos e ruído das hélices. Aquele barulho era Katie, morta, gritando em seus ouvidos, e Annabeth desfalecia nos braços de Jimmy.

Mais uma vez Dugay passou por eles correndo para ir afastar os bloqueios sob o arco, e antes que Jimmy se tivesse dado conta de que se mexera, a radiopatrulha parou ao seu lado, enquanto uma van branca a ultrapassava pela direita, para depois dobrar à esquerda e entrar em velocidade na Roseclair. Jimmy ainda teve tempo de ler instituto médico-legal de suffolk na lateral da van, e sentiu todas as articulações de seu corpo — tornozelos, ombros, joelhos e quadris — se liquefazerem.

“Jimmy.”

Jimmy olhou para Sean Devine. Sean olhou para ele pela janela aberta do banco do passageiro.

“Jimmy, vamos. Por favor, entre aqui.”

Sean saiu do carro e abriu a porta traseira enquanto o helicóptero voltava, mais alto dessa vez mas ainda perto o bastante para que Jimmy sentisse o vento em seus cabelos.

“Senhora Marcus”, disse Sean. “Jimmy. Entre no carro.”

“Ela está morta?”, perguntou Annabeth, e as palavras correram como ácido no sangue de Jimmy.

“Por favor, senhora Marcus. Por favor, entre no carro.”

Uma dupla fileira de radiopatrulhas se formara na Roseclair, e as sirenes uivavam.

O grito de Annabeth elevou-se acima de todo aquele barulho. “A minha filha está...?”

Não podendo ouvir mais uma vez aquela palavra, ele a conduziu ao banco. Os dois se instalaram na parte de trás do carro, ao abrigo do barulho ensurdecedor. Sean fechou a porta antes de voltar para o banco da frente, e o policial ao volante ligou o carro e as sirenes ao mesmo tempo. Num átimo, eles alcançaram os carros da escolta, um exército de carros cujos motores e sirenes partiam na direção da via expressa, uivando e uivando.

* * *

Ela jazia numa mesa de metal.

Seus olhos estavam fechados e faltava-lhe um sapato.

Sua pele estava arroxeadada, de um tom que Jimmy nunca vira antes.

Dava para sentir-lhe o perfume, apenas um leve eflúvio, quase imperceptível em razão do cheiro de formol que impregnava a sala fria, muito fria.

Quando Sean pousou a mão nas costas de Jimmy, na altura da cintura, Jimmy falou, mal se dando conta das palavras, sentindo que naquele momento ele estava tão morto quanto o corpo à sua frente:

“Sim, é ela”, disse ele.

“É Katie”, disse ele.

“É a minha filha.”

13. Luzes

“Tem um refeitório lá em cima”, disse Sean a Jimmy. “Por que não vamos lá tomar um café?”

Jimmy continuou ao lado do corpo da filha. Estava novamente coberto por um lençol, e ele levantou uma ponta e olhou para o rosto da filha, como se a enxergasse no fundo de um poço e quisesse mergulhar nele, indo ao seu encontro. “Fizeram um refeitório no mesmo prédio do necrotério?”

“Sim. O edifício é grande.”

“Estranho”, disse Jimmy, a voz absolutamente sem expressão. “Você acha que, quando os legistas entram no refeitório, todo mundo se senta do outro lado da sala?”

Sean se perguntou se Jimmy não estaria entrando em estado de choque. “Não sei, Jim.”

“Senhor Marcus”, disse Whitey. “Queremos fazer algumas perguntas ao senhor. Eu sei que é um momento difícil, mas...”

Jimmy cobriu novamente o rosto da filha, os lábios se mexendo, mas a boca não emitia nenhum som. Ele olhou para Whitey como se estivesse surpreso em vê-lo naquela sala, a caneta em cima do caderno de anotações. Ele voltou a cabeça, olhou para Sean.

“Você alguma vez já pensou em como a menor decisão que você toma pode mudar o rumo de sua vida?”

Sean sustentou seu olhar. “Como assim?”

O rosto de Jimmy estava pálido e vazio, os olhos voltados para cima como se estivesse tentando lembrar onde colocara as chaves do carro.

“Certa vez ouvi dizer que a mãe de Hitler quase abortou, mas desistiu no último minuto. Ouvi dizer que ele saiu de Viena, porque não conseguia vender os seus quadros. E se ele tivesse vendido um quadro, hein, Sean? Ou se a mãe tivesse abortado? O mundo seria diferente do que é hoje. Entende? Ou, então, digamos que certa manhã você perde seu ônibus, e aí você compra uma ficha para outra xícara de café e, já que está ali mesmo, compra um bilhete de loteria. O bilhete é premiado. De repente você não precisa mais pegar ônibus. Você vai trabalhar num Lincoln. Mas aí você sofre um acidente de trânsito e morre. Tudo porque um dia você perdeu o ônibus.”

Sean olhou para Whitey. Whitey deu de ombros.

“Não”, disse Jimmy. “Não façam isso, não olhem para mim como se eu estivesse pirado. Não estou pirado. Não estou em estado de choque.”

“Tudo bem, Jim.”

“Só estou dizendo que existem fios em nossas vidas. Fios em nossas vidas. Você puxa um, e tudo o mais é afetado por isso. Por exemplo, se estivesse chovendo em Dallas e Kennedy não tivesse saído num conversível. Se Stálin continuasse no seminário. E quanto

a mim e a você, Sean, se tivéssemos entrado naquele carro com Dave Boyle.”

“O quê?”, disse Whitey. “Que carro?”

Sean levantou a mão e disse a Jimmy: “Agora não estou mais entendendo”.

“Ah, não? Se a gente tivesse entrado no carro, a vida teria sido muito diferente. Sabe a minha primeira mulher, Marita, a mãe de Katie? Ela era linda. Ela era uma *rainha*. Você sabe como são certas mulheres latinas, não é? Maravilhosa. E ela sabia disso. Para um sujeito ousar chegar perto dela, tinha que ter colhão. E eu tinha. Eu era o Rei do Crack aos dezesseis anos. Eu não tinha medo. E *eu* a abordei, convidei-a para sair. E um ano depois — meu Deus, eu tinha dezessete anos, um pirralho — a gente se casou e ela estava grávida da Katie.”

Jimmy ficou andando devagar em volta do corpo da filha.

“Aí é que está, Sean — se tivéssemos entrado no carro, e nos tivessem levado sabe lá Deus para onde, para sofrer sabe-se lá o quê nas mãos de dois malucos filhos da puta durante quatro dias quando tínhamos — o quê? — onze anos de idade, acho que eu não seria tão ousado aos dezesseis. Seria uma espécie de vagabundo, sabe, cara cheia de Ritalin ou algo do tipo. Eu sei que *nunca* teria as condições necessárias para namorar uma mulher do porte de Marita. E então a gente nunca teria tido a Katie. E então Katie nunca seria assassinada. Mas ela foi. Tudo porque não entramos naquele carro, Sean. Entende o que quero dizer?”

Jimmy olhou para Sean como se esperasse uma confirmação, mas Sean não tinha a mínima ideia do que Jimmy esperava que ele confirmasse. Jimmy dava a impressão de querer ser absolvido — absolvido de não ter entrado naquele carro quando era criança, absolvido de ter criado uma filha que terminaria por morrer assassinada.

Às vezes, quando estava correndo, Sean se via novamente na Gannon Street, no mesmo lugar, no meio da rua, onde ele, Jimmy e Dave Boyle tinham brigado, antes de verem o tal carro. Às vezes ainda sentia o cheiro de maçã que vinha de dentro do carro. E se ele voltava a cabeça bem depressa, conseguia ver também Dave Boyle no banco traseiro do carro ao chegar à esquina, olhando para eles, engaiolado e sumindo de suas vistas.

Certa vez ocorreu a Sean — numa farra com uns amigos havia uns dez anos, quando ele, com o sangue cheio de bourbon, se pôs a filosofar — que talvez eles na verdade *tivessem* entrado no carro. Os três. E aquilo que agora eles pensavam ser a sua vida, não passava de um sonho. Que todos os três, na verdade, ainda eram meninos de onze anos presos em algum porão, imaginando o que se teriam tornado se tivessem escapado e crescido.

O problema dessa ideia, que Sean imaginava iria desaparecer depois da ressaca, é que ela ficara alojada em seu cérebro como uma pedra na sola do sapato.

E de vez em quando ele se encontrava na Gannon Street, em frente de sua antiga casa, olhando pelo canto do olho um Dave Boyle que desaparecia, sentindo o cheiro de maçã penetrando em suas narinas, pensando: “Não. Volte”.

Ele viu o olhar suplicante de Jimmy. Ele quis dizer alguma coisa. Quis dizer a Jimmy que também pensara no que teria acontecido se eles tivessem entrado no carro. Que a

ideia do que podia ter sido as suas vidas de vez em quando o perturbava, que ela parecia vagar pelas esquinas, cavalgar a brisa como o eco de um nome chamado por uma janela. Ele queria dizer a Jimmy que acordava suando quando tinha aquele velho sonho em que a rua prendia seus pés e o levava em direção àquela porta aberta. Queria lhe dizer que na verdade não sabia o que fazer de sua vida desde aquele dia, que tinha a sensação de não ter peso, de ser imaterial.

Mas eles estavam num necrotério, a filha de Jimmy jazia numa mesa de aço entre eles e a caneta de Whitey no bloco de anotações, então tudo o que Sean conseguiu dizer em resposta à súplica no rosto de Jimmy foi: “Vamos, Jimmy. Vamos tomar esse café”.

Annabeth Marcus, Sean estava se dando conta, era uma mulher decidida. Naquela noite fria de domingo, naquele refeitório municipal com o ar-condicionado desligado, sete andares acima do necrotério, cercada de odores de pratos requentados cobertos com filme plástico, ela falava de sua enteada com funcionários municipais igualmente frios, e Sean percebia que aquilo a estava matando, mas ela se recusava a se deixar dobrar. Seus olhos estavam vermelhos, mas Sean logo percebeu que ela não ia chorar. Não na frente deles. De jeito nenhum.

Durante a conversa, ela tinha de parar de vez em quando para recuperar o fôlego. Sua garganta se fechava no meio de uma frase, como se um punho lhe atravessasse o peito, pressionando seus órgãos. Ela punha a mão no peito e abria um pouco mais a boca e esperava recuperar um pouco de oxigênio para continuar.

“Ela chegou do trabalho às quatro e meia do sábado.”

“Que trabalho, senhora Marcus?”

Ela apontou para Jimmy. “Meu marido é dono da Cottage Market.”

“Na esquina de East Cottage com a Avenida Bucky?”, perguntou Whitey. “O melhor café da cidade.”

Annabeth disse: “Ela entrou em casa e correu para o banho. Depois saiu e nós jantamos — espere, não, ela não comeu. Ela sentou conosco, falou com as meninas, mas não comeu. Ela disse que ia jantar com Eve e Diane”.

“As moças com quem ela saiu”, disse Whitey a Jimmy.

Jimmy fez que sim.

“Então, ela não comeu...”, disse Whitey.

Annabeth disse: “Mas ela ficou com as meninas, nossas filhas, irmãs dela. E elas falaram sobre o desfile da próxima semana e a primeira comunhão de Nadine. Ela ficou um pouco ao telefone, em seu quarto. Depois, aí pelas oito, ela saiu”.

“Você sabe com quem ela falou no telefone?”

Annabeth negou com a cabeça.

“O telefone em seu quarto é uma linha só dela?”

“Sim.”

“Vocês se importariam se requisitássemos à companhia telefônica a relação das

ligações feitas no aparelho?”

Annabeth olhou para Jimmy e ele disse: “Não, nenhum problema”.

“Então ela saiu às oito. Pelo que vocês sabiam, para encontrar com as amigas Eve e Diane?”

“Sim.”

“E o senhor ainda estava no trabalho, senhor Marcus?”

“Sim. Eu troquei meu horário no sábado. Trabalhei do meio-dia às oito.”

Whitey passou uma página do caderno de anotações e dirigiu a ambos um pequeno sorriso. “Eu sei que é muito difícil, mas vocês estão se saindo muito bem.”

Annabeth balançou a cabeça e virou-se para o marido. “Liguei para a casa de Kevin.”

“É? Você falou com as meninas?”

“Falei com Sara. Só disse a ela que voltaríamos para casa logo. Não lhe disse mais nada.”

“Ela perguntou por Katie?”

Annabeth fez que sim.

“O que você disse a ela?”

“Eu só disse que voltaríamos para casa logo”, disse Annabeth, e Jimmy sentiu sua voz fraquejar ao dizer “logo”.

Ela e Jimmy olharam novamente para Whitey, e ele lhes deu outro sorriso calmo.

“Quero dizer a vocês — e essa informação veio da própria prefeitura — que este caso está sendo considerado prioritário. E não queremos cometer erros. O policial Devine está trabalhando no caso porque é amigo da família e nosso chefe sabe que isso o fará se esforçar ainda mais. Ele vai me acompanhar a cada passo, e nós vamos encontrar o homem responsável pela morte de sua filha.”

Annabeth lançou a Sean um olhar perplexo. “Amigo da família? Eu não o conheço.”

Whitey franziu o cenho, visivelmente embaraçado.

“Seu marido e eu éramos amigos, senhora Marcus”, disse Sean.

“Muito tempo atrás”, disse Jimmy.

“Nossos pais trabalharam juntos.”

Annabeth balançou a cabeça, um pouco desconcertada.

Whitey disse: “O senhor passou uma boa parte do sábado com sua filha na loja, certo?”

“Sim e não”, disse Jimmy. “Passei a maior parte do tempo na parte de trás. Katie estava no caixa.”

“Mas se lembra de alguma coisa fora do normal? Se ela estava estranha? Tensa? Com medo? Ela teve um desentendimento com algum cliente?”

“Não enquanto eu estava lá. Vou lhe dar o telefone da pessoa que trabalhou com ela de manhã. Talvez tenha acontecido alguma coisa antes de minha chegada.”

“Eu lhe agradeço por isso. Mas enquanto o senhor estava lá?”

“Ela estava como sempre foi. Feliz. Talvez um pouco...”

“O quê?”

“Não, nada.”

“A mínima coisa pode ser importante agora.”

Annabeth inclinou-se para a frente. “Jimmy?”

Jimmy contraiu o rosto, embaraçado. “Não foi nada... Levantei os olhos de minha escrivaninha e a vi de pé no vestíbulo. Estava simplesmente ali, tomando uma coca com canudinho e olhando para mim.”

“Olhando para o senhor.”

“Sim. E por um segundo eu me lembrei de certo dia, quando ela tinha cinco anos, e eu ia deixá-la no carro só por um segundo e ir rapidinho à farmácia. Naquele dia, claro, ela desandou a chorar, porque eu acabara de sair da prisão e sua mãe tinha morrido havia pouco tempo; acho que naquela época ela pensava que se a gente a deixasse sozinha, um minuto que fosse, não ia voltar nunca mais. E ontem ela estava com aquela expressão, como se estivesse se *preparando* para nunca mais nos ver.” Jimmy temperou a garganta, soltou um longo suspiro, arregalando os olhos. “De qualquer forma, eu já não via aquele olhar havia alguns anos, talvez uns sete ou oito, mas por alguns segundos, no sábado, ela estava me olhando daquela maneira.”

“Como se ela estivesse se preparando para nunca mais ver o senhor.”

“Sim.” Jimmy viu Whitey anotar aquilo em seu bloco. “Ei, não vá dar tanta importância a isso. Foi só um olhar.”

“Não estou tirando conclusão nenhuma disso, senhor Marcus, garanto. Era só uma informação. É isso que faço — eu colete informações até que duas ou três delas se encaixem. O senhor disse que esteve preso?”

Annabeth disse “Jesus” bem baixinho e balançou a cabeça.

Jimmy recostou-se na cadeira. “Lá vêm vocês.”

“Estou só perguntando”, disse Whitey.

“Vocês iriam dizer a mesma coisa se eu dissesse que trabalhei na Sears quinze anos atrás, não é?” Jimmy riu. “Cumprí pena por roubo. Dois anos em Deer Island. Pode anotar isso em seu caderno. Essa informação vai ajudar o senhor a pegar o cara que matou a minha filha, sargento? Estou só perguntando.”

Whitey lançou um olhar a Sean.

Sean disse: “Jim, ninguém está querendo ofender ninguém aqui. Vamos esquecer isso e voltar ao que interessa”.

“Ao que interessa”, disse Jimmy.

“Além do olhar estranho de Katie”, disse Sean, “aconteceu mais alguma coisa incomum de que você se lembre?”

Jimmy desviou de Whitey seu olhar de detento no pátio da prisão, depois tomou um gole de café. “Não, nada. Espere — aquele rapaz, Brendan Harris —, mas não, isso foi hoje de manhã.”

“O que tem ele?”

“É só um rapaz do bairro. Ele chegou à loja de manhã e perguntou se Katie estava lá, como se estivesse pensando em vê-la. Mas eles mal se conheciam. Foi só um pouco

estranho. Não deve significar nada.”

Whitey anotou o nome do rapaz.

“Será que os dois estavam namorando?”, perguntou Sean.

“Não.”

Annabeth disse: “A gente nunca sabe, Jim...”.

“Eu sei”, disse Jimmy. “Ela não namoraria aquele garoto.”

“Não?”, disse Sean.

“Não.”

“Por que você tem tanta certeza?”

“Ora, Sean, que merda é essa? Você está querendo me dar uma prensa?”

“Não estou dando uma prensa em você, Jim. Estou só perguntando como você pode ter certeza de que sua filha não estava se encontrando com o tal Brendan Harris.”

Jimmy levantou a cabeça e soltou o ar em direção ao teto. “Um pai sabe, certo?”

Sean resolveu deixar quieto, por enquanto. Ele passou a bola para Whitey com um aceno.

Whitey disse: “Bem, a propósito, quem ela estava namorando?”.

“No momento, ninguém”, disse Annabeth. “Pelo que sei.”

“E os ex-namorados? Havia algum que guardava rancor dela? Um cara que ela dispensou ou coisa assim?”

Annabeth e Jimmy olharam um para o outro e Sean percebeu que eles pensavam em alguém — um suspeito.

“Bobby O’Donnell”, disse Annabeth finalmente.

Whitey colocou a caneta no caderno de notas, lançou um olhar aos dois por sobre a mesa. “Estamos falando do mesmo Bobby O’Donnell?”

Jimmy disse: “Não sei. Traficante de cocaína e proxeneta. Uns vinte e sete anos de idade”.

“É o cara”, disse Whitey. “Ele é suspeito de ter aprontado um monte de merda no bairro de vocês nos últimos dois anos.”

“Mas vocês não o responsabilizaram por nada.”

“Bem, em primeiro lugar, senhor Marcus, sou da Polícia Estadual. Se o crime não tivesse acontecido no Pen Park, eu nem estaria aqui. East Bucky, em sua maior parte, fica na jurisdição do município, e não posso falar pela polícia municipal.”

Annabeth disse: “Vou dizer isso a minha amiga Connie. Bobby e seus comparsas jogaram uma bomba em sua loja de flores”.

“Por quê?”, perguntou Sean.

“Porque ela não queria lhe pagar”, disse Annabeth.

“Pagar o quê?”

“Para ele não jogar uma bomba em sua loja de flores”, disse Annabeth, e tomou outro gole de café, enquanto Sean pensava: “Essa mulher é barra-pesada. Ai de quem se meter com ela”.

“Quer dizer então que sua filha namorou esse cara.”

Annabeth aquiesceu. “Por pouco tempo. Uns poucos meses, não foi, Jim? Acabou em novembro.”

“Como Bobby reagiu?”, perguntou Whitey.

O casal trocou olhares novamente, e então Jimmy disse: “Uma noite deu a maior briga. Ele veio à nossa casa com seu cão de guarda, Roman Fallow”.

“E...?”

“Nós deixamos claro que eles tinham que ir embora.”

“Nós quem?”

Annabeth disse: “Vários irmãos meus moram no apartamento de cima, e nós no de baixo. Eles protegem Katie”.

“Os Savage”, disse Sean a Whitey.

Whitey colocou a caneta sobre o caderno novamente e apertou a ponta do indicador e do polegar nos cantos dos olhos. “Os irmãos Savage.”

“Sim. Por quê?”

“Com todo o respeito, senhora, receio que essa coisa acabe muito mal.” Whitey ficou de cabeça baixa, massageando a nuca. “Não quero ofender ninguém, mas...”

“É isso que se costuma dizer quando se vai dizer alguma coisa ofensiva.”

Whitey levantou os olhos para ela, com um riso surpreso. “Seus irmãos também têm lá a sua fama.”

Annabeth respondeu a isso com um sorriso duro. “Eu sei como eles são, sargento Powers. Não é preciso ficar falando sobre isso.”

“Um amigo meu que trabalha na Divisão de Crimes Graves me disse alguns meses atrás que O'Donnell andou anunciando que ia entrar no negócio de agiotagem e heroína. Que, pelo que sei, é território exclusivo dos Savage.”

“Não nos Flats.”

“Que quer dizer com isso, senhora?”

“Não nos Flats”, disse Jimmy, tomando a mão da esposa. “Isso quer dizer que eles não fazem essa merda em seu próprio bairro.”

“Só nos dos outros”, disse Whitey, e deixou que aquilo ficasse ecoando por um instante. “De qualquer modo, isso deixa um campo aberto nos Flats, certo? Um campo a ser explorado. E era isso, se estou bem informado, que Bobby O'Donnell pretendia fazer.”

“E daí?”, disse Jimmy, levantando-se um pouco da cadeira.

“Como e daí?”

“E o que é que isso tem a ver com minha filha, sargento?”

“Tudo”, disse Whitey esticando os braços. “Tudo, senhor Marcus, porque ambos os lados estavam precisando de um pretexto para começar a guerra. E agora vocês têm.”

Jimmy sacudiu a cabeça, um sorriso amargo nos cantos dos lábios.

“O senhor não acha, senhor Marcus?”

Jimmy levantou a cabeça. “Acho que o meu bairro, sargento, logo vai desaparecer. E o crime também. E não vai ser por causa dos Savage, dos O'Donnell ou da atuação de vocês.

Será porque as taxas de juros estão baixas e os impostos prediais estão aumentando e todo mundo está querendo se instalar novamente na cidade, porque os restaurantes do subúrbio dão nojo. E essa gente não é do tipo que precise de heroína, de seis bares em cada quarteirão e de boquetes a dez dólares. Essas pessoas têm uma vida arranjada, gostam do seu trabalho. Elas têm um futuro, previdência privada e supercarros alemães. Então, quando elas vierem — e já estão começando a vir —, o crime e metade do bairro se mudarão para outro lugar. Sendo assim, sargento, por que se preocupar com essa história de guerra entre Bobby O'Donnell e meus cunhados? E para começo de conversa, guerra para quê?”

“Pelo aqui e agora”, disse Whitey.

“Você acha mesmo que O'Donnell matou a minha filha?”

“Acho que os Savage certamente vão considerá-lo suspeito. E acho que alguém devia convencê-los a deixar essa suspeita de lado até terminarmos o nosso trabalho.”

Jimmy e Annabeth encontravam-se do outro lado da mesa, e Sean procurava, em vão, ler seus pensamentos.

“Jimmy”, disse Sean. “Se ninguém atrapalhar podemos encerrar esse caso depressa.”

“É mesmo?”, disse Jimmy. “Você me dá a sua palavra, Sean?”

“Sim. E de forma limpa, para que não haja revertério no tribunal.”

“Quanto tempo?”

“O quê?”

“Em quanto tempo você acha que põe o assassino na cadeia?”

Whitey levantou a mão. “Espere um pouco, o senhor está barganhando conosco, senhor Marcus?”

“Barganhando?”, perguntou Jimmy, a expressão de presidiário endurecendo-lhe o rosto.

“Sim”, disse Whitey. “Porque estou notando...”

“O senhor está *notando*?”

“...um certo tom de ameaça nessa conversa.”

“É mesmo?” Todo inocência agora, mas os olhos ainda frios.

“Como se estivesse nos dando um prazo”, disse Whitey.

“O agente Devine disse que vai encontrar o assassino de minha filha. Eu só estou perguntando em quanto tempo, mais ou menos, ele acha que isso vai acontecer.”

“O agente Devine não é o responsável por essa investigação”, disse Whitey. “O responsável sou eu. E nós vamos prender quem fez isso, eu lhes garanto. O que nós não queremos é que certas pessoas pretendam utilizar, como forma de pressão contra nós, uma eventual guerra entre o clã dos Savage e o de Bobby O'Donnell. Se eu desconfiar que isso está acontecendo, mando prender todo mundo por perturbação da ordem pública e perco a papelada até que a investigação seja encerrada.”

Dois guardas passaram por eles, bandejas na mão, a comida empapada exalando um vapor cinza. Sean teve a impressão de que o ar da sala ia ficando cada vez mais viciado à medida que a noite caía.

“Então, está bem”, disse Jimmy abrindo um sorriso.

“Está bem o quê?”

“Peguem o assassino. Eu não vou atrapalhar vocês.” Ele se voltou para a esposa, levantando-se e oferecendo-lhe a mão. “Querida...”

Whitey disse: “Senhor Marcus”.

Jimmy olhou para ele enquanto sua mulher lhe tomava a mão, levantando-se.

“Tem um policial lá embaixo que vai levá-los para casa”, disse Whitey, abrindo a sua carteira. “Se se lembrarem de mais alguma coisa, liguem para nós.”

Jimmy pegou o cartão de Whitey e colocou-o no bolso de trás.

Agora que estava de pé, Annabeth parecia muito menos segura, como se faltasse firmeza a suas pernas. Ela apertou a mão do marido com tanta força que as suas perderam a cor.

“Obrigada”, murmurou ela para Sean e para Whitey.

Sean viu que as dores do dia agora lhe marcavam o rosto e o corpo, pesando sobre seus ombros. Quando a luz crua acima deles lhe iluminou o rosto, Sean pôde antever a aparência que ela teria quando estivesse muito mais velha — uma mulher bela, marcada por uma sabedoria a que nunca almejava.

Sean não saberia dizer de onde vieram aquelas palavras. Ele só se deu conta de que estava falando quando ouviu a própria voz ressoar no frio refeitório: “A gente cuida de tudo. Garanto que vamos descobrir o assassino”.

O rosto de Annabeth se crispou por um instante, depois ela respirou fundo e balançou a cabeça várias vezes, oscilando um pouco contra o marido.

“Sim, senhor Devine, está bem. Obrigada.”

No caminho de volta, Whitey disse: “Que história é essa de carro?”.

“O quê?”, perguntou Sean.

“Marcus disse que vocês quase entraram num carro quando eram crianças.”

“Nós...” Sean estendeu a mão para o painel, depois ajustou o retrovisor lateral para poder ver o cortejo de faróis brilhando atrás deles como pontos amarelos indistintos, tremeluzindo levemente na noite. “Nós, merda, bem, pois é, o carro. Eu, Jimmy e um garoto chamado Dave Boyle estávamos brincando em frente de minha casa. A gente tinha uns onze anos. Aí então o tal carro entrou na rua e levou Dave embora.”

“Um sequestro?”

Sean fez que sim, mantendo o olhar naquelas luzes amarelas que tremeluziam. “Os caras fingiram que eram policiais. Eles convenceram Dave a entrar no carro. Jimmy e eu não entramos. Eles ficaram com Dave durante quatro dias. Ele conseguiu fugir. Agora mora nos Flats.”

“Conseguiram pegar os caras?”

“Um morreu, o outro foi preso um ano depois e se enforcou na cela.”

“Cara”, disse Whitey. “Eu queria que existisse uma ilha, sabe? Como naquele filme

antigo com Steve McQueen em que ele fazia o papel de um francês, mas todo mundo tinha sotaque, menos ele. Era o mesmo Steve McQueen de sempre, só que com nome francês. No final ele pula de uma falésia com uma jangada feita de troncos de coqueiro. Você viu esse filme?”

“Não.”

“Um bom filme. Mas, então, se houvesse uma ilha para os estupradores de crianças e para todo tipo de pedófilo? Eles seriam abastecidos de comida por via aérea, algumas vezes por semana, mas a ilha seria cercada de minas. Ninguém conseguiria sair de lá. Vocês são réus primários? Fodam-se, vão ter que passar a vida na ilha. Sinto muito, camaradas, mas não podemos correr o risco de vocês fugirem e envenenarem outra pessoa. Porque é uma doença contagiosa, sabia? Você contrai essa doença, porque alguém fez o mesmo com você. Aí, se você é solto, vai e contagia outra pessoa. Como a lepra. Eu imagino uma situação em que a gente coloca todos nessa ilha, sem a menor chance de fuga. A cada geração o número vai diminuindo. Em alguns séculos pode-se transformar a ilha num Club Med ou coisa assim. E as crianças então vão ouvir falar desses loucos da mesma forma que ouvem falar de fantasmas atualmente. Como de alguma coisa que se conseguiu, sei lá... superar.”

Sean disse: “Merda, sargento, de repente você começa a dar uma de filósofo?”.

Whitey fez uma careta e pegou uma alça de acesso à via expressa.

“Seu companheiro Marcus”, disse ele. “Quando bati os olhos nele, saquei que ele cumpriu pena. Eles nunca perdem aquela tensão, sabia? Principalmente nos ombros. Se você passa dois anos vigiando o próprio traseiro a cada segundo de cada dia, a tensão termina por se alojar em algum lugar do seu corpo.”

“Ele acaba de perder a filha, cara. Talvez seja isso que esteja pesando em seus ombros.”

Whitey balançou a cabeça. “Não. Esse peso agora está no estômago. Você viu como ele ficava fazendo caretas? É a perda alojando-se em seu estômago e liberando ácido. Já vi isso um milhão de vezes. Mas aquilo nos ombros é a prisão.”

Sean voltou a olhar o retrovisor e ficou observando por um instante as luzes do outro lado da pista. Elas vinham em sua direção feito projéteis luminosos, passavam por eles como uma faixa nebulosa, fundindo-se umas nas outras. Ele sentia como se a cidade os cercasse, com seus arranha-céus, suas torres, seus edifícios de escritórios e garagens automáticas, seus estádios, seus *nightclubs* e igrejas, e sabia que se uma daquelas luzes se apagasse, não faria a menor diferença. E se surgisse alguma luz nova, ninguém notaria. E ainda assim elas pulsavam, brilhavam, tremeluziam, cintilavam e olhavam para você, como estavam fazendo naquele exato momento — olhando para as luzes dele e de Whitey enquanto piscavam na via expressa, apenas mais um par de luzes vermelhas e amarelas deslizando velozmente em meio a uma torrente de luzes vermelhas e amarelas que piscavam, piscavam, piscavam num crepúsculo dominical igual a tantos outros.

Para onde iam todos esses pontos luminosos?

Rumo às luzes apagadas, seu tonto. Rumo ao vidro estilhaçado.

Depois da meia-noite, quando Annabeth e as meninas finalmente foram dormir e Celeste, prima de Annabeth, que veio ter com elas logo que soube, começou a cochilar no sofá, Jimmy desceu as escadas e sentou nos degraus da frente do pequeno edifício que ele partilhava com os irmãos Savage.

Ele levou consigo a luva de Sean e tentou calçá-la, mas não conseguiu encaixar o polegar, e ela parou na metade da mão. Ele se deixou ficar ali a contemplar as quatro pistas da Buckingham Avenue, jogando a bola de beisebol contra a tela de metal. A batida ritmada de couro contra couro pouco a pouco o acalmava.

Jimmy sempre gostara de sentar-se ali à noite. As lojas do outro lado da avenida estavam fechadas, a maioria mergulhada na escuridão. À noite, descia um profundo silêncio sobre aquela área que tinha um ativo comércio durante o dia, um silêncio diferente de todos os outros. O barulho que normalmente dominava o horário diurno não se extinguia, era simplesmente tragado, como por um par de pulmões, e ficava guardado, esperando a hora de ser expelido. Ele confiava naquele silêncio, gostava dele, porque ele prometia a volta do barulho, ainda que o mantivesse cativo. Jimmy não conseguia se imaginar morando em uma zona rural, onde o silêncio *era* o barulho, onde o silêncio era tão delicado que um nada já era capaz de perturbá-lo.

Mas ele gostava daquele silêncio, daquela quietude vibrante de vida. Até aquele momento, a noite parecera por demais barulhenta, por demais violenta, perturbada pelas vozes e pelo choro de sua mulher e de suas filhas. Sean Devine mandara dois detetives, Brackett e Rosenthal, darem busca no quarto de Katie, o que eles fizeram de olhos baixos, murmurando desculpas a Jimmy enquanto mexiam em gavetas, embaixo da cama e do colchão. De sua parte, Jimmy esperava que eles fizessem aquilo o mais rápido possível e parassem de falar com ele. No final, eles não acharam nada digno de nota, exceto setecentos dólares em cédulas novas na gaveta de meias de Katie. Eles mostraram o dinheiro a Jimmy, mais sua caderneta de banco — com o carimbo “Encerrada” —, na qual se podia ver que o último saque fora feito na tarde de sexta-feira.

Jimmy não soube explicar aquilo. Foi uma surpresa para ele. Mas, em vista das outras surpresas do dia, aquilo pouco o impressionou. Só aumentou um pouco o seu entorpecimento.

“A gente pode acabar com ele.”

Val surgiu nas escadas, passou uma cerveja a Jimmy e sentou-se ao seu lado, os pés descalços nos degraus.

“O’Donnell?”

Val fez que sim. “Sabe, Jim, eu ia gostar muito de fazer isso.”

“Você acha que ele matou Katie?”

Val aquiesceu. “Ou teve alguma coisa a ver com a história. Você não acha? As amigas de Katie pensam assim. Elas dizem que Roman topou com elas num bar e ameaçou Katie.”

“Ameaçou?”

“Bem, deu uma bronca nela, como se ela ainda fosse namorada de O’Donnell. Ora,

Jimmy, só pode ter sido Bobby.”

Jimmy disse: “Ainda não tenho certeza”.

“O que você vai fazer quando tiver?”

Jimmy colocou a luva de beisebol num degrau mais baixo e abriu a cerveja. Ele tomou um grande gole, devagar. “Isso também ainda não sei.”

14. Nada será como antes

Eles continuaram trabalhando no caso a noite inteira, entrando pela manhã — Sean, Whitey Powers, Souza e Connolly, dois outros membros da Divisão de Homicídios da Polícia Estadual, Brackett e Rosenthal, mais uma legião de policiais e gente da Polícia Técnica, fotógrafos e legistas —, todos empenhando-se com todo o vigor naquele caso, como se se tratasse de um cofre-forte a ser arrombado. Eles vasculharam cada folha do parque em busca de vestígios. Encheram cadernos de anotações com desenhos e relatórios de campo. Os policiais colheram depoimentos de casa em casa nas imediações do parque, encheram uma van com os vagabundos recolhidos na área e nas ruínas calcinadas da Sydney Street. Eles vasculharam a mochila que encontraram no carro de Katie Marcus, toparam com as bugigangas de sempre, mas terminaram por encontrar um folheto sobre Las Vegas e uma lista de hotéis da cidade num papel amarelo pautado.

Whitey mostrou o folheto a Sean e soltou um assobio. “É o que chamamos de pista. Vamos ver o que suas amigas têm a dizer.”

Eve Pigeon e Diane Cestra, talvez as duas últimas pessoas honestas que viram Katie Marcus ainda com vida, segundo o pai, pareciam ter recebido um golpe na parte de trás da cabeça, aplicado com a mesma pá. Whitey e Sean as interrogaram delicadamente, em meio a baldes de lágrimas que corriam quase sem parar pelas suas faces. As moças lhes deram um quadro dos movimentos de Katie em sua última noite de vida, além dos nomes dos bares em que elas estiveram, o horário aproximado de chegada e de saída, mas quando tentavam abordar questões da vida pessoal de Katie, Sean e Whitey sentiam que elas hesitavam, trocavam olhares antes de responder, davam respostas vagas, ao passo que um pouco antes conseguiam ser precisas:

“Ela estava namorando alguém?”

“Não, não tinha nenhum namorado firme.”

“Algum namorado ocasional, então?”

“Bem...”

“Sim?”

“Ela não nos falava muito sobre esse tipo de coisa.”

“Ora, Diane, Eve. A melhor amiga de vocês desde o jardim de infância, e ela não contava quem estava namorando?”

“Ela era reservada nesse ponto.”

“Sim. Reservada. Katie era assim.”

Whitey tentou outro caminho: “Quer dizer então que não havia nada de especial na noite passada? Nada fora do comum?”

“Não.”

“E quanto a sua intenção de deixar a cidade?”

“O quê? Não.”

“Não? Diane, ela estava com uma mochila no carro. Na mochila havia folhetos turísticos de Las Vegas. Será que ela estava levando esses folhetos para outra pessoa?”

“Talvez. Não sei.”

O pai de Eve entrou na conversa: “Filha, se você souber de alguma coisa que possa ajudar, é melhor falar. Meu Deus, trata-se do assassinato de Katie”.

O que provocou mais uma torrente de lágrimas e soluços, e as duas moças entraram numa crise de nervos, puseram-se a chorar e a gemer, abraçando-se, trêmulas, bocas abertas, ovaladas e contorcidas — uma pantomima da dor que Sean já cansara de ver, no momento em que, como dizia Friel, o dique se rompia e a inelutabilidade da ausência da vítima se impunha ao espírito. Em ocasiões como aquela, não havia alternativa senão ficar de parte ou ir embora.

Eles ficaram de parte e esperaram.

Com aquele rostinho anguloso e o nariz fino, Eve Pigeon se parecia um pouco com um passarinho. O que não lhe ficava mal. Aqueles seus traços finos tinham a sua graça e lhe davam um ar quase aristocrático. Parecia a Sean que era o tipo de mulher que ficava melhor em trajes formais, e que sua expressão de honestidade e de inteligência certamente atraía apenas homens sérios, afastando os aproveitadores e os conquistadores.

Diane, de sua parte, respirava uma sensualidade derrotada. Sean notou uma cicatriz um tanto apagada sob o olho direito, e ela lhe parecia um tipo mais terra a terra que Eve, mais tendente à emoção e certamente também ao riso. Uma esperança agonizante brilhava em seus olhos, como um par de estigmas, uma carência que, Sean o sabia, só atraía homens com vocação de predadores. Sean imaginou que nos anos seguintes ela faria ligações para a polícia, queixando-se de violência doméstica, e quando os policiais chegassem à sua casa, aquela esperança evanescente há muito já teria sumido de seus olhos.

“Eve”, disse Whitey delicadamente quando elas finalmente pararam de chorar. “Quero saber um pouco mais sobre Roman Fallow.”

Eve balançou a cabeça como se esperasse ouvir aquela pergunta, mas não disse nada imediatamente. Ela começou a roer a unha do polegar e fixou os olhos em algumas migalhas de pão que havia na mesa.

“Aquele vagabundo estúpido que vive atrás de Bobby O'Donnell?”, disse o pai.

Whitey levantou a mão para interrompê-lo, lançando um olhar a Sean.

“Eve”, disse Sean, decidido a concentrar seus esforços nela. Ela seria mais difícil de trabalhar que Diane, mas renderia mais em termos de detalhes importantes.

Ela olhou para ele.

“Não vai haver nenhuma represália, se é isso que você teme. Se você falar alguma coisa sobre Roman Fallow ou Bobby, guardamos isso para nós. Eles nunca vão saber que foram vocês que falaram.”

Diane disse: “E quando o caso for para o tribunal, hein? Como é que vai ser?”.

Whitey lançou um olhar significativo para Sean, como a dizer: essa parte é toda sua.

Sean concentrou-se em Eve. “A menos que vocês digam que Roman ou Bobby

tiraram Katie do carro dela e...”

“Não.”

“Então o promotor não vai obrigar nenhuma das duas a testemunhar no tribunal, Eve. Provavelmente vai fazer um monte de perguntas, mas não vai obrigar vocês a falar.”

Eve disse: “Você não os conhece”.

“Bobby e Roman? Claro que conhecemos. Pus Bobby fora de circulação por nove meses quando estava trabalhando em casos de tráfico de drogas.” Sean inclinou-se para a frente e pôs a mão na mesa, a poucos centímetros da de Eve. “E ele me ameaçou. Mas ele e Roman só sabem falar.”

Eve olhou para a mão de Sean e deu um meio sorriso amargo, lábios crispados. “Ba-ba-qui-ce”, disse ela bem devagar.

Seu pai disse: “Não ouse falar desse jeito nesta casa!”.

“Senhor Pigeon”, disse Whitey.

“Não”, tornou Drew. “Na minha casa quem manda sou eu. Não quero a minha filha falando como se...”

“Era Bobby”, disse Eve, e Diane soltou um grito sufocado, olhando para a amiga como se ela tivesse perdido o juízo.

Sean viu Whitey franzir o cenho.

“O que tem Bobby?”, disse Sean.

“Katie estava se encontrando com Bobby, não com Roman.”

“Jimmy sabia disso?”, perguntou Drew a sua filha.

À guisa de resposta, Eve sacudiu os ombros, mal-humorada, num movimento que parecia ser endêmico em jovens de sua idade, como notara Sean, um ligeiro movimento no corpo que indicava a pouca disposição para qualquer esforço.

“Eve”, disse Drew. “Ele sabia?”

“Ele sabia e não sabia”, disse Eve. Ela suspirou e inclinou a cabeça para trás, olhou para o teto com aqueles olhos negros. “Seus pais pensaram que tinha acabado, porque por um tempo *ela* pensou que tinha acabado. O único que não achava que tinha acabado era Bobby. Ele não podia aceitar aquilo. Ficava voltando o tempo todo. Certa noite, ele quase a jogou de um terceiro andar.”

“Você viu isso?”, Whitey perguntou.

Ela balançou a cabeça. “Katie me contou. Ele a encontrou por acaso numa festa, há um mês, um mês e meio. Ele a convenceu a ir até o corredor para conversarem. Só que o apartamento era no terceiro andar, entende?” Eve enxugou o rosto com as costas da mão, embora fosse evidente que naquele momento não tinha mais lágrimas para chorar. “Katie me contou que ficou tentando explicar a ele que tudo acabara, mas Bobby não queria ouvir falar daquilo, e finalmente ele ficou tão furioso que a pegou pelos ombros e a levantou por cima da balaustrada. Ele a manteve erguida acima do poço da escada. Do terceiro andar, o pirado. E disse que se ela acabasse com ele, ele acabava com ela. Ela era sua namorada até que ele decidisse em contrário, e se aquilo não lhe agradasse, ele a jogaria lá embaixo.”

“Meu Deus”, disse Drew Pigeon depois de um minuto de silêncio. “E você conhece essa gente?”

Whitey disse: “Então, Eve, o que Roman disse a ela no bar, sábado à noite?”.

Eve ficou calada por um momento.

Whitey disse: “Por que você não nos conta, Diane?”.

Diane parecia estar precisando de um drinque. “Nós contamos a Val, e acho que isso basta.”

“Val?”, perguntou Whitey. “Val Savage?”

“Ele esteve aqui hoje à tarde.”

“E você disse a ele o que Roman falou, mas não quer nos dizer.”

“Ele é da família”, disse Diane, e cruzou os braços, e fechou a cara como a dizer: “Danem-se, tiras”.

“Eu vou lhe dizer”, disse Eve. “Meu Deus. Ele disse que ouviu falar que nós estávamos bêbadas e fazendo bobagens e que não estava gostando nada daquilo, e *Bobby* com certeza não ia gostar daquilo e perguntou se a gente não queria ir para casa.”

“Aí vocês foram embora.”

“Você já falou com Roman?”, disse ela. “Ele tem um jeito especial de fazer suas perguntas soarem como ameaças.”

“E então foi isso”, disse Whitey. “Vocês não o viram segui-las quando saíram do bar?”

Ela balançou a cabeça.

Eles olharam para Diane.

Diane deu de ombros. “Nós estávamos muito bêbadas.”

“Vocês não tiveram nenhum outro contato com ele na mesma noite? Nenhuma das duas?”

“Katie nos trouxe de carro para casa”, disse Eve. “Ela nos deixou na porta, e não a vimos mais.” Sua voz fraquejou e ela fechou o rosto como um punho, enquanto inclinava a cabeça para trás novamente e olhava para o teto, sorvendo o ar.

Sean disse: “Com quem ela estava planejando ir para Las Vegas? Com Bobby?”.

Eve ficou olhando para o teto por um instante, a respiração ofegante. “Não era com Bobby”, disse ela finalmente.

“Com quem, Eve?”, perguntou Sean. “Com quem ela ia para Las Vegas?”

“Com Brendan.”

“Brendan Harris?”, perguntou Whitey.

“Brendan Harris”, disse ela. “Sim.”

Whitey e Sean se entreolharam.

“O filho de Ray, o Justo?”, perguntou Drew Pigeon. “Aquele que tem um irmão mudo?”

Eve aquiesceu e Drew se voltou para Sean e Whitey.

“Bom rapaz. Inofensivo.”

Sean fez que sim. Inofensivo. Claro.

“Você tem o endereço?”, perguntou Whitey.

Não havia ninguém no apartamento dos Harris, então Sean colocou dois policiais para vigiar o lugar e avisar quando Brendan voltasse.

Em seguida foram à casa da senhora Prior, onde foram brindados com chá, biscoitos rançosos e com a audição de *Touched by an Angel* num volume tão alto que uma hora depois Sean continuava ouvindo Della Reese gritando “Amém” e falando sobre redenção.

A senhora Prior disse que olhou pela janela de sua casa por volta da uma e meia da manhã, na noite anterior, e viu dois meninos jogando na rua, meninos pequenos, na rua a uma hora daquelas, jogando latas um para o outro, lutando com bastões de hóquei e falando palavrões. Ela pensou em intervir, mas velhinhas têm de ter cuidado. As crianças são loucas hoje em dia, atiram nas escolas, usam aquelas roupas enormes, falam palavrões. De qualquer modo, aqueles dois terminaram por sair correndo um atrás do outro, e aí o problema não era mais meu, mas, francamente, esses modos... isso é lá maneira de se comportar?

“O agente Medeiros nos disse que a senhora ouviu o barulho de um carro por volta da uma e quarenta”, disse Whitey.

A senhora Prior concentrou a atenção por um instante em Della, que explicava os caminhos do Senhor Deus a Roma Downey — uma Roma Downey toda compenetrada, olhos rasos d’água e cheia de Jesus até as bordas. A senhora Prior balançou a cabeça várias vezes diante da tv, depois se voltou novamente para Whitey e Sean.

“Eu ouvi um carro batendo em alguma coisa.”

“Batendo em quê?”

“Do jeito que as pessoas dirigem hoje em dia, dou graças a Deus por não ter mais carta. Eu teria medo de dirigir nessas ruas. Todo mundo parece estar doido.”

“Sim, senhora”, disse Sean. “Pareceu o som de um carro batendo em outro?”

“Oh, não.”

“Batendo em uma pessoa?”, perguntou Whitey.

“Bom Deus, aquilo parecia o som de quê? Prefiro não saber.”

“Quer dizer então que não foi um som tão alto”, disse Whitey.

“Desculpe-me, não ouvi bem...”

Whitey repetiu a frase, inclinando-se para a frente.

“Não”, disse a senhora Prior. “Parecia mais com um carro batendo numa pedra ou no meio-fio. Aí o carro morreu e alguém disse ‘Oi’.”

“Alguém disse ‘Oi’?”

“Oi.” A senhora Prior olhou para Sean e confirmou com a cabeça. “E aí uma parte do carro estalou.”

Sean e Whitey se entreolharam.

“Estalou?”, perguntou ele.

A senhora Prior balançou sua cabecinha com a cabeleira azul. “Quando meu Leo

ainda era vivo, ele quebrou o eixo de nosso Plymouth. O barulho foi o mesmo! Crac!”, disse ela com os olhos brilhando. “Crac! Crac!”

“E então a senhora olhou pela janela e viu o quê?”

“Oh, não, não”, disse a senhora Prior. “Eu não olhei pela janela. Eu já estava de camisola. Eu já estava deitada. Eu não podia ir olhar pela janela de camisola. Alguém podia me ver.”

“Mas quinze minutos antes a senhora...”

“Meu jovem, quinze minutos antes eu não estava de camisola. Eu tinha acabado de ver televisão, um filme maravilhoso de Glenn Ford. Ah, como eu queria lembrar o nome.”

“Então a senhora desligou a televisão...”

“E vi aqueles meninos sem mãe na rua, então eu subi as escadas, pus minha camisola e aí, meu jovem, fechei as persianas.”

“A voz que disse ‘Oi’ era de homem ou de mulher?”, perguntou Whitey.

“Acho que de mulher”, disse a senhora Prior. “Era uma voz aguda. Não era como a de vocês dois”, disse ela abrindo um sorriso. “Vocês dois têm belas vozes masculinas. Suas mães devem ter orgulho de vocês.”

Whitey disse: “Ah, sim, senhora. A senhora nem imagina”.

Quando eles foram embora, Sean disse: “Crac!”.

Whitey sorriu. “Você viu como ela gostava de repetir isso? Ainda corre sangue nas veias dessa velhinha.”

“Você acha que foi eixo quebrado ou tiro?”

“Tiro”, disse Whitey. “O que me incomoda é esse ‘Oi’.”

“É possível que ela conhecesse a pessoa que atirou e então disse oi.”

“É possível, mas não é cem por cento.”

Em seguida eles fizeram a ronda dos bares mencionados pelas duas amigas de Katie, mas nada conseguiram além de lembranças vagas, perturbadas pelo álcool, e uma lista aproximada de fregueses que podiam estar presentes nos locais àquelas horas.

Quando eles chegaram ao McGills, Whitey estava começando a se irritar.

“Duas garotas — e bem jovens, aliás, na verdade menores de idade — vieram até aqui, subiram no balcão e dançaram, e você vai me dizer que não se lembra disso?”

O barman começou a balançar a cabeça, antes mesmo de Whitey terminar a pergunta. “Ah, aquelas moças. Sim, sim. Eu me lembro. Claro. Elas deviam ter carteiras de identidade falsas, senhor investigador, porque nós lhes pedimos os documentos.”

“Eu sou ‘sargento’”, disse Whitey. “A princípio você mal se lembrava delas, agora se lembra de ter pedido os documentos. Será que você se lembra de quando elas saíram? Ou sua memória é seletiva?”

O barman, um jovem de bíceps tão grandes que deviam bloquear o fluxo de sangue para o cérebro, disse: “Saíram?”.

“A que horas elas foram embora daqui.”

“Eu não...”

“Foi pouco antes de Crosby quebrar o relógio de parede”, disse um sujeito sentado

num banco.

Sean olhou para o sujeito — com certeza um velho freguês, com o *Herald* aberto no balcão entre uma garrafa de cerveja e uma dose de uísque, o cigarro queimando num cinzeiro ao lado.

“O senhor estava aqui”, disse Sean.

“Estava. Moron Crosby queria ir para casa dirigindo. Os amigos dele tentaram tomar as chaves. O estúpido jogou as chaves neles, errou, e acertou aquele relógio.”

Sean olhou para o relógio acima da porta que dava para a cozinha. O vidro estava todo rachado, e os ponteiros parados em 12:52.

“E as moças saíram antes disso?”, perguntou Whitey.

“Uns cinco minutos antes”, disse o sujeito. “As chaves acertaram o relógio, pensei. Felizmente as moças não estavam mais ali para verem aquela cena.”

No carro, Whitey disse: “Você reconstituiu a cronologia?”.

Sean fez que sim, folheou as anotações. “Elas saíram da Curley’s Folly às nove e meia, passaram no Banshee, no Dick Boyle, no Spire, em sucessão rápida, e estavam no McGills por volta das onze e meia, e dentro do Last Drop à uma e dez.”

“E o carro dela bateu cerca de uma hora depois.”

Sean fez que sim.

“Na lista do barman tem algum nome conhecido?”

Sean olhou para a lista das pessoas que estavam no McGills no sábado à noite, rabiscada pelo barman numa folha de papel.

“Dave Boyle”, disse ele em voz alta quando viu o nome.

“O cara que era seu amigo de infância?”

“Pode ser”, disse Sean.

“A gente precisa falar com ele”, disse Whitey. “Como vocês se conhecem, não vai nos tratar como tiras, vai ficar mais à vontade para falar.”

“Com certeza.”

“Bom, isso fica para amanhã.”

* * *

Eles encontraram Roman Fallow numa mesa do Café Society, no Point, tomando café com leite. Ele estava com uma mulher que parecia ser modelo — rótulas pontudas feito as maçãs do rosto, olhos um tanto protuberantes, porque a pele do rosto era tão esticada que parecia ter sido colada nos ossos, um belo vestido branco de verão, com faixas rendadas que a faziam parecer sexy e ao mesmo tempo esquelética, uma façanha que Sean atribuía ao brilho perolado de uma pele perfeita.

Roman estava com uma camisa de seda enfiada em calças de linho de vinco impecável, como se acabasse de sair do estúdio de filmagem de um daqueles filmes da rko ambientados em Havana ou Key West. Ele tomava o seu café com leite e folheava o

jornal, lendo o caderno de negócios, enquanto a moça olhava a seção de moda.

Whitey colocou uma cadeira perto deles e disse: “Ei, Roman, será que vendem roupa de homem onde você comprou essa camisa?”.

Roman manteve os olhos no jornal, colocou na boca um pedaço de croissant. “Sargento Powers, como vai? Sempre satisfeito com o seu Hyundai?”

Whitey sorriu quando Sean se sentou ao lado dele. “Olhando para você aqui, eu seria capaz de jurar que você é mais um yuppie, desses que acordam cedo e acompanham o movimento da bolsa no iMac.”

“Eu tenho um pc, sargento.” Roman fechou o jornal e só então olhou para Whitey e para Sean. “Ah, oi”, disse ele a Sean. “Conheço você de algum lugar.”

“Sean Devine, da Polícia Estadual.”

“Isso mesmo”, disse Roman. “Claro, agora estou me lembrando. Uma vez eu o vi no tribunal testemunhando contra um amigo meu. Belo terno. A Sears anda melhorando, hein? Estão chegando lá.”

Whitey lançou um olhar à modelo. “Posso lhe oferecer um *steak*, beleza, ou alguma outra coisa?”

A modelo disse: “O quê?”.

“Ou talvez uma intravenosa de glicose? Por minha conta.”

Roman disse: “Não faça isso. Trata-se de negócios, certo? Que seja entre nós”.

A modelo falou: “Roman, não estou entendendo”.

Ele lhe sorriu. “Está tudo bem, Michaela. Faça de conta que não estamos aqui.”

“Michaela”, disse Whitey. “Belo nome.”

Michaela não tirou os olhos do jornal.

“O que o traz aqui, sargento?”

“Os bolinhos fritos”, disse Whitey. “Gosto dos bolinhos daqui. E... ah, sim, você conhece uma mulher chamada Katherine Marcus, Roman?”

“Sim.” Roman tomou um golinho de café, enxugou o lábio superior com o guardanapo e recolocou-o no colo. “Ouvi dizer que ela foi encontrada morta esta tarde.”

“Foi, sim”, disse Whitey.

“Uma coisa dessas é muito ruim para a reputação do bairro.”

Whitey cruzou os braços, olhou para Roman.

Roman mastigou outro pedaço de croissant e tomou mais um pouco de café com leite. Depois cruzou as pernas, limpou a boca devagar com o guardanapo, sustentou o olhar de Whitey por um instante. Sean refletiu que aquilo era uma das coisas que mais o aborreciam em seu trabalho: aquelas disputas de machões, cada um encarando o outro, querendo obrigá-lo a abaixar os olhos.

“Sim, sargento”, disse Roman. “Eu conhecia Katherine Marcus. Você veio aqui para me perguntar isso?”

Whitey sacudiu os ombros.

“Eu a conhecia e a vi num bar ontem à noite.”

“E você conversou com ela”, disse Whitey.

“Conversei”, respondeu Roman.

“O que vocês falaram?”

Roman ficou olhando para Whitey, como se Sean não merecesse mais atenção que a que lhe dera até então.

“Ela estava namorando um amigo meu. Estava bêbada. Eu disse a ela que ela estava dando vexame e que ela e as amigas deviam ir para casa.”

“Quem é esse amigo?”, perguntou Whitey.

Roman sorriu. “Ora, sargento. Você sabe quem é.”

“Diga o nome.”

“Bobby O’Donnell”, disse Roman. “Satisfeito? Ela estava namorando o Bobby.”

“Atualmente?”

“Como?”

“Ela o estava namorando agora ou *tinha sido* namorada dele?”

“Atualmente”, disse Roman.

Whitey anotou isso em seu caderno. “Isso não bate com a informação que temos, Roman.”

“É mesmo?”

“É. Ouvi dizer que ela dispensou aquele babaca sete meses atrás, mas ele não queria largar do pé dela.”

“O senhor sabe como são as mulheres, sargento.”

Whitey balançou a cabeça. “Não, Roman, por que você não me conta?”

Roman fechou o jornal. “Ela e Bobby viviam brigando e reatando. Num instante ele era o amor de sua vida, no outro ele era obrigado a lhe morder o freio.”

“Morder o freio”, falou Whitey a Sean. “Você acha que isso combina com o estilo de Bobby O’Donnell?”

“De jeito nenhum”, disse Sean.

“De jeito nenhum”, disse Whitey a Roman.

Roman deu de ombros. “Estou lhe dizendo o que sei. Só isso.”

“Certo.” Whitey fez algumas anotações em seu caderno. “Roman, para onde você foi ontem à noite depois de sair do Last Drop?”

“Fomos a uma festa no *loft* de um amigo no centro da cidade.”

“Ah, uma festa num *loft*”, disse Whitey. “Sempre tive vontade de ir a uma dessas. Drogas sintéticas, modelos, um monte de caras brancos curtindo rap, se achando o máximo por isso. Mas quando você diz *nós*, se refere a você e a Ally McBeal?”

“Michaela”, disse Roman. “Sim. Michaela Davenport, se é que você está anotando.”

“Oh, estou anotando, sim”, disse Whitey. “É seu nome verdadeiro, querida?”

“O quê?”

“Seu nome verdadeiro é Michaela Davenport?”

“Sim.” Os olhos da modelo se arregalaram mais um pouco. “Por quê?”

“Sua mãe deve ter visto um monte de novelas antes de você nascer, não?”

Michaela disse: “Roman”.

Roman levantou a mão e olhou para Whitey. “O que você acha de deixar ela fora disso, hein?”

“Você está se sentindo ofendido, Roman? Você vai tentar bancar o Christopher Walken comigo para me impressionar? É isso? Porque a gente podia dar uma volta para testar os seus álibis. A gente podia fazer isso. Você tem programa para amanhã?”

Roman se refugiou então naquele lugar para onde Sean vira tantos criminosos irem quando um tira batia muito duro; então eles se fechavam em copas de tal maneira que pareciam nem mesmo respirar, continuando a olhar para você com olhos sombrios, indiferentes e apertados.

“Não me sinto ofendido, sargento”, disse Roman, com voz neutra. “Vou ter o maior prazer em lhe dar os nomes de todo mundo que me viu na festa. E tenho certeza de que o barman do Last Drop, Todd Lane, vai confirmar que não saí do bar antes das duas da manhã.”

“Bom menino”, disse Whitey. “E o que me diz do seu amigo Bobby? Onde podemos encontrá-lo?”

Roman se permitiu um sorriso largo. “Você vai adorar.”

“Como assim, Roman?”

“Se você está pensando em responsabilizar Bobby pela morte de Katherine Marcus, você vai adorar o que vou lhe dizer.”

Roman lançou a Sean o seu olhar de predador, e Sean sentiu a excitação que experimentara quando Eve Pigeon mencionou Roman e Bobby.

“Bobby, Bobby, Bobby.” Roman suspirou e piscou para a namorada, antes de voltar-se novamente para Sean e Whitey. “Bobby foi preso por dirigir alcoolizado na sexta-feira à noite.” Roman tomou um pouco mais de café com leite, esvaziando a xícara. “Ele ficou em cana o fim de semana inteiro, sargento.” Roman agitou o indicador no nariz dos dois policiais. “Os senhores nunca pensam em checar esse tipo de coisa?”

Sean estava sentindo o cansaço daquele dia nos ossos, insinuando-se até o tutano, quando os policiais o avisaram por rádio que Brendan Harris voltara ao seu apartamento em companhia da mãe. Sean e Whitey chegaram lá às onze horas, e quando os dois se sentaram na cozinha com Brendan e sua mãe, Esther, Sean deu graças a Deus pelo fato de não se fazerem mais apartamentos como aquele. Era como se o apartamento tivesse saído de um antigo programa de televisão — *The Honeymooners*, talvez —, como se só pudesse ser devidamente apreciado em preto e branco, numa tela de treze polegadas, com o som e a imagem precários. Era um apartamento para empregados da ferrovia; a porta de entrada abria-se bem no centro da parede, de forma que, da escadaria, você entrava diretamente na sala. Depois da sala, à direita, havia uma pequena sala de jantar que Esther Harris usava como quarto, empilhava escovas, pentes e produtos de beleza no armário para gêneros. Em seguida, vinha o quarto que Brendan dividia com o irmãozinho, Raymond.

À esquerda da sala havia um pequeno corredor com um banheiro adernado à direita, depois a cozinha, enfiada lá no fundo, num lugar que só recebia a luz do dia por uns quarenta e cinco minutos, no final da tarde. Naquela peça de paredes de um verde

desbotado e de um amarelo sujo, Sean, Whitey, Brendan e Esther sentavam-se diante de uma mesinha com pernas de metal, em cujas juntas faltavam parafusos. O tampo da mesa estava encapado com contact verde-amarelo, com motivos florais, já solto nos cantos e com rasgões do tamanho de unhas no centro.

Esther parecia combinar muito bem com aquele ambiente. Ela era baixa, tinha feições grosseiras e podia ter quarenta ou cinquenta e cinco anos. Ela cheirava a sabão barato e a fumaça de cigarro, e o azul sinistro de seus cabelos combinava com o azul sinistro das veias dos braços e das mãos. Trajava um suéter rosa, jeans e estava de chinelos pretos felpudos. Fumava cigarros Parliament o tempo todo, e acompanhava a conversa de Sean e Whitey com seu filho como se fosse a coisa mais aborrecida do mundo, mas não tivesse coisa melhor a fazer.

“Qual foi a última vez que você viu Katie Marcus?”, perguntou Whitey a Brendan.

“Bobby a matou, não foi?”, disse Brendan.

“Bobby O'Donnell?”, perguntou Whitey.

“Sim.” Brendan arranhou a mesa. Ele parecia estar em estado de choque. Sua voz era monocórdica, mas de repente ele começava a arfar, e o lado direito do rosto se contraía como se lhe tivessem furado o olho.

“Por que você diz isso?”, perguntou Sean.

“Katie tinha medo dele. Ela namorou Bobby, e sempre dizia que se ele descobrisse que a gente estava namorando, ele nos mataria.”

Sean olhou para a mãe, achando que ia ver alguma reação de sua parte, mas ela simplesmente continuou fumando, soprando a fumaça e enchendo toda a sala de uma nuvem cinza.

“Parece que Bobby tem um álibi”, disse Whitey. “E você, Brendan?”

“Eu não a matei”, disse Brendan Harris num tom inexpressivo. “Eu nunca faria mal a Katie. Nunca.”

“Então, mais uma vez, qual foi a última vez que você a viu?”, perguntou Whitey.

“Sexta-feira à noite.”

“A que horas?”

“Lá pelas oito.”

“Lá pelas oito, ou às oito?”

“Não sei.” O rosto de Brendan se contorcia com uma angústia que Sean sentia pesar sobre a mesa entre eles. Ele apertou as mãos e se balançou um pouco na cadeira. “Sim, oito. Comemos uma pizza no Hi-Fi e depois... depois ela precisou ir embora.”

Whitey anotou “Hi-Fi, 20h, sexta” em seu caderno. “Ela teve que ir embora para onde?”

“Não sei”, disse Brendan.

Quando a mãe esmagou mais um cigarro na pilha de baganas que havia no cinzeiro, uma delas se acendeu novamente e soltou uma espiral de fumaça que foi direto à narina direita de Sean. Esther Harris acendeu de imediato outro cigarro, e Sean imaginou perfeitamente os seus pulmões — nodosos e negros como ébano.

“Brendan, quantos anos você tem?”

“Dezenove.”

“E quando você terminou o curso secundário?”

“O curso secundário”, disse Esther.

“Ah, me formei no ano passado”, disse Brendan.

“Então, Brendan”, disse Whitey. “Você imagina para onde Katie foi sexta à noite, depois que se despediu de você no Hi-Fi?”

“Não”, disse Brendan, a voz sumindo na garganta, os olhos começando a ficar vermelhos. “Ela namorou Bobby e ele tinha acessos de loucura por causa dela; o pai dela não sei por que não gosta de mim, por isso tínhamos que esconder o que havia entre nós. Às vezes ela não me dizia para onde estava indo, porque talvez fosse se encontrar com Bobby, acho, para tentar convencê-lo de que estava tudo acabado entre eles. Não sei. Naquela noite ela disse que ia para casa.”

“Jimmy Marcus não gosta de você?”, perguntou Sean. “Por quê?”

Brendan sacudiu os ombros. “Não tenho a menor ideia. Mas ele disse a Katie que nunca queria vê-la comigo.”

A mãe disse: “O quê? Aquele ladrão pensa que é melhor que a nossa família?”.

“Ele não é ladrão”, disse Brendan.

“Ele *foi* um ladrão”, disse a mãe. “E você aí, com o seu diploma do secundário, não sabe disso, hein? Ele era um ladrão ordinário. A filha provavelmente herdou esse gene dele. Não podia ser melhor que o pai. Você devia se dar por feliz, filho.”

Sean e Whitey se entreolharam. Esther Harris era a mulher mais desgraçada que eles encontraram em toda sua vida. Tinha a maldade no sangue.

Brendan Harris abriu a boca como para protestar, mas se calou.

Whitey disse: “Katie tinha folhetos sobre Las Vegas em sua mochila. Ouvimos dizer que ela estava pensando em ir para lá. Com você, Brendan.”

“Nós...”, ficou de cabeça baixa. “Nós, sim, íamos para Vegas. Nós íamos casar. Hoje.” Ele levantou a cabeça e Sean viu as lágrimas aflorarem em seus olhos avermelhados. Brendan as enxugou com as costas da mão antes que elas caíssem e disse: “Quer dizer, foi isso que a gente combinou, certo?”.

“Você ia me deixar?”, disse Esther Harris. “Ia me deixar sem uma palavra?”

“Mãe, eu...”

“Como seu pai? É isso? Ia me deixar com seu irmãozinho que nunca diz uma palavra? Era isso que você ia fazer, Brendan?”

“Senhora Harris”, disse Sean. “É melhor a gente se concentrar no assunto que nos trouxe aqui. Brendan vai ter tempo de sobra para se explicar depois.”

No olhar que ela lhe lançou, Sean reconheceu aquela expressão que vira em tantos presidiários embrutecidos e em sociopatas de carteirinha. Um olhar de absoluto desprezo, mas que prometia vingança se o outro insistisse em incomodá-la.

Ela olhou novamente para o filho. “Você ia fazer isso comigo? Hein?”

“Mãe, escute...”

“Escutar o quê? Hein? O que é que fiz de tão ruim? Hein? O que é que fiz além de criar você, alimentar você, lhe dar um saxofone no Natal, que você nunca aprendeu a tocar? O troço ainda está no closet, Brendan.”

“Mãe...”

“Não, vá pegá-lo. Mostre a estes homens como você toca bem. Vá pegá-lo.”

Whitey olhou para Sean como se não estivesse acreditando no que estavam ouvindo.

“Senhora Harris”, disse ele. “Isso não vai ser preciso.”

Ela acendeu outro cigarro, e a cabeça do fósforo voou longe com a sua fúria. “A única coisa que fiz para ele foi dar comida, comprar roupas, criar.”

“Sim, senhora”, disse Whitey quando a porta da frente se abriu e entraram dois meninos com patins debaixo do braço, ambos com uns doze anos, talvez treze, um deles a cara de Brendan. Tinha a mesma boa aparência e os cabelos pretos, mas havia algo da mãe em seus olhos, que pareciam fora de foco, como os de um morto-vivo.

“Oi”, disse o outro menino quando entraram na cozinha. Como o irmão de Brendan, ele parecia pequeno para a sua idade, e tinha um rosto encovado e comprido, um rosto duro de velho no corpo de um menino, apontando por trás de um emaranhado de cabelos loiros.

Brendan Harris levantou a mão. “Ei, Johnny. Sargento Powers, agente Devine, este é meu irmão, Ray, e seu amigo Johnny O’Shea.”

“Oi, garotos”, disse Whitey.

“Oi”, respondeu Johnny O’Shea.

Ray fez um aceno com a cabeça.

“Ele não fala”, disse a mãe. “O pai não calava a boca, mas o filho não fala. É, a vida é muito justa.”

Ray fez alguns sinais com as mãos para Brendan, e Brendan disse: “Sim, eles estão aqui por causa de Katie”.

Johnny O’Shea disse: “A gente foi andar de patins no parque, mas estava fechado”.

“Amanhã ele vai abrir”, disse Whitey.

“Amanhã vai chover”, disse o menino, como se fosse culpa dos policiais o fato de não poderem andar de patins às onze horas da noite de um dia de aula, e Sean se perguntou quando é que os pais começaram a deixar os filhos agirem daquela forma.

Whitey virou-se de novo para Brendan. “Você sabe se ela tinha inimigos? Alguém, além de Bobby O’Donnell, que podia ter raiva dela?”

Brendan balançou a cabeça. “Ela era legal. Ela era uma pessoa muito, muito legal. Todo mundo gostava dela. Não sei o que lhe dizer.”

O’Shea disse: “Agora a gente pode ir embora?”.

Whitey voltou-se para ele e ergueu uma sobrancelha. “Alguém lhe disse que não podiam?”

Johnny O’Shea e Ray Harris saíram da cozinha e pôde-se ouvir quando os dois jogaram seus patins no chão da sala de estar, foram para o quarto de Ray e de Brendan, fazendo um barulho dos diabos, como costumam fazer os garotos de doze anos.

Whitey perguntou a Brendan: “Onde você estava entre uma e meia e três da manhã?”. “Dormindo.”

Whitey olhou para a mãe. “A senhora confirma isso?”

Ela deu de ombros. “Não posso garantir que ele não saiu pela janela e desceu pela escada de incêndio. Mas digo que ele foi para o quarto às dez da noite e depois disso só o vi às nove da manhã.”

Whitey se espreguiçou na cadeira. “Está bem, Brendan. Vamos submeter você ao detector de mentiras. Você está disposto a fazer isso?”

“Vocês vão me prender?”

“Não. Só vamos submetê-lo ao detector de mentiras.”

Brendan deu de ombros. “Se vocês querem... claro.”

“Tome, pegue meu cartão.”

Brendan olhou o cartão. Ele manteve os olhos nele quando disse: “Eu a amava tanto. Para mim... nunca será como antes. Quer dizer, isso não acontece duas vezes, certo?”. Ele olhou para Whitey e para Sean. Seus olhos estavam secos, mas a dor que neles se estampava era algo que Sean queria evitar.

“Em muitos casos, não acontece nem uma vez”, disse Whitey.

Eles levaram Brendan de volta para casa ali pela uma, depois de tê-lo submetido quatro vezes ao detector de mentiras, e ele se saíra muito bem. Em seguida Whitey deixou Sean em casa, disse-lhe que dormisse um pouco, que no outro dia teria de acordar cedo. Sean ficou andando no apartamento vazio, ouviu o tumulto do seu silêncio, e sentiu o excesso de cafeína e de hambúrgueres lhe pesar, pressionando-lhe a coluna. Abriu a geladeira e pegou uma cerveja, sentou-se junto ao balcão da cozinha para tomá-la, o barulho e as luzes da noite invadindo seu cérebro, fazendo-o perguntar-se se já não estava velho demais para aquilo, se não estava cansado demais de morte, de motivos estúpidos e de assassinos estúpidos, do asco que eles lhe inspiravam.

Nos últimos tempos, porém, ele andava cansado de tudo. Cansado das pessoas. Cansado de livros, de televisão, dos telejornais da noite, de músicas de rádio que pareciam exatamente iguais a outras músicas de rádio que ouvira havia muitos anos e já então não lhe tinham agradado. Estava cansado das próprias roupas, dos próprios cabelos, e das roupas e dos cabelos dos outros. Estava cansado de querer que as coisas fizessem sentido. Estava cansado da política de gabinete e de querer saber quem estava fodendo quem, tanto em sentido figurado como literal. Ele chegara a um ponto em que tinha a impressão de que já ouvira tudo o que qualquer um tinha a dizer sobre qualquer assunto, de forma que lhe parecia estar ouvindo velhas gravações de coisas que já da primeira vez não lhe tinham parecido novas.

Talvez ele estivesse simplesmente cansado da vida, do extraordinário esforço que lhe custava acordar a cada manhã e enfrentar a mesma merda de dia, com pequenas variações no tempo e na comida. Cansado demais para se preocupar com uma moça morta, porque haveria uma outra depois dela. E outra. E mandar os assassinos para a cadeia — mesmo que para o resto da vida — já não lhe dava a mesma satisfação de antes, porque, indo para

a prisão, eles simplesmente estavam indo para casa, para o lugar a que tinham almejado durante toda a sua vida vã e grotesca, enquanto os mortos continuavam mortos, e as vítimas de roubo e de estupro continuavam roubadas e estupradas.

Ele se perguntava se era aquilo que se sentia em caso de depressão, um entorpecimento total, uma exaustão que vinha da falta de esperança.

Era verdade que Katie Marcus estava morta. Uma tragédia. Ele entendia aquilo intelectualmente, mas não conseguia sentir nada. Ela era apenas mais um cadáver, só mais uma lâmpada quebrada.

E o que era seu casamento senão vidro estilhaçado? Meu Deus, ele a amava, mas eles eram tão incompatíveis quanto duas pessoas podem ser, não obstante pertencerem à mesma espécie. Lauren gostava de teatro, de livros e de filmes que Sean não conseguia entender, fossem ou não legendados. Ela era loquaz, apaixonada, e adorava ir construindo vertiginosos edifícios de palavras que subiam e subiam, enquanto Sean ficava perdido ali pela altura do terceiro andar.

Ele a vira pela primeira vez numa peça de teatro no colégio, representando numa comédia para adolescentes o papel de uma moça que o namorado dispensara. Ninguém na plateia acreditou por um segundo que um homem pudesse abandonar uma mulher tão cheia de energia, tão apaixonada por *tudo* — experiência, apetite, curiosidade. Mesmo àquela época eles formavam um casal estranho — Sean um sujeito prático e sempre reservado, a menos que estivesse com ela, e Lauren a filha única de pais liberais, então já um tanto idosos, que a fizeram conhecer o mundo quando trabalhavam no Peace Corps e encheram-lhe a alma de uma necessidade de ver, de tocar e de examinar o melhor que havia nas pessoas.

Ela encontrara seu lugar no teatro do mundo, primeiro como atriz na universidade, depois como diretora em pequenos teatros, e por fim como produtora de espetáculos itinerantes de maior envergadura. Mas não foram as viagens que desgastaram seu casamento. Diabo, Sean não sabia o que os tinha afastado, mas achava que tinha a ver com ele e com seus longos silêncios, com o desprezo que se insinua pouco a pouco nos policiais — um desprezo pelas pessoas, na verdade uma incapacidade de acreditar em motivos nobres e em altruísmo.

Os amigos dela, que no princípio ele achava fascinantes, começaram a lhe parecer infantis, metidos com teorias artísticas e filosofias irrealistas. Sean passava as noites nas selvas de asfalto onde as pessoas sequestravam, roubavam e matavam só pelo gostinho de fazer isso, e depois tinha de aguentar festas de fim de semana em que cabeças com rabo de cavalo ficavam discutindo noite adentro (inclusive sua mulher) sobre as motivações do pecado no ser humano. Ora, a motivação era fácil de entender: as pessoas eram estúpidas. Macacos. Pior ainda, porque os macacos não se matam uns aos outros por causa de bilhetes de loteria.

Ela lhe disse que ele estava ficando bruto, intratável, e que sua forma de pensar era cada vez mais simplista. E ele não respondeu, porque não havia o que responder. A questão não era saber se ele tinha ou não mudado, mas se a mudança era positiva ou

negativa.

Mas eles ainda se amavam. Eles continuavam tentando, cada um à sua maneira — Sean procurando sair de seu casulo e Lauren tentando entrar nele. A força daquilo que une duas pessoas, aquela alquimia especial do desejo que busca a todo custo ligar-se ao outro — eles tinham. Sempre.

Não obstante, ele certamente devia ter visto aquele caso despontar no horizonte. Quem sabe ele tenha visto. E talvez o maior incômodo para ele não fosse o caso, mas a gravidez que se lhe seguiu.

Merda. Ele se sentou no chão da cozinha, sentindo a ausência da mulher, e pôs as mãos na testa, tentando, pela enésima vez naquele ano, entender o fracasso de seu casamento. Mas ele só conseguia ver os seus destroços, espalhados pelos cantos de sua mente.

Quando o telefone tocou — mesmo antes de levantar-se do chão e apertar a tecla “talk” — ele sabia que era ela.

“Aqui é Sean.”

Do outro lado da linha, ele conseguia ouvir o barulho distante de um semirreboque em ponto morto, e o rumor contínuo de carros passando numa via expressa. Logo imaginou a cena: uma parada para descanso na via expressa, o posto de gasolina, a fileira de cabines telefônicas entre o Roy Rogers e o McDonald’s, e Lauren numa delas, à escuta.

“Lauren”, disse ele. “Eu sei que é você.”

Alguém passou perto da cabine agitando um molho de chaves.

“Lauren, diga alguma coisa.”

O semirreboque engatou a primeira e o barulho do motor se alternou quando ele começou a andar pelo estacionamento.

“Como está ela?”, perguntou Sean. Por pouco não disse “Como está minha filha?”, mas ele não sabia se ela era sua, apenas que era de Lauren. Então ele repetiu: “Como está ela?”.

O veículo engatou a segunda, e o barulho dos pneus no cascalho foi se distanciando cada vez mais, à medida que se dirigia à saída, entrando na rodovia.

“Estou sofrendo muito”, disse Sean. “Você não pode ao menos falar comigo?”

Ele se lembrou do que Whitey dissera a Brendan Harris sobre o amor, que para muita gente não acontecia nem uma vez, e conseguiu vê-la olhando o caminhão partir, o fone encostado ao ouvido mas não à boca. Ela era uma mulher alta e esguia, cabelos castanho-avermelhados. Quando ela ria, cobria a boca com os dedos. Certo dia, na universidade, eles atravessaram o campus correndo para escapar de uma chuva, e Lauren o beijou pela primeira vez sob o pórtico da biblioteca, onde eles foram se abrigar, e quando sentiu uma mão molhada pousar em sua nuca, alguma coisa se libertou no peito de Sean, alguma coisa que até então o oprimia. Lauren lhe disse que ele tinha a voz mais linda que jamais ouvira, uma voz que lembrava o aroma de uísque e fumaça de madeira queimada.

Desde que ela se fora, criara-se um ritual no qual ele ficava falando até ela desligar. Ela nunca falava. Não falara nem uma vez em todas as chamadas que fizera desde que o

abandonou, chamadas feitas de estradas, de motéis e de cabines telefônicas empoeiradas, ao longo de estradas sem alma, entre Boston e a fronteira do Texas com o México. Não obstante, embora ele ouvisse apenas o vazio de uma chamada silenciosa, sempre sabia quando era ela. Ele sentia a sua presença do outro lado da linha. Às vezes ele tinha a impressão de sentir seu perfume.

As conversas — se é que se podiam chamar assim — podiam se prolongar por até quinze minutos, dependendo do quanto ele falava, mas naquela noite Sean estava cansado, cansado de tudo e de tê-la perdido, uma mulher que saíra de sua vida certa manhã, com sete meses de gravidez, e infinitamente cansado de só ter pensamentos para ela.

“Não posso fazer esse jogo esta noite”, disse ele. “Estou morto de cansaço, estou sofrendo, e você nem se dá ao trabalho de me fazer ouvir a sua voz.”

De pé na cozinha, ele lhe deu, sem a menor esperança, trinta segundos para responder. Do outro lado da linha, ele ouviu o barulho de ar sendo bombeado num pneu.

“Até, querida”, disse ele, as palavras morrendo em sua garganta, depois desligou.

Ele ficou bem quieto por um instante, ouvindo o eco do pneu sendo enchido misturar-se ao silêncio ensurdecador que se fazia na cozinha e lhe acelerava as batidas do coração.

Aquilo iria torturá-lo, ele tinha certeza. Talvez durante toda a noite e no dia seguinte. Talvez a semana inteira. Ele quebrara o ritual. Ele desligara o telefone na sua cara. E se no momento em que ele fez aquilo ela já estivesse abrindo a boca para dizer o nome dele?

Meu Deus.

Essa imagem o impeliu a ir tomar um banho, nem que fosse para fugir dela, para parar de imaginar Lauren de pé naquela cabine, a boca entreaberta, as palavras prestes a sair.

Talvez ela fosse dizer, Sean, vou voltar para casa.

III

Anjos do silêncio

15. Um cara perfeito

Na segunda-feira de manhã, Celeste estava na cozinha com a prima Annabeth, quando os amigos e conhecidos dos Marcus começaram a chegar, e Annabeth estava à beira do fogão, cozinhando sem muito interesse, mas muito concentrada no momento que Jimmy, recém-saído do banho, esticou a cabeça para perguntar se podia ajudar em alguma coisa.

Quando crianças, a relação de Celeste e Annabeth era mais de irmãs que de primas. Annabeth era a única mulher numa família só de homens, e Celeste era filha única de pais que se detestavam, por isso as duas passavam muito tempo juntas, e quando estavam no secundário se telefonavam quase todas as noites. Aquilo fora mudando imperceptivelmente ao longo dos anos, à medida que a distância que havia entre a mãe de Celeste e o pai de Annabeth aumentou, e a relação passou da cordialidade à frieza, depois para a hostilidade. E sem motivo aparente, sem que nada o anunciasse, o desentendimento que havia entre irmão e irmã contaminou suas filhas, quando então Celeste e Annabeth passaram a se ver apenas em ocasiões mais formais — casamentos, nascimento de um filho e os batizados que se seguiam, às vezes no Natal e na Páscoa. O que mais incomodava Celeste era a falta de um motivo claro, e lhe doía pensar que um relacionamento que um dia parecera inquebrantável pudesse se romper tão facilmente, por causa do tempo, de brigas de família, do fato de estarem envelhecendo.

Mas as coisas tinham melhorado depois da morte de sua mãe. Ainda no último verão, ela e Dave, Annabeth e Jimmy se encontraram para um churrasco, e no inverno do mesmo ano eles saíram duas vezes para jantar e beber um pouco. A cada encontro a conversa ia ficando mais fluente, e Celeste viu desaparecer um período de dez anos de isolamento, e descobriu uma explicação para ele: Rosemary.

Quando da morte de Rosemary, Annabeth a ajudara. Durante três dias ela seguiu a mesma rotina: chegava à casa de Celeste pela manhã e só ia embora ao anoitecer. Ela fez o trabalho da cozinha, ajudou nos preparativos do funeral e apoiou a amiga quando esta chorava uma mãe com quem não tivera uma ligação muito forte, mas que de qualquer forma era sua mãe.

E agora Celeste ia ficar ali com Annabeth, embora a ideia de que uma pessoa tão independente como Annabeth precisasse de apoio fosse muito estranha para todo mundo, inclusive para Celeste.

Mas ela ficava ao lado da prima enquanto esta cozinhava, passava-lhe os alimentos da geladeira quando ela pedia e atendia a quase todos os telefonemas.

E agora lá estava Jimmy, menos de vinte e quatro horas depois de ter descoberto que a filha estava morta, perguntando à mulher se precisava de alguma coisa. O cabelo ainda úmido e mal penteado, a camisa molhada, colada ao peito. Estava descalço, os olhos inchados de dor e da falta de sono, e tudo o que Celeste conseguiu pensar foi, meu Deus,

Jimmy, e você? Em algum momento você pensa em você?

Todas aquelas pessoas que agora apinhavam o apartamento — na sala de estar e na sala de jantar, andando no corredor próximo à entrada, empilhando seus casacos nas camas do quarto de Sara e de Nadine — pareciam contar com Jimmy, como se nunca lhes ocorresse que este pudesse desejar contar com elas. Como se só ele pudesse explicar aquela farsa brutal, mitigar-lhes a angústia, apoiá-las depois de passado o primeiro choque, quando seus corpos fraquejassem sob os novos golpes da dor. A ascendência que Jimmy tinha sobre aquelas pessoas era absolutamente natural, e Celeste muitas vezes se perguntava se ele tinha consciência daquilo, se ele via aquilo como um fardo, que na verdade devia ser, especialmente numa ocasião como aquela.

“Como?”, disse Annabeth, os olhos fixos no bacon que crepitava na frigideira preta à sua frente.

“Você precisa de alguma coisa?”, perguntou Jimmy. “Posso cuidar da comida um pouco, se você quiser.”

Annabeth deu um sorriso débil e fugaz, antes de balançar a cabeça. “Não, estou bem.”

Jimmy olhou para Celeste como a dizer: será que *está* mesmo?

Celeste fez que sim. “A gente está se virando, Jimmy.”

Quando Jimmy se voltou novamente para a esposa, Celeste leu em seu olhar a dor mais sincera, mais terna. Pareceu-lhe então que um fragmento em forma de lágrima se desprendia do coração de Jimmy e lhe caía dentro do peito. Ele se inclinou, estendeu a mão sobre o fogão e enxugou com o indicador uma gota de suor na maçã do rosto de Annabeth. Annabeth disse: “Não faça isso”.

“Olhe para mim”, sussurrou Jimmy.

Celeste achou que devia sair da cozinha, mas temia que seu movimento quebrasse alguma coisa entre sua prima e Jimmy, alguma coisa infinitamente frágil.

“Não posso”, disse Annabeth. “Jimmy, se eu olhar para você, eu desmaio, e não posso fazer isso com toda essa gente aqui em casa. Por favor...”

Ele se afastou do fogão. “Está bem, querida. Está bem.”

Annabeth sussurrou, de cabeça baixa: “Não quero desmaiar novamente, só isso”.

“Eu entendo.”

Por um momento, Celeste sentiu como se os dois estivessem nus diante dela, como se testemunhasse algo muito íntimo entre um homem e sua mulher, como se os estivesse vendo fazer amor.

A porta do outro extremo do corredor se abriu, e o pai de Annabeth, Theo Savage, apareceu à entrada com uma caixa de cerveja em cada ombro. Era um gigante corado, uma espécie de urso, bochechas grandes, que se movia com uma graça surpreendente, digna de um bailarino, enquanto avançava pelo corredor estreito, com aquelas caixas de cerveja em seus ombros de carregador. Celeste sempre se surpreendia à ideia de que aquela montanha humana tivesse podido engendrar tantos abortos de homens; Kevin e Chuck eram os únicos que tinham um tipo físico mais próximo ao dele, e Annabeth, de todos os filhos, a única que lhe herdara a graça física.

“Cuidado aí, Jimmy”, disse Theo. Jimmy se afastou um pouco e Theo se desviou com cuidado e entrou na cozinha. Ele beijou rapidamente o rosto de Celeste com um “Como vai, querida?”, colocou as duas caixas na mesa da cozinha, abraçou a filha e pousou o queixo em seu ombro.

“Está aguentando firme, filha?”

“Estou tentando, pai.”

Ele lhe beijou o pescoço, de lado — “Minha filhinha” — e se voltou para Jimmy. “Precisamos botar essas cervejas para gelar”.

Eles encheram as caixas térmicas que estavam no chão da copa e Celeste se pôs a desembulhar os pratos trazidos pelos amigos da família de manhã bem cedo. Havia uma porção deles — pão irlandês, tortas, croissants, bolinhos de trigo, massas, três diferentes pratos de salada de batatas. Havia também sacolas de pãezinhos redondos, pratos de salsicha, bolinhos de carne à moda sueca, dois pernis assados numa vasilha enorme, um gordo peru coberto de papel-alumínio amarrotado. Na verdade não havia motivo para Annabeth cozinhar — todo mundo via isso — mas todos entendiam: ela precisava daquilo. Por isso ela fritou bacon, salsichas, fez duas frigideiras cheias de ovos mexidos, e Celeste levou tudo aquilo para uma mesa que fora encostada à parede da sala de jantar. Ela se perguntava se toda aquela comida era uma tentativa de confortar os parentes próximos dos defuntos. Quem sabe eles esperassem também devorar sua dor, fartar-se dela, afogá-la em Coca-Cola e álcool, café e chá, até que todos estivessem empanturrados, entorpecidos e sonolentos. É isso que se faz em reuniões marcadas pela dor — velórios, enterros, serviços *in memoriam* e ocasiões como essas —, você bebe, você come, você fala — até não poder mais comer, beber nem falar.

Ela viu Dave entre a multidão que se encontrava na sala de jantar. Ele estava num sofá, ao lado de Kevin Savage. Estavam conversando, mas nenhum dos dois parecia muito animado ou à vontade, os dois inclinados para a frente no sofá, como se estivessem apostando para ver quem cairia primeiro. Celeste sentiu um vago sentimento de piedade pelo marido — pela impressão de isolamento, quase imperceptível mas duradoura, que às vezes ele dava, principalmente quando se encontrava no meio daquela gente. Afinal de contas todos o conheciam. Todos sabiam o que tinha acontecido com ele quando era criança, e ainda que pudessem conviver com aquilo sem julgá-lo (e certamente podiam), Dave não podia esquecer inteiramente, não podia se sentir plenamente à vontade em meio a pessoas que o conheciam desde pequeno. Sempre que ele e Celeste saíam com um pequeno grupo de colegas de trabalho ou amigos de outros bairros, Dave ficava descontraído, seguro de si, pronto a fazer uma observação interessante ou um comentário original, mostrando-se bastante sociável. (Aliás, todas as suas amigas do salão de beleza, assim como os respectivos maridos, gostavam de Dave.) Mas aqui onde ele crescera e deitara raízes, todos o olhavam como se ele estivesse sempre atrasado na conversa, como se estivesse sempre na rabeira, como se fosse o último a entender uma brincadeira.

Celeste esforçou-se para fazer com que seus olhares se cruzassem, para sorrir para ele, lembrando-lhe assim que, enquanto ela estivesse naquele apartamento, ele não estaria

totalmente só. Mas um pequeno grupo avançou em direção ao arco que separava a sala de jantar da sala de estar, e ela o perdeu de vista.

É em geral no meio da multidão que de repente nos damos conta de que não vemos a pessoa amada, de que não partilhamos com ela, tanto quanto poderíamos, os nossos bons momentos. Celeste vira Dave muito pouco naquela semana, exceto na noite do sábado em que quase fora assaltado. Ela quase não o vira também no dia anterior, pois Theo Savage ligou às seis da manhã para dizer: “Oi, querida, temos más notícias. Katie morreu”.

A primeira reação de Celeste: “Não é verdade, tio Theo”.

“Sinto muito, querida. Estou de coração partido de lhe dizer isso. Mas ela morreu. A menina foi achada morta, assassinada.”

“Assassinada.”

“No Pen Park.”

Celeste voltara a cabeça para a televisão no balcão da cozinha, para as imagens ao vivo do noticiário das seis horas, mostrando uma vista aérea dos policiais aglomerados perto da tela do drive-in, enquanto os jornalistas confirmavam que o corpo encontrado sem vida era de uma jovem cuja identidade ainda era ignorada.

Não. Katie não. Não, não, não.

Celeste disse a Theo que iria à casa de Annabeth imediatamente, e era lá que ficara, desde o telefonema do tio, exceto para um cochilo em casa entre as três e as seis daquela manhã.

E ainda assim ela não podia acreditar. Mesmo depois de ter chorado tanto com Annabeth, Nadine e Sara. Mesmo depois de ter segurado a prima por cinco longos minutos, quando ela caiu no chão da sala, sacudida por espasmos violentos. Mesmo depois de ter se deparado com Jimmy no escuro, no meio do quarto de Katie, com o travesseiro da filha apertado contra o rosto. Ele não chorava, nem falava sozinho, nem fazia barulho. Limitava-se a permanecer imóvel com o travesseiro no rosto, respirando e tornando a respirar o odor dos cabelos e do rosto de Katie. Inspirando, expirando. Inspirando, expirando...

Mesmo depois de tudo aquilo, ainda lhe era impossível acreditar. Ela achava que Katie iria entrar pela porta a qualquer instante, correr para a cozinha e pegar um pedaço de bacon no fogão. Katie não podia estar morta. Não podia.

Quando mais não fosse, por causa do pensamento irracional escondido em algum canto da mente de Celeste, que lhe ocorreu quando viu o carro de Katie no noticiário da televisão e que a fez dizer: sangue = Dave.

Dave, cuja presença ela sentia do outro lado da multidão que estava na sala. Ela sentia a sua solidão e sabia que seu marido era um homem bom. Com seus defeitos, mas bom. Ela o amava, e, se ela o amava, ele era bom, como se o fato de amá-lo o tornasse bom, e sendo ele bom, o sangue no carro de Katie nada tinha a ver com o sangue que ela limpava das roupas dele na noite de sábado. E, sendo assim, Katie devia estar viva. Porque todas as alternativas eram pavorosas.

E ilógicas. Completamente ilógicas, pensava Celeste enquanto se dirigia à cozinha

para pegar mais comida.

Ela quase esbarrou em Jimmy e em seu tio Theo, que estavam arrastando uma caixa térmica de cerveja da cozinha para a sala de jantar. Theo teve de se desviar na última hora, e disse: “Cuidado com essa moça. Ela parece um foguete”.

Celeste deu um sorriso acanhado, da forma como Theo esperava que as mulheres sorrissem, e ela procurava ignorar a sensação que sentia quando o tio olhava para ela — uma sensação que passara a sentir desde os doze anos de idade —, a impressão de que seu olhar se demorava um pouco mais que o necessário.

Quando eles passaram com a caixa de cerveja, Celeste ficou impressionada com a estranha dupla que formavam: Theo, rubicundo, estatura e voz de gigante; Jimmy, loiro e silencioso, o corpo tão enxuto que parecia ter acabado de sair de um treinamento militar. As pessoas aglomeradas junto à entrada se afastaram para deixá-los arrastar a caixa para perto da mesa encostada à parede, e Celeste notou que todos se voltaram para vê-los colocá-la sob a mesa, como se aquilo que carregavam não fosse uma enorme caixa de duro plástico vermelho, mas a filha que Jimmy haveria de enterrar naquela semana, a filha que levara todos ali, para se confraternizarem, para comer e ver se tinham coragem de pronunciar o nome dela.

Vendo-os arrumar as caixas lado a lado, depois abrir caminho entre os grupos na sala de jantar e na sala de estar — Jimmy compreensivelmente abatido, mas parando para agradecer a cada um com uma gentileza digna e um caloroso aperto de mão, e Theo no seu estilo força bruta — muitas pessoas observaram como eles pareciam ter se aproximado ao longo dos anos, a forma como se moviam pela sala mostrava uma verdadeira dupla de pai e filho.

À época em que Jimmy se casou com Annabeth, aquilo parecia impossível. Theo não era de muitos amigos naquela época. Ele gostava de beber e de brigar, e completava seus rendimentos agenciando corridas de táxis, trabalhando como leão de chácara em bares de quinta categoria, e gostava muito de fazer aquilo. Ele era gregário e de riso fácil, mas seus animados apertos de mão eram sempre um tanto desafiadores, e os risos, sempre uma ameaça.

Jimmy, por sua vez, se tornou calmo e sério desde que voltou de Deer Island. Era amistoso, mas de um jeito reservado, e em reuniões sociais ele mantinha absoluta reserva. Era o tipo de pessoa que, quando começava a falar, todos faziam silêncio para ouvi-lo. Ele falava tão raramente que as pessoas quase chegavam a se perguntar quando ele diria alguma coisa, se é que diria.

Theo era divertido, mas não especialmente simpático. Jimmy era simpático, embora não muito divertido. A última coisa que se podia esperar era que os dois se tornassem amigos. Mas foi isso que aconteceu. E lá estavam eles, Theo sempre atrás de Jimmy, como se estivesse prestes a colocar as mãos em suas costas para impedir que caísse no chão, Jimmy parando de vez em quando para soprar alguma coisa na orelha enorme de Theo, enquanto circulavam no meio da multidão. “Os melhores amigos do mundo”, as pessoas diziam. “É isso que aqueles dois parecem, os melhores amigos do mundo.”

Como já estava perto do meio-dia — na verdade eram onze horas, mas em algum lugar do mundo devia ser meio-dia — a maioria das pessoas que chegavam naquele momento trazia bebida em vez de café, e carnes em vez de doces. Quando a geladeira ficou cheia, Jimmy e Theo Savage foram procurar mais gelo e caixas térmicas para as cervejas no terceiro andar, no apartamento dos Savage, o mesmo que Val dividia com Chuck, Kevin e a mulher de Nick, Elaine, que trajava sempre preto, seja porque se considerava viúva até a volta de Nick da prisão, seja porque, como algumas pessoas diziam, ela simplesmente gostava de preto.

Theo e Jimmy acharam duas caixas térmicas na copa, ao lado da secadora, e vários sacos de gelo no freezer. Eles encheram as duas caixas, jogaram os sacos plásticos no lixo, estavam atravessando a cozinha de volta quando Theo disse: “Ei, espere um segundo, Jim”.

Jimmy olhou para o sogro.

Theo fez um gesto, apontando uma cadeira. “Sente um pouco.”

Jimmy se sentou. Ele colocou a caixa junto da cadeira e se sentou, e esperou que Theo fosse direto ao assunto. Theo Savage criara sete filhos naquele apartamento, um pequeno três-dormitórios com soalho inclinado e canos de água barulhentos. Certa vez Theo disse a Jimmy que aquilo significava que ele nunca teria de pedir desculpas a ninguém por nada, pelo resto de sua vida. “Sete filhos”, dissera ele a Jimmy. “Nunca passei mais de dois anos separado de nenhum deles, todos abrindo o berreiro neste apartamento de merda. As pessoas falam das alegrias da infância, não é? Eu chegava do trabalho, encontrava toda essa barulheira e queria dizer a elas: Queria ver vocês aqui. Não tive nenhuma alegria. Só um monte de dor de cabeça. Um monte.”

Annabeth contara a Jimmy que quando seu pai chegava em casa com dor de cabeça, ele ficava só o tempo de jantar e ia embora. E Theo dissera a Jimmy que nunca se preocupou muito com a educação das crianças. Ele praticamente só tinha meninos, e na opinião de Theo criar meninos era simples: basta dar comida a eles, ensinar a brigar e a jogar bola, e pronto. Se eles queriam mimo, a mãe estava lá para isso. Eles só procuravam o velho quando precisavam de dinheiro para comprar um carro ou precisavam de alguém que lhes pagasse a fiança. As meninas é que a gente estraga com mimos.

“Ele usou essas palavras?”, disse Annabeth quando Jimmy lhe contou a conversa.

Jimmy não se preocuparia nem um pouco em saber que tipo de pai Theo tinha sido, se o sogro não aproveitasse a menor oportunidade para apontar as falhas da filha e do genro, enquanto pais, dizendo com um sorriso que, sem querer ofendê-los, ele nunca deixaria uma criança se comportar daquela maneira.

Na maioria das vezes Jimmy simplesmente aquiescia e o ignorava.

Naquele momento, ele percebia uma expressão familiar de velho experiente nos olhos de Theo, que se sentou na cadeira em frente dele, antes de se pôr a olhar o chão e esboçar um sorriso triste, escutando o barulho dos passos e das vozes no apartamento de baixo.

“Parece que a gente só vê a família e os amigos em casamentos e velórios, não é, Jimmy?”

“Tem razão”, disse Jimmy, que desde as quatro horas do dia anterior lutava contra a sensação de que uma parte de seu corpo fora arrancada e girava freneticamente no ar, tentando se reintegrar antes que fosse tarde demais, antes de se exaurir e cair como uma pedra nas entranhas sombrias da terra.

Theo apoiou as mãos nos joelhos e ficou olhando para Jimmy, esperando que ele levantasse a cabeça e olhasse para ele. “Como é que você está reagindo até agora?”

Jimmy sacudiu os ombros. “Acho que a coisa ainda não pegou.”

“Você vai sofrer pra burro quando pegar, Jim.”

“Eu imagino.”

“Vai sofrer pra burro. Pode acreditar.”

Jimmy sacudiu os ombros novamente e sentiu uma vaga sensação — de raiva? — nascer na boca do estômago. Só faltava essa agora: um animado discurso de Theo Savage sobre o sofrimento. Merda.

Theo inclinou-se para a frente. “Sabe quando Janey morreu? Que ela descanse em paz, Jimmy. Fiquei mal durante seis meses. Um dia ela estava lá, minha bela esposa, e no outro dia? Tinha partido.” Ele estalou seus grossos dedos. “Naquele dia Deus ganhou um anjo, e eu perdi uma santa. Mas meus filhos já estavam todos crescidos, graças a Deus. Quer dizer, eu podia me dar ao luxo de me entregar ao sofrimento por seis meses. Pude *me dar* esse luxo. Mas você não, você não pode.”

Theo recostou-se na cadeira e Jimmy sentiu aquela sensação novamente. Fazia dez anos que Janey Savage morrera, e Theo se consolou na bebida por muito mais de seis meses. Foram uns dois anos. A bebida foi a sua amante durante toda a vida, e depois da morte de Janey ele apenas oficializou a relação. Quando ela estava viva, Theo lhe dava tanta atenção quanto daria a um pedaço de pão duro.

Jimmy tolerava Theo porque não tinha outro jeito — afinal de contas, ele era pai de sua mulher. Quem visse de fora, podia pensar que eram amigos. Talvez Theo pensasse que de fato eram. E a idade amolecera Theo a um ponto que ele passou a amar a filha e a mimar os netos. Mas uma coisa é você perdoar uma pessoa pelos erros do passado. Muito diferente era aceitar os seus conselhos.

“Entende o que quero dizer?”, disse Theo. “Cuide para não se *comprazer* em sua dor, Jim, para que ela não interfira nas suas responsabilidades com a família.”

“Minhas responsabilidades com a família, é?”

“Isso mesmo. Sabe, você tem que cuidar de minha filha e das meninas. Agora, elas é que têm que ser sua prioridade.”

“Hum, hum”, fez Jimmy. “Você acha que eu podia sequer sonhar com uma coisa dessas, Theo?”

“Não disse que você *ia* fazer isso, Jim. Só disse que você *podia*, só isso.”

Jimmy fitou a rótula esquerda de Theo e imaginou-a numa explosão sangrenta. “Theo.”

“Sim, Jim.”

Jimmy viu a outra rótula explodir, depois se concentrou nos cotovelos do sogro. “Você não acha que poderia esperar um pouco para falar sobre isso?”

“Nada como o momento presente.” O riso que acompanhou esse comentário soou como uma advertência.

“Amanhã, por exemplo.” O olhar de Jimmy passou dos cotovelos de Theo para seus olhos. “Se falasse amanhã, não haveria problema, não acha, Theo?”

“O que você acha do que falei sobre o momento presente, Jim?” Theo estava começando a ficar aborrecido. Ele era um gigante de temperamento violento e Jimmy sabia que aquilo assustava muita gente, que Theo via o medo no rosto das pessoas na rua, que se acostumara com aquilo, achando que se tratava de respeito. “Sabe, ao meu ver, essa é a melhor ocasião para esta conversa, certo? Por isso achei que devia entrar logo no assunto, o mais rápido possível.”

“Oh, claro”, disse Jimmy. “Como você disse, nada como o momento presente, certo?”

“Certo. Bom garoto.” Theo deu um tapinha no joelho de Jim e levantou-se. “Você vai sobreviver a isso, Jimmy. Você vai seguir em frente. Você vai sofrer, mas vai superar. Porque você é um homem. Eu disse a Annabeth na noite do casamento de vocês: ‘Filha, você conseguiu um homem às antigas. O cara perfeito, eu disse. Um verdadeiro campeão. Um cara que...’.”

“Foi como se a tivessem enfiado num saco”, disse Jimmy.

“O quê?”, disse Theo olhando para ele.

“Foi isso que me pareceu ter acontecido com Katie quando a identifiquei no necrotério na noite passada. Foi como se alguém a tivesse enfiado num saco e batido nela com barras de ferro.”

“Sei, não deixe que isso...”

“Não dava nem para saber de que raça era ela, Theo. Podia ser negra, podia ser porto-riquenha como a mãe. Podia ser árabe. Mas ela não parecia ser branca.” Jimmy olhou para as próprias mãos, cruzadas entre os joelhos, e viu manchas no chão da cozinha. Uma mancha marrom perto do seu pé esquerdo, outra cor de mostarda junto ao pé da mesa. “Janey morreu dormindo, Theo. Digo com todo o respeito, mas assim foi. Ela foi para a cama e não acordou mais. Em paz.”

“Você não precisa falar sobre Janey, certo?”

“Quanto a minha filha, ela foi assassinada. Há uma pequena diferença.”

Por um instante, a cozinha ficou silenciosa — na verdade, um silêncio ensurdecedor, como só pode ficar um apartamento vazio, quando o de baixo está cheio de gente — e Jimmy se perguntou se Theo ia ser estúpido o bastante para continuar falando. Vamos, Theo, diga alguma estupidez. Na situação em que estou, espero apenas uma oportunidade para descarregar o que estou sentindo.

Theo disse: “Escute, eu entendo”, e Jimmy soltou um suspiro pelas narinas. “Eu entendo. Mas, Jim, você não precisa...”

“O quê?”, disse Jimmy. “Eu não preciso do quê? Alguém meteu um revólver na minha filha e estourou a sua cabeça, e você quer que eu cuide de minhas prioridades

apesar de meu sofrimento. É isso que você quer? Você quer vir aqui e ficar bancando o grande *patriarca*?”

Theo olhou para os próprios sapatos e começou a respirar pesadamente pelas narinas, abrindo e fechando ambos os punhos. “Acho que não mereço isso.”

Jimmy levantou-se e encostou a cadeira na mesa da cozinha. Ele levantou a caixa do chão e olhou para a porta. “Vamos voltar agora, Theo?”

“Claro”, disse Theo. Ele deixou a cadeira no mesmo lugar e pegou a outra caixa que estava no chão. Ele disse: “Tudo bem, tudo bem. Foi uma má ideia querer falar com você logo esta manhã. Você ainda não está preparado. Mas...”.

“Theo, esqueça isso, o.k.? Simplesmente não fale. O que acha?”

Jimmy ergueu a caixa e se dirigiu às escadas. Ele se perguntou se magoara Theo, depois percebeu que não estava ligando a mínima para aquilo. Ele que se fodesse. Naquele mesmo instante, os legistas estavam começando a fazer a autópsia do corpo de Katie. Ele ainda tinha a impressão de sentir seu cheirinho de bebê, mas lá no necrotério já estavam preparando os bisturis, afastadores e serras.

Mais tarde, quando a multidão diminuiu um pouco, Jimmy desceu para o pátio de trás do edifício e sentou-se sob as roupas que estavam estendidas no varal desde o meio-dia do sábado. Ele se sentou ao sol, embaixo de um macacão de Nadine que balançava para a frente e para trás, roçando seus cabelos. Annabeth e as meninas tinham chorado durante toda a noite, enchendo o apartamento com seus prantos, e Jimmy tinha a impressão de que logo iria fazer o mesmo. Mas ele não chorara. Ele urrou daquela maneira quando leu no olhar de Sean Devine que sua filha estava morta. Ele urrara até perder a voz. Mas afora isso, ele não conseguira sentir nada. Então se sentou no pátio e esperou que as lágrimas viessem.

Ele se torturou com lembranças de Katie ainda bebê, Katie do outro lado da mesa manchada em Deer Island, Katie soluçando em seus braços até dormir, seis meses depois que ele saiu da cadeia, perguntando-lhe quando a mãe ia voltar. Ele viu Katie ainda pequena gritando na banheira e a viu, aos oito anos, voltando da escola de bicicleta. Ele viu Katie sorrir, viu Katie fazer beicinho, viu Katie contrair o rosto, com raiva, depois confusa, quando ele a estava ajudando a fazer uma longa conta de dividir na mesa da cozinha. Ele viu Katie mais velha sentada no balanço com Diane e Eve, folgando num dia de verão, as três desajeitadas como o são as pré-adolescentes, com seus sutiãs e suas pernas que cresciam mais depressa que o resto do corpo. Ele viu Katie deitada de bruços na cama, fazendo bagunça com Sara e Nadine. Ele a viu com o vestido de formatura na noite do baile na escola. Ele a viu sentada ao seu lado no seu Grand Marquis, o queixo a tremer-lhe quando deu partida no carro, no dia em que começou a ensiná-la a dirigir. Ele a viu adolescente, brava e petulante, imagens que sempre lhe pareceram mais interessantes do que as outras, em que ela estava radiante, inspirando ternura.

Ele a via, ele a via, ele a via, mas não conseguia chorar.

As lágrimas virão, dizia uma voz calma dentro dele. Você está em estado de choque, só isso.

Mas está passando, respondia uma voz em sua mente. Começou a passar na hora em que Theo veio me encher o saco.

E quando passar, você vai sentir alguma coisa.

Já estou sentindo.

É a dor, disse a voz. É o pesar.

Não é dor. Não é pesar. É raiva.

Você também está sentindo isso. Mas você vai superar isso.

Eu não quero superar isso.

16. Também gostei de te ver

Dave estava levando Michael da escola para casa quando, ao dobrar uma esquina, viu Sean Devine e outro cara encostados ao porta-malas de um sedã preto, estacionado em frente ao edifício dos Boyle. O sedã preto tinha placa oficial e antenas suficientes para fazer transmissões para o planeta Vênus, e Dave logo percebeu, a uma distância de quinze metros, que o sujeito ao lado de Sean também era tira. Ele tinha o queixo empinado de policial, e um jeito de se apoiar nos tacões, como se estivesse prestes a atacar. Se aquilo não bastasse, o cabelo à escovinha num cara de uns quarenta anos, mais os óculos de aviador com aros dourados, não deixavam dúvida.

A mão de Dave apertou a de Michael, e em seu peito ele sentiu como se alguém tivesse mergulhado uma faca na água gelada e em seguida encostado a lâmina em seus pulmões. Ele quase parou, os pés querendo se fixar na calçada, mas algo o impelia para a frente, e ele esperava estar dando a impressão de agir normalmente. Sean voltou a cabeça em sua direção, a princípio com um olhar indiferente, que se animou quando seus olhos cruzaram com os de Dave.

Os dois sorriram ao mesmo tempo. Dave deu o seu sorriso mais largo, da mesma forma que Sean, e Dave se surpreendeu ao notar que Sean parecia estar realmente contente em vê-lo.

“Dave Boyle”, disse Sean, afastando-se do carro com a mão estendida. “Há quanto tempo a gente não se vê?”

Dave apertou-lhe a mão e se surpreendeu novamente quando Sean lhe deu um tapinha no ombro.

“Depois daquela noite no Tap”, disse Dave. “Quando foi isso? Há uns seis anos?”

“Sim. Mais ou menos isso. Você está ótimo, cara.”

“E como tem passado, Sean?” Uma sensação de calor — que o cérebro logo tratou de reprimir — espalhou-se pelo corpo de Dave.

Mas por quê? Agora restava muito pouca gente dos velhos tempos. E não foram só as coisas de sempre — cadeia, drogas, ação da polícia — que os levaram. Muitos foram morar em condomínios. Alguns foram para outros estados, na ânsia de ser como todo mundo, formar um grande país de jogadores de golfe, de clientes de galerias comerciais, donos de empresa com mulheres loiras e aparelhos de televisão de tela grande.

Não, não restaram muitos, e Dave sentiu uma mistura de orgulho, de alegria e de tristeza ao apertar a mão de Sean, lembrando-se do dia em que Jimmy pulara da plataforma nos trilhos do metrô, e de outros sábados, como aquele, que pareciam anunciar: “Tudo é possível”.

“Estou bem”, respondeu Sean. (Ele parecia sincero, mas Dave teve impressão de ver uma leve perturbação em seu sorriso.) “E quem é esse menino?”

Sean se inclinou para Michael.

“É meu filho”, disse Dave. “Michael.”

“Olá, Michael. Prazer em conhecer você.”

“Olá.”

“Sou Sean, um velho amigo de seu pai.”

Dave notou que o semblante de Michael se iluminava ao ouvir a voz de Sean. Sean tinha uma voz parecida com a do locutor que anunciava os novos filmes, e Michael ficou radiante ao ouvi-lo. Talvez ele já estivesse contando para si mesmo a história de seu pai e daquele estranho alto e confiante, que durante a infância brincavam nas mesmas ruas e tinham os mesmos sonhos que ele e os seus amigos tinham.

“Prazer em conhecer”, disse Michael.

“Muito prazer, Michael.” Sean apertou a mão de Michael, depois se levantou para encarar Dave. “Um belo rapaz, Dave. Como vai Celeste?”

“Ótima, ótima.” Dave tentou se lembrar do nome da esposa de Sean, mas só conseguiu lembrar que ele a conhecera na universidade. Laura? Erin?

“Mande lembranças para ela.”

“Claro. Você ainda está na Polícia Estadual?” Dave piscou os olhos quando o sol irrompeu por entre as nuvens e se refletiu no lustroso porta-malas preto do sedã.

“Sim”, disse Sean. “A propósito, este é o sargento Powers, Dave. Meu chefe. Da Delegacia de Homicídios.”

Dave apertou a mão do sargento Powers, aquela palavra pairando entre eles. Homicídio.

“Como vai?”

“Muito bem, senhor Boyle. E você?”

“Tudo bem.”

“Dave”, disse Sean. “Você tem um minuto? Queríamos lhe fazer umas perguntas, rapidinho.”

“Sim, claro. De que se trata?”

“Será que a gente pode entrar, senhor Boyle?” O sargento Powers fez um aceno com a cabeça em direção à entrada do edifício.

“Sim, claro.” Dave tomou a mão de Michael novamente. “Sigam-me, rapazes.”

Ao passarem na frente do apartamento de McAllister, a caminho da escada, Sean falou: “Ouvi dizer que mesmo aqui os aluguéis estão subindo”.

“Mesmo aqui”, disse Dave. “Estão querendo transformar isso no Point, com uma loja de antiguidades em cada esquina.”

“Pois é, o Point”, disse Sean com um riso seco. “Lembra da casa de meu pai? Ela foi dividida em apartamentos de luxo.”

“É mesmo?”, disse Dave. “Era uma bela casa.”

“É claro que ele vendeu a casa antes da subida dos preços.”

“E agora foi dividida em *várias residências*?”, disse Dave, a voz ressoando na escadaria estreita. Ele balançou a cabeça. “Os yuppies que as compraram devem ter pagado por

unidade o que seu pai recebeu pela casa inteira.”

“Mais ou menos isso”, disse Sean. “Mas o que é que se pode fazer, não é?”

“Não sei, mas acho que tem que haver um meio de fazer com que parem com isso. De mandá-los de volta ao diabo de lugar de onde vieram *com* as merdas de seus celulares. Sabe o que ouvi de um amigo meu outro dia, Sean? Ele disse: ‘Este bairro está precisando mesmo é de uma porra de onda de crimes’.” Dave sorriu. “Quer dizer, com isso os preços dos aluguéis iam voltar ao normal, certo?”

O sargento Powers disse: “Se continuarem matando moças no Pen Park, senhor Doyle, você vai conseguir o que deseja”.

“Oh, não é *isso* que eu quero”, respondeu Dave.

O sargento Powers disse: “Tenho cá as minhas dúvidas”.

“Você falou um palavrão, pai”, disse Michael.

“Desculpe, Mike. Não vou falar mais.” Ele olhou por sobre os ombros para Sean, enquanto abria a porta do apartamento.

“Sua esposa está em casa, senhor Boyle?”, perguntou o sargento Powers ao entrar.

“Ahn? Não. Não está. Ei, Mike, agora vá fazer a lição de casa, está bem? Daqui a pouco a gente vai ter que ir para a casa do tio Jimmy e da tia Annabeth.”

“Mas, pai... Eu...”

“Mike”, disse Dave, fitando o filho. “Vá para cima, por favor. Esses senhores e eu temos que conversar.”

Michael lançou aquele olhar de desespero que as crianças dão quando são excluídas da conversa dos adultos, e se dirigiu às escadas, os ombros curvados e os pés se arrastando como se houvesse blocos de gelo amarrados aos seus tornozelos. Ele deu o suspiro que sua mãe costumava dar e começou a subir as escadas.

“Deve ser uma coisa universal”, disse o sargento Powers no momento em que se sentava no sofá da sala de estar.

“O quê?”

“Aquele jeito de curvar os ombros. Quando meu filho tinha a idade dele, fazia igualzinho quando a gente mandava ele ir para a cama.”

“É mesmo?”, disse Dave tomando assento no sofá, do outro lado da mesinha de centro.

Por mais ou menos um minuto, Dave ficou olhando para Sean e para Powers, e estes para ele, os três com as sobranceiras erguidas e expectantes.

“Você sabe do caso de Katie Marcus”, disse Sean.

“Claro”, disse Dave. “Eu estava na casa deles hoje de manhã. Celeste ainda está lá. Puxa, Sean, foi um crime terrível.”

“Sem dúvida”, disse o sargento Powers.

“Vocês pegaram o cara?”, perguntou Dave. Ele acariciou o punho direito inchado com a mão esquerda, depois percebeu o que estava fazendo. Então se inclinou para trás e enfiou ambas as mãos nos bolsos, tentando dar a impressão de estar relaxado.

“Estamos trabalhando no caso. Pode acreditar, senhor Boyle.”

“Como Jimmy está reagindo?”, perguntou Sean.

“Não dá para saber.” Dave olhou para Sean, satisfeito de poder desviar os olhos dos de Powers, pois havia algo neles que não o agradava, a forma como ele olhava para você como se pudesse ver suas mentiras, mesmo as mais antigas, mesmo a primeira que você disse em sua maldita vida.

“Você sabe como o Jimmy é”, disse Dave.

“Na verdade não sei. Não sei mais.”

“Bem, ele ainda guarda tudo para si”, disse Dave. “Não dá para saber o que se passa na cabeça dele.”

Sean balançou a cabeça. “O que nos trouxe aqui, Dave...”

“Eu a vi”, disse Dave. “Não sei se vocês estão informados disso.”

Ele olhou para Sean, e este abriu as mãos, esperando.

“Naquela noite — acho que foi na noite em que ela morreu — eu a vi no McGills.”

Os dois policiais se entreolharam, e então Sean se inclinou para a frente, e lançou a Dave um olhar amistoso. “Bem, sim, Dave, foi por isso que viemos aqui. Seu nome apareceu na lista das pessoas que estavam no McGills, pelo que o barman se lembrava. Ouvimos dizer que Katie deu um verdadeiro show.”

Dave fez que sim. “Ela e uma amiga dançaram no balcão do bar.”

O policial disse: “Elas estavam de cara cheia, não é?”.

“Sim, mas...”

“Mas o quê?”

“Mas não era nada grave. Elas estavam dançando, mas não estavam tirando a roupa nem nada disso. Eram apenas moças de dezenove anos, entende?”

“Quando se servem bebidas alcoólicas nos bares a pessoas com dezenove anos, esses bares perdem a licença por um certo tempo”, disse o sargento Powers.

“Isso nunca aconteceu com você?”

“Como assim?”

“Você nunca bebeu num bar antes da idade legal para isso?”

O sargento Powers sorriu, e o sorriso do homem penetrou em sua mente da mesma forma que os olhos o faziam, como se estivesse *vasculhando* cada recanto de sua mente.

“A que horas o senhor saiu do McGills, senhor Boyle?”

“Lá pela uma”, disse Dave sacudindo os ombros.

O sargento Powers anotou num caderno equilibrado em seu joelho.

Dave olhou para Sean.

Sean disse: “É que temos que verificar todos os detalhes, entende, Dave? Você estava com o Stanley Kemp, não é? Stanley, o Grandalhão?”.

“Sim.”

“A propósito, como vai ele? Ouvi falar que o filho está com câncer.”

“Leucemia”, disse Dave. “Foi há uns dois anos. Ele morreu. Tinha quatro anos.”

“Cara”, disse Sean. “Que coisa, hein? Merda. A gente nunca sabe. Num minuto a gente está em plena forma, no seguinte a gente dobra a esquina, pega uma doença estranha

e morre cinco meses depois. Assim é o mundo, cara.”

“É verdade”, concordou Dave. “Mas Stan está bem, considerando-se o que passou. Arranjou um bom emprego na firma de Edison. Continua jogando basquete na equipe do bairro todas as terças e quintas à noite.”

“Continua sendo uma fera na defesa?”, disse Sean dando um risinho.

Dave também riu. “Ele sabe usar os cotovelos.”

“A que horas você acha que as moças saíram do bar?”, disse Sean ainda rindo.

“Não sei”, disse Dave. “O jogo dos Sox estava acabando.”

Por que Sean fizera a pergunta daquela maneira? — Dave se perguntou. Ele poderia ter feito a pergunta de cara, mas primeiro tentou diminuir sua desconfiança, levando-o a falar de Stanley. Mas será que ele tinha premeditado aquilo? Dave não tinha certeza de nada. Ele era um suspeito? Sean o considerava *suspeito* na investigação do assassinato de Katie?

“E o jogo era muito tarde”, disse Sean. “Na Califórnia.”

“Ahn? Dez e trinta e cinco. Acho que as moças saíram uns quinze minutos antes de mim.”

“Digamos aí pela meia-noite e quarenta e cinco”, disse o outro policial.

“Acho que sim.”

“Tem uma ideia de para onde elas foram?”

Dave balançou a cabeça. “Foi a última vez que as vi.”

“É?”, fez o sargento Powers, com a caneta em cima do caderno que equilibrava nos joelhos.

Dave confirmou com a cabeça. “Sim.”

O sargento Powers anotou em seu caderno, a caneta raspando o papel feito uma pequena garra.

“Dave, você se lembra de ter visto um sujeito jogando as chaves dele em outro cara?”

“O quê?”

“Um cara chamado...”, disse Sean folheando seu caderno de anotações. “Um cara chamado Joe Crosby. Os amigos dele tentaram tomar as chaves de seu carro. Ele as atirou num deles. Só porque ele estava com raiva. Você viu essa cena?”

“Não, por quê?”

“É uma história engraçada”, disse Sean. “O sujeito não quer entregar as chaves e então as atira. Lógica de bêbado, não?”

“Acho que sim.”

“Você não notou nada de anormal naquela noite?”

“Como assim?”

“Digamos, alguém que estava no bar não estava olhando as moças com cara de poucos amigos? Você conhece o tipo... esses caras olham as jovens com um olhar cheio de ódio, ainda putos por terem ficado em casa na noite do baile de formatura, e quinze anos depois sua vida continua na mesma merda. Eles olham para as moças como se a culpa fosse delas. Você viu algum sujeito desse tipo?”

“Já cruzei com alguns, claro.”

“Havia algum desses no bar naquela noite?”

“Não que eu visse. Quer dizer, eu estava concentrado no jogo. Eu só notei a presença das moças quando elas subiram no balcão.”

Sean balançou a cabeça.

“Foi um belo jogo”, disse o sargento Powers.

“Bem”, disse Dave. “Pedro estava lá. Poderiam ter ganhado sem sofrer um tento, se não fosse aquele lance absurdo do oitavo.”

“Uma pena. O cara merece o que ganha, não?”

“Ele é o melhor jogador, atualmente.”

O sargento Powers se virou para Sean e os dois se levantaram ao mesmo tempo.

“Só isso?”, perguntou Dave.

“Sim, senhor Doyle.” Ele apertou a mão de Dave. “Obrigado pela colaboração.”

“Não há de quê. Foi um prazer.”

“Oh, merda”, disse o sargento Powers. “Esqueci de perguntar: aonde você foi depois que saiu do McGills?”

A palavra saiu da boca de Dave antes que pudesse impedir: “Para cá”.

“Para casa?”

“Sim.” Dave manteve o olhar fixo, a voz firme.

O sargento Powers abriu o seu caderno novamente. “Chegou em casa por volta da uma e quinze.” Ele olhou para Dave enquanto escrevia. “É isso?”

“Mais ou menos por aí.”

“Está bem, então, senhor Doyle. Mais uma vez obrigado.”

O sargento Powers dirigiu-se às escadas, mas Sean parou na soleira. “Gostei muito de te ver, Dave.”

“Eu também”, disse Dave, tentando lembrar por que não gostava de Sean quando eram crianças. Mas não conseguiu.

“A gente podia tomar uma cerveja um dia desses”, disse Sean. “Em breve.”

“Vai ser um prazer.”

“Certo. Até mais, Dave.”

Eles apertaram-se as mãos e Dave tentou não se encolher com a pressão sobre a mão inchada.

“Até mais, Sean.”

Sean desceu as escadas, enquanto Dave continuou no patamar. Sean fez um aceno por sobre os ombros, e Dave acenou de volta, mesmo sabendo que Sean não podia vê-lo.

Ele decidiu tomar uma cerveja na cozinha antes de voltar para a casa de Jimmy e de Annabeth. Torceu para que Michael não descesse logo, sabendo que os policiais tinham acabado de sair, porque ele precisava de alguns minutos de paz, de um tempinho para pôr a cabeça no lugar. Ele não estava bem certo do que transpirara naquela sala. Sean e o

outro policial lhe fizeram perguntas como se ele fosse uma testemunha ou então um suspeito, e o fato de não perguntarem em tom firme deixou Dave sem saber a que eles tinham vindo. E aquela incerteza o deixou com uma puta dor de cabeça. Toda vez que Dave se sentia inseguro em relação a alguma coisa, o chão parecia fugir-lhe de sob os pés, seu cérebro tendia a se dividir em dois, como se cortado por uma faca afiada. Aquilo lhe dava dor de cabeça, e às vezes coisa pior.

Porque às vezes Dave não era Dave. Ele era o Menino. O Menino Que Escapou dos Lobos e Cresceu. E aquilo era muito diferente de ser apenas Dave Boyle.

O Menino Que Escapou dos Lobos e Cresceu era um animal das trevas que se deslocava, silencioso e furtivo, por entre densas matas. Ele vivia num mundo que os outros não viam, não conheciam e principalmente não queriam conhecer — um mundo que corria como uma corrente sombria ao lado deste outro, um mundo povoado de grilos e de vagalumes, que só podia ser visto por um microssegundo, pelo canto do olho, e que desaparecia quando se virava a cabeça em sua direção.

Esse era o mundo em que Dave vivia por boa parte do tempo. Não como Dave, mas como o Menino. E o Menino não crescera de forma sadia. Ele foi ficando mais raivoso, mais paranoico, capaz de coisas que o Dave real nem podia imaginar. Normalmente o Menino vivia apenas nos sonhos de Dave, feroz e esgueirando-se por entre a mata qual uma criatura selvagem, deixando-se ver apenas de forma furtiva. E enquanto ficava naquela floresta no fundo dos sonhos de Dave, ele era inofensivo.

Desde a infância, porém, Dave sofria crises de insônia. Elas podiam vir depois de meses e meses de sono tranquilo, e de repente ele voltava àquele mundo selvagem e agitado, em que quase não conseguia dormir. Uns poucos dias nessas condições, e Dave começava a ver coisas pelo canto dos olhos — quase sempre camundongos, que corriam no chão e nas escrivaninhas, às vezes borboletas pretas esvoaçando pelos cantos das salas. Minúsculos pontos de luz explodiam de repente diante de seus olhos. As pessoas ficavam embaçadas. E o Menino chegava à orla da floresta, cruzava-a, e entrava no mundo real. Normalmente Dave conseguia controlá-lo, mas às vezes o Menino o assustava. O Menino gritava em seus ouvidos. O Menino tinha a mania de rir na hora errada. O Menino ameaçava revelar o seu rosto por cima da máscara que normalmente cobria o rosto de Dave e se deixar ver pelas pessoas do outro lado.

Dave tinha dormido muito pouco nos últimos três dias. Ele passara as noites acordado, olhando sua mulher dormir, o Menino fazendo uma dança maluca em seu cérebro, enquanto raios de luz cortavam o ar diante de seus olhos.

“Só preciso pôr a cabeça no lugar”, murmurou ele, e tomou um gole de cerveja. Só preciso pôr a cabeça no lugar e tudo vai dar certo, disse ele para si mesmo quando ouviu Michael descendo as escadas. Só preciso segurar a barra até as coisas se acalmarem, e então vou ter um longo sono e o Menino vai voltar para sua floresta, as pessoas voltarão a ficar nítidas, os camundongos voltarão aos seus buracos, e as borboletas irão atrás deles.

Quando Dave chegou à casa de Jimmy e de Annabeth com Michael, já passava das quatro horas. Restavam apenas algumas pessoas no apartamento, que dava uma impressão de desolação — restos de bolos e de doces nos pratos, o cheiro dos cigarros fumados na sala de estar durante todo o dia, a morte de Katie. Durante a manhã e no começo da tarde a atmosfera era calma, dominada por um sentimento comum de dor e de amor, mas quando Dave voltou ela tinha se modificado sensivelmente, estava mais fria, talvez porque as pessoas estivessem mais ensimesmadas e começavam a se aborrecer com o ruído incessante de cadeiras sendo arrastadas e das despedidas sussurradas no corredor.

Segundo Celeste, Jimmy passara quase todo o final da tarde no pátio do fundo do edifício. Vez por outra ele ia ao apartamento para ver como estava Annabeth e para receber mais condolências, mas depois abria caminho de volta ao pátio, sentava-se ali sob as roupas do varal, que havia muito tinham secado e agora estavam endurecidas. Dave perguntou a Annabeth se podia fazer alguma coisa, trazer-lhe alguma coisa, mas ela balançou a cabeça antes que ele pudesse terminar, e Dave concluiu que fora uma bobagem perguntar. Se Annabeth estivesse precisando de alguma coisa, havia pelo menos dez pessoas, talvez quinze, a quem ela procuraria antes de Dave. Ele tentou lembrar por que estava ali, esforçando-se para não ficar irritado com aquilo. Dave já descobrira que as pessoas não costumavam procurá-lo em caso de necessidade. Às vezes era como se ele nem ao menos estivesse neste planeta, e ele sabia, com uma mágoa profunda mas resignada, que seria por toda a sua vida uma pessoa a quem raramente as pessoas recorriam.

Foi com aquele sentimento de imaterialidade que ele se dirigiu ao pátio. Aproximou-se por trás de Jimmy, que estava sentado numa velha cadeira de praia sob as roupas que balançavam ao vento. Jimmy inclinou ligeiramente a cabeça quando ouviu Dave aproximar-se.

“Eu o incomodo, Jim?”

“Dave”, disse Jimmy sorrindo, quando o outro se aproximou da cadeira. “Não, não, sente-se.”

Dave sentou-se numa caixa de plástico diante de Jimmy. Do apartamento vinha um murmúrio de vozes que mal podiam ser ouvidas, o ruído de pratos, o ruído da vida.

“Ainda não pude falar com você hoje”, disse Jimmy. “Como vai você?”

“Eu é que lhe pergunto: como você está?”

Jimmy esticou os braços por sobre a cabeça e bocejou. “Sabe que as pessoas ficam me perguntando isso o tempo todo? Mas acho que é normal.” Ele abaixou as mãos e sacudiu os ombros. “Parece que a coisa vai mudando de hora em hora. Sabe como me sinto agora? Estou bem. Mas pode mudar. Provavelmente vai mudar.” Ele sacudiu os ombros novamente e olhou para Dave. “O que foi isso na sua mão?”

Dave olhou para ela. Ele teve o dia inteiro para inventar uma explicação, mas terminou por se esquecer. “Isto aqui? Eu estava ajudando um amigo a se mudar de casa e preendi minha mão entre um sofá e o batente da porta.”

Jimmy inclinou a cabeça e olhou para os nós dos dedos, a carne machucada entre os dedos. “Ah, bom.”

Dave tinha certeza de que Jimmy não engolira aquela, e decidiu que tinha de ter uma história melhor para quando outra pessoa perguntasse.

“Uma dessas coisas estúpidas”, disse Dave. “É sempre assim quando a gente dá um jeito de se ferir, não é?”

Jimmy estava olhando para o seu rosto, esquecido da mão, a expressão do rosto mais suave. Ele disse: “Foi bom te ver, cara”.

Por pouco Dave não disse: É mesmo?

Nos vinte e cinco anos que conhecia Jimmy, Dave não se lembrava de nenhuma ocasião em que Jimmy teve prazer em vê-lo. Às vezes, ele tinha a impressão de que o outro não via nenhum inconveniente em encontrar-se com ele, mas não era a mesma coisa. Mesmo quando eles voltaram a se frequentar depois de terem se casado com primas em primeiro grau, Jimmy nunca deu a impressão de considerá-lo mais que um mero conhecido. Então, depois de certo tempo, terminou por aceitar a maneira como Jimmy encarava a relação dos dois.

Eles nunca foram amigos. Eles nunca tinham jogado partidas de beisebol, nem brincado de esconde-esconde ou qualquer outra brincadeira na Rester Street. Ele nunca passou um ano inteiro vagando todos os sábados com Sean Devine, brincando de guerra nos montes de entulho da Harvest Street, escalando os telhados dos galpões das fábricas perto do Pope Park, assistindo juntos ao filme *Tubarão* no Charles, encolhidos na cadeira e gritando. Eles nunca tinham brincado de dar cavalo de pau com suas bicicletas, nunca tinham disputado para saber quem ia ser Starsky, quem ia ser Hutch e quem seria obrigado a fazer o papel de Kolchak, de *The Night Stalker*. Eles nunca tinham escangalhado seus trenós em descidas suicidas até o pé do Somerset Hill, nos primeiros dias que se seguiram à famosa nevasca de 1975. E Jimmy não tinha entrado no carro que cheirava a maçãs.

Não obstante, lá estava Jimmy, no dia seguinte ao da morte da filha, dizendo que é bom ver você, Dave, e Dave — como acontecera duas horas antes com Sean — sentiu que era verdade.

“Também fico feliz em ver você, Jim.”

“Como nossas mulheres estão reagindo lá em cima?”, disse Jimmy com um sorriso maroto, que quase se comunicou aos olhos.

“Acho que elas estão bem. Onde estão Nadine e Sara?”

“Com Theo. Ei, cara, agradeça a Celeste por mim. Hoje ela foi para nós uma verdadeira bênção de Deus.”

“Jimmy, você não precisa agradecer a ninguém. Sempre que precisar, eu e Celeste teremos o maior prazer em ajudar.”

“Eu sei disso.” Jimmy se inclinou para a frente e tocou no braço de Dave. “Muito obrigado.”

Naquele momento, Dave seria capaz de levantar uma montanha para Jimmy, erguê-la até o peito, até que Jimmy lhe dissesse onde deveria colocá-la.

E ele quase se esqueceu do que o levava até o pátio. Ele precisava dizer a Jimmy que

vira Katie no sábado à noite no McGills. Precisava dizer a ele imediatamente, do contrário iria adiar o momento indefinidamente, e Jimmy iria se perguntar por que ele não contara antes. Dave precisava dizer a Jimmy, antes que ele soubesse por outra pessoa.

“Sabe quem eu vi hoje?”

“Quem?”, perguntou Jimmy.

“Sean Devine”, disse Dave. “Você se lembra dele?”

“Claro”, disse Jimmy. “Ainda estou com a luva dele.”

“Como?”

Com um gesto de mão, Jimmy descartou a pergunta. “Agora ele é um tira. Ele está investigando... Bem, ele está trabalhando no caso, acho que é assim que eles chamam.”

“Sim”, disse Dave. “Ele passou lá em casa.”

“É mesmo?”, disse Jimmy. “Bom. O que é que ele foi fazer lá, Dave?”

Dave tentou falar com naturalidade, para parecer descontraído. “Eu estava no McGills no sábado à noite. Katie estava lá. Eu estava na lista das pessoas que estavam no bar.”

“Katie estava lá”, repetiu Jimmy, apertando um pouco os olhos. “Você viu Katie no sábado à noite, Dave? Minha Katie?”

“Quer dizer... sim, Jim, eu estava lá e ela também. E então ela saiu com as duas amigas e...”

“Diane e Eve?”

“Sim, as duas moças com quem ela estava. Então elas foram embora. Só isso.”

“Só isso”, disse Jimmy olhando o vazio.

“Quer dizer, foi a última vez que a vi. Mas eu estava numa lista.”

“Certo, você estava numa lista.” Jimmy sorriu, mas não para Dave, para alguma coisa que ele deve ter visto naquele horizonte longínquo onde seu olhar se perdia. “Você chegou a falar com ela naquela noite?”

“Com a Katie? Não, Jim. Eu estava olhando o jogo com Stanley, o Grandalhão. Só trocamos um pequeno aceno. Quando olhei novamente, ela já tinha ido embora.”

Jimmy ficou em silêncio por um instante, inspirando ar pelas narinas e balançando a cabeça para si mesmo de vez em quando. Finalmente, ele olhou para Dave e deu um sorriso triste.

“É bom.”

“O quê?”, disse Dave.

“Ficar sentado aqui. Assim. É bom.”

“Você acha?”

“É bom sentar e ficar olhando o bairro”, disse Jimmy. “Sempre envolvido com o trabalho e com as crianças, a gente não tem tempo de respirar, merda, só quando a gente dorme. Mesmo numa merda dum dia como hoje, eu tenho que cuidar dos *detalhes*. Tenho que ligar para Pete e para Sal, para ver como estão se virando na loja. Tenho que cuidar para que as meninas lavem o rosto e se troquem ao acordar. Tenho que ver como minha mulher está reagindo, entende?” Ele deu um sorriso esquisito e inclinou-se para a frente,

balançando-se um pouco, os punhos cerrados. “Tenho que apertar a mão das pessoas, aceitar os pêsames e achar espaço na geladeira para toda a comida e cerveja, aguentar o meu sogro, depois ligar para o necrotério, para saber quando o corpo de minha filha vai ser liberado, porque ainda preciso tratar do enterro com a agência funerária e com o padre Vera, da igreja de Santa Cecília, contratar os serviços para o velório e para depois do enterro e...”

“Jimmy”, disse Dave. “A *gente* pode se encarregar de uma parte disso.”

Mas Jimmy continuou falando como se Dave não estivesse ali.

“...não posso me esquecer de nada, não posso deixar passar o mínimo detalhe, senão ela vai morrer novamente, e daqui a dez anos as pessoas só vão se lembrar de que seu enterro foi uma porcaria, e não posso deixar que isso aconteça, entende, porque Katie, cara, se há uma coisa que a gente pode dizer dela é que, desde que tinha seis anos, era uma menina limpa, cuidava de suas roupas, por isso é agradável vir até aqui e simplesmente ficar sentado, olhando a vizinhança e tentando pensar alguma coisa sobre Katie que me faça chorar, porque, Dave, juro para você, estou ficando puto porque ainda não consegui chorar por ela, minha própria filha, e eu não consigo chorar.”

“Jim.”

“Sim?”

“Agora você está chorando.”

“É verdade?”

“Ponha a mão no rosto, cara.”

Jimmy levantou a mão e tocou as lágrimas nas maçãs do rosto. Ele abaixou a mão e ficou olhando os dedos molhados por um instante.

“Puxa”, disse ele.

“Quer que eu o deixe só?”

“Não, Dave. Não. Se não se incomoda, fique mais um pouco.”

“Não incomoda nem um pouco, Jim.”

17. Um pouco mais perto

Uma hora antes da reunião que teriam no escritório de Martin Friel, Sean e Whitey pararam na frente da casa de Whitey para que este trocasse a camisa que sujara de comida no almoço.

Whitey morava com o filho, Terrance, num edifício de tijolos brancos na parte sul da cidade. O soalho era coberto com um carpete bege, as paredes eram de um branco sujo, e o ar viciado como o de quartos de motel ou corredores de hospital. Quando entraram, a televisão estava ligada, sintonizada no canal esportivo *espn*, mas não havia ninguém assistindo ao programa. Vários componentes do console de um Sega System estavam espalhados no carpete, em frente a um imenso aparelho negro de vídeo e som digital. Havia um sofá encaroçado diante do aparelho, e, Sean teve certeza, uma lata de lixo abarrotada de embalagens do McDonald's e um freezer cheio de pratos congelados.

“Onde está o Terry?”, perguntou Sean.

“Acho que jogando hóquei”, disse Whitey. “Mas pode ser beisebol, nesta época do ano... mas hóquei é o grande barato dele. O ano inteiro.”

Sean só vira Terry uma vez. Aos catorze anos ele já era bem alto, e Sean imaginava o seu tamanho dois anos mais tarde, e o medo que ele devia causar nos outros meninos quando o viam deslizar no gelo, a toda a velocidade.

Whitey tinha a guarda de Terry porque sua mulher não a quis. Deixara ambos, havia alguns anos, por um advogado viciado em crack que terminaria por ser excluído do foro judicial e processado por malversação de fundos. Mas ela ficou com o sujeito, pelo menos foi isso que Sean ouviu dizer, e ela e Whitey continuaram amigos. Às vezes, quando ele falava da ex-mulher, era preciso fazer um esforço para lembrar que eles estavam divorciados.

Whitey mencionou a ex-mulher quando o levou à sala de estar e se pôs a desabotoar a camisa, enquanto olhava o Sega System no chão. “Suzanne sempre diz que Terry e eu conseguimos fazer para nós um verdadeiro apartamento de sonho. Ela revira os olhos como se reprovasse, mas tenho a impressão de que tem um pouco de ciúme. Cerveja ou alguma outra coisa?”

Sean se lembrou do comentário de Friel sobre o problema de Whitey com a bebida e imaginou o olhar que ele lhe lançaria, se chegasse à reunião cheirando a Altoids ou Budweiser. Além disso, sabendo como era Whitey, aquilo poderia ser um teste para ele, Sean, pois todo mundo estava de olho nele naqueles dias.

“Eu tomo uma água”, disse ele. “Ou uma Coca.”

“Bom menino”, Whitey disse, como se realmente estivesse testando Sean, mas Sean notou a vontade de beber no olhar vazio do outro, na forma como sua língua tocava os cantos dos lábios. “Saindo duas Cocas.”

Whitey voltou da cozinha com duas sodas. Depois de dar uma a Sean, foi ao pequeno banheiro do outro lado do corredor e abriu a torneira da pia.

“Toda essa história me parece cada vez mais ilógica”, disse ele do banheiro. “Você não tem essa impressão?”

“Um pouco”, concordou Sean.

“Os álibis de Fallow e de O'Donnell me parecem muito bons.”

“Isso não significa que não possam ter contratado alguém para fazer o serviço”, disse Sean.

“Concordo. Você está achando que foi isso que aconteceu?”

“Na verdade não. O trabalho está muito sujo para ser obra de um profissional.”

“Mas você não descarta essa possibilidade.”

“Não, não descarto.”

“A gente precisa procurar o Harris novamente, no mínimo porque ele não tem um álibi. Mas não o vejo cometendo um crime desses. O cara é uma verdadeira moça.”

“De qualquer forma, talvez ele tivesse um motivo. Um ciúme incontrolável de Bobby O'Donnell, ou coisa assim.”

Whitey saiu do banheiro enxugando o rosto com uma toalha. Seu ventre branco era ornamentado por uma cicatriz vermelha sinuosa que desenhava um sorriso em sua carne, em toda a largura do tórax.

“Sim, mas você acha que aquele menino...?” Ele se dirigiu ao quarto do fundo.

Sean entrou no corredor. “Eu também acho que ele não faria isso, mas temos que ter certeza.”

“Bem, o pai também, e os malucos dos tios, mas já mandei alguns homens conversar com o pessoal da vizinhança. Acho que também não é por aí.”

Sean encostou-se à parede, tomou um pouco de soda. “Putá que pariu, sargento, e se tiver sido um crime gratuito?”

“É...” Whitey entrou no corredor, com uma camisa limpa nos ombros. “A senhora Prior não ouviu nenhum grito”, disse ele, começando a abotoar a camisa.

“Ela ouviu um tiro.”

“Nós achamos que foi um tiro. Acho que provavelmente estamos certos. Mas ela não ouviu nenhum grito.”

“Talvez Katie Marcus estivesse ocupada demais em golpear o cara com a porta e em tentar fugir.”

“Digamos que sim. Mas... e qual foi a primeira vez que ela o viu? Quando ele estava vindo em direção ao carro?” Whitey passou por Sean e entrou na cozinha.

Sean afastou-se da parede e foi atrás dele. “O que significa que certamente o conhecia. Foi por isso que disse oi.”

“Sim”, concordou Whitey. “Foi por isso que ela parou o carro.”

“Não”, disse Sean.

“Não?”, Whitey se encostou no balcão e olhou para Sean.

“Não”, repetiu Sean. “O carro dela bateu na calçada.”

“Mas não havia nenhum vestígio de derrapagem.”

Sean balançou a cabeça. “Ela estava dirigindo a uns vinte e cinco, trinta quilômetros por hora, e alguma coisa a obrigou a se desviar e ir em direção ao meio-fio.”

“O quê?”

“Vou lá saber? Você é que é o chefe.”

Whitey sorriu e tomou o resto da Coca num longo gole. Ele abriu a geladeira para pegar outra. “O que faz uma pessoa se desviar sem pisar no freio?”

“Alguma coisa na rua”, disse Sean.

Whitey levantou a outra Coca em sinal de aprovação. “Mas não havia nada na rua quando chegamos lá.”

“Mas isso foi na manhã seguinte.”

“Teria sido um tijolo, alguma coisa assim?”

“Um tijolo é muito pequeno, não acha? E ela não o teria visto, pois era noite.”

“Um bloco de concreto, talvez?”

“Por que não?”

“*Alguma coisa*, seja lá o que tenha sido”, disse Whitey.

“Sim”, concordou Sean.

“Ela se desvia, bate no meio-fio, o pé escorrega do pedal da embreagem, o carro morre.”

“É então que o assassino aparece.”

“Alguém que ela *conhece*. Bom, e depois? Ele se aproxima tranquilamente e lhe mete uma bala no ombro?”

“E em seguida ela bate a porta nele e...”

“Você já foi atingido pela porta de um carro?”, perguntou Whitey levantando a gola da camisa e começando a dar o nó na gravata.

“Até agora, confesso que nunca tive essa experiência.”

“É como um soco. Se você está bem perto, e uma mulher de uns cinquenta e cinco quilos empurra a porta de um Toyota em cima de você, o máximo que pode acontecer é você ficar com raiva. Karen Hughes disse que a pessoa que atirou estava a uns quinze centímetros do carro quando deu o primeiro tiro. Quinze centímetros.”

Sean entendeu o argumento. “Sim, mas talvez ela tenha recuado para tomar impulso e tenha chutado a porta. Isso é possível, não?”

“Mas a porta tinha que estar aberta. Ela pode passar o dia inteiro chutando e não adianta nada se estiver fechada. Ao meu ver ela abriu a porta, depois deu um bom empurrão. Aí então ou o assassino *recuou* e recebeu a pancada da porta sem esperar, ou...”

“Ele não deve ser muito pesado.”

Whitey abaixou o colarinho sobre a gravata. “O que me leva de volta às pegadas.”

“As malditas pegadas”, disse Sean.

“Isso mesmo!”, gritou Whitey. “As malditas pegadas.” Ele abotoou o botão de cima, ajeitou o nó da gravata. “Sean, o sujeito perseguiu a vítima num parque. Ela está correndo a toda, ele corre atrás dela feito um desesperado. Ele *corre a toda a velocidade* pelo parque. E

você me diz que ele não deixou nenhuma pegada?”

“Choveu a noite inteira.”

“Mas achamos três pegadas da moça. Ora, Sean, tem alguma coisa estranha nessa história.”

Sean encostou a cabeça no armário da cozinha, tentou imaginar a cena. Katie Marcus, descendo a toda a velocidade o declive em direção à tela, a pele arranhada pelo mato, os cabelos grudados na cabeça pela chuva e pelo suor, o sangue escorrendo-lhe no peito e ao longo do braço; e o assassino, que Sean vislumbrava sem rosto na escuridão, chegava ao alto da colina alguns segundos depois, correndo também, sedento de sangue. Mas para Sean ele só podia ser uma espécie de gigante, uma força bruta. Esperto o bastante para colocar alguma coisa na rua, obrigando Katie Marcus a meter o carro no meio-fio. Esperto o bastante para escolher um trecho da Sydney onde era improvável que alguém ouvisse ou visse alguma coisa. O fato de a senhora Prior ter ouvido foi um grande acaso, que o assassino não poderia ter previsto, porque o próprio Sean se surpreendera em saber que alguém ainda vivia naquele quarteirão semidestruído pelo fogo. Afora esse detalhe, o sujeito se mostrou bastante esperto.

“Você acha que ele foi esperto o bastante para apagar as próprias pegadas?”, perguntou Sean.

“Hã?”

“O assassino. Talvez ele tenha voltado para cobrir com lama as próprias pegadas.”

“É possível, mas como ele vai se lembrar de cada lugar onde pisou? Estava escuro. E mesmo que ele estivesse com uma lanterna. De qualquer jeito era uma área grande demais para percorrer e muita pegada para identificar e apagar.”

“A chuva o ajudou.”

“É”, suspirou Whitey. “Só vou engolir essa história de chuva se a gente acabar topando com um sujeito de uns sessenta e dois quilos ou menos. Do contrário...”

“Brendan Harris não parece pesar muito mais que isso.”

Whitey soltou um gemido. “Você acha mesmo que o rapaz seria capaz de uma coisa dessas?”

“Não.”

“Eu também não. E o que você acha do seu amigo? Ele é um cara magro.”

“Quem?”

“Boyle.”

Sean endireitou o corpo. “Como chegamos até ele?”

“Estamos chegando agora.”

“Não, espere um pouco...”

Whitey levantou a mão. “Ele disse que saiu do bar por volta da uma, não foi? Conversa: as tais chaves pararam o relógio às *dez para a uma*. Katherine Marcus saiu do bar faltavam quinze para a uma. Essa informação é segura, Sean. O álibi do cara tem um furo de uns quinze minutos, pelo que a gente sabe. Afinal de contas, não sabemos a que horas mesmo chegou em casa.”

Sean riu. “Whitey, ele é só um sujeito que estava no bar.”

“O último lugar onde ela esteve. O último lugar, Sean. Foi você mesmo quem falou.”

“O que eu falei?”

“Que a gente devia procurar um sujeito frustrado que ficou em casa na noite do baile da formatura.”

“Eu estava só...”

“Não estou dizendo que foi ele, cara. Longe disso. Pelo menos por enquanto. Mas tem alguma coisa *errada* com aquele cara. Você ouviu aquela história de que a cidade precisava de uma boa onda de crimes. Ele estava falando essa merda a sério.”

Sean colocou a lata vazia no balcão da cozinha. “Você separa a lata para reciclar?”

Whitey franziu o cenho. “Não.”

“Nem mesmo por cinco centavos cada?”

“Ora, Sean.”

Sean jogou a lata no lixo. “Você está me dizendo que um sujeito como Dave Boyle seria capaz de matar a — o que é que ela é mesmo? — a prima de sua mulher, porque está puto com a invasão dos yuppies no bairro? Isso é a coisa mais estúpida que já ouvi.”

“Já preendi um sujeito que matou a mulher porque ela não gostava do seu jeito de cozinhar.”

“Mas aí se trata de casamento, cara. Trata-se de todo o rancor que duas pessoas vão acumulando durante anos. Você está falando de um sujeito que diz: Merda, esses aluguéis estão me matando. Eu devia sair matando por aí até eles voltarem ao preço normal.”

Whitey riu.

“Por que está rindo?”, perguntou Sean.

“É o jeito como você fala”, disse Whitey. “Tudo bem. É estúpido. Mas ainda acho que tem algo errado com aquele cara. Se seu *álibi não* tivesse um furo, tudo bem. Se ele *não* tivesse visto a vítima uma hora antes de sua morte, tudo bem. Mas o *álibi* dele tem um furo, ele a viu e o sujeito é meio esquisito. Ele disse que foi direto para casa. Espero que a *mulher* dele confirme isso. Espero que o vizinho do térreo afirme tê-lo ouvido subindo as escadas à uma e quinze. Entendeu? Aí eu me esqueço dele. Você notou a mão dele?”

Sean ficou calado.

“A mão direita dele tinha o dobro do tamanho da outra. O cara se meteu em alguma há pouco tempo. Quero esclarecer isso. Se eu descobrir que foi só uma briga no bar ou coisa assim, tudo bem, deixo passar.”

Whitey tomou sua segunda Coca e jogou a lata no lixo.

“Dave Boyle”, disse Sean. “Quer dizer que você pretende mesmo investigar Dave Boyle.”

“Um pouco mais de perto”, disse Whitey.

Eles se reuniram na promotoria pública, em uma sala do terceiro andar destinada à Divisão de Crimes Graves e à de Homicídios. Friel preferia fazer reuniões ali, porque a

sala era impessoal, meramente utilitária, as cadeiras duras, a mesa preta, as paredes de um cinza de blocos de concreto. Não se prestava a ditos espirituosos nem a divagações inconsequentes. Ninguém tinha a mínima vontade de continuar ali; fazia-se o que se tinha de fazer e voltava-se ao trabalho.

Naquela tarde havia sete cadeiras na sala, e todas foram ocupadas. Friel estava na cabeceira da mesa. À sua direita estava Maggie Mason, diretora adjunta da Divisão de Homicídios de Suffolk, e à sua esquerda, o sargento Robert Burke, que chefiava outra equipe da Divisão de Homicídios. Em seguida vinham Whitey e Sean, de frente um para o outro, Joe Souza, Chris Connolly, e os outros dois detetives da Divisão Estadual de Homicídios, Payne Brackett e Shira Rosenthal. Todos tinham pilhas de relatórios de campo ou cópias desses relatórios à sua frente, na mesa, além de fotos da cena do crime, relatórios dos legistas, da Polícia Técnica, seus próprios blocos e cadernos de anotações, alguns guardanapos rabiscados e esboços toscos da cena do crime.

Whitey e Sean abriram a discussão, relatando suas conversas com Eve Pigeon e Diane Cestra, com a sra. Prior, Brendan Harris, Jimmy e Annabeth Marcus, Roman Fallow e Dave Boyle, a quem Whitey se referiu, para alívio de Sean, apenas como uma “testemunha do bar”.

Em seguida foi a vez de Brackett e Rosenthal. O primeiro foi o que mais falou, embora Sean fosse capaz de apostar, com base na experiência anterior, que a maior parte do trabalho de campo fora feita por Rosenthal.

“Os empregados da loja do pai da vítima têm álibis muito fortes e nenhum motivo evidente para cometer o crime. Todos disseram que a vítima, tanto quanto sabiam, não tinha inimigos, não tinha dívidas nem era viciada em drogas. No quarto da vítima não havia drogas sujeitas a controle, nem um diário, mas foram encontrados setecentos dólares em dinheiro. A análise dos extratos bancários da vítima revelou que os depósitos eram proporcionais aos seus ganhos. Não havia depósitos nem saques de valores altos até a manhã do dia cinco, sexta-feira, quando ela fechou a conta. A soma de setecentos dólares, encontrada em sua cômoda, parece confirmar a descoberta do sargento Powers de que ela pretendia sair da cidade no domingo. As primeiras conversas com os vizinhos nada revelaram que pudesse fazer supor algum desentendimento na família.”

Brackett organizou suas folhas na mesa para indicar que terminara, e Friel se voltou para Souza e Connolly.

“Passamos em revista as listas levantadas nos bares onde a vítima foi vista na noite de sua morte”, disse Souza. Até agora, interrogamos cerca de vinte e oito fregueses, de um total de setenta e cinco, sem contar os dois de que se encarregaram o sargento Powers e o agente Devine, isto é, Roman Fallow e, ah, David Boyle. Os agentes Hewlett, Darton, Woods, Cecchi, Murray e Eastman ficaram com os restantes quarenta e cinco, e já nos enviaram seus relatórios preliminares.”

“E o que você tem a dizer sobre Fallow e O'Donnell?”, perguntou Friel a Whitey.

“Pelo visto, estão limpos. Isso não quer dizer que não tenham contratado alguém para fazer o serviço.”

Friel recostou-se na cadeira. “Já trabalhei num monte de casos de assassinatos por encomenda, e acho que aqui não se trata disso.”

“Se se tratasse disso, por que não teria ele se limitado a atirar nela dentro do carro?”, disse Maggie Mason.

“Bem, *atiraram*”, disse Whitey.

“Acho que o que ela pergunta, sargento, é por que o assassino não atirou mais de uma vez. Por que não descarregou a arma?”

“A arma pode ter emperrado”, disse Sean. Vendo que todos os olhos se voltavam para ele, Sean continuou. “É uma possibilidade a ser considerada. A arma emperra. Katherine Marcus reage. Ela derruba o sujeito e sai correndo.”

A sala ficou em silêncio por um instante. Dedos dispostos em triângulo, Friel refletia. “É possível”, disse ele finalmente. “É possível. Mas por que bater nela com um porrete ou com um bastão ou seja lá o que tenha sido? Isso não me parece coisa de profissional.”

“Por enquanto, nada prova que Fallow e O'Donnel tenham contatos com criminosos veteranos”, disse Whitey. “Se de fato têm, podem ter contratado um maluco a quem teriam prometido um pouco de crack e um isqueiro.”

“Mas você disse que a velha ouviu Katie Marcus cumprimentar o assassino. Ela faria isso se visse um tipo drogado aproximar-se de seu carro?”

Whitey fez um leve movimento com a cabeça. “Ponto para você.”

“Portanto”, disse Maggie Mason inclinando-se sobre a mesa, “estamos partindo do princípio de que Katie Marcus conhecia o assassino, certo?”

Sean e Whitey olharam um para o outro, depois aquiesceram.

“Bom, acredito que existam viciados em crack em East Bucky, principalmente nos Flats, mas será que uma moça como Katie Marcus se meteria com esse tipo de gente?”

“Mais um ponto”, disse Whitey com um suspiro.

“Eu preferiria, no interesse de todos, que se *tratasse* de um crime por encomenda. Mas uma morte a pauladas... Para mim isso significa ódio, falta de controle.”

Whitey balançou a cabeça. “Mas não podemos descartar a hipótese totalmente. É só o que digo.”

“De acordo, sargento.”

Friel olhou novamente para Souza, que parecia um pouco irritado com a digressão.

Ele pigarreou e consultou suas anotações sem a menor pressa. “Bem, falamos com um sujeito — um tal de Thomas Moldanado — que estava bebendo no Last Drop, o último bar onde Katherine Marcus esteve antes de ir-se embora com as duas amigas. Parece que o bar só tem um banheiro, e Moldanado estava na fila, esperando a sua vez, quando viu as três moças saindo. Ele se cansou de esperar, foi ao estacionamento para dar uma mijada e viu um sujeito dentro de um carro, com os faróis apagados. Moldanado disse que era precisamente uma e trinta. Disse que estava com um relógio novo, e olhou para ver se brilhava no escuro.”

“E brilhava?”

“Parece que sim.”

“O sujeito que estava no carro”, disse Robert Burke, “podia estar de cara cheia, dormindo.”

“Foi o que pensamos de início, sargento. Moldanado disse que a princípio foi isso que ele pensou, mas não, o sujeito estava sentado, ereto, de olhos abertos. Moldanado disse que se podia supor que o cara fosse um policial, mas ele estava com um carrinho estrangeiro, talvez Honda ou Subaru.”

“Meio bombardeado”, disse Connolly. “Havia um amassado na frente, do lado do passageiro.”

“Certo”, disse Souza. “E então Moldanado achou que o cara estava a fim de arrumar uma prostituta. Falou que tem muita prostituta naquela área. Mas se fosse assim, o que o sujeito estava fazendo no estacionamento? Por que ele não teria simplesmente cruzado a avenida?”

Whitey disse: “Certo, então...”.

Souza levantou a mão. “Um instante, sargento.” Ele olhou para Connolly, os olhos brilhando com súbita excitação. “Demos mais uma olhada no estacionamento e achamos sangue.”

“Sangue?”

Ele aquiesceu. “Quando a gente passa por ele, imagina que alguém andou trocando óleo no estacionamento. Era uma camada grossa, concentrada praticamente num só lugar. Começamos a olhar em volta, encontramos uma gota aqui, outra ali, cada uma mais distante da mancha maior. Encontramos mais algumas gotas nas paredes e no chão de um corredor atrás do bar.”

“Que diabos você está nos dizendo?”, disse Friel.

“Uma outra pessoa foi ferida na porta do Last Drop naquela noite.”

“Como você sabe que foi na mesma noite?”, disse Whitey.

“A Polícia Técnica confirmou. Um vigia deixou o carro no estacionamento naquela noite. O carro ficou em cima do sangue, mas ao mesmo tempo o protegeu do temporal. Seja lá quem tenha sido a vítima, o certo é que tinha um ferimento grave. E o sujeito que a atacou também. Achamos dois tipos de sangue no estacionamento. Estamos verificando em hospitais, companhias de táxi, porque a vítima pode ter ido de táxi a um pronto-socorro. Encontramos fios de cabelo ensanguentados, pele, fragmentos de couro cabeludo. Estamos esperando a resposta de seis prontos-socorros. Os demais não informaram nada de interessante, mas ainda acho que podemos descobrir uma vítima que deu entrada em *algum* pronto-socorro com um traumatismo craniano, na noite de sábado ou no domingo de manhã.”

Sean levantou a mão. “Se bem entendi, você está nos dizendo que, na mesma noite em que Katherine Marcus esteve no Last Drop, duas pessoas quase se mataram no estacionamento desse mesmo bar?”

“Isso mesmo”, disse Souza sorrindo.

Connolly completou: “A Polícia Técnica encontrou sangue seco, tipos A e B negativo. Muito mais sangue A do que B negativo, por isso supomos que a vítima tinha sangue A.”

“O sangue de Katherine Marcus era tipo O”, disse Whitey.

Connolly balançou a cabeça confirmando. “Os cabelos indicam que a vítima era homem.”

“E vocês chegaram a alguma conclusão?”

“Não. Só sabemos que na noite em que Katherine Marcus foi morta, um homem foi agredido violentamente no estacionamento do último bar onde ela esteve.”

Maggie Mason disse: “Houve uma luta no estacionamento. E daí?”.

“Nenhum dos fregueses do bar se lembra de ter havido alguma briga, dentro ou fora do estabelecimento. Entre uma e trinta e uma e cinquenta, as únicas pessoas a saírem do bar foram Katherine Marcus, suas duas amigas, e essa testemunha, Moldanado, que entrou novamente, quando terminou de urinar. À uma e trinta, Moldanado viu no estacionamento uma pessoa que ele descreve como “normal”, com idade entre trinta e trinta e cinco anos, cabelos pretos. E que não estava mais lá quando Moldanado foi embora, à uma e cinquenta.”

“Na mesma hora em que Katherine Marcus estava correndo no Pen Park.”

Souza balançou a cabeça. “Não estamos dizendo que existe uma relação direta entre as duas coisas. Talvez não haja nenhuma. Mas é muita coincidência.”

“Que hipótese você tem para explicar esses fatos?”, tornou Friel.

Souza deu de ombros. “Não sei. Vamos dizer que foi um crime por encomenda. O cara do estacionamento estava esperando que a vítima saísse. Ela sai, ele liga para o assassino. Então o assassino entra em ação.”

“E depois?”, perguntou Sean.

“Depois o quê? Ele a mata.”

“Não, estou falando do cara que estava no carro. O que estava vigiando Katherine Marcus. Ele decidiu acertar a cabeça de alguém, é isso? Só pelo gostinho de fazer isso?”

“Talvez alguém o tenha surpreendido.”

“Fazendo o *quê*, hein?”, falou Whitey. “Telefonando do celular? Merda. Não sabemos se isso tem *alguma* relação com o homicídio de Katie Marcus.”

“Sargento”, disse Souza. “Você quer que a gente simplesmente esqueça isso? Que a gente diga, foda-se, isso não tem nenhuma importância?”

“Eu disse isso?”

“Bem...”

“Eu disse isso?”, repetiu Whitey.

“Não.”

“Não, eu não disse. Você devia mostrar um pouco mais de respeito por seus superiores, Joseph, senão corre o risco de voltar a trabalhar em Springfield, no setor onde todo mundo mexe com droga, e você vai ser obrigado a conviver com motoqueiros e mulheres fedorentas, que comem banha diretamente da lata.”

Souza respirou fundo, tentando acalmar-se. “Eu só acho que daí pode sair alguma coisa. Só isso.”

“Não estou discordando. O que quero dizer é que você tem que nos trazer elementos

mais concretos, para evitar que a gente concentre as investigações em algo que pode não passar de um incidente isolado, sem relação com o caso. Além disso, o Last Drop fica na jurisdição da polícia de Boston.”

“Entramos em contato com eles, sargento”, disse Souza.

“Eles estão trabalhando no caso?”

O outro aquiesceu.

“Perfeito”, disse Whitey abrindo as mãos. “Fique em contato com eles, mantenha-nos informados, mas não se meta com isso, por enquanto.”

Friel disse: “Já que estamos examinando as diversas hipóteses, sargento, qual é a sua?”.

Whitey deu de ombros. “Eu tenho algumas, mas são apenas isso, hipóteses. Katherine Marcus morreu de um ferimento a bala na parte posterior da cabeça. Nenhum dos outros ferimentos, inclusive o da bala alojada no bíceps esquerdo, poderia ter causado a morte. Os golpes que recebeu foram dados com um instrumento de madeira com arestas — um pedaço de pau ou um sarrafo. O legista afirma que ela não sofreu violência sexual. Nosso trabalho de campo revelou que ela planejava fugir com aquele rapaz, o Harris. Bobby O'Donnell era seu ex-namorado. O problema é que ele não se conformava em ser ‘ex’. O pai da moça não gostava nem de O'Donnell nem de Harris.”

“Por que não de Harris?”

“Não sabemos.” Whitey lançou um olhar a Sean, antes de se dirigir novamente a Friel. “Mas estamos tentando descobrir. Em suma, pelo que sabemos, pensava em sair da cidade domingo de manhã. Ela organiza uma festinha com suas duas amigas, é mandada embora de um bar por Roman Fallow, e leva as amigas para casa. Está começando a chover e seus limpadores de para-brisa estão meio emperrados, para-brisa sujo. Ela ou não vê o meio-fio, porque está bêbada, ou cochila ao volante pela mesma razão, ou então se desvia para evitar alguma coisa no caminho. Seja lá como for, o fato é que ela enfia o carro no meio-fio. O carro morre e alguém se aproxima dele. Segundo o testemunho da velha senhora, Katherine Marcus disse ‘Oi’. Foi então que o assassino, pelo que supomos, disparou o primeiro tiro. Ela conseguiu atingi-lo com a porta do carro — talvez a arma dele tenha emperrado, não sei — e ela disparou a correr para dentro do parque. Como conhece bem o parque, conta poder despistar seu perseguidor ali. Mas nada nos permite saber exatamente por que ela escolheu o parque, a não ser que a alternativa fosse correr em linha reta na Sydney, onde, no espaço de pelo menos quatro quarteirões, não havia ninguém que pudesse ajudá-la. Se ela saísse correndo num espaço aberto, o assassino poderia atropelá-la com o carro ou então abatê-la a tiros. Então, ela entra no parque. A partir daí ela corre sempre em direção sudeste, atravessa o jardim comunitário, tentando esconder-se na ravina sob a ponte, para depois partir em linha reta em direção à tela do drive-in. Ela...”

“Em outras palavras, ela vai se embrenhando cada vez mais no parque”, disse Maggie Mason.

“Sim, senhora.”

“Por quê?”

“Por quê?”

“Sim, sargento.” Ela tirou os óculos e colocou-os à sua frente, na mesa. “Se eu sou uma mulher que está sendo perseguida num parque municipal que conheço muito bem, *procuro* fazer que o perseguidor entre nele, para poder despistá-lo. Mas logo que puder, procuro sair. Por que ela não pegou a direção norte, em direção à Roseclair, ou não voltou para a Sydney? Por que foi se embrenhando mais e mais no parque?”

“Talvez estivesse em estado de choque. E apavorada. O medo faz as pessoas perderem a cabeça. É preciso não esquecer, além disso, que ela estava com muito álcool no sangue. Estava bêbada.”

Ela balançou a cabeça. “Não engulo essa. E tem mais uma coisa — pelo que dizem os relatórios de vocês, devo concluir que a senhorita Marcus era mais veloz que seu perseguidor?”

Whitey abriu um pouco a boca, mas pareceu ter esquecido o que ia dizer.

“Falo de seu relatório, sargento. Ele diz que, pelo menos em duas ocasiões, a senhorita Marcus decidiu esconder-se em vez de correr. Ela se escondeu no jardim comunitário. Escondeu-se também sob a ponte. Para mim, isso indica duas coisas: primeiro, que ela era mais rápida que seu perseguidor, do contrário ela não teria o tempo necessário para *tentar* esconder-se; segundo, que ela achava, paradoxalmente, que manter a dianteira sobre o seu perseguidor não era o bastante. Se a gente acrescenta a isso o fato de que ela não tentou sair do parque, o que é que se pode concluir?”

Ninguém sabia responder.

Finalmente Friel disse: “O que é que você conclui, Maggie?”.

“Isso sugere a possibilidade, pelo menos para mim, de que ela se sentia cercada.”

Por um minuto, pareceu a Sean que o ar da sala ficou parado, carregado de eletricidade.

“Uma gangue ou algo do tipo?”, disse Whitey finalmente.

“Ou algo do tipo”, disse ela. “Eu não sei, sargento. Estou só analisando seu relatório. Eu não consigo entender por que essa mulher, que pelo visto era mais rápida que seu agressor, não decidiu sair correndo do parque, a menos que houvesse outra pessoa cercando-a.”

Whitey baixou a cabeça. “Com todo o respeito, senhora, mas nesse caso haveria muito mais vestígios na cena do crime que os que encontramos.”

“Você mesmo muitas vezes fala da chuva em seu relatório.”

“Sim”, disse Whitey. “Mas se houvesse um grupo de pessoas — ou mesmo duas — perseguindo Katherine Marcus, teríamos descoberto mais vestígios do que encontramos. Pelo menos um pouco mais de pegadas. Alguma coisa.”

Maggie Mason recolocou os óculos e olhou para o relatório em sua mão. Ela terminou por falar: “É uma hipótese, sargento. Uma hipótese que, levando-se em conta o seu relatório, merece ser considerada”.

Embora Whitey continuasse de cabeça baixa, Sean sentia o desprezo emanar dele como uma onda de calor.

“O que acha disso, sargento?”, perguntou Friel.

Whitey levantou a cabeça e deu um sorriso cansado. “Vou levar em conta essa possibilidade. Mas nunca as gangues estiveram tão sumidas. Quanto à outra possibilidade, a dos dois agressores, ela nos leva de volta à questão de um eventual crime por encomenda.”

“Certo...”

“Mas nesse caso — e todos admitimos aqui que é pouco provável — o segundo atirador deveria ter descarregado sua arma contra Katherine Marcus quando esta atingiu o primeiro com a porta do carro. A coisa toda só faz sentido se supomos apenas um perseguidor e uma mulher em pânico, bêbada, talvez à beira do desmaio pela perda de sangue, sem conseguir pensar com clareza, e com muito azar.”

“Mas você vai levar em conta a minha hipótese, claro”, disse Maggie Mason com um sorriso amargo, os olhos fitos na mesa.

“Vou”, disse Whitey. “A partir de agora, estou pronto a aceitar todas as sugestões. Falo sério. Ela conhecia seu assassino. O.k. Todas as pessoas que podiam ter um motivo para cometer o crime foram descartadas. Quanto mais analisamos os dados do caso, mais nos parece que o ataque foi gratuito. A chuva destruiu pelo menos dois terços dos vestígios, a pequena Marcus não tinha nenhum inimigo, não tinha segredos financeiros, nem problemas de drogas e, que eu saiba, nunca foi testemunha de nenhum crime. Sua morte, tanto quanto sabemos, não beneficiou ninguém.”

“Exceto O'Donnell”, disse Burke, “que não queria que ela fosse embora da cidade.”

“Exceto ele”, concordou Whitey. “Mas o álibi dele é sólido e não parece tratar-se de um golpe. Então, que inimigos restam? Nenhum.”

“E no entanto ela está morta”, Friel disse.

“E no entanto ela está morta”, Whitey disse. “E é por isso que acho que o crime pode ter sido gratuito. Se você exclui dinheiro, amor e ódio como móveis possíveis de um crime, sobra muito pouco. Com exceção talvez de uma espécie de tarado obcecado que teria dedicado um site da web à vítima, ou qualquer coisa desse tipo.”

Friel ergueu as sobrancelhas.

Shira Rosenthal interveio: “Já estamos verificando isso. Até agora, nada”.

“Quer dizer então que você ainda não sabe o que está procurando”, disse Friel finalmente.

“Isso mesmo”, disse Whitey. “Um sujeito com uma arma. E, claro, com um porrete.”

18. Palavras que outrora ele conhecia

Depois que deixou Dave no pátio, o rosto e os olhos novamente secos, Jimmy tomou o segundo banho do dia. Sentia uma profunda necessidade de chorar. Aquilo crescia dentro do peito como um balão, tolhendo-lhe a respiração.

Ele entrou no banho, porque queria privacidade caso o pranto viesse copioso, e não aquelas poucas lágrimas que correram em seu rosto no pátio. Ele temia se derramar em lágrimas, soluçar como soluçara em seu quarto quando era pequeno, quando soube que por pouco não matara a sua mãe ao nascer, e que era por isso que seu pai o odiava.

No banheiro, ele sentiu mais uma vez aquela sensação familiar de tristeza — a velha onda de melancolia, que ele tinha a impressão de trazer consigo desde sempre, a consciência de que uma tragédia o esperava em algum lugar no futuro, uma tragédia pesada como blocos de calcário. Como se um anjo lhe tivesse previsto o futuro enquanto ainda estava no útero, e Jimmy tivesse saído de sua mãe com as palavras do anjo em algum lugar de sua mente, mas não em sua boca.

Jimmy levantou os olhos para o jato d'água. Ele disse, sem falar: eu sei, no fundo de minha alma, que contribuí para a morte de minha filha. Sinto isso. Mas não sei como.

E a voz calma, dentro dele, disse: Você vai saber.

Diga-me.

Não.

Foda-se.

Eu ainda não terminei.

Ah.

Você vai saber.

E eu vou me danar?

Cabe a você escolher.

Jimmy abaixou a cabeça e pensou no fato de Dave ter visto Katie pouco antes de ela morrer. Katie viva, bêbada e dançando. Dançando e feliz.

Foi aquela consciência — de que alguém que não ele, Jimmy, guardara uma imagem de Katie posterior à dele próprio — que finalmente lhe permitira chorar pela primeira vez.

Na última vez que Jimmy a vira, Katie estava saindo da loja no fim de seu expediente do sábado. Eram quatro e cinco, e Jimmy estava ao telefone falando com um fornecedor, fazendo pedidos e preocupado, quando Katie se inclinou para beijar-lhe o rosto dizendo: “Até mais tarde, pai”.

“Até”, disse ele, acompanhando-a com o olhar.

Mas não. Ele estava inventando histórias. Ele não olhara para ela. Ele a *ouviu* sair, mas seus olhos estavam na folha do pedido à sua frente, em cima da escrivaninha.

Assim, a última imagem visual que tinha da filha era a do lado de seu rosto, quando ela encostou os lábios em sua face e disse: “Até mais tarde, pai”.

Até mais tarde, pai.

De repente Jimmy se deu conta que aquele “mais tarde” — mais tarde naquela noite, mais tarde em sua vida — haveria de persegui-lo sempre. Se ele estivesse lá, se ele tivesse partilhado um pouco mais de tempo com sua filha, talvez agora pudesse guardar uma imagem mais recente de Katie.

Mas ele não a guardaria. Dave, sim. E Eve e Diane. E o assassino.

Se você estava fadada a morrer, pensou Jimmy, se essas coisas são realmente preestabelecidas, eu gostaria então que você tivesse morrido olhando o meu rosto. Seria muito doloroso assistir à sua morte, Katie, mas pelo menos eu saberia que você se sentiu menos só olhando nos meus olhos.

Eu amo você. Amo você muito. Amo você mais do que amei sua mãe, mais do que amo suas irmãs, mais do que amo Annabeth, juro por Deus. Eu as amo profundamente, mas amo você mais ainda, porque quando voltei da prisão e fiquei com você na cozinha, nós dois éramos as duas últimas pessoas no mundo. Esquecidos, excluídos. E estávamos os dois tremendamente assustados, confusos e perdidos. Mas conseguimos dar a volta por cima, não foi? Construimos as nossas vidas de uma forma boa, de modo que certo dia descobrimos que já não tínhamos medo, já não estávamos perdidos. E eu não poderia ter feito isso sem você. Não podia. Não sou tão forte assim.

E você seria uma grande mulher. Talvez uma bela esposa. Uma mãe exemplar. Você era minha amiga, Katie. Eu lhe mostrei meu medo, mas você não fugiu. Amo-a mais que a minha vida. Sua ausência será meu câncer. Ela acabará por me matar.

E por um instante, ali no chuveiro, Jimmy sentiu a mão da filha em suas costas. Era aquilo que ele tinha esquecido de seu último encontro com ela. Ela pusera a mão em suas costas e se inclinara para beijar-lhe o rosto. Ela colocara a mão bem aberta em sua espinha, entre as omoplatas, e ele sentiu seu calor.

Ficou parado no chuveiro com o toque da mão dela demorando-se em suas costas molhadas, e sentiu passar a vontade de chorar. Sua dor lhe restituía as forças. Ele se sentia amado por sua filha.

* * *

Whitey e Sean acharam um lugar para estacionar perto do edifício de Jimmy, depois subiram a pé a Buckingham Avenue. O tempo estava esfriando naquele final de tarde, o céu se tingia de um azul mais escuro, e Sean se perguntou de repente o que Lauren estaria fazendo naquela hora; se ela estivesse à janela, poderia ver aquele mesmo céu naquele momento, sentir o frio aumentar.

Pouco antes de chegarem ao edifício de três andares, onde Jimmy e sua mulher moravam espremidos entre vários Savage malucos, suas mulheres e namoradas, eles viram

Dave Boyle inclinando-se diante da porta de um Honda estacionado na frente do prédio. Ele procurou alguma coisa no porta-luvas, em seguida o fechou, e saiu do carro com uma carteira na mão. Ao fechar a porta do carro, Dave viu Sean e Whitey e sorriu para eles.

“Vocês dois novamente.”

“Somos como a gripe”, disse Whitey. “A gente sempre aparece quando menos se espera.”

Sean disse: “Como vão as coisas, Dave?”.

“As coisas não mudaram muito em quatro horas. Vocês vão à casa de Jimmy?”

Eles confirmaram.

“Vocês têm algum... fato novo no caso?”

Sean balançou a cabeça. “Só estamos indo dar os pêsames e ver como eles estão.”

“Agora eles estão bem. Acho que estão cansados, sabe? Pelo que sei, Jimmy não dorme desde ontem. Annabeth estava louca para fumar, por isso me ofereci para comprar cigarros e esqueci que tinha deixado a carteira no carro.” Ele levantou a mão inchada para mostrar a carteira, depois a enfiou no bolso.

Whitey pôs as mãos nos bolsos, apoiou-se nos calcanhares e deu um riso crispado.

“Dói muito?”, perguntou Sean apontando para os dedos de Dave.

“Isso?”, Dave perguntou, examinando a própria mão. “Não, nem tanto.”

Sean balançou a cabeça, imitou o sorriso crispado de Whitey, os dois ali de pé, sem falar nada, olhando para Dave.

“Eu estava jogando sinuca uma noite dessas”, disse Dave. “Sabe como é a mesa do McGills, Sean. Boa parte dela fica encostada na parede, você tem que ficar usando aquele taco mais curto.”

“É verdade”, disse Sean.

“Minha bola estava quase colada no lado da mesa, e a bola da vez estava no outro extremo. Recuei a mão com força para dar a tacada, esquecendo da parede ali atrás. E pá! Minha mão quase atravessou a parede.”

“Puxa”, disse Sean.

“Você conseguiu acertar?”, perguntou Whitey.

“O quê?”

“A tacada.”

Dave franziu o cenho. “Errei. E depois disso, claro, não tinha condições de jogar mais nada.”

“Claro que não”, disse Whitey.

“É”, disse Dave. “Fiquei mordido, porque até aquela hora eu estava indo bem.”

Whitey balançou a cabeça, depois se virou para o carro de Dave. “Ei, você tem o mesmo problema que tenho com meu carro?”

Dave olhou para o seu carro. “Eu nunca tive problema com o meu.”

“Ah, é? A correia dentada do meu Accord rebentou aos sessenta e cinco mil quilômetros rodados. Fiquei sabendo que aconteceu a mesma coisa com o carro de um amigo meu. O preço do conserto é altíssimo, sabia?”

Dave disse: “Não. O meu nunca me deu problemas”. Ele olhou para o carro por sobre o ombro, depois para os dois policiais. “Vou comprar os cigarros. A gente se vê lá dentro.”

“A gente se vê lá”, disse Sean, fazendo um pequeno aceno antes que Dave descesse a calçada e atravessasse a avenida.

Whitey olhou para o Honda. “Belo amassado na frente, do lado do passageiro.”

Sean disse: “Puxa, sargento. Eu estava me perguntando se você tinha notado”.

“E a história do taco de sinuca?”, disse Whitey com um assobio. “Quer dizer que ele estava segurando a extremidade do taco com a *palma* da mão?”

“Mas tem um problema”, disse Sean olhando Dave entrar na Eagle Liquors.

“Que problema, Supertira?”

“Se você considera que Dave é o cara que a testemunha de Souza viu no estacionamento do Last Drop, isso significa que ele estava tentando acabar com a vida de outra pessoa quando Katie Marcus foi morta.”

Whitey fez uma careta de desapontamento. “Você acha? Eu o tomo por um cara que estava no estacionamento quando uma moça que iria morrer meia hora mais tarde saiu do bar. Eu o tomo por um sujeito que *não* estava em casa à uma e quinze, como ele disse.”

Através da vitrine, eles viram Dave no balcão, falando com o empregado da loja.

Whitey disse: “O sangue que a polícia técnica recolheu do chão do estacionamento podia estar lá havia dias. Não temos nenhuma prova de que o que aconteceu ali foi mais que uma mera briga de bar. A testemunha de Souza não diz que não aconteceu nada naquela noite? Pode ter acontecido no dia anterior. Pode ter acontecido na tarde do mesmo dia. Não existe uma conexão causal entre o sangue no estacionamento e o fato de Dave Boyle estar no estacionamento, sentado em seu carro, à uma e trinta. Mas existe sim uma conexão entre o fato de se encontrar no carro quando Katie Marcus saiu e o assassinato desta”. Ele bateu no ombro de Sean. “Bem, vamos subir.”

Sean olhou uma última vez para o outro lado da avenida e viu Dave pagando os cigarros. Ele sentiu pena de Dave. Independentemente do que fizesse, Dave sempre despertava isso nas pessoas — uma piedade aguda, em estado bruto, um pouco repugnante.

Sentada na cama de Katie, Celeste ouviu os policiais subirem a escada, os pesados sapatos ressoando nos velhos degraus do outro lado da parede. Havia poucos minutos, Annabeth pedira a ela que fosse ao quarto pegar um vestido de Katie, para que Jimmy levasse à agência funerária. Annabeth pediu desculpas por não ter coragem de entrar no quarto. Era um vestido azul que deixava os ombros descobertos, e Celeste se lembrou da ocasião em que Katie o usara. Foi no casamento de Carla Eigen, e ela estava com uma flor azul e amarela espetada nos cabelos presos em coque, um pouco acima da orelha. Naquele dia ela causou a maior sensação entre os rapazes; a própria Celeste nunca se sentira bonita assim em sua vida, e Katie não tinha ideia de quão deslumbrante era a sua beleza. Quando

Annabeth mencionou um vestido azul, Celeste sabia exatamente qual era.

Logo que entrou no quarto onde, na noite anterior, vira Jimmy apertando o travesseiro no rosto para aspirar o perfume de sua filha, Celeste abriu a janela para dissipar o ar viciado que lembrava o luto. Encontrou o vestido dentro de uma sacola de roupas na parte de trás do closet, tirou-o da sacola e sentou-se na cama por um instante. Ela ouvia o barulho da avenida lá embaixo — o ruído de portas de carro fechando, as vozes distantes dos transeuntes nas calçadas, o silvo de um ônibus abrindo as portas na esquina da Crescent — e viu uma foto de Katie com seu pai na mesinha de cabeceira. Fora tirada alguns anos antes, e mostrava Katie, com um sorriso largo que descobria o aparelho de dentes, enganchada nos ombros do pai. Jimmy segurava-lhe os tornozelos, olhava diretamente para a câmara e também sorria — aquele maravilhoso sorriso franco que às vezes iluminava seu rosto, e que era surpreendente num homem tão reservado.

Ela estava pegando a foto da mesinha de cabeceira quando ouviu a voz de Dave lá embaixo, na rua: “Vocês dois novamente”.

E ela se deixou ficar ali sentada, morrendo aos poucos, ouvindo a conversa de Dave com os policiais, depois a conversa entre Sean Devine e seu companheiro, depois que Dave atravessou a rua para comprar cigarros para Annabeth.

Por dez horríveis segundos, ela quase vomitou no vestido azul de Katie. Foi sacudida por violentos espasmos, sentiu a garganta apertada e a comida parecia ferver no estômago. Ela dobrou o corpo em dois, tentando conter o vômito, e por várias vezes deixou escapar uns gemidos roucos, mas não vomitou. E a ânsia passou.

Mas ela se sentia nauseada. Nauseada e suada, com o cérebro em fogo. E a força daquilo que queimava dentro de sua cabeça lhe turvava a vista e abrasava a região da frente, atrás dos olhos.

Ela ficou deitada de costas na cama, enquanto Sean e o companheiro subiam as escadas, desejando que um raio a fulminasse, que o teto desabasse sobre ela ou que uma força desconhecida a projetasse pela janela aberta. Qualquer daquelas situações era preferível àquilo com que se deparava naquele momento. Mas talvez ele estivesse apenas protegendo alguém ou tivesse testemunhado alguma coisa que não devia e estivesse sendo ameaçado. Talvez o fato de a polícia o interrogar significasse apenas que o *considerava* um suspeito. Nada provava, sem sombra de dúvida, que ele matara Katie Marcus.

A história que contara sobre o assaltante era uma mentira deslavada. Ela sabia disso. Ela tentara esconder aquilo de si mesma nos dois últimos dias, apagá-lo de sua mente da mesma forma que uma nuvem oblitera o sol. Mas desde a noite em que ele lhe contou, ela sabia que assaltantes não dão socos com uma mão, quando podem esfaquear com a outra, e não usam frases elaboradas como: “A carteira ou a vida, seu puto. Só vou embora com uma ou outra”. E eles não se deixam desarmar e espancar por homens como Dave, que não entrava numa briga desde o tempo de estudante.

Se Jimmy tivesse chegado em casa com a mesma história seria outra coisa. Jimmy, magro como era, dava a impressão de poder matar. Ele dava a impressão de saber lutar e amadurecera de tal forma que a violência não era mais necessária em sua vida. Mas ainda

se podia sentir o perigo que ele podia representar, sua capacidade de destruição.

O sentimento que Dave inspirava era bem outro. Era um homem cheio de segredos, de engrenagens empoeiradas que se moviam em seu espírito empoeirado, uma vida fantasiosa que se processava por trás daqueles olhos calmos e impenetráveis. Celeste estava casada com Dave havia oito anos, sempre esperando que um dia seu mundo secreto se abrisse para ela, mas isso não aconteceu. Ora, atualmente Dave vivia muito mais no mundo de sua mente que no mundo real, e ela chegara a se perguntar se os dois mundos não tinham se fundido, de modo que as trevas da cabeça de Dave teriam terminado por se espalhar pelas ruas de East Buckingham.

Será que Dave matou Katie?

Ele sempre gostara dela, não gostara?

E, honestamente, seria Dave — seu *marido* — capaz de cometer um assassinato? De perseguir a filha de seu velho amigo num parque escuro? De espancá-la, ouvindo seus gritos e suas súplicas? De disparar um tiro em sua cabeça?

Por quê? Por que uma pessoa faria uma coisa dessas? E mesmo admitindo que alguém fosse realmente capaz de fazer isso, que lógica haveria em supor que Dave *podia* ser essa pessoa?

Sim, ela disse para si mesma, ele vivia num mundo secreto. Sim, com certeza ele nunca conseguiria ser uma pessoa íntegra por causa dos abusos que sofrera quando era criança. Sim, ele mentira sobre o assaltante, mas talvez existisse uma explicação plausível para aquela mentira.

Que explicação?

Katie foi assassinada no Pen Park pouco depois de ter saído do Last Drop. Dave afirmara ter lutado com um assaltante no estacionamento do mesmo bar. Ele afirmou ter deixado o assaltante lá, inconsciente, mas ninguém encontrou o sujeito. A polícia, pelo que *acabara* de ouvir, encontrou sangue no estacionamento. Portanto, talvez Dave tenha dito a verdade. Talvez.

Não obstante, ela não parava de pensar no tempo em que ocorreram os fatos. Dave lhe dissera que estava no Last Drop. Pelo visto, ele mentira à polícia quanto a esse detalhe. Katie foi assassinada entre duas e três da manhã. Dave chegou ao apartamento às três e dez, coberto com o sangue de outra pessoa e com uma explicação nada convincente para o que acontecera.

E a maior de todas as coincidências: Katie foi morta, e Dave voltou para casa banhado em sangue.

Se ela não fosse a esposa de Dave, teria alguma dúvida sobre que conclusão tirar?

Celeste inclinou-se para a frente novamente, tentando conter o vômito e tentando calar a voz em sua cabeça que sussurrava estas palavras em tom sibilante:

Dave matou Katie. Meu Deus. Dave matou Katie.

Oh, meu Deus. Dave matou Katie, e eu quero morrer.

“Quer dizer então que vocês tiraram Bobby e Roman da lista dos suspeitos?”

Sean balançou a cabeça. “Não totalmente. Isso não quer dizer que eles não tenham contratado alguém para cometer o crime.”

Annabeth disse: “Mas vocês não acreditam muito nessa hipótese, não é? Dá para ver isso em seus olhos”.

“Não, senhora Marcus, não acreditamos.”

Então Jimmy disse: “Então, de quem vocês suspeitam? Há algum suspeito?”.

Whitey e Sean olharam um para o outro, e então Dave entrou na cozinha, desembulhou o pacote de cigarros e deu-o a Annabeth. “Aí está, Anna.”

“Obrigada.” Ela olhou para Jimmy com expressão levemente embaraçada. “Eu não me aguentava mais de vontade.”

Ele sorriu devagar e deu um tapinha em sua mão. “Você não precisa se privar de nada, querida. Isso não tem a mínima importância.”

Ela se voltou para Whitey e Sean enquanto acendia o cigarro. “Deixei de fumar há dez anos.”

“Eu também”, disse Sean. “Posso falar um?”

Annabeth sorriu, o cigarro balançando entre os lábios, e Jimmy refletiu que foi o primeiro som agradável que ele ouviu nas últimas vinte e quatro horas. Ele viu o riso no rosto de Sean quando este pegou o cigarro de sua mulher, e teve vontade de agradecer-lhe por fazê-la sorrir.

“O senhor não está falando sério, agente Devine.” Annabeth acendeu seu cigarro.

Sean deu uma tragada. “Já ouvi isso antes.”

“Você ouviu isso do comandante”, disse Whitey. “Se bem me lembro.”

Annabeth disse: “É mesmo?”, e olhou para Sean mostrando-se vivamente interessada, pois ela era uma dessas raras pessoas que gostam tanto de ouvir quanto de falar.

O sorriso de Sean se fez mais largo quando Dave se sentou, e Jimmy sentiu que a atmosfera ficou menos carregada.

“Estou voltando de uma suspensão”, confessou Sean. “Ontem foi meu primeiro dia de volta ao trabalho.”

“O que você aprontou?”, perguntou Jimmy, inclinando-se sobre a mesa.

Sean disse: “Isso é confidencial”.

“Sargento Powers?”, disse Annabeth.

“Bem, o agente Devine aqui...”

Sean lançou-lhe um olhar. “Eu também tenho muito a contar sobre você.”

Whitey disse: “Boa tacada. Desculpe-me, senhora Marcus”.

“Ora, vamos.”

“Impossível. Desculpe.”

“Sean”, disse Jimmy, e quando Sean olhou para ele, Jimmy tentou lhe dizer com os olhos que *isso* era uma coisa boa, que era disso que estavam precisando naquele momento. Uma pausa. Uma conversa que nada tivesse a ver com homicídio, casas funerárias ou perdas.

A fisionomia de Sean se suavizou de tal forma que, por um instante, Jimmy viu em seu rosto o menino de onze anos que ele fora outrora. Sean aquiesceu.

Ele se voltou para Annabeth e disse: “Eu cobri um sujeito de muitas falsas”.

“Você fez o quê?”, perguntou Annabeth inclinando-se para a frente, o cigarro levantado à altura da orelha, olhos arregalados.

Sean inclinou a cabeça para trás, deu uma tragada no cigarro e soprou a fumaça em direção ao teto. “Tem um sujeito de quem não gosto, não me pergunte por quê. Assim, uma vez por mês eu incluía a placa do carro dele na lista dos infratores. Mas ia variando as infrações: um mês era por ter estacionado sem o cartão, outro por ter parado em zona proibida etc. etc. E o pior é que ele não ficava sabendo de nada.”

“Porque nunca recebeu uma notificação”, disse Annabeth.

“Exatamente. E a cada vinte e um dias ele ficava devendo mais cinco dólares por não ter pago, e assim as multas foram aumentando até que um dia ele foi intimado a comparecer ao fórum.”

“E descobriu que estava devendo ao erário público uns mil e duzentos dólares”, acrescentou Whitey.

“Mil e cem”, disse Sean. “Mas aí ele disse que não recebeu nenhuma notificação, mas não acreditaram nele. O pessoal do fórum está cansado de ouvir isso. Então o sujeito se ferrou. Seu nome estava no computador e, afinal de contas, computador não mente.”

Dave disse: “Genial. Vocês costumam fazer isso?”.

“Não!”, disse Sean, e Annabeth e Jimmy riram. “Não, não costumo fazer isso, David.”

“Agora ele está chamando você de David”, disse Jimmy. “Tenha cuidado.”

“Eu fiz isso só uma vez, com aquele sujeito.”

“Então, como foi que te pegaram?”

“A tia do cara trabalhava no departamento onde se processavam as multas”, disse Whitey. “Dá para acreditar numa coisa dessas?”

“Não”, disse Annabeth.

Sean balançou a cabeça. “Quem podia imaginar? O cara pagou as multas, mas aí pediu à tia que verificasse a origem delas e terminou por chegar até a minha brigada. Como eu tinha tido um desentendimento com o tal sujeito, foi fácil para o comandante ligar o motivo à oportunidade e reduzir a um o número de suspeitos. Foi assim que fui desmascarado.”

“E você teve que engolir muito sapo por causa disso?”, perguntou Jimmy.

“Um bocado”, confessou Sean, e dessa vez os quatro riram. “Um porrilhão de sapos.” Vendo os olhos de Jimmy brilharem, Sean também começou a rir.

Whitey disse: “Este ano não está sendo dos melhores para o pobre Devine”.

“Você teve sorte de ninguém da imprensa ter fisdado essa história”, disse Annabeth.

“Oh, nós protegemos os nossos”, disse Whitey. “Ele teve o seu castigo, mas a única coisa que a tia do sujeito tinha era a brigada de onde partiram as multas, não o policial responsável por elas. Em quem a gente pôs a culpa? Erro de processamento?”

“Um *bug* do computador”, disse Sean. “O comandante me obrigou a restituir todo o

dinheiro, me passou um sermão, me suspendeu por uma semana sem remuneração, e estou sob observação durante três meses. Mas podia ter sido muito pior.”

“Ele podia ter sido rebaixado”, disse Whitey.

“E por que não foi?”, perguntou Jimmy.

Sean apagou o cigarro e abriu os braços. “Porque eu sou um Supertira. Você não lê jornais, Jim?”

Whitey disse: “O que este presunçoso aqui quer dizer é que ele resolveu alguns casos muito graves nos últimos meses. Ele tem o maior índice de casos resolvidos em minha unidade. Assim, se a gente quiser se livrar dele, vai ter que esperar que seu índice baixe”.

“Aquele caso da briga no trânsito”, disse Dave. “Vi seu nome no jornal.”

“Dave lê jornais”, disse Sean a Jimmy.

“Mas não lê livros sobre sinuca”, disse Whitey com um sorriso. “Como é que vai essa mão?”

Jimmy olhou para Dave, percebeu quando ele abaixou os olhos, e teve a forte impressão de que o sargento estava fazendo pressão sobre Dave, provocando-o. Jimmy já vivera aquela experiência antes e podia reconhecer imediatamente a entonação característica do tira. Percebeu também que era a mão de Dave que estava na berlinda. O que será que ele quis dizer com aquela história de sinuca?

Dave abriu a boca para falar, mas então ficou paralisado com algo que viu por sobre o ombro de Sean. Jimmy seguiu o olhar dele, e cada milímetro de seu corpo se crispou.

Sean voltou a cabeça e viu Celeste Boyle segurando um cabide na altura dos próprios ombros, o vestido azul pendendo à sua frente, de forma a lhe esconder todo o corpo.

Celeste viu a reação de Jimmy e disse: “Eu mesmo o levo à agência funerária, Jim. Sem problema”.

Jimmy parecia petrificado.

Annabeth disse: “Você não precisa fazer isso”.

“Eu quero fazer”, disse Celeste com um riso esquisito, desesperado. “Gostaria de levá-lo. Quero tomar um pouco de ar por alguns minutos. Vou ficar feliz em fazer isso, Anna.”

“Tem certeza?”, disse Jimmy, e a voz lhe saiu quase como um grasnido.

“Sim, sim”, disse Celeste.

Sean não se lembrava de ter visto uma pessoa tão desesperada para sair de uma sala. Ele levantou-se da cadeira, aproximou-se dela, a mão estendida.

“Já nos vimos algumas vezes. Eu sou Sean Devine.”

“Ah, sim.” Ela estendeu a Devine uma mão úmida de suor.

“Certa vez você cortou o meu cabelo”, disse Sean.

“Eu sei, eu sei, eu me lembro.”

“Bem...”, disse Sean.

“Bem.”

“Não quero tomar seu tempo.”

Celeste deu aquele riso desesperado novamente. “Não, não. Gostei de ver você. Preciso ir.”

“Até logo.”

“Até logo.”

Dave disse: “Até logo, querida”, mas Celeste já tinha disparado pelo corredor em direção à porta da frente como se tivesse sentido um vazamento de gás.

Sean disse “merda” e olhou para Whitey por sobre os ombros.

Whitey disse: “O que foi?”.

“Deixei meu caderno de anotações no carro.”

Whitey disse: “Bom, então é melhor ir pegar”.

Quando Sean se dirigiu ao corredor, ouviu Dave dizer: “Ora, ele não pode pegar uma folha de papel com a gente?”.

Sean não teve tempo de ouvir a resposta enrolada que Whitey deu, porque passou em disparada pela porta, desceu as escadas e saiu na frente do prédio quando Celeste se aproximava do carro. Ela abriu a porta do lado do motorista, esticou o corpo dentro do carro, abriu a porta traseira e estendeu o vestido com todo o cuidado no banco de trás. Quando ela fechou a porta, olhou por cima do capô do carro e viu Sean descendo as escadas. Sean viu a própria imagem do terror em seu rosto, o olhar de uma pessoa prestes a ser atropelada por um ônibus.

Ele podia usar de sutileza ou ir direto ao assunto, mas bastou olhar para o rosto dela para ver que a única esperança era abrir o jogo imediatamente. Aproveitar a ocasião em que ela, por algum motivo que ele desconhecia, estava abalada.

“Celeste”, disse ele. “Eu só queria lhe fazer uma pergunta rápida.”

“A mim?”

Aproximando-se do carro, ele fez que sim com a cabeça e encostou-se nele, colocando a mão no capô. “A que horas Dave chegou em casa no sábado à noite?”

“O quê?”

Ele repetiu a pergunta, os olhos fixos nela.

“Por que você está interessado em saber o que Dave fez no sábado à noite?”, disse ela.

“É uma coisa sem muita importância, Celeste. Fizemos algumas perguntas a Dave hoje, por que ele estava no McGills na mesma hora que Katie. Algumas respostas de Dave foram um pouco incoerentes e isso está incomodando meu parceiro. De minha parte, acho que Dave estava meio grogue naquela noite e não se lembra de detalhes, mas meu companheiro é muito ranheta. Por isso, só preciso saber a que horas exatamente ele chegou em casa, para que meu companheiro largue do meu pé, e a gente possa se concentrar em procurar o assassino de Katie.”

“Você acha que Dave fez isso?”

Sean afastou-se do carro, inclinou a cabeça em direção a ela. “Eu não disse nada disso, Celeste. Diabo, por que eu haveria de pensar uma coisa dessas?”

“Bem, não sei.”

“Mas você disse isso.”

Celeste disse: “O quê? De que estamos falando? Estou confusa”.

Sean deu o sorriso mais tranquilizador de que foi capaz. “Quanto mais cedo eu souber

a que horas Dave chegou em casa, mais cedo posso fazer com que meu companheiro comece a se preocupar com outras coisas que não os furos na história de seu marido.”

Por um instante, ela pareceu estar prestes a se jogar no meio do trânsito. Ela parecia tão perdida, tão confusa que de repente Sean sentiu a piedade que sempre sentira por seu marido.

“Celeste”, disse ele, sabendo que Whitey lhe daria um ponto negativo em seu relatório se ouvisse o que ele estava prestes a dizer: “Não acho que Dave tenha feito nada. Juro por Deus. Mas meu companheiro pensa, e é ele quem responde pelo caso. Em outras palavras, é ele quem decide os rumos da investigação. Se você me disser a hora em que Dave chegou em casa, a coisa acaba aqui. E Dave nunca mais vai ter que se preocupar conosco.”

Celeste disse: “Mas vocês viram o carro dele”.

“O quê?”

“Eu ouvi vocês conversando ainda há pouco. Alguém viu este carro parado no estacionamento do Last Drop na noite em que Katie foi morta. Seu companheiro pensa que Dave matou Katie.”

Merda. Por esta Sean não esperava.

“Meu parceiro quer investigar melhor Dave. Não é a mesma coisa. Não temos nenhum suspeito, Celeste, certo? Não temos. O que temos são furos na história que Dave contou. Se a gente cobre esses furos, pronto. Não haverá nenhum problema.”

Ele foi assaltado, Celeste teve vontade de dizer. *Ele chegou em casa coberto de sangue, mas só porque alguém tentou assaltá-lo. Ele não é o culpado. Ainda que uma parte de mim pense que ele talvez seja, uma outra sabe que ele não cometeu esse crime. Eu durmo com ele. Eu me casei com ele. E eu nunca me casaria com um assassino, seu tira desgraçado.*

Ela tentou se lembrar da forma como pensara reagir quando os policiais viessem interrogá-la. Naquela noite, enquanto lavava as roupas ensanguentadas, ela tinha certeza de estar preparada para enfrentar a situação. Mas ela não sabia que àquela altura Katie estaria morta e que os policiais iriam interrogá-la sobre o envolvimento de Dave em sua morte. Como poderia ter previsto aquilo? E aquele policial era muito delicado, muito seguro de si e muito charmoso. Ele não era o sujeito barrigudo, grisalho e cheirando a álcool que ela imaginara. Ele era um velho amigo de Dave. Dave lhe contara que aquele homem, Sean Devine, estava na rua com ele e Jimmy Marcus quando Dave fora raptado. E então ele se materializou naquele homem bonito, inteligente, com uma voz calorosa que se poderia escutar a noite inteira e olhos que pareciam capazes de penetrar no mais fundo de sua alma.

Jesus Cristo. Como ela podia enfrentar aquilo? Ela precisava de tempo. Precisava de tempo para pensar, para se recompor e encarar a situação de forma racional. Não precisava do vestido de uma moça morta olhando para ela do banco traseiro e um policial do outro lado, lançando-lhe um olhar ao mesmo tempo sexy e envenenado.

Ela disse: “Eu estava dormindo”.

“Ahn?”

“Eu estava dormindo”, disse ela. “No sábado à noite, quando Dave chegou em casa. Eu já estava na cama.”

O policial balançou a cabeça. Ele se apoiou novamente no Honda, deu uns tapinhas no teto, parecendo satisfeito. Dava a impressão de que todas as suas perguntas tinham sido respondidas. Ele tinha cabelos castanhos muito espessos, e ela se lembrava de reflexos mais escuros, quase da cor de cobre, no alto da cabeça. Lembrou-se também de ter pensado que ele nunca precisaria temer a calvície.

“Celeste”, disse ele finalmente com sua voz cálida. “Acho que você está com medo.”

Celeste sentiu como se seu coração tivesse sido agarrado por uma mão suja.

“Acho que você está com medo e acho que sabe de alguma coisa. Quero que você saiba que estou do seu lado. Estou do lado de Dave, também. Mas talvez mais ainda do seu, porque, como eu disse, você está com medo.”

“Não estou com medo”, disse ela, e abriu a porta do carro.

“Sim, você está”, disse Sean, e afastou-se do carro quando ela entrou nele, e em seguida avançou pela avenida.

19. O que eles sonhavam ser

Quando Sean voltou ao apartamento, encontrou Jimmy no corredor, falando num telefone sem fio.

Jimmy disse: “Sim, vou pensar nas fotografias. Obrigado”, e desligou. Ele olhou para Sean. “É da Agência Funerária”, disse ele. “Eles foram pegar o corpo no necrotério, e queriam me avisar que eu podia levar as coisas de Katie.” Ele deu de ombros. “Para acabar de acertar os detalhes da cerimônia, esse tipo de coisa.”

Sean balançou a cabeça.

“Pegou o caderno de anotações?”

Sean bateu a mão no bolso. “Está aqui.”

Jimmy bateu várias vezes o telefone sem fio na coxa. “Então, acho que é melhor que eu vá à funerária.”

“Você parece estar precisando dormir.”

“Não, eu estou bem.”

“Tudo certo, então.”

Quando Sean ia passando por ele, Jimmy disse: “Será que posso lhe pedir um favor?”.

Sean parou. “Claro.”

“Logo Dave deve sair para levar Michael para casa. Se você não estiver muito ocupado eu queria pedir que viesse fazer companhia a Annabeth por um tempinho. Só para ela não ficar sozinha, entende? Celeste certamente vai voltar, portanto não vai ser por muito tempo. Val e os irmãos levaram as meninas ao cinema, por isso não tem ninguém em casa, e sei que Annabeth não vai querer ir ao velório agora, então, sei lá, eu achei que...”

Sean disse: “Não tem problema nenhum. Vou só confirmar com o sargento, mas nosso turno acabou há umas duas horas. Deixe-me falar com ele, está bem?”.

“Muito obrigado, Sean.”

“Não há de quê.” Sean andou em direção à cozinha, parou e olhou para Jimmy: “Jimmy, queria lhe perguntar uma coisa”.

“Vamos lá”, disse Jimmy, já assumindo aquele ar desconfiado de detento.

Sean aproximou-se dele novamente. “Várias testemunhas afirmam que você tem um problema com aquele rapaz de que você falou hoje de manhã, Brendan Harris.”

Jimmy sacudiu os ombros. “Na verdade, nenhum problema. Só que não quero saber dele.”

“Por quê?”

“Eu não sei.” Jimmy pôs o telefone no bolso da frente. “Tem gente com quem a gente não bate, entende?”

Sean se aproximou um pouco mais, pôs a mão no ombro de Jimmy. “Ele estava namorando a Katie, Jim. Eles estavam pensando em fugir.”

“Mentira”, disse Jimmy, os olhos no chão.

“Encontramos folhetos sobre Las Vegas na mochila dela, Jim. Fizemos alguns telefonemas e descobrimos que havia duas reservas no nome deles na twa. Brendan Harris confirmou tudo.”

Jimmy fez um movimento com o ombro para livrar-se da mão de Sean. “Ele matou minha filha?”

“Não.”

“Você tem absoluta certeza disso.”

“Quase. Ele passou pelo detector de mentiras, Jim. Além disso, ele não parece capaz de uma coisa dessas. Ele parecia gostar muito de sua filha.”

“Foda-se”, disse Jimmy.

Sean se encostou na parede e ficou esperando que Jimmy digerisse a notícia.

“Fugir?”, disse Jimmy depois de um instante.

“Sim, Jim. Segundo Brendan Harris e as duas amigas de Katie, você era absolutamente contra o namoro deles. O que não entendo é o porquê disso. Ele não me parece um garoto-problema, sabe? Talvez um pouco tímido, não sei. Mas me pareceu um cara decente, gente fina. Não consigo entender.”

“Você não consegue entender?”, disse Jimmy com um risinho. “Acabo de descobrir que minha filha — que, como você sabe, está morta — estava pensando em fugir, Sean.”

“Eu sei”, disse Sean, abaixando a voz, na esperança de que Jimmy fizesse o mesmo, pois este estava quase tão agitado quanto na véspera, junto à tela do drive-in. “Mas, porra, cara, por que você fazia questão de que sua filha ficasse longe do rapaz?”

Jimmy encostou-se na parede ao lado de Sean e respirou fundo algumas vezes, soltando a respiração devagar. “Eu conheci o pai dele. Ele era chamado de Ray, o Justo.”

“Por quê? Ele era juiz?”

Jimmy balançou a cabeça. “Havia tantos caras chamados Ray naquela época — Ray Bucheck, o Louco, Ray Dorian, o Louco Furioso, e ainda Ray de Woodchuck Lane —, que todos os apelidos legais já tinham sido usados.” Ele deu de ombros. “De qualquer modo, nunca fui com a cara do sujeito, e aí ele abandonou a mulher quando ela estava grávida do menino mudo e Brendan tinha apenas seis anos; eu logo pensei ‘Tal pai, tal filho’, e era por isso que eu não queria que ele se aproximasse de minha filha.”

Sean balançou a cabeça, mas não engoliu aquela história. A forma como ele dissera que nunca tinha ido com a cara do sujeito — o tom ligeiramente alterado — lhe lembrou a infinidade de invencionices que costumava ouvir em seu trabalho.

“Só isso?”, perguntou ele. “É o único motivo?”

“Só isso”, disse Jimmy, desencostando o corpo da parede, e avançando pelo corredor.

“Acho que é uma boa ideia”, disse Whitey enquanto saía do prédio com Sean. “Ficar perto da família por um tempo, para ver se a gente pesca mais alguma coisa. A propósito, o que você conversou com a mulher do Boyle?”

“Eu lhe disse que ela parecia estar com medo.”

“Ela confirmou o álibi do marido?”

Sean balançou a cabeça. “Ela disse que estava dormindo.”

“Mas você acha que ela está com medo?”

Sean lançou um olhar às janelas que davam para a rua. Ele fez um gesto para Whitey, depois um movimento com a cabeça indicando a rua, e Whitey o seguiu até a esquina.

“Ela ouviu a nossa conversa sobre o carro.”

“Merda”, disse Whitey. “Se ela contar para o marido, ele vai fugir.”

“E vai para onde? Ele é filho único, a mãe já morreu, ganha pouco e não deve ter muitos amigos. Não me parece que vá fugir do país, tentar a vida no Uruguai.”

“Isso não quer dizer que ele não queira fugir.”

“Sargento”, disse Sean. “Não temos *nenhuma* acusação contra ele.”

Whitey recuou um passo e fitou Sean à luz do poste, ao lado deles. “Você não quer mais trabalhar, Supertira?”

“Não acho que ele seja o culpado, chefe. Em primeiro lugar, porque não teria um motivo.”

“O álibi dele não vale nada, Devine. As histórias que ele conta estão cheias de furos. Se fossem um barco, estariam todas no fundo do mar. Você disse que a mulher estava com medo. Não incomodada. Com medo.”

“Sim. Com certeza ela estava escondendo alguma coisa.”

“Você acha mesmo que ela estava dormindo quando ele chegou em casa?”

Sean reviu Dave, quando eles eram crianças, entrando no carro aos prantos. Ele viu sua figura indistinta no banco traseiro do carro, quando este dobrou a esquina. Ele queria enfiar a cabeça na parede para apagar aquelas malditas imagens.

“Não. Eu acho que ela sabe a que horas ele chegou em casa. E agora que ela nos ouviu, sabe que ele estava no Last Drop naquela noite. Quem sabe ela estava cheia de dúvidas, e neste exato momento está juntando as peças do quebra-cabeça.”

“E essas peças estão lhe dando o maior cagaço?”

“Talvez. Não sei.” Sean chutou uma pedra solta no pé da parede de um edifício. “Tenho a impressão de que...”

“Sim...?”

“Tenho a impressão de que todos esses elementos se juntam, mas não se encaixam. Tenho a impressão de que nos falta algum dado importante.”

“Você acha mesmo que Boyle não é o culpado?”

“Não o excluo. Não. Eu poderia aceitar essa hipótese, se conseguisse imaginar um motivo.”

Whitey recuou e apoiou o pé no poste. Ele olhou para Sean da mesma forma que Sean o vira olhar para uma testemunha da qual ele desconfiava.

“Tudo bem”, disse ele. “A falta de um motivo incomoda a mim também. Mas não muito, Sean. Não muito. Acho que deve haver alguma coisa que o ligue ao caso. Do contrário, por que ele estaria mentindo para nós?”

“Ora”, disse Sean. “É assim mesmo. As pessoas mentem para nós só pelo gostinho de mentir. Você viu como é o bairro do Last Drop? Pois bem, pode acreditar que à noite ele é bem agitado, com putas, travestis e crianças que se prostituem. Talvez Boyle estivesse tirando a sua casquinha também, e não queria que a mulher soubesse. Talvez ele estivesse com alguma mulher, quem sabe? Mas nada, até agora, estabelece a menor ligação entre ele e o assassinato de Katie Marcus.”

“Nada, só um monte de mentiras e minha intuição de que o cara é culpado.”

“Sua intuição”, disse Sean.

“Sean”, disse Whitey, começando a contar nos dedos. “O cara mentiu sobre a hora em que saiu do McGills. Mentiu sobre a hora em que chegou em casa. Estava estacionado em frente ao Last Drop quando a vítima saiu. Ele estava em *dois* bares em que ela esteve, e está querendo esconder isso. Está com o punho machucado, e a explicação que nos deu é uma mentira deslavada. Ele conhecia a vítima, como o assassino. Ele se encaixa perfeitamente no tipo do sujeito que mata por prazer: branco, na casa dos trinta, subempregado e, a julgar pelo que você me contou outro dia, foi vítima de violência sexual quando criança. Você está querendo tirar sarro da minha cara? A rigor, esse cara já devia estar na cadeia.”

“Você mesmo disse que ele foi vítima de abuso sexual, mas Katherine Marcus não sofreu violência sexual. Isso não faz sentido, sargento.”

“Talvez ele só tenha tocado uma bronha na frente dela.”

“Não havia sêmen na cena do crime.”

“Choveu.”

“Não no lugar onde o corpo foi encontrado. Em casos de homicídio gratuito, cometido só pelo prazer, verifica-se ejaculação em noventa e nove vírgula nove por cento dos casos. Mas por que não neste?”

Whitey abaixou a cabeça e ficou batendo no poste com a mão. “Você era amigo do pai da vítima e do provável suspeito quando...”

“Ora, *por favor...*”

“...vocês eram crianças. Ou seja, você não está neutro. Não vá me dizer que está. Nessa história, você é um problemão.”

“Sou mesmo...?” Sean baixou o tom de voz e a mão que levava ao peito. “Ouça, o que acontece é que discordo de você quanto ao perfil do suspeito. Eu nunca disse que não me juntaria a você para prendê-lo, caso se descobrisse algo contra Dave, além de simples contradições em seu depoimento. E, aliás, você sabe disso. Mas se você for procurar o promotor agora, com os poucos elementos de que dispomos, o que é que ele vai fazer?”

Whitey bateu no poste com mais força.

“Sério”, insistiu Sean. “O que é que ele vai fazer?”

Whitey levantou os braços acima da cabeça e deu um grande bocejo. Seu olhar cruzou com o de Sean, e seu cenho franziu. “Ponto para você. Mas...”, disse ele levantando um dedo. “*Mas*, seu advogado de merda, eu vou encontrar o porrete com que ela foi agredida, ou o revólver, ou roupas sujas de sangue. Não sei exatamente o quê, mas vou achar alguma

coisa. E quando eu achar, vou engaiolar o seu amigo.”

“Ele não é meu amigo”, disse Sean. “Se isso se confirmar, vou sacar minhas algemas mais rápido do que você.”

Whitey afastou-se do poste, aproximando-se de Sean. “Procure não se comprometer nessa história, Devine. Se você fizer isso, vai sobrar para mim também, e eu acabo com você. Estou falando de uma transferência para os confins de Berkshires, onde você vai ficar num desses carros que andam na neve, controlando a velocidade dos raríssimos carros que passam por lá.”

Sean passou ambas as mãos pelo rosto e pelos cabelos, tentando livrar-se do cansaço. “A esta altura, o relatório balístico já deve ter chegado”, disse ele.

“É verdade”, disse Whitey recuando um passo. “A análise das digitais também. Vou voltar ao meu posto para ver se consigo alguma coisa. Você está com o celular?”

Sean bateu a mão no bolso. “Está aqui.”

“Ligo para você mais tarde.” Whitey deu as costas a Sean e avançou pela Crescent em direção à radiopatrulha, deixando Sean com a sensação de que o período de observação a que estava submetido era algo muito mais real do que lhe parecera naquela manhã.

Ele ia entrando no edifício de Jimmy quando viu Dave descendo as escadas com Michael.

“Está indo para casa?”

Dave parou. “Sim. Não entendo por que Celeste ainda não voltou com o carro.”

“Tenho certeza de que ela está bem”, disse Sean.

“Ah, sim”, disse Dave. “Só que eu vou ter que ir a pé.”

Sean caiu na risada. “Quantos quarteirões daqui até lá? Cinco?”

Dave sorriu. “Na verdade, são quase seis.”

“É melhor ir andando enquanto ainda está claro”, disse Sean. “Até logo, Mike.”

“Até logo”, disse Michael.

“Até mais”, disse Dave.

Ao pé da escada, Sean ficou olhando o pai e o filho se afastarem. Os passos de Dave oscilavam um pouco, por causa das cervejas que bebera na casa de Jimmy, e Sean falou para si mesmo: Se você for o culpado, Dave, é melhor parar de beber. Porque você vai precisar de cada um de seus neurônios se ficar na nossa mira. Todos, sem exceção.

O sol acabara de se pôr, mas no céu ainda restava um pouco de luz, que tingia a superfície do Pen Channel com reflexos prateados. As copas das árvores agora estavam escuras, e a tela do drive-in, vista dali, era apenas uma sombra de contornos bem definidos. Celeste, sentada em seu carro em Shawmut, contemplava o canal, o parque e também East Bucky, lá atrás, que parecia um depósito de lixo. Os Flats ficavam quase completamente escondidos pelo Pen Park; viam-se apenas alguns campanários e os telhados mais altos. Em compensação, os prédios do Point, bem visíveis, pareciam dominar os Flats, do alto de suas colinas asfaltadas e ondulantes.

Celeste não se lembrava nem ao menos de ter passado de carro por lá. Na agência funerária de Bruce Reed, ela entregara o vestido a um dos filhos do proprietário, um rapaz vestido de preto, mas com o rosto tão bem barbeado e uma aparência tão jovem que parecia estar de saída para um baile na escola. Depois ela pegou o carro e quando deu por si estava passando por trás da oficina de Isaak — que havia muito fora fechada —, diante de hangares vazios. Celeste parou no extremo do terreno, o para-choque quase encostando nas estacas podres, os olhos fixos nas águas do canal, que corriam preguiçosamente para a eclusa.

Desde que ela ouvira os policiais falarem do carro de Dave — do carro *deles*, aquele mesmo carro no qual se encontrava agora — ela se sentia como se estivesse embriagada. Não uma embriaguez benéfica, em que a pessoa se sente relaxada, despreocupada e levemente eufórica. Não, ela tinha a impressão de ter passado a noite inteira tomando bebida barata, de ter chegado em casa e caído na cama, para depois acordar com a língua pastosa, ainda sob o efeito do veneno, entorpecida, aturdida e incapaz de se concentrar.

“Você está com medo”, dissera o policial, penetrando-lhe o íntimo com tal perspicácia que a única resposta fora a negação pura e simples. “Não, não estou.” Como se ela fosse uma criança. Não, não estou. Sim, você está. Não, não estou. Sim, você está. Eu sei que é verdade, mas o que sabe você disso? Nadica de nada.

Ela estava com medo. Estava aterrorizada. Sentia-se fraquejar de medo.

Ia falar com ele, disse para si mesma. Afinal de contas ele ainda era Dave. Um bom pai. Um homem que, desde que o conhecia, nunca levantara a mão para ela e nunca revelara nenhuma propensão à violência. Ele nunca chutara uma porta nem esmurrara a parede. Ela tinha certeza de que ainda podia falar com ele.

Ela iria dizer, Dave, de quem era o sangue que estava em suas roupas?

Dave, ela ia dizer, o que realmente aconteceu no sábado à noite?

Você pode me dizer. Eu sou sua mulher. Você pode dizer qualquer coisa.

Era isso que ela ia fazer. Iria falar com ele. Não havia razão para temê-lo. Ele era Dave. Amava-o e ele a amava e tudo iria se esclarecer. Não havia dúvida.

Não obstante ela continuava ali, na extremidade do canal, pequena à sombra de uma oficina abandonada, comprada há pouco tempo por um empresário que afirmava querer transformá-la num estacionamento, se o projeto de construção de um estádio na outra margem se concretizasse. Ela olhou para o parque onde Katie Marcus fora assassinada e esperou que alguém viesse tirá-la daquele estado de prostração.

Jimmy estava sentado com o filho de Bruce Reed, no escritório deste, discutindo os detalhes do funeral, achando que seria melhor discutir com o próprio Bruce, e não com o filho, que parecia ter acabado de sair da escola. Era mais fácil imaginá-lo jogando *frisbee* do que segurando um caixão, e Jimmy não conseguia visualizar aquelas mãos finas e macias na sala de embalsamamento, tocando os mortos.

Mas ele informou ao rapaz a data de nascimento de Katie, seu número de inscrição na

previdência social, e Ambrose os anotou com uma caneta dourada, num formulário preso numa prancheta. Em seguida o rapaz lhe perguntou numa voz aveludada que era uma versão mais jovem da do pai: “Muito bem, muito bem. Agora, senhor Marcus, vamos ter uma cerimônia católica tradicional? Um velório, uma missa?”.

“Sim.”

“Sugiro então que façamos o velório na quarta-feira.”

“A igreja já foi reservada para quinta-feira às nove horas”, disse Jimmy.

“Nove horas”, disse o rapaz, enquanto anotava. “O senhor já pensou num horário para o velório?”

Jimmy disse: “Faremos em duas sessões. Uma entre três e cinco. A outra das sete às nove”.

“Sete às nove”, repetiu o rapaz enquanto anotava. “Vejo que o senhor trouxe fotografias. Ótimo, ótimo.”

Jimmy olhou para a pilha de fotos em seu colo: Katie em sua formatura. Katie e as irmãs na praia. Katie e ele na inauguração do Cottage Market, quando ela tinha oito anos. Katie com Eve e Diane. Katie, Annabeth, Jimmy, Nadine e Sara no Six Flags. O aniversário de dezesseis anos de Katie.

Ele pôs a pilha ao seu lado, na cadeira, e sentiu uma queimação na garganta, que sumiu quando ele engoliu em seco.

“O senhor pensou em flores?”, disse Ambrose Reed.

“Eu encomendei na Knopfler esta tarde”, disse ele.

“E a nota?”

Jimmy olhou nos olhos do rapaz pela primeira vez. “A nota?”

“Sim”, disse o rapaz baixando os olhos para a prancheta. “Como vai ser a nota de falecimento que vai sair no jornal? Podemos cuidar disso se me der informações básicas sobre como o senhor a deseja. Se o senhor prefere donativos, em vez de flores, coisas desse tipo.”

Jimmy desviou o olhar dos olhos compassivos do rapaz e fixou-o no chão. Embaixo deles, em alguma parte do porão daquele edifício branco vitoriano, encontrava-se a sala de embalsamamento, onde jazia Katie. Logo ela estaria nua diante de Bruce Reed, daquele rapaz e de seus dois irmãos, que a preparariam para o velório, que a iriam lavar, maquilar, cuidar de sua aparência. Suas mãos frias e bem cuidadas trabalhariam seu corpo. Elas iriam retirar algumas partes dele. Elas iriam tomar o seu queixo entre o polegar e o indicador, fazendo-o girar. Eles iriam pentear-lhe os cabelos.

Ele pensou em sua filha nua e exposta, a pele sem cor, enquanto esperava ser tocada pela última vez por aqueles estranhos — certamente com cuidado, mas um cuidado insensível, um cuidado clínico. Depois colocariam almofadas de cetim sob a sua cabeça, no caixão, e ela seria levada à sala do velório com um rosto fixo de boneca e com seu querido vestido azul. Ela seria observada. Rezariam por ela, fariam dela, chorariam por ela, lamentariam a sua sorte e finalmente ela seria enterrada. Ela desceria a um buraco por mãos de homens que também não a tinham conhecido, e Jimmy já tinha a impressão de

ouvir o som abafado das pás de terra sobre a madeira, como se se encontrasse dentro do caixão, junto com ela.

E ela iria fazer no escuro com sete palmos de terra por cima, longe da grama e do ar, que ela não poderia mais ver, nem sentir, nem respirar ou tocar. Ela faria ali talvez por mil anos, sem poder ouvir os passos das pessoas que viriam visitar seu túmulo, sem poder ouvir nada do mundo que deixara, por causa de toda aquela terra que a separava dele.

Eu vou matá-lo, Katie. Não sei como, mas vou descobri-lo antes da polícia, e vou matá-lo. Vou colocá-lo num buraco muito pior do que esse para onde você vai. Não vou deixar nada para embalsamar, nada para se prantear. Vou fazê-lo sumir como se nunca tivesse existido, como se seu nome e tudo o que ele foi, ou pensa que é neste exato momento, fosse apenas um sonho que passou na mente de alguém num átimo, e que foi esquecido quando esse alguém acordou.

Vou achar o homem que a colocou nessa mesa aí embaixo, e vou liquidá-lo. E *seus* entes queridos — se é que tem algum — vão sofrer muito mais do que os seus, Katie. Porque eles nunca vão saber ao certo o que aconteceu com ele.

E não se pergunte se sou capaz disso, minha criança. Papai é capaz, sim. Ele nunca contou a você, mas já matou. Papai fez o que tinha que fazer. E vai fazer novamente.

Jimmy voltou a atenção para o filho de Bruce, que ainda era muito novo no ofício para não se deixar perturbar por longos silêncios.

“Quero que a nota seja: Cumprimos o doloroso dever de comunicar que Katherine Juanita Marcus, filha diletta de James e Marita, falecida, enteada de Annabeth e irmã de Sara e Nadine...”

Sean sentou-se no pátio com Annabeth Marcus, enquanto esta tomava pequenos goles de vinho branco e fumava seus cigarros, apagando-os antes de chegar à metade, o rosto iluminado pela lâmpada acesa acima deles. Um rosto forte, que não chegava a ser bonito, mas que de qualquer forma era marcante. Ela devia estar acostumada a atrair olhares, pensou Sean, embora certamente não soubesse ao certo o que, em sua pessoa, merecia tanta atenção. Ela lembrava a Sean a mãe de Jimmy, mas sem aquele ar de resignação e de fracasso, e um pouco também a sua própria mãe, em razão de seu absoluto autodomínio, e nesse aspecto ela lhe lembrava Jimmy também. Ele via que Annabeth era uma mulher divertida, mas nunca uma mulher frívola.

“Agora me diga uma coisa”, disse Annabeth a Sean, enquanto este acendia o cigarro para ela. “O que é que você vai fazer de sua noite depois que for liberado da obrigação de me consolar?”

“Eu não...”

Com um gesto, ela afastou a objeção. “Eu aprecio isso. Diga-me, então, o que você vai fazer?”

“Vou ver minha mãe.”

“É mesmo?”

Ele fez que sim. “É aniversário dela. Vou comemorar com ela e com o velho.”

“Hum, hum”, fez ela. “E há quanto tempo você está divorciado?”

“Dá para notar?”

“Como o nariz no meio da cara.”

“Ah. Na verdade, estou separado há pouco mais de um ano.”

“Ela mora aqui na cidade?”

“Agora não mais. Ela viaja.”

“Você falou num tom ácido. ‘Ela viaja.’”

“É mesmo?” Ele deu de ombros.

Ela levantou a mão. “Odeio estar fazendo isso — tentando tirar Katie de minha mente à sua custa. Portanto, você não precisa responder a nenhuma de minhas perguntas. Sou muito abelhuda, e você é um cara interessante.”

Ele sorriu. “Não, não sou. Na verdade sou muito chato, senhora Marcus. Se você me tirar o emprego, eu desapareço.”

“Annabeth”, disse ela. “Por favor, me chame assim.”

“Claro.”

“Acho difícil acreditar, guarda Devine, que você seja chato. Mas você sabe o que acho estranho?”

“O que é?”

Ela se voltou na cadeira e olhou para ele. “Você não me dá a impressão de ser capaz de inventar muitas falsas.”

“Como assim?”

“Parece uma coisa infantil”, disse ela. “E você não parece ser infantil.”

Ele sacudiu os ombros. Pelo que sabia, todos se mostravam infantis em um ou outro momento. Principalmente quando os problemas se acumulavam.

Durante um ano, ele nunca tinha falado com ninguém sobre Lauren — nem com seus pais, nem com seus raros amigos, nem mesmo com o psicólogo da polícia que o seu chefe mencionara de passagem, quando todos ficaram sabendo da partida de Lauren. Mas ali estava Annabeth, uma estranha que sofrera a perda de um ente querido, e adivinhava nela um desejo de perscrutar a sua dor, de examiná-la, de partilhá-la ou algo assim, necessitada que estava, pelo que Sean percebia, de saber que não era a única a sofrer.

“Minha mulher é produtora de teatro”, disse ele calmamente. “Para espetáculos itinerantes, sabe? *Lord of the Dance*, por exemplo, que correu o país inteiro o ano passado, foi produzido por minha mulher. Agora ela está fazendo o *Annie Get Your Gun*, acho. Para falar a verdade, não tenho bem certeza. Bom, esse é o espetáculo que eles decidiram levar este ano. Nós éramos um casal estranho. Quero dizer, você consegue imaginar ocupações mais incompatíveis?”

“Mas você a amava”, disse Annabeth.

Ele fez que sim. “Sim, e ainda a amo.” Ele respirou fundo, recostou-se na cadeira. “O sujeito a quem eu dei as multas era...” A boca de Sean ficou seca e ele balançou a cabeça, com uma vontade súbita de mandar às favas aquele pátio e aquela casa.

“Era um rival?”, disse Annabeth delicadamente.

Sean pegou um cigarro do maço e o acendeu. “É uma bela palavra para isso. Sim, digamos assim. Um rival. E minha mulher e eu estávamos passando por uma crise. Cada um estava um pouco na sua. E esse... rival aproveitou a situação.”

“E você reagiu mal”, disse Annabeth. Uma afirmação, não uma pergunta.

Sean dirigiu o olhar para ela. “E você conhece alguém que reage bem?”

Annabeth lhe lançou um olhar duro, como a dizer que o sarcasmo não era digno dele, ou talvez que ela não apreciava aquele tipo de atitude.

“Quer dizer que você ainda a ama.”

“Sim. Diabo, acho que ela ainda me ama.” Ele apagou o cigarro. “Ela liga para mim o tempo todo. Liga para mim e não fala nada.”

“Espere, ela...”

“Eu sei”, disse ele.

“...liga para você e não diz uma palavra?”

“Sim. Já faz uns oito meses que é assim.”

Annabeth riu. “Não leve a mal, mas é a coisa mais esquisita que ouvi nos últimos tempos.”

“Não duvido.” Ele ficou olhando uma mosca que voava em torno da lâmpada. “Acho que qualquer dia desses ela vai falar. É isso que espero.”

Ele ouviu sua risadinha chocha sumir na noite e seu eco o incomodou. Então ficaram em silêncio por um instante, fumando, ouvindo o zumbido da mosca que se lançava em voos rápidos em direção à lâmpada.

“Como é o nome dela?”, perguntou Annabeth. “Durante todo esse tempo, você não disse o nome dela nem uma vez.”

“Lauren”, disse ele. “O nome dela é Lauren.”

O nome ficou pairando no ar como o fio solto de uma teia de aranha.

“E você a amava desde que eram crianças?”

“Foi no primeiro ano da universidade”, disse ele. “Sim, acho que ainda éramos crianças.”

Ele se lembrava de uma tempestade de novembro, os dois beijando-se pela primeira vez sob um pórtico, a pele molhada de Lauren, os dois tremendo de frio.

“Talvez o problema esteja aí”, disse Annabeth.

Sean olhou para ela. “Por não sermos mais crianças?”

“Pelo menos um dos dois”, disse ela.

Sean não perguntou qual dos dois.

“Jimmy me disse que Katie estava planejando fugir com Brendan Harris.”

Sean aquiesceu.

“Bem, é sempre assim, não é?”

“Como assim?”, disse Sean.

Ela soprou a fumaça em direção ao varal vazio. “Esses sonhos bobos que se tem quando se é jovem. Quer dizer, você imagina Katie e Brendan Harris recomeçando suas

vidas em *Las Vegas*? Quanto tempo haveria de durar esse pequeno Éden? Talvez depois de sua segunda casa-trailer, ou de seu segundo filho, mas mais cedo ou mais tarde eles iriam cair na real: a vida não é feita de amanhã promissores, de crepúsculos encantados e baboseiras como essas. É trabalho. A pessoa a quem você ama raramente é digna do grande amor que você lhe dedica. Porque *ninguém* é digno disso e talvez ninguém mereça o fardo que isso representa. Você vai ser abandonado. Você vai se decepcionar, vai ter sua confiança traída e vai comer o pão que o diabo amassou. Você perde muito mais do que ganha. Você odeia a pessoa amada na mesma medida em que a ama. Mas, merda, você arregança as mangas e trabalha — em tudo —, porque envelhecer é isso.”

“Annabeth”, disse Sean. “Alguém já lhe disse que você é uma mulher dura?”

Ela voltou a cabeça para ele, os olhos fechados, um sorriso sonhador na face. “O tempo todo.”

Naquela noite Brendan Harris foi para o quarto e olhou para sua mala embaixo da cama. Ela estava cheia de shorts e de camisas havaianas, um casaco esporte e dois pares de jeans, mas nada de suéteres nem de calças de lã. Ele colocara na mala o que pensavam usar em Las Vegas, porque Katie e ele disseram para si mesmos que nunca mais queriam ouvir falar de ventos gelados, de liquidação de meias de frio no supermercado da esquina, de para-brisas cobertos de geada. Por isso, quando ele abriu a mala, se viu diante de cores quentes e de estampados floridos, uma verdadeira explosão de verão.

Era assim que eles queriam ser. Bronzeados e descontraídos, os corpos livres de botas, de casacos pesados e das expectativas dos outros. Eles iriam tomar drinques com nomes tolos em copos de daiquiri, passar as tardes na piscina do hotel, e sua pele teria um leve aroma de protetor solar e de cloro. Eles fariam amor num quarto com ar refrigerado, mas aquecido nos pontos em que os raios do sol conseguissem furar o bloqueio das persianas, e ao cair da noite vestiriam suas roupas mais bonitas para bater perna pela Strip. Brendan Harris se via com ela como se de muito longe, como se do alto de um edifício, os dois vultos minúsculos passeando sob a luz do néon, com todas aquelas luzes formando poças vermelhas, amarelas e azuis no asfalto negro. E os dois — Brendan e Katie — flanavam despreocupadamente pela enorme avenida, ladeados de imensos edifícios, em meio ao burburinho à porta dos cassinos.

Para qual vamos esta noite, querida?

Você escolhe.

Não, você escolhe.

Certo. Que tal este?

Parece legal.

Então é este.

Eu te amo, Brendan.

Eu também te amo, Katie.

E eles iriam subir pelas escadas atapetadas entre duas fileiras de colunas brancas, para penetrar no universo rumoroso do palácio enfumaçado. Eles entrariam ali como marido e mulher, no início de sua vida a dois, mal saídos da infância, para falar a verdade, e East

Buckingham estaria a milhões de quilômetros deles, e cada passo que dessem os afastaria do bairro ainda mais.

Sim, era assim que as coisas iriam ser.

Brendan sentou-se no chão. Ele precisava sentar-se só por um segundo. Por um ou dois segundos. Ele se sentou, juntou as solas dos tênis e segurou os tornozelos como um menino. Balançou o corpo um pouco, encostando o queixo no peito e fechando os olhos, e sentiu a dor diminuir por um instante. A escuridão e o ritmo lento de seu balanço lhe deram um pouco de calma.

E então aquilo passou e o horror do desaparecimento de Katie — a absoluta falta dela — lhe voltou de repente, e ele se sentiu aniquilado.

Havia uma arma no apartamento. Ela pertencera ao seu pai, e sua mãe a deixava em cima do forro, por trás de uma placa removível no teto da copa, que era onde o pai costumava guardá-la. Bastava subir no balcão da pia, estender a mão para o rebordo da cornija e depois tatear a superfície das três placas, até sentir o volume do revólver. Bastava então empurrar a placa para cima, enfiar a mão pela abertura e pegar o revólver. Pelo que Brendan se lembrava, ela estava ali desde sempre, e uma de suas lembranças mais antigas era a da noite em que, ao sair do banheiro meio sonolento de madrugada, vira seu pai tirando a mão de sob a cornija. Brendan chegara a mostrá-lo ao seu amigo Jerry Diventa, quando ambos tinham treze anos, e Jerry olhou para o revólver de olhos arregalados. “Guarde isso, guarde isso”, dissera ele. Estava coberto de poeira e com certeza nunca fora disparado, mas Brendan sabia que bastava limpá-lo.

Nada o impedia de pegar o revólver à noite. Nada o impedia de ir ao Café Society, que Roman Fallow costumava frequentar, ou ao Atlantic Auto Glass, de Bobby O'Donnell, de onde, metido em seu escritório, segundo Katie, ele dirigia a maior parte de seus negócios. Ele poderia ir a um desses dois lugares — ou, melhor ainda, aos dois — e enfiar o revólver de seu pai na cara dos dois e puxar o gatilho várias vezes, até esvaziar o tambor, e então Roman e Bobby nunca mais poderiam matar nenhuma mulher.

Ele podia fazer isso, não podia? Era assim que se fazia nos filmes. Bruce Willis, por exemplo, se alguém matasse a mulher que ele amava, não iria ficar sentado no quarto, segurando os tornozelos, balançando para lá e para cá. Ele ia carregar seu fuzil, certo?

Brendan imaginou a cara gorda de Bobby ao vê-lo, o sujeito implorando: Não, por favor, Brendan! Por favor!

E Brendan dizendo uma coisa bem legal como “Por favor o cacete, seu filho da puta. O favor que lhe faço é mandar você para o inferno!”.

Então ele começou a chorar, ainda balançando o corpo, ainda segurando os tornozelos, porque sabia que não era Bruce Willis e que Bobby O'Donnell era uma pessoa real, não era uma coisa de cinema, e o revólver precisava de uma boa limpeza, e ele nem ao menos sabia se estava carregado, porque tampouco sabia como abrir o troço e, pensando bem, quem podia garantir que sua mão não iria tremer? Quem podia garantir que ela não iria tremer e sacudir-se, como acontecia com seu punho, em seu tempo de criança, quando percebia que não havia escapatória, que ele *teria* de brigar? A vida não era

uma merda de um filme, ela era... a dura realidade. Não era como na tela, em que o bom tinha de ganhar em duas horas, e a gente sabia que ele *ia ganhar* mesmo. Brendan não sabia se estava em condições de agir como um herói. Ele tinha dezenove anos e nunca tivera de enfrentar um desafio daqueles. Mas ele não sabia se podia entrar no local de trabalho de um cara — isso se a sala não estivesse fechada e se não tivesse um monte de outros caras ali por perto — e lhe dar um tiro na cara. Ele não sabia ao certo.

Mas ele sentia a falta dela. Ele sentia demais a sua falta, e a dor de não tê-la por perto — e de saber que ela nunca mais ficaria perto dele — fazia seus dentes doerem tanto que ele tinha de fazer *alguma coisa*, qualquer coisa, nem que fosse para deixar de sentir aquilo por um segundo de sua vida agora desgraçada.

Tudo bem, decidiu ele. Tudo bem. Amanhã eu limpo o revólver. Eu o limpo e vejo se está carregado. Vou limpá-lo, só isso. Vou limpar o revólver.

Ray entrou no quarto ainda de patins, usando seu novo bastão de hóquei como um cajado para avançar cambaleante até a cama. Brendan se levantou rápido, enxugou as lágrimas do rosto.

Ray tirou os patins, olhando para o irmão, e então, usando sinais, lhe perguntou: “Você está bem?”.

Brendan disse: “Não”.

“Posso fazer alguma coisa para ajudar?”

Brendan disse: “Tudo bem, Ray. Não, não pode. Mas não se preocupe com isso”.

“Mamãe disse que assim é melhor para você.”

“O quê?”, disse Brendan.

Ray repetiu os sinais.

“Ah, é?”, disse Brendan. “O que é que ela sabe disso?”

Ray disparou a gesticular. “Se você fosse embora, mamãe ia cair em depressão.”

“Ela superava isso.”

“Talvez sim, talvez não.”

Brendan olhou para o irmão sentado na cama, olhando para seu rosto.

“Não me encha o saco, certo, Ray?” Ele se inclinou para o irmão, pensando no revólver. “Eu a amava.”

Ray devolveu o olhar, o rosto vazio feito uma máscara de borracha.

“Você sabe o que é amar uma pessoa, Ray?”, disse Brendan.

Ray balançou a cabeça.

“É como saber todas as questões da prova, no mesmo instante em que você se senta no banco da escola. É como ter certeza de que tudo vai dar certo para você, pelo resto de sua vida. Você vai dar certo. Durante sua vida você vai ter a sensação de ser um *vencedor*.” Ele deu as costas para o irmão. “Amar é isso.”

Ray bateu na coluna da cama para que o irmão olhasse para ele, e lhe disse: “Você vai amar outra pessoa”.

Brendan caiu de joelhos e aproximou o rosto do de Ray. “Não, nunca. Ponha isso na cabeça, seu tonto. Nunca.”

Ray pôs os pés em cima da cama, depois recuou, e Brendan sentiu vergonha, mas nem por isso menos raiva, porque esse é que era o problema com os mudos: eles sempre dão a impressão de que falar é uma estupidez. Ray sempre se exprimia de uma forma sucinta, dizendo apenas o que queria dizer. Ele não sabia o que era ficar procurando palavras ou falar precipitada e confusamente, pelo fato de a fala ser mais rápida do que a mente.

Ora, Brendan queria abrir o coração, queria que as palavras prorrompessem de sua boca numa torrente apaixonada, impetuosa, não necessariamente coerente, mas absolutamente sincera, para prestar homenagem a Katie, contar o que ela significara para ele e o que sentira ao apertar seu rosto em sua nuca *naquela mesma cama*, entrelaçando os dedos nos seus, esfregando um pouco de creme que lhe ficara no queixo, ou deixando-se ficar ao seu lado num carro, a observar-lhe o olhar travesso quando chegavam aos cruzamentos, ou ouvi-la falar enquanto dormia, e ressonava e...

Ele queria ficar falando por horas. Ele queria que alguém o ouvisse e entendesse que as palavras não servem apenas para comunicar ideias ou opiniões. Às vezes, elas serviam também para tentar explicar vidas inteiras. E mesmo sabendo, mesmo antes de abrir a boca, estar fadado ao fracasso, de certa forma o que importava era o ato de tentar. A única coisa que se possuía era a disposição para tentar.

Mas era impossível para Ray entender isso. Palavras para Ray eram movimentos dos dedos, o subir, o descer e o girar das mãos. Ele nunca as desperdiçava. Ele não sabia o que era aproximação. Ele dizia exatamente o que queria dizer e pronto. Expressar sua dor e sua emoção diante do irmão caçula impassível simplesmente o fazia sentir vergonha. Não ajudaria em nada.

Ele olhou para o irmãozinho assustado, encolhido na cama e olhando para ele com olhos esbugalhados, e então estendeu a mão.

“Desculpe”, disse ele, ouvindo sua voz fraquejar. “Desculpe, Ray. Eu não queria brigar com você.”

Ray apertou a mão do irmão e levantou-se.

“Então, tudo bem?”, fez Ray, os olhos fixos em Brendan como se estivesse pronto a pular pela janela no próximo acesso do irmão.

“Tudo bem”, respondeu Brendan “Sem problemas.”

20. Quando ela voltar

Os pais de Sean moravam em Wingate Estates, uma espécie de grande condomínio fechado composto de pequenas casas revestidas de estuque, a uns cinquenta quilômetros da cidade. Cada conjunto de vinte unidades formava uma seção, e cada seção tinha a sua própria piscina e um centro de convivência onde se faziam bailes nas noites de sábado. Um modesto campo de golfe, em tamanho reduzido e em forma de meia-lua, estendia-se na periferia do complexo, como um pedaço de lua crescente caído na terra, e do final da primavera ao começo do outono o ar se enchia com o ronco dos carrinhos.

O pai de Sean não jogava golfe. Fazia muito tempo que ele chegara à conclusão de que se tratava de um esporte de ricos, e que praticá-lo era uma forma de traição à sua origem operária. Mas a mãe de Sean o experimentara por algum tempo, abandonando-o depois, porque desconfiava que seus companheiros riam disfarçadamente de sua técnica, de seu sotaque e de seus trajes.

Assim, eles levavam uma vida tranquila, na maior parte do tempo solitária, embora Sean soubesse que seu pai tinha feito amizade com um irlandês baixinho e rechonchudo chamado Riley, que também morava em Buckingham antes de ir para Wingate. Riley, outro que não gostava de golfe, às vezes encontrava o pai de Sean e os dois iam beber no Ground Round, do outro lado da rodovia 28. Quanto à mãe de Sean, pessoa de seu natural prestativa, procurava dar assistência aos vizinhos idosos e doentes. Ela os levava de carro à farmácia para aviar receitas, ou ao médico, para que novos medicamentos pudessem se alinhar nas prateleiras, ao lado dos antigos. A mãe dele, à beira dos setenta, sentia-se jovem e animada nessas incursões, e como quase todas as pessoas que ela ajudava eram viúvas, considerava uma bênção de Deus o fato de ambos, ela e o marido, continuarem com saúde.

“Eles se sentem sozinhos”, comentou ela com Sean a propósito de seus amigos enfermos. “E ainda que o médico não lhes diga, é esse mal que os mata aos poucos.”

Muitas vezes, quando passava diante da guarita do guarda à entrada do condomínio, antes de entrar na via principal, com quebra-molas com faixas amarelas a cada dez metros, Sean tinha a impressão de divisar o espectro das ruas e dos bairros que os moradores de Wingate tinham deixado para trás, como se os apartamentos sem água quente, as velhas geladeiras de um branco fosco, as escadas de incêndio de ferro batido e as crianças bagunceiras pairassem sobre aquela paisagem de casinhas de estuque cor de casca de ovo e de gramados eriçados. Ele experimentava um sentimento de culpa irracional, a culpa de um filho que mandou os pais para um lugar afastado. Irracional porque Wingate Estates a rigor não era uma comunidade de pessoas com mais de sessenta anos (embora Sean nunca tivesse visto um morador com idade inferior a essa), e seus pais tinham mudado para lá por iniciativa própria, despedindo-se, de uma vez por todas, das antigas queixas contra a

cidade, contra o barulho, a criminalidade e os engarrafamentos, para se instalarem ali, onde, como dizia o pai, “Você pode andar à noite sem ficar olhando por cima do ombro o tempo todo”.

Ainda assim, Sean sentia como se estivesse em dívida com os pais, como se eles tivessem esperado mais empenho de sua parte para mantê-los perto de si. Sean olhava para aquele lugar e via morte, ou pelo menos uma antessala da morte, e não apenas pelo fato de detestar a ideia de ver os pais ali — esperando a hora em que também *eles* precisassem de alguém que os levasse ao médico —, mas também por odiar a ideia de se ver naquele lugar, ou em algum lugar semelhante. Não obstante, havia poucas chances de que fosse parar em outro lugar. Sobretudo na situação em que se encontrava naquela altura da vida, sem filhos nem uma mulher que cuidasse dele. Estava com trinta e seis anos, já na metade do caminho para Wingate, e a segunda metade do caminho ameaçava passar ainda mais rápido que a primeira.

Sua mãe apagou as velas de seu bolo de aniversário na mesa da salinha de jantar espremida entre a cozinha minúscula e a sala de estar, mais espaçosa, e eles comeram devagar, depois tomaram chá num silêncio perturbado apenas pelo tique-taque do relógio de parede e pelo zumbido do climatizador.

Quando terminaram a refeição, o pai de Sean se levantou. “Eu vou lavar a louça.”

“Não, eu faço isso.”

“Você vai ficar sentada aí.”

“Não, deixe que eu lavo.”

“Não, você é a aniversariante.”

Sua mãe voltou a sentar-se com um risinho, e o pai de Sean empilhou os pratos e levou-os para a cozinha.

“Cuidado com os restos de comida”, disse a mãe.

“Eu tenho cuidado”, disse o pai.

“Se você não limpar bem a pia, vamos ter formigas novamente.”

“Só apareceu uma formiga. Só uma.”

“Não foi só uma”, disse ela a Sean.

“Há seis meses”, disse o pai elevando a voz acima do barulho da água da torneira.

“E camundongos.”

“Nunca apareceu nenhum camundongo aqui.”

“Isso porque eu tomo cuidado para você não deixar restos de comida na pia.”

“Meu Deus”, disse o pai de Sean.

A mãe de Sean bebericou o chá e olhou para o filho por cima da xícara.

“Eu recortei um artigo para Lauren”, disse ela colocando a xícara no pires. “Eu o guardei em algum lugar.”

A mãe de Sean recortava artigos de jornal e os dava ao filho, quando este os vinha visitar. Ou então os enviava pelo correio, em maços de nove ou dez. Sean abria o envelope e os encontrava perfeitamente dobrados, como a lembrar o longo tempo que já se passara desde sua última visita. Os assuntos variavam, mas todos tratavam de problemas

domésticos ou práticos — dicas para manutenção da secadora de roupas; como evitar que os alimentos congelados fiquem ressecados; os prós e os contras da eutanásia; dicas para evitar a ação de batedores de carteira durante as férias; recomendações para homens com ocupações estressantes (Exercite-se para melhorar o seu ritmo cardíaco!). Aquela era a sua forma de demonstrar carinho, Sean o sabia, era como abotoar-lhe o casaco e ajeitar o cachecol quando ele estava de saída para a escola numa manhã fria. Sean ainda se punha a rir quando se lembrava do recorte que chegara dois dias antes da partida de Lauren — “Tente a fecundação *in vitro*!”; seus pais nunca entenderam que ele e Lauren não tinham filhos por opção, quanto mais não fosse pelo medo que tinham (nunca discutido) de não estarem preparados.

Quando finalmente ela ficou grávida, eles esconderam isso dos pais, enquanto decidiam se ela devia ter o bebê, com o casamento em crise. Sean acabara de descobrir que Lauren tinha um caso com um ator, e lhe perguntara “Quem é o pai?”, e ela lhe respondeu: “Se você está tão preocupado, é só fazer um teste de paternidade”.

Eles se furtavam aos convites para jantar com os pais dele, inventavam desculpas para se ausentarem da cidade quando eles precisavam ir lá, e Sean queimava os miolos temendo que o filho não fosse seu, temendo também não desejar aquele filho, ainda que fosse seu.

Desde que Lauren fora embora, a mãe de Sean dizia que “ela estava dando um tempo”, e agora todos os recortes eram destinados a ela, não a ele, como se um dia eles fossem abarrotar de tal modo a gaveta que Lauren seria obrigada a voltar, nem que fosse apenas para conseguirem fechar a gaveta novamente.

“Você falou com ela recentemente?”, perguntou da cozinha o pai de Sean, o rosto escondido por trás da parede verde-menta entre eles.

“Lauren?”

“Hum, hum.”

“Quem mais poderia ser?”, disse a mãe vivamente, enquanto remexia numa gaveta do aparador.

“Ela liga, mas não fala nada.”

“Talvez ela fale pouco porque...”

“Não, o que quero dizer, pai, é que ela não fala absolutamente nada.”

“Nada, nada?”

“Nada.”

“Então como você sabe que é ela?”

“Eu sei.”

“Mas como?”

“Meu Deus”, disse Sean. “Eu ouço a respiração dela, entendeu?”

“Que estranho”, comentou a mãe. “Mas você fala, Sean?”

“Às vezes. Mas cada vez menos.”

“Bem, pelo menos vocês estão se comunicando de alguma forma”, disse sua mãe, colocando os últimos recortes na sua frente. “Diga a ela que estou achando isso muito interessante.” Ela se sentou novamente, depois se pôs a desfazer as dobras da toalha da

mesa, usando ambas as mãos. “Quando ela voltar para casa”, disse ela, observando uma dobrinha sumir sob suas mãos.

“Quando ela voltar”, repetiu ela, num fiozinho de voz, tal a voz de uma freira, segura da ordem essencial das coisas.

“Dave Boyle”, disse Sean a seu pai uma hora depois, estando os dois sentados a uma das grandes mesas do Ground Round. “Lembra-se do dia em que ele desapareceu da frente de nossa casa?”

O pai franziu o cenho, depois se concentrou em derramar um resto de Killian em sua caneca gelada. Quando as últimas gotas caíram na caneca, e a espuma estava próxima da borda, ele disse: “Você não podia olhar isso nos jornais da época?”.

“Bem...”

“Por que você vem perguntar a mim? Merda. Passou na televisão.”

“Não quando o sequestrador foi preso”, disse Sean, esperando que com aquilo seu pai parasse de insistir em saber por que viera procurá-lo. Porque o próprio Sean ainda não sabia ao certo a razão.

De certa forma ele contava que o pai o colocasse no contexto do acontecimento, que o ajudasse a se ver tal como era na época, de uma forma que os jornais antigos não poderiam fazê-lo. Ou talvez ele esperasse poder conversar com o pai sobre assuntos que fugissem ao meramente trivial, as notícias do dia ou a necessidade que tinha o Red Sox de contratar um lançador canhoto.

Às vezes parecia a Sean que ele e o pai já tinham conversado sobre coisas mais importantes (da mesma forma que acontecera com Lauren), mas Sean não conseguia lembrar que coisas eram essas. Na névoa confusa de suas lembranças da juventude, ele temia ter inventado momentos de intimidade e de comunicação franca entre ele e o pai que, embora assumissem dimensões míticas com o passar dos anos, na verdade nunca tinham acontecido.

Seu pai era um homem dado a silêncios e meias palavras que não levavam a nada, e Sean passara boa parte de sua vida tentando interpretar aqueles silêncios, preencher os vazios daquelas elipses, procurando entender o que o pai *queria* dizer. E nos últimos tempos Sean se perguntava se ele próprio terminava as suas frases, e se também ele era um sujeito dado a silêncios, silêncios que ele observara em Lauren, com os quais ele pouco se preocupara, até o momento em que restou apenas o silêncio. O silêncio e sua respiração ao telefone, quando ela ligava.

“Por que você quer desenterrar essas coisas?”, disse ele finalmente.

“Você sabe que a filha de Jimmy Marcus foi assassinada?”

O pai o fitou. “A moça do Pen Park?”

Sean confirmou.

“Eu vi o nome no jornal”, disse o pai. “Imaginei que fosse alguém da família. Mas era a filha dele?”

“Sim.”

“Ele tem a sua idade, e tinha uma filha de dezenove anos?”

“Ela nasceu quando ele tinha uns dezessete anos, acho, dois anos antes de ele ser mandado para Deer Island.”

“Meu Deus”, disse o pai. “O pobre filho da puta. O pai dele ainda está na cadeia?”

“Ele morreu, pai”, respondeu Sean.

Sean percebeu que a resposta abalou seu pai, lançara-o de volta à cozinha da Gannon Street, quando ele e o pai de Jimmy passavam as tardes de sábado bebericando sua cerveja enquanto os filhos brincavam no quintal, as sonoras gargalhadas ressoando por toda a casa.

“Merda”, disse o pai. “Pelo menos ele estava solto quando morreu?”

Sean pensou em mentir, mas já estava balançando a cabeça. “Morreu na cadeia. Em Walpole. Cirrose.”

“Quando?”

“Pouco depois que você se mudou. Há seis anos, talvez sete.”

Os lábios de seu pai se abriram, balbuciando um silencioso “sete”. Ele sorveu sua cerveja, e as manchas senis das costas de sua mão pareciam mais escuras à luz amarela da lâmpada acima deles. “É tão fácil perder a conta dos anos. Perder a noção do tempo.”

“Desculpe-me, pai.”

O pai fez uma careta. Era a única resposta que ele tinha para uma demonstração de simpatia ou alguma saudação. “Por quê? Não foi culpa sua. Diabo, Tim condenou a si mesmo quando matou Sonny Todd.”

“Por causa de uma partida de bilhar, não foi?”

Seu pai deu de ombros. “Os dois estavam bêbados. Quem é que ainda se lembra de como tudo começou? Os dois estavam bêbados, os dois não tinham papas na língua e eram mal-humorados. Tim era só um pouco pior do que Sonny Todd.” O pai tomou mais um pouco de cerveja. “Mas o que é que o sequestro de Boyle tem a ver com... como é mesmo o nome dela? Katherine? Katherine Marcus?”

“Sim.”

“O que é que tem a ver uma coisa com a outra?”

“Não estou dizendo que tem.”

“E não está dizendo que não tem.”

Sean sorriu sem querer. Se o colocassem diante de um criminoso contumaz num interrogatório, de um sujeito que procurasse fazer a própria defesa por conhecer o sistema melhor que a maioria dos juizes, Sean saberia como dobrá-lo. Mas quando se tratava do pessoal mais velho, dos ossos duros de roer da geração de seu pai — operários desabusados e sem nenhum respeito pelas instituições —, você podia pressioná-los a noite inteira e, se não quisessem falar, amanheceria o dia e lá estaria você com todas as perguntas ainda por responder.

“Ora, pai, por enquanto não vamos nos preocupar com possíveis ligações entre um caso e outro.”

“Por que não?”

Sean levantou a mão. “Por favor. O senhor pode fazer isso só para me agradar?”

“Sim, claro. É por isso que continuo vivo, para ter a oportunidade de contentar meu filho.”

Sean sentiu a própria mão se crispar na asa da caneca. “Dei uma olhada no caso do sequestro de Dave. O investigador que cuidou do caso já morreu. Ninguém mais se lembra do caso, e ele foi dado como não resolvido.”

“E daí?”

“Daí que eu lembro que você entrou no meu quarto um ano depois da volta de Dave e disse: ‘Acabou. Pegaram os caras’.”

O pai sacudiu os ombros. “Pegaram um deles.”

“Então por que...?”

“Em Albany”, disse o pai. “Vi as fotos no jornal. O sujeito confessou ter cometido estupros em Nova York e também em Massachusetts e Vermont. Ele se enforcou na cela antes de poder entrar em detalhes. Mas o rosto dele era parecido com o do retrato falado feito pelo policial em nossa cozinha.”

“Tem certeza?”

Ele fez que sim. “Cem por cento. O responsável pelo caso era...”

“Flynn”, disse Sean.

O pai aquiesceu. “Mike Flynn. Isso mesmo. Continuei mantendo algum contato com ele. Então liguei para ele quando vi a foto no jornal, e ele disse sim, era o mesmo cara. E Dave confirmou.”

“Qual dos dois?”

“Ahn?”

“Qual dos dois caras?”

“Oh. O... como é que vocês o descreveram? ‘O sebento com cara de sono.’”

As palavras de Sean quando criança lhe soaram estranhas na boca de seu pai, do outro lado da mesa. “O passageiro.”

“Sim.”

“E o cúmplice?”, perguntou Sean.

O pai balançou a cabeça. “Morreu numa batida de carro. Ou pelo menos foi isso que o outro disse. Isso pelo que sei. Mas não dá para botar muita fé no que sei. Diabo, por que você veio me falar que Tim Marcus morreu?”

Sean bebeu o resto de cerveja de sua caneca e apontou para a caneca vazia do pai. “Mais uma?”

O pai ficou olhando o copo por um instante. “Que diabo. Claro.”

Quando Sean voltou do balcão com mais cerveja, o pai estava vendo o programa *Jeopardy*, que estava passando, com o som quase inaudível, na televisão acima do balcão. Quando Sean se sentou, o pai perguntou: “Quem é Robert Oppenheimer?”

“Com o volume tão baixo, como o senhor tem certeza de ter entendido bem?”

“Tenho certeza porque tenho”, disse o pai, colocando um pouco de cerveja na caneca,

franzindo o cenho ante a estupidez da pergunta do filho. “Vocês, rapazes, fazem isso o tempo todo. Nunca vou entender isso.”

“Fazem o quê? Que rapazes?”

O pai fez um gesto em sua direção com a caneca de cerveja. “Caras de sua idade. Vocês fazem um monte de perguntas sem pensar que a resposta pode estar na cara, é só botar a cabeça para pensar.”

“Oh”, fez Sean. “Certo.”

“Como essa história de Dave Boyle”, disse o pai. “Que importa o que aconteceu a Dave há vinte e cinco anos? Ele ficou desaparecido por quatro dias e ficou nas mãos de dois estupradores de crianças. O que aconteceu é exatamente o que a gente imagina que aconteceu. Mas aí vem você querer desenterrar o passado porque...” O pai tomou um gole. “Diabo, não consigo entender por quê.”

Seu pai deu um riso perplexo, a que Sean correspondeu.

“Ora, pai.”

“Sim...”

“Vai me dizer que você nunca removeu nada de seu passado, que nunca ficou dando tratos à bola para entender o que aconteceu?”

O pai soltou um suspiro. “A questão não é essa.”

“Claro que é.”

“Não, não é. Desgraça acontece a todo mundo, Sean. Todo mundo. Você não é exceção. Mas o pessoal de sua geração gosta de passar a vida remoendo o passado. Vocês não conseguem evitar isso. Você tem alguma prova de que Dave está envolvido na morte de Katherine Marcus?”

Sean riu. O velho ficara dando voltas, provocando-o com aquele discurso sobre “a sua geração”, quando na verdade estava querendo saber o tempo todo se Dave tinha alguma coisa a ver com a morte de Katie.

“Digamos que algumas circunstâncias nos levam a achar que vale a pena ficar de olho nele.”

“Você chama isso de resposta?”

“Você chama isso de pergunta?”

Um enorme sorriso iluminou o rosto de seu pai, rejuvenescendo-o uns quinze anos — aquele mesmo sorriso que, Sean bem lembrava, espalhava-se pela casa inteira quando ele era jovem, iluminando todo o ambiente.

“Quer dizer que você me interroga sobre Dave porque imagina que o que fizeram com ele pode tê-lo transformado num assassino de mocinhas.”

Sean sacudiu os ombros. “É mais ou menos isso.”

Seu pai refletiu um pouco enquanto mexia nos amendoins da tigelinha que estava entre eles, e tomou um pouco de cerveja. “Acho que não.”

Sean soltou um risinho. “Você o conhece tão bem assim?”

“Não. Só me lembro dele quando criança. Não era uma pessoa que fizesse uma coisa dessas.”

“Muitas crianças boazinhas se transformam em adultos que cometem crimes inimagináveis.”

O pai ergueu uma sobrancelha. “Está querendo me dar lições sobre a natureza humana?”

Sean balançou a cabeça. “Só estou falando de minha experiência na polícia.”

O pai recostou-se na cadeira, ficou olhando para Sean com um sorriso no canto dos lábios. “Vamos, me esclareça.”

Sean sentiu que corava um pouco. “Ora, não, eu só...”

“Por favor.”

Sean se sentiu ridículo. Era de espantar a rapidez com que o pai conseguia transformar uma série de observações que a maioria das pessoas consideraria absolutamente normais numa mera tentativa pomposa, da parte do pequeno Sean, de bancar o adulto.

“Reconheça pelo menos isso: aprendi algumas coisas sobre as pessoas e sobre o crime. Afinal de contas, é o meu trabalho.”

“Você acha então que Dave poderia ter barbarizado uma moça de dezenove anos, Sean? Dave, com quem você brincava no quintal? Aquele menino?”

“Acho que qualquer um é capaz de qualquer coisa.”

“Então eu poderia ter cometido o crime”, disse o pai, levando a mão ao peito. “Ou a sua mãe.”

“Não.”

“Talvez seja bom você verificar os nossos álibis.”

“Pelo amor de Deus, eu não disse isso.”

“Claro que disse. Você disse que qualquer um é capaz de qualquer coisa.”

“Se tiver um motivo.”

“Oh”, disse o pai elevando o tom de voz. “Bem, eu não tinha ouvido essa parte.”

Lá estava ele novamente — preparando-lhe armadilhas, interrogando Sean da mesma forma que este interrogava os suspeitos. Ele aprendera de um mestre.

Os dois ficaram em silêncio por um instante, e finalmente o pai disse: “Ora, talvez você tenha razão”.

Sean olhou para ele, esperando pela continuação da frase.

“Talvez Dave tenha feito mesmo o que você imagina. Não sei. Estou só me lembrando do menino. Não conheço o homem.”

Então Sean tentou se ver pelos olhos do pai. Ele se perguntava se não era aquilo que seu pai via — o menino, não o homem — quando olhava para o filho. Com certeza é muito difícil olhar de outro modo.

Ele se lembrava da forma como seus tios falavam com seu pai, o irmão mais novo numa família de doze que emigrara da Irlanda quando seu pai tinha cinco anos. O “velho Bill”, diziam eles, referindo-se a Bill Devine, anterior ao nascimento de Sean. O “brigão”. Só então Sean percebeu que havia nas vozes dos tios uma ponta daquela superioridade típica da antiga geração em relação à nova, pois a maioria dos tios tinha pelo menos doze

ou quinze anos mais que o caçula.

Agora todos estavam mortos. Os onze irmãos e irmãs de seu pai. E lá estava o caçula da família, aproximando-se dos setenta e cinco, entocado numa região afastada da cidade, ao lado de um campo de golfe que ele nunca usava. Era o único que restara, e também o mais novo, sempre o mais novo, sempre pronto a se irritar à menor suspeita de condescendência em relação a ele, principalmente quando se tratava de seu filho. Disposto a se isolar do mundo inteiro, se fosse preciso, para não ter de suportar uma atitude como aquela, real ou imaginária. Porque todos os que tinham o direito de tratá-lo daquela maneira já tinham deixado este mundo.

O pai olhou para a cerveja de Sean e pôs algumas notas de um dólar na mesa, à guisa de gorjeta.

“Então? Não tem mais perguntas a fazer?”, perguntou ele.

Eles atravessaram de volta a rodovia 28, entrando em seguida na rua principal do conjunto, com seus quebra-molas amarelos e seus regadores automáticos.

“Sabe uma coisa de que sua mãe gosta?”, perguntou o pai.

“O quê?”

“Ela gosta quando você escreve para ela. Sabe, quando você manda um cartão de vez em quando, sem nenhum motivo especial. Ela diz que você manda uns cartões engraçados e que gosta do jeito como você escreve. Ela os guarda numa gaveta, no quarto. Ela tem um do tempo em que você ainda estava na faculdade.”

“Legal.”

“Mande um de vez em quando, entende?”

“Claro.”

Eles chegaram ao carro de Sean e o pai olhou para as janelas de sua casa, já com as luzes apagadas.

“Será que ela já foi dormir?”, perguntou Sean.

O pai confirmou. “Ela vai levar a senhora Coughlin para a fisioterapia amanhã de manhã.” O pai estendeu a mão de repente e apertou a mão de Sean. “Foi bom a gente se ver.”

“Também achei.”

“Você acha que ela vai voltar?”

Sean não precisou perguntar quem era “ela”.

“Não sei. Realmente não sei.”

O pai olhou para ele sob a fraca luz amarela do poste, e Sean percebeu que o pai sofria sabendo que o filho não estava bem, sabendo que fora abandonado, machucado, que aquilo deixava uma marca indelével, que lhe roubava algo que nunca mais seria recuperado.

“Bem”, disse o pai. “Você parece estar bem. Parece que está se cuidando. Você não está bebendo demais, está?”

Sean balançou a cabeça. “Só estou trabalhando muito.”

“Trabalhar é bom”, comentou o pai.

“Sim”, disse Sean, com a sensação de que alguma coisa amarga lhe subia pela garganta.

“Então...”

“Então.”

O pai deu-lhe um tapinha no ombro. “Então, tudo bem. Não se esqueça de ligar para sua mãe no domingo”, disse ele, e deixou Sean junto ao carro, andou até a porta de casa com passos vigorosos de um homem vinte anos mais jovem.

“Até mais”, disse Sean, e o pai ergueu a mão, despedindo-se.

Sean acionou o controle remoto para abrir o carro, e já estava com a mão na maçaneta quando ouviu o pai dizer “Ei”.

“Sim?” Ele olhou para trás e viu o pai de pé, ao lado da porta, a metade superior do corpo mergulhada na penumbra.

“Você fez bem em não entrar no carro naquele dia. Lembre-se disso.”

Sean encostou-se no carro, as mãos apoiadas no capô, e tentou enxergar o rosto do pai na escuridão.

“Mas a gente devia ter defendido Dave.”

“Vocês eram crianças”, disse o pai. “Não podiam adivinhar. E mesmo que pudessem, Sean...”

Sean deixou aquela meia frase no ar. Ele tamborilou na capota e procurou os olhos do pai na penumbra. “É o que sempre digo para mim mesmo.”

“E aí?”

Sean sacudiu os ombros. “Eu ainda acho que a gente *devia* ter adivinhado. Não sei como. Você não acha?”

Por um longo minuto, nenhum dos dois disse nada, e Sean ouviu o cricrilar dos grilos em meio ao silvo dos regadores.

“Boa noite, Sean”, a voz do pai ergueu-se em meio ao ruído dos regadores.

“Boa noite”, disse Sean, e esperou que o pai desaparecesse, em seguida entrou no carro e foi para casa.

21. Duendes

Dave estava na sala de estar quando Celeste chegou em casa. Estava sentado no canto do sofá de couro estragado, com duas pilhas de latas de cerveja vazias ao seu lado, no braço do sofá, uma lata cheia na mão e o controle remoto na coxa. Assistia a um filme em que todo mundo, ao que parecia, berrava a plenos pulmões.

Celeste tirou o casaco no corredor, viu a luz refletindo-se no rosto do marido, ouviu os gritos que se elevavam cada vez mais, cada vez mais aterrorizados, em meio a efeitos sonoros hollywoodianos de mesas quebradas e do que parecia ser o ruído de corpos sendo destroçados.

“O que você está vendo?”, ela perguntou.

“Um filme de vampiro”, disse Dave, os olhos fixos na tela enquanto levava a lata de cerveja aos lábios. “O vampiro-chefe está matando todo mundo na festa dos caçadores de vampiros. Eles trabalham para o Vaticano.”

“Quem?”

“Os caçadores de vampiros. Oh, merda”, disse Dave. “Ele acabou de arrancar fora a cabeça do cara.”

Celeste entrou na sala de estar e viu um homem de preto precipitar-se pela sala, agarrar uma mulher aterrorizada e quebrar-lhe o pescoço.

“Argh, que horror, Dave.”

“Não, é legal, porque agora James Woods está furioso.”

“Quem é James Woods?”

“O chefe dos matadores de vampiros. Ele é foda.”

Agora ela o via — James Woods num casaco de couro e calças justas; ele pegou uma espécie de arco e apontou para o vampiro. Mas o vampiro era muito rápido. Ele jogou James Woods do outro lado da sala como se este fosse uma mariposa, e então outro sujeito entrou correndo na sala, atirando no vampiro com uma pistola automática. Pelo visto aquilo não adiantava nada, mas de repente eles foram embora e deixaram o vampiro de lado, como se tivessem coisas mais urgentes a fazer.

“Aquele não é um dos irmãos Baldwin?”, perguntou Celeste. Ela se sentou num braço do sofá, junto do encosto, e apoiou a cabeça na parede.

“Acho que sim.”

“Qual deles?”

“Não sei. Não estou mais acompanhando.”

Na tela, os personagens atravessavam um quarto de motel com uma tal quantidade de cadáveres que ela nunca julgaria possível caberem em tão pouco espaço. Dave disse: “Cara, o Vaticano vai ter que treinar toda uma nova equipe de matadores de vampiros”.

“O que é que o Vaticano tem contra os vampiros?”

Dave sorriu e olhou para ela com seu sorriso infantil e seus belos olhos. “Eles são um grande problema, querida. Todo mundo sabe que eles são ladrões de cálices.”

“Ladrões de cálices?”, disse ela, sentindo uma tremenda vontade de passar a mão no cabelo dele, agora que aquela discussão idiota dissipava as trevas daquele dia horrível. “Eu não sabia disso.”

“São, sim. Um grande problema”, disse Dave, e tomou sua cerveja enquanto James Woods, o irmão Baldwin e uma moça com cara de drogada, perseguidos por um vampiro obstinado, corriam por uma estrada vazia numa caminhonete. “Onde você estava?”

“Fui levar o vestido na funerária.”

“Há horas”, disse Dave.

“Senti vontade de sentar em algum lugar e pensar, sabe?”

“Pensar”, disse Dave. “Claro.” Ele se levantou do sofá, foi à cozinha e abriu a geladeira. “Quer uma?”

Na verdade ela não queria, mas disse que sim.

Dave voltou para a sala e lhe passou a cerveja. Em geral, o fato de ele abrir ou não a lata de cerveja para ela era um bom indicador do seu estado de humor. Ele abria a lata, mas ela não sabia ao certo se ele estava de bom ou de mau humor. Ela não estava conseguindo sondá-lo.

“Bom, sobre o que você andou pensando?” Ele abriu sua lata de cerveja e o barulho que fez foi mais alto que o cantar dos pneus na televisão, quando a caminhonete arrancou.

“Oh, você sabe.”

“Não, Celeste, sinceramente não sei.”

“Coisas”, disse ela, tomando um gole de cerveja. “O dia, a morte de Katie, os pobres Jimmy e Annabeth, essas coisas.”

“Essas coisas”, disse Dave. “Sabe em que eu estava pensando quando estava voltando para casa com Michael, Celeste? Eu estava pensando em como deve ter sido ruim para ele saber que sua mãe saiu sem dizer a ninguém aonde estava indo nem quando ia voltar. Fiquei pensando nisso um bocado.”

“Eu disse a você, Dave.”

“Você me disse o quê?” Ele olhou para ela e sorriu novamente, mas dessa vez não foi um riso infantil. “Você me disse o quê, Celeste?”

“Só fiquei com vontade de pensar. Desculpe não ter ligado. Mas foram dois dias muito duros. Sinto como se já não fosse eu mesma.”

“Como todo mundo.”

“Como?”

“É como nesse filme”, disse ele. “Eles não sabem quem é vampiro e quem é gente de verdade. Já vi algumas partes dele antes. Sabe o Baldwin? Ele vai se apaixonar pela moça loira, mesmo sabendo que ela foi mordida pelo vampiro, e vai se transformar num vampiro. Mas ele não se importa, entende? Porque ele a ama. Mas ela é uma sugadora de sangue. Ela vai chupar seu sangue e transformá-lo num morto-vivo. Esse é o grande problema do vampirismo, Celeste — ele tem algo que seduz. Mesmo sabendo que aquilo

vai matá-lo, que vai perder a sua alma por toda a eternidade, que você vai passar o tempo todo mordendo o pescoço das pessoas, escondendo-se do sol e, bem, dos comandos do Vaticano. Talvez um dia você acorde e nem se lembre mais de como era ser gente. Talvez isso aconteça, e tudo bem. Você foi envenenado, mas o veneno não é assim tão ruim, desde que você aprenda a viver com ele.” Ele pôs os pés na mesinha de centro, tomou um grande gole de cerveja. “Pelo menos é isso que eu penso.”

Celeste ficou quieta, sentada no braço do sofá, olhando para o marido. “Dave, de que diabo você está falando?”

“De vampiros, querida. De lobisomens.”

“Lobisomens? Não estou entendendo o que você está dizendo.”

“Não? Você acha que eu matei Katie, Celeste. É isso que tem para entender.”

“Eu não... De onde você tirou isso?”

Ele mexeu no anel da lata de cerveja com a unha. “Você mal conseguia olhar para mim na cozinha da casa de Jimmy antes de sair. Você estava segurando o vestido como se ela ainda o estivesse usando, e não conseguia nem olhar para mim. Comecei a pensar sobre isso. Pensei: por que a minha própria mulher sente asco de mim? E então me veio uma luz: Sean. Ele lhe disse alguma coisa, não disse? Ele e o outro desgraçado interrogaram você.”

“Não.”

“Não? Mentira.”

Celeste não estava gostando nada de vê-lo tão calmo. Ela podia atribuir aquilo à cerveja, pois a bebida sempre o acalmava, mas agora havia alguma coisa de ruim naquela atitude, como se ele estivesse reprimindo uma coisa muito ruim dentro de si.

“David...”

“Ah, agora é ‘David’.”

“...eu não estou pensando nada. Só estou confusa.”

Ele balançou a cabeça e olhou para ela. “Bem, então vamos conversar, minha querida. Essa é a base de todo bom relacionamento: um bom diálogo.”

Ela tinha cento e quarenta e sete dólares em sua conta e um limite de quinhentos dólares no cartão Visa, sendo que cinquenta e dois já tinham sido gastos. Mesmo que ela conseguisse levar Michael dali, não iriam muito longe. Duas ou três noites num motel qualquer, e Dave haveria de achá-los. Ele nunca fora um estúpido. Celeste tinha certeza de que ele os encontraria.

O saco de lixo. Ela daria o saco de lixo a Sean Devine, e então se poderia achar sangue nas roupas de Dave, ela tinha certeza. Ela ouvira falar dos grandes avanços da tecnologia do dna. Eles iam achar o sangue de Katie nas roupas e prenderiam Dave.

“Ora”, disse Dave. “Vamos conversar, querida. Vamos pôr as cartas na mesa. Falo sério. Para que eu possa... como direi? *Aplacar* seu medo.”

“Eu não estou com medo.”

“Você parece assustada.”

“Não estou.”

“Tudo bem.” Ele tirou os pés da mesinha de centro. “Então me diga o que a está incomodando, querida.”

“Você está bêbado.”

Ele fez que sim. “Estou. Mas isso não quer dizer que eu não possa conversar.”

Na televisão, o vampiro estava decapitando mais um, e dessa vez um padre.

Celeste disse: “Sean não me fez perguntas. Eu ouvi os dois conversando quando você foi comprar cigarros para Annabeth. Não sei o que você disse a eles um pouco antes, Dave, mas eles não acreditam no que você contou. Eles sabem que você estava no Last Drop pouco antes de ele fechar.”

“O que mais?”

“Uma pessoa o viu no estacionamento do bar na hora em que Katie saiu. E eles não acreditam na explicação que você deu para o machucado de sua mão.”

Dave ergueu a mão diante de si, flexionando-a. “Só isso?”

“Foi isso que eu ouvi.”

“E o que foi que você concluiu disso tudo?”

Ela quase o tocou novamente. Por um momento, seu corpo deixou de representar uma ameaça, exprimindo antes derrota. Dava para notar isso em seus ombros e em suas costas, e ela quis estender a mão para afagá-lo, mas se conteve.

“Dave, só queria que você falasse do assaltante.”

“Do assaltante.”

“Sim. Talvez você tenha que comparecer ao tribunal. Qual é o problema? É muito melhor do que ser acusado de homicídio.”

É agora, pensou ela. Diga que você não fez isso. Diga que não viu Katie saindo do Last Drop. Diga, Dave.

“Eu sei o que você está pensando”, disse ele. “Sei muito bem. Cheguei em casa coberto de sangue no mesmo dia em que Katie foi morta. Certamente eu a matei.”

Celeste deixou escapar: “E então?”

Dave deixou a cerveja de lado e começou a rir. Seus pés se ergueram do chão e ele se deixou cair nas almofadas do sofá, rindo sem parar. Ele ria como se tivesse tendo um ataque de riso, parava para tomar fôlego, começava a rir outra vez. Ele riu até lhe correrem lágrimas pelo rosto, o corpo todo a sacudir-se. “Eu...eu...eu...eu...” Ele não conseguia falar. O riso era forte demais. Os ataques se sucediam e as lágrimas agora eram copiosas, escorriam-lhe pelo rosto, ficavam suspensas e trêmulas nos lábios, entravam na boca aberta.

Agora não havia dúvida. Celeste nunca ficara tão assustada em toda a sua vida.

“Rá, rá, rá, Henry”, disse ele, o riso finalmente se abrandando.

“O quê?”

“Henry”, disse ele. “Henry e George, Celeste. Eram os seus nomes. Não é engraçadíssimo? E George, vou lhe dizer uma coisa, era um sujeito esquisito. Mas Henry, esse era um sujeito muito mau.”

“De quem você está falando?”

“Henry e George”, disse ele animadamente. “Estou falando de Henry e de George. Eles me levaram para dar um passeio. Um passeio de quatro dias. E eles me enfiaram num porão com um saco de dormir velho jogado no chão, e puxa, Celeste, eles se esbaldaram. E ninguém apareceu para ajudar o velho Dave. Ninguém invadiu o local para resgatar Dave. Dave teve que fingir que aquilo estava acontecendo com outra pessoa. Ele teve que se fazer forte de mente a ponto de poder se *dividir* em dois. Foi isso que Dave fez. Dave morreu. O menino que saiu daquele porão, eu não sei quem diabo ele era — bem, na verdade sou eu —, mas com toda a certeza não era Dave. Dave tinha morrido.”

Celeste não conseguia falar. Em oito anos, Dave nunca falara sobre o que todos sabiam que tinha acontecido com ele. Ele dissera a ela que estava brincando com Sean e Jimmy, que fora sequestrado e fugira, e só. Ele nunca lhe dissera os nomes dos homens. Ele nunca lhe contara sobre o saco de dormir. Ele nunca lhe contara nada daquilo. Era como se naquele momento eles estivessem acordando do sonho de seu casamento e se defrontando, contra a sua vontade, com todas as racionalizações, meias mentiras, desejos recônditos e eus ocultos que tinham construído. Eles contemplavam a sua derrocada, sob a ação avassaladora da verdade. A verdade é que eles não se conheciam de fato, apenas esperavam que um dia isso viesse a acontecer.

“Sabe de uma coisa?”, disse Dave. “É como eu estava falando a propósito dos vampiros, Celeste. É a mesma coisa. A mesmíssima coisa.”

“O que é a mesma coisa?”, perguntou ela num sussurro.

“Você não consegue livrar-se. Se a coisa está em você, aí fica.” Ele fitou novamente a mesinha de centro e Celeste teve a impressão de que ele lhe escapava.

Ela pôs a mão no braço dele. “Dave, de que é que a gente não pode se livrar? O que é a mesma coisa?”

Dave olhou para a mão dela como se estivesse prestes a mordê-la, como se quisesse arrancá-la do punho. “Não posso confiar mais em minha mente, Celeste. Estou avisando. Eu não posso mais.”

Ela retirou a mão, que ficou entorpecida na região que tocara o braço de Dave.

Dave se levantou, cambaleante. Ele inclinou a cabeça e olhou para ela como se não a conhecesse e se perguntasse como fora parar em seu sofá. Olhou para a tela da televisão no momento em que James Woods disparava o arco contra o peito de alguém. Dave sussurrou: “Acabe com eles, matador de vampiros. Acabe com eles todos”.

Ele se voltou novamente para Celeste, fez-lhe uma careta de bêbado. “Eu vou sair.”

“Tudo bem”, disse ela.

“Vou dar uma saída para pensar.”

“Sim”, disse Celeste. “Está bem.”

“Se eu conseguir entender isso, tudo vai dar certo. Eu só preciso entender isso.”

Celeste não perguntou o que era “isso”.

“Então está bem”, disse ele, dirigindo-se à porta do apartamento. Ele já abrira a porta e cruzara o vestíbulo quando Celeste viu a mão dele segurando o batente e enfiando a cabeça pela abertura. Só a cabeça.

“Eu já cuidei da sujeira”, disse ele.

“O quê?”

“O saco de lixo. Aquele em que você pôs minhas roupas e o resto. Eu o joguei fora, ainda há pouco.”

“Ah”, murmurou ela, voltando a sentir a ânsia de vômito.

“Então, até mais tarde.”

Ela ficou ouvindo o barulho dos passos até eles chegarem ao térreo. Ela ouviu a porta da frente se abrindo e Dave saindo do prédio, descendo os degraus da entrada. Ela foi aos degraus que levavam ao quarto de Michael e ouviu a respiração profunda do filho, mergulhado no sono. Então ela foi ao banheiro e vomitou.

Ele não estava conseguindo descobrir onde Celeste estacionara o carro. Às vezes, principalmente quando havia nevasca, era preciso andar uns oito quarteirões para encontrar vaga; naquela noite, portanto, Celeste podia ter estacionado no Point, embora tivesse visto espaços vagos perto do edifício. Melhor assim. Ele estava zozinho demais para dirigir. Talvez uma longa caminhada o ajudasse a pôr a cabeça no lugar.

Ele andou na Crescent até a Buckingham Avenue, entrou à esquerda, perguntando-se por que diabos tinha tentado explicar as coisas a Celeste. Por Deus, ele tinha até falado os nomes — Henry e George. Ele chegara a falar, alto e bom som, em lobisomens. Merda.

E agora não havia mais dúvida — a polícia suspeitava dele. Ele estava sendo vigiado. Já não era um velho amigo do passado. Aquela fase já passara, e agora Dave se lembrava do que o desagradava em Sean, quando eles eram crianças: aquele sentimento de superioridade, a certeza de que sempre tinha razão, como a maioria dos meninos que tinham a sorte — era exatamente isso, sorte — de ter ambos os pais, uma bela casa, roupas novas e equipamentos esportivos.

Foda-se Sean. Fodam-se aqueles olhos. E aquela voz. E a forma como as mulheres ficaram na cozinha quase abaixando as calcinhas quando ele entrou. Foda-se ele e foda-se a sua boa pinta. Foda-se ele, foda-se sua atitude de superioridade moral, suas histórias divertidas, sua arrogância de policial e seu nome no jornal.

Dave também não era estúpido. Ele estaria pronto para enfrentar a parada quando pusesse a cabeça no lugar. Ele só precisava pôr a cabeça no lugar. Se para isso tivesse de arrancá-la do pescoço e atarraxá-la de volta, ele seria capaz de arranjar uma forma de fazer isso.

O grande problema agora era que o Menino Que Escapou dos Lobos e Cresceu estava se mostrando demais. Dave contava que o que fizera no sábado à noite pudesse resolver esse problema, mandá-lo de volta para o fundo da floresta de sua mente. Naquela noite ele queria sangue, queria infligir uma dor terrível. E Dave o atendera.

No começo foram só uns soquinhos, um pontapé. Mas pouco a pouco, dominado pela raiva que fervia cada vez mais à medida que o Menino crescia dentro dele, Dave perdeu o controle. E o Menino não era nada bonzinho. O Menino só se acalmava quando via

miolos espalhados por toda parte.

Mas depois o Menino ia embora. Ele ia embora e Dave é que tinha de limpar a sujeira. E Dave limpava. Dave fizera um belo trabalho. (Talvez não tão bom como desejara, mas ainda assim muito bom.) E ele o fez principalmente para que o Menino ficasse longe por um tempo.

Mas o Menino era fogo. Lá estava ele novamente batendo na porta, dizendo a Dave que iria sair de qualquer maneira. Temos coisas a fazer, Dave.

A avenida lhe parecia um pouco embaçada, parecia oscilar sob seus pés, mas Dave sabia que ele e o Menino estavam se aproximando do Last Drop. Eles estavam se aproximando da zona dominada por drogados e prostitutas que vendiam alegremente o que fora arrancado de Dave à força.

Arrancaram de mim, disse o Menino. Você cresceu. Não tente carregar a minha cruz.

O pior eram os meninos. Eles eram como duendes. Surgiam de vestíbulos ou das carcaças de carros e propunham uma chupada, ofereciam trepadas a vinte dólares. Faziam qualquer coisa.

O mais novo, que Dave vira sábado à noite, não devia ter mais de onze anos. Ele tinha cascões de sujeira em volta dos olhos, uma pele branquíssima e uma cabeleira ruiva desgrenhada, que só lhe aumentava a semelhança com um duende. Ele podia estar em casa vendo televisão, mas estava ali na rua oferecendo chupadas a drogados.

Dave o avistara do outro lado da rua, quando saiu do Last Drop e se aproximou de seu carro. O menino estava encostado no poste, fumando um cigarro, e quando seu olhar cruzou com o de Dave, Dave sentiu aquilo. O estremecimento. O desejo de se abandonar. De tomar o menino de cabelos ruivos pela mão e ir com ele a um cantinho. Seria tão fácil, tão relaxante, seria tão bom abandonar-se. Abandonar-se àquilo que ele vinha sentindo havia pelo menos uns dez anos.

Sim, disse o Menino. Faça isso.

Mas (e era então que o cérebro de Dave se dividia em dois) no fundo de sua alma ele sabia que aquele seria o pior dos pecados. Ele sabia que aquilo seria ultrapassar um limite — por mais tentador que fosse — que não tinha caminho de volta. Ele sabia que se cruzasse aquela fronteira nunca mais voltaria a ser íntegro, que então seria melhor ter ficado no porão com Henry e George pelo resto da vida. Ele costumava repetir aquilo quando passava por pontos de ônibus cheio de estudantes, parquinhos, piscinas públicas na época do calor. Ele dizia a si mesmo que não iria ser como Henry e George. Ele era melhor do que aqueles dois. Ele estava criando um filho. Ele amava sua esposa. Ele seria forte. Era isso que ele repetia para si mesmo, cada vez mais, com o passar dos anos.

Mas aquilo não estava adiantando naquele sábado. Naquela noite, o desejo era mais forte do que nunca. O menino ruivo encostado no poste parecia saber disso. Ele lhe sorriu com o cigarro na boca, e Dave sentiu como se tivesse sido arrastado para a rua. Ele sentiu como se estivesse descalço, no alto de um declive forrado de cetim.

Então um carro parou do outro lado da rua, e depois de trocar algumas palavras com o motorista, o menino entrou no carro, não sem antes lançar um olhar de piedade a Dave

por cima do capô. Dave viu o carro, um Cadillac azul-escuro e branco, dar meia-volta na avenida, indo depois parar no fundo do estacionamento atrás do Last Drop. Dave estava sentado ao volante de seu Honda quando o Cadillac parou sob as grandes árvores que havia ao longo das grades. O homem do Cadillac apagou os faróis mas deixou o motor do carro ligado, e o Menino sussurrou ao ouvido de Dave: Henry e George, Henry e George, Henry e George...

Mas agora, nessa noite, antes de chegar ao Last Drop, deu meia-volta enquanto o Menino gritava em seus ouvidos eu sou você, eu sou você, eu sou você.

E Dave teve vontade de parar e chorar. Ele queria encostar a cabeça no edifício mais próximo e chorar, porque sabia que o Menino tinha razão. O Menino Que Escapou dos Lobos e Cresceu tinha ele próprio se transformado num Lobo. Ele se tornara Dave.

Dave, o Lobo.

Aquilo certamente tinha acontecido havia pouco tempo, porque Dave não se lembrava de nenhum momento em que sua alma tivesse saído de seu corpo e se evaporado para dar lugar àquela nova criatura. Mas acontecera. Provavelmente enquanto ele dormia.

Mas ele não podia parar. Aquela parte da avenida era perigosa demais, cheia de viciados que veriam em Dave, bêbado do jeito que estava, uma presa muito fácil. Ali mesmo, do outro lado da rua, ele via um carro andando devagar, observando-o, esperando que ele desse sinais de ser uma vítima fácil.

Ele respirou fundo, endireitou o passo, concentrou-se em parecer seguro e indiferente. Ergueu um pouco os ombros, esforçando-se para exibir um olhar mau, e começou a fazer o caminho de volta para casa, a mente nem um pouco desanuviada, na verdade, pois o Menino continuava gritando em seus ouvidos, mas Dave resolveu ignorá-lo. Ele tinha forças para isso. Ele era forte. Ele era Dave, o Lobo.

O volume da voz do Menino diminuiu. E à medida que Dave andava pelos Flats ele ia diminuindo, chegando ao nível de uma conversa normal.

Eu sou você, o Menino dizia em tom amigável. Eu sou você.

Celeste saiu de casa com Michael semiadormecido em seu ombro, e descobriu que Dave levava o carro. Ela o estacionara um pouco mais adiante, surpresa por achar uma vaga tarde da noite num dia de semana, mas agora havia um jipe azul no lugar dele.

Aquilo não estava em seus planos. Ela pensara em colocar Michael no banco do passageiro e as mochilas no banco traseiro e ir direto para o Econo Lodge, à margem da via expressa, a uns cinco quilômetros.

“Merda”, disse ela em voz alta, contendo a vontade de gritar.

“Mamãe?”, murmurou Michael.

“Está tudo bem, Mike.”

E talvez estivesse mesmo, porque ela olhou para trás e viu um táxi dobrando a Pertshire para entrar na Buckingham Avenue. Celeste levantou a mão com que segurava a mochila de Michael e o táxi parou bem na frente dela, enquanto ela pensava que podia

muito bem gastar os seis dólares da corrida até o Econo Lodge. Ela podia gastar até mesmo cem, desde que o táxi a levasse para longe dali imediatamente, longe o bastante para que ela não precisasse ficar esperando a maçaneta girar e a volta de um homem que já se tomava por um vampiro, digno apenas de uma estaca no coração, seguida imediatamente da degolação, por via das dúvidas.

“Para onde?”, perguntou o taxista quando Celeste pôs as mochilas no banco e entrou no carro com Michael no ombro.

Para qualquer lugar, teve vontade de dizer. Qualquer lugar, menos aqui.

IV

Revalorização

22. O peixe caçador

“Você rebocou o carro dele?”, perguntou Sean.

“O carro dele foi rebocado”, disse Whitey. “Não é a mesma coisa.”

Quando eles se livraram dos engarrafamentos matinais da via expressa para pegar a descida em direção à East Buckingham, Sean perguntou: “Por quê?”.

“Ele foi abandonado”, disse Whitey, assobiando baixinho entre os dentes enquanto entrava na Roseclair.

“Onde?”, perguntou Sean. “Na frente da casa do cara?”

“Oh, não”, disse Whitey. “O carro foi encontrado em Rome Basin, na margem da avenida. Ainda bem para nós que as avenidas estão sob a jurisdição do estado, não? Dá a impressão de que alguém o roubou, deu umas voltas com ele, depois o abandonou. Essas coisas acontecem, sabe?”

Naquela manhã Sean acordou de um sonho no qual ele estava com a filha no colo e dizia o nome dela, mesmo não o sabendo, e não conseguia lembrar o que dissera no sonho, por isso ainda estava um pouco confuso.

“Encontramos sangue”, disse Whitey.

“Onde?”

“No banco da frente do carro de Boyle.”

“Muito?”

Whitey aproximou o indicador do polegar, deixando apenas o espaço de um fio de cabelo entre eles. “Um pouquinho. Achamos mais um pouco no porta-malas.”

“No porta-malas”, disse Sean.

“Na verdade, muito mais.”

“E daí?”

“Daí que agora está sendo examinado.”

“Não”, disse Sean. “O que quero dizer é: e daí se encontraram sangue no porta-malas? Katie Marcus não foi presa no porta-malas de um carro.”

“De fato, isso aí só veio atrapalhar.”

“Sargento, os indícios colhidos no carro vão ser rejeitados pela justiça.”

“Não.”

“Não?”

“O carro foi roubado e abandonado na jurisdição do estado. Só para prevenir problemas com a seguradora, e no interesse do proprietário...”

“Vocês fizeram uma busca em regra, e fizeram um relatório.”

“Ah, você é rápido, hein, rapaz?”

Eles pararam na frente do edifício de Dave Boyle e Whitey pôs o carro em ponto morto e desligou o motor. “Tenho elementos para convocá-lo para uma conversa. É só

isso que quero, por enquanto.”

Sean aquiesceu, sabendo que de nada adiantaria discutir com o outro. Whitey conseguiu o posto de sargento na Divisão de Homicídios por sua extraordinária capacidade de se aferrar a suas intuições como a um osso. Não era possível demovê-lo de suas fixações. O que se podia fazer era acomodar-se a elas.

“E quanto ao exame balístico?”, disse Sean.

“Aqui também a coisa está um tanto esquisita”, respondeu Whitey, observando o edifício de Dave, sem dar mostras de querer se mexer do lugar. “A arma era um Smith 38, como imaginei. Roubada de um comerciante de armas em New Hampshire em 1981, junto com todo um lote de armas de fogo. A arma que matou Katherine Marcus foi usada no assalto a uma loja de bebidas em 1982. Aqui mesmo em Buckingham.”

“Nos Flats?”

Whitey negou com um gesto. “Em Rome Basin. A loja se chama Looney Liquors. O assalto foi feito por dois homens, que usavam máscaras de borracha. Eles entraram pelos fundos depois que o dono fechou as portas da frente, e o primeiro a entrar na loja deu um tiro de advertência que estourou uma garrafa de uísque e foi se alojar na parede. O assalto aconteceu sem maiores incidentes, mas a bala foi recuperada. O exame balístico indica que a arma que matou Katherine Marcus é a mesma.”

“Isso parece indicar que devemos seguir uma outra pista, não?”, disse Sean. “Em 1982 Dave tinha uns dezessete anos e estava começando sua carreira no Raytheon. Não acho que andasse assaltando lojas de bebidas.”

“Isso não quer dizer que a arma não tenha ido parar em suas mãos. Merda, cara, você sabe como elas circulam.” Whitey já não parecia tão seguro como na noite anterior, mas acrescentou: “Vamos atrás dele”, e abriu a porta do carro.

Sean abriu a porta do seu lado e os dois se dirigiram ao apartamento de Dave. Whitey ia manuseando as algemas na cintura, como se esperando um pretexto para usá-las.

Jimmy parou o carro e atravessou o estacionamento semidestruído levando uma bandeja de papelão, xícaras de café e uma sacola de doces, avançando em direção ao Mystic River. Os carros passavam ruidosamente pelas placas de metal da Tobin Bridge acima dele, e Katie estava ajoelhada à beira d’água com Ray Harris, ambos olhando para dentro do rio. Dave Boyle também estava presente, a mão tão inchada que parecia uma luva de boxe. Ele estava sentado numa velha espreguiçadeira ao lado de Celeste e Annabeth. Celeste estava com a boca fechada por um zíper e Annabeth fumava dois cigarros ao mesmo tempo. Os três estavam de óculos escuros e não olhavam para Jimmy. Eles olhavam para debaixo da ponte e exibiam um ar de enfado, de quem não queria ser incomodado.

Jimmy pôs o café e os doces junto de Katie e ajoelhou-se entre ela e Ray, o Justo. Ele olhou para a água e viu seu reflexo, viu também o de Katie e o de Ray, o Justo, no momento em que os dois se voltaram para ele, Ray, com um grande peixe vermelho preso

entre os dentes, o peixe ainda se mexendo.

Katie disse: “Deixei cair meu vestido no rio”.

“Não consigo vê-lo”, disse Jimmy.

O peixe pulou da boca de Ray e caiu na água, mas continuou mexendo-se na superfície.

Katie disse: “Ele vai pegar o vestido. Ele é um peixe caçador”.

“Tinha gosto de galinha”, disse Ray.

Jimmy sentiu a mão quente de Katie em suas costas, depois a mão de Ray em sua nuca. “Por que não vai pegar o vestido, pai?”

E então eles o jogaram dentro do rio e Jimmy viu a água escura e o peixe agitado erguendo-se ao seu encontro, e teve certeza de que ia afogar-se. Abriu a boca para gritar e o peixe pulou dentro dela, sufocando-o, e quando o seu rosto imergiu na água, ela parecia tinta preta.

Ele abriu os olhos, virou a cabeça, viu o relógio marcando sete e dezesseis, mas não se lembrava de ter ido para a cama. Mas sem dúvida fora, pois lá estava ele, com Annabeth dormindo ao seu lado. Jimmy estava acordando para um novo dia, devia pegar uma lápide dentro de pouco mais de uma hora, e Ray Harris e o Mystic River batiam à sua porta.

A chave para um bom interrogatório é ganhar o máximo de tempo possível, antes de o suspeito pedir um advogado. Os casos mais difíceis — traficantes, estupradores, motoqueiros delinquentes, mafiosos — pediam imediatamente um “tagarela”. Você podia sacanear com eles um pouco, tentar dar-lhes uma prensa antes que o advogado aparecesse, mas na maioria das vezes você tinha de contar com provas materiais para avançar nas investigações. Eram raras as ocasiões em que Sean conseguia algum resultado interrogando gente desse tipo.

Quando se tratava de cidadãos normais ou criminosos primários, porém, a maioria dos casos já se resolvia nos interrogatórios. O caso da “discussão mortal”, o maior sucesso da carreira de Sean, se resolvera assim. Um sujeito de Middlesex voltava para casa de carro uma certa noite. O pneu dianteiro direito de seu SUV se soltou a cento e vinte por hora. Simplesmente se soltou, e saiu rolando pela rodovia. O carro capotou umas nove ou dez vezes, e o motorista, Edwin Hurka, morreu na hora.

Verificou-se que as porcas dos dois pneus dianteiros estavam frouxas. Assim sendo, eles começaram a pensar na possibilidade de se tratar, no máximo, de homicídio culposo, de responsabilidade de algum mecânico de ressaca, e Sean e seu companheiro Adolph descobriram que a vítima trocara os pneus algumas semanas antes. Mas Sean encontrara no porta-luvas da vítima um pedaço de papel que o intrigava. Era o número da placa de um carro, rabiscado às pressas, e quando Sean entrou com o número no computador do departamento de trânsito, apareceu o nome Alan Barnes. Ele foi à casa de Barnes e perguntou à pessoa que o atendeu à porta se era Alan Barnes. O sujeito, nervosíssimo, disse: “Sim, por quê?”. E Sean, que então já não tinha a menor dúvida, falou: “Gostaria de

falar com você sobre uma história de porcas frouxas”.

O sujeito entregou o jogo ali mesmo, na porta. Disse a Sean que queria apenas estragar o carro do outro, dar-lhe um susto, pois uma semana antes os dois tinham tido uma discussão na fila de acesso ao túnel do aeroporto. Barnes ficou tão furioso com a história que no final recuou, cancelou o compromisso daquele dia e seguiu Edwin Hurka até em casa, esperou que ele apagasse todas as luzes e então se pôs a mexer nos pneus.

As pessoas são estúpidas. Elas se matam por qualquer bobagem, e saem por aí esperando ser pegas, vão ao tribunal dizer que não são culpadas, depois de ter entregado uma confissão assinada de quatro páginas a um policial. E essa estupidez é a melhor arma de que os policiais dispõem. O negócio é deixar que falem. Sempre. Deixar que elas expliquem. Deixar que se livrem do fardo da culpa, enchendo-as de café, enquanto a fita do gravador gira.

E quando elas pediam um advogado — e o cidadão comum quase sempre pedia —, bastava franzir o cenho, fazê-las repetir que era isso mesmo que queriam, criar um tal clima de tensão na sala que elas finalmente resolviam que era melhor os três continuarem amigos e conversar um pouco mais, antes que trouxessem o advogado e estragasse aquele clima amistoso.

Mas Dave não pediu a presença de um advogado. Nem uma vez. Ficou sentado numa cadeira que se dobrava quando alguém se recostava com muita força, parecendo de ressaca e irritado, sobretudo com Sean, mas não pareceu assustado nem nervoso, e Sean era capaz de apostar que aquilo estava perturbando Whitey.

“Ouça, senhor Boyle”, disse Whitey. “Nós sabemos que o senhor saiu do McGills antes da hora em que afirma ter saído. Sabemos que foi visto no estacionamento do Last Drop à hora em que Katherine Marcus saiu. E temos certeza de que sua mão inchada nada tem a ver com pancada na parede jogando bilhar.”

Dave deixou escapar um grunhido. “Posso tomar uma Sprite ou alguma coisa do tipo?”

“Daqui a um minuto”, disse Whitey pela quarta vez durante a meia hora em que estivera ali. “Diga-nos o que de fato aconteceu naquela noite, senhor Boyle.”

“Eu já disse.”

“O senhor mentiu.”

Dave sacudiu os ombros. “É o que o senhor acha.”

“Não”, disse Whitey. “É fato. O senhor mentiu sobre a hora em que saiu do McGills. O relógio parou, senhor Boyle, cinco minutos *antes* da hora em que o senhor afirma ter saído.”

“Cinco minutos inteirinhos?”

“Você acha isso engraçado?”

Dave reclinou-se um pouco na cadeira e Sean esperou o rangido anunciando a queda iminente da cadeira, mas isso não aconteceu. Dave se inclinava até o limite entre o equilíbrio e a queda, mas não passava dali.

“Não, sargento, não acho engraçado. Estou cansado. Estou de ressaca. E, além de ter

sido roubado, o senhor diz que meu carro não vai ser liberado. O senhor diz que não saí do McGills na hora em que disse ter saído, mas cinco minutos antes.”

“Pelo menos.”

“Tudo bem. Digamos que foi assim. Talvez eu tenha saído mesmo. Não costumo ficar olhando o relógio o tempo todo como parece que vocês fazem. Então o senhor diz que eu saí do McGills às dez para a uma e não às cinco para a uma. Tudo bem, então. Talvez eu tenha saído. Puxa, desculpe. Mas é só isso. Depois eu vim para casa. Não fui a nenhum outro bar.”

“Você *foi visto* no estacionamento do...”

“Não”, disse Dave. “Um Honda com um amassado na frente, do lado contrário ao do motorista, certo? Você sabe quantos Hondas há nesta cidade? Ora, vamos...”

“Quantos deles, senhor Boyle, amassados no mesmo lugar que o seu?”

Dave deu de ombros. “Aposto como um montão.”

Whitey olhou para Sean e este sentiu que estavam em desvantagem. Dave tinha razão — não seria difícil encontrar uns vinte Hondas com um amassado do lado do passageiro. Dave poderia jogar com esse tipo de argumento, e seu advogado apresentaria outros tantos.

Whitey passou por trás da cadeira de Dave e disse: “O que você nos diz do sangue encontrado em seu carro?”.

“Que sangue?”

“O sangue que achamos no banco da frente. Vamos começar por aí.”

Dave disse: “Essa Sprite vem ou não vem, Sean?”.

“Claro”, disse Sean.

Dave sorriu. “Eu sabia. Você é um tira muito gentil. Já que está indo buscar, não podia me trazer também um sanduíche?”

Sean, que já estava se levantando, voltou a sentar-se. “Não sou o seu cachorro, Dave. Você vai ter que esperar um pouco mais.”

“Mas você é o cachorro de alguém, Sean. Não é, Sean?” Havia um brilho de demência em seus olhos quando disse isso, uma espécie de arrogância desafiadora, e Sean começou a pensar que talvez Whitey tivesse razão. Sean se perguntou se seu pai continuaria com a mesma opinião se visse Dave naquele momento.

Sean disse: “O sangue no banco da frente, Dave. Responda ao sargento”.

Dave olhou para Whitey. “O pátio do meu edifício é cercado por uma tela metálica”, principiou ele. “Ela termina, no alto, em pontas espiraladas. Bom, outro dia eu estava trabalhando, fazendo uns trabalhinhos de manutenção no pátio. Meu senhorio é idoso. Eu faço esse trabalho para ele, ele não aumenta muito o meu aluguel. Então eu estava cortando aquelas pontas afiadas feito bambu quando de repente...”

Whitey suspirou, mas Dave nem pareceu notar.

“...eu escorreguei. Eu estava com uma serra elétrica na mão, e não queria deixar cair. Foi quando esbarrei nela e me cortei.” Ele passou a mão no tórax. “Bem aqui. Não foi nada grave, mas sangrou para burro. Mas daí a uns dez minutos tive que ir pegar meu

filho no treino de beisebol. Com certeza ainda estava sangrando quando entrei no carro. Acho que deve ter sido isso.”

Whitey disse: “Quer dizer então que o sangue encontrado no banco do carro era seu?”.

“Como eu disse, é o que imagino.”

“E qual o seu tipo sanguíneo?”

“B negativo.”

Um sorriso se estampou no rosto de Whitey quando ele saiu de trás da cadeira e foi para o canto da mesa, diante de Dave.

“Como o sangue encontrado em seu carro. Curioso, não?”

Dave levantou as mãos. “Bem, isso mostra que eu tinha razão.”

Whitey levantou a mão, imitando Dave. “Você pode explicar o sangue no porta-malas? O sangue não era B negativo.”

“Não sei de nada dessa história de sangue em meu carro.”

Whitey deu um risinho. “Não tem a menor ideia de como explicar uns bons mililitros de sangue em seu porta-malas?”

“Não, não tenho”, disse Dave.

Whitey se inclinou e pôs a mão no ombro de Dave. “Eu o aconselho, senhor Boyle, a não adotar essa estratégia no tribunal. O senhor acha que alguém vai acreditar quando disser que não sabe como esse sangue foi parar em seu carro?”

“Acho que todo mundo vai acreditar.”

“Por quê?”

Dave recostou-se na cadeira novamente e a mão de Whitey escorregou de seu ombro. “Foi o senhor quem escreveu o relatório, sargento.”

“Que relatório?”, perguntou Whitey.

Sean logo percebeu aonde ele queria chegar. Merda, pensou, ele nos pegou.

“O relatório sobre o roubo do carro”, disse Dave.

“E daí?”

“Daí que o carro não estava comigo na noite passada. Não sei para que os ladrões o usaram, mas talvez vocês tenham interesse em procurar descobrir, porque tenho a impressão de que eles aprontaram alguma.”

Whitey ficou completamente imóvel por uns trinta segundos, e Sean podia muito bem imaginar os pensamentos que o agitavam: ele queria bancar o esperto e terminou se danando. Nada do que encontrassem no carro poderia servir de prova contra ele, porque o advogado de Dave jogaria a responsabilidade nos ladrões.

“O sangue não era recente, senhor Boyle. Não estava lá havia poucas horas.”

“Não?”, disse Dave. “Você pode provar isso? Quero dizer, provar de forma incontestável, sargento? Você tem certeza de que ele não secou depressa? Olhe que ontem foi uma noite seca.”

“Podemos prová-lo”, disse Whitey, mas Sean percebeu uma ponta de dúvida em sua voz, e tinha certeza de que Dave também notara.

Whitey levantou-se e voltou as costas para Dave. Ele tamborilava com os dedos no lábio superior quando se aproximou de Sean, no outro lado da mesa, os olhos fixos no chão.

“Então, será que tenho alguma chance de tomar essa Sprite?”, perguntou Dave.

“Vamos trazer a testemunha de Souza, o cara que viu o carro. Tommy...”

“Moldanado”, disse Sean.

“Sim.” Whitey aquiesceu, furioso, como se alguém lhe tivesse tirado a cadeira na hora de sentar e se encontrasse de bunda no chão, sem entender o que se passara. “Bem, vamos pôr Boyle numa fila para ver se Moldanado o reconhece.”

“É uma ideia”, disse Sean.

Whitey encostou-se na parede do corredor quando uma secretária passou por eles. Ela estava com um perfume igual ao de Lauren, e então Sean pensou que talvez fosse bom ligar para ela, perguntar-lhe como estava. Quem sabe assim ela resolveria falar, tendo ele dado o primeiro passo.

Whitey disse: “Ele está calmo demais. É a primeira vez que ele é interrogado, e o cara nem sua?”.

“Sargento, me parece que a coisa começou mal.”

“Não me diga.”

“Não, mesmo que ele não nos tivesse enganado com a história do carro, não se trata do sangue de Katherine Marcus. Não existe nada que ligue uma coisa a outra.”

Whitey olhou para a porta da sala de interrogatórios. “Eu posso dobrá-lo.”

“Ele já nos pregou umas boas”, disse Sean.

“Ainda não tive tempo de fazer o aquecimento.”

Mas Sean viu no semblante do outro a dúvida, a primeira fenda naquela sua intuição. Whitey era teimoso e dissimulado quando achava que tinha razão, mas era esperto o bastante para não se aferrar a uma intuição que esbarrava em elementos concretos.

“Ouça”, disse Sean. “Que tal se a gente cozinhar o sujeito um pouco mais em banho-maria?”

“O cara não está nem suando.”

“Ele vai começar se a gente o deixar sozinho, pensando.”

Whitey olhou novamente para a porta como se quisesse destruí-la. “Talvez.”

“Acho que a chave de tudo pode estar na arma”, disse Sean. “A gente deve se concentrar nela.”

Whitey, que estava mordendo os próprios lábios, terminou por aquiescer. “Seria bom saber um pouco mais sobre a arma. Você quer se encarregar disso?”

“O dono da loja de bebidas ainda é o mesmo?”

Whitey disse: “Não sei. O dossiê é de 1982, e o proprietário à época era um tal de Lowell Looney.”

Sean sorriu ao ouvir o nome. “Esse nome soa bem, não?”

Whitey disse: “Por que você não dá um pulinho lá? Vou ficar espreitando esse maluco pelo vidro para ver se ele vai começar a cantar canções sobre moças assassinadas no parque”.

Lowell Looney estava com uns oitenta anos, mas parecia ser capaz de deixar Sean para trás nos cem metros rasos. Estava com uma camiseta laranja de um clube esportivo, agasalho azul com lista branca, tênis novinhos em folha, e se deslocava com uma facilidade tal que não seria de surpreender que fosse capaz de saltar até a altura da última prateleira para pegar uma garrafa, se alguém pedisse.

“Foi bem aqui”, disse ele a Sean, apontando para uma fileira de garrafinhas atrás do balcão. “Ela estourou uma garrafa e entrou naquela parede ali.”

“Um troço assustador, hein?”

O homem sacudiu os ombros. “Mais assustador que ser obrigado a tomar um copo de leite, talvez. Mas não foi mais assustador que certas noites por aqui. Um sujeito esquisito meteu um revólver na minha cara uns dez anos atrás, tinha um olhar de cachorro louco e ficava o tempo todo piscando por causa do suor que lhe escorria para os olhos. Aquilo, sim, deu medo, rapaz. Mas os caras que meteram a bala na parede eram profissionais. Com esses eu sei lidar. Eles só querem o dinheiro, não são revoltados contra o mundo.”

“Quer dizer então que esses dois caras...”

“Vieram por trás”, disse Lowell Looney, deslocando-se lépido para o outro extremo do balcão, onde havia uma cortina preta fechando a entrada para o depósito. “Lá atrás tem uma porta que leva a uma plataforma de carregamento. Na época tinha um rapaz que trabalhava para mim meio período, levava as latas de lixo para fora e pegava o seu fuminho lá fora. Uma em cada duas vezes ele esquecia de fechar a porta quando entrava. Talvez o rapaz estivesse na jogada com os ladrões; pode ser também que eles o tenham observado o bastante para ver que era um cabeça de vento. Naquela noite, eles entraram pela porta aberta, deram um tiro de advertência para evitar que eu pegasse minha arma, e levaram o que vieram buscar.”

“Quanto eles levaram?”

“Uns seis mil.”

“Uma boa grana”, disse Sean.

“Às quintas-feiras eu costumava depositar os cheques. Agora não faço mais isso, mas naquela época eu era estúpido. Claro que se os ladrões tivessem sido um pouco mais espertos, podiam ter vindo de manhã, antes de muitos desses cheques serem depositados.” Ele deu de ombros. “Eu disse que eles eram profissionais, mas acho que não eram dos mais inteligentes aqui da redondeza.”

“E quanto ao rapaz que deixou a porta aberta?”, perguntou Sean.

“Marvin Ellis”, disse Lowell. “Bem, talvez ele estivesse envolvido no roubo. Mande-o embora no dia seguinte. A verdade é que eles só deram aquele tiro, porque sabiam que eu tinha uma arma sob o balcão. Como não era uma coisa que todo mundo soubesse, concluí

que Marvin tinha contado a eles, ou então algum dos rapazes que trabalharam aqui.”

“E você contou isso à polícia?”

“Sim, claro.” O velho fez um gesto com a mão, ao lembrar daquilo. “Eles remexeram em meus arquivos, interrogaram todos que tinham trabalhado para mim. Pelo menos foi isso que disseram. Nunca prenderam ninguém. Quer dizer que a mesma arma foi usada em outro crime?”

“Sim”, disse Sean. “Senhor Looney...”

“Pelo amor de Deus, me chame de Lowell.”

“Lowell,” disse Sean. “Você ainda tem esses arquivos?”

Dave olhou para o vidro espelhado na sala de interrogatório, sabendo que o parceiro de Sean, e talvez também o próprio Sean, estava olhando para ele.

Ótimo.

Como vão as coisas? Eu estou curtindo a sua Sprite. O que é que põem nela? Limão. É isso mesmo. Estou me deliciando com meu refrigerante de limão, sargento. Humm... uma delícia. Sim, senhor. Mal vejo a hora de tomar outro.

Postado no extremo da comprida mesa, Dave fixava o olhar bem no centro do espelho, e se sentia muitíssimo bem. Bem verdade que ele não sabia aonde tinha ido Celeste com Michael, e o fato de não saber embaralhava seus pensamentos muito mais do que as quinze cervejas que tomara na noite anterior. Mas ela haveria de voltar. Ele parecia se lembrar de tê-la assustado na véspera. Ela deve ter ficado apavorada com toda aquela conversa maluca sobre vampiros e sobre coisas das quais a gente não consegue se livrar.

Ele não podia culpá-la. Na verdade a culpa era dele, pois deixara o Menino se manifestar e mostrar seu rosto horrendo e bestial.

Mas excluindo a circunstância de Celeste e Michael terem sumido, ele se sentia forte. Não sentia nem um pouco da indecisão que vinha sentindo nos últimos dias. Na noite anterior ele conseguira dormir durante seis horas. Acordou com a impressão de estar sujo, a boca pastosa, a cabeça pesando feito uma pedra, mas, paradoxalmente, com a mente desanuviada.

Ele sabia quem era. E sabia que tinha agido certo. E o fato de ter matado uma pessoa (e Dave já não podia pôr a culpa no Menino; fora ele, Dave) o tornara mais forte, agora que tinha posto as ideias no lugar. Ele ouvira falar de culturas antigas em que os homens devoravam o coração de suas vítimas. Assim, eles se fundiam com os mortos. Aquilo lhes dava mais força, a força de duas pessoas, o espírito de duas. Dave estava se sentindo assim. Não, ele não tinha comido o coração de ninguém. Não estava doido a esse ponto. Mas ele sentira o gosto da vitória do predador. Ele matara. Fizera o que tinha de fazer. E acalmara o monstro dentro dele, o maluco que queria tocar a mão de um menino e unir-se com ele num abraço.

Agora o monstro fora embora, cara. Fora para o inferno com a vítima de Dave. Matando uma pessoa, ele matara a parte mais fraca dele mesmo, o louco que se apossara

dele quando tinha onze anos e estava à janela assistindo à festa da Rester Street em sua homenagem. Ele se sentira muito fraco, muito vulnerável, naquela festa. Ele sentia como se as pessoas estivessem rindo às escondidas, sentia que os pais das outras crianças lhe dirigiam sorrisos fingidos. Ele percebia que por trás daqueles sorrisos havia piedade, medo e ódio, e ele quis ir embora da festa para fugir daquele ódio que o fazia se sentir uma poça de mijo.

Mas agora o ódio dos outros iria torná-lo mais forte, porque *agora* ele tinha um segredo muito mais importante que aquele pobre segredo que todos pareciam adivinhar. Agora, ele tinha um segredo que o engrandecia, em vez de o rebaixar.

Venham, ele queria dizer às pessoas, tenho um segredo. Cheguem mais perto que eu vou lhes dizer ao ouvido:

Matei uma pessoa.

Dave fixou o olhar nos olhos do policial gordo do outro lado do espelho:

Matei uma pessoa. E você não pode provar isso.

Quem é o fraco agora?

Sean encontrou Whitey defronte ao vidro da sala de interrogatórios C. De pé, Whitey estava com um pé apoiado numa cadeira de couro velha, olhando para Dave e tomando café.

“Já organizou a sessão de identificação?”

“Ainda não”, disse Whitey.

Sean se aproximou dele. Dave estava olhando diretamente para eles, parecia cruzar o olhar com o de Whitey, como se o estivesse vendo. E, o que era mais estranho, Dave estava sorrindo. Um sorriso quase imperceptível, mas de qualquer forma um sorriso.

Sean disse: “Você não está muito bem, hein?”.

“Já me senti melhor”, respondeu Whitey.

Sean balançou a cabeça.

Whitey fez um gesto com a xícara em direção a Sean. “Você descobriu alguma coisa. Tenho certeza. Desembucha.”

Sean queria guardar aquilo por mais um tempinho, deixar Whitey impaciente para saber, mas não teve coragem.

“Sei de uma pessoa muito interessante que trabalhou no Looney Liquors.”

Whitey pôs a xícara na mesa atrás dele e tirou o pé da cadeira. “Quem?”

“Ray Harris.”

“Ray...?”

Sean abriu um enorme sorriso. “O pai de Brendan Harris, sargento. E ele tem uma bela ficha na polícia.”

23. O pequeno Vince

Whitey estava sentado a sua mesa de trabalho, em frente à de Sean, tendo à mão a ficha policial de Ray Harris. “Raymond Matthew Harris, nascido a 5 de setembro de 1955. Cresceu nos Flats, na Twelve Mayhew Street. Mãe, Delores, do lar. Pai, Seamus, operário que abandonou a família em 1967. A vida da família se complicou quando o pai foi preso por pequenos furtos em Bridgeport, Connecticut, em 1973. Várias prisões também por dirigir alcoolizado e por perturbação da ordem pública. Morreu em Bridgeport, em 1979, de trombose das coronárias. No mesmo ano Raymond se casou com Esther Scannell — *puta* sorte, hein? — e conseguiu um emprego de operador de trem do metrô no Departamento de Transportes de Boston. Primeiro filho, Brendan Seamus, nascido em 1981. Mais tarde, no mesmo ano, Raymond foi acusado de desviar vinte mil dólares em bilhetes do metrô. As denúncias foram retiradas, mas Raymond foi demitido da companhia de metrô, a bem do serviço público. Depois disso, teve pequenos empregos — diarista numa empresa de reforma de imóveis, estoquista na Looney Liquors, garçom de bar, operador de empilhadeira. Perdeu o emprego de operador quando uma certa quantia em dinheiro desapareceu da empresa. Mais uma vez, a acusação foi retirada, e ele foi demitido. Submetido a interrogatório em 1982, por ocasião do assalto à Looney Liquors, foi liberado por falta de provas. No mesmo ano, foi submetido a interrogatório no caso do assalto à Blanchard Liquors, em Middlesex; mais uma vez, foi liberado por falta de provas.”

“Mas estava começando a ficar conhecido”, disse Sean.

“Ele estava começando a ficar popular”, disse Whitey. “Um de seus cúmplices, um tal de Edmond Reese, o denunciou depois do roubo, em 1983, de uma coleção de revistas em quadrinhos raras de um comerciante...”

“Revistas em quadrinhos?”, disse Sean rindo. “Esse Raymond vai longe.”

“...no valor de cento e cinquenta mil dólares”, disse Whitey.

“Oh, desculpe-me.”

“Então Raymond devolveu as tais revistas intactas, foi condenado a quatro meses de reclusão, mais um ano de sursis, e cumpriu dois meses. Saiu da cadeia com um probleminha de dependência química.”

“Mais essa.”

“Cocaína, claro. Isso aconteceu na década de 80, e foi aí que sua ficha começou a engordar. Raymond é bastante discreto no que tange às atividades que lhe permitem sustentar o vício, mas não para evitar ser preso ao tentar conseguir a droga. Perdeu o direito à liberdade condicional e dessa vez teve de passar um ano em cana.”

“Onde tomou consciência de seus erros.”

“Pelo visto não. Pouco depois, foi preso numa operação organizada pela Divisão de

Crimes Graves e pelo fbi para reprimir o contrabando de mercadorias roubadas pelas fronteiras do estado. Você vai gostar do detalhe. Imagine o que Raymond andou roubando. Aconteceu em 1984.”

“Você me dá uma dica?”

“Fale a primeira coisa que vier à cabeça.”

“Máquinas fotográficas.”

“Que máquina fotográfica, que nada”, disse Whitey lançando-lhe um olhar duro. “Vá buscar um café para mim que você não é mais digno de ser um policial.”

“O quê, então?”

“Jogos Trivial Pursuit”, disse Whitey. “O quiz! Você nunca iria imaginar, não?”

“Revistas em quadrinhos e Trivial Pursuit. Nosso garoto tem estilo.”

“Mas isso lhe causou sérios problemas. Ele roubou o caminhão em Rhode Island e levou-o para Massachusetts.”

“Portanto, incorreu em crime de jurisdição federal.”

“Exato. Para encurtar a história, os tiras o têm no cabresto, mas ele não foi condenado.”

Sean endireitou o corpo, tirou os pés da mesa. “Ele entregou alguém?”

“É o que parece”, disse Whitey. “Depois disso, não há mais nada na sua ficha. O policial que acompanhava o caso de Raymond diz que ele se apresentou regularmente até ser dispensado, no final de 1986. E quanto ao que fazia para ganhar a vida, você achou alguma coisa?”, perguntou Whitey olhando por cima do dossiê.

Sean disse: “Minha vez de falar, não é?”. Ele abriu seu dossiê. “Contracheques, declarações de renda, contribuições para a previdência — tudo isso acaba em agosto de 1987. Puf! Tudo desaparece.”

“Você fez investigações em nível nacional?”

“As investigações estão em andamento.”

“E o que pode ter acontecido?”

Sean colocou os pés em cima da mesa novamente e recostou-se na cadeira. “Primeiro, ele pode ter morrido. Segundo, ele está no programa de proteção às testemunhas. Terceiro, ele pode ter mergulhado fundo na clandestinidade, e apareceu de repente no bairro só para pegar sua arma e abater a namorada do filho.”

Whitey jogou seu dossiê em cima da mesa. “A gente nem sabe se a arma é dele. Não sabemos merda nenhuma. O que estamos fazendo aqui, Devine?”

“Estamos nos vestindo para o baile, sargento. Ora, não solte os cachorros em cima de mim a esta hora da manhã. Temos um sujeito que era o principal suspeito de um assalto, acontecido há dezoito anos, um assalto em que a arma do homicídio foi usada. O filho do sujeito *namorava* a vítima. O sujeito tem ficha na polícia. Quero investigar melhor o cara, quero investigar o filho. O rapaz não tem álibi.”

“Brendan passou sem problemas pelo detector de mentiras e, segundo você mesmo, ele não parece ser capaz de um tal crime.”

“Talvez estivéssemos enganados.”

Whitey esfregou os olhos com as costas das mãos. “Cara, eu já estou de saco cheio de me enganar o tempo todo.”

“Você quer dizer então que estava enganado quanto a Boyle?”

Whitey continuou com as mãos nos olhos enquanto negava com a cabeça. “Eu não disse isso. Eu ainda acho que esse cara tem culpa no cartório, mas quanto a saber se ele tem algo a ver com a morte de Katherine Marcus, é outra história.” Ele tirou as mãos dos olhos, que estavam avermelhados. “Mas essa história de investigar Raymond Harris também não me parece muito promissora. Tudo bem, a gente procura o filho novamente e tenta descobrir que fim levou o pai. Mas e *depois*?”

“A gente estabelece uma relação entre a arma e o seu dono”, disse Sean.

“A essa altura a arma pode estar no fundo do mar. Era isso que eu teria feito.”

Sean fez um gesto com a cabeça na direção do outro. “Você também teria feito isso depois de ter assaltado a loja de bebidas há dezoito anos, não?”

“Exato.”

“Mas ele não. Isso quer dizer...”

“Que ele não é tão esperto quanto eu”, disse Whitey.

“Ou eu.”

“A questão continua em aberto.”

Sean espreguiçou-se na cadeira, entrelaçando os dedos e levantando os braços acima da cabeça, esticando-se para o alto até sentir os músculos em sua tensão máxima. Ele soltou um bocejo que o fez estremecer, e voltou o corpo à posição normal. “Whitey”, disse ele, tentando adiar por mais um tempo a pergunta que, ele bem sabia, devia ter feito logo no começo da manhã.

“Sim?”

“Em seu dossiê há alguma coisa sobre os cúmplices de Raymond Harris?”

Whitey pegou o dossiê da mesa, abriu-o, começou a passar as primeiras páginas. “Cúmplices conhecidos da polícia”, leu ele. “Reginald Neil, vulgo Reggie Duke; Patrick Moraghan; Kevin SIRRACCI, vulgo ‘O Matador’; Nicholas Savage — ora essa — Anthony Waxman...” Ele olhou para Sean e este percebeu que acertara na mosca. “James Marcus”, disse Whitey. “Vulgo Jimmy Flats, chefe de uma quadrilha chamada ‘Os Rapazes da Rester Street’.” Whitey fechou o dossiê.

Sean disse: “Tudo vai se encaixando, não é?”.

* * *

A lápide escolhida por Jimmy era simples e branca. O vendedor falava em voz baixa, respeitosa, como se aquele fosse o último lugar em que queria estar, mas mesmo assim continuava tentando convencer Jimmy a comprar lápides mais caras, com anjos, querubins ou rosas gravados no mármore. “Talvez uma cruz celta”, disse o vendedor. “Uma opção bastante apreciada por...”

Jimmy esperou que ele dissesse: “...pessoas como você”, mas o vendedor se conteve e completou a frase com “...muita gente hoje em dia”.

Jimmy daria um jeito de arranjar dinheiro para um mausoléu, se achasse que aquilo agradaria Katie. Mas ele sabia que sua filha nunca fora de ostentação nem de coisas muito aparatosas. Ela gostava de roupas e joias simples, não costumava usar nada de ouro e só pintava o rosto em ocasiões especiais. Ela gostava de coisas despojadas, apenas com um leve toque de elegância, e foi por isso que Jimmy escolheu aquela lápide branca, gravada em letras cursivas. Quando o vendedor o informou de que a gravura dobraria o preço da lápide, Jimmy lançou um tal olhar de desprezo ao pobre urubu que este recuou um pouco. “Dinheiro ou cheque?”

Jimmy pedira a Val que o levasse à marmoraria. Quando ele saiu, sentou novamente no Mitsubishi 3000 gt de Val, perguntando-se talvez pela décima vez como era possível um sujeito já passado dos trinta dirigir um carro daqueles sem se sentir ridículo.

“Que vamos fazer agora, Jim?”

“Vamos tomar um café.”

Val costumava ligar o som do carro no último volume, em geral uma porcaria de rap que fazia vibrar os vidros do carro, enquanto um negro da classe média ou um branco aspirante a cantor de rap cantava canções que falavam de minas, de putas e de empunhar o berro, fazendo o que Jimmy supunha serem alusões àqueles cantores efeminados da *mtv*, de quem ele nunca teria tomado conhecimento se não tivesse ouvido Katie dizer os seus nomes, em conversas com as amigas ao telefone. Mas naquele dia Val deixou o som desligado, e Jimmy se sentiu grato por isso. Jimmy odiava rap, e não por ser música negra nascida no gueto — afinal de contas era de lá que tinham saído também o funk, o soul, e o blues —, mas porque não conseguia ver graça nenhuma naquilo. Bastava juntar umas frases sem sentido recheadas de “as mina” e de “os home”, com um dj arranhando uns discos ao fundo, e abrir o peito no microfone. Sim, tudo bem, era um troço autêntico, o som da rua, porra. Mas escrever o próprio nome com mijo na neve e vomitar também eram umas coisas verdadeiras, autênticas. Certa vez Jimmy ouviu um crítico debiloide dizer no rádio que *sampling* era uma “forma de arte”. Ele, que pouco sabia de arte, teve vontade de enfiar a mão no alto-falante para dar uma porrada naquele cretino que sem dúvida era branco, esnobe e panaca. Se o *sampling* era uma forma de arte, os ladrões que Jimmy conhecera também eram artistas. E certamente ficariam surpresos em saber disso.

Talvez ele simplesmente estivesse ficando velho. Ele sabia que o primeiro sinal de que uma geração ficou para trás é o fato de não conseguir entender a música ouvida pela nova geração. Mas no fundo ele sabia que não se tratava disso. O rap simplesmente era um saco e, em sua opinião, o fato de Val o ouvir tinha tudo a ver com ele dirigir aquele carro, numa tentativa de se apegar a algo que na verdade não valia grande coisa.

Eles pararam para tomar um café na Dunkin’ Donuts, jogaram as tampas dos copinhos no lixo na saída, e ficaram bebericando encostados no aerofólio da traseira do carro esporte.

Val disse: “Nós demos uma volta para fazer algumas perguntas, como você pediu”.

Jimmy deu um tapinha no cunhado. “Obrigado.”

Val retribuiu o gesto. “E não é só porque você curtiu dois anos de cadeia por mim, Jim. E também não é porque não consegui chefiar a quadrilha em seu lugar. Katie era minha sobrinha, cara.”

“Eu sei.”

“Não de sangue, nem nada, mas eu gostava dela.”

Jimmy fez que sim. “Vocês são os tios mais legais que uma criança pode ter.”

“Sério?”

“Sério.”

Val tomou um pouco mais de café e ficou calado por um instante. “Bem, tudo bem. É o seguinte: parece que os tiras tinham razão quanto a O'Donnell e Farrow. O'Donnell estava na cadeia. Farrow estava numa festa, e a gente conversou com uns nove caras que confirmaram isso.”

“Todos confiáveis?”

“Metade, pelo menos”, disse Val. “Também andamos fuçando por aí e descobrimos que nos últimos tempos não tem havido crimes de encomenda aqui no pedaço. Além do mais, Jimmy, o último de que tenho notícia já tem mais de um ano e meio.”

Jimmy balançou a cabeça e tomou um pouco de café.

“Os tiras estão dando o maior trampo”, disse Val. “Eles têm andado pelos bares, no quarteirão do Last Drop, tudo. Todas as putas com quem conversei já foram interrogadas. Todos os garçons. Todo mundo que estava no McGills ou no Last Drop naquela noite. A polícia está dando o *máximo*. E todo mundo está querendo colaborar, se lembrar de alguma coisa.”

“Você conversou com alguém que se lembra de algo importante?”

Val levantou dois dedos enquanto tomava outro gole. “Um cara... você conhece Tommy Moldanado?”

Jimmy fez que não.

“Cresceu no Basin, é pintor de paredes. Bom, ele diz que viu um cara parado no estacionamento do Last Drop pouco antes de Katie sair. Ele disse que com certeza o cara não era um policial. Estava num carro estrangeiro com um amassado na frente, do lado contrário ao do motorista.”

“Certo.”

“Outra coisa estranha, eu falei com Sandy Greene. Lembra dela? Ela era do Looey.”

Jimmy ainda se lembrava dela sentada na sala de aula, rabo de cavalo castanho, dentes tortos. Ela sempre mordia os lápis até quebrarem em sua boca, e então ela cuspiava os pedaços.

“Sim. O que ela anda fazendo agora?”

“Ela é puta”, disse Val. “E está um bagaço, cara. Ela é da nossa idade, certo? E minha mãe, no *caixão*, parecia melhor do que ela. Ela deve ser a profissional mais antiga ali na região do Last Drop. Ela diz que de certa forma adotou o menino. Ele fugiu de casa, e agora está na prostituição também.”

“Que menino?”

“Um menino de uns onze, doze anos.”

“Não é possível.”

“Bom, é a vida. Esse menino, ela acha que o nome dele é Vincent. Todo mundo o chama de ‘Pequeno Vince’, menos ela. Ela disse que preferia chamá-lo de Vincent. E Vincent tem a mentalidade de alguém com muito mais de doze anos. Ele é um profissional. Ela diz que ele acaba com você se você quiser aprontar com ele. Ele tem uma navalha escondida embaixo da pulseira do Swatch, esse tipo de coisa. Ele faz ponto seis noites por semana. Quer dizer, até sábado passado.”

“O que aconteceu com ele no sábado?”

“Ninguém sabe. Mas ele sumiu. Sandy disse que ele de vez em quando dormia na casa dela. Quando ela chegou em casa no domingo de manhã, as coisas dele tinham sumido. Ele tinha se mandado.”

“Bom, então ele se mandou. Melhor para ele. Talvez tenha resolvido mudar de vida.”

“Foi o que eu disse a ela. Sandy disse, não, esse menino é do ramo. Ela disse que ele vai se tornar um adulto terrível, sabe? Mas por enquanto é só um menino, e ele gosta do trabalho. Ela disse que se ele foi embora, o motivo só pode ser um: medo. Sandy acha que ele viu alguma coisa que o assustou, e a coisa deve ter sido feia, pois ele não é de se assustar por qualquer bobagem.”

“Você tem olheiros na área?”

“Sim. Mas está difícil. O trabalho desses meninos não é... organizado, sabe? Eles moram na rua, ganham uns poucos dólares quando podem e vão embora quando estão a fim. Mas eu tenho gente de olho. Nós vamos achar esse Vincent. Talvez ele saiba alguma coisa sobre o cara que estava no estacionamento do Last Drop, talvez ele tenha testemunhado a morte de Katie.”

“Se é que isso tem alguma coisa a ver com o sujeito que estava no carro.”

“Moldonado disse que o cara emitia más vibrações. Ele disse que mesmo estando escuro e não podendo ver bem o sujeito, dava para sentir más vibrações vindo do carro.”

Vibrações, pensou Jimmy. Ah, sim, isso vai ajudar muito.

“E isso foi pouco antes de Katie sair?”

“Sim. A polícia isolou o estacionamento segunda de manhã, havia toda uma equipe esgaravando o asfalto.”

Jimmy balançou a cabeça. “Quer dizer que alguma coisa aconteceu no estacionamento.”

“É. É isso que não entendo. Pegaram Katie na Sydney, cara. Uns dez quarteirões mais adiante.”

Jimmy tomou o último gole do café. “E se ela voltou?”

“Ahn?”

“Ao Last Drop. Eu sei que por enquanto a explicação mais plausível é que ela deixou Eve e Diane, foi até a Sydney, e então aconteceu. Mas e se ela tiver voltado ao Last Drop antes disso? Ela volta e dá de cara com o sujeito. Ele a sequestra, obriga-a a dirigir até o

Pen Park, e só *então* as coisas acontecem como a polícia imagina.”

“Não sei.” Eles foram até o latão de lixo, jogaram os copinhos e Jimmy disse: “E quanto ao filho de Ray, o Justo? Você descobriu alguma coisa?”.

“Andei perguntando por ele por aí. O rapaz é mais discreto que um camundongo. Nunca teve problema com ninguém. Se ele não fosse tão bem-apessoado, acho que ninguém nem ia se lembrar de ter visto a cara dele. Eve e Diane disseram que ele a amava, Jim. Um amor do tipo só-uma-vez-na-vida. Mas se você quiser, eu investigo ele melhor.”

“Por enquanto não”, disse Jimmy. “Basta não perdê-lo de vista. Vê se encontra o tal Vincent.”

“Está certo.”

Jimmy abriu a porta do lado do passageiro e viu Val olhando por cima do teto, como se estivesse ruminando alguma coisa.

“O que é?”

Val desviou o rosto do sol, estendeu os braços no teto do carro. “Eu ouvi uma coisa hoje de manhã. Pouco antes de a gente sair.”

“É?”

“Sim”, disse Val, e ficou olhando para a doceria por um instante. “Ouvi dizer que os dois policiais voltaram à casa de Dave Boyle. Sean, do Point, e o parceiro dele, aquele meio gordo.”

Jimmy disse: “Dave estava no McGills naquela noite. Com certeza eles se esqueceram de perguntar alguma coisa e tiveram que voltar”.

O olhar de Val se desviou da loja e cruzou com o de Jimmy. “Eles o levaram, Jim. Entende o que quero dizer? Levaram-no no banco de *trás*.”

Marshall Burden chegou à Divisão de Homicídios na hora do almoço e se dirigiu a Whitey no momento em que ele ia entrando pelo portãozinho ao lado da mesa de recepção. “Era você que queria falar comigo?”

Whitey disse: “Sim, sou eu. Venha comigo”.

Marshall Burden tinha quase trinta anos de serviço, e seu rosto denunciava isso. Tinha o olhar apagado de um homem que descobrira mais coisas sobre o mundo e sobre si mesmo do que seria desejável. Alguma coisa em seu modo de andar dava a impressão de que ele queria antes recuar que avançar, como se o grande corpo flácido estivesse em luta contra o cérebro, e como se o cérebro mal esperasse a hora de bater em retirada. Estava ocupando um cargo burocrático nos últimos sete anos, mas antes disso ele era um dos grandes talentos da Polícia Estadual, cotado para o posto de coronel, galgando tranquilamente os cargos, desde a Homicídios até a Divisão de Crimes Graves, até que um dia, segundo contam, ele acordou com medo. Era um mal que normalmente afligia os agentes que trabalhavam na surdina, infiltrados, e às vezes também os patrulheiros rodoviários, que de repente se viam incapazes até de parar um carro suspeito, pois tinham certeza de que daquela vez topariam com um motorista de arma em punho e sem nada a

perder. Sabe-se lá por quê, Marshall Burden também contraiu a doença, começou a ser o último a cruzar a porta, a ficar paralisado no meio das escadas, enquanto os outros continuavam subindo.

Ele sentou perto da mesa de Sean, a quem ele dava a impressão de ser uma fruta passada, e ficou folheando o calendário Sporting News, que ia até o mês de março.

“Você é Devine, não é?”, disse ele sem levantar os olhos do calendário.

“Sim”, disse Sean. “Prazer em conhecê-lo. Estudamos alguns de seus trabalhos na academia.”

Marshall deu de ombros, como se a lembrança do seu antigo eu o embaraçasse. Ele continuou passando as páginas do calendário. “Então, o que está havendo? Eu preciso voltar dentro de meia hora.”

Whitey aproximou sua cadeira da de Marshall Burden. “Você trabalhou com os federais no começo da década de 80, não foi?”

Burden confirmou.

“Você prendeu um ladrãozinho chamado Raymond Harris que tinha roubado um caminhão com um carregamento de Trivial Pursuit do estacionamento de um restaurante em Cranston, Rhode Island.”

Burden sorriu ao ler uma das citações de Yogi Berra. “Sim. O caminhoneiro foi dar uma mijada, sem saber que estavam de olho nele. O tal Harris pegou o caminhão e se mandou, mas o motorista deu queixa imediatamente e nós o pegamos em Needham.”

“Mas Harris foi liberado”, disse Sean.

Burden olhou para ele pela primeira vez. Sean viu em seus olhos o medo e a raiva de si mesmo, e torceu para nunca contrair o mal de Burden.

“Não foi bem assim”, disse Burden. “Ele colaborou. Ele entregou o sujeito que o contratara para o roubo, um tal de Stillson, acho. Sim, Meyer Stillson.”

Sean já tivera notícias da memória de Burden — que diziam ser fotográfica —, mas ver o sujeito recuar dezoito anos no tempo e recuperar nomes como se estivesse falando de coisas da véspera era ao mesmo tempo impressionante e deprimente. E pensar que o cara podia ter chefiado o departamento inteiro!

“Quer dizer então que ele entregou o outro e pronto?”, perguntou Whitey.

Burden franziu o cenho. “Harris já tinha ficha na polícia. Ele não saiu simplesmente porque entregou o chefe. Não, a polícia de Boston queria informações sobre um outro caso e Harris entregou mais um.”

“Entregou quem?”

“O chefe da quadrilha de Rester Street, Jimmy Marcus.”

Whitey olhou para Sean, erguendo uma sobrancelha.

“Isso aconteceu depois do assalto ao Departamento de Transportes de Boston, não é?”, perguntou Sean.

“Que assalto foi esse?”, perguntou Whitey.

“O que motivou a prisão de Jimmy”, disse Sean.

Burden balançou a cabeça, confirmando. “Ele e outro sujeito entraram na tesouraria

uma noite de sexta-feira. Fizeram o trabalho em dois minutos. Eles sabiam a hora da troca de guarda. Sabiam a hora exata em que o dinheiro era colocado nos sacos. Dois dos assaltantes bloquearam o carro da Brinks que vinha pegar o dinheiro. Estavam tão bem informados que só podiam ter sido ajudados por alguém de dentro, ou pelo menos por alguém que trabalhara no departamento naquele ano ou no ano anterior.”

“Ray Harris”, disse Whitey.

“Sim. Ele entregou Stillson e entregou a quadrilha da Rester Street.”

“Todos eles?”

Burden negou com um gesto. “Não, só Marcus, mas ele era o cabeça. Se você corta a cabeça, o corpo morre, não é? A polícia de Boston o pegou à saída de um armazém, na manhã do desfile de São Patrício. Naquela manhã eles iam fazer a partilha do roubo, por isso Jimmy Marcus estava com uma valise cheia de dinheiro.”

“Espere um pouco”, disse Sean. “Ray Harris testemunhou em sessão aberta do tribunal?”

“Não. Marcus tinha feito um acordo bem antes do processo. Ele se recusou a revelar quem trabalhava com ele, e então pagou o pato sozinho. Os outros crimes que todos *sabiam* ser de sua responsabilidade, ninguém podia provar. O cara tinha uns dezenove, vinte anos, chefiava a quadrilha desde os dezessete, e nunca tinha sido preso. O procurador assistente lhe deu dois anos de cadeia e três com sursis, porque sabia não haver provas para incriminá-lo no tribunal. Ouvi dizer que o pessoal da Antigangue ficou furioso, mas o que é que se podia fazer?”

“Quer dizer então que Jimmy Marcus nunca soube que Ray Harris o entregou?”

Burden mais uma vez desviou a atenção do calendário para lançar a Sean o seu olhar turvo, em que se lia uma pontinha de desprezo.

“No espaço de três anos, Marcus organizou uns dezesseis assaltos de envergadura. Certa vez, ele conseguiu limpar doze joalherias diferentes no edifício da Jeweler’s Exchange, na Washington Street. Até hoje, ninguém sabe como conseguiu isso. Ele teve que driblar uns vinte alarmes diferentes — conectados a linhas telefônicas, satélites, *celulares*, uma tecnologia totalmente nova na época. Ele tinha dezoito anos. Dá para acreditar numa merda dessa? Aos dezoito anos o cara decifrava códigos de alarmes que profissionais de quarenta anos nem ousavam enfrentar. Sabe o assalto da Keldar Technics? Marcus e seu bando entraram pelo telhado, mexeram no sistema de prevenção de incêndio, e conseguiram fazer disparar o mecanismo de extinção automática. A única explicação possível é que eles ficaram pendurados do teto até que os extintores automáticos provocassem um curto-circuito nos detectores de movimento. Esse Marcus era um verdadeiro gênio. Se ele trabalhasse para a nasa, e não por contra própria, aposto como hoje em dia ele estaria levando mulher e filhos para passear em Vênus. Você acha que um cara com essa cabeça não ia descobrir quem o entregou? Ray Harris sumiu da face da Terra dois meses depois que Marcus saiu da cadeia. O que você conclui disso?”

Sean disse: “Concluo que você acha que Jimmy Marcus matou Ray Harris”.

“Ou então encomendou o trabalho ao meio-quilo Val Savage. Liguem para Ed Folan,

da Sétima. Agora ele é capitão, mas ele trabalhava na Antigangue. Ele pode lhes contar mais sobre Marcus e Ray Harris. Todos os policiais que trabalharam em East Bucky na década de 80 vão lhes dizer a mesma coisa. Se Jimmy Marcus não matou Ray Harris, serei o próximo papa judeu.” Ele empurrou o calendário com o dedo, levantou-se e ajeitou as calças. “Bom, tenho que ir almoçar. Boa sorte, rapazes.”

Ele atravessou a sala, voltando a cabeça para a direita e para a esquerda como se quisesse rever o bureau onde ele se sentara outrora, a lista dos casos em que estava trabalhando junto com as de todo mundo, a pessoa que ele fora naquela sala antes de ser afastado, indo parar na seção de objetos apreendidos, onde esperava o dia de bater o ponto pela última vez, partindo imediatamente para um lugar onde ninguém soubesse quem era ele.

Whitey voltou-se para Sean. “Papa Marshall, o Ferrado?”

Quanto mais tempo passava naquela cadeira bamba, naquela sala fria, mais Dave se convencia de que o que ele pensara ser uma ressaca matinal era na verdade a continuação da bebedeira da noite anterior. A verdadeira ressaca começou a pegar lá pelo meio-dia, insinuando-se nele como nuvens de insetos, disseminando-se em suas veias, apertando seu coração, lancetando seu cérebro. Sua boca ficou seca, seus cabelos ficaram úmidos de suor, e ele sentiu o próprio cheiro quando o álcool começou a lhe sair pelos poros. Era como se braços e pernas estivessem enlameados. O peito doía. Depois, a mente foi dominada por um sentimento de absoluta prostração.

Já não se sentia corajoso. Já não se sentia forte. A lucidez que duas horas antes lhe parecia permanente como uma cicatriz abandonara seu corpo, cedendo lugar a um medo como jamais sentira. Tinha certeza de que logo iria morrer, e de uma morte horrível. Talvez sofresse um ataque ali mesmo, naquela cadeira, batendo a cabeça no chão, o corpo sacudido por convulsões e os olhos vertendo sangue, e engoliria a língua de tal forma que ninguém poderia ajudá-lo. Talvez um ataque cardíaco, pois seu coração já batia no peito como um rato preso numa ratoeira. Saindo dali — se é que sairia — quem sabe ouviria uma buzina atrás de si e se veria embaixo dos enormes pneus de um ônibus que o esmagariam e seguiriam em frente.

Onde estava Celeste? Será que sabia que ele tinha sido levado para aquele lugar? Será que ao menos ela se preocupava com isso? E quanto a Michael? Será que sentia saudades do pai? O pior, se ele morresse, era que Celeste e Michael continuariam suas vidas. Sim, eles ficariam perturbados por algum tempo, mas resistiriam e começariam uma nova vida, pois é isso que acontece por aí todos os dias. Só no cinema as pessoas definham por seus mortos, e suas vidas ficam avariadas como relógios quebrados. Na vida real, a morte é uma coisa banal, um acontecimento que todos esquecem, menos você.

Às vezes Dave se perguntava se os mortos olhavam para aqueles que deixaram para trás e choravam ao ver que passavam tão bem sem eles. Como o caso de Eugene, filho de Stanley, o Grandalhão. Estaria ele lá em cima, em algum lugar do éter, com sua cabecinha

lisa e sua camisolinha branca de hospital, olhando para baixo e vendo seu pai rindo num bar, pensando consigo mesmo: Ei, pai, e eu? Você se lembra de mim? Eu também existi, um dia.

Michael teria um novo pai, e talvez ele frequentasse a faculdade e falasse a alguma garota sobre seu pai, que o ensinara a jogar beisebol, mas de quem ele tinha uma vaga lembrança. Foi há tanto tempo — diria ele. Tanto tempo atrás.

E Celeste era atraente o bastante para conseguir outro homem. E não poderia ser de outro modo. Solidão, diria ela às amigas. Eu não aguentava mais. E ele é uma pessoa muito boa. Ele trata o Michael muito bem. E as amigas de Celeste trairiam a memória de Dave em dois tempos. Elas iriam dizer: que bom para você, querida. Isso é muito saudável. É preciso tocar a vida adiante...

E Dave estaria lá em cima com Eugene, os dois olhando para baixo, exprimindo o seu amor em altos brados, numa voz que os vivos não ouviam.

Meu Deus. Dave teve vontade de se encolher num canto e acalantar a si mesmo. Sentia-se desmoronar. Sabia que se os policiais voltassem agora, ele se deixaria dobrar. Ele diria tudo o que eles quisessem saber. Nem que fosse para que lhe dessem um pouco de calor humano e mais uma Sprite.

E então a porta da sala de interrogatórios se abriu para Dave, para seu medo e sua carência de calor humano, e o policial uniformizado que entrou era jovem, forte, com aquele olhar de policial que conseguia ser ao mesmo tempo impessoal e autoritário.

“Senhor Boyle, faça o favor de me acompanhar.”

Dave se levantou, dirigiu-se à porta, as mãos um pouco trêmulas, pois o álcool continuava correndo em seu sangue.

“Para onde vamos?”, perguntou ele.

“O senhor vai ficar numa fila, senhor Boyle. Uma pessoa quer ver o senhor.”

* * *

Tommy Moldanado estava de calça jeans e de camiseta verde, salpicada de tinta. Havia salpicos de tinta em seus cabelos castanhos ondulados, em suas botas marrons e na armação de seus óculos de lentes grossas.

Eram os óculos que incomodavam Sean. Qualquer testemunha que entrasse no tribunal usando óculos era alvo fácil para os advogados. E os jurados, nem pensar. Todos especialistas nas relações entre os óculos e a justiça, graças a séries de televisão como *Matlock* e *The Practice*: eles olhavam uma pessoa de óculos sentar-se no banco das testemunhas como quem olha traficantes, negros sem gravatas, e drogados que fizeram acordo com a promotoria.

Moldanado apertou o nariz contra o vidro da sala de reconhecimento e olhou para os cinco homens enfileirados. “Olhando de frente não dá para saber. Será que eles não podem virar para a esquerda?”

Whitey apertou o botão no console à sua frente e falou ao microfone. “Virem todos para a esquerda.”

Os cinco homens viraram para a esquerda.

Moldanado apoiou as mãos contra o vidro e semicerrou os olhos. “O número dois. Pode ser o número dois. Será que ele não pode vir para mais perto?”

“O número dois?”, perguntou Sean.

Moldanado olhou para trás e confirmou com um gesto.

O número dois da fila era Scott Paisner, que trabalhava na Divisão de Entorpecentes, em Norfolk.

“Número dois”, disse Whitey com um suspiro. “Dê dois passos à frente.”

Scott Painer era baixo, barbudo, gordo e meio careca. Parecia-se com Dave Boyle tanto quanto Whitey. Ele ficou de frente e avançou em direção ao vidro, e Moldanado confirmou: “Sim, sim. Foi ele que eu vi”.

“Tem certeza?”

“Noventa e cinco por cento”, disse ele. “É verdade que era de noite, o estacionamento não é iluminado e havia um pouco de cerração. Mas fora isso, tenho quase certeza de que foi esse cara.”

“Você não falou de barba em seu depoimento”, disse Sean.

“Não, mas agora acho que... sim, o cara tinha uma barba, talvez.”

Whitey disse: “Ninguém mais da fila se parece com o cara?”.

“Não”, disse ele. “Nem um pouco. O que é que eles são, policiais?”

Whitey abaixou a cabeça para o console e murmurou: “Por que eu faço essa desgraça de trabalho?”.

Moldanado olhou para Sean. “O quê? O quê?”

Sean abriu a porta atrás de si. “Obrigado por ter vindo, senhor Moldanado. Manteremos contato.”

“Meu depoimento serviu, não foi? Quer dizer, eu ajudei em alguma coisa.”

“Claro”, disse Whitey. “O senhor vai receber uma medalha de honra.”

Sean sorriu e acenou para Moldanado, depois fechou a porta atrás dele.

“Não temos testemunhas”, disse Sean.

“Claro, deu para perceber.”

“As provas materiais do carro não serão aceitas no tribunal.”

“Sei disso.”

Sean viu Dave pôr a mão nos olhos e piscar, incomodado pela luz. Ele parecia não dormir há um mês.

“Ora, sargento...”

Whitey levantou os olhos e olhou para ele. Ele também parecia estar exausto, e o branco dos olhos agora estava róseo.

“Foda-se”, disse ele. “Solte-o.”

24. Uma tribo desterrada

Celeste estava sentada à janela do café Nate & Nancy, na Buckingham Avenue, defronte ao prédio de Jimmy Marcus, quando o carro de Jimmy estacionou na frente do edifício. Ela viu quando Jimmy e Val saíram do carro e se dirigiram à entrada do prédio.

Se tinha de fazer aquilo mesmo, era preciso levantar-se da cadeira e aproximar-se deles. Ela se levantou, as pernas trêmulas, e sua mão bateu embaixo do tampo da mesa. Celeste olhou para a própria mão. Esta também tremia, e a pele do polegar estava esfolada. Ela levou o dedo à boca e voltou-se para a porta. Ainda não tinha certeza de poder fazer aquilo, dizer as palavras que ensaiara no quarto do motel naquela manhã. Ela resolvera contar a Jimmy apenas o que sabia — os detalhes do comportamento de Dave desde a manhã de domingo, sem tirar nenhuma conclusão a respeito —, deixando que ele tirasse suas próprias conclusões. Sem as roupas que Dave estava usando naquela noite, não fazia o menor sentido procurar a polícia, pensara ela consigo mesma. Isso porque ela não tinha certeza de que a polícia poderia protegê-la. Afinal de contas ela precisava viver ali, e só a vizinhança poderia protegê-la de algum perigo. E se ela contasse a Jimmy, não apenas ele mas também os Savage poderiam fazer uma espécie de linha de proteção que Dave não ousaria cruzar.

Ela saiu pela porta no momento em que Jimmy e Val se aproximavam das escadas da frente do prédio. Levantou a mão ferida. Chamou por Jimmy quando saiu na avenida, certa de que estava parecendo uma louca: descabelada, olhos esgazeados de medo.

“Ei, Jimmy! Val!”

Eles se voltaram e a viram aproximar-se. Jimmy lhe deu um pequeno sorriso perplexo, e ela mais uma vez pensou em como aquele sorriso era bonito. Era espontâneo, forte e autêntico. Ele dizia: sou seu amigo, Celeste. Em que posso ajudar?

Ela chegou à calçada e Val beijou-lhe o rosto. “Oi, prima.”

“Oi, Val.”

Jimmy também lhe deu um leve beijo, que pareceu penetrar-lhe na carne, formando uma onda de calor que se espalhou até a garganta.

Ele disse: “Annabeth tentou falar com você hoje de manhã, mas você não estava em casa nem no trabalho.”

Celeste balançou a cabeça. “Eu estava, ah...” Ela desviou o olhar do rosto chupado de Val, que lhe lançava um olhar inquiridor. “Jimmy, será que eu podia falar um pouquinho com você?”

“Claro”, disse Jimmy, com o mesmo sorriso perplexo de pouco antes. Ele se voltou para Val. “A gente conversa mais tarde, certo?”

“Claro. Até mais tarde, prima.”

“Obrigada, Val.”

Val entrou e Jimmy se sentou no terceiro degrau, fazendo um gesto para que Celeste se acomodasse ao seu lado. Ela sentou-se, pôs a mão ferida no colo e tentou achar as palavras. Jimmy ficou observando-a por um instante, esperando, e logo pareceu notar que ela estava absolutamente confusa, incapaz de dizer o que lhe ia na mente.

Ele disse num tom suave: “Sabe do que eu estava me lembrando outro dia?”.

Celeste balançou a cabeça.

“Eu estava de pé naquelas velhas escadarias da Sydney. Sabe aquelas em que a gente ia para ver os filmes do drive-in e fumar uns baseados?”

Celeste sorriu. “Você estava namorando...”

“Oh, nem me fale.”

“...a Jessica Lutzen, que tinha aquele corpão, e eu Duckie Cooper.”

“O velho Duckster”, disse Jimmy. “Puxa, o que é feito dele?”

“Ouvi dizer que entrou na marinha, pegou uma doença estranha e agora está morando na Califórnia.”

“Ah, é?”

Jimmy levantou um pouco a cabeça, perdido na contemplação daquela outra fase de sua vida, e Celeste teve a impressão de vê-lo fazendo a mesma coisa que dezoito anos antes, na época em que seus cabelos eram de um loiro mais claro e ele muito mais louco, o tipo do sujeito capaz de subir em postes de telefone durante um temporal, um bando de moças assistindo, rezando para ele não cair. Mas mesmo em seus momentos mais loucos, ele sempre mostrava aquela calma, aquelas súbitas pausas de introspecção, dando a impressão, mesmo em sua juventude, de refletir sobre todas as coisas, exceto sobre como salvar a própria pele.

Ele bateu levemente no joelho dela com as costas da mão. “O que é que há, garota? Você parece tão...”

“Pode falar, não me incomodo...”

“O quê? Não, você está me parecendo cansada, só isso.” Ele se recostou no degrau e suspirou. “Acho que todos estamos cansados, não é?”

“Passei esta noite num motel. Com Michael.”

Jimmy fixou os olhos num ponto qualquer, à sua frente. “Sim.”

“Eu não sei, Jimmy. Estou pensando seriamente em me separar de Dave.”

Ela notou uma mudança na expressão de Jimmy, certa crispação na mandíbula, e de repente teve a impressão de que Jimmy sabia o que ela ia dizer.

“Você largou Dave.” Sua voz agora estava inexpressiva, o olhar fixo na avenida.

“Sim. Ele anda agindo, bem... Ele tem agido de forma estranha ultimamente. Já não é o mesmo. Ele começou a me dar medo.”

Jimmy voltou-se para ela, e o sorriso que exibia era tão gelado que ela por pouco não o esbofeteou. Em seus olhos, a mesma expressão do menino que subia em postes telefônicos debaixo de chuva.

“Por que você não começa do começo?”, disse ele. “De quando Dave começou a agir de forma estranha.”

Ela disse: “O que é que você sabe, Jimmy?”.

“O que eu sei?”

“Você sabe de alguma coisa. Você não está surpreso.”

O sorriso horrível sumiu, e Jimmy inclinou-se para a frente, as mãos cruzadas no colo. “Eu sei que ele foi levado pela polícia esta manhã. Eu sei que ele tem um carro estrangeiro com um amassado na frente, do lado do passageiro. Eu sei que ele me contou uma história para explicar a mão machucada, e contou outra para a polícia. E sei que ele viu Katie na noite em que ela morreu, mas ele só me contou depois que a polícia o interrogou sobre isso.” Ele descruzou as mãos e as abriu. “Não sei o que tudo isso significa exatamente, mas a coisa está começando a me incomodar.”

Por um instante Celeste sentiu compaixão por seu marido, imaginando-o na polícia, sendo interrogado, talvez algemado, com uma luz forte no rosto pálido. Então ela viu Dave enfiando a cabeça pela porta na noite passada, olhando para ela, o olhar demente, e o medo foi maior que a compaixão.

Ela respirou fundo e falou. “Às três horas da madrugada de domingo, Dave chegou em casa coberto do sangue de outra pessoa.”

Pronto. Ela falara. As palavras saíram de sua boca e se espalharam no ar. Formaram uma muralha diante dela e de Jimmy, e logo surgiu um teto, depois outra muralha atrás deles, e de repente estavam os dois encarcerados numa minúscula cela, criada por uma única frase. Os ruídos da avenida sumiram e o vento parou, e a única coisa que chegava aos sentidos de Celeste era o leve cheiro da colônia de Jimmy e o brilho do sol de maio nos degraus a seus pés.

Quando Jimmy conseguiu falar, parecia que alguém apertava a sua garganta. “O que ele disse a você?”

Ela contou. Contou tudo, inclusive a história maluca de vampiros da noite anterior. Enquanto contava, ela via que cada palavra que saía de sua boca era mais uma da qual ele queria fugir. Elas o queimavam. Elas entravam em sua pele como dardos. Sua boca e seus olhos se cerravam, e o rosto crispava-se de tal forma que ela conseguia ver sua caveira sob a pele, e o corpo dela gelou imaginando-o deitado num caixão, as unhas compridas e pontudas, o queixo esfacelado, e musgo em lugar de cabelos.

Quando as lágrimas começaram a escorrer pelas faces de Jimmy, ela resistiu ao impulso de puxá-lo para si, de sentir aquelas lágrimas caírem em sua blusa e rolares pelo seu corpo.

Em vez disso, ela continuou a falar, porque se parasse, pararia de vez; ora, ela precisava explicar a alguém por que fora embora, por que havia abandonado um homem que ela jurara acompanhar nos bons e nos maus momentos, um homem que era o pai de seu filho, que a fazia rir, que lhe acariciava a mão, que lhe oferecia o peito para dormir. Ela precisava dizer a alguém como ficara confusa quando aquele homem pareceu desaparecer, como se a máscara que lhe cobria a face tivesse caído por terra, revelando o monstro horrível que havia por trás.

Ela terminou dizendo: “Ainda não sei o que ele fez, Jimmy. Ainda não sei de quem era

aquele sangue. Não sei. Não tenho certeza. Não sei mesmo. Mas estou com muito, muito medo”.

Jimmy se virou um pouco, de forma a poder apoiar o corpo no balaústre de ferro batido. As lágrimas secaram em seu rosto, os lábios comprimiam-se numa pequena oval que revelava o seu estado de choque. Ele a fitou com um olhar que parecia atravessá-la, e também à avenida, fixando-se em alguma coisa no horizonte que ninguém mais conseguia ver.

Celeste disse “Jimmy”, mas ele fez um gesto, dispensando-a, e fechou bem os olhos. Em seguida abaixou a cabeça e inspirou pela boca.

A cela em volta deles evaporou-se, e Celeste acenou com a cabeça para Joan Hamilton, quando ela passou pelos dois e lhes dirigiu um sorriso compassivo, embora um tanto desconfiado, continuando em seguida o seu caminho, a martelar a calçada com os saltos. Os ruídos da avenida — buzinas, bater de portas, chamados longínquos — voltaram a soar à sua volta.

Quando Celeste se voltou para Jimmy, ele a encarou. Os olhos dele estavam claros, a boca fechada, e ele levava os joelhos ao peito. Pareceu-lhe que uma espécie de inteligência feroz e belicosa estava em plena atividade em sua mente, que funcionava mais depressa e de forma mais original do que na maioria das pessoas.

“As roupas que ele usou naquele dia desapareceram, não é?”, perguntou ele.

“Sim, eu chequei.”

Ele apoiou o queixo nos joelhos. “Você está com muito medo? Fale francamente.”

Celeste temperou a garganta. “Na noite passada, Jimmy, achei que ele ia começar a me morder. E que não ia mais parar.”

Jimmy inclinou a cabeça de modo a apoiar a face esquerda nos joelhos, e fechou os olhos. “Celeste”, sussurrou ele.

“Sim?”

“Você acha que Dave matou Katie?”

A resposta subiu à sua garganta como a bile da véspera, acelerando as batidas de seu coração.

“Sim”, disse ela.

Jimmy abriu bruscamente os olhos.

Celeste disse: “Jimmy? Oh, meu Deus”.

* * *

Sean lançou um olhar a Brendan Harris, do outro lado de sua mesa. O rapaz parecia confuso, cansado e assustado, exatamente do modo como Sean queria. Ele mandara dois agentes trazê-lo até ali, depois o fez sentar à sua frente, enquanto se concentrava na tela do computador para analisar todos os dados que reunira sobre Ray Harris, bem devagar, fingindo ignorar sua presença, deixando-o agitar-se em sua cadeira.

Ele voltou a olhar para a tela e, só para conseguir um pequeno efeito teatral, tocou na tecla *scroll down* com o lápis e disse: “Fale-me de seu pai, Brendan”.

“O quê?”

“Seu pai. Raymond pai. Lembra-se dele?”

“Vagamente. Eu tinha uns seis anos quando ele nos abandonou.”

“Quer dizer que você não se lembra dele.”

Brendan sacudiu os ombros. “Lembro umas poucas coisas. Ele costumava chegar em casa cantando, quando estava bêbado. Ele me levou uma vez ao Canobie Lake Park, comprou algodão-doce para mim, eu comi metade, depois vomitei tudo no carrossel. Lembro-me de que ele não aparecia muito em casa. Por quê?”

O olhar de Sean estava novamente na tela. “De que mais você se lembra?”

“Não sei. Ele cheirava a cerveja e a menta. Ele...”

A voz de Brendan traía uma pequena alteração. Sean levantou os olhos e viu um sorriso efêmero aflorar em seu rosto. “Ele o quê, Brendan?”

Brendan se mexeu na cadeira, os olhos fixos em algo que não estava naquela sala, e tampouco no momento presente. “Ele costumava carregar consigo todo o seu troco em moedas, sabe? Elas pesavam no bolso e faziam barulho quando ele andava. Quando eu era criança, costumava ficar sentado na sala de estar, que ficava logo na entrada da casa. Não era o mesmo lugar onde moramos agora. Era bonito. Eu costumava ficar sentado ali, por volta das cinco horas, de olhos fechados até ouvir as moedas tilintando rua acima. Então saía correndo de dentro de casa para ir encontrá-lo, e se eu conseguisse adivinhar quanto ele trazia no bolso — eu sempre chegava perto, sabe? — ele me dava o dinheiro.” O sorriso de Brendan se alargou e ele balançou a cabeça. “Ele andava com muitas moedas no bolso.”

“Seu pai tinha uma arma?”

O riso de Brendan paralisou-se, seus olhos se apertaram, como se não tivesse entendido a pergunta. “O quê?”

“Ele tinha uma arma?”

“Não.”

Sean balançou a cabeça e disse: “Você parece ter certeza demais para alguém que só tinha seis anos quando ele foi embora”.

Connolly entrou na sala com uma caixa de papelão e colocou-a na mesa de Whitey.

“Que é isso?”, perguntou Sean.

“Um monte de coisa”, disse Connolly, dando uma olhada no conteúdo da caixa. “Relatórios da Polícia Técnica, relatórios balísticos, análise de impressões digitais, a fita da ligação para a Central de Polícia, um monte de coisas.”

“Você já disse isso. E o que é que temos quanto às digitais?”

“Não batem com nenhuma do computador.”

“Você fez uma pesquisa na base de dados nacional?”

Connolly disse: “E na da Interpol. Só há uma impressão digital nítida, que colhemos na porta. E é um polegar. Se é a do assassino, ele é baixo”.

“Baixo”, disse Sean.

“Sim, baixo. Mas ela pode ser de qualquer um. Colhemos outras seis, mais ou menos nítidas, mas não foi possível estabelecer nenhuma correspondência.”

“Você ouviu a fita da ligação para a Central?”

“Não. Eu deveria ter ouvido?”

“Connolly, você tem que tomar conhecimento de toda e qualquer coisa que tenha a ver com o caso.”

Connolly balançou a cabeça. “Você vai ouvi-la?”

“Foi por isso que pedi que me trouxesse.” Ele se voltou novamente para Brendan Harris. “Quanto à arma de seu pai...”

Brendan disse: “Meu pai não tinha arma”.

“É mesmo?”

“É.”

“Oh”, fez Sean. “Acho que estamos mal informados. A propósito, Brendan, você conversava muito com seu pai?”

Brendan balançou a cabeça. “Nunca. Um dia ele disse que ia beber um pouco, saiu, deixou minha mãe e a mim, e ainda por cima ela estava grávida.”

Sean balançou a cabeça, como se compartilhasse a sua dor. “Mas sua mãe não comunicou o desaparecimento dele à polícia.”

“Isso porque ele não estava desaparecido”, disse Brendan, com uma pequena ponta de desafio no olhar. “Ele disse a minha mãe que não a amava. Ele lhe disse que ela sempre pegava no pé dele. Dois dias depois, ele se mandou.”

“Ela nunca fez nenhuma tentativa para encontrá-lo?”

“Não. Desde que continuasse mandando a grana, que se danasse.”

Sean pegou o lápis que estava sobre o teclado e colocou-o na mesa. Olhou para Brendan Harris, tentando ler o que lhe ia na alma, mas a única coisa que conseguiu ver foi depressão e raiva.

“Ele manda dinheiro?”

Brendan fez que sim. “Uma vez por mês, nunca falha.”

“De onde?”

“Ahn?”

“Os envelopes com o dinheiro. De onde são enviados?”

“De Nova York.”

“Sempre?”

“Sim.”

“Em dinheiro vivo?”

“Sim. Quinhentos dólares todo mês. Um pouco mais no Natal.”

“Ele nunca escreve um bilhete?”, perguntou Sean.

“Não.”

“Então, como que vocês sabem que é ele?”

“Quem mais poderia mandar dinheiro para nós todo mês? É porque ele se sente

culpado. Minha mãe diz que ele sempre foi assim. Quando fazia bobagens, achava que o fato de se sentir culpado o absolvía, entende?”

Sean disse: “Eu queria ver um dos envelopes que vêm com o dinheiro”.

“Minha mãe joga fora.”

Sean disse “Merda”, tirando a tela do computador de sua linha de visão. Tudo nesse caso o estava incomodando — ter David Boyle como suspeito, Jimmy Marcus ser o pai da vítima e a própria vítima ter sido morta pelo revólver do pai do seu namorado. E então ele pensou em mais uma coisa que tinha mexido com ele, embora não tivesse nada a ver com o caso.

“Brendan”, ele disse, “se seu pai abandonou a família enquanto sua mãe estava grávida, por que ela daria o nome dele ao bebê?”

O olhar de Brendan vagueou pela sala da divisão. “Minha mãe estava meio transtornada, entende? Ela tentava e tal, mas...”

“Sei...”

“Ela disse que o chamou de Ray para lembrar-se.”

“Do quê?”

“Homens.” Ele deu de ombros. “De como se você lhes der a menor oportunidade, eles irão foder com você só para provar que eles podem.”

“Mas quando o seu irmão revelou ser mudo, como isso a fez sentir-se?”

“Furiosa”, Brendan disse, e um pequeno sorriso perpassou seus lábios. “O que aconteceu provava que ela tinha razão. Ao menos, na sua cabeça.” Ele tocou o porta-papéis no canto da mesa de Sean, e o pequeno sorriso se desvaneceu.

“Por que você me perguntou se meu pai tinha uma arma?”, perguntou Brendan.

De repente Sean se sentiu cansado de fazer joguinhos e de ser educado e prudente. “Você sabe por quê, rapaz.”

“Não”, disse Brendan. “Não sei.”

Sean se inclinou sobre a mesa, mal contendo a vontade de se lançar sobre Brendan Harris e esganá-lo. “O revólver que matou sua namorada, Brendan, foi o mesmo que seu pai usou num assalto há dezoito anos. Você quer me falar sobre isso?”

“Meu pai não tinha revólver”, disse ele, mas Sean percebeu que alguma coisa estava começando a se agitar no cérebro do rapaz.

“Não? Mentira.” Ele esmurrou a mesa com tanta força que o rapaz estremeceu na cadeira. “Você diz que amava Katie Marcus. Deixe-me dizer a você o que eu amo, Brendan. Eu amo o meu índice de resolução de casos. Eu amo minha capacidade de resolver os casos em setenta e duas horas. Agora você está mentindo para mim.”

“Não, não estou.”

“Está, sim, rapaz. Você sabia que seu pai era um ladrão?”

“Ele era funcionário do metrô...”

“Ele era um desgraçado dum ladrão. Trabalhava com Jimmy Marcus. Que também era um desgraçado dum ladrão. E agora a filha de Jimmy Marcus é morta com o revólver de seu pai.”

“Meu pai não tinha revólver.”

“Vá se foder!”, berrou Sean, e Connolly pulou da cadeira e olhou para eles. “Se você quer mesmo ficar contando lorotas, vai ter que contar em sua cela.”

Sean tirou as chaves do cinturão e jogou-a, por sobre a cabeça, para Connolly.

“Meta esse verme na cadeia.”

Brendan se levantou. “Eu não fiz nada.”

No mesmo instante, Connolly foi para trás de Brendan.

“Você não tem álibi, Brendan, você conhecia a vítima, e ela foi morta com o revólver de seu pai. Até prova em contrário, você é o principal suspeito. Descanse um pouco, pense nas coisas que você acabou de me dizer.”

“Você não pode me prender.” Brendan olhou para Connolly, que estava atrás dele. “Você não pode.”

Connolly olhou para Sean, de olhos arregalados, porque o rapaz tinha razão. A rigor, ele só podia ser preso se houvesse provas contra ele. E na verdade essas provas não existiam. E naquele estado não se podia prender ninguém pelo fato de ser suspeito.

Mas Brendan não sabia nada disso, e Sean lançou a Connolly um olhar que parecia dizer: “Bem-vindo à Divisão de Homicídios, meu jovem”.

Sean disse: “Se você não me disser alguma coisa agora mesmo, vou prendê-lo”.

Quando Brendan entreabriu os lábios, pareceu estremecer sob o efeito de uma revelação terrível. Depois fechou a boca e balançou a cabeça. “Esse indivíduo é suspeito de homicídio qualificado”, disse Sean a Connolly. “Meta esse merda na cadeia.”

Dave voltou para o apartamento vazio à tarde e foi direto à geladeira para pegar uma cerveja. Ele não comera nada e sentia o estômago oco, como se estivesse cheio de bolhas de ar. Não era uma condição ideal para tomar uma cerveja, mas Dave estava precisando beber. Precisava diminuir a pressão em sua cabeça, aliviar a tensão na nuca, acalmar o ritmo acelerado do coração.

A primeira desceu bem, enquanto ele andava pelo apartamento vazio. Celeste certamente tinha voltado para casa enquanto ele estivera fora, depois fora para o trabalho. Ele pensou em ligar para o salão de beleza para ver se ela estava lá agora, cortando cabelos e conversando com as mulheres, flertando com Paolo, o rapaz gay que trabalhava nos mesmos turnos que ela e que gostava de flertar com as mulheres daquele jeito descontraído, embora não de todo inocente, dos gays. Ou então ele podia ir à escola de Michael, saudá-lo com gestos largos e com um abraço, depois ir andando para casa com ele, dando uma paradinha no caminho para tomar um chocolate.

Mas Michael não estava na escola e Celeste não estava no trabalho. Eles estavam se escondendo em algum lugar, Dave concluiu, terminando a segunda cerveja sentado à mesa da cozinha, sentindo os primeiros efeitos do álcool que circulava em seu corpo, acalmando tudo e tornando o ar diante de seus olhos ligeiramente brilhante e ondulante.

Ele devia ter contado a ela. Desde o começo, ele devia ter contado a sua mulher o que

tinha acontecido. Devia ter tido confiança nela. Não era qualquer mulher que ficava ao lado de um ex-jogador de beisebol violentado quando criança e incapaz de se manter num emprego decente. Mas Celeste fora capaz disso. De repente ele tornou a vê-la debruçada sobre a pia, lavando as roupas sujas, afirmando que iria eliminar os vestígios... Diabo, ela era uma grande mulher. Como ele pôde deixar de perceber isso? Como era possível deixar de ver uma pessoa com quem se conviveu durante tanto tempo?

Dave pegou a terceira e última cerveja da geladeira e deu mais umas voltas no apartamento, o corpo cheio de amor pela esposa e pelo filho. Teve vontade de se encostar sobre o corpo nu de Celeste, contar-lhe como sentira a sua falta naquela fria sala de interrogatórios, enquanto ela lhe passava a mão nos cabelos. Algum tempo antes ele achou que estivesse precisando de calor humano, mas na verdade ele queria mesmo era o calor de Celeste. Ele queria ficar bem junto dela, fazê-la rir e beijar-lhe as pálpebras, acariciar as suas costas, fundir-se com ela.

Mas ainda era tempo, ele contaria tudo quando ela voltasse. É que tinha havido uns curtos-circuitos em seu cérebro e as ideias estavam meio embaralhadas, só isso. Esta cerveja aqui na minha mão não ajuda em nada, mas preciso dela até ter você de volta. Então eu vou parar. Eu vou parar de beber e vou fazer um curso de computação ou alguma coisa assim, e conseguir um emprego num escritório. A Guarda Nacional financia a formação de voluntários, o que pode ser uma saída, não? No interesse de minha família, posso muito bem fazer o treinamento um fim de semana por mês e também durante algumas semanas no verão. Por minha mulher e por meu filho, eu poderia fazer isso com os pés nas costas. Além do mais, isso vai me ajudar a voltar à forma, a perder essa barriga de cerveja, a desanuviar as ideias. E quando eu conseguir o emprego no escritório, a gente vai embora daqui, para longe deste bairro com seus aluguéis que não param de subir, com seus projetos de construção de estádios e a especulação imobiliária. Por que resistir a isso? Mais cedo ou mais tarde vamos ser expulsos daqui. Vão nos expulsar daqui para construir um mundinho elegante, onde falarão sobre suas casas de veraneio nos cafés e nos corredores dos supermercados de elite.

Mas nós vamos para um lugar bom, ele diria a Celeste. Vamos para um lugar limpo, onde poderemos criar nosso filho. Vamos começar tudo de novo. E eu vou lhe contar o que aconteceu, Celeste. Não é uma coisa bonita de se ouvir, mas não é tão terrível como você imagina. Vou lhe contar que tenho umas coisas terríveis e perversas na cabeça e talvez eu precise consultar alguém para resolver esse problema. Tenho desejos que me enojam, mas estou tentando, querida. Estou tentando ser um homem bom. Estou tentando enterrar o Menino. Ou, pelo menos, ensinar a ele a compaixão.

Talvez fosse isso o que o sujeito do Cadillac estivesse procurando — um pouco de compaixão. Mas o Menino Que Escapou dos Lobos não estava nem um pouco a fim de compaixão naquela noite de sábado. Ele estava com o revólver na mão e o usou para bater com ele na cabeça do desconhecido pelo vidro aberto do Cadillac. O golpe foi tão forte que se ouviu um estalar de ossos. O menino ruivo tratou de sair do carro pela porta do passageiro e ficou assistindo à cena de boca aberta, enquanto Dave continuava golpeando

o sujeito, chegando a puxá-lo pelos cabelos, arrastando-o para fora do carro. Mas o homem não era tão indefeso quanto parecia. Ele se fingira de morto, e Dave só vira a faca (na verdade um canivete automático) no momento em que ela estava rasgando a sua camisa e a sua pele. O golpe fora dado sem muita força, mas o canivete era afiado o bastante para cortar Dave antes de ele poder comprimir o punho do outro com o joelho, prendendo-lhe o braço na porta do carro. Quando o canivete caiu no chão, Dave chutou-o para debaixo do carro.

O menino ruivo estava assustado, mas também excitado, e Dave, agora totalmente desatinado, bateu o revólver na cabeça do homem com tanta força que a coronha se quebrou. O homem caiu de bruços, e Dave pulou em cima dele, deixando-se dominar pelo lobo que trazia dentro de si, odiando aquele homem, aquele degenerado estuprador de crianças, agarrando-o com força pelos cabelos e batendo a cabeça dele contra o calçamento. Ele bateu, bateu, bateu sem parar, acabando com aquele cara, aquele Henry, aquele George, aquele — Oh, Deus! — Dave, aquele Dave.

Morra, filho da puta. Morra, morra, morra.

O menino ruivo saiu correndo, e Dave voltou a cabeça e só então se deu conta das palavras que saíam de sua boca. “Morra, morra, morra, morra.” Dave viu o menino saindo do estacionamento e foi atrás dele cambaleante, as mãos gotejantes do sangue do homem. Ele queria dizer ao menino que fizera aquilo por ele. Que ele o salvara. E que iria protegê-lo para sempre, se ele quisesse.

Ele ficou na viela atrás do bar, ofegante, percebendo que o menino já estava longe. Ele olhou para o céu noturno. “Por quê?”, disse ele.

Por que me puseram no mundo? Por que me deram esta vida? Por que me deram essa doença, uma doença que eu desprezo mais que nenhuma outra? Por que, já que assim é, me conceder momentos de beleza, de ternura e amor pelo meu filho e por minha mulher — meros vislumbres de uma vida que poderia ter sido a minha vida, se aquele carro não tivesse entrado na Gannon Street e me levado para aquele porão? Por quê?

Respondam-me, por favor. Oh, por favor, respondam-me.

Mas, naturalmente, não houve resposta. Nada, apenas o silêncio, o barulho de água nas sarjetas e da chuva, cada vez mais forte.

Ele se afastou da viela alguns minutos depois e encontrou o homem caído junto do próprio carro.

Oh, pensou Dave, eu o matei.

E então o homem virou de lado, abrindo e fechando a boca como um peixe. Ele tinha cabelos loiros e uma barriga grande demais para um corpo tão magro. Dave tentou se lembrar de como era seu rosto antes de ele enfiar a mão pela janela aberta para golpeá-lo com o revólver. Ele lembrou apenas que os lábios lhe pareceram muito grandes e muito vermelhos.

Mas agora o rosto estava desfigurado. Ele parecia ter sido empurrado contra a turbina de um jato, e Dave começou a se sentir mal olhando aquela coisa ensanguentada sufocando diante dele.

Sem se dar conta, aparentemente, de que Dave estava ao seu lado, o homem conseguiu ficar de joelhos e começou a rastejar. Ele rastejou em direção às árvores atrás do carro. Ali, ele conseguiu içar-se para um pequeno desnível e agarrar-se à tela de metal que separava o estacionamento do depósito de ferro velho que havia do outro lado. Dave tirou a camisa de flanela que estava usando por cima da camiseta. Embrulhou o revólver com ela e dirigiu-se à criatura sem rosto.

A criatura sem rosto tentara se erguer um pouco mais, agarrando-se à tela, mas então lhe faltaram forças. Ele caiu sobre seu lado direito e terminou sentado, apoiado na tela, as pernas abertas, a cabeça sem face voltada para Dave.

“Não”, sussurrou ele. “Não.”

Mas Dave seria capaz de apostar que ele não sabia o que estava dizendo. Ele estava tão cansado de ser o que era quanto Dave.

O Menino ajoelhou-se diante do homem e encostou o bolo de flanela em seu tórax, logo acima do abdome, enquanto Dave pairava no ar, observando.

“Por favor”, gemeu o homem.

“Psiu”, fez Dave, e o Menino puxou o gatilho.

Um estremeção violento sacudiu o corpo da criatura sem rosto, que ainda conseguira dar um pontapé na axila de Dave, depois o ar escapou de seu corpo com um silvo semelhante ao de uma chaleira.

E o Menino disse, Muito bem.

Só quando acabou de colocar o homem no porta-malas do Honda, Dave se lembrou do carro do outro, que ele podia muito bem ter usado. Ele já tinha fechado as janelas deste, desligado o motor e limpado com a camisa de flanela o banco da frente e tudo que tinha tocado. Mas para que sair por aí com seu Honda, procurando um lugar para jogar o cadáver, quando a resposta estava bem à sua frente?

Dave recuou seu carro para junto do Cadillac do outro, os olhos fixos na porta lateral do bar, para ver se alguém saía. Ele abriu o porta-malas do Honda, depois o do Cadillac, e passou o corpo de um para o outro. Em seguida fechou os dois porta-malas, embrulhou o canivete e o revólver na camisa de flanela, jogou o embrulho no banco dianteiro do Honda, e saiu a toda a velocidade.

Ele jogou a camisa, o canivete e o revólver da ponte da Roseclair Street no Penitentiary Channel, e só mais tarde viria a saber que, enquanto fazia isso, Katie Marcus estava sendo morta no parque ali adiante. Então ele foi para casa, certo de que logo encontrariam o carro com o cadáver no porta-malas.

Ele passou na frente do Last Drop no domingo, e havia um carro parado ao lado do Cadillac, mas não havia outros carros no estacionamento. Ele reconheceu o outro carro, que ele sabia ser de um dos garçons, Reggie Damone. O Cadillac não parecia suspeito, apenas esquecido. Mais tarde, no mesmo dia, Dave passou por lá novamente, e quase teve um ataque cardíaco quando viu que o carro não estava mais lá. Ele sabia que não podia perguntar pelo carro, nem mesmo fazer uma pergunta inocente como “Reggie, se um carro fica parado por muito tempo no seu estacionamento você manda guinchar?”. Mas o

que quer que tivesse acontecido com o Cadillac, já não havia nada que o ligasse a ele.

Nada, a não ser o menino ruivo.

Refletindo sobre aquilo, ele disse consigo mesmo que o menino ficara com medo, mas também ficara excitado, contente com o que via. Ele estava do seu lado. Não precisava se preocupar.

E agora os policiais não dispunham de nenhuma prova. Eles não tinham nenhuma testemunha. Nada podiam provar em relação ao carro de Dave, ou pelo menos nada que pudesse ser usado no tribunal. E Dave podia relaxar. Ele contaria tudo a Celeste e aguentaria as consequências da confissão, ele abriria a alma a sua mulher, esperando que ela o aceitasse, mesmo sendo ele um homem imperfeito, disposto, embora, a mudar. Um homem bom que fizera uma coisa ruim, mas por um bom motivo. Um homem que fazia tudo para eliminar o vampiro que havia em sua alma.

Vou parar de andar pelos parques e pelas piscinas públicas, dizia Dave a si mesmo, enquanto bebia a terceira cerveja. Ele levantou a lata vazia. Vou deixar isto também.

Mas não hoje. Hoje ele já tinha bebido três cervejas e, diabos, pelo visto tão cedo Celeste não voltaria para casa. Talvez voltasse no dia seguinte. Assim estava bom. Assim eles teriam tempo para se recompor. Ela voltaria para um novo homem, um Dave melhor, um Dave sem segredos.

“Porque segredos são veneno”, disse ele em voz alta naquela cozinha onde fizera amor com sua mulher pela última vez. “Os segredos são muros.” E acrescentou com um sorriso: “E eu estou sem cerveja”.

Ele se sentiu bem, quase animado, saiu de casa e foi andando em direção à Eagle Liquors. Estava um lindo dia, e o sol banhava a rua. Quando eles eram crianças, o elevado do metrô passava na Crescent Street, cortando-a em duas, enchendo-a de fuligem e tapando o céu. Aquilo só aumentava a sensação de que os habitantes dos Flats estavam isolados do resto da cidade, excluídos como uma tribo desterrada, livres para viver como bem entendessem, desde que permanecessem exilados.

Mas depois da demolição do elevado os Flats conheceram a luz do dia, e por algum tempo eles acharam que aquilo era bom. Com menos fuligem e mais sol, tinha-se uma aparência mais saudável. Só que agora todo mundo podia ver o bairro, apreciar os pequenos edifícios de tijolos à mostra, a vista sobre o canal e a proximidade do centro da cidade. De repente, os Flats já não eram o refúgio de uma tribo desterrada. Era uma zona de grande valor imobiliário.

Dave disse a si mesmo que iria refletir sobre aquilo quando chegasse em casa, que ele buscaria uma explicação com seu pacote de doze latas de cerveja. E nada o impedia também de entrar num bar agradável, sentar-se na penumbra num dia radioso, pedir um hambúrguer e discutir com o garçom, pois duas cabeças pensam melhor do que uma, e quem sabe eles chegassem a uma conclusão sobre quando os Flats começaram a se agitar, quando o mundo inteiro começou a se agitar em torno do bairro.

Sim, era o melhor que tinha a fazer! Sentar-se num banco de couro diante de um balcão de mogno e deixar a tarde correr. Ele faria planos para o futuro. Planejaria o

futuro de sua família. Consideraria todas as possibilidades que tinha para se redimir. Era incrível como três cervejas caíam bem depois de um dia duro e difícil. Elas estavam levando Dave pela mão enquanto ele subia em direção à Buckingham Avenue. Elas diziam: Não é muito legal ficar conosco? Não é genial ter a possibilidade de recomeçar tudo, de se livrar de todos os segredos sujos, de se preparar para reatar os laços com os seus e se tornar o homem que você sempre quis ser? Ora, é uma maravilha.

E olhe quem está ali à nossa frente, parado na esquina, em seu brilhante carro esporte. Ele está rindo para nós. É Val Savage, sorrindo e acenando para nós! Vamos dizer olá.

“Ora, ora, Dave Boyle, o dândi”, disse Val quando Dave se aproximou do carro. “Como vai essa força, mano?”

“Vai indo”, disse Dave, inclinando-se para a porta do carro, apoiando os braços na janela e olhando para Val. “O que está fazendo?”

Val sacudiu os ombros. “Nada de mais, cara. Estava procurando alguém para curtir uma cervejinha e uns tira-gostos comigo.”

Dave não estava acreditando no que ouvia. Ele estava pensando na mesma coisa. “É mesmo?”

“É, sim. Você podia vir tomar umas, quem sabe uma partidinha de bilhar, hein, Dave?”

“Claro.”

Na verdade, Dave estava um pouco surpreso. Ele se dava um pouco com Jimmy e com Kevin, irmão de Val, e até mesmo com Chuck, às vezes, mas não se lembrava de ter merecido de Val senão a mais absoluta indiferença. Deve ser por causa de Katie, pensou ele. Sua morte aproximava todo mundo. Eles estavam unidos em sua perda, criando laços ao partilharem a mesma tragédia.

“Entra aí”, disse Val. “Vamos a um lugar do outro lado da cidade. Um bom bar. É de um amigo meu.”

“Do outro lado da cidade?”, disse Dave lançando um olhar à rua deserta atrás dele. “Bem, vou ter que voltar logo para casa.”

“Claro, claro”, disse Val. “Trago você de volta quando você quiser. Vamos lá. Entra aí. Vamos curtir uma noitada entre amigos, em plena luz do dia.”

Dave abriu um sorriso e continuou sorrindo enquanto dava a volta na frente do carro de Val, dirigindo-se à porta do passageiro. Uma noitada em pleno dia, entre amigos. Era exatamente isso que ele estava querendo. Ele e Val, juntos como velhos amigos. Aquilo é que era legal nos Flats, e corria o risco de acabar: a forma como os velhos rancores se acabavam com o tempo, à medida que a gente envelhecia, e se tomava consciência de que tudo estava mudando e de que os únicos pontos de referência estáveis eram as pessoas com quem se tinha crescido e o lugar onde se tinha nascido. O bairro. Queira Deus que ele continue a existir para sempre, Dave pensou enquanto abria a porta, nem que seja apenas em nossa lembrança.

25. O corpo no porta-malas

Whitey e Sean almoçaram tarde no Pat, um pequeno restaurante não longe do trabalho. O estabelecimento, construído à época da Segunda Guerra, servia refeições aos policiais havia tanto tempo que Pat, o terceiro com aquele nome, costumava repetir que pertencia à única família de proprietários que nunca tinha sido assaltada por três gerações.

Whitey engoliu um pedaço de sanduíche de queijo, ajudando-o a descer goela abaixo com soda. “Você não acha que o rapaz a matou, não é?”

Sean mordeu seu sanduíche de atum. “Eu sei que ele estava mentindo para mim. Acho que ele sabe alguma coisa a respeito do revólver. E acho — por enquanto só acho — que o pai dele ainda está vivo.”

Whitey passou um anel de cebola no molho tártaro. “Os quinhentos dólares mensais de Nova York?”

“Sim. Sabe quanto dá isso ao longo dos anos? Uns oitenta mil dólares. Quem seria capaz de mandar uma nota dessas, a não ser o pai?”

Whitey limpou os lábios com o guardanapo e voltou ao seu sanduíche, enquanto Sean se perguntava como ele conseguira evitar um ataque cardíaco até o momento, comendo e bebendo daquele jeito, sem contar as maratonas de setenta e duas horas, quando ele entrava de corpo e alma num caso.

“Digamos que ele esteja vivo”, disse Whitey.

“Sim.”

“De que se trata então? De uma espécie de grande conspiração diabólica para se vingar de Jimmy Marcus matando sua filha? Quer dizer que estamos num filme?”

Sean deu um risinho. “Quem iria fazer seu papel? Já pensou nisso?”

Whitey tomou a soda por um canudinho até ela acabar, fazendo um barulhinho. “Pensei muito sobre isso, sabe? Se a gente resolvesse esse caso, Supertira, podiam fazer dele um filme genial. Digamos *O Fantasma de Nova York*. E nós dois estaríamos na tela grande, já pensou? E com certeza Brian Dennehy faria tudo para conseguir o meu papel.”

Sean o fitou. “Isso não está muito longe da realidade”, disse ele, perguntando-se por que não tinha pensado nisso antes. “Você não é tão alto quanto ele, sargento, mas a barriga é a mesma.”

Whitey balançou a cabeça e afastou o prato. “Acho que um daqueles maricas do *Friends* poderia fazer o seu papel. Sabe, aqueles carinhas que dão a impressão de passar uma hora, toda manhã, tirando pelo do nariz e depilando as sobrancelhas, e vão ao pedicure uma vez por semana? É isso mesmo. Acho que um desses seria bem adequado.”

“Você está com inveja.”

“Ora, ora!”, disse Whitey. “Mas, voltando à vaca-fria, essa história de Ray Harris é muito improvável. Acho que a probabilidade é de mais ou menos seis.”

“Seis sobre dez?”

“Seis sobre mil. Bom, recapitulando. Ray Harris entrega Jimmy Marcus. Marcus descobre, sai da cadeia e manda matar Ray. Harris consegue se safar, vai para Nova York, arruma um emprego firme o bastante para poder mandar quinhentos dólares por mês durante os treze anos seguintes. E um belo dia ele acorda e diz: ‘Chegou a hora da vingança’, pega um ônibus, vem até aqui e liquida Katherine Marcus. E não mata como se costuma fazer. Ele causa o maior estrago nela. O que aconteceu naquele parque foi uma verdadeira loucura assassina. E então o velho Ray — e é velho mesmo, deve ter uns quarenta e cinco — depois de correr pelo parque atrás dela pega o ônibus e volta para Nova York com seu revólver. Você *consultou* Nova York?”

Sean fez que sim. “Não há nenhum registro dele na previdência, não há cartões de crédito em seu nome, nenhum empregado com o seu nome e a sua idade. As polícias da cidade e do estado de Nova York nunca prenderam ninguém cujas digitais correspondam às suas.”

“Mas você acha que ele matou Katherine Marcus.”

Sean balançou a cabeça. “Não. Quer dizer, não tenho certeza. Nem ao menos sei se ele está vivo. Só estou dizendo que ele *talvez* esteja vivo. E é quase certo que foi seu revólver que a matou. Acho que Brendan sabe de alguma coisa, e ele não tem nenhuma testemunha de que dormia quando Katie Marcus foi morta. Por isso, acho que se ele ficar bastante tempo na cela, pode ser que nos conte alguma coisa.”

Whitey soltou um grande arroto que ressoou entre os dois.

“Você é um lorde, sargento.”

Whitey sacudiu os ombros. “Nem ao menos sabemos se Ray Harris assaltou aquela loja de bebidas dezoito anos atrás. Não sabemos se a arma era dele. É tudo suposição. Nada disso se sustenta no tribunal. Diabo, um bom promotor nem ousaria apresentar esses dados.”

“É, mas parece que estamos no caminho certo.”

“Parece.” Ele olhou por sobre o ombro de Sean no momento em que a porta atrás deste se abria. “Oh, Deus, os dois patetas de serviço.”

Souza aproximou-se dos dois, seguido de Connolly.

“E você disse que não era importante, sargento.”

Whitey pôs uma mão atrás da orelha e olhou para Souza. “O quê, rapaz? Meu ouvido é um pouco duro, entende?”

“Demos uma olhada nos registros de carros rebocados do estacionamento do Last Drop”, disse Souza.

“Isso é da alçada da polícia de Boston”, disse Whitey. “Já discutimos isso.”

“Achamos um carro que ninguém reclamou, sargento.”

“E daí?”

“Por telefone pedimos a um empregado que fosse ver se ainda estava lá. Ele voltou ao telefone e disse que tem alguma coisa no porta-malas.”

“Que coisa?”, perguntou Sean.

“Ele não falou, mas disse que tinha cheiro de carniça.”

O Cadillac era azul-marinho, com teto branco. Whitey inclinou-se ao lado da janela do passageiro, as mãos protegendo os lados dos olhos. “Na porta do motorista há uma mancha marrom muito suspeita.”

Connolly, que estava junto ao porta-malas, disse: “Puxa vida, está sentindo esse cheiro? Parece que estamos em Wollaston, na maré baixa”.

Whitey chegou à parte de trás do carro no momento em que o empregado do estacionamento entregava o pé de cabra a Sean.

Este avançou em direção a Connolly e o afastou do carro, dizendo: “Use a sua gravata”.

“Como?”

“Cubra a boca e o nariz com a gravata, meu velho.”

“E o que é que você usa?”

“A gente passa Vick Vaporube para segurar a barra”, disse Whitey apontando para a pele lustrosa logo acima do lábio superior. “Sinto muito, rapazes, o Vick acabou.”

Depois de introduzir a ponta do pé de cabra embaixo do rebordo do porta-malas, deslocou-o até ele encostar no cilindro da fechadura, pelo lado de dentro.

“Achou a posição? Vai logo no primeiro tranco?”

“Sim.” Sean puxou com força, arrancou o cilindro da fechadura e deu uma olhada no buraco, antes de a lingueta sair, fazendo subir a tampa do porta-malas. O cheiro de maresia deu lugar a outro muito pior, uma fedentina que lembrava uma mistura de gás dos pântanos e carne cozida se decompondo em cima de ovos podres.

“Meu Deus.” Connolly apertou a gravata contra o rosto e se afastou do carro.

“Alguém aí quer um sanduíche de presunto?”, perguntou Whitey, enquanto Connolly ficava verde feito grama.

Souza, porém, ficou imperturbável. Aproximou-se do porta-malas, uma mão tapando o nariz, e disse: “Onde está o rosto do cara?”.

“O rosto dele é isso aí”, disse Sean.

O homem estava encolhido em posição fetal, a cabeça inclinada para trás e para o lado, como se o pescoço estivesse quebrado, o resto do corpo dobrado na outra direção. Estava com roupas e sapatos elegantes, e Sean, depois de dar uma olhada nas mãos e na cabeleira, calculou que teria em torno de cinquenta anos. Ele notou um buraco nas costas do casaco dele, e usou a caneta para afastar o tecido da pele. A camisa branca que usava por baixo do casaco estava amarelada pelo suor e pelo calor, mas Sean encontrou o buraco que correspondia ao do casaco, à meia altura das costas, o tecido da camisa enfiado na carne.

“Ele levou um tiro, sargento, não há dúvida. A bala saiu por ali, perto da coluna vertebral.” Ele examinou o interior do porta-malas. “Mas não estou encontrando a cápsula.”

Whitey se voltou para Connolly, que começava a vacilar. “Pegue seu carro e volte para o estacionamento do Last Drop. Antes de mais nada, informe a polícia de Boston. Não estamos querendo uma guerra de territórios agora. Dê uma olhada nos lugares com manchas de sangue no estacionamento. É possível que se encontre uma bala em algum lugar, entendeu?”

Connolly fez que sim com a cabeça, respirando fundo.

Sean disse: “A bala penetrou no esterno, sob a quarta costela. Ela o atingiu quase no meio”.

Whitey disse a Connolly: “Mande a Polícia Técnica para lá e muitos agentes, mas não tantos que possam aborrecer a polícia de Boston. Se encontrar a bala, você mesmo a leva ao laboratório”.

Sean enfiou a cabeça no porta-malas e deu uma boa olhada no rosto desfigurado. “A julgar pela quantidade de pedrinhas grudadas na pele, alguém bateu o rosto dele no calçamento até cansar.”

Whitey pôs a mão no ombro de Connolly. “Diga à polícia de Boston que mande toda uma equipe da Divisão de Homicídios — Polícia Técnica, fotógrafos, promotor público adjunto e legista. Diga a eles que o sargento Powers pede que mande alguém para fazer tipagem sanguínea na cena do crime. Pode ir.”

Connolly estava louco para se livrar daquele fedor infernal. Ele correu para sua radiopatrulha, e em menos de um minuto já tinha ido embora do estacionamento.

Whitey fotografou a parte externa e interna do carro e então fez um sinal para Souza. Este calçou um par de luvas cirúrgicas e usou uma pequena barra de metal para estourar a fechadura da porta do passageiro.

“Você achou algum documento de identidade?”, Whitey perguntou a Sean.

“A carteira está no bolso de trás”, respondeu Sean. “Tire umas fotos enquanto eu ponho as luvas.”

Whitey aproximou-se e fotografou o corpo. Em seguida, com a máquina fotográfica pendurada no pescoço, fez um esboço da cena do crime em seu caderno de anotações.

Sean tirou a carteira do bolso de trás da vítima e a estava abrindo quando Souza gritou da frente do carro: “O veículo está registrado no nome de August Larson, residente na Sandy Pine Lane, 323, em Weston”.

Sean olhou para a carta de motorista. “É o mesmo cara.”

Whitey olhou por sobre os ombros. “Ele tem um cartão de doador de órgãos ou alguma coisa do tipo?”

Sean encontrou cartões de crédito, cartões de videoclubes, de seguro-saúde, da aaa e finalmente um cartão que indicava seu grupo sanguíneo. Ele o levantou para que Whitey o visse.

“Sangue tipo A.”

“Souza”, disse Whitey. “Ligue para a Central. Mande procurar David Boyle, na Crescent Street, número 15, East Buckingham. Branco, cabelos castanhos, olhos azuis, um metro e oitenta, oitenta e cinco quilos. Armado e perigoso.”

“Armado e perigoso?”, perguntou Sean. “Não sei, não, sargento.”

“Diga isso ao cara do porta-malas”, respondeu Whitey.

A sede da polícia de Boston ficava a apenas oito quarteirões do pátio onde se guardavam os veículos guinchados. Assim, cinco minutos depois que Connolly saiu, um batalhão de radiopatrulhas e carros sem o distintivo da polícia entrou no pátio, seguido pelo rabecão do Departamento de Medicina Legal. Sean tirou as luvas e afastou-se do porta-malas logo que os viu. Agora era a vez deles. Se eles quisessem lhe fazer perguntas, não haveria problema, caso contrário, ele iria embora.

O primeiro agente da Divisão de Homicídios a sair de sua Crown Vic cor de bronze foi Burt Corrigan, um veterano da geração de Whitey, com a mesma vida afetiva desastrosa e os mesmos hábitos alimentares pouco saudáveis. Ele apertou a mão de Whitey que, como ele, frequentava regularmente o JJ Folley nas noites de quinta-feira, e era membro do mesmo clube de dardos.

Burt dirigiu-se a Sean: “Você já multou esse carro ou vai esperar para depois do enterro?”.

“Boa tirada”, disse Sean. “Quem é seu roteirista, Burt?”

Burt deu um tapinha em seu ombro enquanto ia em direção à traseira do carro. Ele olhou para dentro, cheirou e disse: “Que fedor”.

Whitey o seguiu. “Achamos que o assassinato aconteceu no estacionamento do Last Drop, em East Bucky, na madrugada de domingo.”

Burt balançou a cabeça. “Não foi lá que uma de nossas equipes encontrou alguns agentes de vocês na tarde de segunda-feira?”

Whitey confirmou. “É o mesmo caso. Você mandou seu pessoal lá hoje?”

“Há alguns minutos. Para encontrar o agente Connolly e procurar uma bala, não é?”

“Isso mesmo.”

“Vocês mandaram procurar um suspeito, não foi?”

“David Boyle”, disse Whitey.

Burt olhou para o rosto do cadáver. “Vamos precisar de todas as suas anotações, Whitey.”

“Sem problema. De qualquer modo, vou ficar com vocês um pouco, para ver no que dá.”

“Você teve tempo de tomar um banho?”

“Foi a primeira coisa que fiz.”

“Tudo bem, então.” Ele olhou para Sean. “E você?”

Sean disse: “Estou precisando falar com uma pessoa. Agora a bola está com vocês. Souza vai comigo”.

Whitey aquiesceu e foi com eles até o carro. “Se provarmos que Dave tem a ver com este crime, talvez consigamos responsabilizá-lo pela morte de Katherine Marcus. Matamos dois coelhos com uma cajadada.”

Sean disse: “Dois homicídios a uma distância de dez quarteirões?”.

“Talvez ela tenha visto o crime ao sair do bar.”

Sean fez que não com a cabeça. “Os horários não batem. Se Boyle matou esse cara, ele o fez entre uma e meia e uma e cinquenta e cinco. Depois disso ele teria que ter dirigido por dez quarteirões e encontrado Katie Marcus na rua, à uma e *quarenta* e cinco. Não engulo essa.”

Whitey encostou-se em seu carro. “Eu também não.”

“Além disso, o buraco nas costas do cara era pequeno”, tornou Sean. “Pequeno demais para um trinta e oito, se você quer saber. Armas diferentes, assassinos diferentes.”

Whitey balançou a cabeça e ficou olhando os próprios sapatos. “Você vai voltar à carga com Brendan Harris?”

“A história da arma do pai dele ainda não está bem contada.”

“Não seria bom conseguir uma foto do pai dele? Podemos mandar retocar a foto levando em conta que ele envelheceu, e fazê-la circular por aí. Quem sabe ele foi visto.”

Souza aproximou-se do carro e abriu a porta do passageiro. “Eu vou com você, Sean?”

Sean confirmou e se voltou para Whitey. “Falta só um detalhe.”

“Como?”

“Acho que só está faltando um pequeno detalhe. Vou resolver esse caso.”

Whitey sorriu. “Qual foi a última vez que você deixou de resolver um caso, rapaz?”

Sean declinou o nome sem pestanejar. “Eileen Fields, morta há oito meses.”

“Não dá para ganhar todas”, disse Whitey, andando em direção ao Cadillac. “Entende o que quero dizer?”

O tempo que Brendan passou na cela não o ajudou em nada. Ele parecia menor, mais jovem e também menos inocente, como se tivesse visto alguma coisa cuja existência preferia ignorar. Sean tivera o cuidado de mandá-lo para uma cela vazia, longe dos presos perigosos, por isso não entendia o que fora tão horrível para ele, a menos que fosse baixa tolerância ao isolamento.

“Onde está seu pai?”, perguntou Sean.

Brendan roeu uma unha e sacudiu os ombros. “Nova York.”

“Você nunca mais o viu?”

Brendan começou a roer outra unha. “Não, desde que eu tinha seis anos.”

“Você matou Katherine Marcus?”

Brendan tirou o dedo da boca e olhou para Sean.

“Responda-me.”

“Não.”

“Onde está o revólver de seu pai?”

“Eu nunca soube que meu pai tinha um revólver.”

Dessa vez ele não titubeou. Ele não desviou os olhos dos de Sean. Fitou o rosto de

Sean com uma espécie de cansaço ao mesmo tempo derrotado e cruel, que permitiu a Sean vislumbrar um potencial para a violência que nunca notara no rapaz.

Que diabos tinha acontecido naquela cela?

Sean disse: “Por que seu pai quis matar Katie Marcus?”.

“Meu pai não matou ninguém”, disse Brendan.

“Você está escondendo alguma coisa, Brendan. Escute, vou ver se o detector de mentiras está disponível. Gostaria de lhe fazer mais algumas perguntas.”

Brendan disse: “Quero falar com um advogado”.

“Daqui a pouco. Primeiro nós vamos...”

Brendan repetiu: “Quero falar com um advogado. Agora”.

Sean manteve o mesmo tom de voz. “Claro. Você tem algum em mente?”

“Minha mãe conhece um. Deixe-me dar um telefonema.”

Sean disse: “Escute, Brendan...”.

“Agora”, disse Brendan.

Sean soltou um suspiro e empurrou o telefone para ele. “Disque nove antes do número.”

O advogado de Brendan era um velho fanfarrão irlandês de porta de cadeia, mas conhecia o ofício o bastante para saber que Sean não tinha o direito de manter seu cliente preso apenas por não ter álibi.

Sean disse: “Manter preso?”.

“O senhor o colocou numa cela”, disse o advogado.

“Ela não estava fechada”, disse Sean. “O rapaz queria dar uma olhada.”

O outro fez uma careta como se tivesse ficado decepcionado com a resposta, então saiu da sala com Brendan, e nenhum dos dois olhou para trás. Depois que eles saíram Sean tentou ler alguns dossiês, mas as palavras não faziam sentido para ele. Fechou os dossiês e recostou-se na cadeira, fechou os olhos e evocou sua Lauren e sua filha, tais como as vira no sonho. Chegou a ter a impressão de sentir o cheiro delas.

Ele abriu a carteira, tirou um pedaço de papel com o número do celular de Lauren, colocou-o sobre a mesa e passou a mão nele para desamassar. Ele nunca quis ter filhos. Afora o direito de embarcar antes do todo mundo no aeroporto, não via nenhuma vantagem em ser pai. Crianças só servem para aborrecer os pais. Elas enchem sua vida de terror e de cansaço, e as pessoas agem como se ter um filho fosse uma bênção, e falam de crianças como se se tratasse de deuses. Mas quando a gente vai ver de perto, a coisa é bem diferente. Basta lembrar todos aqueles filhos da puta que cortam você no trânsito, enchem as ruas, gritam nos bares, ouvem música a todo o volume, assaltam, sequestram e lhe vendem carros imprestáveis — todos esses calhordas nada mais são que crianças que cresceram. Não há milagre nenhum. Nada de sagrado nisso.

Além do mais, ele nem tinha certeza de que a filha era dele. Ele nunca iria querer fazer o teste de paternidade, porque o orgulho dizia: “Foda-se”. Fazer um teste para

provar que sou o pai? Existe coisa mais humilhante? Bem... desculpe, preciso tirar um pouco de sangue porque minha mulher andou trepando com outro cara e ficou grávida.

Foda-se. Ele sentia saudades dela, claro. Claro, ele a amava e sonhara em tomar a filha nos braços. E daí? Lauren o traiu, depois o abandonou, teve o bebê e não pediu desculpas. Ela nunca disse: Sean, eu agi mal. Sinto tê-lo magoado.

E Sean a magoara? Bem, sim, claro. Quando ele descobriu que ela tinha um caso, quase lhe bateu, conteve o movimento do punho, enfiando a mão no bolso no último momento, mas Lauren viu que ele estava louco de vontade de agredi-la. E os insultos que lançara contra ela, meu Deus...

Mas aquela raiva era só uma *reação*. Ele é quem tinha sido magoado, não ela.

Certo? Ele refletiu mais alguns segundos: Certo.

Recolocou o papel na carteira, fechou os olhos novamente, cochilou na cadeira. Acordou com o ruído de passos no corredor e abriu os olhos no momento em que Whitey entrava na sala. Sean viu o álcool em seus olhos, antes mesmo de senti-lo no hálito. Whitey deixou-se cair na cadeira e apoiou os pés em cima da mesa, empurrou para o lado a caixa que Connolly deixara ali naquela tarde.

“Que puta dia comprido”, disse ele.

“Você o encontrou?”

“Boyle?” Whitey balançou a cabeça. “Não. O senhorio disse que o ouviu sair lá pelas três, mas não voltou. Disse também que a mulher e o filho também não têm estado por lá. Ligamos para o trabalho dele, mas como Boyle trabalha de quarta a sábado, não se tem notícia dele.” Whitey arrotou. “Mas ele vai terminar aparecendo.”

“E quanto à bala?”

“Encontramos uma no Last Drop. O problema é que ela atingiu um poste de metal depois de atravessar a vítima. Os técnicos dizem que talvez possam identificá-la, talvez não.” Ele sacudiu os ombros. “E Brendan Harris?”

“Pedi um advogado.”

“É mesmo?”

Sean aproximou-se da mesa de Whitey e começou a vasculhar a caixa. “Não há pegadas”, disse ele. “As digitais não batem com nenhuma dos arquivos. A arma do crime foi usada num assalto há dezoito anos. Puta que o pariu!” Ele jogou o relatório balístico na caixa. “O único sujeito que não tem um álibi é o único de quem não desconfio.”

“Vá para casa”, disse Whitey. “Falo sério.”

“Sim, sim.” Ele tirou da caixa a fita cassete com a gravação da chamada para a Central de Polícia.

“Que é isso?”, perguntou Whitey.

“O último disco de Snoop Dogg.”

“Pensei que ele tinha morrido.”

“Então é Tupac.”

“É difícil se manter atualizado.”

Sean colocou a fita no gravador no canto de sua mesa e ligou.

“Novecentos e onze, aqui é da polícia. Qual é o seu problema?”

Whitey esticou um elástico no dedo e atirou-o no ventilador do teto.

“Tem um carro com sangue nele e, ah, a porta está aberta e...”

“Onde está o carro?”

“Nos Flats. No Pen Park. Eu e meu amigo achamos ele.”

“Em que rua?”

Whitey bocejou cobrindo a boca com o punho e estendeu a mão para pegar outro elástico. Sean levantou-se e se espreguiçou, perguntando-se o que tinha na geladeira para jantar.

“Na Sydney Street. Tem sangue dentro do carro e a porta está aberta.”

“Qual o seu nome, filho?”

“Ele quer saber o nome dela. Me chamou de ‘filho’.”

“Filho, qual o *seu* nome?”

“Vamos dar o fora daqui, cara. Boa sorte.”

A ligação caiu e o operador ligou para a Central, e Sean desligou o gravador.

“Sempre pensei que a parte rítmica de Tupac fosse melhor”, disse Whitey.

“Era Snoop. Bem que eu lhe disse.”

Whitey bocejou. “Vá para casa, rapaz. Certo?”

Sean fez que sim e tirou a fita do gravador. Recolocou-a na caixinha e jogou-a na caixa, por cima da cabeça de Whitey. Tirou da primeira gaveta sua Glock e o coldre, e os colocou na cintura.

“Dela”, disse ele.

“O quê?”, Whitey olhou para ele.

“O menino da gravação. Ele disse ‘o nome *dela*’. ‘Ele quer saber o nome *dela*.’ Ele estava se referindo a Katie Marcus.”

“Exato”, disse Whitey. “Ele se refere à moça morta como ‘ela’.”

“Mas como diabos ele sabe disso?”

“Quem?”

“O menino que telefonou. Como ele sabe que o sangue do carro é de uma mulher?”

Whitey tirou o pé de cima da mesa e olhou para a caixa. Ele se inclinou, pegou a fita, arremessou-a, e Sean a apanhou no ar.

“Ouça-a novamente”, disse Whitey.

26. Perdidos no espaço

Dave e Val atravessaram a cidade, cruzaram o Mystic River para chegar ao bar ordinário de Chelsea, onde a cerveja gelada era quase de graça e tinha pouca gente, apenas uns poucos fregueses antigos, que pareciam ter trabalhado a vida inteira na estiva, e quatro operários da construção civil, empenhados em uma discussão sobre uma tal de Betty, que pelo visto tinha peitos fantásticos mas nenhum caráter. Encravado sob a Tobin Bridge, com os fundos para o Mystic, ele parecia estar ali fazia décadas. Todos conheciam Val e falaram com ele. O proprietário, um sujeito esquelético com o cabelo negríssimo e a pele branquíssima, chamava-se Huey. Ele lhes ofereceu as duas primeiras rodadas.

Depois de jogarem bilhar por algum tempo, Dave e Val se instalaram num reservado com um pichel de cerveja e duas doses de uísque. As janelinhas quadradas que davam para a rua passaram do dourado ao anil, e a noite caiu tão rápido que aquilo quase perturbou Dave. Quase, porque Val estava se revelando um sujeito muito boa-praça. Ele contava histórias de prisão e de roubos que não deram certo, quase todas terríveis, mas Val as contava de um modo que as tornava um pouco engraçadas também. Dave começou a se perguntar como era possível existir um sujeito como Val, tão confiante e sem medo, e ao mesmo tempo tão baixinho.

“Naquele tempo, Jimmy cumpria pena e a gente estava tentando reorganizar o grupo. Ainda não tínhamos percebido que só éramos ladrões porque Jimmy planejava tudo para nós. A gente só tinha que ouvir, cumprir as suas ordens e tudo bem. Mas sem ele não valíamos nada. Naquele dia a gente assaltou um colecionador de selos. Nós o amarramos em seu escritório e eu, Nick e o garoto Carson Leverett, que não sabia nem amarrar o cadarço dos sapatos sozinho, pegamos o elevador. E estávamos tranquilos. Vestíamos terno, para não dar na vista. Então entrou uma mulher no elevador e quase teve um *ataque*. E a gente não estava entendendo nada. Estávamos parecendo respeitáveis, certo? Virei-me para Nick e ele estava olhando para Carson Leverett, porque o desgraçado do imbecil não tirara a máscara.” Val deu um tapa na mesa, morrendo de rir. “Você acredita numa coisa dessas? Ele estava com uma máscara de Ronald Reagan. Sabe aquela com um sorriso bem grande, que se encontrava em toda parte? Ele estava com uma dessas.”

“E vocês não tinham notado?”

“Não. Aí é que está o problema”, disse Val. “Quando saímos do escritório eu e Nick tiramos a nossa e achamos que Carson tinha feito o mesmo. Quando você está em ação, o tempo todo acontecem furos desse tipo. Porque você está nervoso, confuso, só pensa em dar o fora e às vezes você não vê o que está debaixo do seu nariz.” Ele riu novamente e tomou um pouco de uísque. “Era por isso que Jimmy fazia tanta falta. Ele pensava em todos os detalhes. Não dizem que um bom zagueiro vê o campo inteiro? Jimmy via o campo inteiro numa ação. Ele via tudo o que podia dar errado. O cara era um gênio.”

“Mas ele entrou na linha.”

“Sim, claro”, disse Val acendendo um cigarro. “Por causa de Katie. E depois, por Annabeth. Mas, cá entre nós, não sei se isso é bom para ele. Às vezes, as pessoas amadurecem. Minha primeira mulher dizia que esse era meu problema — eu não amadurecia. Gosto demais da noite. Para mim o dia só serve para a gente dormir.”

“Eu sempre achei que iria ser diferente”, disse Dave.

“Como assim?”

“Ser adulto. A gente iria se sentir diferente, certo? Você ia se sentir adulto. Um homem.”

“Você não se sente assim?”

Dave sorriu. “Às vezes, talvez. Por pouco tempo. Mas na maior parte do tempo não me sinto muito diferente do que era aos dezoito anos. Muitas vezes acordo pensando: Eu tenho um filho? Eu tenho uma mulher? Como aconteceu isso?” Dave sentia a língua pesada, a cabeça parecendo flutuar, porque estava de estômago vazio. Ele sentia necessidade de explicar-se. Para que Val entendesse quem ele era e gostasse dele. “Sempre pensei que um dia isso pudesse ser permanente, sabe? Que um dia eu iria acordar com a sensação de poder resolver tudo, como aqueles pais dos velhos programas de televisão.”

“Como Ward Cleaver?”, disse Val.

“Sim. Ou mesmo como aqueles xerifes, James Arness, caras como aquele. Eles eram homens. O tempo todo.”

Val balançou a cabeça e tomou um pouco de cerveja. “Um dia um sujeito me falou na cadeia: ‘A alegria vem por um instante e logo vai embora até a próxima vez. Podem se passar anos. Mas a tristeza... vem para ficar’”, disse Val piscando os olhos. Ele apagou o cigarro. “Eu gostava daquele cara. Ele sempre dizia alguma coisa bacana. Vou pegar mais um uísque, e você?”, disse ele levantando-se.

Dave fez que não com a cabeça. “Ainda não acabei esse.”

“Ora”, disse Val. “Vamos curtir um pouco.”

Dave olhou para o rosto enrugado e sorridente e disse: “Tudo bem”.

“É isso aí, cara.” Val deu um tapinha no ombro de Dave e dirigiu-se ao balcão.

Dave ficou observando o outro junto ao balcão, conversando com um dos velhos estivadores enquanto esperava os drinques. Dave refletia que aqueles homens sabiam o que é ser homem. Homens sem dúvidas, homens que nunca questionavam a justeza de suas próprias ações, que não se deixavam perturbar pelo mundo nem pelo papel que esperavam deles.

Era o medo, pensou ele. Era o medo que fazia a diferença entre ele e os outros. O medo que se instalara nele desde tenra idade — permanentemente, da forma como o amigo de Val dissera que a tristeza vinha. O medo se instalara em Dave e nunca mais foi embora, por isso ele tinha medo de se enganar, de se embananar, de não ser inteligente, de não ser um bom marido nem um bom pai e de não ser um homem de verdade. O medo já estava nele havia tanto tempo que ele já não conseguia se lembrar de como era viver sem ele.

Pela porta da frente entrou o brilho súbito dos faróis de um carro, que iluminou fugazmente seu rosto. Enquanto Dave piscava, enxergou apenas a silhueta de um homem que entrou pela porta. O recém-chegado, bastante corpulento, estava com um casaco de couro. Ele se parecia com Jimmy, só que mais corpulento, os ombros mais largos.

De fato era Jimmy, constatou Dave quando a porta se fechou e ele começou a ver melhor. Jimmy, de casaco de couro preto, suéter com gola rulê e calça cáqui, fazendo um aceno a Dave antes de ir encontrar-se com Val no balcão. Ele disse alguma coisa ao ouvido de Val. Val olhou para Dave por sobre os ombros e disse alguma coisa a Jimmy.

Dave começou a se sentir tonto. Com certeza era o álcool no estômago vazio. Mas tinha a ver também com Jimmy, com o jeito como ele acenou para ele, a expressão do rosto ao mesmo tempo fria e resoluta. E por que diabos ele parecia mais corpulento, como se tivesse ganhado cinco ou seis quilos da noite para o dia? E o que ele estava fazendo ali em Chelsea, na véspera do velório da filha?

Jimmy aproximou-se, sentou na cadeira de Val, de frente para Dave. Ele disse: “Como vai você?”.

“Estou um pouco bêbado”, confessou Dave. “Você ganhou peso?”

Jimmy lhe deu um sorriso esquisito. “Não.”

“Você parece mais encorpado.”

Jimmy deu de ombros.

“O que está fazendo por aqui?”, perguntou Dave.

“Eu venho muito aqui. Eu e Val conhecemos Huey há anos. Uma eternidade. Por que não toma esse uísque, Dave?”

Dave pegou o copo. “Já estou um pouco alto.”

“Qual é o problema?”, disse Jimmy, e Dave notou que Jimmy também estava com um copo na mão. Ele levantou o copo para brindar. “Aos nossos filhos”, disse Jimmy.

“Aos nossos filhos”, balbuciou Dave, que agora se sentia muito incomodado, como se tivesse deslizado para fora da realidade para entrar num sonho, um sonho em que os rostos estavam próximos demais, em que as vozes pareciam subir do fundo de um esgoto.

Dave esvaziou o copo, fazendo careta por causa da queimação, e Val sentou-se ao seu lado no reservado. Val pôs o braço em seu ombro e tomou um gole de cerveja diretamente do pichel. “Sempre gostei deste lugar.”

“É um bar muito bom. Ninguém incomoda você.”

“Isso é importante”, disse Val. “Ninguém incomodar a gente nesta vida. Ninguém acabando com você ou com as pessoas de que você gosta. Certo, Dave?”

“Claro”, disse Dave.

“Este sujeito aqui é muito engraçado”, disse Val. “Com ele a gente se diverte muito.”

“É mesmo?”, disse Jimmy.

“É, sim”, disse Val, passando a mão no ombro de Dave. “Não é, Dave?”

Celeste estava sentada na beira da cama do motel, enquanto Michael assistia à

televisão. Ela segurava o telefone, cobrindo o receptor com a mão.

Naquele fim de tarde ela e Michael tinham ficado na minúscula piscina do motel, sentados em cadeiras enferrujadas. Celeste foi se sentindo cada vez mais mesquinha e vazia, como se, vendo a si mesma de cima, ela se revelasse uma criatura rejeitada, idiota e, o que era pior, infiel.

Seu marido. Ela traía seu *marido*.

Talvez Dave tenha matado Katie. Talvez. Mas onde ela estava com a cabeça quando foi contar justamente a Jimmy? Por que ela não esperara para pensar mais um pouco sobre aquela história? Por que ela não considerara todas as alternativas possíveis? Porque ela estava com medo de Dave?

Mas esse novo Dave que ela vira nos últimos dias era uma aberração, um Dave perturbado pelo estresse.

Talvez ele não tenha matado Katie. Talvez.

A questão é que ela devia ter-lhe dado ao menos o benefício da dúvida, até as coisas se esclarecerem. Ela não podia correr o risco de ficar com ele e pôr Michael em perigo, mas sabia que devia ter procurado a polícia, e não Jimmy Marcus.

Será que ela quisera ferir Dave? Será que ela esperava alguma coisa contando suas suspeitas a Jimmy? Nesse caso, o quê? E por que justamente a Jimmy, e não a qualquer outra pessoa?

Havia muitas respostas possíveis, mas nenhuma delas lhe agradava. Ela pegou o fone e ligou para a casa de Jimmy. Fez isso com as mãos trêmulas, pensando, por favor, alguém atenda. Atenda. Por favor.

O sorriso no rosto de Jimmy agora estava balançando, para a frente e para trás, para cima e para baixo, de um lado para outro, e Dave tentou se concentrar no balcão, mas o balcão também oscilava, como se o bar estivesse dentro de um barco, num mar agitado.

“Lembra-se de que trouxemos Ray Harris aqui uma vez?”, disse Val.

“Claro”, disse Jimmy. “O bom e velho Ray.”

“Aquele cara”, disse Val dando um soco na mesa, em frente a Dave. “Era um filho da puta muito engraçado.”

“Sim”, disse Jimmy devagar. “Ray era engraçado. Ele fazia a gente rir.”

“Muita gente o chamava de Ray, o Justo”, disse Val, enquanto Dave tentava se concentrar naquilo que eles estavam dizendo. “Mas eu o chamava de Ray Ferro-Velho.”

Jimmy estalou os dedos e apontou para Val. “É *mesmo*. Por causa daquelas moedas que carregava no bolso.”

Val inclinou-se para Dave e falou em seu ouvido: “O cara costumava carregar uns dez dólares em moedas no bolso. Ninguém sabia por quê. Acho que ele gostava de ter sempre um monte de moedas no bolso, porque queria fazer uma ligação para a Líbia ou algum outro lugar. Quem sabe? Mas ele saía por aí com as mãos nos bolsos tilintando as moedas o dia inteiro. O cara era ladrão, e a gente poderia perguntar: ‘Ray, você acha que ninguém

vai ouvir você chegar?’. Mas pelo visto ele deixava as moedas em casa quando ia trabalhar”. Val suspirou. “Sujeito engraçado.”

Val tirou o braço do ombro de Dave e acendeu outro cigarro. A fumaça subiu ao rosto de Dave, deslizou por seu rosto e pelos cabelos. Através da fumaça ele via Jimmy fitando-o com expressão fria e resoluta, um brilho nos olhos que incomodava Dave, um brilho que lhe era familiar.

Era o olhar de policial, concluiu Dave. Sargento Powers. A impressão de que estava penetrando diretamente na mente de Dave. Jimmy voltou a exhibir aquele sorriso, que subia e descia feito um barquinho no mar revolto, e Dave sentiu o estômago agitar-se como se estivesse dentro dele.

Ele engoliu em seco várias vezes, e respirou fundo.

“Você está bem?”, perguntou Val.

Dave levantou a mão. Se todo mundo calasse a boca, o mal-estar passaria. “Sim.”

“Tem certeza?’, perguntou Jimmy. “Você está verde, cara.”

No mesmo instante, uma onda subiu dentro dele, e Dave sentiu a traqueia se fechar, depois abrir imediatamente, enquanto sua testa se cobria de suor.

“Ah, merda.”

“Dave?”

“Eu... eu vou vomitar”, gaguejou ele, sentindo a ânsia voltar. “Mesmo.”

Val disse “Tudo bem, tudo bem” e saiu depressa do reservado. “Vá pela porta de trás. Huey não gosta de lavar a privada, sacou?”

Dave saiu do reservado e Val segurou-lhe os ombros e os fez girar para que o outro visse a porta no fundo do bar, depois da mesa de bilhar.

Dave andou em direção à porta, tentando andar em linha reta, um passo de cada vez, mas a porta lá adiante parecia adernar. Era uma porta escura e pequena, pintada com uma tinta preta que com o tempo se enchera de marcas e descascara. De repente Dave sentiu o calor que dominava a sala. O ar, espesso e úmido, soprava em seu corpo enquanto ele cambaleava em direção à porta, estendia a mão para a maçaneta de metal, sentindo-se aliviado ao tocar o metal frio e abrir a porta.

A primeira coisa que viu foi a grama. Depois a água. Ele avançou um pouco, cambaleando, surpreso de ver como o lugar era escuro; de repente, como em resposta aos seus pensamentos, uma lâmpada se acendeu acima da porta, iluminando o asfalto rachado diante dele. Ele ouvia o barulho do trânsito sobre a ponte, e pouco a pouco a ânsia de vômito passou. No final das contas, talvez ele não fosse vomitar. Ele inspirou profundamente o ar noturno. À sua esquerda erguia-se uma montanha de estrados de madeira apodrecidos e armadilhas para lagostas, enferrujadas, algumas com enormes buracos com bordas de um serrilhado assimétrico, como se tivessem sido atacadas por tubarões. Dave se perguntou o que elas estavam fazendo tão longe do mar, perto de um rio, depois chegou à conclusão de que estava bêbado demais para atinar com a resposta. Atrás dessas pilhas havia uma tela de metal tão enferrujada quanto as armadilhas e coberta de grama. À direita ele viu um terreno baldio de uns vinte metros, coberto de ervas

daninhas, algumas mais altas que um homem, que irrompiam por entre o cascalho.

O estômago de Dave se revolveu novamente, e ele sentiu uma ânsia de vômito muito mais forte. Dessa vez ele mal teve tempo de chegar à beira da água, e começou a vomitar medo, cerveja e Sprite nas águas oleosas do Mystic. O vômito era puro líquido. Não havia mais nada dentro dele. Ele não conseguia se lembrar da última vez que comera. Mas mal acabou de regurgitar toda a bebida, sentiu-se melhor. O ar da noite refrescava seus cabelos úmidos de suor. Do rio soprava uma leve brisa. Ele esperou, de joelhos, para ver se vomitava novamente, embora achasse que não. Foi como se tivesse se purificado.

Ele olhou para a parte de baixo da ponte, todo mundo brigando para sair ou entrar na cidade, todo mundo num trânsito raivoso, certamente sem se dar conta de que o humor não melhoraria ao chegar em casa. Metade deles teria de voltar — para comprar alguma coisa no mercado, para ir a um bar, a uma videolocadora, a um restaurante, onde teriam de enfrentar fila novamente. E para quê? Para que entramos em fila? Aonde pretendemos ir? E por que não ficamos felizes quando chegamos aonde queremos?

Naquele momento Dave notou um barquinho a motor à sua direita. Ele estava amarrado a uma prancha de madeira tão pequena e tão empenada que não se poderia chamar aquilo de desembarcadouro. Devia ser o barco de Huey, pensou ele, e sorriu imaginando aquele homem de uma palidez espectral vagando pelas águas oleosas do Mystic, o vento batendo em seus cabelos cor de piche.

Ele virou a cabeça e olhou os estrados e a grama à sua volta. Não era de estranhar que as pessoas fossem ali para vomitar. Era um lugar completamente isolado. Aquele lugar só podia ser visto da margem oposta do rio e usando-se binóculos. Era bloqueado por três lados e ali reinava um silêncio quase absoluto, pois o ruído dos carros vinha de muito longe, e o mato amortecia todas as vibrações, exceto o grasnido das gaivotas e o leve marulho das águas. Se Huey fosse esperto, ele podia mandar limpar toda aquela tralha, construir um deck em seu lugar, atrair para ali os primeiros yuppies que começavam a se instalar em Admiral Hill, resolvidos a fazer de Chelsea um novo território de alto valor imobiliário, uma vez que tivessem dado conta de East Bucky.

Dave cuspiu várias vezes e limpou a boca com as costas da mão. Em seguida se levantou, resolvendo dizer a Val e a Jimmy que precisava comer alguma coisa antes de tomar outro drinque. Não precisava ser uma refeição completa, só alguma coisa para enganar o estômago. Quando ele se voltou, os dois estavam parados na porta preta, Val à esquerda, Jimmy à direita, e a porta fechada. Os dois estavam com um ar meio esquisito, como se tivessem ido entregar uns móveis e não soubessem onde os iam colocar, em meio a todo aquele mato.

Dave disse: “Oi, rapazes. Vieram para ver se eu não tinha caído lá embaixo?”.

Quando Jimmy se afastou da parede dirigindo-se a ele, a lâmpada acima da porta se apagou. Jimmy, agora apenas um vulto na escuridão, foi se aproximando devagar, o rosto branco ora na sombra, ora iluminado fracamente pelas luzes da ponte.

“Deixe-me falar sobre Ray Harris”, disse Jimmy, falando tão baixinho que Dave tinha de se inclinar para a frente para ouvir. “Ray Harris era um amigo meu, Dave. Ele

costumava me visitar na prisão. Ele sempre tinha o cuidado de ver se Marita, Katie e minha mãe estavam precisando de alguma coisa. Fazia isso para que eu pensasse que ele era meu amigo, mas na verdade se sentia culpado. Sentia-se culpado, porque tinha sido preso pela polícia e terminou me dedando. E pode acreditar que aquilo o deixava muito mal. Contudo, ao cabo de alguns meses, aconteceu um troço esquisito.” Jimmy chegou perto de Dave, parou, fitou o seu rosto com a cabeça levemente inclinada. “Descobri que gostava de Ray. Quer dizer, eu gostava muito da companhia do sujeito. A gente falava sobre esportes, sobre Deus, sobre livros, sobre nossas mulheres, nossos filhos, sobre política, sobre todo tipo de coisa. Ray era o tipo do sujeito que podia falar sobre qualquer coisa. Ele se *interessava* por tudo. E isso é raro. Aí minha mulher morreu, sabe? Ela morreu e mandaram um guarda ir à minha cela e me dizer: ‘Sinto muito, sua mulher morreu na noite passada, às oito e cinquenta. Ela se foi’. E o que provocou a morte de minha mulher, Dave? Foi o fato de ter de se virar completamente sozinha. Sei o que você está pensando. Todos morremos sozinhos. Mas minha mulher teve câncer de pele. Ela passou seis meses morrendo aos poucos. E eu poderia estar ao seu lado, lhe dando apoio. Não poderia ter evitado a morte, mas poderia ter lhe dado consolo em sua última hora. Mas eu não estava lá. Porque Ray, um cara de quem eu gostava, tirou isso de mim e de minha mulher.”

Dave estava vendo uma nesga azul-escura do rio — iluminada pelas luzes da ponte — refletida nas pupilas de Jimmy. Dave disse: “Por que você está me contando isso, Jimmy?”.

Jimmy apontou por sobre o ombro esquerdo de Dave. “Eu obriguei Ray a se ajoelhar bem aí e lhe dei dois tiros. Um no peito, outro na garganta.”

Val afastou-se da parede e se aproximou de Dave pela esquerda, bem devagar, o mato alto erguendo-se às suas costas. Dave sentiu um nó no estômago, a garganta seca.

Dave disse: “Ora, Jimmy, não sei por que...”.

Jimmy disse: “Ray suplicou. Disse que éramos amigos. Disse que tinha um filho. Disse que tinha uma mulher. Disse que sua mulher estava grávida. Disse que iria embora. Disse que nunca mais iria me fazer mal. Disse que me conhecia, que eu era um homem bom e que tinha certeza de que eu não queria fazer aquilo”. Jimmy olhou para a ponte. “Eu queria responder a ele. Eu queria dizer que amava minha esposa, que ela morrera, que eu o considerava responsável pelo que acontecera. Além do mais, por uma questão de princípio, a gente nunca deve entregar os amigos se quiser ter uma vida longa. Mas eu não disse nada, Dave. Eu estava chorando muito. A cena não podia ser mais patética. Ele aos prantos e eu também. Eu mal conseguia vê-lo.”

“Então por que você o matou?”, perguntou Dave, num tom meio desesperado.

“Acabei de lhe dizer”, disse Jimmy, como se estivesse explicando algo a uma criança de quatro anos. “Por uma questão de princípio. Eu era um viúvo de vinte e dois anos, com uma filha de cinco. Eu perdera os dois últimos anos da vida de minha mulher. Que Ray se danasse, ele sabia muito bem da regra número um de nosso negócio — você não entrega os amigos.”

Dave disse: “O que você acha que eu fiz, Jimmy? Diga-me”.

“Quando eu matei Ray”, continuou Jimmy, “eu senti... não sei, me senti completamente *ausente* de mim mesmo. Senti como se Deus estivesse olhando para mim lá de cima enquanto eu carregava Ray e o jogava na água. E Deus balançava a cabeça. Ele não estava com raiva. Estava apenas aborrecido, e nem um pouco surpreso. Como a gente fica quando o cachorrinho faz cocô no tapete. Fiquei atrás de onde você está agora, olhando Ray afundar. A última parte a afundar foi a cabeça. Então lembrei que, quando criança, achava que se a gente nadasse até o fundo de qualquer curso d’água e enfiasse a cabeça nele, ela iria sair no espaço. Quer dizer, era assim que eu imaginava o globo terrestre, entende? E então lá ficaria eu, a cabeça fora do globo terrestre, e todo o espaço, as estrelas e o céu escuro à minha volta, e então eu simplesmente cairia. Eu cairia no espaço, ficaria flutuando, flutuando por um milhão de anos naquela vastidão gelada. E foi nisso que pensei quando Ray afundou de vez. Pensei que ele continuaria afundando até passar por um buraco no planeta e se perder no espaço por um milhão de anos.”

Dave disse: “Eu sei que você está pensando uma coisa de mim, Jimmy, mas você está enganado. Você acha que eu matei Katie, não é?”.

Jimmy disse: “Cale a boca, Dave”.

“Não, não, não”, disse Dave, que de repente viu o revólver na mão de Val. “Eu não tenho nada a ver com a morte de Katie.”

Eles vão me matar, pensou Dave. Meu Deus, não. A gente devia ter a possibilidade de se preparar para esse tipo de coisa. A gente não sai para vomitar e de repente descobre que tudo acabou. Não. Eu tenho de voltar para casa. Eu tenho de fazer as pazes com Celeste. Eu tenho de comprar alguma coisa para comer.

Jimmy enfiou a mão no casaco e tirou uma faca. Sua mão estava trêmula quando brandiu a lâmina. Tremiam-lhe também o lábio superior e parte do queixo, notou Dave. Havia esperança. Não se deixe paralisar. Há esperança.

“Na noite em que Katie morreu você chegou em casa com as roupas cobertas de sangue, Dave. Você contou duas histórias diferentes para explicar sua mão inchada, e seu carro foi visto no estacionamento do Last Drop, na hora em que Katie saiu. Você mentiu para os policiais e mentiu para todo mundo.”

“Jimmy, olhe para mim. Por favor, olhe para mim.”

Jimmy continuou com os olhos no chão.

“É verdade, Jimmy, eu estava coberto de sangue. Eu ataquei um sujeito, Jimmy. Ataquei para valer.”

“Ah, é a história do assaltante?”, perguntou Jimmy.

“Não. Era um pedófilo. Ele estava transando com um menino no carro. Ele era um vampiro, Jim. Ele estava envenenando aquele menino.”

“Quer dizer então que não era um assaltante. Quer dizer que era um sujeito que estava abusando de um menino. Claro, Dave, claro. Você matou o cara?”

“Sim. Bem, eu... e o Menino.”

Dave não sabia por que dissera aquilo. Ele nunca pensou em dizer aquilo. As pessoas

não entenderiam. Talvez fosse por causa do medo. Talvez porque quisesse que Jimmy visse o que ia em sua cabeça, que entendesse aquilo, sim, estava a maior confusão lá dentro, mas me veja, Jimmy. Entenda que não sou o tipo do cara que mata um inocente.

“Quer dizer então que o menino que estava sendo violentado...”

“Não”, disse Dave.

“Não o quê? Você disse que você e o menino...”

“Não, não, esqueça isso. Às vezes fico muito confuso. Quero dizer...”

“Tudo bem”, disse Jimmy. “Quer dizer que você matou o pedófilo. Você está contando isso para mim e não contou para sua mulher? Acho que ela deveria ter sido a primeira a ouvir. Principalmente na noite passada, quando ela lhe disse que não acreditava naquela história do assaltante. Por que você *não* lhe contou? A maioria das pessoas não se importa quando um *pedófilo* morre, Dave. Sua mulher estava pensando que você matou minha filha. E você vai me dizer que preferia que ela pensasse *isso* a pensar que matou um pedófilo? Explique isso para mim, Dave.”

Dave teve vontade de dizer: eu o matei porque estava com medo de me transformar nele. Se eu comesse seu coração, eu me apossaria de seu espírito e o aniquilaria. Mas ele não podia dizer aquilo em voz *alta*. Não posso contar *essa* verdade. Lembro-me de que ainda hoje jurei que não haveria mais segredos. Mas, ora, *esse* segredo não pode ser revelado, não importa quantas mentiras tenha de contar para isso.

“Vamos, Dave. Diga-me por quê. Por que você não podia dizer a verdade a sua mulher, hein?”

E a única coisa que ocorreu a Dave foi: “Não sei”.

“Você não sabe. Tudo bem. Quer dizer que nesse conto de fadas você e o menino — quem seria esse menino? Você quando era criança? — você e ele...”

“Só eu”, disse Dave. “Eu matei a criatura sem rosto.”

“Matou *o* quê?”

“O cara. O pedófilo. Eu o matei. Eu. Só eu. No estacionamento do Last Drop.”

“Não ouvi falar de nenhum cadáver encontrado perto do Last Drop”, disse Jimmy olhando para Val.

Val disse: “Para que deixar esse bosta *explicar*, Jim? Você está querendo tirar sarro de mim?”.

“Não, é verdade”, disse Dave. “Juro por meu filho. Eu coloquei o cara no porta-malas do carro dele. Não sei o que aconteceu com o carro, mas fiz isso, juro por Deus. Eu quero ver minha mulher, Jimmy. Eu quero viver minha vida.” Dave levantou os olhos para a ponte, ouviu os pneus vibrando lá em cima, as luzes amarelas fundindo-se num rastro luminoso. “Jimmy, por favor, não tire isso de mim.”

Jimmy olhou para o rosto de Dave, e Dave viu sua morte nele. Ela morava nele como nos lobos. Dave queria ter coragem bastante para enfrentá-la. Mas não tinha. Ele não queria encarar a própria morte. Lá estava ele, naquele momento, os pés plantados no calçamento, o coração bombeando sangue, o cérebro mandando mensagens aos seus nervos, músculos e órgãos, as suprarrenais a mil — e, a qualquer segundo, que podia ser o

próximo, uma lâmina penetraria em seu peito. E junto com toda a dor viria a certeza de que aquela vida, sua vida, sua visão, sua capacidade de comer, de fazer amor, de sorrir, de tocar, de cheirar — chegava ao fim. Ele não tinha coragem para enfrentar aquilo. Ele iria pedir. Sim, iria. Ele faria tudo o que quisessem, desde que não o matassem.

“Acho que você entrou naquele carro há vinte e cinco anos, Dave, e alguém voltou em seu lugar. Acho que você ficou pirado”, disse Jimmy. “Ela tinha dezenove anos, sabia? Dezenove, e ela nunca lhe fez nenhum mal. Ela *gostava* de você. De verdade. E você vai e a mata? Por quê? Porque você é um fodido na vida? Porque a beleza o incomoda? Porque eu não entrei naquele carro? Por quê? Diga-me apenas isso, Dave. Diga-me. Diga-me isso, e eu deixo você viver.”

“Porra! Não”, disse Val. “Jimmy, não. Ora. Você está sentindo *pena* desse merda? Escute...”

“Cale a boca, Val”, disse Jimmy, apontando o dedo para ele. “Eu lhe confiei a responsabilidade de toda a *organização* quando fui em cana, e você acabou com ela. E hoje, apesar de tudo o que lhe dei, a única coisa que você sabe fazer é bancar o machão e vender a porra da droga. Não me dê conselhos, Val. Não ouse fazer isso outra vez.”

Val virou as costas, chutou o mato, falando depressa consigo mesmo, num sussurro.

“Diga-me, Dave. Mas não me venha com essa mentira de pedófilo que esta noite a gente não está para mentiras, certo? Diga-me a verdade. Se você vier com essa mentira novamente, meto-lhe essa faca no peito sem piscar.”

Jimmy respirou fundo, levantou a faca à altura do rosto de Dave, depois a enfiou do lado direito da cintura. Ele levantou as mãos, mantendo-as bem abertas. “Dave, vou lhe dar sua vida se você me disser por que a matou. Você vai para a cadeia. Não estou mentindo para você. Mas você vai viver. Você vai respirar.”

Dave se sentiu tão grato que quis agradecer a Deus em voz alta. Teve vontade de abraçar Jimmy. Trinta segundos antes, ele estava no maior desespero. Estava pronto a cair de joelhos e dizer: eu não quero morrer. Não estou preparado. Não estou preparado para partir. Não sei o que me espera mais adiante. Acho que não é o céu. Acho que não é um lugar luminoso. Acho que é escuro, frio, um túnel infinito cheio de nada. Como o seu buraco no planeta, Jim. E eu não quero ficar sozinho no meio do nada, anos no nada, séculos de frio, um nada frio e só o meu coração solitário flutuando nele, sozinho, sozinho, sozinho.

Agora ele podia viver. Se mentisse. Se ele enfrentasse a situação e dissesse a Jimmy o que ele queria ouvir. Ele seria injuriado. Com certeza seria agredido, mas viveria. Ele o lia nos olhos de Jimmy. Jimmy não mentia. Os lobos tinham ido embora e diante dele restava apenas um homem com uma faca na mão que precisava de uma resposta, um homem que estava sendo esmagado pelo peso de todas as dúvidas, sofrendo por uma filha que nunca mais iria abraçar.

Vou voltar para você, Celeste. Vamos reconstruir a nossa vida. Vamos, sim. E então, prometo, nada de mentiras. Nada de segredos. Mas acho que preciso contar esta última mentira, a pior mentira de minha vida de mentiroso, porque não posso contar a pior

verdade da minha vida. Prefiro que ele pense que matei sua filha a que ele saiba por que matei o pedófilo. É uma mentira boa, Celeste. Ela vai resgatar as nossas vidas.

“Diga-me”, disse Jimmy.

Então Dave resolveu se manter o mais próximo possível da verdade. “Eu a vi no McGills naquela noite, e então me lembrei de um sonho que tive.”

“Você sonhou com o quê?”, perguntou Jimmy, o rosto desfigurado, a voz sumida.

“Com a juventude”, disse Dave.

Jimmy baixou a cabeça.

“Não me lembro de ter sido jovem”, disse Dave. “E ela era esse sonho de juventude materializado, por isso eu simplesmente perdi o controle, acho.”

Doía-lhe profundamente dizer aquilo a Jimmy, feri-lo com aquela mentira, mas Dave só queria ir para casa, pôr a cabeça no lugar, e se para isso fosse preciso fazer aquele sacrifício, ele o faria. Ele iria pôr tudo nos seus devidos lugares. E dali a um ano, quando o verdadeiro assassino já estivesse condenado, Jimmy iria entender seu sacrifício.

“Uma parte de mim”, disse ele, “nunca saiu daquele carro, Jim. É como você falou. Um outro Dave voltou para o bairro de Dave com suas roupas, mas não era Dave. Dave continua no porão, entende?”

Jimmy aquiesceu e quando levantou a cabeça, Dave viu que seus olhos estavam úmidos, brilhantes e cheios de compaixão, talvez até de amor.

“Quer dizer então que foi o sonho?”, sussurrou Jimmy.

“Foi o sonho, sim”, disse Dave, e sentiu o frio de sua mentira espalhar-se por seu ventre, aumentando tanto que ele pensou que aquilo só podia ser fome, pois esvaziara as entranhas dentro do Mystic River. Mas era um frio diferente de qualquer outro que sentira até então. Um frio que gelava. Tão frio que era quase quente. Não, era calor mesmo. Era uma verdadeira onda de fogo que subia do abdome até o peito, tirando-lhe o ar dos pulmões.

Pelo canto do olho, ele viu Val Savage pular no ar e gritar: “Está vendo? Foi isso que *eu* lhe disse!”.

Ele olhou para o rosto de Jimmy. Este, movendo os lábios devagar e depressa ao mesmo tempo, disse: “É aqui que enterramos nossos pecados, Dave. É aqui que os lavamos”.

Dave sentou-se vendo o sangue escorrer de seu corpo e empapar as suas calças. Quando ele pôs a mão no abdome, os dedos tocaram um corte que ia de um lado ao outro.

Ele disse: “Você mentiu”.

Jimmy inclinou-se para ele. “O quê?”

Você mentiu.

“Você está vendo os lábios dele se mexendo?”, disse Val. “Ele está movendo os lábios.”

“Eu não sou cego, Val.”

Só então Dave teve uma revelação, sem dúvida a revelação mais odiosa com que se

defrontara. Ela era mesquinha e indiferente. Era desumana e era apenas isto: eu estou morrendo.

Não posso voltar atrás nisso. Não posso trapacear nem me furtar a isso. Não posso mais tentar salvar minha pele nem me esconder atrás de segredos. Não posso mais esperar piedade. Piedade de quem? Todos estão se lixando. Todos, menos eu. Eu não estou me lixando. De jeito nenhum. E isso não é justo. Não sou capaz de enfrentar sozinho esse nada. Por favor, não me deixe partir sozinho. Por favor, acordem-me. Eu quero acordar. Eu quero sentir você, Celeste. Quero sentir seus braços. Não estou preparado.

Esforçou-se para ver o que Val passava para Jimmy, e que este encostara em sua testa. Era frio. Era fresco. Um pequeno círculo de frescor, de doçura e de alívio em meio ao fogo que o consumia.

Espere! Não. Não, Jimmy! Eu sei o que é. Estou vendo o gatilho. Não, não faça isso, não, não, não. Olhe para mim. Veja-me. Não faça isso. Por favor. Se você me levar para o hospital eu vou me curar. Eles vão dar um jeito nisso. Oh, Deus, Jimmy, não faça isso com o dedo, não faça isso, eu menti, por favor, não me tire a vida, não estou pronto para receber uma bala na cabeça.

Jimmy abaixou a arma.

Obrigado, Dave disse. Obrigado, obrigado.

Caído de costas, ele viu os raios de luz cruzando a ponte, penetrando a escuridão da noite, brilhando. Obrigado, Jimmy. Agora vou ser um homem bom. Você me ensinou uma coisa. Ensinou, sim. E eu vou lhe dizer o que foi logo que recuperar o fôlego. Vou ser um bom pai. Vou ser um bom marido. Prometo. Juro...

“Bom, acabou”, disse Val.

Jimmy olhou para o corpo de Dave, a fenda que abrisse em seu abdome, o buraco da bala que ele atirara em sua testa. Tirou os sapatos e o casaco. Depois, tirou o suéter, a calça cáqui manchada com o sangue de Dave. Tirou também o abrigo de náilon que estava por baixo e jogou-o em cima da pilha ao lado do corpo de Dave. Ele ouviu Val colocar os paralelepípedos e a corrente no barco de Huey, depois voltar com um grande saco de lixo verde. Sob o abrigo de náilon Jimmy usava uma camiseta e calça jeans. Val tirou um par de sapatos do saco de lixo e jogou-os para ele. Jimmy os calçou e examinou a calça e a camiseta para ver se tinha alguma mancha de sangue. Não tinha. O próprio abrigo tinha apenas umas poucas manchas.

Ele se ajoelhou ao lado de Val e enfiou as roupas no saco. Em seguida ele pegou a faca e o revólver, levou-os para a beira do ancoradouro e jogou-os no meio do Mystic River. Ele poderia tê-los colocado no saco, com as roupas, para jogá-los do barco, junto com o corpo de Dave. Porém, por algum motivo que lhe escapava, sentia necessidade de agir agora, queria sentir o braço romper o ar e ver as armas se erguerem girando, descrevendo um arco, para depois caírem na água, afundando e deixando uma vaga mancha de espuma na superfície.

Logo depois, ele se ajoelhou à margem do rio. O vômito de Dave havia muito se fora, e Jimmy mergulhou as mãos no rio oleoso e poluído, e as lavou do sangue de Dave. Às

vezes ele sonhava que estava fazendo aquilo — lavando-se no Mystic — e então a cabeça de Ray aparecia e olhava para ele.

Ray dizia sempre a mesma coisa: “Você não pode andar mais rápido do que um trem”.

E Jimmy, confuso, dizia: “Ninguém pode, Ray”.

Ray começava então a afundar novamente e sorria. “Mas principalmente você.”

Treze anos com aqueles sonhos, treze anos vendo a cabeça de Ray aparecendo na água, e até aquele dia Jimmy não sabia o que o outro queria dizer com aquilo.

27. A quem você ama?

Quando Brendan chegou em casa, sua mãe tinha ido ao bingo. Ela deixara um bilhete: “Tem frango na geladeira. Que bom que você está bem. Não se acostume a chegar tarde”.

Brendan deu uma olhada no quarto que dividia com o irmão, mas Ray também tinha saído. Ele pegou uma cadeira na cozinha e levou-a até a copa. Quando subiu na cadeira, ela tombou um pouco para a esquerda, pois um dos pés estava meio solto. Ele olhou para a placa do teto, e seus olhos se anuviaram quando notou marcas de dedos na poeira. Pressionou a placa com a mão direita, levantando-a devagar. Depois abaixou a mão, limpou-a nas calças e respirou fundo várias vezes.

Existem perguntas cujas respostas não queremos saber. Quando cresceu, Brendan nunca quis procurar o pai porque não queria fitar seu rosto e ver como seria fácil abandoná-lo. Ele nunca perguntava a Katie sobre os namorados antigos, nem mesmo sobre Bobby O'Donnell, porque não queria imaginá-la deitada sobre outra pessoa, beijando-o da mesma maneira que o beijava.

Brendan sabia algumas coisas a respeito da verdade. Em muitos casos, era só uma questão de decidir se queria enfrentá-la ou viver no conforto da ignorância ou de mentiras. E a ignorância e as mentiras em geral são subestimadas. A maioria das pessoas que Brendan conhecia não poderia passar um dia sequer sem sua ração diária de ignorância, mais um bocado de mentiras.

Mas aquela verdade ele tinha de enfrentar. Porque já a encarara na cela, e ela penetrara em seu corpo como uma bala e se alojara em seu ventre, de onde nunca mais sairia. Em outras palavras, não poderia escapar dela, não poderia fingir que não estava ali. A ignorância não era uma possibilidade. E a mentira já estava fora de questão naquele caso.

“Merda”, disse Brendan, e então deslocou a placa do teto, enfiou a mão no buraco escuro, os dedos tateando poeira, lascas de madeira, mas não o revólver. Ele passou mais um minuto procurando, mesmo sabendo que ele não estava mais lá. O revólver de seu pai, e ele não sabia onde fora parar. Ele estava no mundo, e matara Katie.

Recolocou a placa no lugar, recolheu a poeira do chão com uma pá de lixo. Levou a cadeira de volta para a cozinha. Sentia necessidade de fazer movimentos precisos. Parecia-lhe importante manter a calma. Ele pôs suco de laranja num copo e colocou-o na mesa. Sentou-se na mesma cadeira e fê-la girar para ficar de frente para a porta do apartamento. Tomou um gole do suco de laranja e ficou esperando Ray.

“Veja isto”, disse Sean, retirando da caixa o dossiê com as impressões digitais para abri-lo diante de Whitey. “É a mais nítida que colheram na porta. É pequena, porque é

de uma criança.”

Whitey disse: “A senhora Prior ouviu dois meninos brincando na rua antes de Katie bater na calçada. Estavam brincando com bastões de hóquei, disse ela”.

“Ela disse que ouviu Katie dizer ‘Oi’. Talvez não tenha sido Katie. A voz de um menino pode parecer ser de mulher. E a ausência de pegadas? Faz sentido. O que uma criança pesa, uns cinquenta quilos?”

“Você reconheceu a voz do menino?”

“Parece a voz de Johnny O’Shea.”

Whitey aquiesceu. “O outro menino não disse nada.”

“Porque é mudo”, disse Sean.

“Oi, Ray”, disse Brendan quando os dois meninos entraram no apartamento.

Ray balançou a cabeça. Johnny O’Shea fez um aceno. Eles iam se dirigindo ao quarto.

“Venha aqui um instantinho, Ray.”

Ray olhou para Johnny.

“Só um segundo, Ray. Queria lhe perguntar uma coisa.”

Ray se voltou, enquanto Johnny O’Shea ia colocar sua bolsa esportiva na beira da cama da senhora Harris. Ray atravessou o pequeno corredor, levantou as mãos e olhou para o irmão, como a dizer: “O que é?”.

Brendan puxou a cadeira de perto da mesa com o pé e fez um sinal a Ray para que se sentasse.

A cabeça de Ray se inclinou, como se estivesse sentindo um cheiro no ar, um cheiro nada agradável. Ele olhou para a cadeira. Olhou para Brendan.

Ele falou com os sinais. “O que eu fiz?”

“Quero que você me diga”, disse Brendan.

“Eu não fiz nada.”

“Então sente-se.”

“Não quero me sentar.”

“Por que não?”

Ray sacudiu os ombros.

Brendan perguntou: “Quem você odeia, Ray?”.

Ray olhou para o irmão como se este estivesse louco.

“Vamos”, disse Brendan. “Quem você odeia?”

O sinal que Ray fez foi breve: “Ninguém”.

Brendan balançou a cabeça. “Está certo. De quem você gosta?”

Ray fez a mesma cara espantada.

Brendan inclinou-se para a frente, as mãos nos joelhos. “De quem você gosta?”

Ray olhou para os sapatos, depois para Brendan. Ele levantou a mão e apontou para o irmão.

“Você gosta de mim?”

Ray balançou a cabeça, inquieto.

“E quanto à mamãe?”

Ray negou com a cabeça.

“Você não gosta de mamãe?”

Ray respondeu com os sinais: “Nem gosto nem desgosto”.

“Quer dizer então que eu sou a única pessoa de quem você gosta?”

Ray franziu o cenho, levantou o rosto para o irmão e mexeu os dedos.

“Sim. Agora posso ir?”

“Não. Sente-se, Ray.”

Ray olhou para a cadeira, o rosto vermelho e raivoso. Ele olhou para Brendan, levantou a mão, apontou o dedo médio, depois se voltou para sair da cozinha.

Brendan nem se deu conta de que se mexera quando se viu com um molho de cabelos de Ray na mão, levantando-o do chão. Ele deu um forte puxão para trás, como se estivesse puxando a corda do motor de um velho cortador de grama, depois abriu os dedos e Ray tombou de sua mão para trás, por cima da mesa da cozinha. Ray bateu contra a parede, caiu sobre a mesa, e ela desabou no chão junto com ele.

“Você gosta de mim?”, perguntou Brendan, sem nem ao menos olhar para ele. “Você gosta de mim e por isso matou minha namorada, Ray? Hein?”

Aquilo mexeu com Johnny O’Shea, como Brendan previra. Johnny pegou sua bolsa esportiva e se dirigiu à porta, mas Brendan já estava em cima dele. Ele o pegou pela garganta e o jogou contra a porta.

“Meu irmão nunca faz nada sem você, O’Shea. Nunca.”

Brendan fechou o punho e Johnny gritou: “Não, Bren! Não!”.

Brendan lhe deu um soco tão forte que ouviu o nariz dele quebrar. E ele deu outro soco. Quando Johnny caiu no chão, encolheu-se como uma trouxa, cuspiu sangue no soalho e Brendan disse: “Vou repetir a dose. Daqui a pouco eu volto e espanco você até matar, seu lixo desgraçado”.

Brendan voltou à cozinha e encontrou Ray de pé, cambaleante, os tênis deslizando sobre cacos de pratos. Brendan lhe deu um soco tão forte no rosto que o jogou contra a pia. Ele agarrou o irmão pela camisa, e este o olhava com os olhos cheios de lágrimas e de ódio, a boca escorrendo sangue. Brendan jogou-o no chão, abriu os braços de Ray e ajoelhou-se sobre eles.

“Fale”, disse Brendan. “Eu sei que você sabe falar. Fale, seu sacana degenerado, porque senão, juro por Deus, Ray, eu mato você. Fale!”, gritou Brendan, socando o ouvido de Ray. “Fale! Fale o nome dela! Fale! Diga Katie, Ray. Diga Katie!”

Os olhos de Ray se turvaram e ele cuspiu sangue no próprio rosto.

“Fale!”, gritou Brendan. “Eu o mato se você não falar!”

Ele agarrou o irmão pelos cabelos das têmporas, levantou-lhe a cabeça do chão, jogou-a de um lado para o outro até os olhos de Ray se fixarem novamente nele. Então Brendan perscrutou as pupilas cinzentas do irmão, e viu tanto amor e tanto ódio que teve vontade de arrancar-lhe a cabeça e jogá-la pela janela.

“Fale”, repetiu ele, mas dessa vez sua voz saiu rouca, estrangulada. “Fale.”

Ele ouviu uma tosse alta, olhou em volta e viu Johnny O’Shea cuspidando sangue no chão com o revólver de Ray pai na mão.

Sean e Whitey estavam subindo as escadas quando ouviram a algazarra, alguém gritando no apartamento e o ruído inconfundível de carne golpeando carne. Eles ouviram um homem gritar “Eu vou matar você!” e Sean levou a mão à sua Glock quando chegou à porta.

Whitey disse “Espere”, mas Sean já girara a maçaneta. Ele entrou no apartamento, viu uma arma apontada para o seu peito, a uma distância de uns dez centímetros.

“Não atire! Não aperte o gatilho, menino!”

Sean olhou o rosto ensanguentado de Johnny O’Shea e o que ele viu o gelou até os ossos. Nele não havia a menor expressão. Provavelmente nunca houvera. Aquele menino não apertaria o gatilho por estar furioso ou assustado. Não, ele apertaria o gatilho porque, para ele, Sean não passava de uma imagem de vídeo em tamanho natural, e o revólver, um joystick.

“Johnny, você precisa apontar essa arma para o chão.”

Sean ouvia a respiração ofegante de Whitey na entrada do apartamento.

“Johnny.”

Johnny O’Shea disse: “Ele me esmurrou. Duas vezes. Quebrou meu nariz”.

“Quem?”

“Brendan.”

Sean olhou à sua esquerda, viu Brendan na porta da cozinha, as mãos como largadas junto ao corpo, paralisado. Concluiu que Johnny O’Shea estivera prestes a atirar em Brendan no momento em que ele, Sean, assomou na porta. Ele ouvia a respiração de Brendan, lenta e pouco profunda.

“Vamos prendê-lo por causa disso, se você quiser.”

“Não quero que ele seja preso. Quero que seja morto.”

“A morte é uma coisa muito séria, Johnny. Quem morre nunca volta, sabia?”

“Eu sei”, disse o menino. “Claro que sei. Você vai usar isso?” O rosto do menino estava arrebitado, o sangue escorria do nariz e pingava no queixo.

Sean disse: “O quê?”.

Johnny O’Shea fez um gesto para a cintura de Sean. “Essa arma. É uma Glock, não é?”

“É, sim.”

“As Glock são demais. Eu queria muito ter uma dessas. Você vai usá-la?”

“Agora?”

“Sim. Você vai sacá-la contra mim?”

Sean sorriu. “Não, Johnny.”

Johnny disse: “Por que diabo você está rindo? Saque a arma. Vamos ver o que

acontece. Vai ser legal”. De repente ele avançou o braço levando o revólver a uns dois centímetros do peito de Sean.

Sean disse: “Você está com uma vantagem em relação a mim, parceiro. Entende o que quero dizer?”.

“Escute essa, Ray, estou com vantagem sobre esse desgraçado desse tira. Está vendo isso?”

“Não vamos...”, principiou Sean.

“Vi num filme, sabe? O policial estava atrás de um negro num telhado. O crioulo jogou ele lá embaixo. O policial fez ‘Aaaaah’ antes de cair no chão. O negro era muito durão e não quis nem saber se o tira tinha mulher e uns merdinhas em casa. O crioulo era foda, cara.”

Sean já vira aquilo antes. Quando ele ainda usava uniforme, foi chamado para controlar a multidão diante de um banco em que tinha havido uma tentativa de assalto. Durante duas horas, o sujeito que estava lá dentro foi se sentindo cada vez mais seguro, hipnotizado pelo poder da arma em sua mão, pela força que ela lhe conferia. Pelo monitor ligado às câmaras de vigilância, Sean o viu desafiar todo mundo. A princípio, ele estava aterrorizado, mas depois dominou o medo. Ele se apaixonara literalmente por sua arma.

E por um momento Sean viu Lauren deitada na cama, apoiada no cotovelo, a mão na têmpora. Ele viu a filha do sonho, sentiu o seu cheiro, e pensou em como seria absurdo morrer sem a conhecer e sem rever Lauren.

Ele olhou para o rosto vazio à sua frente e disse: “Você está vendo esse cara à sua esquerda, Johnny? O que está na entrada?”.

Os olhos de Johnny voltaram-se depressa para a esquerda. “Sim.”

“Ele *não* quer atirar em você. Não quer.”

“Não me importo se ele atirar”, disse Johnny, mas Sean percebeu que aquilo o perturbou: o seu olhar já não se fixava em nada.

“Mas se você atirar em mim, ele não vai ter escolha.”

“Eu não tenho medo de morrer.”

“Se é assim... O problema é que ele não vai apontar para a cabeça. A gente não mata crianças, Johnny. Mas se ele atirar do lugar onde está agora, você tem ideia de onde a bala vai se alojar?”

Sean manteve os olhos fixos em Johnny, embora sua cabeça parecesse magnetizada pela arma na mão do menino, querendo olhar para ela, ver onde estava o gatilho, se afinal de contas o menino estava com o dedo nela, sempre pensando: Eu não quero ser morto, eu definitivamente não quero ser morto por um menino. Ele não conseguia pensar numa morte mais patética. Sentia a presença de Brendan, três metros à sua direita e paralisado, provavelmente pensando a mesma coisa.

Johnny passou a língua nos lábios.

“A bala vai atravessar sua axila e penetrar na espinha, cara. Vai paralisar você. Você vai ficar como aqueles meninos paraplégicos das campanhas de arrecadação de fundos da

televisão. Você sabe como eles são. Sentados numa cadeira de rodas, um lado do rosto totalmente paralisado e a cabeça tombando sobre o peito. Você vai ficar babando, Johnny. Vão ter que pôr uma xícara perto da sua cara para você tomar a comida de canudinho.”

Johnny se decidiu. Sean percebeu isso, como se uma luz tivesse se acendido na mente sombria do menino. Sean se sentiu dominado pelo medo, sabia que o menino ia apertar o gatilho, nem que fosse apenas para ouvir o barulho.

“Cara, meu nariz está estourado”, disse Johnny, e se voltou para Brendan.

Sean soltou um grito de surpresa, baixou os olhos e viu o revólver se desviando de seu corpo, como se girando em cima de um tripé. Ele avançou rápido como se alguém estivesse controlando seus braços e agarrou a arma no momento em que Whitey entrava na sala, a Glock apontada para o peito do menino. O menino soltou um grito de decepção, como se, ao abrir o presente de Natal, descobrisse que havia apenas uma meia suja na caixa. Sem lhe dar tempo para se recompor, Sean empurrou-o contra a parede para desarmá-lo.

Sean disse: “Seu *filho* da puta”, piscou para Whitey, o suor entrando-lhe nos olhos.

Johnny começou a chorar como só uma criança de treze anos seria capaz de fazer, como se todo o peso do mundo lhe tivesse caído sobre os ombros.

Sean voltou-o para a parede, puxou suas mãos para as costas, viu Brendan respirar fundo, lábios e braços trêmulos, e Ray Harris, de pé, numa cozinha que parecia ter sido devastada por um ciclone.

Whitey foi para trás de Sean, pôs a mão em seu ombro. “Como você está?”

“O menino *ia* atirar”, disse Sean, sentindo o suor empapando-lhe cada centímetro de suas roupas e de suas meias.

“Não, eu não ia”, gemeu Johnny. “Eu só estava brincando.”

“Vá se foder”, disse Whitey, encostando o rosto no rosto do menino. “Só sua mãe se preocupa com as suas lágrimas, seu putinho. Vá se acostumando com isso.”

Sean algemou Johnny O’Shea, puxou-o pela camisa até a cozinha e fê-lo sentar-se numa cadeira.

Whitey disse: “Ray, você dá a impressão de ter sido jogado de cima de um caminhão”.

Ray olhou para o irmão.

Brendan, encostado ao fogão, parecia prestes a desmaiar.

“Nós já sabemos”, disse Sean.

“O que vocês já sabem?”, disse Brendan com um suspiro.

Sean olhou para o menino fungando na cadeira e para o outro menino, mudo, olhando para eles como se esperasse que eles se fossem o mais rápido possível, para poder voltar ao videogame no quarto dos fundos. Sean tinha certeza de que, quando interrogados com auxílio de uma intérprete de sinais e de uma assistente social, os dois meninos responderiam que a tinham matado “porque”. Porque eles tinham o revólver. Porque eles estavam na rua no momento em que ela entrou com o carro. Talvez porque Ray nunca gostara dela. Porque parecia uma boa ideia. Porque eles nunca tinham matado ninguém antes. Porque quando você está com o dedo no gatilho, você tem de puxar, senão

ele vai ficar coçando por várias semanas.

“O que vocês sabem?”, repetiu Brendan, a voz rouca e molhada.

Sean deu de ombros. Ele queria ter uma resposta para Brendan, mas olhando para aqueles dois meninos não lhe ocorreu nada. Absolutamente nada.

Jimmy levou consigo uma garrafa para a Gannon Street. Havia um asilo para idosos no final da rua, um edifício de dois andares da década de 60, todo de granito e calcário, que se estendia até Heller Court, continuação da Gannon. Jimmy sentou-se nos degraus brancos e contemplou a Gannon. Ouvira dizer que estavam expulsando os velhos dali, uma vez que o Point estava ficando tão popular que o proprietário do edifício ia vendê-lo a um empresário que se especializara em apartamentos para jovens casais. Na verdade, o Point não existia mais. Ele sempre fora o irmão esnobe dos Flats, mas agora era como se nem fossem da mesma família. Logo ele adquiriria status de cidade, mudaria de nome, e se separaria de Buckingham.

Jimmy tirou a garrafa de dentro do casaco e tomou um pouco de bourbon, olhou para o lugar onde tinham visto Dave Boyle pela última vez no dia em que os homens o tinham levado, a cabeça apenas visível no banco de trás, mergulhada na sombra, cada vez mais indistinta à medida que o carro se afastava.

Eu queria tanto que não tivesse sido você, Dave. De verdade.

Ele ofereceu a garrafa a Katie. Papai o pegou, querida. Papai acabou com ele.

“Falando sozinho?”

Jimmy levantou os olhos e viu Sean saindo de seu carro. Sean estava com uma cerveja na mão e sorriu ao ver a garrafa na mão de Jimmy. “Qual o seu pretexto para beber?”

“Uma noite pesada”, disse Jimmy.

Sean balançou a cabeça. “Eu também. Vi uma bala em que estava escrito meu nome.”

Jimmy se afastou um pouco e Sean sentou ao lado dele. “Como sabia que eu estava aqui?”

“Sua mulher falou que você devia estar aqui.”

“Minha mulher?” Jimmy nunca lhe contara que costumava ir ali. Puxa vida, que mulher danada.

“Sim. Jimmy, fizemos uma prisão hoje.”

Jimmy, que sentia o coração se acelerar, tomou uma grande golada da garrafa. “Fizeram uma prisão.”

“Sim. Os assassinos de sua filha. Agora os pegamos.”

“Assassinos?”, disse Jimmy. “Mais de um?”

Sean confirmou. “Na verdade crianças. De treze anos. O filho de Ray Harris, Ray Junior, e um menino chamado Johnny O’Shea. Eles confessaram há meia hora.”

Jimmy sentiu uma faca penetrar-lhe o ouvido, atravessando o cérebro de um lado ao outro. Uma faca em brasa que lhe fendia o cérebro.

“Vocês têm certeza de que foram eles?”

“Sim”, disse Sean.

“Por quê?”

“Por que eles fizeram isso? Nem eles mesmos sabem. Eles estavam brincando com um revólver. Eles viram um carro se aproximando e um deles deitou-se no meio da rua. O carro deu uma guinada e, quando parou, O’Shea correu para ele com o revólver. Ele diz que queria apenas assustá-la, mas o revólver disparou. Katie atingiu-o com a porta do carro, e O’Shea diz que eles perderam a cabeça depois disso. Eles foram atrás dela para que ela não contasse a ninguém que eles tinham um revólver.”

“E por que a espancaram?”, perguntou Jimmy, tomando outro gole.

“Ray Junior estava com um bastão de hóquei. Ele se recusou a responder a qualquer pergunta. Ele é mudo. Simplesmente ficou sentado, sem se mexer. Mas O’Shea disse que eles a espancaram porque ela fugiu.” Ele deu de ombros como se também estivesse espantado com o absurdo daquele crime. “Meninos filhos da puta”, disse ele. “Com medo de serem castigados, a mataram.”

Jimmy se levantou. Abriu a boca para sorver um pouco de ar, suas pernas fraquejaram e ele caiu sentado no degrau. Sean tocou-lhe o cotovelo.

“Calma, Jim. Respire fundo.”

Jimmy viu Dave sentado no chão, passando a mão no corte que ele fizera de um lado ao outro do abdome. Ouviu a sua voz: Olhe para mim, Jimmy. Olhe para mim.

E Sean disse: “Celeste Boyle ligou para mim. Ela disse que Dave está desaparecido. Ela disse que anda muito perturbada nestes últimos dias. Ela disse que você sabe onde ele está, Jim”.

Jimmy tentou falar. Abriu a boca, mas sua traqueia se encheu com algo que lhe dava a impressão de um chumaço de algodão. Sean disse: “Ninguém mais sabe onde Dave pode estar. E é importante que a gente fale com ele, Jim, porque ele deve saber alguma coisa sobre um cara que foi morto na frente do Last Drop naquela noite”.

“Um cara?”, perguntou Jimmy, num tom um tanto seco.

“Um pedófilo com três antecedentes criminais. Um desgraçado. O que se pensa no departamento é que alguém pegou o cara transando com um menino e cancelou sua licença para trepar. De qualquer modo queremos falar com Dave sobre isso. Você sabe onde ele está, Jim?”

Jimmy balançou a cabeça, e já não conseguia ver mais nada à sua volta, como se agora houvesse um túnel diante de seus olhos.

“Não?”, disse Sean. “Celeste diz que lhe falou que Dave matou Katie. Diz que você também achava a mesma coisa. Ela teve a impressão de que você ia fazer alguma coisa.”

Através do túnel, Jimmy viu as grades de um bueiro.

“Agora você vai mandar quinhentos dólares por mês para Celeste, Jimmy?”

Jimmy levantou os olhos e eles se encararam. Sean sabia o que Jimmy tinha feito, e Jimmy via aquela certeza nos olhos de Sean.

“Você o matou, não foi?”, disse Sean. “Você o matou.”

Jimmy levantou-se, segurando-se no corrimão. “Não sei do que você está falando.”

“Você matou os dois — Ray Harris e Dave Boyle. Meu Deus, Jimmy, eu cheguei aqui achando que tudo isso era um absurdo, mas estou vendo em seu rosto que é verdade, cara. Seu louco desgraçado. Você matou Dave. Você matou Dave Boyle. Nosso amigo, Jimmy.”

Jimmy soltou um riso de desprezo. “Nosso amigo. Sim, certo, garoto do Point, ele era seu amigo do peito. Vivia o tempo todo com ele, certo?”

Sean aproximou o rosto do de Jimmy. “Ele era nosso amigo, lembra-se?”

Jimmy olhou nos olhos de Sean, perguntando-se se ia levar um soco.

“A última vez que vi Dave”, disse ele, “foi em minha casa na noite passada.” Ele empurrou Sean e atravessou a rua, em direção à Gannon. “Foi a última vez que vi Dave.”

“Mentiroso.”

Ele se voltou, abrindo bem os braços: “Então me prenda, se tem tanta certeza”.

“Eu vou conseguir provar”, disse Sean. “Tenho certeza.”

“Vai nada”, disse Jimmy. “Obrigado por prender os assassinos de minha filha, Sean. Muito obrigado. Mas se você tivesse sido mais rápido...” Jimmy sacudiu os ombros e deu-lhe as costas, e começou a avançar pela Gannon Street.

Sean acompanhou-o com o olhar até que ele sumiu na escuridão, na altura em que havia um poste com a lâmpada quebrada, em frente à antiga casa de Sean.

Você o matou, pensou Sean. Você o matou mesmo, seu animal de sangue frio. E o pior de tudo é que eu sei como você é esperto. Você não deve ter deixado nenhuma pista. Você não é de deixar pistas, Jimmy. Você é o cara dos detalhes. Seu filho da puta.

“Você tirou a vida dele”, disse Sean em voz alta. “Hein, meu velho?”

Ele jogou a lata de cerveja na esquina, andou até o carro e ligou para o celular de Lauren.

Quando ela atendeu ele disse: “Aqui é Sean”.

Silêncio.

Agora ele sabia o que calara e que ela queria ouvir, aquilo que ele se recusara a dizer durante um ano inteiro. Vou dizer qualquer coisa, disse ele a si mesmo. Tudo, menos isso. Ele o disse tendo em mente o menino sem alma apontando-lhe o revólver, e também o pobre Dave, no dia em que ele o convidara para tomar uma cerveja, um brilho de esperança desesperada em seu rosto, pois com certeza ele nunca imaginou que alguém quisesse tomar uma cerveja com ele. E ele o disse porque sentia, no mais fundo de si, a necessidade de dizê-lo, tanto para Lauren como para si mesmo.

Ele disse: “Desculpe-me”.

E Lauren disse. “Por quê?”

“Por colocar toda a culpa em você.”

“Está bem...”

“Bem...”

“Bem...”

“Continue”, disse ele.

“Eu...”

“O quê?”

“Eu... diabo, Sean, peço desculpas também. Eu não queria...”

“Tudo bem”, disse Sean. “Mesmo.” Ele respirou fundo, aspirando o ar poluído e viciado de sua radiopatrulha. “Eu quero ver você. Quero ver minha filha.”

E Lauren respondeu: “Como você sabe que é sua?”.

“Ela é minha.”

“Mas o exame de paternidade...”

“Ela é minha”, disse ele. “Não preciso de teste de paternidade. Você vai voltar para casa, Lauren? Vai?”

Ele ouviu o zumbido de um gerador, em algum ponto da rua silenciosa.

“Nora”, disse ela.

“O quê?”

“É o nome de sua filha, Sean.”

“Nora”, disse ele com a voz embargada.

Quando Jimmy chegou em casa, Annabeth o esperava na cozinha. Ele sentou-se à sua frente e ela lhe deu aquele sorrisinho enigmático que tanto lhe agradava, parecendo dizer que o conhecia tão bem que sempre o entenderia, mesmo que ele não dissesse mais uma palavra pelo resto da vida. Jimmy tomou a mão dela, deslizou o polegar por ela, tentando encontrar forças na imagem de si mesmo que via refletida no rosto da esposa.

A babá eletrônica estava na mesa entre eles. Eles começaram a usar o aparelho havia um mês, quando Nadine contraiu uma infecção na garganta. Jimmy ouvia os ruídos que a filha fazia enquanto dormia e imaginava-a sufocando, temia ouvir uma tosse tão forte que ele teria de se levantar de um salto, tomá-la nos braços e levá-la para o pronto-socorro, sem tempo de vestir uma roupa sobre o calção e a camiseta. Ela logo ficara curada, mas Annabeth não recolocara o aparelho na caixa guardada no armário da sala de jantar. Ela o ligava à noite, para ouvir o sono de Nadine e de Sara.

Elas não estavam dormindo. Jimmy ouviu pelo aparelho seus risinhos e cochichos, e ficou horrorizado ao pensar em suas filhas, ao mesmo tempo que pensava em seus pecados.

Eu matei um homem. O homem errado.

A vergonha, o remorso de ter feito aquilo o consumia.

Eu matei Dave Boyle.

A sensação de estar queimando por dentro se tornava insuportável, queimava-o por dentro, tomava todo o seu corpo.

Eu assassinei. Eu assassinei um homem inocente.

“Querido”, disse Annabeth, fitando o seu rosto. “O que houve? É por causa da Katie? Querido, parece que você está morrendo.”

Ela deu a volta à mesa, com uma insuportável mescla de preocupação e de amor em seus olhos. Ela sentou em seus joelhos, tomou o seu rosto nas mãos e fê-lo olhar em seus

olhos.

“Diga-me. Diga-me qual é o problema.”

Jimmy quis esconder dela. O amor da mulher era-lhe insuportável naquele momento. Ele queria desvencilhar-se de suas mãos cálidas e se enfiar num buraco inacessível ao amor e à luz, onde ele poderia se encolher e sofrer seu pesar e seu remorso no escuro.

“Jimmy”, sussurrou ela. Ela beijou-lhe as pálpebras. “Jimmy, conte-me. Por favor.”

Ela apertou as têmporas dele, enfiou-lhe os dedos nos cabelos, massageando-lhe o crânio, e beijou-o. Sua língua se insinuou na boca dele, sondando-o, procurando a fonte de seu sofrimento para extirpá-lo.

“Diga-me. Por favor, Jimmy. Diga-me.”

E ele sabia, vendo o amor da mulher, que tinha de lhe contar tudo ou estaria perdido. Não sabia ao certo se ela seria capaz de salvá-lo, mas tinha certeza de que se não abrisse o jogo naquele momento iria morrer.

Ele lhe contou.

Ele lhe contou tudo. Ele contou sobre Ray Harris, o Justo, contou-lhe sobre a tristeza que calou fundo em seu peito desde que tinha onze anos, contou-lhe que seu amor por Katie foi o único feito admirável de sua vida inútil, que Katie aos cinco anos — aquela filha-estranha que precisava dele e ao mesmo tempo desconfiava dele — foi a coisa mais assustadora que enfrentou na vida, a única obrigação da qual não procurou fugir. Ele disse à mulher que amar Katie e protegê-la era o cerne de sua existência, e quando lhe tiraram a sua filha, tiraram-lhe também a existência.

“E então”, disse ele à mulher, sentindo a cozinha estreitar-se e fechar-se em torno deles, “eu matei Dave.”

“Eu o matei e o joguei no Mystic River e agora descobri, como se o crime já não fosse terrível o bastante, que ele era inocente.”

“Foi isso que fiz, Anna. E não posso desfazer. Acho que tenho que ir para a cadeia. Que devo confessar o assassinato de Dave e voltar para a cadeia, porque acho que meu lugar é lá. Não, querida, é isso mesmo. Eu não posso viver com vocês. Porque não sou digno de confiança.”

Sua voz soava como a de uma outra pessoa. Soava tão diferente daquela que costumava ouvir de seus próprios lábios que ele se perguntava se Annabeth via um estranho à sua frente, uma cópia de Jimmy, um Jimmy que se dissolvia no éter.

Mas ela continuava calma, perfeitamente senhora de si, quieta como se estivesse posando para uma pintura. O queixo erguido, olhos límpidos e indecifráveis.

Jimmy ouviu novamente o sussurro das meninas pela babá eletrônica, e o ruído lhe lembrou o de folhas agitadas pelo vento.

Annabeth começou a desabotoar-lhe a camisa, e Jimmy ficou observando os dedos ágeis da mulher em seu corpo entorpecido. Ela abriu a camisa, puxou-a para a altura dos ombros e então apertou o rosto contra o peito de Jimmy.

Ele disse: “Eu...”.

“Psiu”, sussurrou ela. “Quero ouvir seu coração.”

As mãos dela deslizaram pelo tórax, depois pelas costas, e ela apertou mais o ouvido contra o peito dele. Fechou os olhos, e um sorriso quase imperceptível aflorou em seus lábios.

Ficaram muito tempo assim. Os sussurros que ouviam pela babá eletrônica deram lugar ao ressonar de suas filhas.

Quando Annabeth levantou a cabeça, Jimmy ainda sentia o rosto dela em seu peito, como uma marca permanente. Ela afastou-se dele, sentou-se no chão à sua frente, e olhou-o diretamente nos olhos. Ela fez um sinal com a cabeça em direção à babá eletrônica e, por um instante, ficaram ouvindo o ressonar das filhas.

“Você sabe o que eu disse a elas quando as pus para dormir hoje à noite?”

Jimmy fez que não com a cabeça.

Annabeth falou: “Eu lhes disse que deviam ser muito boazinhas para você porque, se a gente gostava muito de Katie, você gostava ainda mais. Você gostava muito dela porque você a criara e cuidara dela desde pequeninha e às vezes seu amor por ela era tão grande que seu coração inchava feito um balão e parecia que ia explodir de amor por ela”.

“Meu Deus”, fez Jimmy.

“Eu disse a elas que o pai delas gostava muito delas também. Que ele tinha quatro corações e que eles eram quatro balões, todos cheios de amor e de dor. E que por isso a gente nunca tinha que se preocupar. Nadine então disse: ‘Nunca?’.”

“Por favor”, disse Jimmy, sentindo-se como se esmagado por um bloco de granito. “Pare.”

Ela balançou a cabeça, fitando-o calmamente. “Eu disse a Nadine: ‘Sim. Nunca. Porque papai é um rei, não um príncipe. E os reis sabem fazer o que é certo, mesmo quando é difícil. E como papai é um rei ele fará...’”

“Anna...”

“...ele fará tudo o que tiver que fazer para as pessoas a quem ama. Todo mundo comete erros. Todo mundo. Os grandes homens que tentam consertar as coisas. E isso é o que importa. O grande amor é assim. É por isso que papai é um grande homem.”

Os olhos de Jimmy se turvaram. “Não”, disse ele.

“Celeste ligou”, disse Annabeth, e agora as palavras eram como dardos.

“Não...”

“Ela queria saber onde você estava. Ela me contou que lhe confiou suas suspeitas em relação a Dave.”

Jimmy esfregou os olhos com as costas da mão e olhou para a mulher como se nunca a tivesse visto antes.

“Ela me contou, Jimmy, e eu me perguntei que tipo de mulher diz uma coisa dessas sobre o próprio marido? Como pode ser covarde para dedurar feito um menino de escola? E por que contar a você? E por que contar a você, hein, Jim? Por que ir atrás de você?”

Jimmy sempre achara esquisita a forma como Celeste o olhava algumas vezes, mas não disse nada.

Annabeth sorriu, como se pudesse ler a resposta no rosto dele. “Eu podia ter telefonado para o seu celular. Eu bem podia ter feito isso. Quando ela me disse o que tinha lhe contado e me lembrei de ter visto você saindo com Val, pude imaginar o que vocês iam fazer, Jimmy. Não sou estúpida.”

De fato não era.

“Mas não liguei para você. Não o impedi de fazer o que fez.”

A voz de Jimmy foi sumindo enquanto perguntava: “Por que não?”.

Annabeth inclinou ligeiramente a cabeça, como se a resposta fosse óbvia. Ela se levantou, lançando-lhe um olhar de curiosidade, e tirou os sapatos. Ela baixou a calça até as coxas, dobrou o corpo e puxou-a até os tornozelos. Deixou-a no chão, enquanto se desvencilhava da blusa e do sutiã, e puxou Jimmy da cadeira. Ela o apertou contra o corpo, beijando-lhe as faces molhadas.

“Eles são fracos”, disse ela.

“Eles quem?”

“Todo mundo”, disse ela. “Todo mundo, menos nós.”

Ela tirou a camisa de Jimmy, e ele evocou o rosto dela no Pen Channel, na primeira noite em que saíram juntos. Ela lhe perguntara se o crime estava em seu sangue, e Jimmy a convencera de que não, porque na ocasião ele achava que essa era a resposta que Annabeth queria ouvir. Só agora, doze anos e meio depois, ele entendeu que a única coisa que ela esperava dele era a verdade. Qualquer que fosse a resposta, ela estaria pronta para aceitar. Ela a suportaria. E eles organizariam as suas vidas de acordo com ela.

“Nós não somos fracos”, disse ela, e Jimmy sentiu o desejo apossar-se dele como se estivesse em gestação desde o seu nascimento. Se ele pudesse comê-la viva sem causar-lhe dor, ele lhe teria devorado os órgãos, enfiado os dentes em sua garganta.

“Nunca seremos fracos.” Ela sentou-se na mesa da cozinha, as pernas balançando no ar.

Jimmy ficou olhando para a mulher enquanto tirava a roupa, consciente de que aquilo era passageiro, de que ele estava apenas querendo aplacar a dor do assassinato de Dave, esquivando-se dele na força e na carne de sua mulher. Mas aquilo funcionaria uma noite. Talvez não no dia seguinte e nos outros que se seguiriam. Mas com certeza naquela noite a coisa funcionaria. E não é assim, aos poucos, que a gente começa a se recuperar?

Annabeth pôs as mãos nos quadris dele, as unhas pressionando-lhe a carne junto da coluna.

“Quando terminarmos, Jim...”

“Sim?”, disse Jimmy, aturdido com o seu calor.

“Não se esqueça de beijar suas filhas.”

EPÍLOGO

Jimmy dos Flats

DOMINGO

28. Guardaremos um lugar para você

Jimmy levantou-se domingo de manhã ouvindo o som de tambores à distância.

Não se parecia com a batida de pratos de alguma banda de meninos com anéis no nariz num clube abafado, mas antes com o tum-tum-tum grave de uma banda militar de um exército acampado nos arredores da cidade. Em seguida ele ouviu o soar dos metais, súbito e desafinado. Também esse som vinha de longe, cavalgando o ar matinal a uns dez ou doze quarteirões, e logo morreu. No silêncio que se seguiu, ele sentiu a quietação da manhã de domingo já bem avançada, e também luminosa, a julgar pelo forte brilho amarelo que se entremostrava nas frestas da persiana. Ouvia o arrulhar dos pombos no peitoril da janela e o latido áspero de um cão na rua. A porta de um carro se abriu e se fechou, e ele esperou que o motor comesçasse a funcionar, mas não ouviu nada, e o tambor tornou a soar, mais forte, mais confiante.

Ele olhou o relógio na mesa de cabeceira: onze horas. A última vez que dormira até mais tarde fora... Na verdade ele não se lembrava. Fazia anos. Quem sabe uns dez anos. Ele se lembrava da exaustão dos últimos dias, da sensação de que o caixão de Katie subia e descia em seu corpo feito um elevador. Na véspera ele recebera a visita de Ray Harris, o Justo, e de Dave Boyle, quando estava sentado no sofá da sala, bêbado, um revólver na mão, vendo-os acenar para ele do banco traseiro do carro que cheirava a maçã. E a cabeça ferida de Katie, que ele via por trás, veio se postar entre eles, no momento em que o carro avançou pela Gannon Street. Katie não olhou para trás nem uma vez, e Ray e Dave ficaram acenando feito idiotas, rindo feito loucos, enquanto Jimmy sentia o revólver coçar em sua mão. Ele sentiu o cheiro do lubrificante e pensou em enfiar o cano na boca.

O velório fora um verdadeiro pesadelo, pois Celeste se precipitou na sala às oito horas, quando havia maior número de pessoas, e atacou Jimmy, esmurrou-o, chamando-o de assassino. “Você tem o corpo dela!”, gritou. “O que eu tenho? Onde está ele, Jimmy? Onde?” Bruce Reed e seus filhos afastaram-na dele e levaram-na para fora, mas Celeste ainda gritava a plenos pulmões: “Assassino! Ele é um assassino! Ele matou meu marido! Assassino!”.

Assassino.

Em seguida foi o enterro, e o serviço fúnebre diante do túmulo, Jimmy de pé enquanto eles colocavam sua filha no buraco e cobriram o caixão com pás de terra e pedras soltas, e Katie sumiu de suas vistas para sempre, jazendo sob a terra como se nunca tivesse existido.

Tudo aquilo pesou sobre ele na noite anterior e calou fundo em seu ser. O caixão de Katie subindo e descendo, subindo e descendo, de modo que quando ele recolocou o revólver na gaveta e deixou-se cair na cama, sentiu-se paralisado, como se seu corpo estivesse impregnado dos mortos, como se seu sangue estivesse coagulado.

Oh, meu Deus, pensou ele, nunca estive tão cansado. Tão cansado, tão triste, tão imprestável e tão sozinho. Estou cansado dos meus erros, de minha raiva, dessa tristeza tão amarga. Aniquilado por meus pecados. Oh, Deus, deixe-me morrer para que não possa errar mais. Não quero esse cansaço, não quero mais carregar os fardos de minha natureza e de meus amores. Livre-me de tudo isso, porque estou cansado demais para fazer isso por contra própria.

Annabeth tentara entender sua culpa, o horror que sentia de si mesmo, mas não conseguiu. Porque não fora ela quem puxara o gatilho.

E então dormira até onze horas. Doze horas seguidas, e um sono pesado, nem ouviu Annabeth levantar-se.

Ele lera em algum lugar que um sintoma de depressão profunda era o cansaço crônico e uma necessidade compulsiva de dormir, mas quando se sentou na cama e ouviu o rufar dos tambores, agora combinado com o toque dos clarins, sentiu-se aliviado. Sentia-se com vinte anos. Sentia-se absolutamente desperto, como se nunca mais fosse precisar dormir.

O desfile, pensou ele. Os tambores e os clarins eram da fanfarra, que fazia um último ensaio para o desfile que começaria ao meio-dia, na Buckingham Avenue. Ele se levantou, foi à janela e puxou a persiana. O carro que ouvira havia pouco não fora adiante porque a Buckingham Avenue estava bloqueada dos Flats até Rome Basin. Trinta e seis quarteirões. Ele lançou um olhar pela janela. Uma grande faixa de asfalto acinzentado estendia-se sob o sol brilhante, absolutamente limpo. Cavaletes azuis bloqueavam o acesso a cada esquina e formavam uma linha ao longo das guias da calçada, até onde sua vista podia alcançar, em ambas as direções.

As pessoas começavam a chegar de suas casas para guardar seus lugares na calçada. Jimmy as via colocando no chão suas caixas de bebidas, seus rádios e cestas de piquenique. Ele acenou para Dan e Maureen Guden, que estavam abrindo suas espreguiçadeiras na frente da lavanderia Hennessey. Quando eles responderam aos acenos, Jimmy sentiu-se tocado pela preocupação estampada em suas faces. Maureen pôs as mãos em concha na boca e o chamou. Jimmy abriu a janela e, apoiando-se na tela de metal, tomou um sopro de sol matinal, de ar luminoso e de restos de poeira primaveril que havia na tela.

“O quê, Maureen?”

“Eu disse ‘Como você está?’”, gritou Maureen. “Você está bem?”

“Sim”, disse Jimmy, surpreso de verificar que, de fato, estava se sentindo bem. Ele ainda carregava Katie consigo como um segundo coração ferido e furioso que nunca — ele tinha certeza — deixaria de bater num ritmo frenético. Ele não tinha ilusões quanto a isso. Agora a dor era constante, e fazia mais parte dele que um membro de seu corpo. Mas estranhamente, durante o longo sono, ele chegou a uma espécie de aceitação da dor. Lá estava ela, fazia parte dele, e ele podia lidar com ela nesses termos. Assim sendo, considerando-se as circunstâncias, ele se sentia muito melhor do que esperara. “Eu estou... bem”, gritou ele para Maureen e para Dan. “Considerando-se as circunstâncias, entendem?”

Maureen fez que sim e Dan perguntou: “Você precisa de alguma coisa, Jim?”.

“*Qualquer coisa*”, disse Maureen.

E Jimmy foi dominado por um sentimento de orgulho e de amor por eles, pelo bairro inteiro, quando respondeu: “Não, eu estou bem. Mas obrigado. Muito obrigado. Isso significa muito para mim”.

“Você vai descer?”, perguntou Maureen.

“Acho que sim”, disse Jimmy, que só teve certeza quando as palavras saíram de sua boca. “A gente se encontra lá adiante daqui a pouco?”

“Vamos guardar um lugar para você”, disse Dan.

Eles fizeram um aceno, Jimmy respondeu e se afastou da janela, o peito ainda inundado daquela poderosa mistura de orgulho e de amor. Aquela era a sua gente. E aquele era o seu bairro. O seu lar. Eles guardariam um lugar para ele. Eles guardariam. Para Jimmy, dos Flats.

Era assim que os caras o chamavam nos velhos tempos, antes de ser mandado para Deer Island. Eles o levavam aos clubes da Prince Street e de North End e diziam “Ei, Carlo, esse é aquele amigo meu de que lhe falei. Jimmy. Jimmy dos Flats”.

E Carlo ou Gino ou um dos O’s arregalava os olhos: “É mesmo? Jimmy Flats. Prazer em conhecer, Jimmy. Há muito tempo que admiro o seu trabalho”.

E logo vinham as piadas sobre a sua idade. “Você abriu seu primeiro cofre com o alfinete da fralda?” Mas Jimmy percebia o respeito — se não um pouco de temor — que aqueles durões tinham por ele.

Ele era Jimmy Flats. Chefou sua primeira quadrilha com dezessete anos. *Dezessete*, dá para acreditar numa coisa dessas? Um sujeito sério. Não dava para brincar com ele. Um homem que ficava de boca fechada e sabia as regras do jogo e o valor do respeito. Um homem que conseguia dinheiro para seus amigos.

Naquela época ele era Jimmy Flats, e agora era Jimmy Flats, e aquelas pessoas que começavam a se aglomerar para ver o desfile o amavam. Elas se preocupavam com ele e faziam o que podiam para ajudá-lo a suportar a dor. E o que ele lhes dava em troca? Ele se perguntava. O que ele lhes dava em troca?

Tudo o que o bairro conhecera em matéria de “proteção” depois que os federais e a lei antimáfia dismantelaram o bando de Louie Jello fora... Quem? Bobby O'Donnell? Bobby O'Donnell e Roman Fallow. Dois traficantes peso-galo que passaram a vender proteção e a praticar a agiotagem. Jimmy ouvira dizer que eles fizeram uma espécie de pacto com as gangues vietnamitas de Rome Basin, dividiram os territórios e comemoraram a aliança queimando a loja de flores de Connie, para servir de advertência àqueles que se negavam a pagar proteção.

Não é assim que se faz. O certo é fazer o trabalho fora do bairro, não extorquir dinheiro da vizinhança. Deixando as pessoas em paz, elas cobrem a sua retaguarda, ficam de olhos e ouvidos abertos, prontos para adverti-lo ao menor sinal de perigo. E se ocasionalmente a gratidão das pessoas assume a forma de um envelope aqui, um bolo ou um carro mais adiante, isso é uma decisão delas, como prova de gratidão por garantir a

sua segurança.

É assim que se lida com a vizinhança. De forma benevolente. Com um olho no interesse dela e outro no próprio interesse. Não se pode deixar que Bobby O'Donnell e aspirantes a gângster de olhos puxados pensem que podem chegar aqui e pegar o que quiserem. Principalmente se eles quisessem continuar com as duas pernas que Deus lhes deu.

Jimmy saiu do quarto e viu que o apartamento estava vazio. A porta no fim do corredor estava aberta, e ele ouviu a voz de Annabeth no apartamento de cima e os passos precipitados de suas filhas, correndo atrás do gato de Val. Entrou no banheiro, abriu o chuveiro e, quando a água esquentou, entrou no box com o rosto levantado para a ducha.

O'Donnell e Farrow nunca ousaram atacar a loja de Jimmy porque sabiam que ele era amigo dos Savage. E, como qualquer um que tivesse juízo, O'Donnell tinha medo deles. E se ele e Roman temiam os Savage, isso significava que temiam Jimmy também.

Eles o temiam. Jimmy dos Flats. Porque, de sua parte, ele tinha sua massa cinzenta. E, com os Savage, ele estava bem servido de massa bruta e de temeridade absoluta, demente. Se Jimmy Marcus e os irmãos Savage se juntassem para valer, eles seriam capazes de...

De quê?

Tornar o bairro tão seguro quanto merecia.

Dominar toda a cidade.

Possuí-la.

“Por favor, Jimmy, não. Quero ver minha mulher. Quero viver minha vida. Jimmy, não a tire de mim. Olhe para mim!”

Jimmy fechou os olhos e deixou o jato d'água martelar seu crânio.

“Olhe para mim!”

Estou olhando para você, Dave. Estou olhando para você.

Jimmy viu o rosto suplicante de Dave, a baba escorrendo dos lábios, não muito diferente da baba que escorrera pelo lábio inferior e pelo queixo de Ray Harris, treze anos antes.

“Olhe para mim!”

Estou olhando, Dave. Estou olhando. Você nunca devia ter saído daquele carro, sabia? Você não devia ter voltado. Quando você voltou, faltavam-lhe partes essenciais. Você nunca encontrou um lugar entre nós, Dave, porque eles o envenenaram e o veneno só estava esperando o momento de ser transmitido.

“Eu não matei sua filha, Jimmy. Eu não matei Katie. Não matei, não matei.”

Talvez não, Dave. Agora eu sei. Parece que você não teve mesmo nada com isso. Ainda há uma chance de que os policiais tenham pegado os caras errados, mas admito que, no final das contas, provavelmente você não é culpado da morte de Katie.

“E então?”

Então você matou *uma pessoa*, Dave. Você matou uma pessoa. Celeste tinha razão nesse ponto. Além disso, você sabe o que acontece com meninos que são estuprados.

“Não, Jim. Por que você não me fala?”

Ele se transformam em estupradores. Mais cedo ou mais tarde. O veneno está em você, e ele tem que sair. Eu estava apenas protegendo uma pobre vítima sua, Dave, de seu veneno. Quem sabe até seu próprio filho.

“Deixe meu filho fora dessa história.”

Tudo bem. Talvez então um dos amigos dele? Mas, Dave, mais cedo ou mais tarde você ia mostrar quem realmente você é.

“É assim que você se justifica?”

Uma vez que você entrou naquele carro, Dave, você nunca devia ter voltado. É isso que digo a mim mesmo para me justificar. Você não era um dos nossos, entende? Um bairro é um lugar onde vivem pessoas que *têm a ver umas com as outras*. Os demais nada têm que fazer lá.

A voz de Dave misturou-se à água que caía na cabeça de Jimmy: “Agora vou viver com você, Jimmy. Você não pode me expulsar”.

Sim, Dave, posso.

Jimmy desligou o chuveiro, se enxugou e inspirou com força para absorver o vapor pelas narinas. Aquilo parecia aclarar-lhe ainda mais as ideias. Ele limpou o vidro da janelinha do canto e olhou para a passagem que ficava atrás do edifício. O dia estava tão claro e brilhante que até aquela passagem horrível parecia limpa. Meu Deus, que dia lindo. Que domingo perfeito. Que dia perfeito para um desfile. Ele iria de mãos dadas com suas filhas e sua mulher ver desfilar as fanfarras, os carros alegóricos, os políticos, sob aquele sol glorioso. Comeriam cachorros-quentes e algodão-doce, e ele compraria para as meninas bandeirolas e camisetas com as cores de Buckingham. E o processo de cura começaria ao som de pratos e tambores, clarins e vivas. Ele tinha certeza de que se deixariam empolgar pela comemoração da fundação de seu bairro. E quando, à noite, seus corpos voltassem a sentir o peso de sua morte, eles teriam pelo menos a lembrança das horas da tarde para compensar um pouco a dor. E assim começariam a se recuperar. Todos iriam se dar conta de que, pelo menos por algumas horas naquela tarde eles iriam sentir um pouco de prazer, se não de alegria.

Afastou-se da janela e borrifou o rosto com água quente, cobriu a face com creme de barbear, e então refletiu que era uma pessoa má. Foi uma revelação nada grandiosa, não sentiu tremores apocalípticos nem repicar de sinos em seu coração. Não, foi apenas uma tomada de consciência fugaz, que ele sentiu como o passear de dedos leves sobre seu peito.

Bem, então sou assim.

Ele se olhou no espelho e não sentiu absolutamente nada. Ele amava suas filhas e sua mulher. E elas o amavam. Elas lhe davam segurança, completa segurança. Poucos homens — poucas pessoas — tinham aquilo.

Ele matara um homem por um crime que ele com certeza não cometera. Como se não bastasse, sentia pouco remorso. Havia muito tempo ele matara outro homem. Ele atara pesos aos seus corpos, para que descessem às profundezas do Mystic. E ele gostara de verdade dos dois — de Ray, um pouco mais que de Dave, mas gostara dos dois. Mas mesmo assim matara os dois. Por uma questão de princípio. Do alto de uma pedra à

margem do rio, ficou olhando o rosto leitoso de Ray afundar, olhos abertos e sem vida. E em todos aqueles anos, não sentira muito remorso, embora dissesse a si mesmo que sim. Mas o que chamava de remorso era, na verdade, medo de uma má sina, medo de que o que fizera aos outros se voltasse contra ele próprio ou contra alguém a quem amava. E lhe parecia que a morte de Katie representava o cumprimento cabal daquela má sina: Ray voltara à vida pelo útero de sua mulher e matara Katie sem nenhum outro motivo que não a sina.

E quanto a Dave? Eles passaram correntes pelos furos dos blocos de concreto, amarraram-nos bem em volta de seu corpo e juntaram as duas extremidades. E tiveram de fazer força para levantar o seu corpo os vinte e cinco centímetros necessários para jogá-lo por sobre a borda do barco. Naquele momento Jimmy tinha a impressão de estar vendo não o Dave adulto, mas o Dave menino, descendo para o fundo do rio. Quem poderia saber em que ponto ele fora parar exatamente? Mas agora ele estava lá, no fundo do Mystic. Fique aí, Dave. Fique aí.

A verdade é que Jimmy nunca sentia remorso por nada que fazia. Sim, ele acertara com um cara em Nova York para enviar todo mês quinhentos dólares para os Harris, e isso se fizera nos últimos treze anos. Aquilo, porém, não era remorso, apenas tino comercial: enquanto pensassem que ele estava vivo, ninguém se lembraria de procurá-lo. E agora que o filho de Ray estava na cadeia, que se danasse, ele podia parar de mandar o dinheiro. Podia destiná-lo a coisa melhor.

O bairro, resolveu ele. Usaria o dinheiro para proteger seu bairro. E olhando no espelho pensou que era aquilo mesmo que o bairro era: seu. Dali para a frente, o bairro era seu. Ele vivera uma mentira por treze anos, fingindo pensar e agir como um cidadão honesto, ao passo que à sua volta ele só conseguia ver uma infinidade de oportunidades perdidas. Eles iam construir um estádio mais adiante? Ótimo. Vamos falar dos operários que representamos. Não? Tudo bem. Mas é bom ficar de olho no projeto de vocês, garotos. Seria uma pena que virasse fumaça.

Ele iria se sentar com Val e Kevin e discutir o seu futuro. A cidade esperava novas perspectivas. E Bobby O'Donnell? O futuro dele, resolveu Jimmy, não ia ser nada brilhante se estava planejando se estabelecer em East Bucky.

Terminou de se barbear, contemplou mais uma vez a sua imagem no espelho. Ele era mau. Que assim fosse. Ele podia conviver com aquilo porque tinha amor no coração e tinha segurança. Pensando bem, até que a coisa não era tão ruim.

Ele se vestiu e atravessou a cozinha sentindo que aquele homem que fingira ser durante todos aqueles anos descera pelo ralo do banheiro. Ele ouviu os gritos e o riso de suas filhas, provavelmente brincando com o gato de Val, e pensou consigo: cara, que lindo som.

Na rua, Sean e Lauren encontraram um espaço vazio em frente ao café Nate & Nancy. Nora dormia no carrinho de bebê, e eles a colocaram à sombra, sob o toldo.

Encostaram-se na parede e ficaram tomando sorvete. Sean olhou para a esposa e se perguntou se eles conseguiriam se entender novamente, ou se aquela separação de um ano já provocara tantos desgastes, já tinha estragado irremediavelmente o seu amor e todos os belos anos de casamento que eles viveram, antes dos dois últimos anos, que tinham sido tão desastrosos. Mas Lauren tomou a sua mão, afagou-a, e ele olhou para a filha e achou que ela era uma criaturinha a ser adorada, uma pequena divindade, talvez, cuja mera contemplação lhe dava uma sensação de plenitude.

Por entre as pessoas que desfilavam à sua frente, ele via Jimmy e Annabeth Marcus e suas duas belas filhinhas nos ombros de Val e de Kevin Savage. As meninas acenavam para todos os carros alegóricos e conversíveis que passavam.

Sean sabia que duzentos e dezesseis anos antes fora construída a primeira prisão da região, às margens do canal que atualmente tinha o seu nome. As primeiras pessoas a se instalarem em Buckingham foram os carcereiros e suas famílias, assim como as mulheres e filhos dos detentos. Nunca reinara calma naquela comunidade. Quando os prisioneiros eram soltos, em geral estavam muito velhos ou muito cansados para se mudarem para longe dali, e logo Buckingham ficou conhecida como refúgio da escória da sociedade. Os bares se multiplicaram ao longo da avenida e de todas aquelas ruas sujas e, pouco a pouco, os carcereiros ocuparam as colinas, literalmente, construindo suas casas no Point, de forma a poder continuar a olhar de cima aqueles a quem vigiaram na prisão. O século ^{xix} trouxe uma verdadeira explosão da pecuária; currais e abatedouros foram surgindo no local atualmente ocupado pela via expressa, colocaram-se trilhos paralelamente à Sydney Street, e os rebanhos que desciam dos vagões partiam para uma longa marcha pela cidade, fazendo um trajeto que correspondia ao do desfile nos dias de hoje. Gerações inteiras de prisioneiros e de gente que trabalhava nos matadouros estenderam os Flats até a estrada de ferro. A prisão foi fechada em função de um movimento reformista havia muito esquecido, o grande impulso de exploração pecuária tinha se esgotado, mas os bares continuaram a se multiplicar. A imigração italiana foi seguida pela imigração irlandesa, duas vezes maior, e construiu-se o metrô em via elevada, que facilitava o acesso dos moradores dos Flats ao centro da cidade, onde trabalhavam, assim como a volta para casa, no final do expediente. Eles voltavam para os Flats porque afinal o bairro fora fundado por eles, porque conheciam todos os seus perigos e prazeres, e nada do que nele se passava podia surpreendê-los. Havia uma lógica na corrupção, nos massacres, nas brigas de bar, nos jogos de beisebol de rua e nos folguedos amorosos do fim de semana. Nenhum forasteiro entendia aquela lógica, o que era normal. Nenhum forasteiro era bem-vindo.

Lauren encostou-se no marido, a cabeça sob o seu queixo, e Sean percebia a sua incerteza, mas também sua decisão, sua necessidade de reconstruir sua fé nele. Ela disse: “Você sentiu muito medo quando o menino apontou o revólver para o seu rosto?”.

“Quer que eu diga a verdade?”

“Por favor.”

“Quase perdi o controle da bexiga.”

Ela inclinou a cabeça para trás e o fitou. “É mesmo?”

“Sim”, respondeu ele.

“Você pensou em mim?”

“Pensei. Pensei em vocês duas.”

“O que você pensou?”, ela perguntou.

“Pensei nisto aqui. No que estamos vivendo agora.”

“No desfile e tudo o mais?”

Ele fez que sim.

“Oh”, fez ela, beijando-lhe o pescoço. “Você está mentindo, querido, mas gosto de ouvir você dizer isso.”

“Não estou mentindo”, disse ele. “Não estou.”

Ela olhou para Nora. “Os olhos dela são iguais aos seus.”

“E o nariz é igual ao seu.”

Sem tirar os olhos do bebê ela disse: “Espero que dê certo”.

“Eu também”, disse ele, beijando-a. Uma multidão passava na calçada à sua frente, e de repente Celeste parou diante deles. A pele pálida, o cabelo cheio de caspa, Celeste não parava de puxar os próprios dedos, como se quisesse arrancá-los.

“Bom dia, agente Devine”, disse ela piscando os olhos.

Sean estendeu a mão porque ela parecia precisar estabelecer algum contato. “Olá, Celeste. Pode me chamar de Sean.”

Ela apertou-lhe a mão. A palma estava úmida, os dedos quentes, e ela soltou a mão dele imediatamente.

Sean disse: “Esta é Lauren, minha mulher”.

“Olá”, disse Lauren.

“Olá.”

Por um instante, ficaram os três em silêncio, constrangidos, sem saber o que dizer, quando então Celeste virou a cabeça e olhou para o outro lado da rua. Sean acompanhou o olhar dela e viu Jimmy, o braço no ombro de Annabeth, os dois radiantes como o próprio dia, rodeados pelos amigos e pela família. Eles pareciam estar imunes a qualquer desgraça.

Os olhos de Jimmy passaram por Celeste e cruzaram com os de Sean. Ele fez um aceno com a cabeça, e Sean retribuiu.

Celeste disse: “Ele matou meu marido”.

Sean sentiu Lauren gelar.

“Eu sei”, disse ele. “Ainda não posso provar, mas eu sei.”

“E você vai?”

“O quê?”

“Você vai provar?”

“Eu vou tentar, Celeste. Juro por Deus.”

Celeste olhou para o outro lado da avenida, coçando o couro cabeludo com uma ferocidade morosa, como se estivesse catando piolhos. “Ultimamente meus pensamentos andam meio soltos”, disse ela. “O que eu disse não tem sentido. Mas não consigo

enfrentar. Não consigo.”

Sean estendeu a mão e segurou-lhe o pulso. Ela o fitou com aqueles seus olhos castanhos, agora dementes, envelhecidos. Ela parecia estar certa de que ele iria esbofeteá-la.

Ele disse: “Posso lhe dar o nome de um médico, Celeste. Ele trata de pessoas que perderam pessoas queridas em crimes violentos”.

Ela aquiesceu com a cabeça, embora a proposta dele não parecesse lhe servir de consolo. O pulso de Celeste escorregou da mão de Sean e ela começou a puxar os dedos. Celeste notou que Lauren a estava observando, e olhou para os próprios dedos. Ela abaixou as mãos, depois as levantou e cruzou por trás dos cotovelos, como se quisesse evitar que saíssem voando. Sean percebeu que Lauren estava dirigindo um pequeno sorriso hesitante à outra, um sorriso que ele julgou de uma compaixão humilhante, e se surpreendeu ao ver Celeste responder com um pequeno sorriso e um piscar de olhos de gratidão.

Sentiu que seu amor por sua mulher estava intacto, e admirou sua capacidade de estabelecer uma comunicação imediata com as almas sofredoras. Agora tinha certeza de que fora ele quem arruinara seu casamento, deixando aflorar seu ego de policial e seu desprezo cada vez maior pelos defeitos e fraquezas das pessoas.

Ele tocou o rosto de Lauren, e Celeste desviou o olhar.

Ela olhou para a avenida no momento em que um carro alegórico em forma de luva de beisebol ia passando, rodeado por todos os lados por jogadores dos times juvenis, que saudavam freneticamente a multidão, excitados com a demonstração de carinho de que eram objeto.

Mas alguma coisa no carro alegórico fez Sean gelar, talvez a forma como a luva de beisebol, em vez de acomodar os meninos, parecia prestes a envolvê-los, enquanto estes, alheios à ameaça, riam feito loucos.

Todos menos um, que fitava os próprios sapatos, e Sean reconheceu-o imediatamente. O filho de Dave.

“Michael!”, gritou Celeste acenando para ele, mas o menino não olhou para ela. Continuou com os olhos baixos, embora ela continuasse a gritar: “Michael, querido! Amor, olhe! Michael!”.

O carro seguia em frente, e Celeste continuou gritando, mas o filho recusava-se a olhar para ela. Sean via um pequeno Dave nos ombros do menino, na forma como deixava pender a cabeça e o queixo, em sua beleza quase delicada.

“Michael!”, gritava Celeste. Ela puxou os dedos novamente e desceu da calçada.

O carro passou por eles, mas Celeste passou a acompanhá-lo, avançando por entre a multidão, acenando, gritando o nome do filho.

Sean sentiu a carícia de Lauren em seu braço, e olhou para Jimmy, do outro lado da rua. Ele iria pegar aquele sujeito, nem que aquilo lhe tomasse o resto da vida. Você está me vendo, Jimmy? Vamos. Olhe novamente.

Jimmy virou um pouco a cabeça e sorriu para Sean.

Sean levantou a mão, o indicador apontado para cima, o polegar dobrado como o gatilho de um revólver, depois fingiu atirar.

O sorriso de Jimmy se abriu ainda mais.

“Quem é aquela mulher?”, perguntou Lauren.

Sean ficou olhando Celeste afastar-se por entre os espectadores, parecendo cada vez menor à medida que o carro alegórico avançava pela avenida, o casaco flutuando atrás dela.

“Ela acabou de perder o marido.”

Ele pensou em Dave Boyle, pensou que bem podia ter ido tomar uma cerveja com ele como prometera no segundo dia da investigação. Desejou ter sido mais gentil com ele quando eram crianças, e que o pai de Dave não o tivesse abandonado, que sua mãe não fosse uma desvairada e que não lhe tivessem acontecido tantas coisas ruins. Assistindo ao desfile com sua mulher e com sua filha, ele desejou uma porção de coisas a Dave Boyle. Mas, antes de tudo, paz. Mais do que qualquer coisa, ele esperava que Dave tivesse um pouco de paz onde quer que estivesse.

Agradecimentos

Agradeço, como sempre, ao sargento Michael Lawn, do Departamento de Polícia de Watertown; ao vereador de Boston, Brian Honan; a David Meier, chefe da Divisão de Homicídios de Suffolk; a Teresa Leonard e Ann Guden por apontar meus erros, e a Tom Murphy, da funerária James A. Murphy and Son, de Dorchester.

Agradeço especialmente ao agente Robert Manning, da Polícia do Estado de Massachusetts, que respondeu sem pestanejar a todas as minhas perguntas, mesmo as mais tolas.

Meus mais profundos agradecimentos à extraordinária agente literária Ann Rittenberg e à brilhante editora Claire Wachtel, pelas orientações que me deram.

DENNIS LEHANE nasceu em 1965, nos Estados Unidos. Seu romance policial de estreia foi *Um drink antes da guerra*, protagonizado pelos detetives Patrick Kenzie e Angela Gennaro. A dupla voltaria em *Apelo às trevas*, *Sagrado*, *Gone, baby, gone*, *Dança da chuva* e *Estrada escura*, todos publicados pela Companhia das Letras. Também é autor da coleção de contos *Coronado*, dos romances *Naquele dia* e *Estrada escura*, além de *Paciente 67*, que deu origem ao filme *Ilha do medo*, de Martin Scorsese. *Sobre meninos e lobos*, publicado pela primeira vez no Brasil em 2002, foi adaptado para o cinema por Clint Eastwood e premiado no Oscar com duas estatuetas.